Expedição
PORTUGAL
Portugueza
ao
Muatiânvua.
1884 1888.

ETHNOGRAPHIA

E

HISTORIA TRADICIONAL

DOS

POVOS DA LUNDA

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIÂNVUA

ETHNOGRAPHIA

E

HISTORIA TRADICIONAL

DOS

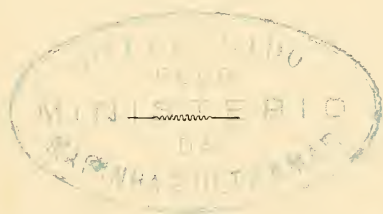
POVOS DA LUNDA

PELO

CHEFE DA EXPEDIÇÃO

HENRIQUE AUGUSTO DIAS DE CARVALHO

Major do Estado Maior de Infanteria

EDIÇÃO ILLUSTRADA POR H. CASANOVA

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1890

INDICE DAS GRAVURAS

INDICE DOS CAPITULOS

INTRODUCÇÃO

CAPITULO I

ORIGEM DOS POVOS DA LUNDA

CAPITULO II

DIALECTOS TUS OU ANTÚS

CAPITULO III

CARACTERES ETHNICOS

CAPITULO IV

HABITAÇÕES DOS POVOS TUS

CAPITULO V

INDUSTRIA INDIGENA

CAPITULO VI

VESTUARIO E ADORNOS PESSOAES
INSTRUMENTOS DE MUSICA

CAPITULO VII

USOS E COSTUMES MAIS NOTAVEIS

CAPITULO VIII

USOS E COSTUMES MAIS NOTAVEIS

CAPITULO IX

SUCCESSÃO DOS MUATIANVUAS

CAPITULO X

CONSIDERAÇÕES FINAES

D.NETTO

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.

Conselheiro Henrique de Barros Gomes

É sob a altissima protecção de V. Ex.ª que se publicam os primeiros volumes de uma parte dos trabalhos e das investigações a que procedeu a Expedição sob o meu commando á mussumba do Muatiânvua, na Africa austro-central; deixaria eu, portanto, de manifestar um dos sentimentos mais profundos que me animam, ao dar incremento á publicidade d'estes trabalhos —a gratidão—, se não inscrevesse o respeitavel nome de V. Ex.ª nas primeiras paginas de um dos livros que saem agora a lume.

Preferi muito de proposito este, em que trato da ethnographia e da historia tradicional dos povos, que habitam a vasta região, que se estende entre os 5° e 12° de latitude a S. do Equador, desde o concelho de Malanje até ao 24° de longitude a E. de Greenwich, para o dedicar a V. Ex.ª; colloco-me assim á altura de quem honra o alto patriotismo proverbial em V. Ex.ª e, com muito enthusiasmo, significo o meu reconhecimento para com V. Ex.ª, dizendo franca e lealmente que todos os trabalhos da Expedição Portugueza ao Muatiânvua foram acolhidos por V. Ex.ª com verdadeiro interesse e com a mais sincera deferencia.

Não estão ainda, sabe V. Ex.ª muito bem, resolvidos todos os problemas que respeitam ás raças da Africa intertropical; mas tambem não deixa V. Ex.ª de reconhecer quanto urge dar todo o impulso e toda a protecção a quaesquer estudos e investigações d'esta natureza, para que as nações estrangeiras, que d'elles se estão occupando, se não julguem as unicas nessa missão, nem continuem a apresentar-nos como incompetentes para esta ordem de trabalhos.

É, pois, necessario que se restabeleça toda a verdade, e que Portugal, accumulando as provas irrefragaveis que possue, nem por um momento ceda o logar que lhe compete como nação colonial e civilisadora.

São desconhecidos quasi todos os trabalhos dos Portuguezes nos differentes ramos da actividade humana, e não o são menos os serviços, constantemente prestados ha mais de quatro seculos, pelos filhos do torrão patrio em que me honro de ter nascido, a todas as raças inferiores, tanto na America como na Asia e na Africa, e portanto ao mundo inteiro.

Poderiamos seguir o mesmo systema, em prol do progresso, da civilisação e da humanidade no seio do

continente africano, trabalhando com enthusiasmo e dedicação, embora por todos olvidados, porque nós somos pouco expansivos e apregoadores dos proprios feitos, — poderiamos, se as outras nações não quizessem esbulhar-nos de toda a gloria e ainda de todos os direitos, fazendo-nos as mais flagrantes injustiças, dirigindo-nos as mais crueis accusações!

Assim, é indispensavel pormos de parte a mal cabida e ruimmente interpretada modestia, saírmos do silencio em que temos estado, rebater as infundadas informações, filhas de interesses particulares, fermento e incentivo de continuados litigios politicos, e estorvo que difficulta a marcha regular da nossa administração colonial; felizmente, porém, graças aos muitos sacrificios que nos ultimos vinte annos temos feito, vae esta mostrando o que pode produzir devidamente reformada.

É bem conhecida toda a lucta que se levantou contra nós, desde que Livingstone apresentou ao mundo civilisado os seus primeiros trabalhos nos sertões da Africa austral, que nós já haviamos percorrido de uma a outra costa, e onde elle penetrou com a nossa influen-

cia e protecção, e onde elle viu que o nosso commercio se mantinha e sabia impôr-se ás exigencias astuciosas dos povos selvagens, sem necessidade de recorrermos á força das armas. Seguiram-se a Livingstone outros exploradores; serviram-se elles tambem de linguas e de guias, com quem se faziam entender na lingua portugueza, sem o que lá não poderiam andar. A despeito d'estas verdades a lucta augmenta e tem sido para nós das mais funestas consequencias.

Não é este o logar opportuno para fazer um estudo comparado de todos os nossos trabalhos em Africa com os das outras nações, nem tal é meu intento agora; mas devo dizer, e V. Ex.ª o sabe, que nem todos os problemas da ethnographia e da historia tradicional dos povos d'Africa na região intertropical, tiveram a precisa solução por parte dos exploradores, viajantes e missionarios estrangeiros; e que ninguem melhor do que nós pode contribuir para esse fim, a que a sciencia aspira, e em condições que uma justa e sensata critica o possa receber e approvar.

Esses exploradores e viajantes não podiam entender-se com os naturaes do continente que pretendiam

estudar, pensar como elles e com elles se consubstanciarem, avaliando-os nos seus prazeres e nas suas dores, na familia e nas collectividades mais ou menos rudimentares, nas producções industriaes, na lucta para a vida e no seu mais intimo viver. Faltavam-lhes predicados essencialissimos — o conhecimento da linguagem, o sentimento acrysolado e menos apregoado da humanidade, e o desprendimento de interesses egoistas.

Não é numa rapida viagem, — e demais com interpretes que das linguas modernas só mal conhecem a portugueza —, que se estuda o portuguez para entender interpretes e povos que se demandam. Teem os povos de rude civilisação a que chamamos selvagens sua cultura tambem, que na linguagem espelho d'ella se amostra com delicadeza de significado e cambiante de ideas por vezes tão diversas e quasi sempre tão peculiares ao seu desenvolvimento intellectual e ao seu grau moral, que só o largo e familiar convivio e a demorada pratica no'-la destrinça.

E é neste estudo que se destaca, pela persistencia, o martyr da civilisação africana, o dr. David Livingstone, que lá perdeu a sua vida; e com esta roubou a

morte á sciencia os trabalhos linguisticos, que só elle, descansado no gabinete, poderia ir explanando, fazendo-nos conhecer a verdadeira interpretação, o caracter natural, a feição propria de fallar d'aquelles povos em cujo seio demorou—o que se não inventa mas se alcança na pratica e no theatro das investigações.

A proto-historia d'estes povos, tirada das tradições communs d'elles e a historia de cada uma das tribus de per si, não se fazem sem verdadeiro conhecimento dos seus dialectos; e em Africa entre estes povos, onde se não encontram documentos archeologicos, architectonicos e escriptos é o estudo persistente nestes dois caracteres importantes, historicos e glottologicos, e o dos ethnicos, que então facilmente se obteem, que nos hão de encaminhar para o estudo das raças, o qual neste continente, no dizer dos homens da sciencia, está inteiramente por fazer.

Quanto maior for a differença entre a nossa civilisação e a do povo que queremos estudar tanto mais necessario se nos torna para que fallemos e comprehendamos bem a lingua ou dialecto d'elle, que vivamos da vida d'esse povo ou d'essa tribu e que pensemos inti-

mamente, servindo-nos dos mesmos termos e das mesmas locuções e allusões que nos devem levar ao cerebro as imagens dos objectos locaes e as sensações das mesmas commoções psychicas e comparações que taes objectos estabelecem, na mente d'esse povo, e sintamos essas commoções ou as comprehendamos como elle as sente, como elle as concebe.

Mas sentir como os proprios indigenas é transformar-se psychicamente; e quem sae de um meio como o nosso, não pode logo facilmente transformar a sua mentalidade, fechar, para assim dizer, toda a sua vida physica, moral e intellectual, para a conservar muda, esquecida durante um certo periodo, e ter a indispensavel coragem e resignação para tomar um logar entre aquelles com quem pretende conviver por algum tempo.

É a linguistica o principal instrumento de investigação, de que tem de se munir quem tente resolver os principaes problemas de ethnographia de um povo.

Por isto eu, para poder ser comprehendido nos meus intentos, tratei logo de ir estudando os dialectos das tribus com quem queria manter relações; tratei de in-

vestigar das proveniencias dos vocabulos, que me pareciam compostos ou derivados, e da razão dos que differiam em populações vizinhas; e para corroborar os meus estudos e applicações, reunia todos os artefactos onde mais se imprimia o caracter de cada familia, de cada communidade, procurava apreciar as condições ethnographicas dos povos com quem estava mais em contacto; e comparando estes meus trabalhos com as investigações de grande numero de viajantes, exploradores e missionarios estrangeiros que mais detidamente se teem occupado d'estes assumptos, cheguei á convicção de que todos elles se acham superficial e incompletamente estudados.

São os mais eminentes especialistas que o confirmam, e eu poderia comprová-lo, se não me tornasse demasiado extenso, transcrevendo largos e desenvolvidos trechos, em que todos estes benemeritos da sciencia appellam para os novos exploradores africanos, recommendando-lhes o que mais convem fazer para se apurar toda a verdade, nas condições em que a sciencia o exige.

Não deixará V. Ex.ª de reconhecer que seria mais um valioso serviço prestado por Portugal á civilisação

dos povos da Africa intertropical e ao progresso e boa administração das suas possessões, se o Governo de Sua Magestade Fidelissima mandasse proseguir nas principaes investigações linguisticas e ethnographicas, de que os meus trabalhos são apenas inicio, e as fizesse completar com os estudos sobre a acclimatação das raças extratropicaes, examinando todas as condições de adaptação, de trabalho e de propagação.

Mas permitta V. Ex.ª que desde já affirme que as raças do norte, de tropicos a dentro, não poderão trabalhar, sem o auxilio dos povos que ahi se encontram e hão de forçá-los ao trabalho e manter por muito tempo a escravidão *tal como existe entre elles* —, por ser instituição que lhes é indispensavel, não obstante proclamar-se no mundo civilisado, que aquellas raças procuram combatê-la. Sabemos o que valem estas pseudo-humanitarias lucubrações philosophicas, logo esquecidas na pratica por seus auctores que, ao envez do que ensinam theoreticamente, se servem de escravos, teem mantido a escravidão e não podem deixar de a manter — posto que a possam minorar e jamais devam peorar como infelizmente e censuravelmente o fazem!

O perfeito conhecimento da maior, ou menor facilidade de os diversos povos da raça branca se poderem ahi acclimatar, é o modo mais pratico de, com segurança de bom exito, se fazerem encaminhar para determinadas localidades as correntes da nossa emigração e de se reformar, com proveito, toda a nossa administração colonial.

O que temos nós feito neste sentido?

Desculpe-me V. Ex.ª a franqueza rude, que sei, infelizmente, não agrada—temos seguido a rotina e nada mais!

Quaes são os resultados, com applicação, que Portugal tem obtido das instituições que nos ultimos vinte annos tem mantido com muito sacrificio, nos seus dominios, em Africa, procurando sempre dar-lhes desenvolvimento progressivo?

Temos ali observatorios meteorologicos, bem montados, dirigidos por pessoas competentes; direcções de serviço de saude, em que ha intelligencias esclarecidas; de obras publicas com engenheiros abalisados; agronomos laureados no seu curso; governadores que teem sido elevados aos primeiros cargos do funccionalismo;

juntas de provincia em que se discutem as questões mais importantes e além de tudo isto, no proprio ministerio dos negocios do ultramar, uma junta consultiva composta de auctoridades reconhecidas sobre assumptos de administração colonial.

E onde encontrar, para consulta, esta junta, — o ministro, qualquer emfim, — as deducções, estudos sobre os resultados essencialmente praticos de todas estas instituições?

De que servem, mesmo, todas essas publicações especiaes dispersas, observações meteorologicas, descripções, catalogos, actas, propostas, regulamentos, mappas, cartas, schemas, etc., se d'estes trabalhos se não tiram conclusões, não se indica o que é applicavel na pratica, nem o modo como caminhar para attingir o fim que devemos ter em vista?

V. Ex.ª bem o sabe, não ha ignorancia entre nós, não, como o fazem propalar as nações que invejam a nossa situação e o predominio que temos sobre todos os povos na Africa austro-central; o que ha — é a falta de meio intellectual commum, como existe entre aquellas nações, em que se apreciem e discutam os

trabalhos preliminares para estudos comparados, a que se dê a publicidade devida, agrupando-os segundo a classificação que lhes cabe; faltam-nos repartições especiaes na mesma junta consultiva, ou independentes da junta, na mesma direcção dos negocios do ultramar, com auctoridades competentes e o pessoal indispensavel, para que ali se collijam e compulsem todos esses documentos que se inutilisam nos archivos. Só d'esta maneira se poderão fazer estudos comparados, extrahir as leis e preceitos que na pratica se devem observar, formular as instrucções convenientes para a melhor orientação de trabalhos scientificos e administrativos, publicar revistas mensaes de propaganda, em que fiquem coordenados todos os assumptos devidamente estudados para serem apreciados e sujeitos á critica sensata, que elucida e fructifica; emfim, para que de todo este trabalho já possivel sáiam livros de cunho official com a illustração indispensavel, não só para se corrigirem tantos erros e censuraveis interpretações de estrangeiros e de nacionaes, largamente disseminados na maior parte dos livros de vulgarisação que correm pelo mundo civilisado, mas tambem para que se pos-

sam assentar as bases sobre que se deve inaugurar uma nova phase da regeneração dos nossos dominios africanos, a par das aspirações a que temos sido levados, pela que se implantou na metropole e progressivamente tem caminhado nos ultimos quarenta annos.

É um augmento de despesa? Que importa, se esse augmento é dividido por todas as colonias e d'elle resultam proveitos immediatos e novas receitas creadas sobre bases solidas!

E de mais, V. Ex.ª hoje o conhece como um d'aquelles que melhor o sabem, será esse o meio unico, de patentearmos a todas as nações os serviços que Portugal sempre tem prestado á civilisação de toda a Africa, desde que a descobriu, percorreu e explorou, e affirmarmos que podemos satisfazer á necessidade impreterivel, que temos, de não perder o logar na deanteira dos que pretendem na actualidade resolver todos os problemas que mais importam ao progresso da sciencia acerca da origem das raças africanas e acerca dos melhores e mais rapidos processos de ellas se civilisarem, sem ser necessario lançar mão de meios violentos, perseguindo-as ou eliminando-as.

Em todo este trabalho, como V. Ex.ª verá, prevalece sempre o espirito da observação no campo pratico, quer sobre diversos dialectos de uma familia dos povos que habitam o centro do continente entre as nossas vastissimas possessões de Angola e Moçambique, quer sobre os seus artefactos, usos e costumes, quer sobre a sua historia tradicional, quer, emfim, sobre os diversos caracteres dos povos d'essa familia, que mais os confundem, a influencia dos meios e o seu modo de ser social; trabalhos de investigação e comparação estes, pelos quaes cheguei a conclusões, que sem perda de tempo se devem comprovar por outros meios de observação; devendo memorar-se, em primeiro logar, os estudos de anthropologia e de anthropometria por um lado, e por outro, os de meteorologia, geologia, mineralogia, physiographia e climatologia, no que estas sciencias teem mais intimo com todas as raças, com todas as producções naturaes e para o que não faltam entidades, com o denodo, a constancia, a abnegação e conhecimentos indispensaveis, a par das estrangeiras que se teem apresentado a devassar os segredos do grande continente africano.

Finalmente, V. Ex.ª, quando não veja neste meu primeiro ensaio a importancia que eu lhe desejo dar, digne-se acceitar a dedicatoria do meu trabalho, como a mais profunda prova de gratidão para com V. Ex.ª a par do testemunho de dedicado amor á nossa patria da parte de quem ha mais de vinte annos tem envelhecido no serviço das nossas colonias e é

de V. Ex.ª
com todo o respeito e reconhecimento
um dos admiradores sinceros

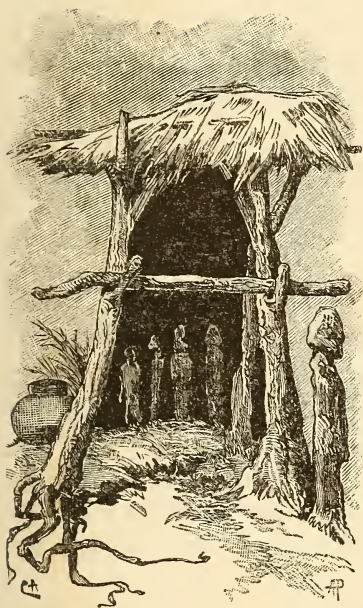
Henrique Augusto Dias de Carvalho.

ETHNOGRAPHIA E HISTORIA

Longe de estacionar, como se diz, o negro progride. Muitas raças negras mostram-se já preparadas para passarem a um estado de civilisação superior.

A. F. Nogueira, *A Raça Negra.*

INTRODUCÇÃO

Intuitos d'esta obra — Considerações geraes — Algumas palavras sobre a configuração e natureza do solo no occidente da região austro-central africana — Observações sobre os seus habitantes — Necessidade do estudo das raças sobre o ponto de vista anthropologico e ethnico — Difficuldades deste estudo — Meios de obter conhecimentos cabaes dos usos, costumes, crenças, tradições, industria e alimentação dos naturaes — Regimen hydrographico — Aspectos da vida vegetal e animal —Vantagens que proveem da grande influencia e prestigio dos Portuguezes para se melhorarem as condições actuaes dos indigenas e idea geral sobre os meios a empregar para tornar efficaz essa influencia, attrahindo especialmente a immigração do interior para os pontos da provincia de Angola em que mais largamente se acha desenvolvida a agricultura — Provas do caracter fecundo e civilisador da influencia Portugueza na Africa—Exploradores allemães e facilidades que lhes proporcionamos —Reflexões sobre o estado actual da gente da Lunda e povos vizinhos — Causas provaveis da sua decadencia —Vantagens do estudo das suas tradições historicas e dos seus dialectos — Usos, costumes e armas primitivas — Ideas falsas e preconceitos dos europeus que visitam o interior — Proveito que tambem adviria das estações civilisadoras para registo de observações meteorologicas e outras — Tremores de terra e outros phenomenos naturaes — Conclusões.

pesar do bom material de estudo que me foi possivel adquirir entre as diversas tribus que encontrei no centro do continente africano, ao sul do equador, seria arrojo da minha parte determinar desde já as origens ethnicas d'estas tribus e as causas que motivaram o seu estabelecimento nas regiões que hoje occupam. O fim d'este despretencioso trabalho é apenas julgar do desenvolvimento e situação actual dos povos afins com quem estive em contacto, estudando-os nas localidades em que hoje os vemos e sob as influencias de meio a que estão sujeitos.

Considerada astronomicamente, a zona vastissima de que me proponho tratar demora entre 6° e 12′ de lat. S. e 16° e 26′ de long. E. Greenwich, dando-lhe esta situação condições especiaes de clima e de estações.

Vencidos os planaltos que delimitam a região que explorei, vemos os terrenos descerem extraordinariamente para o norte,

e é para esta região e para todas as que lhe ficam proximas que mui particularmente chamamos a attenção dos governos.

São variadas as tribus que por aqui habitam, e tudo se nos apresenta, ao estudá-las, emmaranhado e confuso, como essas innumeras florestas, com que, a cada passo, se topa nas regiões despovoadas, o que desde logo mostra que se tornam precisos largos annos de permanencia entre essas tribus para se proceder ás investigações mais indispensaveis, a fim de que se possam esclarecer tanto as questões anthropologicas e ethnographicas como as historicas e as linguisticas, obtendo-se, assim, documentos seguros para a comparação das raças da Africa Central com as que lhe ficam ao norte e ao sul e com as que povoam outros continentes.

E, na verdade, pouco se tem feito para colligir entre essas tribus os necessarios documentos ethnologicos, cuja collecção tão proficua tem sido ao estudo ethnico das regiões do Mediterraneo e em geral do velho e do novo mundo; nem mesmo se tem feito o exame comparativo dos artefactos, das armas, dos utensilios e o confronto minucioso e systematico dos varios idiomas ahi fallados, estudos estes indispensaveis para bem se apreciarem as differenças caracteristicas de cada tribu e as suas condições de raça e de vida physica e social.

E como se ha de conhecer qualquer povo sem permanecer entre elle, estudando-lhe os seus usos e costumes, a sua linguagem (ainda não escripta), e os productos que obtem do solo ou da sua industria?

De que nos pode servir uma ou outra narração sobre as visitas que nos fazem os potentados, e as ceremonias que nestas se observam?

São acontecimentos mais ou menos ruidosos, mas que não servem para d'elles se deduzir o valor intrinseco de um povo, ou apreciar a sua capacidade productora e a sua civilisação.

E o que se pode concluir tambem dos vocabularios, em que se nota um ou outro verbo, uma ou outra palavra, uma ou outra phrase, fallando-se apenas por alto na construcção grammatical, sem a deducção das leis a que ella obedece?

Serão estes, porventura, os materiaes sufficientes para se determinar uma lingua, a sua estructura e respectivas transformações ou modificações dentro da propria tribu ou na sua passagem de uma para outra?

Por outro lado, nunca se poderá com segurança fazer idéa do estado industrial de qualquer povo, num dado momento, sem se fixarem bem as relações que se dão entre o *homem* e o *instrumento* de que usa, e o *producto* que lhe corresponde.

É este innegavelmente o criterio fundamental de que se deve lançar mão. Mas como conhecer d'estes factores industriaes, se não nos demorarmos o tempo sufficiente em cada localidade com o intuito de fazer as investigações mais precisas, não isoladamente, mas subordinando-as a um methodo homogeneo, variado e sempre objectivo?

As influencias das localidades na vida dos povos, já estudadas entre as do dominio historico, são de difficil reconhecimento e mal se podem apreciar, se não se determinam rigorosamente os factos meteorologicos mais importantes e a capacidade do individuo que a elles se adaptou.

O regimen das aguas fluviaes, com relação quer ás nascentes quer ás chuvas, deve ser tido em muita attenção para se avaliar a fertilidade dos terrenos, a maior ou menor intensidade das culturas e a communicação mais ou menos facil de uns com outros povos.

Cumpria-me proceder a todas as investigações que me habilitassem a formar juizo seguro sobre muitas d'estas questões, essencialmente praticas, questões de facto, e não dar motivo a duvidas, como as que tantas vezes se apresentam da parte dos anthropologistas e ethnologos, que se queixam de que os viajantes que teem penetrado no continente africano, em vez de se limitarem a dar conta dos factos que observam, descrevendo-os na sua extrema simplicidade, os envolvem em narrações mais ou menos coloridas, segundo o seu modo de ver, que nem sempre estará em harmonia com a realidade dos dados anthropologicos, ethnicos ou sociaes, os quaes dependem de variadissimas causas e de influencias profundas, como são as localida-

des, os climas, a alimentação, a hereditariedade, e que elles não puderam devidamente estudar.

Succede que o viajante, homem saido de um meio civilisado, quando entra no centro da Africa, já ahi chega cheio de tedio pelas grandes contrariedades que encontra diariamente, pela falta de commodidades, pelos sacrificios que fez e até perigos que teve de correr. Esquece-se de que as cousas mais insignificantes do lar domestico só lhe devem apparecer como recordação saudosa; que a sua familia se resume ao pessoal que o acompanha, e que este está para com elle num grande atraso de civilisação. A propria lingua que esse pessoal falla, pela deficiencia dos termos, é causa de grandes embaraços, pois se ao europeu affluem muitos vocabulos para a mesma idea e construcções diversas para a exprimir, o seu pessoal e as tribus com quem se vê em contacto apenas teem um vocabulo para diversos objectos, ou mudando-lhe os prefixos transformam um nome numa acção e vice-versa; factos que se aggravam quando fazem um discurso a um interprete, porque este o reduz a poucas palavras na transmissão, e assim se estabelece um dialogo sempre enfadonho, entre o indigena e o interprete, tendo o viajante de aguardar por muito tempo a resposta, o que de certo o impacienta e lhe augmenta as contrariedades.

TYPO DE CELLES
(Phot. de C. Moraes)

Os indigenas, além d'isso, no estado de isolamento em que teem permanecido e pelo caracter das suas relações com os estranhos, são naturalmente desconfiados, não podendo compre-

hender o alcance das palavras que ouvem, nem tão pouco que alguem os procure a não ser para negocio.

O espirito de curiosidade que os domina e a desmedida cubiça pelas cousas mais insignificantes, são apenas a consequencia do seu atraso social, e um indicio de que tendem para o aperfeiçoamento e não para o quietismo brutal ou improgressivo.

Não nos devemos esquecer de que é tambem a nossa curiosidade, o nosso desejo de ver e de possuir que nos estimula e nos faz progredir, sempre auxiliados por um passado que nos legou extraordinarias vantagens, emquanto que os indigenas do centro da Africa não conhecem senão o que pode satisfazer as suas necessidades, tendo atrás de si um passado de trevas de que não guardam memoria!

TYPO DAS MARGENS DO LUÍ
(Croquis)

O clima, em que o viajante mal attenta, exerce sobre elle estranha acção, perturbando as principaes funcções do seu organismo e produzindo-lhe um mal-estar, que o torna inquieto e incapaz de estudo circumspecto.

A penuria das povoações que habita e das localidades a que se vae dirigindo e que lhe são inteiramente desconhecidas, tudo concorre para que não forme idea segura dos recursos com que tem a contar, preoccupando-se assim com as mais insignificantes faltas e applicando a sua constante attenção ao melhor modo de as supprir.

E, nesta situação, não pode deixar de se aborrecer em presença das discussões que se levantam, e pretende convencer

os indigenas logo ás primeiras phrases, querendo por força sujeitá-los ás suas imposições, como se não estivesse em terra alheia e onde não pode dictar a lei!

Vivendo de contrariedade em contrariedade, chega a esquecer-se de que os predicados que melhor recommendam os que de lá regressam com mais auctorisada experiencia, são a *resignação*, a *prudencia* e a *mais completa abnegação*.

E é porque estas supremas condições se olvidam, que se nota muitas vezes, nas primeiras paginas dos seus diarios, classificarem muitos viajantes de selvagem um povo apenas por um ou outro facto isolado, pintando-o com as côres mais feias, e algum tempo depois, já familiarisados com os seus usos e costumes, apreciarem-no muito mais favoravelmente e em plena opposição com as primeiras informações que deram.

Não é raro, nas descripções feitas pelos mesmos viajantes, ser avaliado ao principio o povo, de que tratam, apenas por alguns individuos que observam, descrevendo-se como desgraçado, desproporcionado, rachitico e de rosto repugnante; e mais tarde, em vista de outros individuos que se lhe apresentam melhor alimentados, mais desenvolvidos, esses viajantes consideram o mesmo povo como gente guerreira, de formas athleticas, lembrando os antigos gladiadores romanos, e recommendam-no como bons modelos para estudos de esculptura.

E as informações assim contradictorias, referindo-se á mesma tribu ou a tribus muito proximas, são o resultado do methodo subjectivo que se adopta mesmo nos trabalhos que devem ser inteiramente praticos e experimentaes, e teem embaraçado os homens competentes que desejam de taes descripções colher alguns resultados para a sciencia.

Ora, se ha estudo que exija mais socego de espirito, e a maior imparcialidade de opinião é sem contestação alguma o das tribus africanas, com que se logra estar em contacto; e sem esse estudo despreoccupado a ethnographia não poderá progredir nem fixar-se em bases seguras.

É necessario, que numa exploração das terras da Africa

Central, como em todas as explorações analogas, seja qual for o objectivo que se tenha em vista, só se preste culto á verdade.

Devemos para isso despir-nos de todos os preconceitos, de todas as vaidades de raça, de religião e de cultura intellectual, e investigar os factos taes como elles se apresentam em cada individuo, em cada familia e em cada tribu, relacionando-os sempre com todas as condições do seu viver physica e moralmente considerado.

Os viajantes, finalmente, como melhor se deprehende das palavras dos homens de sciencia que se teem occupado d'estes assumptos, obedecem mais ás impressões de momento, descurando de investigar mais de espaço as condições intimas de cada collectividade.

É indispensavel que elles se insinuem no animo dos indigenas, acompanhando-os nos seus soffrimentos e prazeres, avaliando-os nas differentes phases da sua vida e estudando as causas que mais accentuadamente as determinam no tempo e no espaço, e assim poderão evitar erros que difficultem ou inutilisem os trabalhos que hajam emprehendido, quasi sempre com a maior abnegação e desprendimento.

Teem-se obtido, noutras regiões do continente africano, cranios, ossos e mesmo esqueletos humanos; mas além de serem em quantidade limitada, não são acompanhados dos esclarecimentos mais importantes para se determinar precisamente a tribu a que pertencem e apreciar, em bases exactas, o aspect geral dos povos de qualquer região da Africa Central.

E como se hão de fixar as condições organicas de todas as tribus, que aqui vivem, sem os estudos feitos localmente, procurando-se tanto quanto seja possivel todos os dados e documentos que os comprovem?

E como poderão adeantar-se esses estudos das raças da Africa intertropical sem museus bem organisados, e sem as investigações geologicas dos terrenos onde vivem as tribus de que se deseja estudar a vida e capacidade progressiva?

E como podem aproveitar-se os exemplares que se teem enviado para os museus?

TYPO CALUBA

Consegue-se, no limite do possivel, nos laboratorios em que tudo se faz com methodo — medindo os exemplares com os mais rigorosos instrumentos— confrontar o material anthropologico com os dados obtidos pelas analyses feitas noutras raças a que se applicam os mesmos compassos, as mesmas balanças e um methodo igual de trabalho.

Chega-se, sem duvida alguma, a fazer a mais rigorosa descripção e procura-se mesmo fazer a comparação com os elementos de outras raças já estudadas; mas semelhante confronto é muito vago, pouco seguro sob o ponto de vista geral, ficando em todo o caso por conhecer o estado de cada tribu, attentas as condições em que se obteve o material de estudo.

Pois será sufficiente, por cada exemplar de anthropologia que se envia, determinar apenas a data em que foi encontrado, e a localidade em que estava?

Não, por certo.

No estado, em que se encontram actualmente as tribus africanas que conheci, é difficilimo saber se um esqueleto pertence realmente á tribu que occupa certa localidade no momento em que d'elle se faz acquisição.

É absolutamente necessario manejar perfeitamente a lingua e conhecer os usos e os costumes de cada tribu, as suas guerras e superstições, para se evitarem informações exaggeradas que não podem resistir a uma critica justa e sensata.

Deve mesmo empregar-se o methodo subjectivo, com a maxima cautela, não se guiando os viajantes por informações dos indigenas sem as contraprovarem sempre que possivel seja, por meio de uma cautelosa observação.

Os indigenas não se prestam facilmente a quaesquer explicações relativas a um cadaver. Fogem d'elle, e não ousam mesmo tocar-lhe!

TYPO QUIÔCO DAS MARGENS DO QUIÚMBUE
(Phot. da Expedição)

Em caso de guerra ou em lucta com os seus inimigos, como acto de valentia e no enthusiasmo da refrega, separam a cabeça do vencido para a levar como tropheu da victoria e de supremacia sobre aquelles que concorrem á guerra. Vão collocá-la aos pés dos seus chefes na esperança de, pelo numero d'ellas, verem galardoados os seus serviços.

Mas sobre estes mesmos cranios que se possam obter, quantas informações fabulosas não os acompanham, e quantas outras não se lhe ajuntam quando se tornam do dominio do viajante?

Forma-se mesmo a respeito d'estes cranios uma lenda, que augmenta segundo os potentados que se vão succedendo na

posse delles, exaggerando-se os seus feitos e deturpando-se toda a verdade.

Reconhecia eu todas estas difficuldades, e apesar d'isso tentei por mais de uma vez obter cranios de individuos que eu conhecera, com quem tivera mesmo de entreter relações por algum tempo e de quem tinha alguns esclarecimentos sobre a vida, naturalidade, filiação, tribu e localidade em que estavam, e que, por doença ou victimas das superstições, succumbiram e tiveram sepultura muito proxima da minha residencia, ou foram mesmo abandonados nos matos. Não me foi possivel, todavia, adquiri-los, como tanto desejava, tendo aliás acerca d'elles as mais completas informações; e receava mesmo que, se viesse ao conhecimento dos indigenas que eu os aproveitava, me levantassem algumas difficuldades na missão de que eu estava encarregado e que, por forma nenhuma, me arriscaria a comprometter.

Era mesmo de esperar, que se servissem d'esse facto como argumento em desabono da causa que eu advogava junto d'elles, isto é, empenhar-me em que os chefes não pudessem mandar matar os seus subditos, e por que esse genero de castigo cessasse por uma vez.

Tive escrupulo em recolher os esqueletos ou cranios que vi por algumas vezes dispersos no meu caminho sem attestados authenticos da sua origem, e assim deixei de fazer o colleccionamento de alguns materiaes, que podiam servir ao estudo das condições biologicas d'estes povos, e aos trabalhos de craniologia, que na Europa e na America teem nestes ultimos tempos adquirido grande desenvolvimento.

A anthropometria feita nos vivos é um dos recursos mais empregados para o estudo das raças, mas, nas circumstancias em que ainda hoje se viaja no interior da Africa Central, é quasi impossivel proceder com o devido rigor a semelhantes medições.

Mas já assim não succede em quaesquer das nossas provincias, mesmo nos logares mais internados, pois que ahi se pode organisar um gabinete de trabalho, embora provisorio, proce-

dendo-se ás investigações anthropometricas mais recommendadas, e evitando sobretudo o sermos precedidos ali neste genero de investigações por outras nações colonisadoras.

Os fins da Expedição, a meu cargo, eram além d'isso muito especiaes [1], e por isso não me forneci dos instrumentos nem das instrucções que mais se recommendam para estudar as condições organicas d'estes povos; mas, ainda assim, no intuito de aproveitar o tempo, recorri a outros meios de apreciar cada uma das tribus nas condições em que ellas se encontram, estudando os seus dialectos, usos e costumes, as suas ferramentas e utensilios, observando os indigenas nos trabalhos das suas rudimentares industrias, comparando-os nos seus traços physionomicos e mesmo medindo-os quando isso era exequivel, o que tudo constitue o objecto especial da *Ethnographia*, de que me occupo neste trabalho, com o fim de chamar a attenção dos poderes publicos sobre o assumpto, e de fornecer subsidios que possam contribuir para se determinar a origem das raças com que estive mais em contacto.

E cumpre observar aqui mesmo, de passagem, que não se fizeram ainda as investigações mais altamente reclamadas pelos homens de sciencia, em toda a Africa Central, subordinando-as a um methodo homogeneo e praticamente exequivel para todos os exploradores e viajantes.

Creio que seria de grande conveniencia proceder-se á organisação de um congresso colonial, destinado a apurar todas as observações e estudos já feitos, e a formular os modelos geraes a que deviam sujeitar-se os que são encarregados de fazer explorações nos territorios intertropicaes, onde ha problemas inteiramente novos a resolver.

Os trabalhos scientificos são mesmo sacrificados ao rigor de economia, e os viajantes muitas vezes, com grande mágua, não podem fazer-se acompanhar de todos os exemplares em

---

[1] Consultem-se as respectivas *Instrucções* no vol. I da Descripção da Viagem.

que baseiam muitos dos seus estudos, vendo-se obrigados até a abandonar alguns dos que já haviam registado nas suas cargas!

Convem tambem observar que uma expedição unica não pode simultaneamente tratar de collecções geologicas, mineralogicas, botanicas, zoologicas, ethnographicas, e ainda dos objectos mais indispensaveis á vida em terras tão inhospitas, onde faltam todos recursos e as doenças são tão frequentes.

QUIÔCA DAS MARGENS DO LUACHIMO
(Phot. da Expedição)

O pessoal superior da Expedição a meu cargo, cumpre-me dizel-o, conformou-se com as circumstancias em que se encontrava e não duvidou privar-se d'aquillo que lhe era mais essencial, indispensavel mesmo para a satisfação das primeiras necessidades, antes do que abandonar os seus doentes, demorando-se, se assim era preciso, para o seu tratamento, fazendo-os conduzir com os devidos cuidados, e attendendo ao mesmo tempo ás collecções que havia adquirido e que por falta de carregadores se tornava bem difficil fazer transportar.

Não me sendo possivel fazer augmentar o numero d'estas cargas, tive de o limitar ao que me pareceu mais essencial; e, satisfazendo aos deveres que me eram particularmente indicados nas *Instrucções* que havia recebido, tratei de recorrer aos processos adequados a auxiliar-me no estudo das raças com que mais convivia, procurando insinuar-me no seu animo e apoderar-me muito em especial dos dialectos que fallam, das suas raizes, vocabulario, formação e construcção das palavras, conhecer os seus usos e costumes, fixando os mais caracteristi-

cos e fazendo-os acompanhar de formulas linguisticas que os representem.

Mereceram-me a mais particular attenção todas as suas tradições, fazendo quanto me foi possivel para reconstituir toda a sua historia tradicional, sempre contraprovada pela interpretação e significação dos vocabulos.

E a par d'este estudo, sempre cheio de difficuldades, procurava examinar os caracteres exteriores mais salientes dos indigenas, e todas as suas manifestações moraes e intellectuaes.

MULHER DAS MARGENS DO LUÍ
(Croquis)

As condições da sua vida physica, as suas luctas intimas, as superstições que mais dominam em cada tribu, serviam-me de attento estudo, porque, quanto a mim, são problemas difficeis e de que não se obtiveram ainda os dados scientificos principaes.

A par de todas estas investigações registei as tendencias industriaes que procurava comprovar pelas armas, pelos utensilios, pelos artefactos e pelos objectos de vestuario.

Investigava do auxilio que cada tribu tirava dos recursos que lhe offerecia a natureza, e da influencia que sobre ellas exercia tudo o que as rodeava, e que está em condições muito diversas do que se observa nos nossos climas, ou sob as nossas latitudes verdadeiramente incitadoras do progresso.

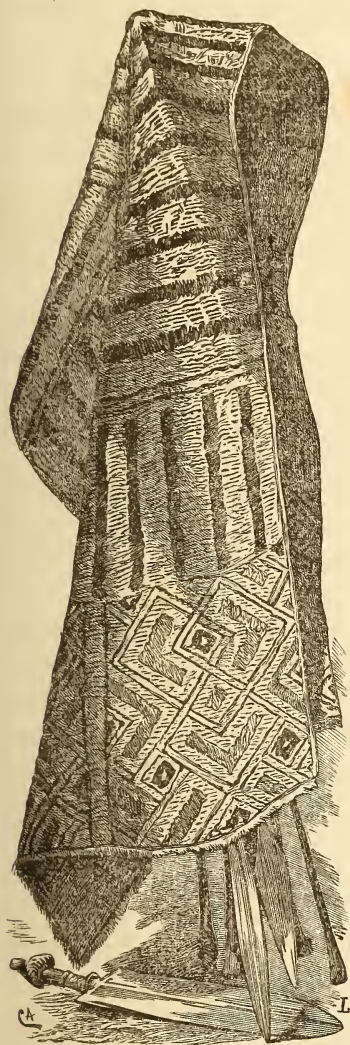
O clima por um lado, a hereditariedade e as tradições por outro, são os factores por onde melhor se avalia o estado em que se encontram estas tribus, e só depois de bem as conhe-

cermos é que podemos avaliar a influencia que sobre ellas pode ter a approximação do homem branco, civilisado, e muito especialmente do Portuguez — que melhor os conhece e que elles melhor recebem.

O Portuguez não extermina. Insinua-se, chega mesmo a assimilar-se, creando sub-raças bem caracteristicas, haja vista o Brasil, e dando movimento progressivo aos indigenas, como aos de Ambaca e dos concelhos mais proximos.

Procurei, pois, acercar-me de todos os documentos e de todas as provas que me auctorisassem a demonstrar, perante todas as nações colonisadoras e perante todos os homens de sciencia que mais se dedicam ao estudo das raças, que os naturaes da Africa Central teem muitas condições progressivas e podem tornar-se verdadeiramente uteis a si, á familia, á sociedade, ao progresso e á civilisação, como qualquer individuo de raça branca.

É este o principal objectivo d'este trabalho, que se baseia muito principalmente no estudo das *tradições* e *dos productos de manufactura indigena* de toda a ordem, procurando esclarecer assim alguns problemas da historia do homem tropical, cujo estudo é tão descurado na região central do continente negro, em que tudo, por assim dizer, é ainda um mysterio para o mundo scientifico.

E, de facto, como se hão de apreciar sem um estudo attento, em qualquer região, *as armas, os instrumentos, os utensilios, os artefactos, os objectos de vestuario* dos seus habitantes, *os adornos, as comidas* e o modo de as cozinhar, *as bebidas* e o processo de as fabricar, *as construcções, as culturas, a sua administração e regimen governativo, as ceremonias funerarias, os nascimentos, as caçadas, as danças, o systema de negocios, as superstições, as migrações, as luctas, as guerras, o viver de familia, as aptidões, a duração média da vida, as doenças,* tudo, emfim, que melhor pode caracterisar um povo que vive completamente afastado dos centros mais adeantados, e sem os meios de transporte precisos para estabelecer faceis communicações com as tribus mais civilisadas.

MABELA (OBJECTO DE VESTUARIO)

Não ha lagos dentro de toda esta zona singular, nem grandes vias fluviaes em condições que permittam desenvolver-se a navegação, approximarem-se as tribus e activar-se o commercio.

Do rio Cuango, de corrente longitudinal, até ao Lubilaxi, na mesma bacia hydrographica, quasi parallelo áquelle, e que, como elle, leva as suas aguas para o Zaire, grande drenador sub-equatorial, e entre o 6º e 12º de latitude ou ainda mais para leste, os factos ethnographicos, que ia observando, encontrava-os de novo mais adeante, semelhantes e alguns identicos aos que já tinha observado no meu transito pela provincia de Angola, com algumas modificações apenas de forma.

Toda esta zona vastissima, que se estende por 1:200 kilometros, a contar da costa occidental para o interior, está fora de todas as influencias pelagicas, o que lhe dá feição inteiramente continental e isolada. Está constantemente dominada pelo sol, que aqui dardeja perpendicularmente os seus raios duas vezes por anno, sempre com toda a sua influencia e com toda a sua intensidade.

Correm mesmo, sobre a situação d'esta zona, graves erros,

que urge fazer desapparecer, para que os immigrantes não soffram induzidos nelles.

A cordilheira que acompanha o Cuango pelo seu lado occidental serve de termo ao planalto de Malanje, e d'ahi para leste o que existe é uma depressão em rampa, mais ou menos ondulada, até ás elevadas cumiadas da região dos lagos.

Faltam-lhe, pois, todas as vantagens dos planaltos isolados e todas as esperançosas condições de salubridade naturaes que ahi se pretendam encontrar.

Toda esta região pertence, por assim dizer, á vertente meridional do rio Zaire, e é cortada de riachos, ribeiros e linhas de agua, correndo de sul para norte, alguns em forma de rio na parte em que os passei, e na de lagoas e aguas estagnadas na zona que se lhe segue mais a leste.

Tanto a disposição fluvial, a contar do rio Cuango até ao Lumámi, como a lacustre, a contar do Lualaba aos grandes lagos, merece o mais detido estudo, quando se pretenda fazer a sua exploração agricola e commercial.

Os terrenos abaixam extraordinariamente quando se entra na região que conhecemos, quer se parta de Malanje, quer dos lagos, na margem de um dos quaes reside o celebre Muata Cazembe dos nossos exploradores Lacerda e Gamitto, aos quaes devemos o *Diario da Expedição Portugueza de Tete a Lunda.*

Os rios estreitam-se e quebram-se em cachoeiras, algumas formidaveis, e lá vão as suas aguas alastrar-se nas terras mais baixas, correndo então, depois, para NW., como se fossem largo rio, e são essas cachoeiras uma das causas do isolamento das tribus, impedindo-as de communicar com as tribus do norte por meios faceis de transporte fluvial.

Os rios principaes entre o Cuango e Lualaba, com excepção do Cassai, mais parecem cabeceiras ou nascentes de um grande rio do que correntes fluviaes independentes.

Descem todas de uma estreita cumiada que se estende das alturas do Bié, sob o parallelo 12°, pouco mais ou menos, até ás nascentes do Lualaba, dirigindo-se todas para o norte, seguindo as serras que se levantam de um e outro lado, e indo

juntar-se ao rio Zaire, a uns 500 metros de altitude, na sua margem esquerda.

Parece que todas estas aguas partiram de um reservatorio, elevado além do parallelo 12°, e se dividiram e sub-dividiram a procurar caminho sobre essa depressão no centro do continente, fazendo as profundas escavações que se tornaram leitos dos denominados rios, ficando entre elles as partes mais elevadas do solo, que são hoje essas serras que deante do observador se desenvolvem parallelas umas ás outras e baixando para o equador.

As largas faxas pantanosas que orlam de um e outro lado estes rios na epocha das grandes chuvas, de outubro a meados de junho, mostram-nos que já foram maiores as suas larguras e que as terras teem baixado consideravelmente, ou melhor, que grandes quantidades de terras foram d'ahi arrastadas para o norte.

É tão singular a disposição d'estes rios, que se me suggerem algumas considerações, que muito desejaria podessem ser comprovadas em estudos posteriores.

São ainda hoje tão abundantes as aguas pluviaes, que eu creio que, devido a ellas, o relevo do solo tem soffrido modificações, e que a natureza se encarregou de pôr aqui a descoberto o minerio de ferro massiço. As aguas dos rios, principalmente do Cassai, que são bem claras, correm na epoca pluvial em seus leitos negros misturadas com a argilla; todo o solo das cumiadas está impregnado do sesquioxido, com a sua côr avermelhada, e mais aqui mais acolá, nas partes elevadas, apresenta-se o minerio á flor do solo.

Não deve ser muito afastada a epocha, em que todas as aguas pluviaes se represassem nesta immensa depressão por não encontrarem facil saida para o occidente, por causa das grandes cordilheiras em planalto em que afloram as pedras do Congo, Encoje e Pungo Andongo.

Formando estas alturas barreiras inexpugnaveis pelo occidente, então as aguas foram descendo e corroendo as terras que encontraram no seu percurso; a essas aguas se reuniram as

que transbordavam da região dos lagos mais altos no oriente, tambem cercados por alterosas montanhas, e, com o seu peso e maior velocidade, ajudaram talvez a abrir o leito ao rio Zaire, que ainda hoje conserva tal força de corrente que vence a das correntes oceanicas, sobrepondo-se as suas aguas a estas até grande distancia da costa.

Restam vestigios de lagoas e lagos, que ainda ao tempo das nossas descobertas e explorações deviam ser mais extensos, e creio, portanto, verdadeiras as informações do nosso Duarte Lo-

ANGUVO (CAVALLO MARINHO)

pes sobre a existencia de um mar interior. E não será este o verdadeiro Calunga[1] dos povos da região central do continente?

Folgo de ter occasião de prestar sincera homenagem aos nossos exploradores do seculo XVI, pondo em relevo a verosimilhança das suas informações.

---

[1] Este vocabulo encontrou-o Livinsgtone como designação de «grande lago» nas suas ultimas explorações na região dos lagos.

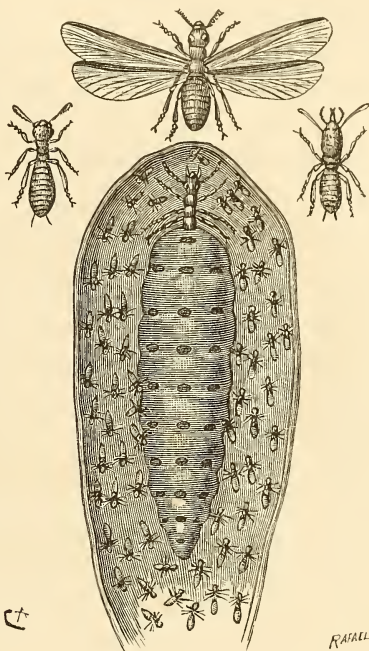
É muito singular, na verdade, a distribuição das aguas, não só em relação ás montanhas do occidente cuja direcção seguem mas em contraste com a disposição lacustre das aguas que se estendem ao oriente, levantando-se ahi de repente o terreno, sobre o qual se formaram os verdadeiros lagos.

As aguas dos lagos mais altos, ao norte, trasbordaram nessa direcção e lá foram formar o grande rival do Zaire, o Nilo, já notavel pelo seu delta bem como pelos povos que ahi habitaram — os primeiros que figuram na historia da humanidade; as aguas dos restantes que, trasbordando tambem, não poderam encontrar caminho para os primeiros, derramaram-se mais para o occidente e formaram a região lacustre, seguindo uma parte d'ellas a unir-se ao Zaire.

SALALÉ

Este facto, de per si, mostra que ha uma divisoria distincta entre essa região lacustre e a fluvial que atravessei, e, portanto, que o Cassai ou Lulua, com todos os seus braços, é a continuação do Zaire, e o Lualaba ou Lualuba, com os diversos lagos que reune, um reforço que se seguiu depois a juntar-se-lhe, devido á disposição que o terreno foi tomando, pela força das aguas trasbordadas dos maiores lagos a leste.

Tanto na região lacustre como na fluvial as aguas, aproveitando os declives do terreno para o norte, baixaram e deixaram a descoberto terras que noutro tempo se não conheciam; e parece que é depois d'essa epocha que as correntes de immi-

gração das tribus do norte se estabelecem para estas regiões.

E é devido a essas immigrações, certamente, que na região fluvial, entre os povos que a habitam, nada se apresenta de novidade, a não ser o que a natureza nos offerece com toda a sua magestade e pujança.

Entre as manifestações naturaes ha por certo mui estranhas novidades e contrastes estupendos, pois se uns animaes nos assombram pela sua corpulencia e grande porte, outros pela sua pequenez nos confundem com os seus trabalhos, como são: o *caiéque (kaïeke),* d'onde sae o decantado *salalé* que fabrica as soberbas construcções de terra de formas pyramidaes, envolvendo algumas os troncos de grandes arvores até certa altura, construcções onde se encontram outros insectos; os *maquejes (makeje),* que mordem; os *maquindes (makid̃e)* de grandes asas transparentes, os quaes andam sempre em multidão, voltejando no ar, deixando o solo atapetado com as suas asas, de que facilmente se despojam; e ainda os *tulangues (tulag̃e)* de côr preta e com muitas pernas; e todos elles passados pelo fogo, os consideram os naturaes como bons manjares, porque são gordurosos.

Com respeito aos *tulangues* posso affiançar que assim é, porque tres vezes e em differentes epochas, com *bombó (bob̃ó)* torrado, fiz consistir nelles a minha refeição.

Mas ainda ha outros que, além de constructores, são productores, como a *abelha,* o *cambululo (kab̃ululo)* que nos incommoda bastante, pois pousa nas faces e se introduz por toda a parte, principalmente onde encontra cavidades, nos ouvidos, ventas, olhos, entre o cabello, etc., e se lhe pega, sobretudo se houver ahi humidade.

Este insecto alado, de uma grandeza media entre a mosca e o mosquito pequeno, é molle e facilmente se esmaga com uma ligeira pressão, deixando um aroma agradavel de flores. Nos troncos das arvores fazem a sua moradia, penetrando ahi por pequenos orificios e lá fabricam o mel, de gosto mui apreciavel. Ás horas de maior calor, até ao sol posto, andam sempre por fora em grande quantidade, e tornam-se uma verdadeira praga

para o desgraçado viajante que tem a infelicidade de acampar onde elles pullulam. Não mais o largam com as suas perseguições, do que soffrem as consequencias em serem esborrachados. Em dias de nevoeiros ou de chuvas não saem das suas habitações.

O *andolo (d̃olo),* tambem dos muito pequenos insectos, vive debaixo do solo, em tocas; e o indigena, dias depois de cessarem as grandes chuvas, conhece, pelas estreitas fendas por onde elles procuram sair, o logar onde encontrá-los, e com um pau de ponta aguda vae levantando a terra e fazendo d'elles larga colheita, e muitas vezes, sem mesmo os levar ao fogo, os come á medida que os vae apanhando.

É tal a variedade de ratos, lagartos e gafanhotos, que nella encontram os naturaes alguns recursos para diversificarem a sua alimentação.

Ha outros organismos, porém, que são apenas constructores, como o *cachaíle (kačaíle)* nas arvores e o *mabuči (mabuchi),* cuja habitação, de uma forma diversa do *muquindo (mukido)* feito pelo *salalé,* é baixa, romba e com uma especie de chapeleta superior, que parece ahi collocada por mão de homem; e tanto d'esta como d'aquella construcção melhor dão idea os desenhos do que qualquer descripção.

Tambem não devemos esquecer o *samabumbulo (samabub̃ulo),* que escolhe no solo a terra para construir a sua habitação em forma de ninho, de encontro ao varejo da cobertura das cubatas, e o *cocanjila (kokaj̃ila),* animal que se encontra pelos caminhos, semelhante ás carochas, mas de corpo mais grosso, fabricando perfeitas bolas de terra de uma grandeza prodigiosa em relação ao tamanho d'elle, e que traz constantemente comsigo.

Muitos outros organismos mereciam especial menção, e todos elles concorrem para tornar mais frisantes os enormes contrastes que se observam no reino animal em toda esta zona!

E a par dos collossos vegetaes, como o imbondeiro em determinadas regiões, ao occidente do Cuango, talvez o mais velho e o mais corpulento especimen da flora africana, que facilmente se distingue pela sua forma, e da linda *dicabá (dikabá)* «pal-

meira de leque», e do *mungaje (mvg̃aje),* «palmeira do azeite», disseminada por toda a zona que atravessei, apparecem vastas superficies cobertas de *capim* e de bellas florestas, onde impera, á beira dos riachos, o *muaje* (arvore que alimenta as superstições) e as não menos agigantadas *mucamba (mukab̃a),*

DICABÁ (PALMEIRA DE LEQUE)

mafuma, e ainda outras, e onde parece não ter penetrado o ma chado destruidor, nem o fogo devastador dos indigenas.

Chamam os naturaes aqui a estas florestas *matiquita (matikita),* e do Cuango para a costa *michito (mičito);* e não é facil ao naturalista, sem muita persistencia e boa vontade, definir-

lhes os principaes individuos, indicar-lhes os caracteres, e dar d'ellas uma descripção animada.

O observador pode sentir-se enthusiasmado, vendo uma abobada de verdura, formada pelas bellas copas das mais agigantadas arvores, e corre pressuroso a procurar uma entrada, mas, o solo coberto de uma pujante vegetação, obriga-o a parar, a fim de descortinar uma vereda mais livre, um atalho mais seguro para seguir por ahi e penetrar no coração da floresta, mas nada encontra que o auxilie neste intento. Começa então a afastar a vegetação, que mais o embaraça, mas a bem pouca distancia deparam-se-lhe emmaranhados *cipós,* que vão subindo, agarrados aqui a um tronco, ficando mais além suspensos, uns quasi a tocar no solo, outros enterrando-se mesmo, lançando fortes raizes para se levantarem de novo e estenderem seus ramos em differentes sentidos. Não pode caminhar á vontade, e vae notando que a mais emmaranhada vegetação ali se evolve, se mistura, se ramifica, se enlaça, se aperta e se levanta aos ares a procurar o raio do sol vivificador, salvando-se nesta lucta os vegetaes mais fortes, e definhando-se ou sendo substituidos por outros os que não podem viver sempre á sombra ou num meio tão humido.

1 e 3 ALOES--2, 4 e 5 CACTOS
(Luambata)

E o aspecto de uma floresta assim é realmente original, soberbo, deslumbrante, mas o seu estudo é muito mais difficil,

mais complexo, mais arriscado mesmo, pelas condições em que se apresenta.

Destacam-se muitas vezes das massas vegetaes virentes fetos arboreos, dominam outras vezes as *pandas (pada),* que formam um contraste encantador com os valles desarborisados, constituindo os bosques mais singulares.

O naturalista, porém, não se contenta com o aspecto que lhe apresenta qualquer floresta; interna-se, pelo contrario, cada vez mais, caindo aqui numas covas, occultas pela espessa camada de folhas já meio em decomposição, e subindo ali sobre os troncos de arvores agigantadas, e lançadas sobre a terra por effeito da sua velhice ou por causa de phenomenos naturaes, ou ainda porque o seu grande porte não estava já em relação com as raizes que as alimentavam.

São todos estes troncos revestidos, mesmo caídos, de variadissimas trepadeiras, sobre as quaes se levantam parasitas de toda a especie, que se alimentam na podridão d'esses troncos amortecidos e que tudo encobrem á vista dos curiosos.

Passam-se assim horas successivas, e o explorador vê-se obrigado a limitar-se ás suas primeiras tentativas, subordinando-se ás condições do meio em que se encontra, sem lograr orientar-se, tal é a vastidão da floresta e os variadissimos exemplares que a sua vista abrange.

É grosso e pesado o humus em que se cria toda essa vegetação; e ahi pullulam pequenas plantas, que o revestem e dão ao terreno aspecto singular. Levantam-se algumas d'estas a bastante altura e formam, por assim dizer, a primeira camada florestal e que logo prende a nossa attenção.

D'este primeiro manto de verdura, que cobre o terreno, surgem arbustos, que quasi se animam a luctar com as arvores que lhes ficam mais proximas, mas não chegam, as mais das vezes, a meio da sua altura, formando então ahi uma cobertura de grossas fibras ou cordas que intercepta os espaços que podiam deixar penetrar a luz mais desafogada até ao solo.

As florestas tornam-se assim mais espessas e de mais diffi-

FLORESTA DE CHIMANE, AO NORTE DA MUSSUMBA

cil penetração, o que faz augmentar os obstaculos para o seu exame regular e proveitoso.

Conhecia eu, de perto, os nossos pinhaes que se estendem por largos tractos de terreno sob a influencia maritima e nunca na região do sul; os castanhaes nos terrenos de planalto do interior, sempre ao oriente e ao norte; as variedades dos carvalhos e as nossas regiões alpestres sempre bem definidas, mas nunca pude observar aspectos e paizagens como as que se me deparavam nas florestas que a Expedição atravessou, e onde se accumulavam arvores e arbustos, cruzando-se e enlaçando-se em tal variedade e em tal quantidade, que se tornava absolutamente impossivel penetrá-las, sem que os machados e as facas precedessem o explorador e lhe facilitassem a passagem.

E assim como se confundem todos os vegetaes, assim as tribus que por aqui habitam se enlaçam e se misturam, e só a muito custo se lhes pode ir determinando as suas condições physicas e moraes.

Não me parece que estas tribus, como irei demonstrando no correr d'este trabalho, constituam uma raça autochtona da região em que as encontrei, creio sejam antes uma mistura de povos vindos de pontos afastados por successivas migrações, realisadas em tempos relativamente modernos.

Parece-me tambem, embora não tenha dados positivos que corroborem as minhas observações, que não vieram do sul, mas das latitudes septentrionaes pelo nordeste dos lagos de maior altitude, que para os indigenas representam de certo o seu Calunga.

Abalanço-me mesmo, a suppor que não são originarios das regiões lacustres sub-equatoriaes, d'onde se destaca o Nilo e vae, por assim dizer, dar vida aos egypcios, — povos influenciados por largos mares interiores e muito afastados d'estas regiões.

O que mais me importava, porém, nas condições em que me encontrava, era estudar as tribus nas localidades em que vivem actualmente, e descobrir as suas relações com as da provincia de Angola, persuadido, como estou, de que ahi, em

oda a região mais alta, desde o Zaire até ao Cuanza, a população tem augmentado pelas correntes migradoras que d'aqui se teem dirigido para lá.

Tinha mesmo neste estudo o meu principal empenho, pois que reconhecia ser da maxima vantagem favorecer ainda hoje todas estas correntes, estudar melhor a origem das gentes que as compõem, as suas inclinações e habitos, e aproveitá-las nos trabalhos já agricolas, já commerciaes.

Deviamos mesmo com ellas formar colonias indigenas, destinadas aos logares em que é difficil por emquanto a colonisação europea, e empregá-las no saneamento d'esses logares, e nos primeiros trabalhos agricolas e florestaes.

É um meio que ainda não se experimentou, mas a que urge recorrer, não só para não faltarem braços, mas tambem para augmentar as forças vivas da provincia por meio do elemento indigena, que é, e será sempre, o melhor e mais fecundo auxiliar do europeu no clima ardente dos tropicos.

Ha mesmo toda a conveniencia em dar-lhes terrenos para cultivar por conta propria, o que não seria novidade, protegendo-os e animando muito especialmente os pequenos proprietarios indigenas, ensinando-lhes os mais faceis e os mais proveitosos processos de cultura.

Estou convencido de que o africano, por mais boçal que seja, acceita o ensino, e d'este procura tirar todo o proveito, quando dirigido fora de um meio aniquilador e improgressivo.

A educação do indigena aqui no interior é infructifera, pois que produzem nelle mais effeito os exemplos da sua familia, dos seus companheiros de casa ou d'aquelles com quem convive, do que as regras e preceitos que lhe possam dar os estranhos, que lhe vão fallar do que elle não entende.

Pode acceitar e fixar na memoria algumas indicações se d'ahi lhe resulta qualquer proveito immediato, pois não está preparado para amar o estudo pelo estudo, nem para se occupar de cousas abstractas, superiores ao seu estado mental.

É de pouco resultado, por certo, a educação do indigena no meio em que vive, mas se o tirarmos d'ali e o educarmos

junto a nós, nos centros mais civilisados, para depois o repatriarmos, destaca-se sem duvida dos seus conterraneos, mas então surge um mal e bem grave, porque lhe falta onde applicar a sua educação.

Ha mesmo neste processo um resultado negativo pois que, vendo-se o negro com a sua intelligencia mais esclarecida, torna-se o tyranno dos povos incultos entre os quaes vae viver, e procura tirar todo o partido d'esse estado selvagem em seu favor, dando assim pessimos exemplos, e prejudicando todos os esforços dos que tentem trabalhar para melhorar a sua situação.

Quanto a mim, dois poderosos meios auxiliadores que mais immediatamente podem contribuir para a regeneração dos povos do centro de Africa são os seguintes: o caminho de ferro de penetração, que já está iniciado, e a instituição de uma Sociedade humanitaria de colonisação e exploração das terras da Africa Central, que tratasse de constituir centros agricolas, chamando a estes os individuos que se resgatassem, escolhendo os logares mais adequados para esses nucleos civilisadores, e formando novas povoações administradas por elles mesmos e por nós patrocinadas e dirigidas.

Levei mais longe as minhas considerações, porque as questões de que me occupo respeitam tanto ao oriente como ao sul da provincia, e a todas as nossas possessões da Africa.

Mas cumpre restringir-me á região de que trato, e dizer desde já que, nas condições em que se encontram estas tribus, serão baldados todos os esforços para ahi pôr um termo á escravidão, que é um producto natural do meio em que vivem, e uma fatal necessidade do seu modo de ser social.

Destroem-se estas tribus umas ás outras, e, não havendo documento algum dos seus tratados, como manter a paz?

E na lucta pela existencia, quando numa região faltam os viveres, o que fazem os habitantes que ahi se estabeleceram?

Caem sobre as tribus mais fracas como os Barbaros cairam sobre os povos da Europa oriental, e estes sobre os do occidente.

Todos conhecem as luctas que então se feriram, o caracter sanguinolento de todas ellas, e comtudo já estavam todos estes povos num grau de adiantamento muito mais sensivel do que o das tribus incultas que aqui se encontram sempre desconfiadas e promptas a luctar ao primeiro pretexto que se lhes offereça.

E como arrancá-las d'este estado selvagem?

Dando terras e protecção ás mais fracas, o que se deveria fazer desde já para uma grande parte d'ellas, pois que estão passando por uma das phases mais criticas da sua existencia.

No momento em que as encontrei, as suas circumstancias eram das mais graves.

Urge, pois, acudir-lhes sem perda de tempo, e nenhuma nação o pode fazer melhor do que nós, porque ha seculos que sobre ellas exercemos influencia.

Não duvido mesmo asseverar que se delimitam muito bem todos os povos que nos conhecem e nos respeitam, podendo mesmo fixar-se as terras onde, por alguns processos indirectos mas altamente significativos, fizemos sentir a nossa influencia, e que bem mostram o caracter fecundo e civilisador dos Portuguezes em todos os territorios que descobriram.

Nos ambaquistas temos um vivo exemplo de que a Nação Portugueza não faz escravos, nem tira a liberdade de cada indigena que se occupa do seu negocio percorrendo as mais afastadas regiões da Africa Central.

A introducção da mandioca nas terras da Africa Central é outro notabilissimo facto que não devemos esquecer. Fez-se pela provincia de Angola, sendo trazida do Brazil pelos Portuguezes. Receberam-na de bom grado os povos de leste da provincia, e a sua plantação foi passando de tribu para tribu, até á região dos lagos, descendo ao sul, até aos povos do Alto Calahari, e não excedendo, pelo norte, os do 3º de latitude.

Toda esta vasta região está, pois, occupada pelas tribus que mais se relacionam com os Portuguezes, e de onde nós

poderiamos tirar todas as vantagens, se quizessemos trabalhar de raiz e a preceito para se formar um grande imperio colonial nas terras da Africa Central.

Não poderei eu indicar neste logar os processos de mais facil execução, e que bem se comprehendem, quando se conhece a lingua das tribus e se lhes falle uma linguagem que ellas possam entender claramente.

Attentava eu, porém, nos exploradores allemães, que tão frequentes viagens estão fazendo e que de tantos recursos dispõem, seguindo-se as suas expedições umas ás outras, e redobrando-se de esforços na proporção das difficuldades que se apresentam; mas apesar de tudo, nestes annos mais proximos, ainda seremos nós os preferidos, e elles serão obrigados a servirem-se da nossa lingua, como meio de communicação, e dos nossos sertanejos como guias e interpretes.

Somos nós, pois, quem lhes facilitâmos os principaes meios d'elles se internarem, de se entenderem com os indigenas e de escolherem as melhores terras e os centros commerciaes mais importantes.

Se nós, porém, lhes abrimos as portas e se sairmos de casa, o que podemos esperar?

E se não procurâmos augmentar as nossas relações com as tribus mais afastadas, favorecendo as suas migrações para as localidades que mais nos convenham, ficarão essas tribus sujeitas a quem lhes proporcionar mais vantagens ou melhor as souber explorar.

E chegaremos então tarde, e mais uma vez nos lastimaremos pela nossa boa fé.

E quem percorrer toda esta região, a leste da provincia de Angola, não deixará de notar, como eu, que, se é grande o atraso em que se encontra a agricultura, não faltaria a boa vontade da parte dos indigenas em se occuparem nestes trabalhos se tivessem a certeza de que lhe seriam comprados os seus productos.

Bastava aproveitar esta tendencia para fazer augmentar os productos provinciaes, e chamar aos concelhos de leste o com-

mercio, sem o qual todo o progresso será incerto e toda a vida colonial vacillante.

O que para mim se apresentava como facto bem evidente era o completo isolamento de todas estas tribus, e a sua plena

MULHER LUNDA PISANDO MANDIOCA

sequestração das raças mais adeantadas, mesmo de dentro do continente.

É facto observado tambem que, a par do atrazo que se nota na agricultura, se nota o mesmo atraso em todas as demais industrias, unindo-as nas suas manifestações um laço commum,

que mostra os pontos de contacto d'estes povos e lhes dá certo grau de unidade mui saliente.

Não é facil descobrir-lhe o passado, nem estão feitas ainda, como já disse, as investigações paleo-ethnologicas em todas estas terras; mas, por factos negativos apenas, não me parece que passassem aqui pelas idades de pedra bem caracterisadas, que constituem em parte os tempos prehistoricos dos povos que estão hoje mais adeantados.

Creio mesmo que as primeiras tribus, que para aqui vieram, já tinham conhecimento do ferro, e nelle trabalhavam e que,

BANCO

encontrando-o nesta região, logo que as migrações se succederam, principiaram a utilisá-lo, ainda que com instrumentos rudimentares não muito differentes dos que hoje usam.

É possivel mesmo que os africanos do norte entrassem na idade de ferro em uma epocha anterior áquella que se marca para os povos das outras raças.

É esta uma questão de grande importancia, que mais tarde ou mais cedo ha de ser resolvida pelos benemeritos da sciencia que se entregam a taes investigações, e sobre este ponto limito-me a affiançar que todos os artefactos, todos os trabalhos, os mais antigos, devidos á mão do indigena nesta vas-

tissima região, os seus ornatos, etc., são já feitos com pontas ou laminas de ferro.

Dir-se-ia, sem o estudo da sua historia tradicional, que são antes autochtonos do que immigrantes, pois conservam os processos mais primitivos para a pesca e para a caça!

Não parece que se houvessem destacado de outras tribus mais adeantadas, nem que estivessem em contacto com outras que lhes servissem de exemplo em quaesquer trabalhos ou luctando com mais vantagem contra as feras e contra os climas.

Notava, pois, que são inconscientes nos seus trabalhos e não sabem aproveitar e transformar as forças da natureza, nem os recursos das bellas florestas de que se acham rodeados, nem tão pouco procuram desenvolver a propagação dos animaes domesticos!

Não se aproveita o vento para o mais singelo moinho, não fazem a menor irrigação, nem teem a menor obra de arte!

Teem sido pelo contrario, prejudiciaes a si mesmos, destruindo muitas das especies dos animaes que já haviam vingado e aqui lhes traziam as comitivas do nosso commercio, que tanto frequentaram esta região.

Por exemplo no Luambata, onde escrevi muitas d'estas observações, e nas immediações, num raio de 25 a 30 kilometros para áquem do Luiza e Cajidixe, no tempo do Muatiânvua Muteba, ha quinze ou dezeseis annos, contavam-se mais de mil e quatrocentas cabeças de gado vaccum, e todas as tribus tinham rebanhos de gado miudo de todas as qualidades, não sendo o suino inferior ao nosso!

Pois toda esta riqueza deixaram perder!

Tambem tive de notar nos meus diarios que vi vestigios de arrozaes e fructos degenerados, como melancias; e tambem de hortaliças, como couves, alfaces, etc.

Não é facil explicar esta indifferença pela conservação de tudo o que lhes é mais util.

Diz-se serem estes destroços motivados pelas luctas de partidos entre filhos de Muatiânvua pelo poder, no que fizeram intervir os Quiocos e depois das guerras com estes que os le-

vam de vencida, roubando-lhes as mulheres e creanças e devastando o que encontram, os proprios habitantes antecipam-se nessa devastação, para que os contrarios nada encontrem quando voltem.

Não se limitam hoje a estes perniciosos processos, atacam mesmo toda a vegetação e as proprias florestas, incendiando tudo a que podem lançar fogo, e por tal modo o fazem e em tal extensão que o fumo d'essas enormes e estupendas queimadas chega a influir no regimen meteorologico, e no desenvolvimento dos vegetaes e dos animaes mais nobres ou mais aproveitaveis!

Tudo teem destruido, e o peor é que tambem na destruição lá foram essas grandes fontes de receita — marfim, borracha e cera — pelo modo como caçaram o elephante, colheram o mel e extrairam a borracha.

E quando sairão estes povos de um estado tão rudimentar, se não forem em seu auxilio os Portuguezes ensinando-os, tutelando-os e protegendo-os?

Esta grande parcella dos povos da Africa Central ainda se encontra no estado nomado, fixando-se apenas algumas tribus em localidades, que mais facilmente poderiam cultivar, ou mais proximas de caça, de caminhos mais frequentados, de linhas de agua, das margens de rios em que abunda peixe; mas apesar de todas estas boas condições locaes abandonam-nas muitas vezes por outras, e se algumas dentro do mesmo territorio se constituem em estado, outras, as mais ousadas, vão passando de umas localidades para outras, embora as tenham de disputar pela guerra, quando á sua entrada se oppõem os primeiros habitantes.

Ainda existem aqui armas e utensilios de madeira, muito similhantes na forma aos que existiam entre os europeus nas idades prehistoricas.

Praticam-se ainda em alguns pontos d'esta região os sacrificios pelos mortos, e levantam-se noutros povoações lacustres, como as dos primitivos povos da raça branca europea ou como as da Oceania.

Em todas estas tribus se notam as mais grosseiras superstições, que dominam os espiritos, e a crença nos feitiços que as levam ás crueldades mais absurdas!

Mas estes factos não são tão geraes que, ao lado de uma tribu mais atrazada, não se encontre outra em que se observem logo á primeira vista consideraveis progressos, devidos ás relações com os Portuguezes, e por onde se pode avaliar as transformações por que terão de passar, quando essas relações se tornarem mais intensas e alargarem mais a sua acção benefica e civilisadora.

Não nos esqueçamos, porém, que todas estas tribus estão ainda num estado de grande atraso, e não as condemnemos sem primeiro nos lembrarmos das luctas e devastações que houve entre os povos europeus, em estados analogos de desenvolvimento, e nos tempos successivos até aos medievaes, e ainda posteriormente.

Se attentarmos, pois, no que está estudado dos nossos primitivos tempos, lá encontraremos alguns povos barbaros em um estado semelhante ou muito peor do que aquelle em que se encontram os povos d'esta região.

As invasões de umas tribus nos territorios de outras, as luctas intestinas e as guerras entre pequenos chefes, e as que se teem originado na propria tribu pela ambição do poder, teem sido as causas da devastação que tem lavrado na vastissima região que percorri, e a decadencia em que se encontram os seus habitadores.

As transformações moraes e sociaes por que passaram estes povos perdem-se na bruma dos tempos. Só as tradições historicas e a linguistica nos podem conduzir por emquanto á reconstituição d'este estado, outrora tão fallado, do poderoso Muatiânvua, que para os povos limitrophes era um mytho, e ainda para muitos é assim hoje considerado, invocando-o alguns para abusarem dos mais credulos.

Mas quaes seriam os primeiros povos que se fixaram aqui?

Custa-nos a crer que estes povos constituam, como já disse, uma raça especial, e antes nos convencemos que ha nelles

uma mistura de tribus sujeita á influencia da acção longa, persistente e mesmo perniciosa dos terrenos de alluvião e pantanosos; influencias deleterias e degradantes que teem modificado talvez as formas, a côr e mesmo as faculdades mentaes dos povos que nestas depressões do solo do continente foram obrigados a refugiar-se, fugindo ás invasões dos povos barbaros que entraram pelo norte e nordeste do continente, e se sujeitaram á dominação dos que já ahi encontraram, e os precederam na immigração.

MUJIA
(ARMADILHA PARA PEIXE)

Estabelecidos os primeiros immigrantes, como viveriam?

Não ha indicios de que fossem pastores, nem se sabe qual o alimento mais preferido antes de lá introduzirmos a mandioca.

Não teem a pesca lacustre, e a que fazem nos seus rios é por meio de armadilhas de tiras de uma especie de chibata, ora dando-lhes a forma de pyramide conica, ou a forma cylindrica, que collocam nas reentrancias dos rios onde o peixe afflue, e tambem fazendo cercos de pedaços de troncos unidos, onde o peixe levado pela corrente ha de entrar, e d'onde não pode sair pelo labyrintho que lhe armam dentro d'elles.

As pequenas redes e anzol conhecem-nos de ha pouco, mas não fazem uso d'elles, certamente porque os obrigam a permanecer num determinado ponto e a empregar a paciencia e destresa que se requerem n'este genero de pesca. Alguns utilisando o anzol contentam-se com um peixe, e por isso considerando-o como uma armadilha, deixam-no com a isca ás vezes até ao dia seguinte!

Para a caça grossa, antes do uso das armas de fogo, e ainda hoje, não se dão a grande incommodo, e o processo é primitivo — armadilhas — covas mascaradas com ramos e folhagens onde o animal cae e immediatamente á cacetada é morto.

E d'isto teem elles uma imagem, que empregam frequentemente: *mona ğoluğo mu divumo aĉi: maku! tala dibuko* — cuja traducção litteral é: «o filho do veado na barriga da mãe diz: «mãe! repara na cova».

Tambem empregam os cercos de troncos em grandes extensões e numa boa espessura seguidos de fossos, de modo que o animal que se emmaranha nesta especie de palissada depois de uma grande lucta vae cair extenuado, senão ferido, no fosso.

Outras vezes o animal cae nessas covas ferido por flechas que, suspensas nos troncos de arvores e equilibradas por um contrapeso, se despedem mal elle toca na armadilha.

Com respeito ás armas de fogo, tambem usam dispô-las de forma que procurando o animal comer a isca, a espingarda dispara-se e elle fica prostrado.

Hoje os mais audazes perseguem a caça á frechada e a fogo; e tambem com as *maças* (especie de cacete) e com grandes facas vão luctar com os animaes, e é certo que alguns, á falta de polvora, tiram d'este meio bom partido.

Faltam-lhes os rigorosos invernos e quasi que dispensam as habitações, que são na verdade da mais facil e rudimentar construcção.

Não teem senão a prover ás suas necessidades physicas, no que a natureza os favorece bastante.

O reino vegetal fornece-lhes os alimentos mais indispensaveis, dando os indigenas sempre preferencia aos que lhes deram menos trabalho a colher.

E, quando o reino vegetal não pôde supprir todas as suas necessidades, recorreram aos animaes que mais facilmente conseguiam apanhar, como lagartas, ratos, salalé, gafanhotos, abelhas e outros que appareciam, e aos restos das victimas que as feras deixavam!

Pode explicar-se, pois, por estes factos, que estas tribus não puderam adquirir energia, nem crear uma população forte e activa?

O cerebro não funccionando atrophiou-se, e pode dizer-se que os europeus teem aqui de patrocinar e de dirigir a geração nova, porquanto os individuos, taes como se encontram presentemente, estão em estado de grande rudeza.

E sem os estimulos de um clima rigoroso, não se tornaram previdentes, nem souberam associar-se constituindo nacionalidades duradouras, e tampouco deixaram, que nós saibamos, os mais insignificantes vestigios do seu passado.

Os seus maiores inimigos são as tribus que lhes ficam mais proximas, e por isso algum esforço fizeram para obter a arma defensiva e a offensiva.

O clima, porém, com os seus dias de fogo, e as estações com a sua uniformidade, dão á flora e á fauna condições muito especiaes a que o homem não pode ser insensivel, modificando-se a sua organisação, as suas aptidões, toda a sua vida, emfim.

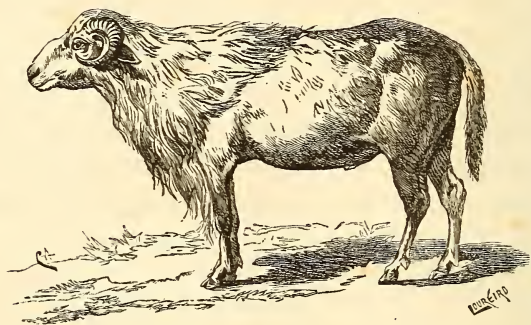
Faltam-lhe, pois, muitas das qualidades do homem que se acha sob as latitudes médias, especialmente nas do hemispherio do norte, em que elle aprendeu a tirar á terra pelo seu trabalho tudo quanto ella pode dar.

Emquanto o homem dos tropicos tem á mão uma facil alimentação, o das latitudes onde o solo é menos dadivoso é obrigado, não só a procurá-la com difficuldade, mas tambem torna-se previdente, armazenando-a para se supprir quando o frio esterilisa as terras e purifica os ares, trazendo-lhe a fome, mas limpando as terras dos parasitas mais temiveis, dos miasmas telluricos, e fazendo de cada homem um industrial, um constante luctador, que se resgata do meio que o cerca e imprime caracter á unidade social — a familia.

Cousa alguma, por ora, nos prova nesta região que o homem tivesse passado por uma idade pre-metallica; antes tudo nos indica que elle veiu para esta região aproveitar-se da variedade de vegetaes que a natureza lhe proporcionava, e dos

animaes que nos bosques e nos rios encontrava, e que facilmente obtinha sem grande esforço.

Parece, que numa d'essas primeiras immigrações que se deram, já alguns povos tinham conhecimento do ferro e do fogo, e eram certamente esses os que vieram habitar nas serras e nos pontos mais elevados, os quaes se destacam dos que vivem nos valles, porque estes teem uma côr mais negra, ao passo que aquelles a teem mais avermelhada.

A esse conhecimento foi devido o instrumento rudimentar, cortante e perfurante, com que fizeram esses outros,—as armas e utensilios de madeira—para a satisfação de suas primeiras

MUCOCO (CARNEIRO DO LUBUCO)

necessidades, imitando sempre em tudo as formas que lhes offerecia a natureza.

As differentes especies de cabaças e outros fructos de grossa casca, os quaes, extrahido primeiro o miolo e sêcos depois, lhes serviram para formar a sua baixella primitiva, foram mais tarde os modelos da sua ceramica rudimentar.

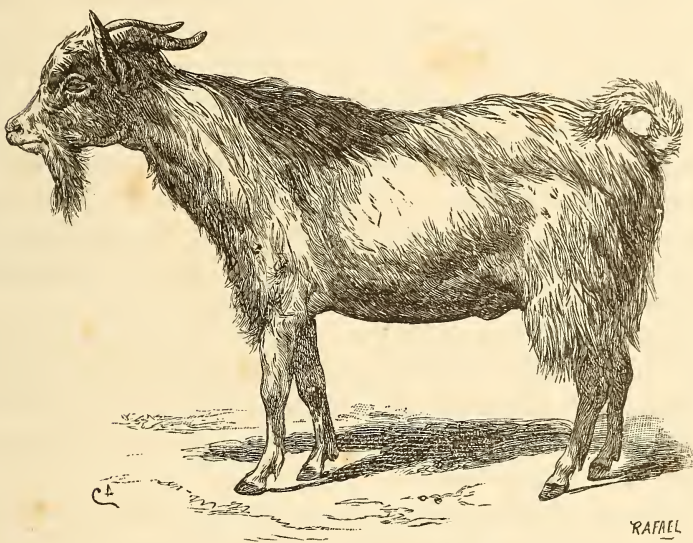
Das florestas em que se abrigavam passaram a imitar as construcções do salalé com pequenas aberturas rez-do-chão por onde de rastos entravam; quando não aproveitavam as mesmas construcções como indicaremos em logar competente.

Para vestuario limitavam-se a umas folhas de arbustos, cobrindo apenas as partes genitaes, porque entre elles a noção de pudor era a bem dizer desconhecida. Acceitavam bem a

sua nudez, e uns olhavam para os outros com a mesma naturalidade com que se olha para qualquer animal.

E este mesmo traje era uma imitação do que viam nos animaes de maior corpulencia.

Existem ainda umas tribus, seis dias ao norte da mussumba do Calanhi, num estado de civilisação relativamente atrasado, cuja imitação é ainda mais frisante.

Refiro-me aos *manjala mavumo* («os que vestem a pelle da

AMPEMBE (CABRA DE MUTABA)

barriga»), consistindo esta deformação ethnica em as mães começarem logo após o nascimento dos filhos a estender-lhes pouco a pouco a pelle que cobre aquella parte do corpo, puxando-a em seguida para baixo.

O uso das folhas ainda hoje se vê entre as povoações mais desfavorecidas, e principalmente do Quicapa para lá, onde já ha falta de pelles dos animaes pequenos e das mabelas do norte e mais do interior, e onde a fazenda deixou de apparecer.

Na mussumba do Muatiânvua, na propria côrte d'este potentado, já fui encontrar suas filhas apenas vestindo ramos de folhas adiante e atrás, suspensos a um cordão na cintura!

Isto que muitos podem tachar de impudor, para elles só representa pobreza e decadencia do seu Estado.

Tudo se apresenta aqui em condições muito singulares, notando-se profundas differenças até nos animaes que nos são domesticos, como os carneiros, as cabras e os cães!

E, com respeito a estes, não consta que se damnem, o que é, por certo, uma das suas condições mais singulares.

As tradições historicas que obtive, antes da constituição do Estado do Muatiânvua, apresentam-nos os povos anteriores, os *Bungos*, como bons atiradores de *funda*. Consistiam as fundas em grossas fibras que as florestas lhes proporcionavam e cujos extremos apertavam na mão, tendo primeiro collocado os pequenos calhaus na parte média; estes depois de sujeitos a um movimento de rotação eram impellidos a grandes distancias, largando-se uma das extremidades da funda.

É certo que essas pedras, ou calhaus, não se encontram por toda a parte á flor do solo, e que é o descarnamento das montanhas e serros que lhes dá pequenos calhaus, lascas, ou desaggregações de rochas, e não ha vestigios de que estas fossem affeiçoadas para tal uso.

Desde o momento em que se me dá uma perfeita idea do uso da funda devo crer na sua existencia, porém, hoje dão preferencia á madeira para armas de arremesso, e isto por factos que ainda hoje se observam.

Na occasião de um levantamento da população, homens, mulheres e creanças, tudo trata de se reunir ao primeiro grupo que o promove; e, antes de tudo, correm ás cubatas a buscar o primeiro pau que encontram, se é que não possuem uma espingarda, uma faca, flechas ou qualquer arma, e mesmo assim lá levam um pau, e a lucta trava-se logo a distancia, lançando os contendores uns contra os outros esses paus, que no ar descrevem trajectorias mais ou menos caprichosas e com mais ou menos velocidade, porque são batidos com grande força por

aquelles que elles levavam na mão, ou pelos canos das espingardas ou pelos cacetes, grandes facas, etc.

Esses projecteis, alias communs entre povos pouco adeantados, teem alguns d'elles as pontas aguçadas, sendo ás vezes arranjados mesmo no theatro da lucta pelas mulheres e rapazio, e ferem ao acaso.

Nestas luctas tem-se em vista afastar um dos contendores; e ha sempre vantagem para os que as provocam, porque surprehendem os atacados, muito principalmente se estão nas povoações, e os vão afugentando; immediatamente a isto os atacantes com as armas com que impelliram os projecteis vão levantar as cubatas dos fugitivos, destrui-las, e roubam tudo que possam encontrar.

Assisti a algumas d'estas luctas em povos diversos, e como o meu fim era apenas apaziguá-los, reconheci ser de grande perigo collocar-me entre os contendores, por estar sujeito a ser molestado pelos projecteis de uns e outros.

Todas estas tribus actualmente apresentam differentes productos industriaes, e tomei nota do que se me tornou mais frisante para os caracterisar.

Teem habitos e usos já locaes, mas estes não deixam de ter uma tal ou qual relação com os que se observam em todas as tribus e a que attendi com todo o cuidado, habilitando-me assim a apreciar o seu estado social no momento em que as encontrei.

Procurei colher tambem minuciosas informações, dando preferencia aos factos que me pudessem elucidar sobre o estado de atraso de cada tribu, e notei o desenvolvimento progressivo que cada uma vae tendo, devido muito principalmente ao contacto com os povos da nossa provincia de Angola, já influenciados pelo convivio com os Portuguezes da metropole.

Foram, pois, os Lundas — os africanos com quem mantive relações no periodo de tres annos — que mais chamaram a minha attenção; e consegui iniciar-me nos seus usos e costumes, nos seus dialectos e vida íntima, entrando nas suas cubatas, não como estranho, ou visita de ceremonia, mas como pessoa amiga e da mais completa confiança.

Cheguei mesmo a tomar parte nas suas refeições, e a conhecer portanto da sua vida domestica. Era chamado ou procurado constantemente para resolver as suas pendencias. Pediam-me conselhos nas suas difficuldades e nos seus negocios. Conhecendo-me justo, elles, que em principio de mim desconfiavam, entregavam-me as suas demandas, para eu as advogar perante os potentados.

E, pelo modo franco e leal como sempre procedi, obtive d'elles se reparassem prejuizos e damnos, feitos a negociadores e comitivas estranhas que recorriam á protecção da nossa bandeira, e para alguns consegui reparação completa; o que para

CAMBONZO (GATO BRAVO)

elles é extraordinario, pois o ladrão ou quem o protege usa da seguinte imagem : *ŭauha ku mutod̃o kikŭanenepe kad̃i,* cuja traducção literal é: «o que cáe da arvore não se junta já» (roubo feito não se entrega completo).

Isto que passa para elles como aphorismo, é um pretexto como as mentiras, de que sabem tirar proveito.

E visto que fallei em mentiras, sou franco em declarar já, que considero entre elles o vocabulo mentira, assim como o de escravidão, em accepções mui diversas d'aquellas que nós lhe damos. Tanto num como noutro, não ha associada a repugnancia que nos inspiram taes vocabulos. Num e noutro não

ha idea do mal e sim uma satisfação de imperiosa necessidade, não lhes vindo á mente o prejuizo de segundos. Usando-os, só se lembram de si, e nisto mesmo ha mais innocencia que egoismo. Teremos occasião de o exemplificar.

Numa doença grave em que perdi de todo a consciencia, e quando já não tinha os mais insignificantes recursos para a compra de alimentos, e apenas na localidade existia só mandioca, milho e tomates, fui tratado por elles com o mais vivo interesse, e com o mais notavel carinho.

Procuravam passarinhos ou peixe miudo para me alimentarem, e a agua em que estes eram fervidos, sem sal ou outro qualquer tempero, obrigavam-me a bebê-la. E tantos desvelos tiveram, e a taes banhos me sujeitaram, e tantas adorações fizeram aos seus idolos, que, segundo elles, voltei a mim passados uns oito dias, e vi-me então rodeado, não de selvagens, mas de amigos dedicados que manifestavam a sua alegria e se sentiam verdadeiramente felizes por me verem salvo.

Os povos da Lunda, como os outros povos indigenas, teem os seus habitos já adquiridos, os seus laços sociaes, a sua familia, as suas paixões e os seus amores, e as suas necessidades, subordinadas ao meio em que se encontram e onde nasceram, se educaram ou se acclimataram; e nós, sem os comprehendermos, sem os estudarmos, ao menos para lhes fazermos justiça, penetrâmos nas localidades onde elles habitam e queremos logo ser comprehendidos, imitados e servidos, como se fosse facil a imposição de outros costumes e de outra religião, na vida mais íntima de um povo, sendo isso aliás essencial para a conquista das terras da Africa e para a civilisação dos povos que a habitam e que são os auxiliares mais indispensaveis para essa conquista!

Olvidâmos o meio em que nos encontrâmos, esquecemos tudo e tendo-nos a nós sós como modelo, julgâmos ter transportado para lá a Europa civilisada, com todas as suas commodidades, com as suas ultimas leis que levaram seculos a alcançar; e as realidades que vemos levamos á conta de selvageria, para com desprezo tratarmos o negro e chegarmos á

triste e erronea conclusão, que queremos faça echo no mundo civilisado — de que os povos da Africa são brutos e como taes só a tiro se podem submetter aos nossos usos e costumes; ou então, que d'elles nada se pode fazer, por serem rebeldes ao ensino.

O negociante, tendo apenas em vista o seu commercio, penetra no centro do continente, com a mira no maximo lucro, e por todos os meios que lhe lembra procura have-lo; esquece que está ensinando ao indigena o partido que elle pode tirar dos mesmos meios.

Enfastia-o a demora nas transacções, porque este não quer sujeitar-se ao preço que lhe offerece, e esquece que a sua insistencia é causa d'essa demora.

Entende que pode passar livremente com o seu commercio e negociá-lo onde queira; e levanta conflictos quando se lhe exige um tributo pelas vantagens que foi procurar á localidades em que negoceia.

Neste caso já não quer o mundo civilisado onde está, quer a Africa ignorante como seu patrimonio.

Procura emfim explorar e não quer ser explorado!

Por muito que o negociante de lá traga, nunca está satisfeito; e as suas impressões com respeito aos povos, que só tempo teve de estudar segundo o espirito do commercio, são desagradaveis.

O viajante explorador, sacrificando-se no intento de abrir caminhos de costa a costa e de os assignalar devidamente á face da sciencia, occupando-se do que lhe é correlativo, não tem tempo nem lhe permitte o clima descer ás especialidades das regiões que atravessa, e apenas aprecia os povos pelo que observa na sua rapida passagem; e na verdade, nesse momento, o que se lhe apresenta são os males e os vicios de um principio de civilisação já mal encaminhada.

São, pois, as explorações regionaes que mais importa fazer, ellas nos darão a conhecer os indigenas, com todos os seus costumes maus e bons, e nos indicarão a melhor orientação a dar-lhes.

Suggeriram-se-me estas considerações quando me achei convalescente d'essa grave doença a que já me referi, convalescença que passei entre almofadas, sobre uma cadeira, sem me poder mover, inchado e tolhido de dores; e resolvi-me então a colher todos os elementos que me habilitassem a fazer um estudo ethnographico e historico de todos os povos com quem me encontrava, e que se apresentam num estado tão primitivo.

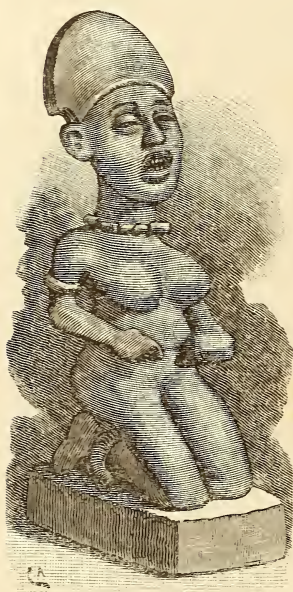
Não havendo elementos para estudos sobre os tempos anteriores, tive de restringir as minhas investigações ethnographicas, bem como as historicas e politicas, aos unicos dois factores de que podia dispor — linguistica e tradição — soccorrendo-me dos artefactos de madeira e de ceramica, do vestuario e dos ornatos; e assim consegui esboçar a traços largos o viver dos povos da Lunda, sendo esta por ventura a primeira tentativa que se faz neste sentido.

Creio que este estudo, comparado com investigações analogas ao norte e sul, nos indicará a proveniencia d'estes povos e talvez ahi encontraremos indicios de terem elles passado por uma idade anterior á de ferro, e que depois d'ella tivessem logar as immigrações para esta região central-occidental ao sul do equador.

Se as tradições, como as linguas, onde a escripta se desconhece, não são elementos rigorosos para servirem de base a um estudo tão importante como é o da ethnographia, é certo que elles elucidam muito, e comparados com os que se podem obter dos outros ramos da sciencia, concorrem não só para este, como para o estudo da anthropologia.

E em toda a Africa Central, ninguem melhor que nós, os Portuguezes, espalhados em suas diversas regiões, os poderemos fazer.

Quando a agricultura revolver as terras, e as construcções de caminhos de ferro exigirem o derrubar das florestas e as grandes escavações, quando a exploração mineira e a lavra dos materiaes uteis forem emprehendidos em certa escala, quantos problemas, até hoje obscuros para a sciencia, não serão esclarecidos?

Se as estações civilisadoras, taes como foram delineadas, se estabelecessem pelo interior d'esta região, quantas noticias importantes de phenomenos accidentaes não encontrariamos registadas que, se não passam despercebidos para o indigena, d'elles se esquecem, ficando ignorados no mundo civilisado!

MUQUIJE (IDOLO)

Em 30 de novembro de 1885, depois da meia noite, e estando já deitado na minha residencia (estação Luciano Cordeiro), no Cangula, senti tremer bastante a minha cama e notei esse facto na minha carteira particular; não quiz leval-o ao diario, receando ser illusão minha, porque até ali nunca ouvira fallar em tremores de terra nesta parte do continente. Hoje, porém, fallo d'elle com consciencia, porque em 18 de março de 1886 escrevia eu no meu diario, acampado então na colonia D. Carlos Fernando, no Luambata:

«Em julho de 1880 sentiu-se um tremor de terra no sitio de Mona Congolo, no Quicapa, que tambem se sentiu no Muquengue (Lubuco), onde estava então o meu interprete, que tambem diz have-lo sentido Silva Porto no Quiluata do Mai Munene. O primo do interprete, Agostinho Bezerra, estava então em Quimbundo e tambem o sentiu. Este tremor teve logar de noite e na direcção do Quicapa, pois não fôra sentido no Cangula, onde estavam a esse tempo uns parentes d'aquelles que a Quimbundo foram encontrá-lo dias depois.

«D'este tremor tiveram tambem conhecimento Saturnino Machado, em Quimbundo, e um empregado de Domingos de Assumpção Quitúbia, de Pungo Andongo.

«Diz Bezerra: que fugira da cubata onde estava, mas, sentindo fora que a terra tremia, voltou para ella; que na ma-

drugada seguinte viu algumas cubatas derrubadas e todas mais ou menos estavam inclinadas e que a terra tinha grandes aberturas.

«Rocha conta que nesse anno aqui não se dera por isso, porém que seis ou sete annos antes, vivendo ainda o Muatiânvua Muteba, se sentira aqui no Luambata um tremor muito grande; a quiota do Muatiânvua, o grande telheiro das recepções, fôra abaixo; que cairam muitas arvores; morreram muitos passaros; os peixes saltaram para fóra dos rios; o terreno abriu, e em alguns pontos ficaram covas e cairam muitas casas.

«Alguns velhos lundas presentes attribuem estes tremores a feiticeria e dão-lhe o nome de *muxindo (muxiđo)*, os de Lubuco e Quiocos chamam-lhe *dinhica (diñika)*, dizendo o Muquengue que é obra sua e por isso elle toma tal titulo, e é certo que *cunhica (kuñika)* é o verbo «abalar, tremer».

«Tambem em Quimbundo lhe chamam *dinhica (diñika)*.

«Todos elles estão de accordo que o estremecimento teve logar de cima para baixo, querem dizer, de sul para o norte.

«O dr. Büchner, em julho de 1880, já estava em Malanje, e por isso certamente não teve conhecimento do que se deu ao longo do Quicapa.»

Assim como estes, quantos outros accidentes naturaes serão observados pelos indigenas e de que nós não temos noticia cabal, como por exemplo o estranho pôr de sol nos mezes de julho e agosto, e a sua intensidade ao declinar, nestes mezes, depois das tres horas; as chuvas chamadas de algodão e as dos grandes prismas de agua congelada nos mezes de setembro a novembro; as repetidas apparições de innumerosas estrellas cadentes em zonas inferiores ás fixas, nos mezes de novembro a dezembro, etc., o que tudo observei.

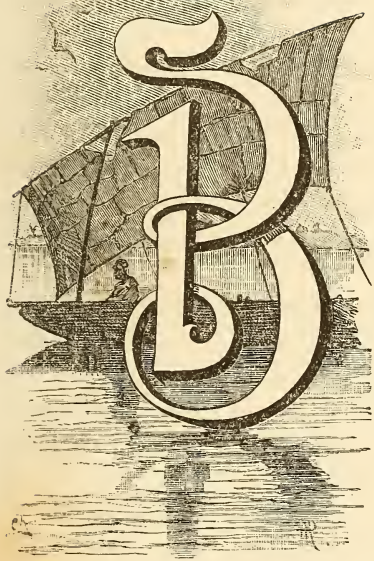
De facto, a sciencia, em todos os seus ramos, muito tem a estudar ainda no grande continente. Convicto de que todos que levarem uma pedra para o bello edificio da exploração africana auxiliam a sua construcção, procuro enfileirar-me no logar mais humilde entre os seus operarios, colligindo e ordenando todo o meu material o melhor que posso para dar d'elle

conhecimento, principalmente no que respeita á historia das tribus que encontrei estabelecidas na região vastissima que procurei conhecer, e das que d'aqui se hão espalhado até á costa occidental, fazendo ao mesmo tempo a descripção das localidades que constituem os seus territorios, cuja reunião forma o vasto estado do Muatiânvua.

ANDANDA (FLOR DO ALGODOEIRO)

CAPITULO I

ORIGEM DOS POVOS DA LUNDA

A raça negra — Emigrações de tribus para a vertente sul do Zaire — Os Bungos — Lenda de Ilunga e de Luéji — Constituição do estado do Muatiânvua — Expatriação de uma fracção de Bungos capitaneados por Quingúri; sua entrada no territorio de Angola e estabelecimento em terras de Ambaca — Descendencia dos Jagas — Partida dos Quiôcos para as nascentes do Luango — Fundação dos estados de Capenda, de Quiôcos, de Muene Puto Cassongo, de Muata Cumbana, dos Nungos, de Caungula e outros — O Lubuco — Viagem do Quiôco Quilunga á procura de marfim — Relações com o Muquengue — Partida d'este para o Quimbundo; suas relações com os Portuguezes — O potentado Cambongo — Conclusões.

em conhecidos são os problemas, que se estão propondo no mundo scientifico, a respeito da ethnographia africana, ainda tão obscura, e não venho eu, por certo, pronunciar-me sobre as probabilidades do triumpho de uma ou outra hypothese, porque esses problemas naturalmente se prendem com o estudo das raças em geral.

O que desejo muito especialmente é expor todos os factos, a meu ver interessantes, que observei e todos os apontamentos historicos e ethnographicos que me foi possivel colher durante o tempo da commissão especial de que fui encarregado, entre os povos com quem tive de manter estreitas relações, para o seu cabal desempenho.

D'este modo poderei concorrer com alguns elementos para augmentar o material já existente concernente á ethnographia africana, aproveitando o ensejo para mostrar quanto são deficientes os trabalhos que neste sentido se teem feito.

Julgo mesmo que faltam as principaes investigações para se obter um resultado pratico e para onde possam convergir as attenções dos homens mais competentes e de espirito synthetico, e sómente, preenchendo essas lacunas, se chegará um dia a pôr termo ás profundas dissidencias que se levantam, quando se procura determinar a origem dos povos africanos.

Dizem, por exemplo, alguns ethnologos que toda a Africa está povoada por tres raças diversas, correspondendo a regiões bem distinctas lançadas de norte a sul, desde as terras sahareanas até ás calaharianas, subordinadas de um e outro lado ás influencias tropicaes, sem as quaes não pode existir uma tribu negra em toda a sua pureza.

Na parte septentrional da Africa fica uma região importante, já do dominio da historia e fazendo parte da bacia mediterranea, em que se tem elaborado grandes civilisações e no extremo sul adelgaçam-se e projectam-se as terras, penetrando em dois oceanos e obtendo assim influencias pelasgicas que lhes dão condições de clima muito diversas das de todas as outras regiões.

Os que proclamam a existencia de tres raças distinctas não offerecem factos que se imponham como verdades absolutamente acceitaveis.

E de feito, as differenças mesologicas que se observam naquelle vastissimo continente poderão explicar satisfactoriamente a existencia de tres raças?

Os que acceitam tal doutrina são os primeiros a reconhecer que, em geral, as investigações feitas são deficientes, e que todos os estudos anthropologicos por climas estão por fazer.

Em opposição a esta formulam-se outras doutrinas, que se advogam com verdadeiro calor e enthusiasmo, mas a que falta tambem o devido rigor embora tenham por seu lado largas tradições.

Ensinam estas que a raça, que povôa os territorios africanos, é uma unica, embora se modifique aqui e além, segundo o regimen orohydrographico e as condições especiaes dos climas e das localidades.

Uma e outra doutrina são baseadas no mesmo material fornecido pelos viajantes e exploradores que mais se teem internado no amago do continente, e que se teem achado em intimas relações com as tribus mais puras, mais isoladas ou mais genuinamente africanas.

Muitos d'estes obreiros do progresso, porém, não puderam entregar-se ao exame especial dos dialectos, que deve ser um dos principaes elementos de estudo em questões ethnographicas, nem lhes foi possivel occuparem-se da anthropologia nem ainda da geologia; e assim o estudo da raça negra tem tido pouco adeantamento, por carencia de factos fundamentaes.

Dizer, por exemplo, que os terrenos da Africa, primeiramente exundados, foram habitados por uma raça aborigene, autochthona, que ahi viveu por largos annos, é fazer uma asserção ousada, para que se não alcançaram ainda provas cabaes, embora se apresentem factos dignos de attento exame.

Os sectarios d'esta doutrina suppõem que essa raça aborigene se fragmentou, por motivo sem duvida de uma larga invasão de negros, cuja origem ainda não puderam determinar, e mostram como exemplares d'esses fragmentos as tribus dos *Boximanes*, *Mussequeres* ou habitantes dos bosques e de outros povos que largamente se differençam entre si e habitam a zona mais apropriada á raça negra.

Todas estas doutrinas, mais ou menos brilhantemente sustentadas, quando se trata da distribuição geographica dos povos da raça negra, encontram grandes entraves, as maiores difficuldades, porque, de tropico a tropico, esses povos occupam as mais variadas regiões.

Na Africa vivem entre outras raças, tanto a norte até ao Sahará, como no centro de uma a outra costa, e ao sul até á Cafraria e Hottentotia.

Na Asia habitam o Deccão e differentes ilhas.

Na Oceania estendem-se pelas principaes regiões insulares, sempre intertropicaes.

E como se explica então a existencia da raça negra em tão variadas localidades?

Procuram alguns ethnologos explicar este facto pelo desapparecimento de um antigo continente, que ligava todas as terras orientaes, e lembram como contraprova que essa raça falta inteiramente nas terras occidentaes hoje exundadas.

São graves as duvidas que se apresentam sob o ponto de vista da geologia e da geographia physica, mas não menos dignas de attento exame são as duvidas que nascem do estado da raça negra pelo que respeita a si mesma e em relação ás que parallelamente com ella occupam hoje a superficie da terra.

Não tento, nem posso mesmo, entrar num trabalho geral de ethnographia[1] e muito menos tenho a pretensão de me occupar do estudo de toda a raça negra, quer tenha o seu *habitat* nos territorios da Africa, quer nos da Asia ou Oceania.

Não tratarei tambem dos povos que se teem desenvolvido ao longo do rio Zambeze, do Cunene, nem de outros que lhes ficam mais ao sul; nem tão pouco dos que vivem nas regiões mais a norte além dos limites que me são necessarios para termos ou elementos de comparação.

Concentram-se, pois, os meus estudos na vastissima região situada na vertente sul do Zaire, baixa, de natureza lacustre e largamente drenada por variadissimas correntes de aguas mais ou menos caudalosas, e cheias de rapidos.

---

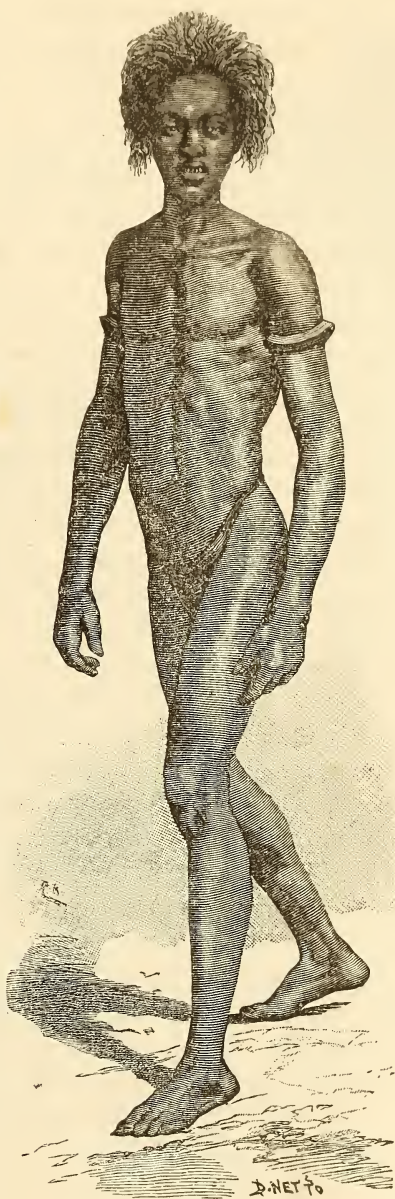
[1] Como é sabido, são duas as theorias fundamentaes sobre as raças —a dos monogenistas e a dos polygenistas—; e, tanto para uma como para outra theoria, se invocam argumentos dos mesmos ramos da sciencia.

Porém nenhum d'esses ramos chegou ainda a um grau de desenvolvimento tão perfeito, que permitta o reconhecimento da verdade sem se levantarem duvidas e contestações, dando sempre origem a novas e multiplicadas theorias, que mais provam muitas vezes o talento de seus auctores que a verdade dos factos que apresentam.

A respeito da Africa Central pode mesmo dizer-se, que todos os estudos geologicos, geographicos e ethnographicos não passam de tentativas, mais ou menos brilhantemente realizadas, mas sem homogeneidade nos processos de investigação, o que difficulta todos os trabalhos de comparação, como por mais de uma vez serei forçado a pôr em relevo.

Toda esta região é occupada por differentes tribus, e, segundo os dados que obtive e hei de ir apresentando, confirmam estes a tradição de terem vindo ellas do nordeste, fugindo provavelmente ás perseguições de povos mais aguerridos. Estas tribus disseminaram-se marginando os lagos mais occidentaes e descaindo d'ahi para oeste reuniram-se ás que foram para sudoeste, e com ellas seguiram, pelas beiras dos rios até ás nascentes. Fugiam por certo a essas invasões que chegaram até ás alturas das origens do Nilo, entre o grande Sahará e este rio tão afamado.

Deixaram aos seus perseguidores as terras que occupavam, e vieram procurar as linhas de agua que lhes ficavam mais proximas e a região lacustre que se estende ao oriente d'essa vasta rede fluvial, que forma o celebre rio Cassai ou Cassabe dos nossos antigos exploradores.

Fixaram-se, a principio, junto ao curso inferior dos rios que lhes ficavam mais proximos, assentando as suas residencias em varios logares.

DINKA (*Apud* Schweinfurth)

E é por isso que a tradição nos diz se destacaram mais para o oeste e sudoeste algumas tribus ou parte d'ellas—umas fugindo ao despotismo dos governantes, outras em busca de melhores localidades e ainda outras por causa de dissidencias entre vizinhos e mesmo na propria tribu.

Parece que em algumas d'estas tribus se conserva ainda vaga recordação da região dos lagos, pelo menos naquellas de que mais especialmente me occupo.

Devo mesmo observar que a palavra *Calunga,* de que os povos d'esta região usam, é antiga e se referia verosimilmente aos grandes lagos e não aos grandes mares, que nunca viram.

No vocabulario indigena só se encontram os nomes de animaes e objectos que lhes são ou foram conhecidos, e por isso é natural que se dê a denominação de *Calunga* ás porções de agua que separam uma terra de outra e de uma extensão muito superior á largura dos seus rios, em cujos valles habitam.

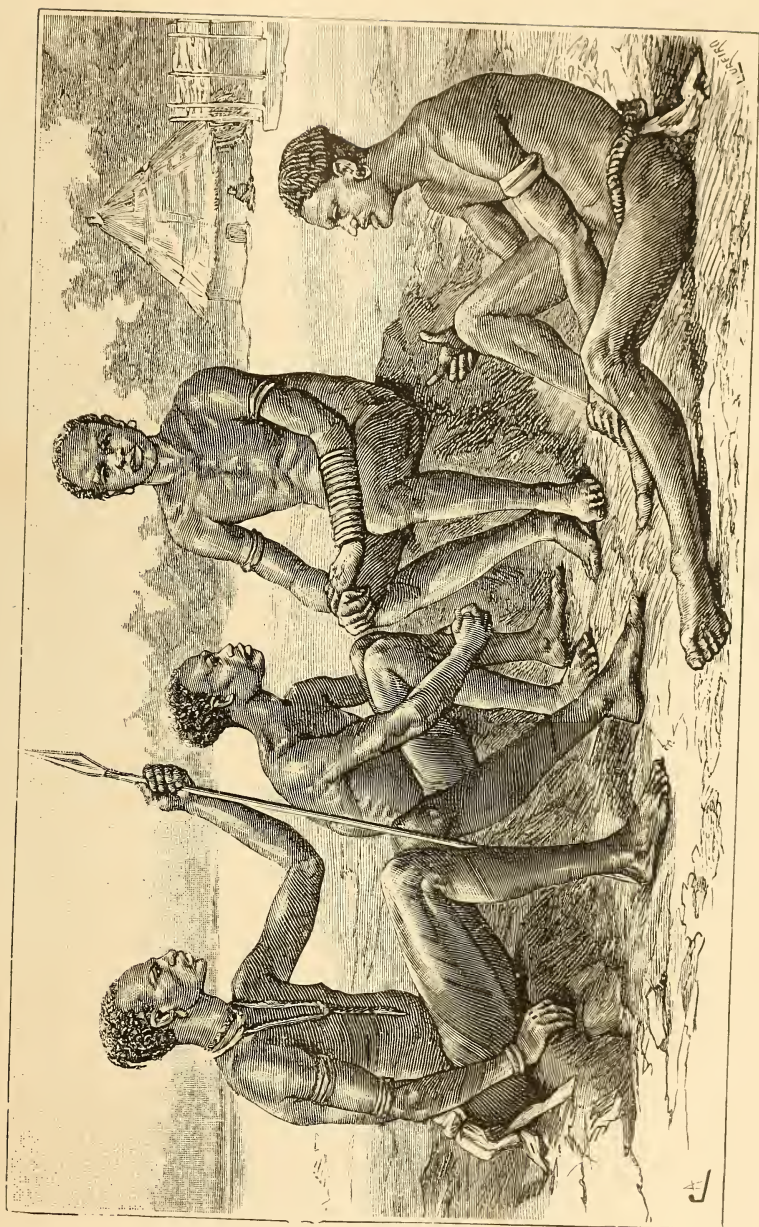
É certo, além d'isso, que quando se pergunta aos povos do Cassai para leste, onde fica o *Calunga* apontam sempre para o nordeste. E é persistente tambem a idea de que os primeiros habitantes d'ahi vieram e se fixaram aqui na região media dos rios entre o Cassai e o Lualaba.

Eis a tradição: Uma tribu de caçadores afastando-se dos grandes lagos a norte entranhou-se nos matos e passou o Zaire, acampando proximo do seu grande affluente (Lumámi?) e numa floresta entre estes, onde viram indicios de caça em abundancia.

Exploraram o terreno em redor e encontraram aqui e acolá pequenos povoados.

Calundo, chefe d'esta tribu e que abandonára os seus por ter sido posposto na successão do estado que entendia pertencer-lhe, de accordo com os seus partidarios constituiu um novo estado que se denominou *Luba.*

Terá esta tribu alguma relação com os Lubas, povos vizinhos dos Mubutos, Mubucres e Bongos de que falla Schweinfurth?

Outros povos vindos do norte juntaram-se a estes, engrandecendo o novo estado, e outros estados tambem se formaram

GRUPO DE DIUROS (*Apud* Schweinfurth)

no paiz de entre os lagos e affluentes do Zaire mais para o sul, não devendo esquecer o dos Bungos, entre o Rubiláxi e Ruíza[1]. E estes parece terem chegado mais cedo aqui que os do estado de Luba, porque foram encontrados mais tarde pelos d'este ultimo na localidade em que se conservam, num grau de desenvolvimento relativamente atrasado.

Os Bungos, apesar de já conhecerem o ferro, faziam uso da funda, emquanto os Lubas, empregavam o arco e frecha, o que denota, por certo, maior adeantamento.

O estado da Luba teve sorte igual á dos do norte, foi retalhado por differentes invasores, e o seu ultimo potentado Mutombo Muculo (*mutobo mukulo* «arvore velha»), reconhecendo a sua decadencia, aconselhou os filhos Cassongo, Canhíuca, Ilunga e Maí, a que fossem procurar novas terras e melhor fortuna mais para cima, acompanhando os rios, e ahi constituissem novos estados, protegendo-se mutuamente, pois d'elle e da terra já nada tinham a esperar, e que a sua avançada idade não lhe permittindo já ausentar-se do logar, ali morreria.

Foi esta a causa que determinou pouco tempo depois a formação dos estados de Cassongo e Canhíuca, ficando o Ruaraba[1] de permeio, o que mostra que o primeiro se inclinou para a região lacustre, emquanto que o ultimo não passou da de entre-rios.

Ilunga e Maí continuaram acompanhando o velho Mutombo, servindo o primeiro no logar do irmão mais velho Cassongo, como immediato do potentado ou seu Suana Mulopo.

Os Bungos, porém, viviam agrupados em differentes povoações, governando-se independentemente cada uma com o seu chefe, intitulado «senhor de estado», que tinha por distinctivo o *lucano* (bracelete feito de veias humanas)[2].

---

[1] O *r* pronuncia-se muito brando e parece ouvir-se *l*.

[2] É o bracelete primitivo. Presentemente faz-se de nervos de bufalo, cabra ou de outros animaes, não obstante ainda dizerem que é de veias humanas. É insignia especial d'estes povos, e distingue o senhor do escravo.

Os chefes d'estas povoações eram parentes e todos ouviam e respeitavam o mais velho, Iala Mácu (*ïala maku* «mãe das pedras»), cognome que lhe deram por ter sido um bom atirador de pedras[1].

Os Bungos eram mais pescadores que caçadores, mas tanto para a pesca como para a caça serviam-se de armadilhas, ainda hoje muito usadas, e que fazem ainda sem auxilio de utensilios de ferro.

Os Bungos de além do Mulungo, affluente do Cajidíxi, ainda hoje fabricam o ferro e mesmo o cobre, mui rudimentarmente; porém, tanto esses como todos elles em geral não nos apresentaram indicios de terem sido pastores, o que faz suppor que foi a abundancia da caça que os desviou d'esses trabalhos.

A séde principal d'estes povos, ou melhor a residencia do Iala, ainda hoje, é considerada a do Calânhi entre os rios Calânhi e Cajidíxi.

Iala, de sua primeira mulher Cônti, ou Côndi contava dois filhos, Quingúri e Iala e uma filha Luéji, que tomaram para appellido o nome da mãe.

Os filhos já adultos tornaram-se ociosos e entregaram-se ao uso immoderado das bebidas fermentadas, causando depois desordens e perturbações no estado. Abusavam da sua posição, vexando, espoliando os povos, motivo por que seu pae, achando-se bastante adeantado em annos e enfraquecido, procurava fazer que lhe succedesse um sobrinho que elle muito estimava e que era pelos anciãos considerado capaz para a governação dos povos.

---

[1] A transposição d'estes vocabulos (*maku ïala*) e sua reducção, transformaram-no em *macala* (*makala*), e como *xa* é titulo de respeito para com os velhos, muitos passaram a intitular aquelle chefe *Xa Macala* (*xa makala*), que com o tempo se reduziu ainda a *Xacala* (*xa kala*) e hoje ainda se ouve para mais distincção *Xacala Macala*, titulo que se dá a quem representa na ausencia o potentado, o que faz as vezes do Iala Mácu, que eu interpreto «regente» e não «pae», como os Quimbares teem traduzido.

Isto constou aos filhos, e numa occasião em que o velho se entretinha, como de costume [1], a fabricar uma esteira de *jinzumbi* (*jižubi* «a angôa» dos Ambaquistas) no seu pateo reservado, entraram elles muito embriagados naquelle recinto, e seguiram direitos ao pae, que sem olhar para elles continuou com a sua tarefa.

Ao lado de si tinha o velho uma bacia de madeira com agua já de côr leitosa, devido isso ás fibras da angôa que entrelaçava e que tinham estado ahi de môlho para se amoldarem e sujeitarem com mais facilidade ás exigencias da obra. Os filhos perturbados pelo *malufo* («vinho de palma») tomando aquella agua por esta bebida, começaram a insultar o velho, dizendo que os roubava estragando malufo, emquanto elles o andavam mendigando de cubata em cubata, porque tinham fome [2].

O pae surprehendido por tal atrevimento e desatino, limitou-se a levantar os olhos para o mais velho e encolher os hombros. Este [3] então, sem mais demora, levanta o *musúnhi* (*musuñi* «especie de cacheira») que trazia, e jogou-lhe uma pancada á cabeça que o prostrou logo sem lhe dar tempo a gritar por soccorro.

Os filhos continuaram a insultá-lo e a moê-lo de pancadas, com receio de que pudesse gritar, dizendo-lhe que elle já comêra bastante ao estado e devia deixar logar para outro, e

---

[1] Presentemente o Muatiânvua, e em geral qualquer Muata, mesmo em audiencias ordinarias, entretem-se em fazer alguns trabalhos de mãos, como esteiras, cestas, chapeus, e tambem obras de missangas, como *miluína, muquíxi,* faxas, etc.

[2] Considera-se o malufo, como um recurso alimentar, dizendo-me alguns indigenas, que por muitos dias o bebem á falta de todos os alimentos. Até entre os da nossa comitiva de carregadores, registei esse facto. E será com effeito o malufo uma bebida confortante?

[3] Com respeito a Quingúri, ainda hoje se diz no Cuango: — que era tão barbaro, que se sentava nas costas de um escravo, apoiando-se na sua lança cuja ponta espetava no peito de um outro (homem ou mulher) que lhe ficasse mais proximo.

foi só quando o suppuzeram sem falla e o viram banhado em sangue que o deixaram para ali abandonado.

Sua irmã Luéji, recolhendo já tarde do serviço das lavras com as suas servas, como de costume, procurava o pae para o saudar, e não o vendo recolhido, seguiu para onde ouvia uns gemidos e ficou surprehendida com o triste quadro que viu deante de si.

Calculando logo o que se teria passado e para evitar grandes conflictos, teve a prudencia necessaria para se conter, e auxiliada por algumas das servas tratou immediatamente de limpar o velho, pensar-lhe as feridas, recolhê-lo á cubata e deitá-lo sobre esteiras, emquanto outras servas, por seu mandado, iam chamar os parentes mais velhos e vizinhos, mas sem alarido, o que ella muito recommendou.

Pouco a pouco conseguiu saber do pae como os factos se passaram, e d'elles foi dando noticia aos parentes que vinham ao seu chamamento.

Inteirados todos do acontecido annuiram ao pedido de Luéji de não abandonarem o velho durante a noite, pois ella receava que os irmãos voltassem a torturá-lo e a pôr-lhe termo á existencia.

Os parentes mais velhos entenderam cada um por sua parte mandar participação do occorrido a todos os muatas proximos, e antes da madrugada já os principaes estavam ao lado de Iala moribundo.

Este reconhecendo o seu perigoso estado faz approximar todos para lhe communicar as suas ultimas vontades.

Não reconhecendo em seus filhos a precisa capacidade para a governança do estado, por isso pensava, havia muito, em quem lhe devia succeder; mas depois do que se passára pedia a todos os seus amigos e parentes que se juntassem e reconhecessem sua filha como unica herdeira e senhora das terras[1]

---

[1] Assim explicam o titulo de *Suana Murunda* ou *Mulunda* (*sŭana murudã*), que ainda hoje existe, de nomeação do Muatiânvua, represen-

que por amizade dos muatas se congregassem a formar um novo estado, e a ella entregou o seu lucano para o collocar no braço do homem que o seu coração escolhesse para pae de seus filhos, que eram do seu sangue e deviam succeder-lhe.

Iala ainda achava sua filha muito nova, e por isso pediu aos muatas que fossem seus conselheiros e nada deliberassem sem todos manifestarem o seu voto, e que por forma alguma attendessem aos seus malvados filhos e procurassem destruir todas as machinações que elles tentassem para tomar posse do estado.

Morreu o velho, o *Xacala,* como os povos o denominavam, e os muatas dos diversos estados agora unidos, tendo em muita consideração as suas ultimas vontades e receando dos maus instinctos dos filhos, deliberaram que em redor da *anganda* [2]

---

tando a pessoa de Luéji-luá-Cônti, a herdeira da terra que se chamou Lunda ou Runda, nome que tomou da amizade (*rud̃a*) que reinava entre os chefes dos estados bungos, e que se juntaram a formar o novo estado, o qual então na sua parte mais populosa não ia muito além dos 8º e 9º de lat. S. do Equador e entre os 23º e 24º de long. E. de Greenwich.

Deve notar-se que nesta região os nomes dos rios principaes teem por prefixo *lu* ou *ru* e os seus affluentes (filhos, como elles dizem) um outro antes, *ca* (*ka;* de *kakiepe* «pequeno»); e estes prefixos terminam para leste da região dos lagos e vão desapparecendo á medida que nos approximâmos da costa occidental.

O *mu* é prefixo de gente, de nomes com determinada classificação e de titulos, e tem por plural *a;* porém nos limites a norte e sul da região que tratâmos diz-se *ba.*

[2] *Anganda* (*g̃ad̃a*) que uns interpretaram «paiz», outros «capital», e mais ou menos todos «terra de ...», em toda esta região é o logar onde habita o potentado.

As moradias que o cercam, resguardadas por uma grande cêrca, constituem a *quipanga* (*kipag̃a*). Este vocabulo tambem serve para denominar a cêrca, a qual, por fechar um espaço rectangular, foi motivo para qualquer figura em quadro ser tambem denominada *quipanga,* destacando-se da figura em arco ou curva, que toma a denominação de *muconde* (*mukod̃e*) «redonda».

É certo, porém, que se ouve indistinctamente dizer: vou á quipanga, vou á anganda de F...

de Luéji todos elles, como fazendo parte da côrte, tivessem os seus representantes com familias, *tuxalapóli* e *tumbaje* [1], e que Luéji nomeasse, de entre elles muatas, quem fizesse as vezes de Xacala e ainda outras auctoridades que vigiassem pela sua segurança.

As quipangas são feitas sempre ficando a linha do seu maior comprimento na direcção E.-W., sendo a frente para leste.

As povoações que ficam á frente constituem o que se chama *méssu* (*mësu* «olhos») da quipanga, e as que ficam atrás *mazembe* (*mazẽbe* «cauda»). As dos lados são denominadas *macalas* (*makala*), destacando-se na actualidade as da direita das da esquerda.

Tanto o méssu como o mazembe são logares considerados de grande importancia, e por isso foram logo (e ainda hoje o são) confiados a muatas dispondo de grandes forças e da confiança do potentado, então da de Luéji, e o que foi nomeado para o méssu recebeu o titudo de *Calala* [2] e o que foi para o mazembe o titulo de *Canapumba* [3].

Mais deliberou o conselho dos muatas que os seus representantes na côrte tomariam os seus titulos e nomes, e com

---

[1] *Tuxalapóli* é o plural de *caxalapóli* (*kaxalapoli*), vocabulo composto de tres: *ca* + *xala* + *póli*. O *ca* é diminuitivo, abreviatura de *caqui* (*kaki*) «rapaz»; *xala* é a radical do verbo *cuxala* (*kuxala*) «ficar» e *póli* «fora, adeante». — «O rapaz que fica de fora; vigilante; policia».

Tumbaje (*tũbaje*) plural de *cambaje* (*kãbaje*), tambem é um vocabulo composto: *ca* (*ka*) «rapaz», *ambaje* (*ãbaje*) «animo, coragem». São os que sentenceiam, e os executores da sentença. Alguns por isto interpretam «algozes, carrascos», o que não exprime muito o verdadeiro sentido.

[2] *Calala* (*kalala*) é tambem um vocabulo composto, sendo agora *ca* a negação porque se trata de um verbo (*kulala* «dormir»), —«o que não dorme; auctoridade que vela no méssu». É aquelle a quem incumbe afastar o inimigo da frente do potentado, e d'ahi a interpretação de «capitão das forças».

[3] *Canapumba* (*kanapũba*) — vocabulo composto de *cana* (*kana*), radical do verbo «despachar», e *pumba* (*pũba*) «traidor» — «O que despacha os traidores; o que defende o potentado dos inimigos que o pretendem atacar pelas costas».

esses repartiria sua ama os presentes que elles fossem enviando de suas terras.

A quipanga agora augmentada com as povoações da côrte, passou a denominar-se *mussumba* (*musuba*), que se pode traduzir bem por «capital do estado», não obstante qualquer acampamento provisorio do Muatiânvua e sua comitiva em marcha ser actualmente tambem assim chamado.

Luéji, a Suana Murunda, satisfeita com a tutela no governo do estado, augmentado pelos do seu conselho, entretinha-se com as suas *amilombes*[1] no serviço das lavras, e apenas comparecia ás audiencias da manhã para a resolução das demandas do povo e negocios do estado, em que confirmava o voto da maioria.

FILHA DO REI ANTEZÉ
(*Apud* Coronel Chaillé-Long)

Decorria assim o tempo, mostrando Luéji capacidade para a governação e creando affeição nos povos, e por isso os velhos muatas (quilolos do estado), a quem o pae a confiára, instavam com ella para que escolhesse um homem entre os seus parentes para esposo, pois era necessario tratar da successão.

Não encontrava ella, porém, entre os seus quem lhe agradasse, e por isso ia adiando essa escolha.

No emtanto, Ilunga, filho de Mutombo, potentado da Luba, logo que este morreu e depois de ter procedido ás ceremonias do seu obito, como era um grande caçador, reuniu todos os seus amigos e dispoz-se a explorar as florestas ao sul, e devi-

[1] *Amilombes* (*amilobe*) «raparigas ao serviço particular das mulheres dos potentados».

damente preparados vieram marginando o Cajidíxi, não esquecendo Ilunga de trazer a sua *chimbúia*[1], symbolo da auctoridade que ficava ao *mulopo*[2] de seu pae.

Uma tarde, quando o sol ia inclinando quasi a desapparecer no horizonte, as raparigas da Luéji que se estavam banhando no Cajidíxi, vendo chegar ao porto da margem direita um grupo de caçadores estranhos, rapazes ousados e bem armados com suas frechas e facas, saem da agua e procuram occultar-se de modo a vê-los sem serem vistas.

Vinha á frente d'esse grupo o *chibinda* (*čibid̃a* «caçador») Ilunga, que, vendo-as fugir precipitadamente, dirigiu-lhes a palavra, e uma d'ellas, a mais afoita, perguntou-lhe quem eram e o que queriam.

Ilunga respondeu: — *čibid̃a muropo mutob̃o, ni tupokolo*[3],

---

[1] Machadinha de luxo, que se descreve no capitulo respectivo.

[2] *Mulopo, muropo, mulúpue* (*mulupŭè*), *murúpue* (*murupŭè*), segundo os dialectos, não é denominação de um povo, mas um titulo do immediato a um potentado, ou ao senhor de uma familia. Esta denominação trouxeram os filhos de Mutombo da Luba para os estados que constituiram. Entre os Lundas adoptou-se depois da vinda de Ilunga e por isso se chama *Suana Mulopo* ao que segue na successão, devendo por isso interpretar-se «herdeiro immediato». Alguns interpretam por «principe herdeiro», o que não me parece bem porque entre familias particulares tambem existe esta entidade, os irmãos mais novos são *mulopos* dos mais velhos na devida ordem.

É d'aqui certamente que provém o uso dos nossos antigos exploradores e viajantes chamaram ao estado do Muatiânvua, dos Murúpues ou Muropos; e mesmo chegaram a confundir Muatiânvua com Murópue. O Suana Mulopo é de facto filho de Muatiânvua, herdeiro do que está no estado; mas quando d'elle toma posse deixa de ser Suana Mulopo para ser Muatiânvua. Como immediato na successão de um Muatiânvua é ainda seu quilolo; o que tambem succedia no Muata Cazembe, onde essa confusão se deu, pois os exploradores, que fazem a ennumeração dos quilolos do Cazembe, citam o Suana Murópue, sobrinho do Muata.

E tambem a mesma confusão se deu com o estado dos Múluas, quando *múlua* (*mulŭa*) é o «portador de noticias, um escudeiro».

[3] Consultei diversos homens velhos, Bângalas, Quiôcos e Lundas sobre este vocabulo, que alguns dizem ser *tucocolo* (*tukokolo*), e qualquer d'elles

tukŭete iñama, tukusota moğŭa («caçador subdito de Mutombo, com rapazes valentes, temos carne, precisâmos sal»).

A rapariga apressou-se a dizer-lhe que ia com as suas companheiras participar á Suana Murunda a chegada d'elles ao porto; mas que não passassem o rio sem ordem de sua ama, porque os vigias os podiam tomar por inimigos e fazer-lhes mal.

Como já escurecia por isso Ilunga mandou acampar, e marcou elle mesmo o seu logar proximo do rio, espetando no solo um tronco em forma de forquilha, que cortou de uma grande arvore que ficava um pouco distante, e nelle suspendeu a aljava o arco, o pócue, e todos os demais aprestos de caça.

Estendeu a sua esteira e deitou-se, ficando com a cabeça encostada ao improvisado cabide, para ter á mão as suas armas, e os pés voltados para o rio.

Ahi passou a noite, tendo sempre na mão direita a sua chimbúia, e ao lado um bom braseiro de troncos seccos, que os seus companheiros haviam juntado para alimentar o fogo.

---

dizia ser verdadeiro um e outro. Ambos no singular trocam o prefixo *tu* em *ka*. Num e noutro a terminação *lo* é uma abreviatura que se interpreta «fóra, externo, nu, que se vê». No primeiro *poco,* parece ser uma corrupção de *pócue* (*pokŭè*), arma branca de que ainda hoje se faz muito uso, especie de adaga ou espada curta de dois gumes, em linhas curvas terminando em ponta e que toma differentes denominações segundo o numero e saliencia das curvas. No segundo *coco* (*koko*) é corrupção de *hoco* (*hoko*) «cranio». O primeiro vocabulo indica que a valentia que attribuem aos Lundas, é devida ao manejo da arma com que cortam as cabeças ao inimigo; no segundo é devido ao seu animo em limparem essas cabeças, cortarem a parte superior do cranio, a darlhe a forma de canôa e por ella beberem agua ou malufo na presença dos seus chefes. Como succede com outros vocabulos, por muito tempo suppuz que um era corrupção do outro e que seria indifferente dizer *cacocolo* ou *capocolo;* mas depois d'estas informações vejo que o motivo porque os consideravam valentes era diverso.

O major Gamitto na sua viagem ao Muata Cazembe, encontrou o vocabulo *capocolo* que empregou no plural, como em portuguez, para designar os valentes da Lunda que elle distinguiu dos povos conquistados pelo *pócue* (*pokŭè*) «grande faca».

O logar onde dormiu Ilunga ficou assignalado para a posteridade e por isso fui minucioso na relação d'esta parte da lenda.

Luéji, a quem as suas amilombes deram parte do occorrido, despertando-se-lhe a curiosidade por todas lhe affiançarem que não conheciam na terra rapaz tão perfeito e insinuante como o caçador com quem fallaram, mandou logo chamar o seu Canapumba, e disse-lhe que, estando do outro lado alguns caçadores estrangeiros que traziam caça e pediam sal em troca, providenciasse durante a noite para se lhe alcançar de comer e beber e tudo que fosse preciso para o seu bom agasalho, e que logo de madrugada os fizesse passar o rio e lh'os apresentasse.

Cumpriram-se as ordens de Luéji. Ainda os caçadores dormiam, e já ella, rodeada das suas servas, ia para o largo em frente da sua residencia, d'onde descobria o caminho para o porto, e para ahi fez transportar uma grande pedra em forma de almofada, que estava junta a uma arvore na quipanga, e em que seu pae outr'ora se sentava.

Chegou Ilunga onde estava Luéji, e ella convidou-o a sentar-se na pedra ao seu lado, ordenando a Canapumba e á sua gente que conduzissem os companheiros do seu hospede aos aposentos que estavam preparados no mazembe para descansarem.

Luéji, rodeada de suas amilombes, que assistiam mudas áquella entrevista, ouviu a historia de Ilunga e a resolução em que elle estava de abandonar o seu estado, do qual a insignia, a chimbúia, foi muito admirada, passando de mão em mão.

Pela sua parte Luéji tambem lhe apresentou o lucano que herdára de seu pae, e pensando que o melhor modo de reter junto a si tão bello caçador seria fallar-lhe na caça, encaminhou a conversa para este assumpto.

Disse haver nos arredores muita caça, porém que se luctava com grandes difficuldades para a obter, porque nem sempre caia nas armadilhas de que a sua gente dispunha, e elle, demorando-se alguns dias, poderia ensiná-los a usarem das armas que empregava.

De bom grado acceitou Ilunga o convite, e foi logo hospedado numa cubata, na propria anganda, porque Luéji procurava já evitar que elle se agradasse de alguma das suas servas e queria tê-lo ao pé de si, e vigiá-lo, pretexto de que se serviu para com Canapumba, que lhe havia preparado um bom aposento no mazembe, logar para onde são enviados os hospedes.

Passados dias foi Ilunga quem pediu licença a Suana Murunda para mandar um dos seus rapazes entregar a Cassongo, seu irmão mais velho, a chimbúia do estado de seu pae e participar-lhe que preferia ser caçador da senhora da Lunda, sua visinha, a voltar áquelle estado, que se achava muito pobre, e a lá morrer. Elle, Cassongo, que era o mais velho, nomeasse para seu Suana Mulopo, o individuo que quizesse.

Agradou tal resolução à Luéji, porém temendo fosse ella devida a uma influencia de occasião, adiava sob pretextos plausiveis a partida dos portadores.

Iam-se estreitando de dia para dia as relações entre elles, e Ilunga, para provar a Luéji quanto as apreciava, lembrou-se de plantar estacas de arvores proximo da pedra em que ella o fizera sentar junto de si na primeira vez que se avistaram.

Luéji, pelo seu lado, querendo corresponder a esta prova de affeição, mandou limpar todo o terreno em redor da pedra e batê-lo constantemente, depois de molhado, a fim de se tornar mais rijo, e para lá ia todas as tardes conversar com Ilunga e beberem garapa em signal de reciproca amizade.

Parece que a plantação das arvores, feita por Ilunga em redor da pedra, não foi feita ao acaso e o conjuncto constitue hoje um monumento, que se aponta e explica aos viajantes que teem ido ao Calânhi, e que se conserva por ser indispensavel no ceremonial da posse de um Muatiânvua.

A arvore que Ilunga primeiro plantou, que hoje é a mais desenvolvida, foi a *mujangana* (*mujãgana*)[1] ou *mudiangana*

[1] Este vocabulo vem de *cuangana* (*kŭãgana*) «receber», e por isso é possivel que a arvore fosse escolhida com intenção.

(*mudĭaǧana*). As duas que se lhe seguiram, de menor crescimento, foram dispostas inclinadas uma para a outra, como symbolo da primeira entrevista que os dous ali tiveram.

Este grupo de arvores está hoje muito desenvolvido, sendo certo que as duas menores entrecruzam os seus troncos e ramagem, e que a mudiangana, que symbolisa a recepção, as assombra com a sua grande copa, dando a este quadro natural um aspecto aprazivel.

O monumento lá está, e como me foi possivel, desenhei-o; a lenda é como fica exposta.

Luéji, consultando os seus oraculos, convenceu-se de que seu pae se encarregára de lhe enviar aquelle caçador, por não ter ella encontrado ainda, entre os seus parentes, um homem por quem o seu coração palpitasse; e por isso resolveu-se a convocar a conselho os *cárulas*[1] para os consultar sobre o que lhe diziam os adivinhos e sobre o que lhe dictava o coração.

Não se recusaram os cárulas a reunir-se, e no dia aprazado compareceram: Candala, Canzela, Muluanguínji, Tuáji, Candinga, Catata, Quipéxi, Cassaco, Macongo, Dinhinga, Muansansa, Andumbo-iá-Têmbue, Ambumba e tambem as mulheres Anguina Cambamba, Anguina Cata, Anguina Muhongo a quem Luéji participou que não tendo encontrado um homem de seu gosto para lhe confiar o lucano que herdára, seu pae lhe enviára o chibinda Ilunga, de quem muito se agradára, e por isso os chamára para lhes pedir que procedessem ás ceremonias para sanccionar a sua escolha; se Ilunga não era seu parente, era um grande, irmão de Canhíuca e Cassongo, seus vizinhos, e não devia importar que elle fosse estrangeiro, porque os filhos que d'elle viesse a ter seriam sangue d'ella e por consequencia de Muata.

Os velhos parentes, que já sympathisavam com o caçador, pronunciaram-se a seu favor, porque queriam se cumprissem

---

[1] Aos parentes na ordem ascendente dá-se este titulo de *cárula* (*kárula*), que se tem interpretado por — tio de Muatiânvua.

as ultimas vontades de Xacala Macala, e estavam sempre temerosos de que Quingúri, cujo genio irascivel conheciam, conseguisse organisar partido para roubar o lucano á irmã e tomar conta do estado.

Todos applaudiram de bom grado semelhante resolução e a transmittiram aos seus povos, que receberam bem a noticia, e Ilunga despachou logo um dos seus para levar a Cassongo a chimbúia e dizer que ia unir-se com a senhora da Lunda.

Luéji tambem pela sua parte mandou os seus *áluas* (*alŭa* «portadores») cumprimentar o seu futuro cunhado e entregar-lhe alguns presentes, pedindo-lhe o seu franco auxilio para Ilunga fazer bom governo nas terras que ella herdára de seu pae, mostrando-lhe a sua importancia e a situação em que se encontravam, e finalmente o receio que todos tinham de que o seu irmão Quingúri levantasse difficuldades ao novo governo.

Cassongo recebeu muito bem[1] os enviados e, passados alguns dias, despachou-os, devolvendo a chimbúia a seu irmão, para, como symbolo do seu estado, a confiar á guarda do seu Suana Mulopo, praxe observada no estado do seu defuncto pae, que elle, Cassongo e o Canhíuca mantinham, e que Ilunga não devia desprezar.

Os presentes de sua cunhada retribuiu-os com marfim e armas de ferro, que elle confiou á vigilancia de homens de sua escolha a quem determinou ficassem tambem ás ordens de Luéji, para sem demora o prevenirem de qualquer attentado de Quingúri e seus sequazes contra o governo de seu irmão.

Luéji ainda tinha o lucano em seu poder; porém, sendo já reconhecida a sua gravidez e avisada por uma serva de que

[1] Receber bem, entre estes povos, consiste muito principalmente, em se dar aos recemchegados, antes de lhes ser concedida audiencia pelos potentados, uma boa cubata para dormirem, e comida e bebidas em abundancia. Se nas refeições entram grandes porções de carne, ou melhor, se lhes dão animaes vivos para matarem e cozinharem quando quizerem, a recepção é ainda mais considerada e o potentado é reputado muito rico e muito bom.

seu irmão promettera fazê-la *muári*[1] se conseguisse roubá-lo a sua ama quando ella estivesse dormindo, tratou logo de chamar os *tubungos* (velhos muatas), seus mais proximos parentes, para se marcar o dia em que elles haviam de entregar o lucano ao pae de seu futuro filho.

Mostrou ella a urgencia d'essa ceremonia, porquanto já não podia comparecer assiduamente ao *tetame*[2], e por isso, poucos dias depois, se reuniram os tubungos e, com toda a solemnidade, se deu começo á ceremonia, tendo Ilunga de se sujeitar, durante tres dias, com a maxima resignação, a todas as provas humilhantes por que entenderam elle devia passar[3].

Terminaram estas pelos discursos dos mais considerados entre os tubungos e allusivos ao acto; e o mais velho d'estes, recebendo o lucano de Suana Murunda, ao collocá-lo no braço do chibinda, em nome do povo deu-lhe poderes: para reunir todos os pequenos estados em um só sob o dominio de seu futuro filho, que devia engrandecer, avassalando e conquistando povos, contando para isso com a vida de todos; para mandar matar os que lhe desobedecessem, e os que fossem feiticeiros ou criminosos; para dispôr da vida e haveres de todos os subditos em favor da grandeza e bem estar de seu filho, como escravos que eram de sua mãe, a senhora das terras; e para ensinar os filhos de seu povo a serem valentes com os valentes e audazes filhos que o acompanharam.

O Xacala, tomando a chimbúia de Ilunga, dando grandes saltos e acompanhado de assobios e brados do povo, indicou por mimica que luctava com feras e inimigos, a quem derribava para os depôr aos pés de seu amo, interrompendo de quando

[1] *Muari* ou *muadi* (*mŭadi*) é a primeira mulher do potentado.

[2] Grande audiencia.

[3] Estas ceremonias ainda hoje se repetem taes quaes a tradição as transmittiu, ou com mais alguns exaggeros e ampliações, devidos a um certo grau relativo de civilisação em que os Lundas se encontram. Como as descrevemos no capitulo competente, limitâmo-nos agora a citar as prerogativas que foram conferidas a Ilunga.

em quando o fatigante jogo para fazer as suas exclamações, em que era apoiado com enthusiasmo pelos circumstantes[1].

«Faze-te grande, ó Ilunga, em nome de teu filho, para que elle possa repartir por o seu povo os haveres que adquirires!

«Sê justo e forte para que elle te imite e todo o seu povo bemdiga de ti!»

MONUMENTO DO CALANHI

Foi assim que findou a ceremonia da investidura do lucano; seguiram-se depois as refeições, bebidas, danças, etc.

Nasceu o filho de Luéji, a quem chamaram Noéji[2] e dias depois foi apresentado em tetame para lhe ser dado um titulo.

---

[1] Todos os preceitos, então recommendados, se repetem ainda hoje quando se faz a acclamação de um Muatiânvua.

[2] Teve o cognome de Nama Mazéu (*nama mazeŭ* «carne dos dentes, gengivas»).

O que então disseram os muatas resume-se no seguinte:

«Nós não somos mais que teus humildes escravos; tu és o senhor dos nossos corpos, das nossas vidas, das nossas riquezas, de tudo que vês deante de ti.

«Se nós somos grandes, tu és maior que nós.

«Acima de ti só ha: *katañga ŭatañga makasa ni mĭedu, kutala aôso, muĭu kamutala* «o constructor que faz braços e pernas, vê todos e ninguem o vê». *eĭé, mŭata ĭa avŭa*[1], *mitodo ni maŭito ni ĭala, añgada aôso, eĭé mŭatĭavŭa!* «tu, o senhor das riquezas, arvores, rios e pedras, todas as terras, todas as vidas, tudo, emfim, tu possues, senhor!».

Ilunga satisfeito disse: *ĭavo ámi, mŭatĭafŭa, eĭé ŭaloda, mŭitia* «Meu filho Ianvo, o senhor de todas as riquezas, o possuidor de tudo que vemos, tu que fallas, és o conselheiro, que o fazeis acceitar».

É da tradição que o titulo de Muitia é tão antigo como de Muatiânvua e que Ilunga concedêra ao primeiro todas as terras ao norte da Mussumba que elle pudesse conquistar entre os rios Lulúa e o Lubiláxi, porém que nunca esse estado, para leste, passou além dos affluentes do Calânhi, e para norte além de Capelequessa, grande montanha que separa os Uandas de povos da Luba. Uma parte d'esta região está ainda por conhecer, sabendo-se só que os seus habitantes dormem nas edificações do salalé, que cobrem os orgãos genitaes com a propria pelle da barriga e por isso lhes chamam os Manjala Mavumo[2].

---

[1] *Anvua* (*avŭa*, plural de *vua*) «riquezas»; *ia* (*ĭa*, é o plural de *kia*) «das»; *cŭnvua* (*kuvŭa*) é o verbo «possuir», e tambem se emprega para designar «pertencer», quando a posse é do sujeito. O vocabulo Muatiânvua é, pois, composto, e destaca-se bem de Muata Ianvo.

Ianvo é nome de pessoa e Muata «senhor». Diz-se Muata Ianvo, como Muata Muteba, Muata José, Muata Machado, etc. E mesmo se tem dado o caso de haver Muatiânvua Ianvo, e d'estes pela tradição conheço dois, e pessoalmente um.

[2] É d'aqui que proveem os papagaios com o corpo todo coberto de pennas carmezins, que são tão apreciadas para adorno.

É este o estado que tem maior numero de tributarios, e por essa concessão Muitía estabelecêra como praxe que os que lhe succedessem deveriam presentear o Muatiânvua com uma filha ou parenta que mais fosse do agrado d'aquelle para sua muári.

Depois d'esta deliberação entendeu Luéji que o seu chibinda, sendo o pae de Muatiânvua, devia ser tratado com o maximo respeito, porque em nome d'elle governava e o representava para todos os effeitos.

Era ella a primeira a prostrar-se e a rojar-se deante d'elle quando tinha de lhe dirigir a palavra ou a agradecer-lhe a mais insignificante mercê, como dignar-se olhar para ella, permittir-lhe que tocasse na sua roupa, ou mesmo na pelle em que se sentava, etc., e com demonstrações ruidosas a mostrar o seu reconhecimento depois das refeições, ou libações a elle devidas; obrigando assim os seus velhos parentes a que a imitassem e a costumarem os seus povos[1] a praticar o mesmo para com elles, no proposito de perante o Muatiânvua se tornarem o mais humildes possivel.

Tanto se exaggeraram estas ceremonias humilhantes, que a alguns de seus parentes custava o conformarem-se ao seu uso, e Quingúri foi o primeiro a pronunciar-se contra ellas, declarando não ter nascido servo para se sujeitar a cortezanias tão aviltantes e de mais a mais para com um estrangeiro.

---

[1] Denominam o seu povo pelo vocabulo *ântu* (*at̃u*) plural de *múntu* (*mut̃u* «pessoa»).

Tem-se dado a este vocabulo interpretações erroneas, e d'ahi as illações para a denominação das linguas d'estes povos; sem fundamento, porém, como veremos no capitulo seguinte. Muitos interpretaram este vocabulo por «homem», quando é certo que todas as tribus até o littoral teem o seu vocabulo especial para este significado.

Como o povo, sem excepção, se prosta deante de seus potentados, ha tambem quem por isso adopte a interpretação *at̃u* por «escravos», quando a verdade é que teem vocabulo correspondente a esta expressão. E o vocabulo «escravo» é pouco usado, porquanto essa entidade é considerada filho do seu senhor: *muana ámi* «meu filho», *ana ámi* «meus filhos», *ana á Muatiânvua* «filhos do Muatiânvua», etc.

Mas deve notar-se que tanto este, como outros, se as não queriam praticar com o Muatiânvua, as não dispensavam para comsigo e as exigiam aos que consideravam seus inferiores, e muitas d'essas ceremonias, e algumas até mais humilhantes, as trouxeram algumas tribus para a nossa provincia de Angola [1].

Foi d'aqui que se originaram as dissidencias e facções; mas Luéji tinha grande partido e o chibinda adquirira muitas sympathias, e por isso em principio pouco caso fazia das noticias que a tal respeito lhe transmittiam.

Quingúri deixou de comparecer nas audiencias; principiou a organisar partido entre os parentes de sua mãe, procurando competir com o Muatiânvua, tornando-se exigente em obediencia e extorquindo tributos, a pretexto de que Ilunga era um estrangeiro, estava comendo o que lhe pertencia, e querendo pelo terror excedê-lo em respeitos, elle mesmo decepava as cabeças aos que pretendiam oppôr-se ás suas determinações.

Estando Luéji ao facto do que se ia passando na quipanga do irmão, principiou a recear que elle obtivesse prestigio pelo terror e incitava Ilunga a que mandasse matar para exemplo um dos parentes d'ella que mais frequentava as reuniões de Quingúri, e mesmo o proprio Quingúri, se isso julgasse conveniente para a segurança do estado do Muatiânvua.

Esta noticia, mais ou menos deturpada, ia tomando vulto; o desassossego era grande, originou-se a intriga na côrte, começaram as perseguições e as luctas internas.

Quingúri, não obstante contar com um grande numero de partidarios, receava da gente de Ilunga e de Cassongo, e por isso deliberou elle e alguns parentes mais affeiçoados, abandonarem as suas terras e irem organisar longe d'ali um grande estado, para mais tarde virem destruir o do Muatiânvua.

Uma noite, quando tudo estava em silencio, largaram fogo á sua povoação e partiram, deixando um homem encarregado de

---

[1] Veja-se o capitulo em que trato de todas as ceremonias que observei em diversas tribus.

GRUPO DE LUBAS (CHIBANGO)

participar no dia seguinte á irmã — que, visto ella o querer matar, deixára as suas terras para ir procurar outras onde o sol se escondia e ahi organisaria um grande estado, d'onde despacharia uma guerra que o havia de vingar das humilhações a que ella o quizera sujeitar; e que no entanto fosse ella comendo bem a riqueza das terras dos seus avós com o estrangeiro que escolhêra para pae de seus filhos.

Seguiu Quingúri o rumo de WSW., dirigindo-se a Quimbundo (chamado caminho de Quingúri), e d'ahi passou o rio Cuanza, proximo ás suas nascentes.

Esta marcha levou muito tempo, porque elles iam fazendo acampamentos pelo caminho, onde se demoravam em procura de caça pelo systema de armadilhas e exercitando-se no uso da frecha; e tinham de combater além d'isso, os povos que queriam oppôr-se á sua marcha, quasi corpo a corpo, com as suas grandes facas de dois gumes, e assim iam passando de terra em terra.

Seguiram pela margem esquerda do Cuanza até ao Libolo, onde chegaram depois de grandes luctas, e Quingúri conseguiu travar relações de amizade com alguns potentados, e entre elles, com Angonga e seus parentes, uma numerosa familia de grande importancia, com quem se aparentou pouco depois, porque se ligou a uma irmã deste chefe.

Quingúri demorou-se nestas terras algum tempo, porque do outro lado do Cuanza se travavam as encarniçadas guerras da Jinga, Andondo e outros seus vassallos contra as forças portuguezas, e ás quaes, apesar de estas irem ganhando terreno, não foi possivel pôr termo sem perda de muitas vidas num longo periodo de annos.

Já em Massangano havia o presidio portuguez, e Quingúri, passando com os seus o Cuanza a vau acima de Cambambe, mandou participar ao capitão-mór que elle e os seus eram amigos que vinham de longe e se dirigiam a Muene Puto.

Mandou o capitão chamá-los, e por Quingúri soube terem elles abandonado as suas terras para lá do Rurúa (Lulúa), e que guiando-se sempre pelo sol ali chegaram e pediam a

Muene Puto lhes desse terreno para elles constituirem um estado vassallo.

O capitão-mór mandou-os acompanhar e apresentar ao governador em Loanda[1].

Quingúri faz a descripção da sua viagem ao governador, explicou os motivos por que se expatriara e os desejos que tinha de se estabelecer, sob a protecção de Muene Puto, em suas terras.

O governador, considerando-os destemidos e valentes, entendeu tirar partido d'elles nas guerras contra a Jinga, e disse

---

[1] É difficil apurar datas entre o gentio, pelo modo irregular por que dividem o tempo, e sobretudo quando os factos se referem a epochas anteriores ao tempo da pessoa que se interroga.

Neste caso, porém, ha fontes tradicionaes em que todos são unanimes, como são—as guerras entre Massangano e Cambambe; os tributos que já alguns sobas entre estes pontos e immediações pagavam a Muene Puto; recordações que se conservam de que o governador a quem fallou Quingúri se chamava D. Manuel; as guerras em que elles entraram com as nossas forças contra a Jinga; e ainda a circumstancia de elles irem estabelecer-se na Lucamba em Ambaca, logo em seguida á nova posse naquella região.

Com taes referencias podem aquelles homens ter entrado em Loanda ou no tempo de D. Manuel Pereira Forjaz, de 1606 a 1609, ou no de D. Manuel Pereira Coutinho, de 1630 a 1635.

No primeiro caso, para que mais me inclino, ha a tentativa da descoberta de communicação entre Angola e Moçambique, certamente baseada nos esclarecimentos prestados por Quingúri e seus companheiros sobre a viagem do seu paiz a Loanda.

No segundo temos as guerras contra a Jinga e os muitos prisioneiros que os descendentes de Quingúri ainda hoje blasonam ter feito para Muene Puto.

Ha uma tal ou qual confusão, ainda assim, neste ultimo caso; mas como os factos de maior vulto é que se conservam na memoria, é natural tambem que D. Manuel seja o governador que lhes concedeu terras em Ambaca, fazendo-lhes este nome mais impressão que Fernão, Bento ou outro nome menos usual.

Em qualquer dos casos pode dizer-se que pouco antes se organisou o estado de Muatiânvua, visto que este se constituiu em fins do seculo XVI.

logo que lhes concederia terras e os auxiliaria nas suas primeiras plantações, mas que era preciso coadjuvarem elles as nossas forças para bater os povos rebeldes que estavam fazendo mal aos vassallos de Sua Magestade.

E como elles acceitassem a proposta, mandou-os adestrar nas nossas armas, o que se fez em pouco tempo.

Na occasião de partirem para o interior com as nossas forças, o governador disse a Quingúri que esperava que todos os seus provassem que a fama de valentes, que tinham adquirido, a mereciam, não abandonando os companheiros ao lado de quem iam combater e que escolhessem o sitio que mais lhes conviesse para ahi se estabelecerem.

Parece que, de facto, como os seus descendentes asseveram, elles prestaram bons serviços e o governador cumpriu a promessa, dando-lhes as terras entre Ambaca e o Golungo, as armas de que se tinham servido, polvora e tambem sementes diversas [1].

Prestaram acto de vassallagem e por esta occasião foi entregue a Quingúri, sob o titulo de Jaga, uma bandeira vermelha com uma corôa da epocha, feita a preto, e por baixo uma legenda azul, em que se reconhecia o rei de Portugal como o senhor do jagado, não podendo d'este symbolo usar os successores de Quingúri, sem terem antes prestado a devida vassallagem perante o governador de Angola.

O local que escolheram para residencia foi junto ao rio Camuéji; mas foram infelizes com as primeiras culturas, pois nem o milho vingou, razão porque chamaram ao sitio *Lucamba* («não presta»), nem as outras producções os animaram a ficar ali.

Como eram caçadores trataram de se internar pelos matos, a nordeste, e foram repellindo os povos para além do Luí e

---

[1] A respeito d'essas sementes dizem os Bângalas actualmente: — o *anguvulo* enganou-nos —, porque elle bem sabia que o milho não podia produzir por já ter sido cozido, e as outras sementes estavam podres por dentro.

pararam no Ambando, junto á salina do Holo, onde acamparam provisoriamente.

A gente do Holo, receosa d'aquelles atrevidos caçadores, cedeu-lhes o usofructo de metade d'aquella salina; e já Quingúri, satisfeito, havia mandado preparar as terras para cultivo, quando alguns dos seus, que passaram o Luí em procura de caça, lhes mandaram participar ter-se encontrado uma boa terra despovoada e com duas grandes salinas, que depois foram chamadas Quilunda e Lutona.

Quingúri partiu logo com toda a sua gente e, depois de examinar as salinas e observar os terrenos em redor, disse logo: Ficamos aqui, esta será a nossa terra.

Mandou pedir ao governador que lhe permittisse ahi estabelecer o jagado, porquanto na Lucamba não havia boas terras e que apesar de mais longe, elles continuavam a ser bons vassallos de Muene Puto.

Animava os seus para que trabalhassem, porque as salinas eram a sua felicidade; com ellas haviam de comprar muita gente no estado de sua irmã e já lhes não faltaria nem sustento nem de que vestir, como filhos de Muene Puto.

Os povos que elles bateram desde Ambaca até aqui, alguns dos quaes se escaparam ao seu jugo, diziam serem os Peíndes [1].

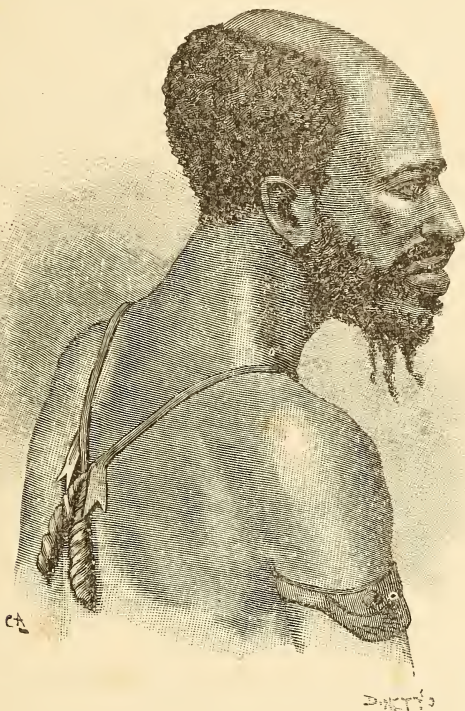
---

[1] Estes povos tinham a sua maior população nas terras hoje occupadas pelos Bondos de Andala Quissúa.

O Quingúri-quiá-Cônti trouxe comsigo da Lunda uma entidade correspondente á de Calala do Muatiânvua (o que commanda as forças da avançada). Era esta o Angola (Ambole), donde descende o Andala Quissúa.

Os Peíndes, descendentes dos que foram expulsos das terras (hoje dos Bondos) choram ainda as salinas, as palmeiras, as mulembas e as bananeiras que os seus passados perderam.

Quando as comitivas de Bângalas, Bondos, Quimbares e Calandulas lhes apparecem com sal para negocio dizem-lhes: *akŭa kub̃a, akŭavumo, mukŭa kilag̃alu, énu tŭamixile bala bale día mulud̃o, lelu mŭatu, nehénakĭo kamukele, kamog̃ŭa kia huhaha munêtu* «meu patricio, meu parente, vos que ficastes ao pé da nossa terra, lembrastes-vos de vir hoje ver-

Julgava Quingúri necessario augmentar a sua população e por isso mandou recado a Angonga por uma de suas mulheres, irmã d'este, para o convidar e a toda a familia a virem viver com elle no seu novo jagado sujeito a Muene Puto. Dizia-lhe que as terras eram boas e que havia muito sal, etc.

NANO

(*Apud* Capello e Ivens)

Veiu Angonga acompanhada de muito mais gente do que Quingúri podia suppôr, e este e os seus maiores subditos receando que os recemchegados se lembrassem de lhes estorquir

---

nos e trazer-nos um pedaço do nosso sal. Bem vindo sejaes, muito agradecido». Em conformidade com a tradição dão noticia do sitio dos seus antepassados, embora nunca o vissem, e descrevem-no bem.

os seus bens tratou de os interessar pelo florescimento do jagado.

Para evitar no futuro complicações sobre a successão no governo, assentaram que a ella tinham direito as duas familias, e que por isso em seguida a Quingúri seria jaga um filho de Angonga e que a esse succederia um descendente do primeiro observadas certas condições, isto é, não ser *maquita* [1] e sujeitar-se depois de eleito á circumcisão [2].

A mulher mais considerada para os potentados é sempre a primeira, e como a de Quingúri era Culaxingo, por isso os descendentes de Quingúri são chamados de Culaxingo.

Mais tarde uma expedição de descontentes da Jinga, capitaneados por Calunga vieram pedir hospedagem ao jagado de Quingúri. Este já os conhecia como turbulentos e audaciosos, e por isso de accordo com Angonga, foram elles admittidos com a condição de Calunga fazer parte do estado, dando a sua familia tambem successor ao jagado entrando na ordem depois da de Angonga. Assim a um Culaxingo seguia-se um Angonga e a este um Calunga.

Observou-se esta ordem, como disse já, até certa altura; porém depois as ambições deram origem a dissidencias e luctas, que mais conhecidas se tornaram depois de instituida a feira de Cassanje.

---

[1] Os filhos do jaga são *maquitas,* teem o mesmo estado e consideração e por isso não podem ser jagas. Os sobrinhos pela linha materna e mais proximos do que foi jaga são os que podem ser eleitos, mas pela ordem da familia a que pertencem. Porém, esta lei mal pensada originou confusões e as guerras que teem havido nos ultimos trinta annos, e já não é possivel, hoje, perceberem-se os fundamentos em que os candidatos procuram basear os seus direitos.

[2] A circumcisão, acompanhada de ceremonias repugnantes para nós, é feita na actualidade muito depois do jaga eleito estar de posse da governação do estado; e tanto d'ella como das ceremonias nos occupâmos ao tratar dos usos e costumes d'estes povos.

Por agora, apenas notaremos de passagem, que tão singular operação se pratica desde tempos immemoriaes. É possivel que houvesse passado

Foi um neto de Quingúri, chamado Cassanje, quem mudou a séde antiga do jagado para o logar em que hoje está, e deu o seu nome ao sitio e ao jagado[1].

Pelas averiguações a que procedi, apurei que a Quingúri succederam de facto um Angonga e depois um Calunga, e que depois d'este entrou o Cassanje neto do primeiro.

A Cassanje seguem-se por sua ordem: Angonga-cá-Ambamba, Calunga-cá-Quilombo, Cassanje-cá-Culaxingo, Quiluanje-quiá-Angonga, Quingúri-quiá-Cassombe, Cambamba-cá-Quingúri, Quitamba-cá-Calunga, Quissueia, Luame-luá-Quipungo, Calunga-cá-Luame, Malengue Angonga, Quitumba-quiá-Angonga, Angunza, Cambamba, Cassanje-cá-Cambolo, Quitamba-quiá-Xiba, Muanha Cassanje, Calunga-cá-Quilombo, Quienga-quiá-Cambolo, Quitumba-quiá-Angonga, Quingúri-quiá-Culaxingo, Cambamba-cá-Quingúri, Camassa-cá-Quinendi, Ambumba-á-Quingúri[2], Calunga-cá-Quissanje, Cambolo-cá-An-

---

dos povos da raça negra aos Egypcios e d'estes aos Israelitas que a adoptaram como preceito religioso.

Seja como fôr, é certo que Quingúri, por ser bungo, já tinha passado por esta operação em creança, e por isso se estabeleceu que os successores d'elle fossem circumcidados, depois de eleitos jagas, sem o que não seriam validas as suas determinações.

De 1852 para cá, os jagas eleitos vão adiando esse preceito emquanto podem, e assim teem occupado o cargo, mas sem prestigio, e quando se dispõem a soffrer a circumcisão não lhe sobrevivem.

[1] Seria para desejar que fosse de confiança a tradição chronologica dos jagas que obtivemos, pois acreditando que houvesse longos interjagados, pelo que succede na actualidade, seria mais um argumento em favor da epocha approximada, não só d'esta instituição em Cassanje, como da do estado do Muatiânvua, em cujos dominios só parece ter dominado de facto até ao Cassai.

[2] Este foi educado em Ambaca, fallava e escrevia portuguez. Costumado aos nossos usos, não quiz sujeitar-se á circumcisão e ia protrahindo o cumprimento do preceito de dia para dia.

Para se tornar temido, lembrou-se de fazer extorsões aos feirantes portuguezes, e por isso lá foram forças nossas, sob o commando do major Francisco Salles Ferreira, exigir-lhe reparações e depô-lo. Uma grande

gonga[1], Camuéji-cá-Calunga, Ambumba-á-Quingúri[2], Ma-

parte do roubo foi entregue e elle conseguiu fugir para a margem direita do Cuango com as insignias do estado, que foram apprehendidas pelo Capenda Camulemba, facto e personagem de que nos occuparemos ainda.

Como possa duvidar-se que este jaga escrevesse portuguez, aproveito a opportunidade de dizer que conheço um descendente de uma das tres familias que teem direito á successão no jagado, que foi educado na Escola Academica, do conselheiro Florencio dos Santos, nesta cidade de Lisboa, num periodo não pequeno; hoje é um dos bons guarda livros de commercio e estava ultimamente em casa do importante negociante e agricultor Narciso Antonio Paschoal, de Malanje.

Pois este ainda não ha muito, estando então no Dondo, recebeu uma embaixada de Cassanje, que o convidava a acceitar o cargo de jaga, para o qual o queriam eleger por lhe pertencer de direito.

Entre varios pretextos que apresentou para declinar tal cargo, lembrou-se de dizer que só o acceitaria se elles se sujeitassem a modificar todos os seus usos e costumes em conformidade com os das terras de Muene Puto, onde o mandaram ensinar.

Na casa onde estava tinha mais interesses trabalhando, do que elles lhe podiam dar roubando.

Como insistissem para que elle fosse e pouco a pouco os ensinasse, então respondeu-lhes que antes d'elle, devia entrar seu tio que vivia no Golungo Alto e era mais velho. A embaixada retirou então convencida que eram infructiferos os seus esforços.

O tio a que elle se referia tambem fallava e escrevia bem portuguez, e se não me engano foi quem mandou educar o sobrinho.

Conhecemos mais alguns descendentes de jagas de Cassanje, não em tão boas circumstancias, mas que, fallando e escrevendo bem o portuguez, teem sido empregados em casas de commercio, sendo alguns negociantes por sua conta.

De certo que depois de 1850, aproveitando as boas disposições em que ficaram aquelles povos comnosco e educando os filhos das familias de jagas, teriamos preparado o terreno para a sua regeneração e interessá-los-iamos na nossa administração. Em logar competente tratâmos d'este e outros assumptos que com elle teem relação.

[1] Foi este o jaga que, deposto o Ambumba (D. Paschoal), foi baptizado na presença da ultima expedição do referido major em 1850.

[2] É o mesmo Ambumba (D. Paschoal) que fugira deante das nossas forças; porém, tantos roubos fazia ás caravanas de commercio, que os

lenga [1], Cuango Culaxingo [2] e Cassanje-cá-Calânhi [3]. São estes os unicos jagas de que tivemos conhecimento.

A bandeira vermelha, que segundo elles, foi entregue a Quingúri-quiá-Cônti, ainda hoje se conserva em Cassanje como insignia do jagado reconhecido pelo nosso governo.

Apesar das ultimas guerras, nunca ninguem pensou em inutilisá-la. Só sae em dias solemnes, ou para a guerra. É uma dadiva de Muene Puto que se guarda com veneração.

Com o tempo os filhos de maquitas, foram constituindo povoações e disseminando-se para sul de um e outro lado do Cuango. Denominaram-se estas *ambanzas*, sendo tambem *ambanza* o titulo dos chefes.

A denominação que a estes povos se dá de *Bângalas* parece ser já uma corrupção nossa de *bangála*, porquanto elles dizem *quibangála* (*kibag̃ala*) um homem do seu povo, *aquibangála* (*akibag̃ala*) muitos d'elles.

A tal respeito me disseram os proprios Bângalas, que esse nome viera com os seus antepassados de Ambaca.

Portuguezes em Cassanje influiram no animo dos homens mais importantes para que de novo entrasse no estado. Voltou e foi confirmado; mas então dizia-se jaga de Muene Puto e teimou em se não sujeitar ao preceito da circumcisão, e annos depois occorreram as desastradas guerras de Cassanje.

[1] A este seguiu-se um grande interjagado, por serem muitos os pretendentes, havendo guerras entre os seus partidarios.

[2] Prestou vassallagem em 1882 e morreu em 1886, por occasião de ser circumcidado e isso deu logar a exigencias dos parentes, que até hoje não teem querido entregar as insignias do jaga em seu poder, allegando que deve ainda ser eleito um seu parente, porque aquelle só podia contar-se se tivesse sobrevivido ao preceito.

[3] Depois de mais de um anno de dissidencias entre os principaes, resolveu-se Cambolo-cá-Angonga a chamar este seu parente, que não foi confirmado pelo Governador geral conselheiro Brito Capello, porque muitos maquitas deixaram de votar nelle. E bom foi o procedimento do governador, porque o velho Zunga, com quem estive, tem um partido forte e é da familia do fallecido Cuango Culaxingo, que em seu poder conserva as insignias do estado.

Os meirinhos, ou quem fazia a cobrança de tributos, acompanhavam os sobas levando na mão direita, como distinctivo, altas e grossas varas que terminavam superiormente em curva e que denominavam *bengala*. Estas, muitas vezes, lhes serviram para baterem nos tributados indefesos, que procuravam esquivar-se ao pagamento.

Semelhante uso foi adoptado pelos encarregados da cobrança de tributos para o jaga, e d'ahi veiu o dizerem os Ambaquistas, que iam a Cassanje negociar com os Ambanzas—vamos aos *jibangala*, que corresponde a *aquibangala*, como elles mesmo entre si se alcunharam.

Seja ou não veridica a tradição, o certo é que estes povos nada teem com os Bângalas do norte, no Zaire, nem tão pouco pelos vocabulos das linguas que conhecemos com os Galas ao nordeste dos grandes lagos.

Aqui temos pois numa região junto ao Cuango, como uma tribu de Bungos, de mistura com uma do Libolo e uma terceira da Jinga, constituiu um povo no limite da nossa provincia de Angola, em que certamente entrou parte dos povos de Ambaca e dos povos repellidos *Tupeínde*, que não seguiram com os que foram estabelecer-se entre Cuílo e Cuengo.

Voltâmos agora á mussumba do Muatiânvua.

A partida de Quingúri fizera bulha. Para os Lundas era um successo importante, sobre que todos fallavam e emittiam a sua opinião.

Uns eram a seu favor, e outros, levados pela curiosidade, iam todos os dias á audiencia da madrugada para conhecerem da disposição do Muatiânvua a tal respeito e avaliarem da sua capacidade para governar o estado do filho.

Luéji, pela sua parte, queria conhecer, antes de se tomar qualquer providencia, das impressões de seus parentes mais proximos, e por isso estava de accordo com Ilunga em esperar que elles se pronunciassem, ou que alguns boatos sobre a viagem de Quingúri chegassem á mussumba.

Decorreram alguns dias e um ou outro portador das povoações vizinhas dava parte de ter visto passar a comitiva e

dos roubos e desordens que ia fazendo entre os povos por onde passava; tudo já se vê, como ainda hoje, narrado com mais ou menos exaggêro.

Em uma das audiencias Anguina Cambamba [1], tia de Luéji, e de combinação com os seus parentes Andumba-uá-Têmbue, Ambumba, Quiniama e outros, todos dos descontentes, perguntou a Luéji se o Muatiânvua tivera alguma noticia do seu mau parente Quingúri, e como ella mostrasse nada saber, deu-lhe relação dos boatos que corriam e lembrou-lhe a conveniencia de aconselhar o Muatiânvua a mandá-lo suspender a marcha, e fazê-lo retroceder para ser devidamente castigado.

---

[1] *Anguina* (*g̃ina*) «grande senhora». Tambem tomam este vocabulo como «mãe», porque para elles m ã e é a senhora mais elevada que pode haver. Empregam muito a sua abreviatura *na,* como para pae a abreviatura *xa* (tambem tratamento, de *xambanza,* que se dá aos velhos).

As familias, em geral, entre estes povos, distinguem-se pelo nome das mães, que tomam como appellido. Pode o homem que se diz pae, não o ser; porém sobre a mãe não ha duvidas.

Entre os Bungos, que eu considero os primeiros dos povos que chegaram de nordeste a esta região, observava-se o que ainda hoje se nota nos Xinjes e em outras tribus — as filhas dos potentados é que dão os herdeiros para os estados de seus paes. O poder não passa por isso de paes a filhos.

No estado de Muatiânvua, embora se diga que para ser Muatiânvua é preciso ser Muatiânvua, o estado não passa directamente para os filhos. Este facto só se deu com os filhos de Luéji porque esta não teve filhas.

O Muatiânvua Noéji (o que o nosso Rodrigues Graça conheceu) fazia consistir a sua maior grandeza em ter muitas filhas, para (dizia elle) darem muatas para o estado.

Foi este quem durou mais tempo na governação e deixou uma grande prole, porque nem tias, nem sobrinhas, nem irmãs, nem mesmo as proprias filhas escaparam á sua concupiscencia. Conheci dois filhos-netos d'este homem, filhos de duas filhas e d'elle.

É depois d'este Muatiânvua que mais acerrimas se tornaram as luctas entre os filhos de Muatiânvua pela ambição de tomarem posse do estado.

Andumba era filho de Têmbue, irmã de Iala Mácu, prima de Cambamba e como esta, tia de Luéji.

Luéji, mais sagaz, respondeu que seu irmão era muito ousado e que para uma diligencia d'estas, só se podia mandar um parente de muita confiança.

Offereceu-se então Anguina Cambamba para ir com os seus em procura de Quingúri e convencê-lo a apresentar-se ao Muatiânvua.

Estava bem informado Ilunga, que aquelles parentes de sua mulher lhe não eram affeiçoados, e quando Luéji lhe communicou o que se passára, fez-lhe sentir que era muito conveniente para o sossego do estado, que elles tambem fossem e ficassem por lá com Quingúri. Se elle havia de ser forçado um dia a mandar matar algum d'elles, melhor era dizer-lhes que se aproveitavam os seus bons serviços e que fossem o mais depressa possivel naquella diligencia.

Na manhã seguinte Luéji, na audiencia[1], disse a Ná Cam-

Entre os Lundas os primos maternos são considerados irmãos e os sobrinhos como filhos, e d'ahi nasce a confusão nas interpretações para quem não está ao facto d'este modo de considerar os parentescos, o que só bem se comprehende interrogando-os ao seu uso, se são filhos da mesma barriga, o que elles então explicam.

Neste caso Anguina Cambamba, considerada irmã de Andumba, era prima, Andumbo, considerado filho, era sobrinho e Quiniama por ser primo d'este, era considerado seu irmão e tambem filho de Andumba, quando não tinha parentesco algum com elle.

A mãe de Andumbo era Têmbue, e por isso se diz Amdumba-uá-Têmbue, que se contrahe em Andumba-á-Têmbue.

[1] Está provado que nas audiencias, principiando pela do Muatiânvua, não se dizem as principaes razões porque se vae praticar qualquer acto; não se diz mesmo ahi, em questões de estado, senão aquillo que se permitte. As taes audiencias, neste caso, são uma perfeita phantasmagoria, que todos conhecem e para que todos concorrem, e tudo se acceita como se fosse realmente verdadeiro, porque as deliberações são tomadas depois, notando-se que as que se fazem constar em audiencias são tambem differentes das verdadeiras.

Não faltarão occasiões em que prove que de experiencia sei d'este facto; e uma occasião, fallando d'elle em particular aos que exerceram o cargo de Muatiânvua perante mim, responderam-me: «Se não fosse assim, todos sabiam tanto como nós, e cada um era um Muatiânvua».

bamba que fizera constar ao Muatiânvua, seu amo, a offerta d'aquelles bons serviços para fazer voltar Quingúri, e que elle acceitára de bom grado, por confiar muito nella e em todos os seus; que só assim se apresentaria Quingúri, que era necessario matar para exemplo, pois estava abusando muito da sua tolerancia em attenção aos bons parentes de Suana Murunda, sua muári; e por isso que fossem todos os que quizessem nessa diligencia, de trazer Quingúri.

RAPAZ UGUNDA
(*Apud* Coronel Chailié-Long)

Todos perceberam a intenção, e receosos de que o primeiro que se levantasse fosse victima da sua ousadia, como era frequente, deixaram-se ficar na espectativa.

Então Luéji, vendo que elles se atemorisavam, disse-lhes: Nós bem sabemos que os nossos parentes estão descontentes, e sentem não ter ido com Quingúri, porque já o suppõem formando um estado que ha de vir a ser muito prospero. Pois o Muatiânvua permitte-lhes que vão em seu seguimento e não serei eu que me opponha á marcha dos que quizerem ir para junto d'elle.

Ná Cambamba disse então: Nós iamos para trazer Quingúri, e não para ficar com elle.

Luéji, já enfadada respondeu: Mas o Muatiânvua é que não os quer tornar a ver aqui — *aïôko a ku kiğuri*[1] «vão tambem lá para Quingúri».

Todos que estavam dispostos com antecedencia para partir, levantaram-se immediatamente e seguiram, receando que, prolongando-se a conferencia, tivessem de soffrer pelo menos a decapitação.

E lá foram nas pisadas da comitiva de Quingúri até ao Cassai, seguindo depois até proximo das nascentes pela margem onde passaram, e mudaram de rumo para oeste até ao Cuanza, onde acamparam junto á serra do Muengue ou Mungue por terem ahi visto ferro em abundancia[2].

Andumba, era o mais velho e foi por isso considerado chefe. Estabeleceu-se, pouco mais ou menos, onde hoje se acha o seu descendente, nas nascentes do Cuango; e mais tarde os seus parentes, não menos ambiciosos que os descendentes do Muatiânvua, foram-se espalhando d'ahi até ao Cassai; e com o tempo, os descendentes d'estes ainda se afastaram até pouco mais do 12º lat. S. do Equador, constituindo novas tribus sob diversas denominações que tomaram dos rios ás margens dos quaes se estabeleceram, como são os Angombes, Nungos, Luenas, Lassas, Cossas e outros; todos conhecidos dos Lundas por *aiôko,* nome que até hoje conservam e se pode interpretar por expatriados (os que foram para o Quingúri)[3].

---

[1] Abreviatura de *aïa ôko kŭa ku kiğuri* «vão tambem lá para o Quingúri». Percebeu-se então, como ainda hoje (devido á rapidez e contracções) *aïoko a ku kiğuri.* Depois ficando aiôco denominação d'aquella tribu, uma pessoa d'ella ficou sendo para a Lunda Chiôco, Cachiôco, e para os da tribu Quiôco.

[2] Os parentes de Na Cambamba, isto é, os que com ella deixaram a côrte, mais ou menos trabalhavam em ferro, ainda que por processos muito rudimentares. Hoje são effectivamente os Quiôcos os melhores ferreiros nesta região; excediam mesmo os melhores entre os Bângalas.

[3] Pelo missionario Lecomti, fui informado que os Quiôcos tambem se estão espalhando agora mais para sul, e estão roubando os Ganguellas e outros povos das immediações da sua missão no Cubango.

Ná Cambamba foi a mãe do primeiro Quissengue, e este deu origem a um estado que veiu constituir mais ao norte de seus parentes e já em terras de um quilolo do Muatiânvua, o Quimbundo, por não querer sujeitar-se ao dominio de Ambumba. Depois d'elle é que descendentes de Ambumba e Quiniama se atreveram a afastar-se mais para norte, descendo com os rios; mas até as guerras de Cassanje (1856) não passavam além do 9º de lat. S. do Equador.

Depois da partida de Andumba, Ná Cambamba e dos seus, Ilunga deliberou mandar gente de confiança para o sul a conquistar terras para o seu estado, pois constava que Quingúri ia sujeitando os povos e levando muitos comsigo. Esta gente, entre outros chefes, contava Caembe Muculo, Catema, Mussocatanda, Xinde, Canonguexe, Cajembe, Malango e ainda outros seus parentes que vieram chegando do seu antigo estado da Luba.

As terras eram conquistadas para elles e seus herdeiros ficando sujeitos a pagar ao Muatiânvua os *milambos* (*milab̃o* «tributos»).

Luéji pela sua parte convidou seu primo Candumba, vulgo Caquíria Uhonga («come miolos»), a seguir no caminho de oeste, com o seu povo e mais gente que lhe concedeu, a tomar terras e conquistar povos, e oppôr-se a que Quingúri tentasse vir atacar os povos do estado.

A este deu Luéji o titulo de Capenda Mucuá Ambango («grande personagem»), e á sobrinha d'elle, filha da irmã Mona Quingungo, deu o titulo de Mona Mávu-á-Combo («filha da terra conquistada»).

Quando elles se despediram de Luéji, recommendou-lhes esta o seguinte: *kaped̃a, kag̃ana kued̃a kĭakata kŭed̃a akŭenu* «fidalgo, não marches como marcharam os nossos». Referia-se aos parentes que não mais deram noticias de si e se afastaram do estado.

Por causa de doenças e outros motivos, esta tribu por muito tempo esteve demorada no Luachimo, mas mantendo sempre em segurança as communicações com a Mussumba, enviando

milambos ao Muatiânvua, e sabendo attrahir a si os povos vizinhos.

Passado tempo, havendo morrido Capenda, foram de voto os maiores de estado que Mona Mávu, não ficasse naquelle logar, e que escolhesse de entre o seu povo um homem de quem gostasse para a representar nas audiencias, nas marchas e em todos os actos a que ella não pudesse comparecer, como o tinha feito Luéji, Suana Murunda; mas que não podia ter mais que dois filhos d'esse homem; podendo então escolher outro com a mesma condição, e assim successivamente.

Entendiam d'este modo, que só ella podia dar o sangue de Capenda para a successão, e que se os filhos de um dos homens fossem maus, os de algum outro deviam ser melhores.

Mávu fez a sua escolha e resolveram abandonar as terras, do que deram parte ao Muatiânvua, e seguiram para oeste passando o Cuengo, e com o tempo espalharam-se até ao Cuango.

Mávu teve tres maridos e de cada um um filho e uma filha. Do primeiro Tengue e Mahango, do segundo Malundo e Muzombo e do terceiro Massongo e Maholo.

Ia envelhecendo Mona Mávu e como os filhos já fossem maiores, de accordo com os grandes da sua côrte, cada grupo de filhos foi formar um estado com o titulo de *Capenda*, ficando o primeiro grupo junto ao Cuango, onde já estava Mona Mávu, e indo os outros mais para o sul, procurando cada um tambem o seu porto no Cuango.

As irmãs acompanhavam os irmãos para lhes darem successores ao estado, e com ellas se ficou observando o que a tal respeito se praticára com a mãe, e por isso se diz que o estado, aqui, é das mulheres.

Todas ellas teem as suas terras e côrte no territorio de cada um dos tres estados em que se divide o dominio de Capenda.

Assentou-se em que estes se deviam auxiliar mutuamente, e que quando num não houvesse herdeiros se iriam procurar nos outros.

Pela precedencia dos grupos de filhos se considerou a ordem dos estados: no primeiro ficou Iengue e sua irmã Mahango e

denominou-se *Mulemba* por causa do grande numero de arvores d'este nome (*Ficus elasticus*), de que havia abundancia na terra, e o potentado passou a ser Capenda-cá-Mulemba.

O segundo e o terceiro tomaram o nome de potentados e são Capenda Malundo a sul do Mulemba, seguindo-se o Massongo, que confronta com povos que tomaram o nome de Songo e depois se dividiram em grande e pequeno Songo.

Até certo tempo, observava-se a praxe estabelecida, os filhos das irmãs dos potentados davam-lhe os herdeiros; porém ultimamente em cada um dos tres estados tambem a ambição estabeleceu dissidencias, e tem havido alterações que se manteem pela fôrça. Os descontentes vão-se disseminando pelo interior, afastando-se da séde e occupando terras que estavam por explorar.

São os que retrocedem para leste, como os Quiôcos para o norte, e alguns de uma e de outra procedencia que constituiram novas tribus, cujos antepassados já eram d'esta região de que me occupo.

Os Quiôcos, ferreiros e caçadores, encontraram vasto campo para exercer a sua actividade, e com facilidade obtinham sal, objectos de vestuario e armas do Libolo, e povos mais ao norte (Bângalas).

A sua população, augmentada com os povos vizinhos já pelas guerras, já pelas relações que com elles sustentavam, disseminou-se entre o Cuango e Cuanza para as bandas do norte, e ainda até o Bié e mais para oeste.

Dos principaes descendem Andumba, Ambumba, Muxico (Quiniama), Miequeta, Quibau, Catende, Canhica, Cabinda, Mucanjanga, Quissengue, Miocoto, Quihendo, Cambomba e outros; sendo estes os que em seguida a Quissengue primeiro se afastaram de Andumba, por causa de exigencias de tributos e receio de feitiços[1].

---

[1] Á descida de Quissengue para o norte quizeram oppôr-se os Lundas no tempo do Muatiânvua Noéji, porém este pensava de modo diverso do

D'estes se afastaram ainda outros pelos mesmos motivos e alguns, depois do estabelecimento de Carneiro em Quimbundo, isto é, depois de adestrados no uso das nossas armas lazarinas, foram na caça ao elephante.

Cada um d'esses individuos tornou-se potentado nas terras que foi occupar e constituiu tribus com os povos já conhecidos pelos Bângalas e Lundas com diversas denominações, e ainda com os que encontraram a sul, não indo além dos limites naturaes em que se restringem os povos com linguas differentes.

No estado do Capenda, as migrações das populações para leste e por conseguinte a constituição de novas tribus com aquellas e outras que as precederam do interior teve logar depois das luctas por causa do poder, que principiaram no estado de Massongo, mais ao sul.

Governava este estado, Canje e sua irmã Muholo Angonga, e além dos tres filhos Andumba, Cávula e Canje, tinha esta tido antes Quicáhia de um Bângala.

Morrendo Canje, os Bângalas entenderam auxiliar a entrada no estado, ao filho do seu patricio, e depois de guerras contra os partidarios do Andumba, ficou Quicáhia. Por morte d'este, ainda os Bângalas entenderam que deviam favorecer a entrada de Canzári, sobrinho d'aquelle, filho de pae e mãe bângalas.

---

que se pensa hoje na côrte, como veremos tratando do seu governo, e limitou-se a nomear Quimbundo para governo de um estado, no logar a que deu o nome, a fim de manter boas relações com aquelle e outros dos seus parentes que quizessem voltar do sul para as suas terras, e de velar sempre pela manutenção da boa ordem.

Entre os Quiôcos, os seus potentados, Mona Angana—não mandam matar, como o Muatiânvua, enfeitiçam, e o enfeitiçado morre.

É poder que se lhes attribue; mas é curioso que, os que se afastam por este motivo, tornam-se Mona Angana entre os que os acompanharam e fazem-se logo acreditar tambem como feiticeiros; e é certo que o povo em geral, quer acredite, quer não, faz suppor que isto assim é.

Pela minha parte creio que esse feitiço não passa de uma boa dose de veneno, administrada a tempo e horas, sem que os mais credulos o percebam.

Porém, nas guerras que se travaram, Andumba conseguiu revindicar os seus direitos.

Como no estado vizinho de Malundo, os herdeiros á successão eram creanças, Cávula, irmão de Andumba, receando que os Bângalas se oppuzessem á entrada d'elle em seguida a este, tomou posse d'aquelle estado.

Morreu Andumba, e Cávula não querendo largar o certo pelo duvidoso, resignou a successão em favor do seu irmão Canje.

Desfizeram-se d'este e entrou Canzári, a quem succedeu Xá Anzoua, tambem bângala, e este estado agora pode dizer-se que se tornou dos Bângalas, visto que estes se espalharam pelas suas terras.

No Malundo, depois da morte de Quime, filho de Tumba Lupeto e ultimo neto de Muzombe, chamou-se seu tio Quihôco para governar o estado na menoridade dos herdeiros, mas o logar foi disputado áquelle por Cávula Massongo, de quem já fallei.

Este fez que o acompanhassem seus sobrinhos Massóli e Canzári que por ordem lhe succediam, preterindo a Quilelo que, sendo já de certa idade, passou para o estado de Mulemba.

No Mulemba, observára-se sempre a praxe até Pire, que falleceu ha vinte annos. Este teve quatro filhas, de que viviam duas, Mahango e Cafunfo (Cafunvo).

A primeira, que era a mais velha, teve de Quinonga dois filhos, Macamba e Mucanzo; de Quibulungo tambem dois, Candala e Pire; e do ultimo Quienza, Cambongo, rapaz de dez annos.

A segunda teve de Quissupa, que morreu, um só filho Mutende, que tambem morreu; de Imica duas filhas, Mutumbo e Puta; de Quibuta Mena, um rapaz, Muafo, e uma rapariga, Angongue.

Como Mahongo não tinha filhas, succedeu-lhe a sobrinha Mutumbo, com dois filhos de Quimica ainda creanças, um rapaz, Quihoca, e uma rapariga, Samba.

Os maridos d'estas senhoras, depois de terem cumprido com os seus deveres, vão constituir pequenos estados, em sitios por

ellas designados, são considerados magnates, tomam parte como seus conselheiros nos negocios de todos os seus dominios; mas os filhos ficam em poder d'ellas.

Fallecendo Pire, o Capenda-cá-Mulemba, era Mucamba, filho de Mahango, quem devia succeder-lhe; porém tomára posse do estado o Quilelo Malunda, a pretexto de ser aquelle muito novo, e como pouco tempo depois Mucamba morresse, devia passar o estado para Mucanzo; mas Quilelo continuava sustentando ser este uma creança, notando-se ter esta creança já onze filhos e que a mais velha teria os seus quatorze annos.

Dizia-se que Quilelo não tinha ainda satisfeito aos preceitos para ser considerado Capenda, por não encontrar as insignias do estado em poder de Pire, e que Mona Cafunfo, ambicionando o logar para um dos seus filhos, em vez de ir para os da irmã, conseguíra conservá-las em seu poder, mas que d'isso sabia seu ultimo marido Quibuta Mena, que era escravo, o qual tratou de lh'as subtrahir por sua conta e escondê-las fora do sitio.

Este Quibuta era da classe servil, e como Mona Cafunfo o quizesse expulsar do sitio depois de ter d'elle dois filhos sem nada lhe dar, levantaram-se conflictos, de que resultou correrem-no á paulada, deixando-o muito mal tratado, já em terras de Mona Mahango.

Sendo visto ali por um rapaz de Mucanzo, pediu-lhe para chamar este porque ia morrer e queria confiar-lhe um segredo de estado.

A elle communicou as intenções de sua tia Cafunfo, e onde havia escondido o cofre das insignias, que só a elle pertenciam.

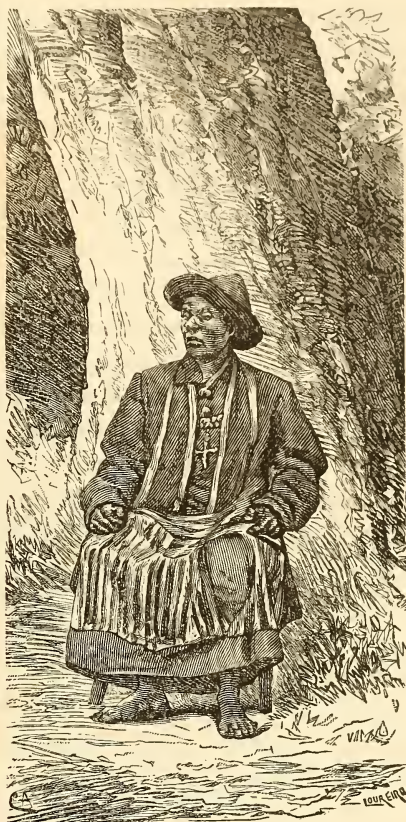
Quibuta morreu dias depois.

Mucanzo tinha já comsigo as insignias do Capenda-cá-Mulemba, quando com elle estive.

Em 1885 falleceu Mucanzo, e é provavel que essas insignias passassem para poder do irmão Candala. Comtudo em 1887 ainda estava no estado, Quilelo, que dera a seus irmãos Maionde, Quianzaje, Caianvo e Xá Machinje, bons gover-

nos no seu dominio; e será hoje difficil, apesar de não satisfazer aos preceitos e lhe faltarem aquellas insignias, o deslocá-lo. Por sua morte de certo lhe succederá Caianvo, que demais tem o apoio dos Bângalas, com quem tem mantido boas relações.

AMBANZA QUINGÚRI

O fallecido Pire era o Capenda-cá-Mulemba que em 1860 auxiliou as nossas forças, commandadas pelo major Salles Ferreira, em perseguir o rebelde Ambumba, jaga de Cassanje, e o que conseguiu apanhar-lhe as insignias, que mandou entregar ao referido major; pelo que este, em nome do governo, o nomeou capitão dos portos do Cuango, mandando-lhe uma espada e uma banda de presente [1].

Os filhos dos potentados nos estados de Capenda limitam as suas ambições ao dominio de pequenos povoados; os melhores

[1] No vol. III da Descripção da Viagem, que é constituido pelo relatorio, tenho de fallar d'este assumpto com mais desenvolvimento, porque a elle se referem dois officios que recebi do actual Capenda-cá-Mulemba, que, collocado entre Quiôcos e Bângalas, pede ao governo de Muene Puto que não abandone as terras do seu estado que lhe pertencem, e lhe garanta a nomeação de capitão dos portos de Cuango, concedida pelo mesmo governo ao seu antecessor.

cargos são para as filhas que se destinam para mulheres de principes e dos proprios Capendas, e por isto se diz que nestes estados a felicidade é das mulheres.

Foram os Bângalas quem alcunharam estes povos de Xinjes, porque a sua alimentação em principio eram ratos[1].

Quando os Xinjes chegaram ao Cuango, Mona Mávu informou o Muatiânvua, que Quingúri passára ás terras de Muene Puto, e que ella organisaria um estado Capenda, contando com a sua protecção, e enviou-lhe presentes[2].

Dava noticia de serem muito boas as terras e haver por ali muitos leões e elephantes.

Estas communicações foram despertar ambições de grandeza que já existiam nos descendentes de Mutombo, e por isso Ilunga chamou Maí, seu irmão, e convidou-o a ir explorar pelo norte, as terras que lhe conviessem para constituir um estado para elle, como homem grande *(munene)*, e mandou-o acompanhar de gente armada, d'elle e de sua mulher.

Maí encontrou povos nas actuaes terras de Mataba, que facilmente sujeitou ás suas imposições, e foi estabelecer-se no Chicapa, junto ás cachoeiras, conhecidas pela denominação de Maí Munene, impondo-se aos povos vizinhos que a pouco e pouco vieram do norte e foram tomando as denominações de Tucongo, Tubinje, Chilangues.

Uma vez estabelecido, mandou logo presentes a Luéji, e fez que seus dominios se dilatassem para o sul.

Neste estado teem-se succedido os filhos de irmãos, e os que se apuram hoje são por sua ordem: Cassepo, Quissupa, Angonde-iá-Libata, Quiluata, Mucongo.

---

[1] Não só os Xinjes, mas muitos povos Lundas e do Cuango até Malanje procuram os ratos para substituir a carne ou peixe que não podem haver. Os Bângalas são os unicos povos que vi comerem carne de cão.

[2] Ainda hoje o Capenda-cá-Mulemba e as mulheres do Estado, mandam milambos de quando em quando ao Muatiânvua, e muitas vezes os povos lundas mais proximos abusam, enviando portadores em nome do Muatiânvua pedindo-lhe milambos, que nunca se recusam.

A este ultimo succedeu um irmão, que está ainda no estado de Camuanga.

Outros houve entre aquelles, porém os nomes citados são dos mais notaveis pelas suas guerras, e por isso são apenas os que hoje se recordam.

Com a comitiva de Maí, saiu a de um primo de Luéji, filho de Muata, Quissanda Caméxi, que foi até ao rio Lôvua, a de Muquelengue Mutombo, primo de Ilunga que, passando aquelle rio, seguiu para o norte, e a de Cassongo, sobrinho do mesmo Ilunga que, depois de deixar aquelle junto ao Cuílo, seguiu para o oeste até ao Cuango.

Todas estas comitivas de gente armada, a que elles chamam guerras, tiveram de repellir e sujeitar á obediencia de Luéji, os povos que foram encontrando no seu transito.

Caméxi deixou em seu logar, junto ao Chicapa, um sobrinho e voltou á côrte a dar parte das boas diligencias que se estavam fazendo, entregando a Luéji muitos escravos.

Para remuneração dos seus bons serviços deu-lhe Luéji o titulo de Caungula, e auctorisação para dividir as novas terras por elle conquistadas, em estados pelos seus filhos.

Como fallecesse antes de sair de novo para os seus dominios, foi esta auctorisação concedida a seu filho mais velho, tambem Caméxi, que partiu levando comsigo seu irmão Lussengue, que foi investir no estado do pae com a residencia no logar em que elle deixára um sobrinho, e a este deu o titulo de Bungulo, para ir formar estado onde mais lhe conviesse em suas terras, indo este para o Luachimo.

Regressou tambem á côrte com mais escravos para Luéji e deu-lhe parte do modo como procedêra, pedindo para ir collocar outro irmão menor na margem do Luembe, onde contivesse em respeito os povos entre este rio e o Cassai, voltando elle para junto de sua ama.

Assim se fez.

O Muquelengue Mutombo apossou-se da região em que foram estabelecer-se os Peíndes que corridos dos seus sitios, recearam internar-se mais para o norte por causa das feras. E como

aquelle os tratasse muito bem, cognominaram-no Cumbana, e d'ahi o titulo de Muata Cumbana que conservaram seus successores[1].

O Cassongo que pretendeu afastar-se das exigencias da côrte, encontrando o Cuango, soube pertencerem as terras além d'elle a Muene Puto, já considerado o grande dos brancos, e intitulou-se Muene Puto Cassongo.

No estado do Caungula observou-se a mesma praxe na successão que na do seu amo, Muatiânvua, e os nomes que se apuraram foram: Muteba, Chissupa, que perseguido pelos parentes foi morrer na serra Xicandama; Noéji, tambem perseguido, foi morrer nas terras de Maí Munene; Ilunga, filho de Chissupa, que estabeleceu a sua residencia junto ao Massai, proximo da confluencia com o Lôvua.

A este já muito velho, por ordem da côrte veiu succeder o potentado actual seu sobrinho, que mudou a residencia mais para norte, onde está.

Chama-se elle Xá Muteba e distingue-se do seu inferior no Luembe, cujo povo é hoje na maior parte de Mataba, denominando-se este Caungula de Mataba.

No Bungulo, margem do Luachimo, e ao sul de Caungula, seguiu-se a successão pelos sobrinhos: Ianvo, Mazári, Canhimo,

---

[1] Entre os povos da Lunda «tratar bem» é «dar» sem o pensamento reservado de compensação, e neste caso o vocabulo que lhe corresponde é *cumpana* (*kup̃ana*) «dar», que áquem do Cuango corresponde a *cumbana* (*kub̃ana*).

Se nos lembrarmos que os Peíndes marginavam o Cuango e vinham até proximo ao Duque de Bragança, acreditaremos que este povo tem o vocabulo *cumbana* (*kub̃ana*), que tambem em Angola se diz *cubana* e corresponde a *kumpana* (*kup̃ana*) entre os Lundas; isto é, deixa de ser nasal a consoante.

Está admittido entre os Lundas o *Cumbana* dos Peíndes que deram o nome ao seu potentado, porém é de suppor que muitos em sua lingua digam *cumpana* e assim explico como o Dr. Büchner, e em geral os exploradores allemães, acceitam que aquelle Muata era Cumpana, quando todos o designam por Cumbana.

Quibuta, Ianvo, Cambombo, que fugiu pela perseguição de parentes, Copacânhi, Camuéji, Quiluata, a quem os parentes com o auxilio dos Quiôcos coagiram a abandonar o estado em favor de um primo, e que um ou dois annos depois com a protecção do Muatiânvua foi reintegrado.

Mais tarde voluntariamente entregou o estado a um irmão d'aquelle e que hoje está no poder com o titulo de Bungulo Cambombo.

Ao tempo que estas conquistas se faziam, saíam da côrte para o Cabango a SW., na margem do Chiúmbue, Muansansa e Muene Luhanda, seu filho, qualquer d'elles Muquelengues, com ordem de instituirem estados e conterem em respeito os povos que lhe ficassem ao sul.

Em seguida a estes, concedeu o Muatiânvua ao grande Xacambunje, as terras já conhecidas pelo nome de Tengue ao sul na margem direita do Cassai, e abrangendo as terras regadas pelas nascentes do Lulúa, e com elle foram Cauháhua, Catenda, Xá Cahanda, Cábua, Catanda, Fumubanda, Quibando, Catema e outros.

Actualmente os descendentes d'estes tornaram-se chefes de povos, que se conhecem pelos nomes dos rios que passam nas terras que occupam: Macossa, Malassa, Maluena, Minungo, Tungombe, etc., e todos elles são da mesma familia dos que se expatriaram para sul — *aiôco*.

Aos chefes d'essas comitivas seguiram-se outros, que eram seus descendentes e ainda hoje são considerados Muquelengues, titulo de nobreza que continuam a usar os da côrte de Muquengue, a que ha poucos annos se chama Lubuco, sendo, quanto a nós, seus povos uma grande parte do antigo estado da Luba, que veiu encostar-se ao Cassai, espalhando-se d'ahi até ao Lumámi.

Se attentarmos na disposição das terras a norte, parece que estes povos fugiram aos terrenos encharcados e ás florestas mais densas que marginam os rios, e se não passaram para a região da Lunda já conhecida, foi por encontrarem de permeio então os povos que foram repellindo, os Tubinjes, Tu-

congos, Acauandas, de outras migrações anteriores, povos mais selvagens e os mais d'elles em contacto com o governo do Muatiânvua e já a elle sujeitos.

Em seguida aos Lubas vieram os Quetes e Cubas que os limitam pelo norte e se dizem já repellidos pelos povos do Zaire, e são estes que depois, nos ultimos tempos, engrossaram a população sujeita ao Muquengue, e a Luquengo seu visinho ao norte.

O Lubuco, ou melhor o que hoje se chama Lubuco, ainda ha mais de quinze annos, talvez vinte, apenas era conhecido das caravanas dos nossos Quimbares, de alguns Quiôcos mais arrojados e dos Turuba (Lubas) do Muatiânvua sob o dominio de Maí Munena.

Os nossos Quimbares de Ambaca, tiraram partido das boas relações travadas com o Muquengue Quiximbo Cassongo (irmão do actual) e com os seus muquelenges, os senhores do *Moio*, e juntos d'elles se demoravam annos transformando os seus pannos de mabela em objectos de vestuario ao uso europeu, como calças, casacos, camisolas, bonets, etc., e tambem fazendo-lhes sapatos de couro por elles mesmo curtido. Essas relações iam-se estreitando, e os Ambaquistas lá iam introduzindo palavras portuguezas e de *ambundo*, lingua de suas terras, no vocabulario pouco copioso d'elles.

Como é natural, apresentaram-se os Ambaquistas como filhos de Muene Puto, fallaram-lhe em juramento de bandeiras e descreveram-lhe os nossos usos e costumes; emfim, despertaram a curiosidade de Quiximbo e da sua tribu (a mais branda e intelligente, que tende a civilisar-se).

O elephante, batido pelos Quiôcos, foi recuando para o norte, e Mucanjanga, um dos mais audazes caçadores, seguido de alguns companheiros e já com as nossas armas lazarinas, saiu do seu sitio junto a um dos affluentes do Luele, ao sul de Mona Congolo, para uma exploração de caça ao norte, e, seguindo o Quicapa, conseguiu passar depois o Cassai e fez-se amigo de Muquengue, apresentando-se como caçador, *Quilunga*, nome que certamente tirou de Ilunga (o pae do primeiro Muatiânvua).

Contractou com Muquengue caçar nas suas terras o elephante, repartindo com elle, e tambem ensiná-lo e aos seus a caçar. Isto durou algum tempo e d'ahi os depositos de marfim, maiores ou menores, que tiveram Quiximbo e os chefes mais considerados que o rodeavam.

Tambem nas terras havia abundancia de borracha, e os Quiôcos nestas excursões, quando a caça lhes dava folga, aproveitavam o tempo na sua colheita, de que os nossos Quimbares se occupavam ensinando tambem os Muquelengues a colheremna e acceitando-lha em troca de obras de alfaiate e sapateiro que lhes faziam.

Mucanjanga e os seus realisaram para ali duas ou tres viagens, porque retiravam com o marfim que negociavam depois por fazendas, armas e polvora.

Da penultima á ultima, o intervallo fôra grande, e é natural que a ausencia d'estes caçadores fosse bastante sentida por Quiximbo e os seus, porque elles lhes levavam sempre novidades e tambem tabaco, que muito apreciavam.

Ouvia Quiximbo fallar a Quilunga das boas cousas que tinha Muene Puto, e que tudo de lá recebia por intervenção de um bom amigo branco, que vivia proximo do seu sitio, e estas noticias eram confirmadas pelos Quimbares que o tentaram a emprehender uma viagem e lhes lembraram uma rede como optimo meio de conducção.

Os Quimbares chegaram a obter-lhe uma, com as suas mabelas e a conduzi-lo a passeio a troco de bolas de borracha.

Á falta de tabaco, uma tarde Quiximbo fumou *liamba* (*diamba* ou *riamba*), o que o embriagou, e já de noite, conta elle, julgára ter ido a uma terra, onde se fornecêra de roupas brancas, fato, polvora, armas e muitas outras cousas, e que principiára a felicidade da sua terra com a protecção de Muene Puto.

Despertado, não podia apagar-se da sua imaginação o que pensava ter-lhe succedido, e por isso de madrugada mesmo, mandou chamar seu cunhado Quinguengue, e seus parentes com quem mais privava, Capuco, Quibundo e Umbeia, e, de-

pois de narrar o que vira, propoz-lhes para o acompanharem numa viagem até á residencia de Quilunga, que ha tempo não apparecia, para com elle irem procurar as boas cousas de Muene Puto, de que precisavam.

Houve discussão sobre a projectada jornada, que julgavam cheia de grandes difficuldades por nunca terem saido de sua terra; mas organisaram uma grande expedição, levando escravos, marfim e borracha em quantidade, para presentearem os povos que não os quizessem deixar passar. Era uma tentativa em que Quiximbo se não importava muito que houvesse prejuizo de valores; o que desejava agora era entabolar relações com povos novos e vêr o estabelecimento do branco, junto ao seu amigo Quilunga.

Seguiram o Cassai até ao porto Muiamba defronte do Maí, onde o queriam passar para subirem com o Quicapa, e mandaram presentes de marfim e escravos ao Maí e ao seu Quiluata. Aquelle achava a tentativa dos Chilangues um arrojo e tratava de impedir-lhes a passagem; porém Quiximbo reforçou o presente, mandando-lhe mais duas raparigas e um dente grande de marfim; elle deu-lhes então um guia para os acompanhar pela margem esquerda do Quicapa até ao limite das suas terras.

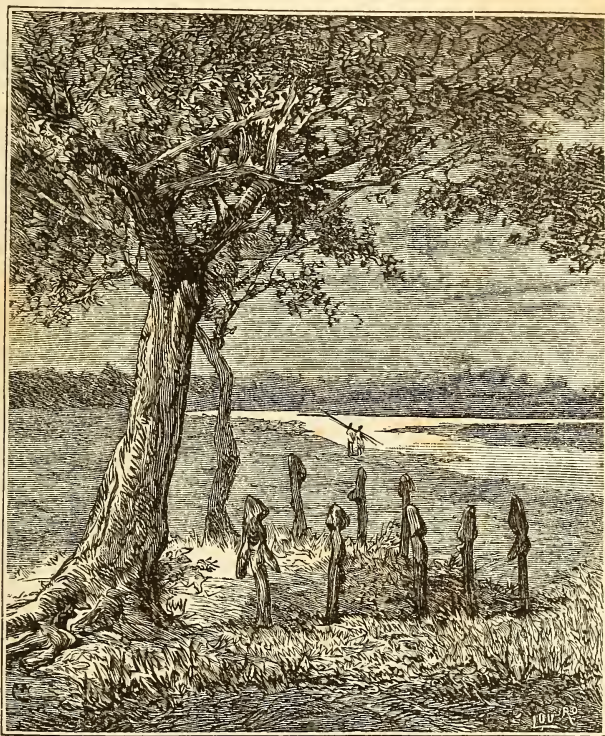
Pagando a uns e outros chefes de povoação conseguiram chegar e Mona Congolo, onde encontraram Ambaquistas, entre os quaes tambem estava o interprete da nossa Expedição, Antonio Bezerra, que depois os guiou ao Quilunga, que então residia junto ao affluente do Luchico, um pouco mais a oeste.

A Mona Congolo deram elles quatro mulheres e seis dentes de marfim, porque na sua quipanga estiveram hospedados alguns dias descansando e informando-se do que desejavam saber.

Foram depois procurar Mucanjanga, onde os acompanhou Bezerra, e áquelle, que era amigo antigo deram maior presente do que a Mona Congolo.

Mucanjanga correspondeu a esta dadiva com fazendas, armas e polvora e ficou de os acompanhar no regresso, acon-

selhando-os que fossem a Quimbundo, ao estabelecimento de Carneiro & Machado (a cargo de Saturnino Machado) e negociassem o resto que traziam.

Saturnino Machado, hospedou-os muito bem, e fez o negocio que elles desejavam, de modo que os deixou satisfeitos.

SEPULTURA DE ILUNGA, PAE DO PRIMEIRO MUATIANVUA

Voltaram á sua terra muito contentes, contaram tudo que viram, o modo por que o branco os tratou e lhes pagou o seu marfim; mostraram o negocio que traziam e os bons conselhos que lhes dera o branco, e recommendaram a todos que se preparassem para caçar elephantes e colher borracha, se queriam ser felizes, e que d'ali por deante deviam fumar liamba.

É d'aqui que data a transformação por que rapidamente teem passado os povos do Muquengue, contribuindo muito para ella a affluencia desde então da nossa gente de Ambaca, Malanje e Pungo Andongo, que se denominam todos Ambaquistas.

Quiximbo ainda fez outra viagem, e sendo bem succedido, os seus nomearam-no Muquengue do Lubuco. O Quinguengo foi residir proximo do rio Muansangoma, e os outros parentes constituiram tambem pequenos estados. Os homens de Cabau não largaram o seu trajo, que é como o dos Cabindas, grandes pannos de mabela e camisolas; alguns d'estes fatos são bem bordados a missanga pelas suas mulheres.

Morrendo Quiximbo deixou um filho dos seus dez annos, conhecido de Mucanjanga e mais Quiôcos, que mandaram dizer ao tio (o actual Muquengue) que se lembrasse serem elles amigos do pae d'aquella creança, a quem o estado pertencia e que emquanto ella fosse menor fizesse um bom governo.

O Muquengue convenceu o seu povo de que, tendo elle tambem feito uma jornada ao Quilunga, lhe pertencia herdar o estado, e seu sobrinho seria o seu immediato para o herdar d'elle; que elle ali era o Muatiânvua. Fez-se rodear dos seus affeiçoados, dos que juraram o moio e dos seus amigos, que viviam na proximidade da sua residencia, e eram os filhos de Muene Puto, consultados até para os seus negocios como os Quiôcos [1].

O nosso sertanejo Silva Porto, na sua primeira viagem, encontrou o Lubuco nesta situação.

Em 1881, a expedição Pogge e Wissmann, que se dirigia para o Muatiânvua com a idea de por ali realisar uma travessia,

---

[1] Noutro logar prestam-se esclarecimentos mais desenvolvidos sobre estes povos e no vol. I da DESCRIPÇÃO DA VIAGEM se dá conta de dois relatorios importantes que recebemos do negociante sertanejo Saturnino Machado, que mostra como estão procedendo os agentes do novo Estado do Congo naquella região, que por todos os motivos devia ter sido respeitada como portugueza; e nessa doce illusão ainda vivem alguns dos seus povos.

e procurando conhecer Canhíuca foi informada em Quimbundo por Saturnino Machado das circumstancias anormaes em que se encontrava a região do Cassai á Mussumba e aconselhada por elle, resolveu descer o Quicapa e passar ao Muquengue com guias do mesmo Saturnino, indo tambem acompanhada pelo amigo e freguez antigo da sua casa commercial, o quiôco Mona Congolo. Ahi chegou a expedição, demorando-se o dr. Pogge mais de dois annos junto do Muquengue.

Os exploradores allemães não poderão negar, pois, a nossa influencia naquelle paiz, e que ahi encontraram os nossos usos, os nossos costumes e até a nossa lingua.

Se consultarmos o vocabulario das linguas d'esta vastissima região, lá encontraremos muitos termos portuguezes adoptados pela gente de Canhíuca, do Congo, de diversas tribus sujeitas ao Muatiânvua, e pelos povos de Ambaca, Malanje e Cassongo.

Nota-se, comtudo, uma differença no seu prefixo plural que é *ba* como em Canhíuca, no Cassanje e algumas tribus do Congo, emquanto que em toda a região considerada é *a* ou *ma*. Assim emquanto se diz na Lunda — *ana a muatĭanvŭa* («filhos do Muatiânvua»), os do Lubuco dizem *bana ba lubuco* («filhos do Lubuco»); mas o singular *mŭana* («filho») é o mesmo. Além d'isso *chi* e o *lu* são prefixos especiaes de uns e outros, e tambem os encontrâmos em tribus do Congo.

Comparados nos usos, costumes e artefactos, ha apenas differenças para um estado mais prospero, isto devido, sem duvida, ao contacto com os nossos Quimbares e a maior applicação e tendencias para o trabalho. Aqui sim, distingue-se uma classe livre da dos servos, que se vão buscar fora do meio em que ella vive, como veremos.

Creio, pois, que os povos de Mataba, Tubinje, Tucongo e Acauanda são os que precederam os actuaes do Lubuco nas migrações, e talvez mesmo os Lubas e Bungos, porque estão num estado relativamente atrasado, e alguns d'elles, os ultimos, os da parte septentrional principalmente, são anthropophagos.

Nesta região, com o mesmo nome de Uandas, distinguem-se pelo trajo dois povos, os Majala Mavumo e os Majala Chiquita

(os que cobrem com a pelle da barriga as partes genitaes, e os que vestem pelles de animaes), e é tradicional entre os Lundas, o encontrarem-se anãos nestes dois povos.

Terão estes algumas relações com os povos anãos de Schweinfurth? Esta nossa duvida tornar-se-ha mais patente quando tratarmos dos usos e costumes.

É singular a constituição das tribus de que tratâmos, que partindo de um centro se dispersaram até certa altura, e em vez de proseguirem para norte e sul, onde parece tinham largo campo, retrocedessem como temos visto, a occuparem terras por onde tinham passado indifferentes, certamente pela precipitação com que fugiam, já aos povos invasores, já ao despotismo de seus potentados, já emfim ás guerras intestinas levantadas pelos mais audaciosos e aguerridos.

Assim vemos pelos dialectos e pelo que se está passando na actualidade com respeito ao commercio de escravos, que ellas foram até ao Zaire, seguindo as terras do Congo, e que d'aqui sairam outras para sul. A parte leste da nossa provincia de Angola até ao Cuanza, fornece-nos muitos exemplos d'estas migrações; mas além do Cuango, a leste do Capenda Camulemba, junto ás terras de Mona Samba Mahango, uma tribu se foi ahi collocar sob o dominio do potentado Cambongo, que merece menção porque um dos seus descendentes prestou relevantes serviços, nas ultimas guerras de Cassanje, aos portuguezes africanos que, fugindo á ferocidade dos rebeldes e passando o Cuango, por elle foram asylados e protegidos.

De dois d'estes que estavam no acampamento da Expedição obtive a respeito de Cambongo as seguintes informações:

Diz-se subdito de Muene (rei) Congo; os seus dominios confrontam com as terras de Mueto Anguimbo, de Maholo e varios subditos do Congo, e a leste com os Peíndes e outros.

Sua mãe, Muana Mudíli, e sua irmã Angúri-á-Cama vieram com elle do Congo e aqui se estabeleceram, sendo aquellas já idosas e muito respeitadas pelos seus povos e os das vizinhanças, motivo porque os de Capenda não teem tido luctas ultimamente com os descendentes.

Trouxe do Congo, como insignias para o seu estado, um grande sino (*dilunga*) de igreja, naturalmente de algum dos antigos templos portuguezes em S. Salvador.

Quando tiveram logar as ultimas guerras de Cassanje (do tenente coronel Casal), uns sessenta a setenta filhos de Angola, que combateram ao lado d'este, depois da sua morte fugiram em debandada para os Xinjes e d'aqui passaram para as terras de Cambongo, porque os Xinjes estavam da parte dos Bângalas, que poucos annos antes haviam sido intermediarios nas pazes d'elles com Angúri-á-Cama, que ainda conservava como tropheu da victoria que sobre elles alcançára o cranio de um Capenda[1].

Os Angolenses ainda no Cambongo foram perseguidos pelos Bângalas, mas de um modo diverso, porque se não atreviam a atacá-los na povoação.

Levaram a Cambongo um presente de sessenta peças de fazenda atacadas, quarenta armas, polvora e missanga em quantidade, para que elle lhes entregasse os refugiados como presas da sua guerra, em que foram victoriosos. Cambongo recebeu tudo e ordenou que os Angolenses e Bângalas se reunissem em um determinado dia em frente da sua residencia.

Á hora aprazada já elle os aguardava e mandou collocar os Portuguezes de Angola ao seu lado direito e os Bângalas, no lado opposto. A estes perguntou o que queriam.

Responderam: Os Portuguezes vieram com Casal atacar-nos nas nossas terras, nós fomos vencedores (mostram um braço já ennegrecido e uma especie de cabelleira, que traziam, para signal), e queremos essa gente (apontando para os de Angola) porque são nossos escravos.

Cambongo insistiu por mais de uma vez para que lhe dissessem se aquelles cabellos eram de um branco, filho de Muene Puto, morto por elles.

---

[1] Note-se que elles fallam sempre no presente e por isso as referencias são a ascendentes que tinham os titulos dos da actualidade.

Responderam que sim, e em seguida cantaram o seu hymno de victoria nessa campanha, canto que ainda hoje conservam quando querem alardear de valentões, com os povos com quem se dispõem a guerrear.

Cambongo ouviu-os com toda a placidez e depois mandou buscar pelos seus a dilunga e collocá-la junto de si, e batendo-lhe com toda a força perguntou se o jaga de Cassanje tinha no estado uma insignia como aquella. Não, responderam elles; lá temos campainhas pequenas e *lubembe*[1].

Pois bem, esta trouxe-a eu de S. Salvador quando Muene Congo meu pae me mandou para estas terras, era um presente do seu muito amado irmão e amigo Muene Puto. Os de Cassanje não podem ter um signal como este, porque não conhecem Muene Puto como dizem; um bom protector que tudo nos manda das suas terras. Mas como vós quereis os seus filhos, esperae um pouco, que já os recebereis.

Mandou buscar os presentes que elles nas vesperas lhes mandaram e poz tudo no largo entre os Angolenses e Bângalas, recommendando a estes que verificassem bem se ali faltava alguma cousa. E como elles dissessem nada faltar, ordenou-lhes que fossem buscar o capim de uma cubata proxima em ruinas e o juntassem em monte para lhes largarem fogo. Depois ordenou-lhes que ahi fossem lançando peça por peça do que haviam trazido, excepto os barris de polvora, que mandou recolher pela sua gente[2].

Os Bângalas já não estavam satisfeitos, e os Angolenses pela sua parte ansiosos esperavam o desfecho da scena que elle ia fazendo desenvolver como d'antemão a concebêra.

Grande era o silencio, que Cambongo interrompeu dirigindo-se aos Bângalas:—Então vós quereis comprar um amigo de

---

[1] É um instrumento de ferro em forma de ferradura.

[2] Entre estes povos não são para estranhar as humilhações a que se sujeitam as tribus estrangeiras perante os potentados com quem teem de ter relações, e os Bângalas muito principalmente. É o caso de se dizer que só são ousados e valentes em suas casas.

Muene Puto para vos entregar os filhos d'elle; ides agora saber como taes entregas se fazem, quando se trata com Muene Congo, que toda a sua grandeza deve a Muene Puto. O destino das fazendas e mais cousas que trouxestes já o vistes; agora os filhos de Cassanje que acompanharam a embaixada, que vão dizer ao seu jaga qual a resposta a tão infame proposta.

A gente de Cambongo já preparada, immediatamente os frecharam e atiraram com elles para cima da fogueira.

Cambongo levantando-se, disse então para os Angolenses:

— Tende o trabalho de enterrar esses malvados, como testemunhas do que acabo de praticar, e fazei constar um dia a Muene Puto, quanto mais vale um Cambongo seu amigo que um Jaga que se diz seu vassallo.

Os Ambaquistas que me deram estas informações disseram que mais tarde fôra ter com elle um patricio com os dedos das mãos cortados pelos Xinjes, para que não escrevesse para Muene Puto, dizendo os maus tratos que soffriam ali os seus subditos.

A sujeição de todos estes povos aos potentados da Lunda é de moderna data e foi por esta sujeição e pelas conquistas de outros que se instituiu o Estado do Muatiânvua, que afugentou tambem outros, que foram formar novas tribus para oeste do Cuango já na nossa provincia, e de mistura com gentes já então sujeitas ao Muene Congo, e neste caso estão os Iongos, Holos, Háris, Bongos e mesmo Jingas, destacando-se entre todos algumas tribus que, a seu modo, se mostram dedicadas e mesmo affeiçoadas aos Portuguezes.

Assim se disseminaram, pois, os povos na região de que me occupo e que segundo a tradição de todos elles, consegui dispôr no esboço geographico-historico que apresento.

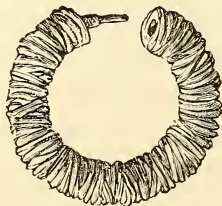
De todos estes povos temos a notar que os Quiôcos, na actualidade, são os que mais se deslocam, e por isso não será para estranhar que em poucos annos marginem o Cuango, porquanto elles chegam já pelo norte em differentes pontos aos limites do Lubuco, e não encontrando elephantes nem borracha na região

que teem atravessado nos ultimos annos, vem já acossados pelos Quiôcos do sul descendo entre o Cassai e o Lulúa.

Luéji teve de Ilunga seis filhos — Ianvo, Noéji, Nama Majumba, Cassongo, Muene Pata e Muquelengue Mulanda.

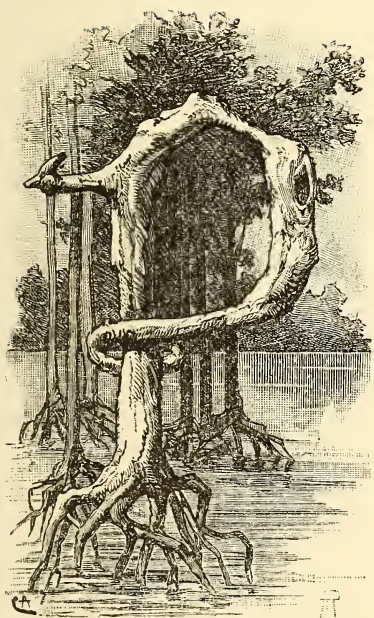
Por consideração para Luéji e Ilunga estabeleceu-se que no estado do Muatiânvua deviam succeder por ordem todos os seus filhos que fossem vivos ao tempo em que se desse a successão, e d'ahi em deante passaria aos filhos dos mais velhos; e d'este modo nunca poderia passar directamente de paes para filhos, porque contaram que se o Muatiânvua não tivesse filhos de uma mulher os teria de outra, e entre tantas mulheres que possue, se não tivesse filhos de nenhuma, não era capaz e deixava de ser Muatiânvua, succedendo-lhe quem tivesse jus a isso.

Praxe foi esta que deu logar ás ambições do poder, e d'ahi a grandes complicações e tambem aos incestos praticados pelo Muatiânvua, admittidos como licitos, o que terei occasião de mencionar no desenvolvimento d'este nosso trabalho como veremos em outro capitulo.

Morrendo Ilunga, como elle fosse considerado estrangeiro para a terra dos Bungos, deram-lhe sepultura na margem direita do Cajidíxi no logar em que dormiu na noite em que ali chegou, e seja ou não veridica a lenda, lá me apontaram em logar reservado uma arvore, que dizem ser a forquilha que elle ali plantára para cabide de suas armas, e eu desenhei-a como monumento que os Lundas mostram ter em summo apreço.

LUCANO

CAPITULO II

DIALECTOS TUS OU ANTÚS

Observações preliminares —Valor ethnographico dos estudos glotticos — Difficuldades de collecccionamento de materiaes linguisticos na Africa — Necessidade de methodo uniforme o para estudo das linguas — Trabalhos de linguistica africana, especialmente de Schön, Schweinfurth, A. F. Nogueira, J. d'Almeida da Cunha e Héli Chatelain — Limites dos povos Tus ou Antús — Uso de vocabulos e phrases portuguezas interjectivamente empregadas nestes dialectos — Considerações sobre a escravidão e condição actual dos povos que visitei — Conclusões e indicações para o estudo dos quadros linguisticos annexos.

ara o estudo das raças, são bons auxiliares as tradições dos povos, sobretudo quando d'essas tradições se podem deduzir alguns caracteres ethnicos, linguisticos e outros essenciaes a esse estudo. No campo das minhas investigações, diversos foram os povos com quem tive de conviver, e como não pudesse dispor dos recursos que me eram indispensaveis para os rigorosos trabalhos que a sciencia actualmente reclama, tratei de aproveitar todos os conhecimentos que ia adquirindo pela observação subordinando-os a um methodo uniforme, levando tão longe quanto me foi possivel as minhas indagações.

Pelas tradições vimos que houve em varias epochas differentes migrações que seguiram de N.-E. para a região de que me occupo, mas não tomando todas o mesmo caminho, e que essas neste centro se tornaram a juntar para de novo se separarem e espalharem a sul, a oeste e ao oriente. E tudo indica

que essas emigrações iriam muito mais além, se obstaculos naturaes se lhe não antepuzessem, como o mar ao oriente e occidente, as elevadas montanhas, o rio Zambeze e as barreiras constituidas por outros povos, ao sul.

Estes povos que se apartaram de um centro presumivel commum para voltarem a reunir-se em outros pontos, e se afastaram de novo para de novo se cruzarem, entrando já nesses cruzamentos influencias estranhas, apresentam as differenças que, em grande parte, devidas a essas influencias se notam, de dialectos, de tez, de desenvolvimento physico e moral, destacando-se sobre tudo, os que revelam espirito nomada, dos que por inercia, proveniente da acção longa e persistente dos terrenos insalubres em que vivem, teem definhado ou permanecido estacionarios, não se aproveitando dos elementos que a natureza lhes offerece em seu beneficio.

Mais uma vez repetimos, não são os nossos estudos restrictamente anthropologicos, e sim ethnographicos, e a razão já a dissemos: não nos preparámos para proceder a medições sobre esqueletos como seria para desejar, nem os pudemos adquirir, e não creio que por emquanto se consiga fazer devidamente esse genero de trabalhos no centro do continente; todavia, seria para desejar, que se fizessem já, nos limites mais afastados das nossas provincias de Angola e Moçambique.

A linguistica, pela sua parte, vae esclarecer-nos sobre a constituição dos povos que hoje occupam a região central em que andei, e quando seja possivel alargar-se o campo das suas investigações iniciadas, chegar-se-ha talvez á origem d'essa constituição. E se a linguistica não possue todos os elementos para a determinação, caracterisação e classificação das raças, é certo que os materiaes ethnicos e anatomicos, e todas as investigações a que nos conduzem os estudos anthropologicos, os podem subministrar.

É um facto já adquirido para a sciencia, que a raça negra, quer se encontre nas terras de Africa quer nas regiões insulo-peninsulares, talvez restos, como já se disse, de algum antigo continente que se estendeu pelo mar das Indias até ao grande

Oceano, falla linguas em que os elementos se juxtapõem, e agglutinam, isto é, linguas cuja morphologia está no periodo denominado de agglomeração ou agglutinação.

As linguas agglutinativas, porém, quer no seu estado mais rudimentar ou mais proximo das linguas isolantes, quer já no seu grau mais adeantado ou mais vizinho das flexivas, abrangem uma grande área e são falladas por povos que habitam os mais variados climas, de um e outro hemispherio.

Mostram os factos observados que estas linguas, no actual momento, são tambem as que teem mais vasta extensão, maior dominio e mais largo desenvolvimento.

Não teem em geral estes povos africanos, monumentos, e muitos d'elles não conhecem moeda; não teem lingua com escripta propriamente sua, e assim se levantam as mais fortes difficuldades para se reunir um bom material linguistico que proporcione os mais indispensaveis elementos fixos de comparação dos principaes grupos d'essas linguas agglutinativas.

Conhecia eu, de ha muito tempo, a escassez do material para tal estudo, e resolvêra aproveitar, como já disse noutra parte, a occasião que pela primeira vez se me offerecia, de estudar os dialectos das tribus com que me ia encontrando, subordinando as minhas investigações a um methodo sempre experimental e contraprovado, quando possivel nas differentes povoações em que mais me demorava.

Preoccupava-me sobretudo a verdadeira interpretação que devia dar aos vocabulos que ia registando, pois só assim, a meu ver, poderia encontrar o valor rigoroso de cada termo.

Refere-se este meu estudo a nove das tribus que encontrei durante a minha commissão no interior de Africa, e que habitam na vastissima região que se estende desde o 11° de lat. sul do Equador para o norte até ao 5°, e da costa occidental até ao 24° de long. a leste de Greenwich.

Este trabalho, a que procurei dar todo o desenvolvimento nas minhas publicações: VOCABULARIO DE DIALECTOS AFRICANOS, e METHODO PRATICO PARA FALLAR A LINGUA DA LUNDA, só por si corrobora, o que, com muita proficiencia

disse o meu amigo Luciano Cordeiro, secretario da nossa Sociedade de Geographia de Lisboa, em 1878, quando lembrava ao Governo a creação de um curso colonial em que se ensinassem as linguas austro-africanas.

«Uma familia de linguas provenientes de uma mesma lingua, fonte perdida ou modificada, parece ter por dominio toda a Africa central, á excepção dos territorios em que se fallam os dialectos dos hottentotes e boximanes, ameaçados de total ruina, ou as linguas europeas. Esse dominio estende-se ainda ao norte do Equador; no occidente até ao golpho de Guiné, ao éste até cerca do 2º de latitude, ao centro até á região do Luta-Nzigue.

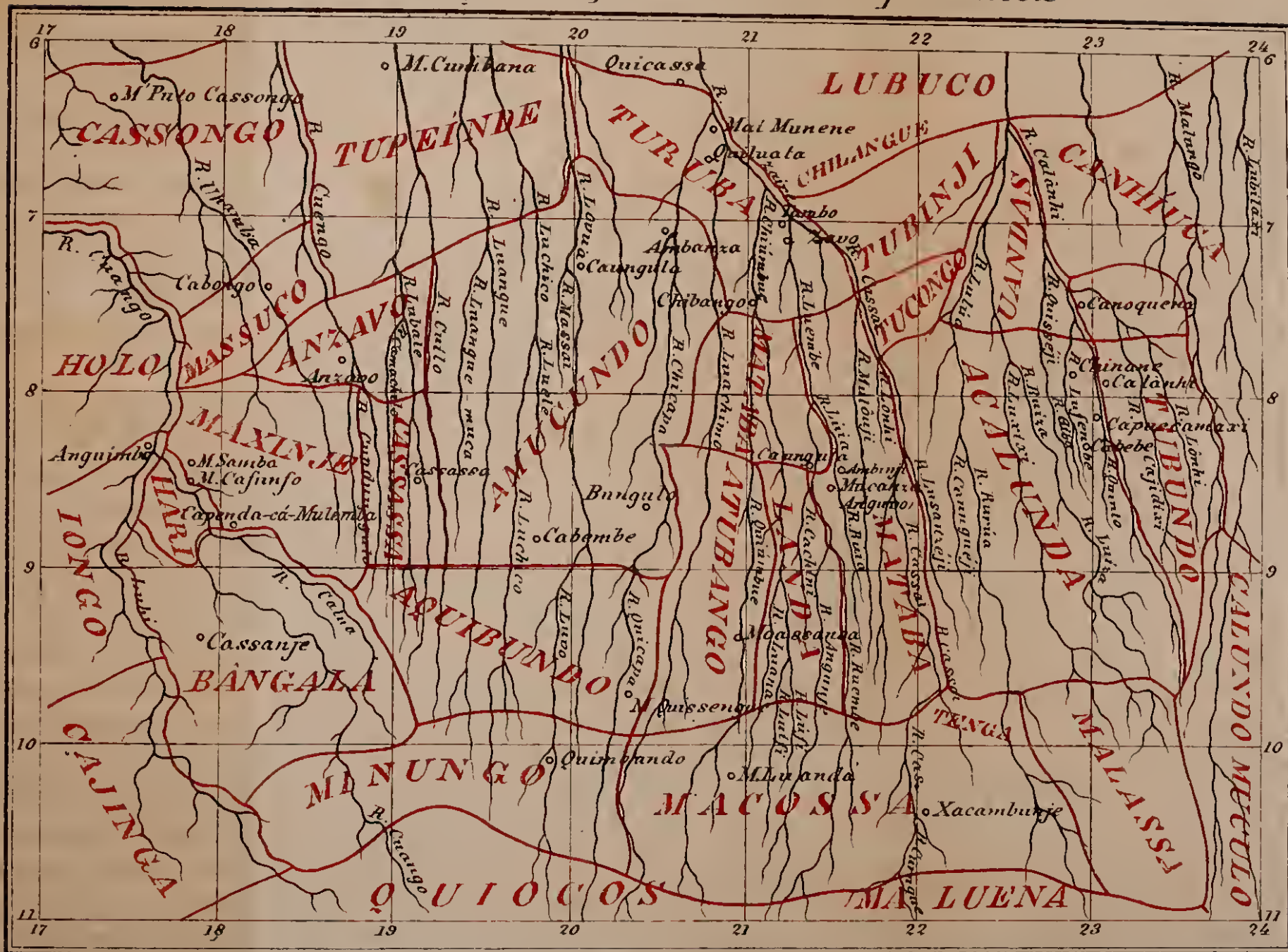
As relações entre algumas das linguas d'essa familia, collocadas a consideraveis distancias geographicas, foram já entrevista pelos nossos antigos missionarios; os trabalhos de Bleek, Hahn, Fred. Müller, demonstraram-na completamente e determinaram a extensão da familia. Acha-se aqui, um mesmo typo fundamental de grammatica, um mesmo fundo de raizes, diversificado no tempo e no espaço segundo as leis que regulam a evolução das linguas».

Mas para o caso de que ora trato, não é o bastante; procurei por isso comparar o meu trabalho com os vocabularios de outros viajantes, exploradores, missionarios e negociantes, e determinar por este meio as relações das tribus que ficam mais proximas ao norte, ao sul e a leste da região que percorri.

Ainda hoje, não é facil este trabalho de comparação, não só por falta da precisa homogeneidade em todas as investigações linguisticas, mas tambem pela variedade na representação graphica dos sons.

O que, porém, parece já averiguado pelos ethnologos e philologos mais competentes, é que, dentro do proprio continente africano, nos territorios em que demoram os povos de côr mais carregada, se apresentam muitos dialectos independentes, fallados por algumas tribus importantes e que pelas suas condições nomadas occupam hoje localidades muito diversas das que primeiramente habitaram.

17
18
6
7
8
9
10
11
M'Puto Cass
CASSONG
R. Uhamba
R. Cuango
Cabongo
HOLO
MASS
MA
Anguimbo
M.Sam
M.Caf
HARI
Capend
IONGO
R. Lui
Cass
BÂN
CAJINGA

Distribuição dos povos de mais importancia

Os Fulas, que vivem actualmente na bacia do Senegal, entre a costa e o lago Tchad, parece terem vindo do oriente, onde se encontram factos linguisticos similares e de uma identificação bem determinada.

Os Bongos, visitados por Schweinfurth, entre os Niamsniams e os Dinkas do 6° ao 8° de lat. N. do Equador, teem, segundo o illustrado explorador, muita similhança com os povos que rodeiam o lago Tchad ao sul do Bornú. Os dialectos d'estas tribus teem uma tal ou qual afinidade com os numerosos dos Haússas, que se pode dizer constituem a lingua do Sudan.

A lingua Haússa, que se tornou conhecida pelos importantes escriptos do missionario inglez James F. Schön, segundo Abel Hovelacque, espalhou-se em toda a vasta região entre o rio Niger e o Bornú e tornou-se a lingua commercial do centro de Africa ao norte do Equador.

Pondo de parte as linguas africanas que se fallam mais ao norte d'estes povos, e que por não estarem sufficientemente estudadas se não poude determinar ainda qual fôra a sua origem, temos para sul do 4° de lat. N. do Equador, isto é, mais de metade de todo o vastissimo continente em que se fallam numerosos idiomas, tantos dialectos quantas as tribus que a povoam e de que os glotologos destacam já, como distinctos, a lingua dos Hottentotes, e dos Boximanes e os dialectos cafres.

Ainda não ha muito, se faziam comprehender sob a denominação de linguas cafriaes não só as d'estes povos, como o grupo de dialectos de toda a região considerada, e que se encrava nas terras occupadas por estes ultimos povos ao sul; e foi em attenção á posição geographica por elles occupada que se reconheceu a necessidade de uma nova denominação para esse grande grupo de dialectos fallados por mais de um quarto dos habitantes africanos do continente.

Foi rejeitada tambem a denominação de linguas ou dialectos do sul de Africa, porque mais a sul d'esse grupo a geographia nos apontava os Hottentotes e os Boximanes.

Uma denominação linguistica que não estivesse em desharmonia com a geographia, foi o que sempre se teve em vista; porém até hoje, pode dizer-se, não se encontrou um nome que precisasse, definisse bem, a área geographica em que vivem os povos que se classificam por aquelle grupo de dialectos, e que se distinguem ao norte, com o qual limitam, dos classificados verdadeiros negros de Africa, e ao sul pelos que fallam as linguas sul-africanas.

É indispensavel para um estudo substancioso, em que se aproveitem os elementos existentes em toda a Africa, decretar, para assim dizer, Instrucções methodicas e homogeneas, em que se consignem com o sufficiente rigor os caracteres e signaes que hão de servir para a representação dos sons e o modo de os ligar em vocabulos, e estes em compostos, tendo a seu lado o significado com as necessarias explicações, para a sua interpretação, segundo as circumstancias.

Ainda não ha muito, Abel Hovelacque, na sua *Linguistica,* nos mostrou como se encontra esta questão scientifica, no seguinte periodo:

«Le nombre des idiomes parlés par les Nègres d'Afrique est assez important. Quelques-uns de ces idiomes se rattachent d'assez près les uns aux autres et forment ensemble des groupes bien marqués; mais on ne peut assurer, avec preuves scientifiques en main, que ces différents groupes soient tous issus d'une seule e même souche; ces différentes langues, sans doute, appartiennent les unes et les autres à la classe des langues agglutinantes, mais ceci ne préjuge en rien une communauté d'origine. Malgré bien des emprunts, le lexique de ces différents groupes d'idiomes est fort varié, et, par-dessus tout, leur grammaire est très diverse. Dans l'état actuel de nos connaissances, nous pouvons dire que l'on rencontre chez des Nègres d'Afrique un certain nombre de langues ou de groupes de langues tout-à-fait distincts les uns des autres, tout-à-fait indépendants.»

Hovelacque, rejeitando a denominação de Cafre para o grupo de linguas de que estou tratando, diz mais:

«Le mot de *bantou* est préférable. C'est le pluriel du mot que signifie *homme;* il a le sens *d'hommes,* de *population,* de *peuple* et peut facilement s'appliquer par extension à la langue elle même.»

Pelo que respeita ás linguas que se denominam cafriaes ou bântus apresenta Hovelacque a classificação de Fred. Müller e em seguida a de W. Bleek, que é um pouco differente, mas tambem em tres ramos. Na primeira estão comprehendidas as linguas de Zanzibar, região do Zambeze, Cafraria e Zululandia ao oriente, de Sechuana e Tequeza ao centro, e as do Congo e Hereró ao occidente.

TYPO BUNGO

Estes tres ramos são subdivididos em dialectos, mas torna-se notavel que uma grande parte das tribus que constituem os grandes e afamados Estados da região central não estão nelles comprehendidos, nem mesmo nas suas subdivisões.

A classificação de Bleek é logo subdividida, e como aquella não satisfaz ás exigencias da sciencia, porque muitos povos ficam por mencionar. Comtudo numa e noutra se faz comprehender a lingua do Congo e o ambundo até Ovambo.

Hovelacque, que apresenta estas classificações, é o primeiro a reconhecer a necessidade de novas descobertas e novos estudos para se classificarem de modo mais exacto as linguas já conhecidas.

É agora occasião de prestarmos a devida homenagem a dois nossos compatriotas, que modernamente deram publicidade aos seus trabalhos de linguistica africana de subido merito para a sciencia, e tanto mais quanto esses trabalhos são puramente de dedicação pelo engrandecimento do paiz, e que nelles oc-

cuparam o tempo que lhes restava para descanço de suas fadigas diarias.

Refiro-me ao sr. A. F. Nogueira, auctor já conhecido pelo excellente livro de vulgarisação *A Raça Negra,* e que no Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, n.º 4 da 5.ª serie (1885), publica os seus estudos sobre dialectos do interior de Mossamedes; e ao meu amigo o sr. Joaquim de Almeida da Cunha, Secretario geral da provincia de Angola, que em 1886 principiou a dar publicidade aos seus «*Apontamentos para o estudo das linguas falladas pelos indigenas da provincia portugueza de Moçambique na costa oriental de Africa*», trabalho este feito durante o tempo que serviu como Secretario geral d'aquella provincia. Não se devem tão pouco esquecer os trabalhos do africanista suisso, o sr. Héli Chatelain, com justiça muito apreciados, e principalmente a sua grammatica do quimbundo ou lingua de Angola.

Não se conformam os nossos dois talentosos compatriotas com a denominação de *bântu* do dr. Bleek, e o primeiro faz mais, protesta contra tal denominação, ao que me associo de bom grado, acceitando conscientemente todas as suas judiciosas considerações sobre a verdadeira interpretação da palavra *bântu,* pois assim a comprehendi em toda a região onde me internei e onde ella se encontra com a differença de prefixo.

Antes de entrar na classificação dos grupos de dialectos que constituem uma lingua, o mais acertado seria dar-lhe uma denominação que abrangesse todos os povos que a fallam, e para isso, devem contribuir todos os dados que pelos diversos ramos da sciencia os approximam.

A Francisco Maria de Cannecattim na sua *Collecção de observações grammaticaes sobre os dialectos de Angola,* por umas deducções do verbo *cubunda* ou *cubundo,* pareceu acceitavel a denominação de *bundo* ou *bunda* para a lingua que comprehende aquelles dialectos.

A tal respeito as minhas apprehensões vão mais longe e parece-me que Cannecattim não obteve o verdadeiro significado d'aquelle vocabulo.

Sem nos importar agora a origem dos povos da região central do continente africano, o que me parece não offerecer já duvida alguma é que d'ahi vieram os povos por differentes migrações para a costa occidental, e lá encontrâmos o vocabulo *cabunda*[1], mas com um significado que não é bem o «bater» de Cannecattim, que me parece melhor tornar conhecido tal como me foi explicado.

Supponha-se um grupo de homens armados, que veem de longe sem ser esperados a uma terra estranha; os povos d'esta, atemorisados por gente que lhes é inteiramente desconhecida, fogem-lhe, ou humilhados e surprehendidos sujeitam-se ás suas imposições. Aquelles, esfomeados, a primeira cousa de que tratam, é de correr immediatamente ás lavras e devastar tudo para comerem, e em seguida vão-se apossando do que encontram, incluindo mulheres e creanças. Se lhes convem a terra, estabelecem nella a sua residencia permanente; se não, seguem o seu caminho.

Á acção que esse grupo praticou chamam *cumbundo,* e a cada individuo que faz parte do grupo *quimbundo,* o que eu creio ter interpretado bem por «invadir, invasor».

É para notar que antes de Malanje ser occupado pela auctoridade portugueza, ha pouco mais de vinte annos, d'além Cuango pelo sul de Tala Mugongo, vinham povos fazer correrias como a exemplificada, aos povos bondeiros e bambeiros e tambem aos do Songo, e estes chamavam aquelles *imbundo,* (plural de *quimbundo*); o que faria suppor poderem esses povos ser da região da Lunda, a que um potentado deu o seu nome ou titulo de *Quimbundo.* Mas ainda aqui as nossas investigações nos esclarecem, porque o significado é ainda o mesmo.

A auctoridade Quimbundo na Lunda é moderna; é do primeiro quartel do actual seculo. O Muatiânvua Noéji (que R. Graça visitou), foi quem a nomeou para repellir os Quiôcos,

---

[1] O *b* pode ser ou não nasalado, segundo as tribus, o que não importa para a questão de que trato.

subditos de Quissengue que vinham descendo pela margem do Quicapa, roubando as povoações do dominio do Muatiânvua.

Essa auctoridade encontrou já Quissengue e os seus estabelecidos, e este á intimação da ordem para retirar por ser *quimbundo* «invasor» respondeu-lhe que Quimbundo era elle, pois já lá o encontrára, e aquelle então levantou do sitio em que acampára e foi atacá-lo na propria residencia, declarando-lhe que era Quimbundo mas do Muatiânvua, e conseguiu matar esse Quissengue e desalojar os companheiros d'elle[1].

O sr. Nogueira diz bem: que o *bundo* é um idioma que deu origem aos differentes dialectos que se fallam na nossa provincia de Angola, com excepção de alguns, mas que se estende para fora d'esses limites, difundindo-se em uma zona que se não pode calcular em menos de 2:000 leguas quadradas.

Assim o creio, e as minhas considerações a tal respeito constituem o assumpto d'este capitulo.

Mas porque razão, estudados mais ou menos diversos dialectos de uma lingua a que os nossos antepassados, os primeiros a quem se devem os conhecimentos da linguistica africana, chamaram lingua bunda, se não deviam reunir sob a mesma denominação todos os outros dialectos que se fossem estudando e com aquelles tivessem afinidade de vocabulos e de principios grammaticaes e ainda outros laços que pudessem prender os povos que os fallam?

Era muito mais acertada a denominação das linguas dos invasores, que a moderna de pessoas, quando outros motivos não houvesse para a rejeitar. As invasões deram-se para as costas Occidental e Oriental e com essas decerto veiu a lingua originaria, que se foi modificando com o tempo, nas localidades onde se foi fixando e misturando com as dos povos distinctos de norte e sul, que vieram ao seu encontro.

---

[1] No capitulo sobre a Historia de Muatiânvua, se desenvolve a narração que respeita ás guerras de Quimbundo e Quissengue, devida a um velho Quiôco d'esse tempo.

É em virtude d'esses ultimos que se sentem mais differenças nos dialectos das tribus que povoam a região central na direcção da linha N.-S. do que na do E.-O.

Hovelacque, querendo justificar a denominação de *bântu,* dada aos dialectos que constituem a familia de que se trata, publica a seguinte tabella dos differentes dialectos que conhece com o vocabulo que elle erradamente, devido a más informações interpretou por «homem» e á qual acrescento mais os dialectos que conheço, mas para uma conclusão differente:

Dialectos	Singular	Plural
Quisuahíli	*tu*	*uŭa-tu*
Quinica	*mu-tu*	*a-tu*
Quicamba	*mu-d̃u*	*a-d̃u*
Quissambala	*mu-ĩu*	*uŭa-ĩu*
Quihiau	*mu-d̃u*	*va-d̃u*
Sena	*mu-ĩto*	*va-ĩtu*
Macúa	*mu-ttu*	*a-ttu*
Cape	*u-ĩu*	*aba-ĩu*
Zúlu	*umu-ĩu*	*aba-ĩu*
Setelapi	*mo-thu*	*ba-thu*
Sessuto	*mo-tu*	*ba-tu*
Tequeza	*omu-no*	*va-no*
Herero	*omu-d̃u*	*ova-d̃u*
Sindonga	*u-ĩu*	*oa-ĩu*
Nano	*omu-no*	*oma-no*
Angola	*omu-tu*	*oa-tu*
Congo	*omu-ĩu*	*oa-ĩu*
Benga	*mo-to*	*ba-to*
Duala	*mo-tu*	*ba-tu*
Issubon	*mo·tu*	*ba-tu*

Desejámos escrever os vocabulos d'esta tabella segundo o systema adoptado para o nosso Methodo pratico e Vocabularios; nisso não deixámos de encontrar embaraços e confessamos que por vezes nos lembrou substituir a letra *o* por *u*,

attribuindo a indifferença do investigador a desharmonia que se nota entre alguns idiomas; porém como é possivel que o *o* não tenha o valor de *u*, conservámo-lo; destacâmos, porém, as raizes dos prefixos.

Dos nossos mappas, extrahindo o mesmo vocabulo, temos a acrescentar a esta tabella:

Dialectos	Singular	Plural
Curuba	*mu-t̃u*	*ba-t̃u*
Mataba	*mu-t̃u*	*a-t̃u*
Lunda	*mu-t̃u*	*a-t̃u*
Macossa	*mu-tu*	*a-tu*
Urega	*mu-tu*	—
Maniema	*mu-d̃u*	*ba-d̃u*
Urúa	*mu-t̃u*	*a-t̃u*
Canhíuca	*mu-t̃u*	*ba-t̃u*
Uanda	*mu-d̃u*	*ba-d̃u*
Uganda	*mu-t̃u*	—
Unioro	*mu-t̃u*	—
Sucuma	*mu-h̃u*	—
Niamuézi	*mu-tu*	—
Ugogo	*mu-t̃u*	—
Ussagara	*mu-t̃u*	—
Maconde	*mu-t̃u*	*ua-t̃u*
Mávia	*mu-t̃u*	*ua-t̃u*
Bângala	*mu-t̃u*	*ba-t̃u*
Malanje	*mu-t̃u*	*a-t̃u*
Hungo	*mu-t̃u*	*a-t̃u*
Loanda	*mu-t̃u*	*a-t̃u*
Congo (portuguez)	*mu-t̃u*	*a-t̃u*
Niassa	*mu-t̃u*	—
Ujiji	*mu-t̃u*	—
Marungo e vizinhanças	*mu-t̃u*	—
Cazembe	*mu-t̃u*	*a-t̃u*
Ubissa	*mu-t̃u*	—
Tete e Marávia	*mu-t̃o*	*ŭa-t̃u*

Dialectos	Singular	Plural
Minungo, Quiôco, Xinje	*mu-ĩu*	*a-ĩu*
Uiânzi	*mu-tu*	—
Bacongo e Congo (S. Salvador)	*mu-ĩu*	*a-ĩu*
Babuende	*mu-ĩu*	—
Luricúmbi e Lunhaneca	*mu-ĩu*	*ba-ĩu*
Lunano	*mu-nu*	—

Se attentarmos nos prefixos do plural, vemos que variam segundo os dialectos: *ba,* nos limites a norte e sul; *ŭa* no oriente e já proximo da costa; e *a* em toda a região dentro d'estes limites. Parece, pois, que havia mais razões para denominar-se a lingua d'esta familia, de *ântu* do que de *bântu,* não me conformando nem com uma nem com outra por causa do seu significado.

De facto, a raiz *tu* ou *ĩu,* é muito usual entre estes povos para os vocabulos «animal, carne, corpo», etc., e juntando-lhe os sons *ẹ, ị,* obteem novas raizes, dos vocabulos «cabeça, orelha»; e antepondo a uns e outros novos sons vocalicos, como *a, e, u,* ainda formam raizes de outros vocabulos que se referem a pessoas e cousas: «nós, companheiro, senhora, dominio, estado, canôa», etc.; por transposições, juxtaposições, contracções de sons se obteem ainda muitos outros em que predomina sempre a raiz primitiva *tu* ou *ĩu.*

É de crer, sem duvida, que os primeiros povos tivessem adoptado um vocabulo que os distinguisse dos animaes, de quem tomavam os nomes, por qualquer analogia, para baptismo da sua prole, baptismo que elles classificam pelas suas entradas na tribu, e depois no Estado, ou como caçadores e tambem como guerreiros. Se são successores dos chefes ou potentados ainda teem um quarto baptismo, que é entre nós o cognome por que se fazem respeitar quando de posse do mando.

Na côrte do Muatiânvua tive occasião de ver que o nome de um animal dado a homem não é imposto ao acaso, e representa no Estado uma categoria. O *chibungo* «lobo», por exem-

plo, considerando-se como tal, tornou-se o protector dos seus semelhantes, affasta-os dos laços ou armadilhas e qualquer caçador a seu lado nem se atreve a apontar a arma para elles.

Perante individuos de maior categoria o Chibungo não falla, imita o animal no seu olhar desconfiado, nos movimentos, gritos, modo de acommetter.

A sua saudação, ao entrar no circulo de circumstantes, annunciada como a de todos pelas tres palmadas sacramentaes, reduz-se a um olhar baixo para todos os lados e a uns sons gutturaes e cavernosos, até que o potentado olhe para elle e levante o braço direito em signal de que agradece o cumprimento.

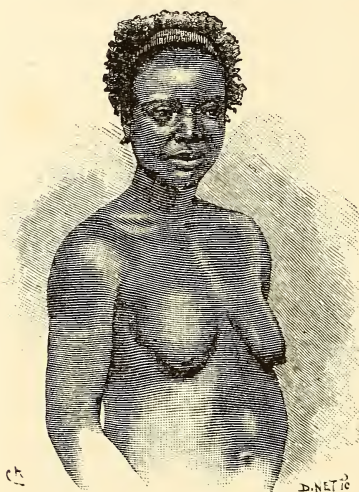
TYPO LUNDA

Um som rapido, abaixando a cabeça, é uma affirmativa; prolongando o som e movimento de cabeça para a direita como enfastiado é uma negativa.

Só falla quando o potentado o interroga, procurando sempre acompanhar-se dos gestos e dar ao rosto a expressão do animal que representa.

Como o lobo, assim o leão, o cavallo marinho, o porco, o cão, o gato, o veado, a corça, etc., teem os seus representantes, e imitações.

Animaes e musicos rodeiam o Muatiânvua em marcha, e só depois d'estes é que seguem as outras entidades.

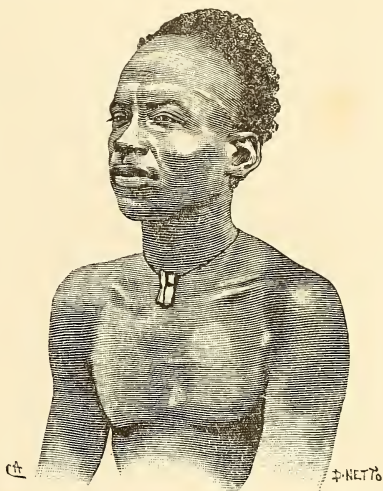
Ha occasiões, sobretudo de noite, nos acampamentos em que todos os simulados animaes dão accordo de si para affastar os inimigos do potentado. E é curioso porque algumas imitações são na verdade excellentes. Entre estes povos, tem certa significação e são muito apreciados os bons imitadores.

Tornava-se, pois, necessario um vocabulo, para distinguir o homem, que tem o seu vocabulo especial, do nome do animal, e *muĩu* não significa «homem» e sim «pessoa». Pelo menos em todos os dialectos que conheço, existem os vocabulos «homem» e «mulher», e estou convencido que se a tal respeito os investigadores estrangeiros encontraram duvidas, foi tambem da má interpretação d'esses vocabulos por «macho» e «femea».

É natural, porém, que da distincção de «homem» e «mulher» viesse depois a applicação d'esses vocabulos para a distincção dos sexos nos que eram communs a ambos como — filho, irmão, primo, etc., e d'ahi para os animaes, para que elles não teem, como nós designação, para a femea, por ex.: vacca, cadella, etc., que dizem: boi-mulher, cão-mulher.

TYPO BANGALA

Note-se ainda, que *mutu, muĩu* é pessoa do seu povo, por que depois que conheceram o mulato e o branco já a estes deram uma denominação especial. E que aquelle vocabulo, é o mesmo para toda esta familia, salvo a variação das articulações e das nasalações, mais ou menos pronunciadas segundo as tribus, não resta duvida alguma.

Na parte phonologica do METHODO PARA FALLAR A LINGUA DA LUNDA, procurei provar que estes povos permutam as articulações: *d, r* e *l; d* e *t; z, j* e *x;* e ainda *c* e *g* antes de *a;* e dá-se o mesmo com as tribus vizinhas até á costa occidental.

Por outro lado, considerando que é de pouca importancia a nasalação das consoantes e que ha tribus que aspiram mais ou menos os sons vocalicos, e que nenhuma d'ellas emprega a menor representação graphica para memoriar umas e outros,

se deprehendem logo as grandes difficuldades e mesmo difficeis condições em que se encontra o investigador para estabelecer regras, que possam ser adoptadas sem reluctancia por aquelles que se dedicam ao estudo d'estas linguas.

Postos estes principios em evidencia, vê-se pois, que *tu, du, lu* ou mesmo *htu* ou *thu* quer sejam ou não articulações nasaladas, são a raiz do vocabulo que designa o indigena de toda a vastissima região que occupam as tribus consideradas; e á parte os defeitos de audição do investigador ou as pronuncias dos individuos d'essas tribus, e considerando ainda que o *n* por *t* só apparece nos povos mais distantes, pode acceitar-se, que todos esses povos se denominam *tu* ou *ĩu;* e que como os dialectos que elles fallam estão subordinados a uns principios grammaticaes que assentam sobre concordancia, alterações, omissões, e juxtaposições de prefixos, constituem elles a familia de linguas de prefixos que se pode denominar de linguas prefixativas ou de prefixos, quando se não queira admittir a de lingua ambunda dos nossos antigos, que devia ter a primazia.

No intento de destrinçar a rede formada pelos povos Tus ou Antús, procurei reunir em quadro, o maior numero de vocabulos conhecidos nos seus diversos dialectos, e com estes fazer um estudo de comparação com o que obtive no campo das minhas investigações; e é este estudo linguistico que vem corroborar as tradições, sobre os caminhos seguidos pelas diversas migrações que vieram de N.-E. distribuir-se por tribus em differentes pontos da região em que os encontrei.

Os trabalhos do missionario inglez J. Schön tendem a mostrar que os differentes dialectos haússas, obedecem a uns principios grammaticaes que teem certa affinidade com os que se dão entre os diversos dialectos da Lunda, não só no que respeita a sua phonologia como á morphologia e syntaxe. Estes dialectos, como já disse, constituem a lingua que muito se approxima da do Sudan.

Por infelicidade todos os trabalhos linguisticos de Schweinfurth desappareceram no pavoroso incendio que elle descreve

nas suas *Viagens e descobertas na Africa central do norte,* nos annos de 1868 a 1871; mas é certo que nas informações que o illustre explorador nos presta sobre os povos bongos, com quem mais esteve em contacto, encontro muita semelhança e mesmo analogia, com relação a usos e costumes, artefactos e modo de viver, com os primitivos povos da Lunda, os *Bungos* e os *Lubas,* uns e outros que a tradição, como se viu no capitulo anterior, nos dá por originarios do N.-E. do continente.

Não obstante, pois, nos faltarem de Schweinfurth os dados linguisticos, e de Schön só conhecermos alguns principios geraes de grammatica da lingua haússa, descobre-se um fio que nos conduz á rede em que nos fomos embrenhar na região central; fio de que por emquanto se não conhece de onde parte a extremidade, mas que segundo o acreditado Schweinfurth se suppõe circumscrever os povos que rodeiam o lago Tchad.

Se assim é, e sendo possivel a affinidade d'estes com os Haússas, e sendo a lingua dos Haússas a de Sudan, é de crer que esse fio partisse dos povos que limitaram pelo occidente o Sahará.

Certamente os primitivos povos, fugindo deante das invasões, que depois se cruzaram em todo o Sudan, foram descahindo para S.-E. até ao norte da região dos grandes lagos, e é ahi entre o Alberto Nianza e o Victoria Nianza que encontro os povos Tus no Unioro e no Uganda.

Comparando os vocabulos que me foi possivel grupar d'estes povos com os de dialectos de outros, disseminados na região austro-central, constituí o mappa geographico-linguistico dos povos *Tus* ou *Antús,* e por elle melhor se conhece o caminho que seguiram as differentes migrações das tribus que hoje a povoam e em que se destaca, quasi ao centro, esse grande Estado, outr'ora tão fallado, do temido Muatiânvua.

É pois da parte mais alta e mais affastada da vertente meridional do Mediterraneo, tão celebrada nos tempos antigos e que já teve muito mais largos limites, e onde encontro mais a norte os povos de que trato, que é a que se reportam as minhas considerações sobre os seus dialectos.

Deixando de parte as considerações sobre as terras do continente que primeiro se exundaram e as suas relações com os oceanos, lagos e rios que as cercavam ou regavam, bem como outro facto de não menos importancia, o da existencia de um mar interior, que poderia ter coberto toda a região do Sahará, e as relações que esse mar devia então ter com o Mediterraneo e o Nilo por um lado e por outro com os lagos planalticos, que tambem deveriam ser mais vastos; não posso deixar de dizer que as migrações dos povos, que quasi sempre se subordinaram ao regimen das aguas, se deviam ressentir d'esta singular disposição fluvial, lacustre e talvez maritima.

Em seguida áquelles povos, do lado meridional do lago Victoria, vivem os Suacumes, cujas affinidades linguisticas com os povos do norte são bem palpaveis.

Parece-me, pois, que não devem ser indifferentes estas considerações quando se pretendam estudar as migrações de povos, nos seus traços mais geraes, já em relação aos rios da vertente oriental para o Mar das Indias, já rodeando os lagos Tanganica e Niassa, e descendo para o sul até onde se levanta a divisoria fluvial dos rios Zambeze e Zaire; já descahindo depois na região central mais baixa, cortada pelo grande numero de affluentes do Zaire, e disseminando-se pela costa occidental até ao Cuanza, acompanhando ainda o Cassai até ás suas nascentes, passando o Bié e espalhando-se entre o Cunene e a costa.

É para acreditar que, povoadas por estas migrações as margens dos grandes lagos Victoria e Tanganica, outras novas migrações d'ahi vieram então passar o Lualaba, rio que atravessa as celebres montanhas do *Lua* ou *Rua,* grande paiz cujos limites com o do Muatiânvua não estão ainda claramente definidos e onde os Arabes teem encontrado bons mercados de escravos.

São certamente estas montanhas que correm a sudoeste do Tanganica e parecem depois prolongar-se para nordeste até ao Victoria, quasi na mesma linha, o que deu motivo a que se lhes chamasse as montanhas da Lua.

AFRICA CENTRAL.
Mappa Geographico-Linguistico.
POVOS TUS ou ANTÚS
R. Zaire
R. Sancuru
R. Cassai
R. Cuango
R. Cassabi
R. Liba
R. Zambeze
ALBERTO NIANZA
UNIORO
UGANDA
VICTORIA NIANZA
SUQUMA
UNIAMUEZI
UREGA
MANIEMA
UJIJE
TANGANICA
UTANZI
UGOGO
UCAGARA
UIANZI
BABUÊNDI
CACONGO
S. Salv. CONGO
HUNGO
CASSONGO
PEINDE
LUBA
CHILANGUE
RUBA
BINJI
UANDA
BASSONGO
ULUA
UGUHA
MARUNGO
UFIPA
CANHÍUCA
UCONGO
LUNDA
CAUNGULA
MUATIÂNVUA
MATABA
LOANDA
AMBACA
MALANJE
SANZA
HOLO
XINJE
CASSANJE
BANGALA
MINUNGO
MACOSSA
SAMBA
QUIOCO
CAZEMBE
URUNGO
BANGUELO
NIASSA
MACONDI
MAVIA
BIE
XINDE
LUBARE
BABISSA
MARAVIA
TETE
SENA
MOSSAMEDES
MOÇAMBIQUE
Long. E. de Green.
Lithographia da Imprensa Nacional (Reg.to 134 de 83)

O conjunto de todas estas montanhas prolongando-se para S.-W. quasi até á costa maritima, separam na região tropical as terras em que existem os grandes lagos, das terras baixas em que corre esse grande numero de rios e seus affluentes, cujas aguas vão com os d'aquelles, augmentar as do magestoso Zaire.

Na sua parte mais elevada e quasi no Equador, o grande Victoria, que com os seus vizinhos alimenta o venerando Nilo, por muito tempo se acreditou ser o marco divisorio do continente em norte e sul; quando a divisão mais acceitavel é a que nos dão as montanhas que cortam as terras do Lua, dividindo o centro do continente em duas regiões,—a elevada ou dos lagos, e a baixa ou dos rios.

Querendo fixar os limites á região em que vivem os Tus, eu diria que são: ao oriente, os grandes lagos, destacando-se do Victoria a linha que une as regiões occupadas pelas tribus que desceram para sueste até á embocadura do Rovuma, Sucumas, Niamuézis, Iânsis, Gogos, Cagaras, Macôndis e Mávias; ao sul o rio Zambeze, o seu affluente Liba (Livingstone) e as grandes serras dos Báris, Barozes e Ambuelas; ao occidente a costa desde o Cunene até ao Zaire; e ao norte, cortando este rio, o 2.º ao sul do Equador, e além d'elle, para o oriente por emquanto o 2.º ao norte d'essa linha.

Tomando o dialecto da Lunda (Muatiânvua) por termo de comparação, portanto o que no mappa está limitado pela côr mais intensa, os limites dos dialectos dos outros povos apresentam-se com tons diversos, conforme differem menos ou mais, pelos vocabulos que grupâmos.

É certo que a maior parte dos vocabularios que obtive, além dos da região que estudei, são devidos aos exploradores que se assignalaram por importantes serviços, mas cujos fins eram muito differentes do estudo das linguas dos povos por onde transitaram. Tomaram elles nota dos vocabulos que mais os impressionaram, mas sem a idea de que pudessem ser invocados para o estudo comparado dos povos, e isso temos de ter em vista em trabalhos de comparação.

Ultimamente já as regiões costeiras e aquellas até onde o commercio europeu tem os seus agentes vão chamando a attenção para o estudo das linguas, e alguns trabalhos vão apparecendo a publico, mas infelizmente, sem a uniformidade que seria para desejar, e o que mais grave se torna ainda, com a introducção de vocabulos novos e de outros que são estranhos á lingua fundamental. Nota-se mesmo em alguns trabalhos a tendencia para tratar estas linguas como as de flexão.

Essa transformação, ha de ser feita pelos naturaes mesmo quando augmentarem as suas necessidades e as circumstancias os obriguem a procurar satisfazê-las. Succederá como no littoral da nossa provincia de Angola, em que o dialecto vae diferindo muito do que foi estudado pelos nossos antigos missionarios e outros prestantes cidadãos, ainda nos meados d'este seculo.

Entre os doze carregadores contratados em Loanda para o serviço da Expedição, era um apenas d'esta cidade, e outros que para lá foram em creanças, eram das seguintes terras: um de Malanje, um de Cassanje, um do Libolo, um da Jinga, um da Quissama, um de Benguela, um do alto Congo, um do Golungo, um do Quibundo, um do Congo littoral e um da Lunda. Pois todos fallavam melhor ou peor o dialecto usado em Loanda, e davam-se casos curiosos entre elles.

Nas suas conversas, as ligações, muitas interjeições ou melhor as partes variaveis da oração eram sempre feitas em portuguez, e algumas nem se podia dizer que fossem das mais frequentes, e é estranho mesmo que gente tão boçal as possa comprehender e bem empregar, por exemplo:—*ora agora, pois então, por consequencia, oh homem! por isso, mas então;* etc.

E o que ainda mais me impressionou, é o caso geral que se dá até com os de Malanje. Levanta-se uma questão entre elles sustentada na sua lingua; pois os vituperios, os insultos, as palavras emfim que querem dirigir como mais offensivas ao seu contendor, tudo é dito em portuguez intelligivel, e segue a conversa na lingua d'elles. E assim successivamente estão horas, sem se atrapalharem na ligação das duas linguas, no-

tando-se que alguns, poucas mais palavras conhecem em portuguez [1].

Assim, quem se dedica ao estudo da lingua de certos povos, não pode deixar de mencionar factos d'esta ordem e fazer sentir quando elles se empregam; e a grammatica, vocabulario ou guia, sendo uteis para o conhecimento d'esse dialecto ou dialectos, longe de representarem sempre os vocabulos da massa dos habitantes, são comtudo um repositorio onde ficam bases para investigações.

Mas a região occidental do centro do continente ao sul do Equador, digamos, a região fluvio-lacustre, tem sido esquecida de todo, e a do norte até á altura do 5° de lat. está ainda por conhecer. Como pois se tem querido marcar a área geographica de uma lingua, apenas pelos dialectos que se conhecem em torno de uma vastissima região, e que, se existem alguns elementos, apenas se encontram nos archivos portuguezes que se não procuram para consultar?

Pela minha parte, se não posso ir além dos limites que ficaram marcados no meu mappa geographico-linguistico, é certo que a disposição do limite norte, ao oriente, indica ser por ahi a entrada das immigrações dos povos Tus na região central-equatorial, e é possivel mais tarde por ahi fazer a juncção com as terras d'onde elles são originarios.

Aqui duas questões importantes se podem estabelecer. Ou os grandes lagos já constituiram um só na região mais elevada, e das suas margens vieram esses povos descaindo para o occidente pelo sul do Equador, e d'ahi as differenças com os povos que marginam o Zaire na sua grande curva para o norte; ou então, como já dissemos, marginavam o grande Saharà pelo occidente e já vieram encontrar os lagos subdivididos, e seguiram as correntes que indicámos.

---

[1] Isto prova ainda, que entre os povos africanos, não se encontram vocabulos que tenham a expressão vehemente de offensa como acontece entre nós.

Á parte a anthropophagia, que Schweinfurth encontrou nos *Mombutos* e seus vizinhos no Oriente os *Niam-niams* entre 4° e 5° ao norte do Equador, eu encontro principalmente nos Bongos, como já disse, grandes semelhanças, mesmo analogia, com os povos que visitei na Lunda, salvo differenças no seu estado de adeantamento, devidas á epocha e contacto com povos civilisados. E ainda com respeito á anthropophagia devo dizer, que ha um povo encravado no Estado de Muatiânvua, nas margens do Lulúa ao norte e que o separa dos Chilangues do paiz do Lubuco (Luba?), os *Acauandas,* em que ella tambem se pratica.

TYPO QUIOCO

É este um povo que offerece interesse para a sciencia e de que me hei de occupar em logar opportuno no capitulo seguinte. Divide-se em duas grandes familias, a do norte e a do sul, sujeita ao Muatiânvua, sendo os primeiros considerados os mais selvagens, e apresentando caracteres que muito os approximam dos *Acas* de que falla o explorador Schweinfurth; são elles os que praticam a anthropophagia.

E este uso é tão repugnante entre os povos vizinhos da Lunda, que o malvado Muatiânvua Ambumba (vulgo Xanama)

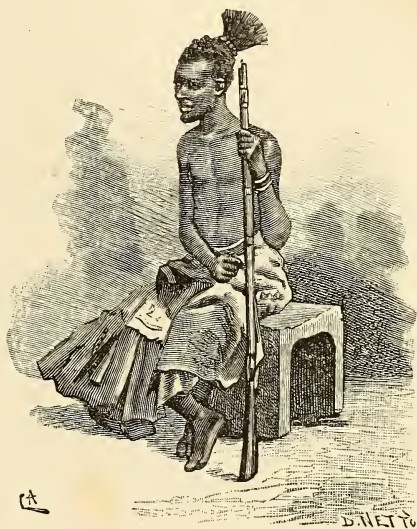
querendo introduzi-lo no seu Estado como pena superior á de morte, para os que julgava seus inimigos, depois de abandonado pela côrte, foi perseguido a tiro e a flecha, morto e esquartejado, só porque uma vez ordenára aquelle castigo e mandára matar os que lhe não obedeceram comendo a carne do suppliciado

Mas se os Acauandas, neste habito repugnante são os que se exceptuam entre as numerosas tribus dos povos que denominamos Tus, já não succede o mesmo com a servidão, que é geral, não com os horrores como nós a comprehendemos, nem tão benigna como no sul a descreve o esclarecido escriptor A. F. Nogueira na sua interessante obra *A raça negra,* constituindo actualmente um dos principaes caracteristicos do seu viver.

TYPO PEÍNDE

Era de prever o que a este respeito está succedendo na região central, e se continuarmos a subordinar o plano de ataque ao trafico da escravatura, bloqueando apenas as costas do continente, commettemos um erro á face da sciencia e de lesa humanidade, depois de termos expoliado aquelles povos do melhor dos seus haveres e recursos, com o commercio do marfim e da borracha.

O que hoje repugna entre elles, — a anthropophagia —, é o recurso de que hão de lançar mão os mais fortes até serem exterminados.

É preciso conhecer as actuaes condições de vida d'aquelles povos, dos fracos recursos com que elles contam, do abandono

a que os votámos depois das bem entendidas leis de repressão do nefando trafico, (mas fora dos mercados interiores de suas operações em que elle continuou por falta do que o substituisse) para bem se comprehender que é hoje necessario salvar estes povos da grande calamidade que os ameaça.

Devo mesmo dizer que o servo na região central é a moeda usada nas permutações, e o que mais impressiona, até nas compras de alimentos. Além do Lulúa, principalmente na côrte, vi operações d'esta ordem. O Muatiânvua interino mandava comprar cabritos além do rio Cajidíxi em troca de muleques!

Uma occasião, disse-me elle, mostrando-me um cordeiro:

—Para ter hoje este pedaço de carne para presentear ao meu amigo, mandei uma rapariga e ainda me exigiram uma caneca!—

Agradeci a sua lembrança, dizendo-lhe que não podia acceitar.

—Mas eu sei que o meu amigo tem estado muito doente e precisa comer.

—Continuarei a comer infunde com tomate, mas esse animal repugna-me, porque representa para mim a vida de uma pessoa.

—O que quer? é a desgraça a que chegaram as nossas terras! Já não temos fazendas, nem missangas, nem polvora, e o peor é que os negociadores não nos procuram porque não temos que lhes dar em troca!

E este homem dizia a verdade.

Tive occasião de ver mais que isto:—um homem vender-se a si mesmo! Não tinha que comer nem d'onde o haver. Foi quebrar uma panella a um Quiôco, tornou-se seu escravo, e logo em seguida foi vendido por este a um Cangombe de uma comitiva do commercio do sul, que chegára a Luembe onde eu estava, e se dirigia para o Lubuco.

No Luambata, jogava um grupo de Lundas. Um que perdia, continuou jogando sob palavra, e não tendo com que pagar entregou-se como escravo até que se resgatasse com cabaças de malufo, que elle todos os dias ia colhendo. As cabaças

PARTE DA COMITIVA DO CONGO

eram reputadas em um certo valor, estava quasi saldada a sua conta passados tres mezes, quando os Quiôcos o levaram, fazendo parte de uma gaziva que haviam feito numa povoação, proxima ao logar onde elle ia buscar o seu malufo.

Como os Bongos de Schweinfurth, dizem os da Lunda:— Para que cultivaremos as terras se ámanhã veem os invasores (aqui os Quiôcos) e tudo nos roubam? Sujeitemo-nos a comer o que a terra tem.

A subsistirem portanto as condições em que se encontra esta região, pode fazer-se cessar o trafico da escravatura?

De duas uma, ou as immigrações fogem ás gazivas e certamente para os limites das nossas provincias ao occidente e oriente do continente ou então os povos mais fortes irão exterminando os mais fracos, mas pelo que é peor e mais repugnante, para saciarem a fome.

E prova este facto importante da servidão, que é geral entre os povos Tus, que as correntes das suas migrações seguiam o caminho de que as suas linguas dão noticia; e como não tenham podido achar saida pelo littoral onde domina a nossa auctoridade, ahi param passando ao estado de livres, confundindo-se assim com os que já encontram nesse estado; e os que conseguem sair, retrocedem, pelo nordeste, caminho das primitivas emigrações, fugindo aos povos invasores, para a região lacustre onde se espalham.

É notavel, que nos povos que marginam o Zaire, os que vivem além do 3° ao S. do Equador, já apresentam uma grande differença nos vocabulos, e isto conhece-se logo, nas tabellas que formulei, attentando na numeração; e essas differenças começam no oriente, nos Uregas e no occidente nos Iânzis. D'este lado os Bacongo e os Babuende teem muitos vocabulos de S. Salvador do Congo, frequentes nas margens do Cuango, no Muene Puto Cassongo em toda a vasta região dos Tus; e do outro lado, o mesmo acontece entre os de varios pontos que marginam o Lualaba em toda aquella região. Porém ao centro, começam a differir os vocabulos dos Bacubas, tornando-se sensivel a differença nos dos Batúas e d'ahi para o norte.

Parece, pois, que esses povos, a meio do curso do Zaire na sua região mais equatorial, são completamente differentes dos Tus, e demais nota-se que são esses hoje os que alimentam os mercados de escravos, que os Arabes procuram.

Se as linguas, o que se vê pela comparação dos vocabulos que consegui grupar, se os caracteres physionomicos de que me vou occupar e depois os usos e costumes, como veremos, confirmam as tradições historicas que nos dão o Cassongo, Canhíuca, Maio e Ilunda (pae do primeiro Muatiânvua), como irmãos descendentes de um potentado, vindos da região dos lagos a nordeste; e se mais tarde é do Estado de Muatiânvua que se destacam diversas tribus a formar a Lunda, indo mais para o oriente o Muata Cazembe que se fixou junto ao lago Moero: não são menos dignos de citar-se certos factos que abonam esta confirmação, como por exemplo a plantação da mandioca, que parece nós ahi levámos do Brazil e se espalhou em toda a região dos Tus, pois lá a encontrou o explorador Schweinfurth nos Bongos, povo que elle diz tender a desapparecer; e outros como os trabalhos em ferro, e os objectos do adorno pessoal e diversos artefactos, assumpto de que trato mais adeante, não esquecendo ainda a pratica da circumcisão, de que tambem hei de fallar ao referir os usos e costumes d'estes povos.

A extensão e forma da rede que constituiram as tribus que vivem na região fluvio-lacustre, fica bem definida pela linguistica, e não resta duvida alguma que vieram de fora dos limites em que as circumscrevi, opinião contraria á de Schweinfurth, que suppoz haver um grande Estado ao centro e a sul do Zaire, d'onde provinham alguns dos povos que visitou.

O que succede hoje, com os Turcos e Nubios, que pelas suas invasões se fazem temer dos povos que encontram no seu caminho, é indicio de que os embates e repulsões successivas de povos lançaram os mais fracos, numa idade remota, de encontro aos obstaculos naturaes que não poderam ultrapassar.

O tom da côr da pelle que se podia considerar caracteristico de um povo, entre as tribus d'esta região, faz differenças insensiveis, e não é peculiar de uma tribu. Se ha alguma diffe-

rença a notar, é comparando-o com as dos povos do littoral, de uma e outra costa, que se apresentam com um tom de pelle mais escuro.

E é tambem notavel a facilidade com que estes povos se vão melhor comprehendendo uns aos outros, á proporção que se caminha do littoral das duas costas para o centro do continente. Este facto, associado ao da coloração da pelle, corrobora o que já notámos, que ha mais differenças entre povos e povos da região central do continente no sentido das latitudes que no das longitudes.

As modificações que se observam na côr, devem considerar-se devidas á altitude, á acção especial da humidade ou do calor, ás condições mesologicas das localidades por onde se espalharam.

As differenças das linguas, pode dizer-se, existem apenas nos prefixos e no maior ou menor numero de vocabulos derivados, sendo certo, que muitos dos radicaes primitivos, que se não encontram numa tribu, se vão encontrar em outras, embora distantes.

Creio, pois, que estes povos, que denominei *Tus,* constituem sim uma raça, e diversa de outras já bem distinctas e classificadas, e que a sua lingua é a mesma, caracterisada pelos prefixos que variam, é verdade, de umas para outras, e por isso nos parece, se deve para taes idiomas acceitar a denominação de—Linguas de prefixos ou prefixativas.

Nos quadros que se seguem, pelo que já ficou dito, o leitor deve apenas ter em vista as raizes dos vocabulos quando queira fazer as devidas comparações, não só porque em muitos faltam os prefixos, mas ainda porque em alguns se encontra no plural o prefixo que não me foi possivel passar para o singular, por eu o desconhecer ou por não existir.

PORTUGUEZ	UGANDA	UNIORO	SUCUMA	NIAMUÉ
Um	emu	čimŭè	limo	solo
Dois	b̃iri	biri	iŭiri	biri
Tres	sato	asato	idato	tato
Quatro	nı́a	ina	ena	ena
Cinco	tano	itano	tano	tano
Seis	k̃aga	k̃aga	tad̃ato	k̃aga
Sete	musaṽo	musaj̃u	p̃ug̃ati	musaṽo
Oito	ñana	ñana	nani	ñanehe
Nove	mŭed̃a	mŭed̃a	ked̃a	sı́ed̃a
Dez	kumi	ičumi	ikumi	ikumi
Cem	kikumi	igana	igana	igana
Agua	mazi	maz̃i	miz̃i	miz̃i
Alimento	merré	vı́akulı́a	ugali	ugali
Ar	p̃eŭo	vikoı̈	b̃eho	t̃aka
Arco	t̃ego	t̃ego	uta	uta
Arvore	muti	ekiti	muti	muti
Ave	nı́oni	kinoni	noni	noni
Bananas	toké	kitokehe	madogehe	matokehe
Banquinho	t̃eŭi	at̃eŭi	isub̃i	iteŭehe
Batatas	rumod̃é	vitakuli	nub̃u	kafu
Beiço	mumŭa	hamuromo	iromo	muı́omo
Boca	kamŭa	hamunŭa	mulomo	mulomo
Boi	t̃e	t̃e	g̃ob̃e	g̃ob̃e
Bons dias	utı́ano	ŭije lı́ota	ag̃aruka	uhoro
Cabaça	kita	kisisi	suha	sikod̃o
Cabeça	t̃ŭe	mutŭi	t̃ŭe	itŭe̥
Cabello	luviri	isokehe	uvŭiri	misasi
Cabra	b̃uzi	b̃uri	b̃uri	b̃uzi
Caminho	kuvo	muhad̃a	z̃ira	z̃ira
Canoa	rı́ato	aŭato	ŭato	bŭato
Cão	b̃ŭa	b̃ŭa	b̃ŭa	mubŭa
Carne	nı́ama	nı́ama	nama	nama
Casa	mı́u	ez̃u	nub̃a	nub̃a
Ceu	birehe	haruguru	irud̃ehe	irud̃i
Chuva	k̃uva	ez̃ula	b̃ula	ṽula
Dedo	g̃aru	rukumu	lı́ala	lı́ala
Dente	dinı́o	hamano	lino	lino
Dia	misana	z̃ana	siku	siku
Estrellas	iı́enı́i	hamunı́oni	sod̃a	sod̃a

UGOGO	USSAGARA	USSUAHÍLI	MACONDE	MÁVIA
limoğa	mŭe	moihi	imo	imo
megetehe	ŭaŭiri	b̃iri	b̃ili	rib̃iri
madato	ŭadato	tato	nato	inato
maena	ena	ena	čexe	muxexe
mahano	tano	tano	ṅano	mŭano
tad̃ato	seta	seta	ṅano na imo	mŭano na imo
p̃uğata	fuğati	saba	ṅano na b̃ili	... na rib̃iri
ñani	minana	mani	ṅano na nato	... na inato
miked̃a	ked̃a	ked̃a	ṅano na čexe	... na muxexe
kumi	kumi	kumi	kumi	kumi
igana	miroğo kumi	mia	—	—
mareğa	maji	maji	medi	medi
uheba	ugali	čakula	ŭilĭo, vilĭo	virĭo, bilĭo
b̃ebo	b̃eho	baridi	—	xiub̃ulu
pid̃i	uta	uta	upid̃i	upid̃i, ŭakurepa
biki	muti	muti	inad̃i	nad̃i
d̃egehe	d̃egehe	d̃egehe	ṅuni, ṅehe	xuni
matokehe	h̃oŭo	d̃izi	ğoŭo	inono
kigoda	ligoda	kiti	xiteb̃o	—
niub̃u	h̃oka	vĭazi	—	namŭad̃ŭa
mulomo	mulomo	mudomo	luĭeĭe	lulomo
kinŭa	lulaka	kinŭa	ukaṅŭa	xikaṅŭa
ğob̃e	ğob̃e	ğob̃e	inob̃e	—
b̃ukŭa	b̃ukŭa	ĭab̃o	—	—
toma	h̃uğu	kibŭiu	—	—
litŭe	mutŭi	kičŭa	mutu	mutŭe
muŭiri	nŭeri	niŭeri	uŭib̃o	urid̃a
p̃enehe	p̃enehe	b̃uzi	ib̃udi	b̃udi
j̃ira	j̃ia	ij̃ia	d̃ĭla	id̃ira
—	—	mut̃ub̃ŭi	—	—
dibŭa	suku	b̃ŭa	ğaŭağa	maŭağa
nĭama	nĭama	nĭama	—	iṅama
ğad̃a	niub̃a	niub̃a	ğad̃e	rinad̃e, ğad̃e
vud̃ehe	vud̃ehe	ŭiğu	liŭiğa	kuxaṅa
tonĭa	ṽula	ṽuha	b̃ula, muluğu	b̃ula, nuğu
kahala	kidori	kidori	xala	bĭala
menu	menu	jinu	linu	rinu
kiğuru	hamisi	mučana	madŭa	ridŭa
t̃od̃ŭa	nirezi	nĭota	nod̃ŭa	ritod̃ŭa

PORTUGUEZ	UGANDA	UNIORO	SUCUMA	NIAMUÉZ
Faca	kab̃i	kieiu	luxu	keri
Farinha	usano	buro	usu	ufuma
Fato	rugoii	mied̃a	mŭed̃a	mŭed̃a
Fogo	muriro	muriro	moto	muriro
Folha	kazagara	ikivavi	masŭa	maŭasi
Fumo	muka	mŭika	lioči	lioži
Homem	mut̃u	mut̃u	mut̃u	mut̃u
Hyena	p̃isi	p̃isi	iviti	ifisi
Ilha	kisiğa	—	—	—
Irmão	ğad̃a	munu muna	d̃ugo	d̃ugo
Lago	kiiaj̃a	niiaža	niiaža	irab̃o
Lagoa	kidiŭa	viasero	irab̃o	iziŭa
Lança	fumo	čumo	kima	sumo
Leão	porogoma	t̃ari	sib̃a	sib̃a
Lingua	dilimi	harurimi	ulimi	lulimi
Lua	mŭezi	kŭezi	mŭezi	mŭezi
Mãe	niabo	maŭehe	maiu, niabo	maiu
Mão	kibatu	karŭato	kono	kŭoko
Montanha	rusosii	arusosii	itud̃a	itud̃a
Morte	afudehe	iŭafŭa	kufŭa, afudehe	kufŭa
Mulher	k̃azi	k̃azi	kima	mukima
Não	neda	ğa	kuduhu	ŭeğo
Nariz	nid̃o	hanid̃o	nid̃o	nid̃o
Noite	kiro	hakiro	uziku	ufuku
Olho	diso	hariso	diso	diso
Orelha	kutu	amatŭi	matŭi	matŭi
Ovelha	d̃iga	t̃ama	h̃olo	kolo
Pae	kitaj̃i	tata	bava	tata
Paiz	ikaro	ež̃i	čalo	siaro
Passaro	k̃oko	eğoko	ğoko	koko
Pé	kijeri	virej̃i	lujeri	lujeri
Pedra	jij̃a	ivari	iŭe	igŭe
Peixe	čakulira	čŭi	sob̃a	sob̃a
Pelle	diva	haru	diri	d̃iri
Rio	muga	hamŭiga	moğo	moğo
Sal	muniu	muniu	munu	mŭenu
Setta	kasari	mŭab̃i	soğa	ŭab̃i
Sim	botio	niho	oxenehe	kŭakŭené
Sol	j̃iŭa	rizoŭa	rimi	izioŭa

UGOGO	USSAGARA	USSUAHÍLI	MACONDE	MÁVIA
mŭerehe	magi	kisu	xipula	xipula
usaji	usagi	ŭoğa	uhu	uhu
mŭed̃a	suke	ğuo	—	—
moto	moto	moto	moto	moto
mahaži	jani	jani	lihab̃a	riab̃a
lioxi	mosi	moxi	—	—
biti	bizi	fisi	—	—
mut̃u	mut̃u	mutu	munu	munu
—	—	kisiŭa	—	kitağe
d̃ugu	d̃ugu	d̃ugu	noğŭağo	noğoŭağo
—	—	kiziŭa	—	ruhud̃e
irab̃o	didimazi	ziŭa	litad̃a	ritad̃a
ğoha	ğoha	mukuki	k̃uxi	ik̃uxi
sib̃a	sib̃a	sib̃a	hib̃a	hib̃a
lumimi	lumimi	urimi	lumimi	lumimi
mureği	mureği	mŭezi	mŭedi	mŭedi
iaia	mieli	mama	nağole	maŭokue
mŭoko	gaj̃a	k̃ono	ik̃ono	k̃ono
itud̃a	kigoğo	kilima	lixiğa	litub̃e
sakapa	usira	kufa	—	kŭira
mučekuru	muderehe	mŭana muké	ikoğe	maki
kuliza	kuduhu	akuna	—	itamŭa
p̃ula	pua	pua	mula	dimula
kiro	kiro	usiku	xilu	xiru
diso	ğičo	ğičo	liho	riho
makutu	gutŭi	musikio	kutu	matu
k̃oro	k̃oro	kod̃ŭe	—	kod̃o
tata	baba	baba	ŭaŭa	tata
hasi	kiruğa	iči	—	—
ğuku	ğuku	kuku	—	—
kigerehe	uiu	ğu	likab̃ato	ridodo
dibŭe	dibŭe	jiŭehe	liağa	riağa
čob̃a	sob̃a	sumaki	hiob̃a	iob̃a
čiğo	kŭaru	ğozi	mapo	iab̃ala
moğo	mukoroğo	mut̃oni	luhud̃i	ruhud̃i
muniu	muniu	čuṽi	—	—
soğa	muvi	muxari	—	—
vivio	b̃oga	d̃io	momo	umomo
izuŭa	jiŭa	jiŭa	namaiu	ridŭa, lidula

PORTUGUEZ	NIASSA	UJÍJI	MANIEMA (leste)	MANIEM (oeste)
Um	kimozi	mŭe	jumu	umosa
Dois	viŭiri	ŭaŭiri	mabiri	babiri
Tres	vitato	ŭatato	basatŭa	ŭasato
Quatro	viníe	ŭaena	bana	vanaxi
Cinco	visano	ŭatano	batano	ŭatano
Seis	... na kimozi	ŭat̃adato	mutuŭa	mutuba
Sete	... na viŭiri	d̃ŭi	musab̃o	musab̃o
Oito	... na vitato	minani	muhad̃a	mŭad̃a
Nove	... na viníe	kíed̃a	ketema	kitema
Dez	xikumi	ŭaxumi	ikumi	dikumi
Cem	—	igana	lukama	lukama
Agua	mazi	namazi	mema	maxi
Alimento	xakudía	viribŭa	virivŭa	viribŭa
Ar	p̃epo	b̃eho	masika	masika
Arco	uta	muhŭeto	buta	uta
Arvore	teg̃o	iŭiti	mutío	muti
Ave	balamehe	z̃eŭa	tuni	koni
Bananas	t̃oxi	tokehe	maod̃ehe	d̃oso
Banquinho	p̃ad̃o	t̃eŭehe	kikala	kibara
Batatas	batata	virub̃u	bihama	kaseg̃a
Beiço	l̃omo	munŭa	mulomo	mulomo
Bocca	kamŭa	kanŭa	kaniŭa	kanŭa
Boi	g̃ob̃e	ik̃a	g̃ob̃e	g̃ob̃e
Bons dias	ulimoïo	—	uteg̃o	bakŭeno
Cabaça	xig̃ubu	kíasŭo	kíasŭa	kíasa
Cabeça	mutu	mutŭė	musŭė	mutŭi
Cabello	sisi	uz ri	mŭeli	suki
Cabra	b̃uzi	p̃enehe	b̃uzi	b̃uzi
Caminho	j̃ira	j̃ira	muz̃ira	ij̃ila
Canoa	bŭato	ŭato	ŭato	bŭato
Cão	garu	b̃ŭa	ib̃ŭa	ib̃ŭa
Carne	níama	níama	níama	níama
Casa	níub̃a	z̃u	ked̃ehe	d̃abo
Ceu	mitab̃o	ijuru	nikuni	ijulu
Chuva	ṽula	ṽula	vula	b̃ula
Dedo	kala	urutoké	minŭė	minŭė
Dente	zinu	ameníio	menu	minu
Dia	t̃ezana	izuŭa	juŭa	juŭa
Estrellas	l̃od̃ŭa	masata	kag̃umina	kag̃amina

URUNGO	UGUHA	CAZEMBE	UBISSA	MARÁVI
kimŭė	imo	moze	imo	moze
fiŭiri	ŭaŭiri	biri	siviri	biri
vitato	ŭasato	tato	sitato	tato
vinehe	ŭaana	naï	sinehe	naï
vitano	ŭatano	xano	sisano	xano
vitad̃ato	mutad̃a	tat̃ato	mutad̃a	tat̃ato
t̃ad̃a	musab̃o	xinomŭė	mufuğati	xinomŭė
ñanehe	muŭad̃a	isere	kinani	isere
kapusïo	kitema	feb̃a	mŭed̃a	feb̃a
sumi	kumi	kumi	irikumi	kumi
—	lukum̃a	zana	ikikumi	zana
amez̃i	mema	emed̃a	amez̃i	masi
uŭali	viríasi	alía	ubŭari	adía
ukupema	masika	—	ukupema	—
uta	utaŭako	—	uvuta	ua
fimuti	muti	—	umuti	—
fíoni	k̃oni	—	ifijoni	barame
mikod̃ehe	matokehe	—	mikod̃ehe	—
t̃eŭehe	kiŭala	utad̃a	kipuŭa	—
ifíub̃u	virub̃u	xub̃o	ifíub̃u	—
miromo	miromo	—	mulomo	muromo
akanŭa	kukanŭa	pakanŭa	akanŭa	—
viğob̃e	—	ğob̃e	iğob̃e	ğob̃e
mapola	aïumuğa	—	mapola	—
usupa	kíasa	—	usupa	—
kitŭė	kitŭi	mutŭė	mutŭė	musoro
musisi	nïuŭeri	sisi	nusisi	sisi
b̃uzi	b̃uzi	p̃eb̃e	b̃uzi	b̃uzi
muz̃ira	ič̃ira	zila	iz̃ira	jira
uŭato	bŭato	ŭato	bŭato	—
kabŭa	ib̃ŭa	kabŭa	kabŭa	ib̃ŭa
inama	nïama	inama	inama	ṅama
ğad̃a	sibo	ğad̃a	ğad̃a	nub̃a
mavib̃i	ŭilo	—	mavib̃i	—
if̃ula	vula	l̃ula	f̃ula	ṽura
kïara	minŭė	—	munŭė	minŭė
ameno	meno	dinu	ameno	dinu
čiğulo	juŭa	—	akazŭa	ŭaxena
t̃ad̃a	kağemoğemo	—	itad̃a	ṅeze

PORTUGUEZ	NIASSA	UJÍJI	MANIEMA (leste)	MANIEMA (oeste)
Faca	xipula	t̃ab̃i	luŭetehe	rubahu
Farinha	ufa	ufu	vuğa	buğa
Fato	z̃aro	mŭed̃a	ğuo	kirab̃a
Fogo	moto	muxanŭa	muriro	tuïa
Folha	sab̃a	muvavi	tubizi	gani
Fumo	t̃osi	musi	mozi	muki
Homem	mut̃u	mut̃u	b̃ad̃u	mud̃u
Hyena	fisi	fisi	jibŭi	kib̃ŭi
Ilha	kirub̃a	kirira	—	—
Irmão	p̃ŭağa	mŭenŭehe	mŭina	mutanehe
Lago	niïaj̃a	tağanika	luji	luxi
Lagoa	taŭarehe	kitağa	kiziŭa	kiziŭa
Lança	t̃uğo	xumo	fumo	fumo
Leão	k̃ağo	t̃ari	d̃ab̃ŭi	d̃ab̃ŭė
Lingua	dilimi	rurimi	durimi	lulimi
Lua	mŭezi	ukŭezi	mŭağo	suği
Mãe	amaï	mama	ïehïi	nené
Mão	dizaj̃a	kigaz̃a	maboko	maboko
Montanha	piri	musosïi	ulıağula	ğulu
Morte	kufa	afuıehe	ŭafŭa	ukŭa
Mulher	mukazi	ğorehe	mukazi	mukazi
Não	purijehe	ataïehe	utoko	kusikïed̃o
Nariz	p̃uno	izulu	mŭeb̃ehe	muh̃ebe
Noite	usiku	uxugo	mufuku	utu
Olho	diso	amaso	diso	diso
Orelha	kutu	ugutŭi	makusŭehe	magutŭi
Ovelha	dira	t̃ama	mukoko	mukoko
Pae	atatehe	data	nitutu	utata
Paiz	ziko	iz̃i	kibaro	museğehe
Passaro	k̃uku	k̃oko	solo	ğoko
Pé	mŭed̃u	maguru	maulu	maholo
Pedra	mŭala	ïuïehe	mabŭė	dibŭė
Peixe	z̃ob̃a	siŭi	—	—
Pelle	ğuo	muŭiri	kiseŭa	keseŭa
Rio	z̃ij̃ehe	mugezi	amema	luxi
Sal	meherehe	muniu	muğŭa	musiki
Seta	p̃ariro	mïab̃i	masoma	musoma
Sim	kodi	aïe	ehe	ŭoŭo
Sol	uzua	izuŭa	muninïa	juŭa

URUNGO	UGUHA	CAZEMBE	UBISSA	MARÁVI
mŭerehe	luhete	—	mŭerehe	xiso
uvug̃a	uxïehe	ug̃a	uvug̃a	ufa
z̃aro	mariŭa	—	z̃aro	—
muriro	muriro	mulilo	muriro	moto
mavula	mejani	—	ifijani	—
ikïuz̃i	mosi	musi	ik̃uz̃i	usi
mut̃u	mut̃u	mŭana lume	mut̃u	mamuna
kabŭima	kib̃ŭi	—	ikib̃ŭi	—
kisera	—	—	kisiz̃iri	sua
muíeki	mukig̃a ŭami	—	munag̃i	bare
kimumana	udivihi	—	umumana	—
kirab̃i	kiziŭa	—	kirab̃ehe	—
fumo	fumo	—	ifumo	—
z̃ib̃a	utab̃ŭė	lamo	kalamo	pod̃oro
ululimi	lulimi	lidimi	ulurimi	lilimi
mŭezi	mŭezi	god̃o	mŭezi	mŭezi
ïag̃u	nana	mama	maïo	mama
minŭė	k̃ono	čikasala	amaboko	maj̃a
p̃iri	ŭig̃uru	—	urupiri	—
ifŭa	akufa	—	ukufa	ŭafŭa
mŭana kazi	k̃az̃ïana	mŭana kazi	mŭana kazi	mukazi
ïo	aha	—	tapari	ahïahi
mona	muheb̃e	mïona	umona	puno
uvusiko	ufuku	—	avasiku	usuko
amez̃o	lisu	diso	iriz̃u	diso
amatŭi	makutŭi	ditŭė	amatŭi	sikutò
mikoko	mukoko	mukoko	ip̃ag̃a	bira
tata	tata	tata	tata	baba
ikaro	mŭaro	—	ikaro	—
g̃oko	g̃uku	—	ig̃oko	—
magasa	kuguru	mutat̃a	amoru	mŭed̃u
iribŭė	dibŭe	mabŭė	iribŭė	mukala
isaŭi	—	masayi	usiŭi	sob̃a
kigad̃a	kiseŭa	ip̃apa	ip̃apa	parame
mulog̃a	mututo	—	murog̃a	—
mikerehe	munïu	mug̃ŭa	mikeri	muño
mifŭi	misari	—	mufŭi	—
ehe	ehe	—	ehe	—
akazŭa	ïuŭa	—	akazŭa	zua

PORTUGUEZ	UREGA	BATUA	BACUBA	BALUBA
Um	xamoje	hoči	kuhoči	ĭomŭė
Dois	ibi	p̃ihid̃i	fihi	ibidi
Tres	isato	čehetu	ičata	isato
Quatro	inĭa	ičihi	ičihi	inaĭ
Cinco	koboko	t̃ahano	itahano	itano
Seis	mutuba	čahame	ičahamŭė	isab̃ob̃o
Sete	—	čahab̃uhele	čahumule	mutekete
Oito	činana	inahane	inahane	mukulo
Nove	—	dihibŭa	dihibŭa	čitekŭa
Dez	ikama	ičaj̃i	ičaj̃i	dikumi
Cem	—	—	—	lukama
Agua	mĭe	mači	loči	maí
Alimento	mata	—	—	—
Ar	—	—	—	—
Arco	—	—	—	—
Arvore	kiti	buheta	pug̃o	buta
Ave	kokob̃iri	—	—	—
Bananas	mama	—	—	—
Banquinho	kitub̃i	—	—	—
Batatas	—	—	—	—
Beiço	mitutu	—	munĭo	mučiko
Bocca	kama	—	—	mukano
Boi	—	—	—	—
Bons dias	—	—	—	—
Cabaça	kikuru	—	—	—
Cabeça	mučŭi	ihituxe	—	mutŭė
Cabello	b̃i	p̃uhe	puha	suki
Cabra	b̃uri	—	—	—
Caminho	ij̃eĭa	—	—	—
Canoa	mato	—	—	—
Cão	b̃ŭa	—	—	—
Carne	nĭama	j̃ahama	—	munini
Casa	niub̃a	d̃uho	čuhoŭa	subo
Ceu	itukuča	—	—	—
Chuva	b̃ura	b̃ula	bulŭa	fula
Dedo	numi	kĭala	nihŭo	muhoko
Dente	menu	mahenu	mihŭi	diheno
Dia	utukuča	—	—	—
Estrellas	ked̃iked̃i	—	—	—

TUCURUBA	MATABA	CANHÍUCA	UANDA	LUNDA
kamŭè	kaxi	kamŭè	kamŭè	kamŭè
kabidi	kabidi	kabidi	kaadi	kaadi
kasato	kasato	kasato	kasato	kasato
kanaï	kaniğa	kańi	kańi	kańí
katano	katano	katano	katano	katano
kusab̃ab̃o	samano	musab̃ano	musamano	musâbaño
mŭad̃a muïa	čabŭari	sub̃ŭibidi	sab̃ŭari	sab̃ŭari
mŭad̃a mukulo	činana	mŭad̃a	činana	činana
čivŭa	čidivŭa	čited̃o	divŭa	divu
dikumi	čikumi	dikumi	dikumi	dikumi
kama	kama	čitota	čitota	čitota
maí	meji	mŭaža	meji	mema
čidïaje	kudïa	ŭadía	ŭalïa	kudïa
čipepele	pepele	kid̃o	—	čipepele
buta	uta	uta	uta	uta
muči	mudodo	mutod̃o	muti	mutodo
ńińo	jila	jila	k̃oko	jile
makod̃e	makod̃e	čikod̃e	makod̃e	makod̃e
ditad̃a	ditad̃a	ditad̃a	čipapo	ditad̃a
tab̃a	jibožo	rutab̃a	—	jitab̃a
muxiko	mulabo	mulamo	mulabo	muzubo
mukano	mukano	mukanŭa	kanŭa	mukano
ğob̃e	ğob̃e	ğob̃e	—	ğob̃e
maleğele	nalala	kubača	—	ŭalak̃a
biloŭa	sua	čileŭ	kisua	supe
mutu	mutŭè	mutu	mutu	mutŭè
ńońo	lukabo	suki	susi	rusuki
b̃ŭiji	p̃eb̃e	b̃uji	b̃usi	p̃ep̃e
j̃ila	j̃ila	j̃ila	zila	j̃ila
bŭato	ŭato	mŭaža	bŭato	ŭato
b̃ŭa	kahŭa	kahŭa	kakŭa	kabŭa
muńińi	inama	mŭita	nama	činama
zubo	žuo	žup̃o	čitale	čikub̃o
kuhulo	ehulo	dihulo	ehule	dihulo
b̃ula	ṽula	ṽula	uvula	luṽula
mŭińi	mŭińi	muno	muno	mŭińi
dinu	dizeŭ	dinu	menu	dizeŭ
dituko	ditağo	dičiko	usŭa	dičiko
katub̃u	misoğonoka	kasagańi	musoğonoka	tutub̃o

PORTUGUEZ	UREGA	BATUA	BACUBA	BALUBA
Faca	obeo	—	—	—
Farinha	umata	—	—	—
Fato	t̃uru	—	—	—
Fogo	kasa	—	tehía	kapía
Folha	—	—	—	—
Fumo	muki	—	—	—
Homem	mutu	—	—	—
Hyena	—	—	—	—
Ilha	kititi	—	—	—
Irmão	meía	—	—	—
Lago	—	—	—	—
Lagoa	—	—	—	—
Lança	tumo	—	—	—
Leão	—	—	—	tab̃ŭè
Lingua	číami	—	—	ludimi
Lua	meri	kŭeči	ğona	mŭeči
Mãe	inaŭè	—	—	—
Mão	makasa	koboko	—	boko
Montanha	kíoma	mukuči	ikočo	kakuna
Morte	kukid̃uka	ŭakŭa	—	ŭalufŭa
Mulher	mukazi	—	—	—
Não	—	—	—	—
Nariz	mŭeb̃i	dilu	milo	diŭlo
Noite	utağŭira	—	—	—
Olho	liso	diso	miči	diso
Orelha	kuta	—	matuki	dihiču
Ovelha	meme	—	—	—
Pae	moma	—	—	—
Paiz	kad̃a	—	—	—
Passaro	koko	—	—	—
Pé	tid̃e	kupid̃i	mabela	čibehela
Pedra	iŭe	—	—	—
Peixe	r̆i	—	čuhehía	munini maí
Pelle	ukoŭa	—	—	časa
Rio	ikij̃i	mučulu	loči	musulu
Sal	muu	—	—	—
Seta	—	čehebo	počío	muketa
Sim	—	—	—	—
Sol	íoŭa	díuba	itaj̃e	díuba

TUCURUBA	MATABA	CANHÍUCA	UANDA	LUNDA
kele	p̃oko	mŭele	mupete	p̃aka
bukula	ug̃a	bug̃e	ug̃a	hug̃a
dilŭato	izŭato	—	—	ijala
kapi̇a	kai̇	mulilo	mudilo	kasŭė
diańi	difofu	dibixi	mafofu	di̇eji
mŭixi	mŭixi	—	—	mŭixi
mut̃u	mut̃u	baí	mulume	mut̃u
kajama	čisup̃e	maleg̃e	maleg̃e	čisupa
kidila	mŭitug̃o	—	—	mŭisag̃a
mŭana baba	mona mama	mona mama	mona maku	mona maku
—	mŭijia	—	—	dijía
čizag̃a	ulaŭ	dijia	dited̃e	ulaŭ
čisokolo	disug̃o	—	—	disug̃o
tab̃u	tab̃u	ni̇amag̃e	tab̃u	tab̃u
ludimi	ludimi	budimi	ulimi	rudimi
g̃od̃e	kŭeji	musug̃e	kakŭeji	g̃od̃e
baba	mama	mama	maku	maku
diboko	ńoko	ńoko	moi̇ka	čikasa
mukuna	mukad̃o	—	—	mukixi
mufi	ŭafŭa	ufi	ufŭa	ŭafŭa
mukaje	mukaje	mukaje	mukaje	mukaje
naxá	kaná	kana	kini̇a	nalike
dilu	muzuro	muzuro	zulo	dizuro
utuko	ufuko	ufuko	usuko	učuko
disu	disu	disu	lisu	disu
diču	ditŭi	ditŭi	itŭi	ditŭi
čipag̃a	mukoko	mukoko	mukoko	mukoko
tete	tátuko	tata	tuta	tátuko
misoko	kolo	čibuj̃e	g̃ad̃a	kolo
kańińo	kajile	końi	hoko	kajile
čidi̇ajele	mŭed̃u	čidi̇atelo	čiji̇atelo	mŭed̃u
dibŭė	di̇ala	ditadi	utadi	di̇ala
muńińi ŭa maí	b̃iji	ixi	bixi	ixi
mubidi	čikoŭa	kisebo	kisea	čikad̃a
mŭitu	mulog̃a	musula	mulog̃a	ŭito
mukele	mukele	mukele	muu	mug̃ŭa
muvi	muvi	muketa	muvi	séo
moi̇o	ki̇ene	iê	manê	i̇ê
mŭińa	musana	muńińe	musana	mutena

PORTUGUEZ	MIMUNGO	MACOSSA	QUIOCO	URÚA
Um	kamo	kaxi	kamŭè	kamo
Dois	kaieri	kadi	kaadi	tŭili
Tres	katato	katato	kasato	tusato
Quatro	kaŭane	kaŭane	kanaï	tuna
Cinco	katano	katano	katano	tutano
Seis	kasamano	sab̃ano	musab̃ano	tusab̃a
Sete	kaxib̃iari	xibŭari	xibŭari	tusab̃ŭile
Oito	kanake	nike	naki	mŭad̃a
Nove	ivŭa	diva	ivŭa	kitema
Dez	kumi	dikumi	kumi	dikumi
Cem	mulakaji	čitota	mulakaji	katŭa
Agua	maí	meji	meia	mema
Alimento	idia	kudia	diaje	viliŭa
Ar	čipepele	—	kipepele	—
Arco	uta	uta	uta	uta
Arvore	muči	muti	mutod̃o	čiti
Ave	ṅiṅo	jila	jila	ğuni
Bananas	makod̃e	makod̃e	mahoj̃e	makod̃e
Banquinho	kitŭamo	dialo	kitŭamo	—
Batatas	tab̃a	jiboz̃o	tab̃a	kuluğu
Beiço	muzub̃o	muzubo	muzub̃o	—
Bocca	mukano	mukano	mukano	mukanu
Boi	ğob̃e	ğob̃e	ğob̃e	ğob̃e
Bons dias	ŭazeka	ŭakola	ŭakola	—
Cabaça	sua	j̃ij̃a	sahaha	muğu
Cabeça	mutu	mutu	mutŭè	kutŭè
Cabello	kab̃o	lukabo	kab̃o	mŭeni
Cabra	p̃eb̃e	p̃eb̃e	p̃eb̃e	b̃uzi
Caminho	j̃ila	j̃ila	j̃ila	mixid̃a
Canoa	uluğo	ŭato	ŭato	ŭato
Cão	kabŭa	kakŭa	kahŭa	b̃ŭa
Carne	inama	ṅama	ifuo	nama
Casa	iz̃uo	z̃uo	z̃uo	z̃uo
Ceu	dihulo	iulo	kuhulo	—
Chuva	ṽula	ṽula	ṽula	ṽula
Dedo	muni	mŭino	mŭiṅi	minŭè
Dente	diju	diju	cizu	nenu
Dia	dituko	dičiko	ditağŭa	f̃uko
Estrellas	teteb̃o	tutub̃o	teğonoxe	kanïenïa

XINJE	UIANZI	BABUENDE	BACONGO	CONGO (S. Salvador)
moxi	mosíehe	mosi	bosa	moxi
kaadi	mŭe	mĭole	kŭali	kole
katato	siti	mitato	tato	kutato
kańi	ina	mia	una	kuía
katano	mitano	vitano	tano	kutano
musab̃ano	t̃uba	misab̃a	sab̃ano	kusab̃ano
sabŭari	musaṽu	sabŭari	sab̃ŭali	sab̃ŭadi
nano	mŭab̃i	nana	nana	nana
divŭa	bua	vua	evŭa	evŭa
kumi	kumi	kumi	ikumi	kumi
mulakaji	—	mukama	k̃ama	kama
meía	maza	maza	mazi	maza
kudía	udía	ulía	bilía	día
lupepe	—	—	p̃emo	fulumŭino
uta	—	mikelehe	—	lug̃ug̃o
muxi	mŭiti	muti	muti	lutako
jila	muni	nuni	nuni	nuni
makode	makode	makode	ututo	maoj̃i
kialo	—	—	—	kud̃a
boz̃o	—	čikŭa	b̃ala	hŭa
muvub̃o	—	lab̃o	—	bobo
mukano	munía	nŭa	muno	nŭa
g̃ob̃e	—	g̃ob̃i	g̃ob̃i	g̃ob̃e
ŭazekele	—	—	keba bota	ilub̃o ĭab̃ole
b̃id̃a	—	—	—	kalo
mutŭė	ip̃u	t̃u	t̃u	t̃u
kab̃o	usŭehe	suki	leje	suki
p̃eb̃e	t̃aŭa	kob̃o	kob̃o	kob̃o
j̃ila	—	makag̃a	z̃ilo	jila
ulug̃o	mato	malug̃u	bŭato	lug̃o
b̃ŭa	b̃ŭa	b̃ŭa	muŭa	bŭa
xit̃u	b̃isi	b̃ise	b̃iz̃i	biji
iz̃uo	—	maz̃u	bŭala	luse
díulo	—	sulu	líulo	zulu
ṽula	ṽula	mavula	ṽula	ṽula
mŭiṅi	musi	muteb̃o	z̃ala	muteb̃o
dizu	dinu	menu	menu	dinu
kizua	—	bilub̃u	lub̃u	lub̃u
tutub̃o	—	—	—	teteb̃ŭa

PORTUGUEZ	MIMUNGO	MACOSSA	QUIOCO	URÚA
Faca	p̃oko	p̃oko	kele	lupete
Farinha	hug̃a	falini	hug̃a	ukula
Fato	izŭato	izŭato	izŭato	bŭixa
Fogo	tuhïa	kese	kahïa	miriro
Folha	dïaz̃o	ditaho	dïeji	—
Fumo	dixi	mŭixi	mŭixi	—
Homem	mut̃u	mut̃u	mut̃u	mut̃u
Hyena	ig̃o	kisupa	kisupa	kumug̃u
Ilha	disag̃a	mŭitug̃o	musag̃a	—
Irmão	mŭana naï	mona maku	mona noku	tula
Lago	—	kited̃e	—	—
Lagoa	kizag̃a	ulaŭ	kitede	—
Lança	kisokolo	fumo	kisokolo	mukohŭè
Leão	hoje	tab̃u	tab̃u	tab̃u
Lingua	ludimi	ludimi	ludimi	luvimi
Lua	b̃eji	kŭeji	kŭeji	kŭesi
Mãe	naï	naï	noku	lolo
Mão	koko	čikasa	koko	manoko
Montanha	meg̃og̃o	mukad̃o	mukixi	—
Morte	ufŭa	ŭafŭile	ŭafŭa	ŭafa
Mulher	mukaje	mukaje	mukaje	mukazi
Não	lo	ka	lo	vito
Nariz	dizulo	čizuro	dizulo	mïona
Noite	utuko	ufuko	ufuko	xolŭa
Olho	disu	disu	disu	disu
Orelha	ditŭi	ditŭi	kutŭi	matŭi
Ovelha	b̃udi	mukoko	b̃uri	mukoko
Pae	tata	tata	tata	tata
Paiz	kifuxi	kolo	kifuxi	či
Passaro	kajila	kajila	kajila	—
Pé	kulo	mŭed̃u	kulo	usŭaïa
Pedra	dibŭè	ditadi	dihŭè	ibŭè
Peixe	bisi	ixi	bixi	mŭita
Pelle	lab̃o	tab̃o	lab̃o	siseva
Rio	lŭiji	mulog̃a	lŭiji	luŭi
Sal	mog̃ŭa	mug̃ŭa	mog̃ŭa	mŭepu
Seta	muvi	muvi	muvi	miketo
Sim	ïê	ïê	kïokïo	ïê
Sol	mŭaña	ditag̃o	mŭalŭa	minïa

XINJE	UIANZI	BABUENDE	BACONGO	CONGO (S. Salvador)
p̃oko	birehe	mubele	mubele	bele
lupa	—	munĭaka	falinĭa	fuf̃o
izŭato	—	—	—	—
tuhĭa	kapĭa	tuĭa	b̃azu	tuĭa
dĭag̃o	ikukọ	mukobo	utiti	lukaĭa
mŭixi	—	—	mŭisi	mŭisi
mut̃u	mutu	mut̃u	mut̃u	mut̃u
kulŭama	—	—	—	kob̃e
kisag̃a	—	—	—	kasag̃a
mona mama	d̃u	d̃ugu	k̃ob̃a	mŭanag̃ŭa
—	—	—	—	—
dizaza	—	—	—	rĭag̃a
kisokolo	ikog̃o	uĭog̃e	—	dĭog̃a
hoje	koxe	koxe	xig̃ub̃u	koxe
ludime	limi	dimi	lulaka	lubimi
kŭeji	usug̃i	g̃od̃a	g̃od̃a	g̃od̃e
mama	mama	mama	mama	g̃ŭa
koko	liboko	moko	koko	koko
mug̃og̃o	—	izuru	mula	mĭog̃o
ufi	afŭa	—	ufŭire	lufŭa
mukaje	k̃ali	miket̃o	muket̃o	ket̃o
kaná	—	ko	ve	ko
dizulu	juru	b̃ob̃o	ĭilu	zuno
usuko	—	f̃uko	bŭilu	fuko
disu	lisu	disu	lisu	disu
kutŭi	itŭi	kutuke	ukutu	ditu
b̃uri	memé	memé	memé	memé
tata	tara	tata	tata	se
xi	isi	isi	—	uxi
kajila	ususu	ususu	susu	nuni
kulo	likuru	t̃ab̃i	kulu	t̃ab̃i
ditadi	iba	—	lianĭa	t̃adi
biji	b̃isi	b̃isi	f̃u	b̃iji
lab̃o	k̃ad̃a	—	k̃ad̃i	k̃ad̃a
ŭito	ibari	j̃ali	z̃ali	k̃oko
mug̃ŭa	mug̃ŭa	mug̃ŭa	salu	mug̃ŭa
mufula	—	—	—	sŭag̃a
kenĭê	—	—	g̃eté	eg̃eta
mŭaña	ikag̃a	tag̃u	t̃ag̃u	t̃ag̃ŭa

PORTUGUEZ	CASSANJE	MALANJE	HUNGO	CONGO
Um	moxi	imoxi	moxi	moxi
Dois	kaadi	ïadi	mole	sole
Tres	katato	itato	tato	tato
Quatro	kanane	in̆ane	iha	maïa
Cinco	katano	ïano	tano	tano
Seis	samano	samano	samano	samano
Sete	sab̃ŭari	sab̃ŭari	xib̃ŭari	sab̃ŭari
Oito	naki	naki	nano	nane
Nove	divŭa	ivŭa	ivŭa	evŭa
Dez	dikumi	dikumi	dikumi	kumi
Cem	hama	kama	k̃ama	k̃ama
Agua	meïa	men̈a	mara	masa
Alimento	idïa	kidïa	kuta	d̃ia
Ar	fuj̃i	kiteb̃o	lupepe	gab̃ŭila
Arco	uta	uta	uta	uta
Arvore	muči	muxi	muti	muti
Ave	jila	jila	mini	—
Bananas	maoj̃i	makod̃e	makoj̃i	dihoj̃i
Banquinho	kïalo	kïalo	kïalo	kïado
Batatas	boz̃o	boz̃o	boz̃o	kirig̃u
Beiço	muzub̃o	muzub̃o	kibaka	kïanŭa
Bocca	dikano	kanŭa	munŭo	mun̈ŭa
Boi	g̃ob̃e	g̃ob̃e	g̃ob̃e	g̃ob̃e
Bons dias	—	—	—	—
Cabaça	b̃id̃a	bid̃a	kalo	—
Cabeça	mutu	mutŭė	mutu	t̃u
Cabello	d̃eb̃a	d̃eb̃a	suki	suku
Cabra	kob̃o	kob̃o	kob̃o	p̃eb̃e
Caminho	j̃ila	j̃ila	j̃ila	j̃ila
Canoa	ŭato	ulug̃o	lug̃o	dog̃o
Cão	ib̃ŭa	ib̃ŭa	b̃uŭa	b̃oŭa
Carne	xitu	xitu	b̃iji	bisi
Casa	iz̃uo	zuo	zuo	—
Ceu	kuulo	dïulo	zulo	—
Chuva	ṽula	ṽula	ṽula	—
Dedo	mŭino	muteb̃o	muteb̃o	muleb̃o
Dente	dizu	dizu	dinu	dinu
Dia	kizua	kibua	kilub̃o	kilub̃o
Estrellas	teteb̃o	teteb̃o	teteb̃uka	n̈atete

DISTRICTO DE LOANDA		LUCÚMBI	LUNHANECA	LUNANO
moxi	moxi	mosi	—	—
íari	kíali	bari	—	—
tato	kitato	tato	—	—
ŭana	kiŭana	kŭana	—	—
itano	kitano	tano	—	—
samano	kisamano	pad̃o	—	—
sab̃ŭari	sab̃ŭari	tano bari	—	—
naki	nake	nane	—	—
ivŭa	ivŭa	d̃íe	—	—
kuñi	likine	kume	—	—
hama	hama	xita	—	—
meña	meña	meba	meba	baba
kudía	kudía	nod̃ía	—	—
kiríulu	muleg̃e	pepo	—	—
uta	—	uta	—	—
muči	muti	muti	—	—
jila	j̃ila	—	—	—
dihoj̃i	dikoj̃o	hoj̃o	—	—
kíalo	—	xipud̃i	—	—
kirig̃u	—	—	—	—
dizub̃o	mazub̃o	—	—	—
dikano	dikano	mulug̃o	mulug̃o	mela
g̃ob̃i	g̃ob̃e	g̃obe	—	—
—	—	—	—	—
diñuk̃o	bid̃a	t̃ed̃a	t̃od̃a	kabid̃a
mutŭè	mutŭè	mutŭè	mutŭè	utŭè
d̃eb̃a	d̃eb̃a	huke	—	—
keb̃o	k̃ob̃o	xikob̃o	kob̃o	hob̃o
j̃ila	j̃ila	d̃ira	j̃ira	j̃ira
dog̃o	dog̃o	ŭato	—	—
ib̃ŭa	ib̃ŭa	xibŭa	—	—
xitu	xitu	berela	hito	sito
moz̃u	kubata	j̃uo	—	—
dikulo	íulo	íulo	—	—
f̃ula	ṽula	b̃ula	b̃ira	b̃era
muleb̃o	muleb̃o	munŭè	—	—
diču	dijo	io	—	—
kisua	kiz̃ua	kubi	—	—
teteb̃ŭa	tetebŭa	t̃ug̃urulu	—	—

PORTUGUEZ	CASSANJE	MALANJE	HUNGO	CONGO
Faca	p̃oko	p̃oko	bele	b̃eli
Farinha	fuba	fuba	fuba	—
Fato	izŭato	izŭato	izŭato	irŭato
Fogo	tubĭa	tuhĭa	kapĭa	tub̃ĭa
Folha	kĭağa	kĭağa	difuto	dikaĭa
Fumo	dixi	dixi	mŭixi	mŭixi
Homem	mut̃u	mut̃u	mut̃u	mut̃u
Hyena	kulŭama	iğo	iğo	—
Ilha	kisağa	kisağa	disağo	z̃adi
Irmão	mona ğina	pağı	pağı	—
Lagoa	kizağa	kizağa	kizağa	—
Lança	kisokolo	kisokolo	kisokolo	—
Leão	tab̃u	hoji	koji	k̃oxi
Lingua	dimi	dimi	dika	ludimi
Lua	b̃eji	b̃eji	ğod̃e	god̃e
Mãe	ğina, mama	mama	mama	—
Mão	kŭako	lukŭako	koko	kŭako
Montanha	mugoğo	mulud̃o	moğo	moğo
Morte	kib̃i	kib̃i	mufi	mafŭa
Mulher	mukaji	mukaji	muketu	muketo
Não	lo	kaná	ko	—
Nariz	dizulo	dizuro	bob̃o	—
Noite	usuko	usuko	usuko	—
Olho	disu	disu	disu	disu
Orelha	katŭi	ditŭi	ditŭi	kutu
Ovelha.	b̃udi	b̃uri	koko	imeme
Pae	xa, tátuko	tata	tata	—
Paiz	fuxi	ixi	xi	—
Passaro	kajila	kajila	muni	nuni
Pé	kinama	kinama	kulo	kulo
Pedra	dihuhé	ditadi	diŭé	etadi
Peixe	kikele	biji	zoŭji	bisi a masa
Pelle	kikod̃a	dikod̃a	čikad̃a	mukad̃a
Rio	lŭiji	ğije	ğije	mukoko
Sal	moğŭa	moğŭa	moğŭa	—
Setta	mufula	mufula	mufula	—
Sim	kĭené	ĭê	ĭê	—
Sol	mŭaña	mŭaña	mŭaña	t̃ağŭa

DISTRICTO DE LOANDA		LUCÚMBI	LUNHANECA	LUNANO
p̃oko	p̃oko	mŭele	k̃ika	moko
fuba	fuba	fid̃i	hid̃i	—
izŭato	—	—	—	—
tubïa	tubïa	tupïa	—	—
difu	difo	xisŭe	difo	—
dixi	rixi	mŭifi	muhi	musi
mut̃u	mut̃u	mut̃u	mut̃u	muuu
ik̃o	kimalak̃a	ximalak̃a	—	—
lud̃a	kisag̃a	—	—	—
pac̃i	pag̃e	pag̃e	—	—
disag̃a	—	tala	—	—
zagaïa	—	—	—	—
hoji	hoji	k̃ofi	k̃eïama	hosi
dimi	dimi	laka	—	—
dïeji	rïeji	hami	haṅi	saï
mama	mama	meme	—	—
lukako	mako	kuboko	—	—
mulud̃u	mulud̃o	p̃ud̃a	—	—
ŭafŭa	ŭafŭa	ŭafŭa	ŭak̃ïa	ŭafa
muhato	k̃asi	murik̃ad̃i	mukaï	ukaï
ka, ŭaná	—	date	—	—
disuno	disuno	ïulo	ŭilo	rïulo
usuko	usuko	ufuko	utike	uteke
disu	nisu	isu	—	—
ditŭi	ditŭi	kutŭi	—	—
b̃uri	b̃uri	g̃uí	—	—
tata	tata	tate	—	—
muxi	koxi	xirog̃o	—	—
kajila	—	—	—	—
kinama	kinama	p̃ad̃i	—	—
ditadi	ritave	tari	maṅa	—
biji	b̃ije	si	—	—
kiba	kikod̃a	xikoba	—	—
j̃iji	mujiji	log̃a	ṅana	luï
mug̃a	mug̃ŭa	mog̃ŭa	—	—
musog̃u	—	—	—	—
eŭé	—	na	—	—
dikub̃i	rikub̃i	kub̃i	—	—

CAPITULO III

CARACTERES ETHNICOS

Observações geraes — Dados anatomicos e physicos ácerca dos povos Tus; côr da pelle, dos olhos, dos cabellos — Algumas indicações sobre caracteres physiologicos; fecundidade, cruzamentos com outros povos africanos ou com europeus — Bases da alimentação; sua influencia — Doenças predominantes — Causas de extincção das populações — Aspecto geral; força muscular; condições de resistencia á fadiga; robustez relativa — Considerações sobre os caracteres e situação e condições de vida de varias tribus da Africa central — Conclusões.

xpondo agora o resultado dos estudos que pude fazer sobre varios typos mais caracteristicos de individuos das diversas tribus da região que percorri, tenho em vista justificar a conclusão a que cheguei pelas tradições e pelos caracteres ethnicos, isto é, que os povos Tus tiveram origem commum ao norte do Equador, afastando-se d'ahi por differentes migrações para o planalto oriental.

É d'este planalto, por certo, que pelos mesmos ou por caminhos diversos, se seguiram, como já ficou dito, novas migrações, e por cruzamentos com outras gentes se foram constituindo as tribus que se espalharam por toda esta vastissima região, modificando-se umas mais que outras por differentes causas.

As modificações na conformação, na tez e ainda no desenvolvimento mental, tornam-se mais caracteristicas, bem como as differenças nos dialectos, entre as tribus que se fixaram nas

maiores depressões do solo do centro do Continente, se as compararmos com as que continuaram a immigrar para as regiões elevadas ao sul; isto é, ha maiores distincções entre todos estes povos no sentido das latitudes do que no das longitudes. Cruzando-se nos seus caminhos as migrações de entre norte e leste para esta região central, as correntes tornaram-se depois mais frequentes de leste para oeste, não ultrapassando para sul as cordilheiras ou maiores relevos do continente, sobre as quaes estão os grandes lagos, e que seguem depois para sudoeste até sul de Mossamedes.

Os povos Tus ficaram, pois, delimitados por esses relevos orographicos a sul, e pelos lagos ao oriente e espalharam-se para o occidente até á costa, não passando o Zaire para o norte.

De certo nos seus limites de contacto se deram tambem cruzamentos com os povos vizinhos, que são, sem duvida, a causa de não apresentarem contraste typico que d'estes os differencie bastantemente.

Mas ainda assim, nos povos Tus, dentro dos limites que lhe suppomos, ha dados anthropologicos e ethnicos que me impressionaram e melhor se coadunam com as condições do meio em que vivem; e é d'estes dados que me occupo, comparando-os com os que se teem colligido entre os povos além d'esses limites.

Serei minucioso na menção dos seus usos, costumes e artefactos, e em geral de outros caracteres ethnicos, figurando tambem pela photographia os typos individuaes que obtive, e com estes elementos tentarei corroborar as minhas asserções, começando neste capitulo pelo que respeita aos caracteres anatomicos e physicos.

Com respeito á conformação de cranio notei que em geral nestes povos predomina á dolichocephalia. Entre os Uandas, porém, observei cabeças de forma mais curta ou arredondadas.

Com respeito a prognathismo é muito variavel, e se a sciencia na actualidade não admitte a orthognatia absoluta, por ser principio assente que a linha sub-nasal é mais ou menos

inclinada sobre o plano natural da base do cranio, devo mencionar que, se o trivial entre estes povos, eram angulos inferiores aos estudados na raça branca que variam de 76° a 82°, é certo, porém, que muitos exemplares me impressionaram por se destacarem d'aquelles e se encontrarem nestes limites, sendo por consequencia superiores ao limite marcado para os Chinezes, 72°.

Com effeito afigura-se-me que alguns Chins, com quem convivi seis annos, eram mais prognathas do que muitos individuos d'estas regiões.

E se é caso averiguado que no oriente da Africa os seus habitantes são menos prognathas que no occidente, pelas minhas observações e pelas medidas de projecções que obtive de diversos exemplares, 70° a 80°, não posso deixar de concluir que se encontra entre estes povos o prognathismo inferior ao limite maximo conhecido actualmente para a raça branca 76°,5.

E é occasião de dizer que se me apresentou mais de um individuo de nariz aquilino e muitos de ventas ovaes e apertadas; o que porém é mais vulgar são os narizes, largos na base, chatos ou grossos.

Nota-se tambem que teem olhos grandes ou rasgados, expressivos e um pouco obliquos; as palpebras grossas, por habito mais descaidas que entre nós; arcadas zygomaticas um tanto angulosas; as orelhas são grandes, sobre o redondo, largas quasi em quadro; testa elevada; cabellos abundantes e encarapinhados; tendo alguns individuos barba grande e espessa.

Registei, como typo geral, rosto sobre o comprido, bocca sempre grande, labios grossos e levemente revirados, sendo o inferior mais saliente, pescoço alto e delgado, ficando a cabeça bem posta entre os hombros.

Quanto á estatura e outras dimensões, não se verificam as proporções estabelecidas relativamente ás unidades adoptadas nas academias de bellas artes, principalmente no que respeita a comprimento de braços, pés, distancia entre os olhos, lar-

TYPO MATIPA (MUERO)
(*Apud* Livingstone)

gura da base do nariz, etc.; comtudo medimos alguns individuos, e embora registassemos tres de altura de 1^m,80 a 1^m,82, variaram os outros de 1^m,60 a 1^m,72, e podemos estabelecer como media 1^m,68, acima, pois, das estaturas medias, a par dos Arabes, e inferiores ás dos habitantes da Guiné, cuja media de altura conhecida é de 1^m,724, já classificados nas grandes ou altas estaturas.

Ha typos de uma configuração physica esplendida, largos de hombros, peito tambem largo e musculoso, um pouco arqueado, pelle finissima; as ramificações venosas são cheias e salientes, apparecendo em relevo sobre as pernas e braços; o abdomen é um tanto proeminente e largo, o umbigo cheio e saliente.

Sobre a circumferencia do abdomen, creio que, além da influencia que nelles deve ter a irregularidade das horas de refeição e abundancia ou insufficiencia do alimento, mais vegetal do que animal, muito contribue tambem para isso o uso frequente do vinho da palmeira e as

bebidas fermentadas de milho e de mel, com que em dias successivos supprem a falta de alimentação solida.

Nota-se que os individuos que apresentam este caracter mais desenvolvido, sujeitos a privações mais longas, adquirem maior curvatura lombar, tornando-se a pelle sobre o ventre muito enrugada.

Os braços são compridos em demasia; as mãos relativamente pequenas; as pernas delgadas, tendo a rotula bem definida, o pé comprido, não muito largo, na sua parte superior arqueado, a planta quasi chata e o calcaneo protuberante.

TYPO DE BENGUELLA

Nas formas femininas, o que mais se destaca é o seguinte:

Cabeça muito regular, um pouco deprimida nos lados, cabellos abundantes e encarapinhados, testa pequena, masseter carnoso e pouco convexo, rosto oval ou redondo, de maçãs pouco proeminentes, olhos grandes sobre o redondo e mortiços.

A côr de pelle, forma dos labios, e do nariz, como o que registámos para o sexo masculino.

A estatura é pequena, poucas excedem 1^m,64, podendo reputar-se a media em 1^m,40 a 1^m,50. O pescoço é curto e grosso e regularmente contornado; seios grandes, pendentes depois da puberdade, turgidos antes d'esse periodo; braços bem contornados e roliços; mãos grossas e dedos curtos; cintura grossa, rede venosa sem relevo, abdomen proeminente, coxas grossas e bem salientes, nadegas vibrando ao menor contacto; pé pequeno e largo.

O que se torna mais notavel nas creanças, são as dimensões da cabeça em relação ao delgado do pescoço; a curvatura do peito, que sem flexão segue com a do ventre, formando o todo um abaulado muito saliente na parte inferior ao plano das pernas; a grandeza e forma do umbigo como um botão espherico, sendo mais volumoso nas creanças das margens do Cuango, nas quaes chega a ter o tamanho e saliencia de uma meia laranja de regulares dimensões. As mãos e pés são pequenos, mais proporcionados ao delgado dos braços e pernas de que aos seus comprimentos; a grossura da coxa é muito desproporcionada em relação á da perna; em geral todo o braço é mui delgado e pouco carnudo, tornando-se pronunciadissimas as claviculas. As vertebras cervicaes, as dorsaes e as lombares, bem como o sternum, distinguem-se á primeira vista, o que chega a impressionar desagradavelmente no geral das creanças até aos oito annos, e é d'esta idade em deante que principia a pronunciar-se a curvatura lombar, o que pensámos attribuir, além de outras cousas, ao uso de se sentarem sobre os calcanhares, inclinando o corpo para a frente.

É tambem geral serem as creanças pouco expansivas, timoratas e apresentarem um semblante contristado; e isto, nota-se tanto mais, quanto mais se nos revela a pobreza das mães e a sua negação para o trabalho.

Com respeito aos velhos que conheci, notei haver grandes differenças entre os que passaram uma vida mais attribulada e os que são senhores de estado, podendo, ainda assim, considerarem-se communs as modificações das formas do ventre, que se alargou e achatou, apresentando-se a pelle como vincada em differentes sentidos e fazendo grande numero de pregas arqueadas para baixo. Os olhos são mais amortecidos; o achatamento do nariz e o alargamento das ventas são mais pronunciados; as orelhas affastam-se mais da cabeça; o beiço inferior é mais descaido; o systema venoso mais em relevo; os pulsos mais delgados; a curvatura lombar maior; as rotulas mais salientes; o pé mais espalmado, com os dedos mais desunidos.

Muito mais tarde que nos individuos da raça branca, apparece nestes a decrepitude, a qual vae produzindo modificações de formas, chegando os velhos até ao estado que se tem classificado de mumias, isto é, são individuos magros, descarnados, seccos, em que os ossos se distinguem um por um.

Muitas são as causas que concorrem para a expressão do rosto, umas fixas e anatomicas, e outras moveis e physiologicas.

É sabido que a conformação da testa, o grau de saliencia dos globos oculares, o contraste da côr dos cabellos com a dos olhos, a forma das palpebras, das azas do nariz, a das ventas, dos beiços, do queixo e tambem a injecção dos capillares da pelle, o jogo dos musculos subjacentes despertados pelo sentimento, tudo isto são elementos essenciaes que muito concorrem para a expressão da physionomia, na qual se revelam as impressões.

O rosto, apresenta, no dizer de alguns anthropologistas, dois aspectos muito differentes — visto de perfil e visto de frente; mas ainda não o caracterisam bem.

Para o preto, por exemplo, estabelecem no primeiro caso, perfil: visivelmente obliquo ou prognatha, com as mandibulas salientes lembrando um focinho, beiços grossos e revirados; e no segundo, frente: testa curta e descaida, as faces curtas, as maçãs proeminentes e os olhos á flor do rosto.

Mas muitas excepções se encontram no seio do Continente africano, e não se pode aceitar como regra o que apenas são indicações geraes.

Ali ha tambem bons exemplares do que passa como perfeição proverbial.

Dizem ser uma testa ampla, larga, signal de superioridade sobre os que a teem estreita, deprimida, e apresentam-se como distincção, as testas quasi verticaes, elevadas, tendo as bossas frontaes muito pronunciadas. Nos individuos que me foi possivel figurar distinguem-se todos estes casos; e ainda, o das testas altas e pronunciadamente convexas, que se julga uma anomalia, e tambem o das testas curtissimas e muito incli-

nadas para trás, quasi não se distinguindo as bossas, caracter que se attribue aos idiotas.

Não errou, nem ainda phantasiou Livingstone, quando disse ter encontrado no occidente do Tanganica, e principalmente no Cazembe, individuos de côr negra desvanecida, com pouco prognathismo, de nariz caucasico e cabeças regulares, tão bellas como se encontram em qualquer reunião de europeus.

TYPO LUBA (LUEMBE) TYPO MASSUCO (CUANGO)

Entre estes povos notei testas que se confundem com as que caracterisam o typo europeu — grandes, cheias, inclinando ligeiramente para trás descrevendo larga curva, com as bossas um tanto elevadas, e bem pronunciadas as arcadas em que assentam as sobrancelhas, tornando as orbitas profundas.

Mas estes caracteres não são peculiares a uma tribu, pois se encontram geralmente — testas perto da vertical; as obliquas com differentes graus de inclinação; as estreitas, as largas, as arredondadas e as deprimidas; as orbitas salientes, as que não sobresaem á linha da testa, e as encovadas.

Nelles vêem-se tambem as aberturas das palpebras rasgadas, desde a forma de uma amendoa, até ao redondo da parte mais estreita de um ovo; variando em tamanho o globo ocular, havendo-os grandes; e a raiz do nariz mais ou menos profunda.

É no nariz, ainda assim, que ha mais uniformidade entre estes povos, destacando-se a largura na base entre as ventas, que em alguns chega a ser igual á altura, de modo que a sua projecção será um triangulo muito proximo do equilatero. A quebra, sendo pronunciada, dá aos narizes aspecto tuberculiforme, forma esta, que mais se vê aquem do Cuango.

TYPO QUIOCO (DO SUL)

As ventas são largas, havendo-as arredondadas, as azas do nariz são carnudas mas muito moveis. A dilatação e contracção d'estas, que entre nós se considera como caso excepcional, nestes povos é tão pronunciada, que no momento em que são contrariados logo se manifesta dando ás physionomias aspecto feroz.

O intervallo ocular, sendo igual, na maior parte dos typos, á base do nariz, impressiona-nos pelo destaque d'aquelles em que esse intervallo é menor, ainda assim, superior aos do typo europeu. Mas estas differenças, bem como as da harmonia entre o cranio e a face, podem considerar-se excepções como as ha em outras raças já estudadas.

As orelhas em todos os individuos figurados, vê-se bem que não são caracter distinctivo; podendo apresentar-se como typo, para todos, as orelhas compridas e largas, sendo a sua projecção a de um ovo em que a parte superior mais larga é uma

curva de grande raio; a sua borda superior é bastante pronunciada, descaindo para a frente, emquanto que a inferior, é mais unida á face que no europeu.

Nas mulheres, em geral, o lobulo apresenta-se modificado pela deformação que adoptam de lhe introduzirem grande numero de pingentes, ás vezes pesados, grossos canudos de metal, capsulas de cargas e até pequenos pedaços de madeira.

É regular que o comprimento da orelha seja igual a dois comprimentos dos olhos.

As boccas pequenas e beiços delgados são rarissimos, como se pode ver nos individuos figurados; é igual o comprimento da bocca ao das orelhas, áparte as modificações devidas ás deformações; os beiços são salientes, e se vimos alguns com elles formando focinho, não se pode considerar esse caracter como proprio de raça.

Em geral o beiço inferior é mais saliente que o superior e descaido, revirando-se em uns mais do que em outros; o superior levanta-se ligeiramente, o que certamente é devido ao prognathismo.

A ponta do queixo tambem se pode considerar, no geral, sobre o redondo e pouco saliente; porém, como os rostos tendem a ser oblongos, parece á primeira vista que o queixo é ponteagudo; mas, analysando os typos figurados um a um, nota-se ser este caracter commum.

A proeminencia do masseter tambem é geral, e nalguns individuos, os mais robustos, alarga-lhes o rosto, de modo que os apresenta com as fontes deprimidas e com as cabeças estreitas.

Ha nestas tribus outros caracteres peculiares á raça negra — a pelle é finissima, polida, fresca e avelludada, deixando ver bem todo o systema venoso; o penis é longo e volumoso no estado de flaccidez, augmentando pouco no de erecção; nos seios da mulher nota-se o que já ficou dito, não se dando todavia o exagêro, que se tem apontado, de as mães os lançarem sobre os hombros para amamentarem os filhos que transportam ás costas. O cheiro dos orgãos genitaes é caracteristico nos dois sexos.

Na Lunda os rapazes são circumcidados, e tambem o são as mulheres antes da puberdade, o que prova que se destacam das mulheres brancas, em terem os grandes labios salientes. A circumcisão é uma deformação ethnica entre os Lundas do Muatiânvua, como o são os dentes limados entre os Tabas, Quiôcos do sul e Chilangues, a tatuagem entre os Lubas, Tabas e algumas tribus de Quiôcos, e o cobrir as partes genitaes com a propria pelle do baixo ventre entre os Uandas do norte, dos quaes fallo no logar competente.

Se não registei casos de esteatopygia, como se notam entre os povos do sul e oriente, é certo que todo o systema nadegario é muito desenvolvido, e sobresae porque as pernas são delgadas.

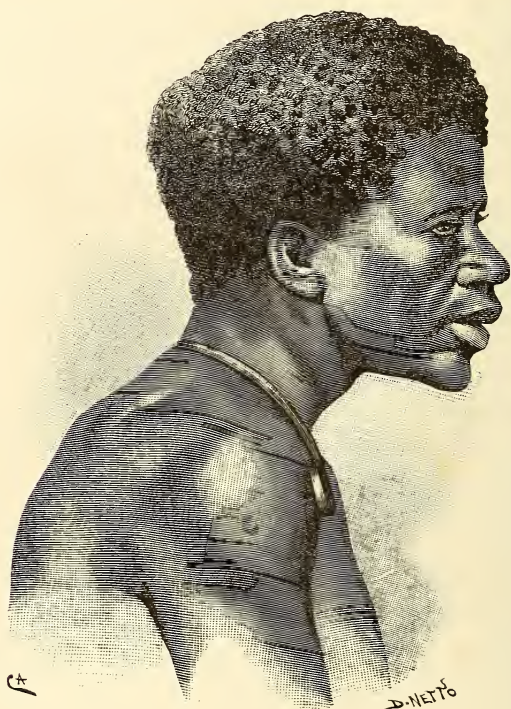
Sobre o desenvolvimento de musculos e abdomen, o que ha a acrescentar ao que ficou dito, reservo-o para quando tratar da alimentação.

A inflexão das curvaturas lombar e dorsal é exageradamente pronunciada, em razão do modo habitual que o negro tem de se sentar sobre os calcanhares ou no chão, debruçando o corpo sobre as pernas para receber no peito o calor do braseiro, se o seu fim é aquecer-se, ou para, se está conversando com alguem, riscar com os dedos na terra para figurar o que pretende dizer, ou finalmente quando come servindo-lhe o chão de mesa. Tambem se senta cruzando as pernas e descansando os braços sobre estas, e inclinando o corpo para a frente, sobretudo quando está fumando na sua *mutopa* [1], ou prestando attenção a uma pessoa que falla, ou principalmente quando come ou bebe, sem se importar com o tempo da demora. Os banquinhos em que se sentam, ainda mais os obrigam a curvar-se durante as refeições.

A côr da pelle, cabello e olhos parece subordinada ás altitudes e condições geologicas das localidades em que vivem, á hereditariedade, á alimentação; e a tez é certamente devida a essas causas e ao pigmento contido na pelle.

---

[1] É uma cabaça de grande collo por onde fumam.

Do cruzamento de diversas tribus, cujos antepassados permanecessem em localidades muito diversas e distantes, e ainda da influencia dos meios, devem ter resultado de certo os tons de côr negra que se encontram nesta região; e repito que se destacam mais esses tons no sentido das latitudes, podendo

TYPO CAROCA
(*Apud* Capello e Ivens)

affirmar-se que é mais clara a côr da pelle a contar do Cassai ao Lualaba e mais escura do Cuango para a costa, sendo certo que os Chilangues e os povos do Maí (Lubas e Congos) e Uandas ao norte, os Luenas e outros Quiôcos do sul tambem são bastante escuros, o que vem confirmar que as tribus nas vizinhanças dos pantanos ou em menores altitudes teem a côr da pelle mais carregada.

A coloração da pelle varia em tons, sendo o fundo negro menos ou mais carregado até ao retinto, parecendo entrar na sua composição o vermelho com amarello em differentes proporções, e fica-se em duvida sobre a classificação a dar ás côres menos carregadas do negro, se de bronze, chocolate em pasta, café moido, ou castanho escuro. Os tons são mui diversos, mas a coloração avermelhada predomina nas regiões mais elevadas, naquellas em que o ferro abunda, emquanto nas mais baixas o fundo negro é manifesto.

TYPOS QUIOCOS (LUACHIMO)

Não me admira pois que nas regiões do norte, as mais baixas e junto ao littoral, se encontrem os indigenas de côr negra mais retinta.

A côr dos olhos varia do castanho, em que ha muitos tons, até ao preto, que não é trivial, e como sobresae á côr da pelle, illude, figurando-se-nos serem os olhos pretos: refiro-me ao circulo exterior do iris, pois que o interior é mais claro. A côr da esclerotica não é perfeitamente branca, e entre diversas tribus que habitam a região que visitei encontrâmo-la até de um amarello pallido.

Registei como notavel, que os homens e mulheres tinham em geral boa vista, não precisando de a auxiliar para verem perto ou a grandes distancias, pois que as lunetas que para aquelle fim eu usava, experimentadas por elles, não foram cubiçadas, por não lhes encontrarem prestimo algum. Entre muitos individuos que tiveram curiosidade de ver ao longe pelos nossos binoculos de bom alcance, devidamente graduados ape-

nas tres mostraram apreciá-los, dizendo-me a maioria não verem melhor com tal auxiliar, do que viam a olho desarmado.

Os cabellos são lanosos, em alguns mais finos e mais ou menos encrespados, rijos, de forma achatada, tendendo a enrolar-se em espiral; a sua côr varia de preto fusco até ao negro, mas varia muito pouco; está no caso dos olhos. As côres claras de castanho e louro não as vi; os casos de côres escuras, atirando para castanho ou para amarellado ou avermelhado foram mui poucos. Os cabellos mais claros são tambem caracteristico nas regiões mais elevadas; todavia só collocando a par exemplares d'essas regiões se destaca este caracter. Á primeira vista é difficil a distincção por causa das materias gordurosas com que os empastam.

Vi poucos indigenas de cabellos russos ou brancos, o que indica que resistem por mais tempo á influencia do meio que os europeus, que ahi embranquecem rapidamente. Tambem as calvas são raras e só se vêem em individuos de muita idade, emquanto no europeu se torna notavel a quéda do cabello e mesmo a calvicie em qualquer idade, muito principalmente depois das primeiras febres, e se o individuo fica sujeito apenas aos recursos alimenticios das localidades.

Os pellos no corpo rareiam sobre o ventre, braços e pernas e pode dizer-se que são muito poucos os individuos que os teem nas costas, peito e hombros. É possivel que para isso tenham contribuido as substancias com que untam o corpo e o habito de dormirem junto dos braseiros, e mesmo na ausencia do sol não dispensarem esses braseiros, em torno dos quaes se reunem, sustentando-os em chammas, pois a pelle, principalmente nas pernas, apresenta-se crestada e sem o brilho e finura que se nota nos braços.

Em todas as tribus se vêem individuos barbados, e se não é frequente o uso do bigode é porque o rapam. Geralmente usam o que nós chamâmos *pera*, e esta bastante comprida, a qual entrançam e dobram para a parte anterior, atando-a inferiormente, um pouco acima do dobrado, de modo que a fazem terminar numa especie de botão.

Os homens velhos, especialmente os potentados, fazem gala em ter grandes peras; tornando-as o mais compridas que lhes é possivel, e nisto se assemelham aos Chins. Augmentam-nas com um cordão, que revestem de crescentes, adelgaçando-as para a parte inferior ou enfiando-lhe grandes contas que apertam de encontro aos cabellos que possuem junto á barba, e sustentam as fiadas, inferiormente, por um nó de que saem alguns cabellos para illusão.

Pelos cabellos se conhece a tribu a que um individuo pertence, não só pelo crespo e encarapinhado d'elles, como ainda pela sua quantidade, comprimento e pelo modo de os compor ou pentear, que se pode considerar um caracter ethnico.

Pelas impressões que me deixaram os caracteres physiologicos nos povos com quem convivi, posso dizer que a sua vida media está muito abaixo do que se attribue a diversos povos da raça negra, o que creio será devido ás influencias dos meios physicos e sociologicos em que vivem.

A indolencia, o torpor, a preguiça, a repugnancia ou negação ao trabalho, emfim a ignorancia, atrophiando-os e concorrendo para os tornar de uma submissão extrema, não lhes permitte o cultivo da intelligencia. Não sabem sequer como evitar as causas de doenças. As luctas e guerras que se succedem pelo desejo de uma melhor existencia, do que a que teem nos logares que abandonam, são motivos de extincção ou expulsão dos povos mais desfavorecidos. E, finalmente, o abandono e isolamento em que os teem deixado as nações civilisadas, que outr'ora exploraram o que havia de melhor em suas terras, mais teem concorrido para as pessimas condições sociaes em que vivem estas tribus.

A mulher entra num estado decadente e enfraquece ali muito mais rapidamente que entre outras raças, porque não só se desenvolve muito mais cedo, mas tambem muito antes da epocha propria é arrastada aos prazeres sexuaes, e todo o organismo de certo se deve resentir muito d'isso.

Em geral entre estes povos, o desenvolvimento do corpo, a mudança de dentição, o termo do crescimento do cerebro, o

apparecimento dos dentes chamados do sizo, o desenvolvimento dos ossos longos, a menstruação, dá-se muito mais cedo do que é usual entre nós. O embranquecimento e queda dos cabellos e a perda dos dentes veem ao contrario muito mais tarde.

A menstruação apparece em geral na idade que julgo não ser superior a dez annos; mas aqui o activar-se esta funcção

TYPOS QUIOCOS (LUANA)

vital pode attribuir-se ao calor, porque a alimentação é em regra insufficiente.

Apesar da falta dos cuidados mais elementares, a mulher concebe com facilidade e a procreação é grande. Na Expedição sob meu commando registaram-se os seguintes casos de fecundidade: Rosa, em trinta mezes teve tres filhos, Maria, em quinze, tres, sendo dois gemeos, Cabuíza, em vinte mezes, dois.

Vem a proposito narrar que na estação Conde de Ficalho, á margem do Chiúmbue, recebi por intermedio de um Ambanza (Bângala) um agradecimento do Caungula, potentado proximo á estação Luciano Cordeiro, onde nos demorámos perto de tres mezes porque: «os meus filhos eram muito possantes e lhe deram fortuna para a terra, pois que todas as mulheres estavam com as barrigas cheias».

Mas assim como a fecundidade é grande, a mortalidade nas creanças é correspondente, o que não posso deixar de attribuir á pobreza do leite das mães, por andarem constantemente expostas ás intemperies, e sujeitas a trabalhos superiores ás suas forças. Esta mortalidade e a servidão ou expatriação forçada concorrem muito para a depauperação das povoações.

TYPO NIAM-NIAM

(*Apud* Schweinfurth)

Os cruzamentos d'este povo com outros conhecidos, Cafres, Boximanes

e Hottentotes, não me parece que se hajam dado em grande escala; comtudo a questão das côres, as formas nadegarias pronunciadas, mesmo alguns traços physionomicos, fazem lembrar typos d'aquelles povos, e é este um caso que merece ser estudado.

Os cruzamentos de europeus com os indigenas, já da provincia de Angola, já mesmo de fora e que para lá teem entrado, é assumpto importante para ser devidamente estudado, pois que ha os elementos indispensaveis ao alcance das auctoridades competentes da provincia, e eu nesta occasião apenas poderia dizer o que já é notorio, a saber: — que não tem esse cruzamento sido fecundo, como era de esperar, considerando o longo periodo em que para esta parte do continente teem affluido os Portuguezes.

Conheço cruzamentos de mulatos de Ambaca, de Pungo Andongo, e mesmo de Malanje, com mulheres d'estes povos até á segunda geração.

Mas com estes temos a attender ás mudanças de meio, de alimentação, de resguardos e condições hygienicas mais favoraveis.

Os pretos d'estas proveniencias cruzam-se bem com as mulheres da Lunda.

É para notar que os Bângalas e Quiôcos, buscando as mulheres entre os Lundas, teem procreado melhor descendencia que os Lundas entre si, não só com respeito ao desenvolvimento na infancia, como á actividade que depois adquirem. Ora, convencido, como estou, pelas tradições e linguas, que Bângalas, Quiôcos e Lundas são uma e a mesma familia, só posso attribuir taes vantagens a terem melhorado de condições de vida as mulheres com respeito a alimentação e estima, e porque seus filhos deixam de viver como na Lunda nas condições humilhantes de servirem para as trocas por alimentos e outros objectos de primeira necessidade, sendo sim creadas para, depois de uma certa idade, auxiliarem seus paes na caça, lavoura e negocio, até poderem constituir familia e trabalharem então para a sustentar.

As uniões consanguineas pertencem ao numero das causas deprimentes que mais se accentuam entre estes povos, e convenço-me de que ainda o são mais do que na raça europea. D'estas uniões se deriva o quasi atrophiamento em que os vemos. É dos seus usos a polygamia até com parentes muito proximos.

Nas côrtes dos potentados a maior riqueza d'elles consiste em terem muitos filhos de diversas mulheres, e na Lunda, com excepção dos filhos das consideradas primeiras mulheres, e com excepção d'estas, conservam os demais como moeda, que em occasião opportuna vae passando de mão em mão.

A base da alimentação de todos os povos, que julguei mais acertado denominar Tus ou Antus, é a mandioca[1], e depois o milho, amendoim e feijão. O que antes lhes serviria de base, não o diz a tradição, pois muitos velhos consultei a tal respeito.

Com excepção dos milhos, a refeição mais usual consiste nas folhas d'estas plantas, pisadas ou não, cozidas em agua simples ou com tempero de sal ou pimentinhas e azeite de palma em massa ou já liquefeito, e da raiz da mandioca moida depois de devidamente preparada e amassada em agua a ferver.

Os milhos, refiro-me aos vulgares na Europa e aos especiaes, conhecidos por *massango*, *cazaca* e *catonde*[2], ou os comem cozidos em agua ou torrados ao fogo e tambem reduzidos a farinha, a qual depois de fervida em agua, se toma, segundo a quantidade d'esta, em puré ou em massa. Com o *cazaca* fazem um acepipe agradavel, mas que por ser irritante se toma só em pequena quantidade. É pisado este milho em um gral juntamente com pimentinhas, e essa massa é cozida em agua e sal.

---

[1] Tratando da agricultura e outras industrias darei noticia do modo de plantar e preparar a mandioca.

[2] O *massango* tem o grão de forma redonda, de côr clara, e de grandeza não superior á pimenta da India. Os outros são de côr mais escura e de maior diametro, sendo o inferior o *catonde* que faz lembrar o painço.

Tambem a *jinguba*, ou o fructo de uma arvore que muito se lhe assemelha, mas de bago maior, faz parte da alimentação, cozida em agua, com ou sem tempero, e tambem se usa crua ou torrada.

Toda a carne de caça, mesmo em estado de decomposição, ou o peixe, havendo-o, são manjares predilectos. As carnes dos animaes que nos são domesticos consideram-se raridades na alimentação d'estes povos, até mesmo as gallinhas, e isto pela simples razão de que quem possue estes animaes tem sempre uma esperança de os negociar, com alguma commitiva que appareça, por fazendas, missangas, polvora e espingardas.

TYPO LUNDA (CAJIDÍXI)

Nos vegetaes encontram elles um grande numero de plantas que lhes fornecem folhas, que cozem ou guisam, e tambem fructas, algumas mais ou menos acidas.

Os cogumellos frescos ou seccos, pois ha-os de differentes grandezas até á de 0^{m},50 ou mais de diametro, na estação propria, são um grande conducto que suppre a carencia de carne ou de peixe.

Na falta frequente de outros recursos alimentares, ou quando não tenham com que comprar a carne ou peixe que apparece, preferem comer os ratos, os palmitos ou lagartos das arvores, os gafanhotos, as formigas, etc., a matar qualquer animal domestico que possuam.

E é notavel que, com excepção dos Bângalas, não comam carne de cão domestico, emquanto estes os levam nas commitivas de commercio como recurso na falta de outras carnes.

Em occasiões criticas vi os naturaes procurando plantas solanaceas, e escavarem as terras até extrahirem tuberas, que coziam em agua, quando as reconheciam como boas, sendo magnificos o *cassádi* e *cazúmbi*, da forma de um rhomboedro, com casca de côr escura, angulos salientes, interiormente de côr branca atirando para vermelho, tendo o *cassádi* o sabor da batata do reino, das não farinaceas, e sendo o *cazúmbi* mais acido mas menos agradavel ao paladar.

TYPO LUNDA (LULUA)

A falta de sal desde o Cuango até ao Lubiláxi é sensivel, e os residuos da queima de capins especiaes, que algumas tribus procuram para o supprir, não satisfaz. Eu creio mesmo que esta falta é o motivo de em alguns pontos os povos mastigarem e engulirem frequentemente as terras ferruginosas.

Das palmeiras e do *lutombe* («bordão») extrahem elles o succo que deixam fermentar, e com este se embriagam facilmente, e na sua falta tambem os milhos e mel lhe proporcionam bebidas fermentadas, que ainda mais os excitam na embriaguez.

Um Quiôco das margens do Chicapa, que mantinha relações com uma das casas de um negociante portuguez em Benguella, trouxe de lá um alambique pequeno e já fazia um bello alcool do mel, a que addicionava alguma essencia, obtendo licores agradaveis, mas fortes. Sabendo que a Expedição estava nas

margens do Chiúmbue, fez uma viagem, em que não gastou menos de seus quinze dias, a pé, e em que soffreu privações, para me pedir temperos para a sua aguardente, trazendo-me de presente meia botija de aguardente de anis que realmente era de gosto assás agradavel. Dei-lhe um pouco de essencia de hortelã pimenta e de espirito de cravo, com que ficou muito satisfeito.

A aguardente em geral, ainda a de canna, de cheiro nauseabundo, é muito apreciada por todos estes povos e preferem-na a qualquer outra bebida fermentada. Mesmo os povos de além do Cajidíxi m'a pediam, o que estranhei, porque me afiançaram em Malanje que na côrte do Muatiânvua não era conhecida. Todos os Lundas a pediam e os Bângalas e Ambaquistas lá a teem levado como um grande mimo aos seus amigos.

As horas de refeição são muito irregulares; havendo os recursos indispensaveis é quando calha; a refeição da noite porém se falta é porque não ha o mais insignificante recurso.

De madrugada o mais frequente é beberem para entreter a debilidade e esquecerem a fome, como elles dizem; mas se é tempo de jinguba, o lastro é feito com esta, crua e ainda fresca das lavras.

Se ha abundancia de caça conservada (passada pelo fogo), principalmente de cavallo marinho, usam ter mais de duas refeições no dia, até que se acabe a provisão.

A mandioca tirada da terra e descascada, mesmo crua, embora amarga, ou o milho passado pelas brasas servem muitas vezes á alimentação em dias successivos.

Quando nada d'isto existe passam a alimentar-se só com as bebidas, ficando num estado de embriaguez prolongada.

Entre os potentados, este modo de viver é um luxo, denota fortaleza; houve já, porém, um Muatiânvua que, conhecendo os seus excessos quando em tal estado, pois ordenára a morte de um dos homens de sua confiança e que lhe era dedicado, determinou que para o futuro os do seu conselho não consentissem que se executassem as sentenças de morte immediata

que elle ordenasse quando tivesse bebido antes de ir presidir ás audiencias. A mulher do Muatiânvua Muteba era quem lhe apresentava as bebidas que elle quizesse tomar antes das audiencias, e não só ella designava a qualidade e a quantidade ou numero de canecas em que as bebidas deviam ser servidas, mas ainda tinha o cuidado de as destemperar antes com agua.

Necessariamente, estas grandes irregularidades nas refeições, quer pela forma, quer pela qualidade e quantidade dos alimentos, de certo muito contribuem não só para modificar os caracteres physiologicos em geral, mas muito principalmente para abater a energia d'esta raça; e hoje comparando-a, pelo que conheço dos povos ao sul, oriente e mesmo norte, visitados por exploradores nacionaes e estrangeiros, vejo que o mesmo se dá com estes.

As causas pathologicas exigem o estudo do especialista, que poderá melhor classificar todas as particularidades morbidas que affectam os povos da vastissima região considerada. Só esses especialistas podem distinguir o andamento e a reproducção das doenças dependentes das condições telluricas e atmosphericas, das que são propriamente especiaes da raça.

Pela minha parte impressionaram-me, como doenças predominantes e de que é frequente a mortalidade, as pneumonias, as anemias, a variola e as febres palustres; e estas attribuo-as ao pouco resguardo, ao uso constante dos braseiros durante as noites mesmo nos dias chuvosos e humidos em que o sol se não descobre, aos maus alimentos e ainda a passarem os indigenas dias successivos sem comida cozinhada; e, finalmente, ás intemperies. Reinam outras doenças originadas da syphilis, que aqui teem tomado grande incremento, e tambem os rheumatismos e as ulceras.

Todas estas doenças se apresentam mais ou menos agudas, consoante as variações meteorologicas e segundo as altitudes e outras circumstancias.

Com respeito ao *Pulex penetrans,* que tambem cá chegou, dá-se um caso notavel. Parecia-me que esta praga não tinha

passado o Cuango; é certo porém que a fomos encontrar, logo que passámos o Cassai em terras por onde não teem transitado as caravanas de commercio, desde o rio Caunguéji até á mussumba do Calânhi.

Tanto nesta mussumba, como nas outras até ao rio Luíza, tambem era voz geral, que a variola por ahi se desenvolvêra depois de 1884, e uns diziam ter apparecido com as guerras dos Quiôcos, e outros que tinha sido trazida das margens do Lubiláxi pelo Muatiânvua interino Mucanza.

TYPO DA QUISSAMA (CUANZA)
(Phot. Moraes)

As tendencias supersticiosas d'estes povos levavam-os a acreditar, que este filho de Muatiânvua, chamado a tomar interinamente as redeas da governação, receando que a gente da côrte procurasse um pretexto para o matar, trouxera comsigo uma caveira de um guerreiro que continha um feitiço liquido, que fôra espargindo pelo transito até á mussumba, e que os ventos transportaram esse mal para as povoações lundas a oeste, desenvolvendo-se d'ahi até ás margens do Cassai.

É a variola a doença que os negros mais temem. Não resta duvida, porém, que tanto esta como qualquer outra molestia contagiosa, se deve desenvolver aqui e em qualquer região do Continente, em que os cadaveres das victimas ficam insepultos, expostos ao tempo, esperando que as feras os despedacem e devorem, ou as chuvas levem os seus restos para as depressões do terreno, em que mais tarde uma vegetação exuberante os esconde á vista dos viandantes.

As hepatites são raras, a febre amarella não se conhece; em compensação os embaraços gastricos são frequentes e constantes as febres endemicas.

Nesta região são raros os individuos aleijados ou defeituosos de nascença.

Com respeito a cicatrizes nota-se que, se a chaga offende a derme, são estas relativamente esbranquiçadas em relação com a côr negra que as rodeia; se affecta ligeiramente a superficie as costuras que depois apparecem, são mais escuras, que o normal da pelle.

TYPO LUNDA (MATABA)

Mas estas observações foram geraes com respeito a todas as tribus, e se alguma distincção pode fazer-se, é que se pronunciam mais as doenças na epocha das grandes chuvas do que na das menores temperaturas, de maio a outubro; e que mais soffrem d'ellas os povos que habitam nas regiões baixas, e d'estes mais os que demoram ao norte, nas terras pantanosas.

Se outr'ora era lenta e mesmo insensivel a acção das causas de extincção das populações lundas do Muatiânvua, torna-se ella hoje bem patente quando se confronta o estado da referida população com o das tribus, que nos limites meridionaes dos dominios d'aquelle potentado, se foram desenvolvendo, isto devido a influencia exercida pelos Portuguezes nos costumes e civilisação d'essas tribus.

As luctas guerreiras, a peste, a grande mortalidade das creanças, emfim a escravidão em beneficio de gentes estranhas muito contribuem para a extincção dos povos que se deixaram em atraso, e permanecem sem saber como empregar a sua actividade para luctarem com vantagem pela vida.

Para fallar do aspecto geral dos povos Tus, devo primeiro considerá-los sujeitos á influencia do meio em que vivem, porque este directa ou indirectamente modifica o modo de ser do organismo.

As altitudes, as temperaturas elevadas e a melhor alimentação influem consideravelmente sobre as estaturas. As maiores que registei eram sempre de tribus que vinham do sul. Os Chilangues, Tucongos, Uandas e os individuos do Congo que estiveram ao serviço da Expedição são gente que considero de menor estatura em relação á das outras tribus que conheci.

Apesar de haver entre os Lundas individuos que se podem considerar de boa, e em média de regular estatura, os que rodeavam o Muatiânvua e elle proprio diziam, que os homens de Malanje e de Loanda, que faziam parte da Expedição, eram muito altos e robustos.

As alturas não eram taes que devessem causar admiração, mas isto só prova que entre elles o regular não é a grande estatura. Comtudo os Cossas de Xacambunje e os Nungos de Quibungo a sul, bem como os Quiôcos de Quissêngue, os Luenas, os Angombes e os Bienos que me appareceram em levas tinham em geral boa altura e eram tambem robustos e desenvolvidos, para o quê os favoreciam as maiores altitudes em que vivem e a melhor alimentação, e para os quáes a carne não é, como entre os povos com quem convivi, uma raridade.

É certo tambem, que nas povoações de maior importancia pela população, pelos trabalhos agricolas e pela creação de animaes, isto é, nas consideradas de maior riqueza, se encontram os exemplares de maior estatura, desenvolvimento e nutrição

Se compararmos os typos figurados que conheci com os estudados pelos exploradores e viajantes ao norte do Equador para leste, veremos que ha, entre todos, grande analogia de

caracteres. E sem duvida isto é devido á origem commum, á hereditariedade, força que fixa e transmitte os caracteres já adquiridos, á influencia dos meios, e, em geral, ás condições da raça, cuja evolução no espaço e no tempo, não pode deixar de ser subordinada a essa influencia.

Assim notam-se as differenças de côres menos carregadas nas terras elevadas em relação ás baixas, nos terrenos ferruginosos em relação aos palustres. Mudam as condições hygienicas para um individuo: muda este de localidade para onde disfructa mais saude, torna-se a sua côr mais negra.

Com respeito aos cabellos, o clima não deixa de influir em os tornar mais ou menos crespos. Ha mais calor, menos humidade, o cabello enrola-se mais, emmaranha-se mesmo.

Nas terras lodosas, ou baixas, encontram-se individuos com os cabellos mais espessos e encarapinhados que nas terras mais aridas e elevadas; quanto mais para sul mais elles se tornam flexiveis e teem maior crescimento.

As tranças grossas e compridas, sendo frequentes entre o Chicapa e Lualaba, tornam-se mais notaveis pelas dimensões, finura e encrespado, quanto mais se anda para o sul.

Os povos de Quimbundo, e os Nungos, Cossas e Luenas foram aquelles que mais me impressionaram pela grandeza das tranças.

Os Lundas na região central usam o cabello cortado; em algumas tribus vizinhas de Quiôcos vêem-se, porém, individuos de tranças delgadas e curtas. Os Bângalas usam tambem o cabello cortado, mas os seus vizinhos ao norte, entre o Luí e o Cuango, os Iongos, Holos, Cobos e os Háris, rapam o cabello em partes, de modo que, dando aos penteados diversos feitios, tomam as cabeças aspectos extravagantes.

As mulheres em geral usam as tranças delgadas; porém na Lunda, as filhas do Muatiânvua e as primeiras mulheres de potentados de maior graduação costumam rapar os cabellos adeante, até uma certa altura, para dar maior amplitude ás testas e de modo que os cabellos apresentam-se pela frente dispostos em forma de resplendor e atrás caem em tranças.

Nas creanças é frequente o cabello todo cortado rente ou por partes, como já disse, nos povos das margens do Luí.

A ornamentação dos cabellos é usual tanto nos homens como nas mulheres, e para isso lançam mão de missangas, contaria, chapas ou canudos de metal, preferindo o amarello, e tambem de alguns pequenos fructos, depois de seccos, e que furam para nelles enfiarem as extremidades das tranças.

Tanto os homens como as mulheres sujeitam os penteados a modelos mais ou menos caprichosos, untando as cabeças com materias gordurosas, em que muitas vezes misturam barro vermelho.

TYPO LUNDA (LUÍZA)

As gravuras dos diversos individuos, não só neste como nos outros volumes relativos á nossa Expedição, mostram a variedade de penteados e sua ornamentação, mais frequente em todas as tribus a que me refiro.

Foi nas menores altitudes, á medida que caminhei para o centro do Continente, que se me apresentaram individuos dispondo de menos força muscular. Assim os Xinjes foram os que reputei como mais fracos. Muitos não aguentavam uma marcha de duas horas com uma carga de 30 kilogrammas.

Não teem estes povos alimentação inferior aos Lundas, e d'estes os que vivem em condições mais desfavoraveis resistem muito mais ás marchas e supportam maiores cargas, o que não posso deixar de attribuir ás influencias das localidades em que vivem.

Ha tribus que se destacam pela sua robustez, desenvolvimento physico e vivacidade, por exemplo os Quiôcos em rela-

ção aos Lundas e entre aquelles os do sul com relação aos do norte. Este desenvolvimento e mesmo actividade tornam-se mais sensiveis quando transmittem noticias ou fallam de qualquer assumpto que lhe mereça interesse e tambem quando vão em marchas. É para admirar que alguns andem em dias successivos doze e mais leguas em cada dia, rilhando apenas uma ou outra raiz de mandioca ou comendo algum pedaço de infunde frio, ou jinguba mesmo crua se a obteem. Consideram-se muito felizes os que encontram milho pelo caminho ou quem lhes dê uma caneca de malufo ou outra qualquer bebida fermentada.

TYPO LUNDA (CASSAI)

Onde se notam mais as modificações physicas é nas pernas e braços, que se arqueiam. Esse arqueamento é nas pernas para a frente, o que lhes facilita o andar, e nos braços para os lados, devido aos exercicios da caça, já com as facas, já com outras armas.

Com respeito a robustez, nota-se que varia na rasão directa d'estas modificações e da actividade que teem adquirido.

As marchas dos Lundas que demoram a leste do Cassai, e as dos Quiôcos mais do sul são sempre feitas em passo que denominâmos de gymnastica, e são sempre muito rapidas.

Com uma espingarda ao hombro, e apenas cobertos com uma pelle adeante e outra atrás, suspensas á cintura de modo que os movimentos das pernas fiquem livres, andam leguas e leguas. Ha individuos que num dia percorrem extensões de dezeseis a dezoito leguas.

A nossa Expedição teve a seu serviço um rapaz que, partindo numa madrugada da Estação Paiva de Andrada, no dia seguinte

antes do sol posto estava em Malanje; tinha andado trinta e sete leguas, e não andou de noite.

Os Lundas que mais andavam, quando se tratava de uma diligencia urgente, diziam que não podiam competir com elle, porque Muene Puto fizera d'elle um passaro. Este rapaz era do interior, porém desde creança que vivia na nossa provincia.

Pode dizer-se que os povos do planalto occidental vão decrescendo em robustez para a costa e para a depressão central, como se vê pelo confronto do grande numero de individuos que apresentâmos; porém do Chicapa para o oriente e nessa região, á medida que vamos para o sul, tanto a estatura como a robustez augmentam em relação progressiva com as altitudes.

Entre os Quiôcos e Lundas além do Cassai notei que os Quiôcos do sul, Luenas e Lassas são os que se distinguem por estes caracteres e seguem-se-lhes depois os Cossas, os Tabas, os Bungos, e por ultimo os Lundas e Luas, entre os rios Lulúa e Cassai.

Os narizes largos, chatos ou tuberculiformes; os olhos grandes, rasgados obliquamente, os beiços salientes mais grossos e revirados, as orelhas grandes e quasi em quadro, inclinadas para a frente, as cabeças alongadas e deprimidas aos lados, o pescoço curto, os braços delgados e compridos, as mãos grandes, os pés largos e espalmados, não sendo caracteres peculiares a cada um d'estes povos, avultam entre todos, sendo para notar que predominam mais entre os Chilangues e Congos e em geral nos povos mais perto da costa occidental ao norte.

Na Luba, região ao norte, encontram-se individuos com estes caracteres mais harmonicos ou menos desproporcionados, e por isso pretendem destacar-se dos Chilangues, a quem chamam por desprezo *quipelumba* (similhantes aos macacos), mas d'esses exemplares tambem os ha melhores em Mataba e nas margens do Lulúa e Cassai ao sul.

Entre os Xinjes e gente de Muene Puto Cassongo, na margem direita do Cuango, existem individuos de rosto redondo, e regular, de narizes achatados e ventas um pouco elevadas e largas, com cabeças grandes, não sendo as suas estaturas das

maiores; mas d'estes casos, tambem se apresentam entre individuos mais do interior e que fazem parte da collecção de representações dos individuos da Expedição.

Ha quem supponha que os Balubas não são originarios do paiz que habitam e que teem ido para ahi do sueste.

É de crer que isto seja verdade, emquanto á primeira parte da supposição, porém quanto á segunda, nada prova que tenha havido correntes de migração dos quadrantes do sul para aquella região, antes tudo prova o contrario até a escravatura; e aquelles que assim apregoam estão em contradicção comsigo mesmos, porque fazem desapparecer os Batúas substituidos pelos Bacúas, que dizem vieram de noroeste, considerando-os raça diversa dos Balubas, o que creio seja verdade.

Tambem houve já quem suppuzesse que os Quiôcos constituiam uma raça diversa da dos Lundas e que viera do sul. Nem as tradições de uns e outros, nem os dialectos nem os caracteres physionomicos os distinguem.

Se alguma distincção ha nos Quiôcos, é na sua desenvoltura, actividade e no desejo de mais se approximarem de nós, destacando-se dos povos vizinhos no desenvolvimento que vão tendo pelo contacto comnosco.

Tanto estes como os Bângalas e os Xinjes se afastaram do poder absoluto do Muatiânvua, mas isso é de moderna data e nunca passam além do Bié.

Voltaram sim, como os Bângalas de Ambaca para o Cuango; mas porque já eram destros no manejo da arma de fogo, perseguindo na caça o elephante, e confiando já na sua supremacia sobre os Lundas, foram-se fixando onde aquella caça os convidava.

O Quiôco retrocedeu, marginando os rios que descem para o norte, e foi fixar-se onde lhe conveiu, emquanto o Bângala tem penetrado tambem nas regiões d'onde se expatriou, mas apenas por causa de negocios, e volta ao logar em que se estabeleceu nas margens do Cuango.

Os Xinjes, só agora principiam a sair para o negocio, mas vão perto para nordeste, até aos Peíndes; nunca foram para

leste porque ainda receavam do poder do Muatiânvua, e ultimamente porque os Quiôcos lhes cortaram a passagem.

Mas qualquer d'estes povos, como os que se dizem sujeitos ao Muatiânvua, procede da mesma origem e elles assim o crêem; havendo já em todos, é certo, sangue de outras tribus de origem diversa, vindas do norte, mas que se fixaram em differentes epochas, nas localidades em que aquelles as encontraram.

TYPO LUNDA (CAJIDÍXI)

Todas as migrações d'estes povos parece que se teem feito ao acaso; todavia, os individuos que vingam facilmente se domam a todas as condições da vida.

A adaptação expontanea d'estes povos a novas condições climatericas, parecendo natural e tornando-se um facto, não deixa comtudo ainda hoje de ser paga á custa de grande tributo de doenças e de uma mortalidade formidavel, o que faz crer que são muitos os nascimentos, aliás já as populações estariam muito dizimadas, senão extinctas.

A mortalidade que se nota deve em grande parte attribuir-se á incuria peculiar d'estes povos e aos seus poucos esforços em luctarem para melhorar as condições da sua existencia.

Ainda assim, devemos ter em vista que os deslocamentos das tribus, taes como nos mostram as linguas e as tradições, se fizeram a pouco e pouco e foram graduaes, o que é muito differente do que se fossem em grande escala e para maiores distancias, e feitos bruscamente. De certo o phenomeno de accommodação ás localidades em que vivem se não tornaria

tão facil, porque demais lhes faltam os recursos que entre nós nos facultam a boa hygiene e os melhores resguardos da vida civilisada.

É de crer que a transição de um para outro clima se não faça sentir nestes povos no momento em que os encontrâmos, por serem os actuaes climas semelhantes áquelles d'onde elles

TYPOS LUNDAS (LUBAS)

vieram, favorecendo-os a circumstancia do cruzamento com os povos com que foram confrontar e os precederam nas suas migrações.

Não é possivel por emquanto precisar, sem contestações, qual seja a raça dos povos Tus, porque faltam os elementos essenciaes em que se possa fundamentar qualquer classificação; comtudo, animo-me a dizer que estes povos não devem encor-

porar-se com os de outras regiões ao norte e ao sul já caracterisados.

O excesso do calor, uma certa facilidade em se alimentarem, posto que de modo insufficiente, e toda a falta de estimulos sociaes e intellectuaes, teem sido as causas de se não exercitarem e desenvolverem os seus orgãos e faculdades, como nos povos, melhor e mais virilmente dirigidos.

Por isso, a comparação das formas organicas e de todos os caracteres d'estes povos, qualquer que seja o ponto de vista por que encaremos o seu typo, deve ser feita com o maximo escrupulo para se não errar. E se essa comparação é difficil com povos do mesmo continente, torna-se impossivel com os povos fora d'elle, e muito mais quando num estado adeantado de civilisação.

As comparações, que se teem querido fazer, com estes ultimos, num dos seus estados primitivos, são inacceitaveis; porque deve ser condição essencial, o estabelecer-se a igualdade de circumstancias, o que por ora é não é possivel.

As estatisticas e os instrumentos de observação, que entre os povos da raça branca são grandes auxiliares para se avaliarem os caracteres physiologicos dos individuos, faltaram-nos aqui, e por isso os nossos estudos se limitam á observação e ás informações; a anthropometria, a ethnologia, e o estudo da pathologia a que recorrem os anthropologos para o conhecimento das raças está aqui por fazer, tendo pois de me cingir a um ou outro facto, que não escapou á observação, por me ter impressionado. Como poderei ir mais além? Isto é, como fazer mais do que comparações entre tribus de uma dada região, e d'estas com as já estudadas além dos seus limites, e descobrir pelos caracteres de seus individuos mais semelhantes os povos de quem os devo approximar?

Se estes já foram classificados, a contraprova far-se-ha pela linguistica, pelos productos manufacturados e pelos caracteres dos individuos que se comparem, tendo em attenção as differenças devidas ao tempo, ás distancias, e a outras influencias modificadoras.

Os cruzamentos tudo emmaranharam e confundiram, felizmente aperfeiçoando. O que ficou de mau, isto é, os povos que estacionaram, os que teem permanecido num estado relativamente mais inerte, são os que ficaram a norte do estado do Muatiânvua, Nhíucas, Chilangues, Uandas e seus vizinhos Binjes e Congos na margem direita do Cassai, que o estado independente do Congo tenta já submetter ao seu dominio.

É isto mais um argumento, que nos prova que não foi por aqui o caminho das differentes migrações para a região central. As migrações atravessaram o Lualaba abaixo dos Lubas e Songos, e seguiram entre este rio e aquelles povos.

Mas já estariam estes na região que occupam entre Lulúa e Cassai? A tradição só nos diz que, organisando-se o estado do Muatiânvua, já lá existiam.

Por outro lado é certo que entre esses povos existe ainda a anthropophagia e ahi se encontram os individuos de menor estatura e de cabeças pequenas e redondas. Costumam elles envenenar as flechas, e usam da lança como arma commum; fazem a passagem dos rios por natação; trazem o traje primitivo dos tecidos de fibras de materias textis unicamente para cobrir as partes genitaes, ou empregam para isso as folhas de arbustos, ou ainda pequenas secções de cabaças, affeiçoadas para esse fim e suspensas da cintura, e tambem utilisam os pequenos fructos seccos como ornatos. Trabalham rudimentarmente os metaes fazendo manilhas de ferro e de cobre, que aproveitam para as suas trocas, e tudo me leva a crer serem estes povos da familia dos Bongos e Acas, descriptos por Schweinfurth.

Foram os povos do Muatiânvua os primeiros que os procuraram e que com elles sustentaram muitas guerras, para roubarem gente, ficando com as mulheres para si e vendendo os homens que recebiam como parte das presas aos mercadores de escravos; foram tambem os povos do Muatiânvua que lá introduziram a mandioca e alguns artigos do nosso commercio.

Os cruzamentos que então se deram com as mulheres d'aquelles povos, a julgarmos pela grande população de Ma-

taba, devem ter dado bons resultados; porém hoje é difficil distinguir nesta vastissima região os productos d'esse cruzamento, e comtudo sabe-se que os indigenas d'aqui, vão buscar mulheres aos seus vizinhos Binjes e Congos.

Nas terras do Maí, entre os rios Luachimo e Chiúmbue, havia até 1887 um pequeno estado, do Chibango, onde se levan-

TYPOS LUNDAS (CALANHI)

tou a nossa Estação Conde de Ficalho, que se constituiu com gente da côrte do Muatiânvua e com os Chilangues, vizinhos do norte, e por isso Chibango era intitulado *cacuruba* (*kakuruba* «senhor de Lubas»); e o resultado dos cruzamentos foi bom, porque este povo se distinguia pelo seu aspecto mais harmonico e agradavel á vista, e por um estado relativamente mais

adeantado que o dos seus vizinhos ao nordeste, os povos de Tambu-uá-Cabongo. Ha a observar, porém, que eram inferiores aos Lundas, que ali estavam provisoriamente, chegados da côrte do Muatiânvua, e tambem aos Matabas seus vizinhos a leste entre o Luembe e o Cassai, e aos Quiôcos estabelecidos ao sul.

TYPOS LUNDAS (MAÍ MUNENE)

Os Lambas de Mataba que visitámos, e que ha vinte annos eram considerados pelos da côrte do Muatiânvua como insignificantes, os tributarios de escravos e que constantemente eram cercados e perseguidos por forças d'aquelle soberano, que elles alcunharam de *ampuédes* (*apŭedi* «alguazil»), que lhes destruiam as lavras e roubavam gente; nos ultimos dez annos

dispuzeram se a resistir a essas invasões, favorecendo-os o estarem limitados a leste pelo Cassai e a oeste pelo Luembe. Os Lambas (chefes de povoações) dirigidas primeiro por Cacunco e depois por seu sobrinho Ambiji, homem novo, herdeiro do potentado d'aquelle estado, conseguiram não só livrar-se do jugo, mas desenvolveram as suas povoações pela lavoura e creações de gado miudo.

Os Lambas auxiliam-se defendendo-se reciprocamente, pois teem grande amor ao que com muito custo crearam. Receando agora dos Quiôcos pelo sul, vão alliar-se com os mais fortes, e essas allianças impõem-lhes tributos pesados de escravos, e a fim de pouparem os filhos do paiz vão buscá-los aos Binjes do norte.

O commercio dos Bângalas ou melhor as lazarinas e polvora que estes lhes teem levado, animaram-os á resistencia e a defenderem o que teem grangeado; porém se os Quiôcos conseguem o seu intento, marginarem o Luembe cortando-lhes a communicação com esses negociadores e reduzindo-os aos seus recursos locaes, enfraquecem-os e depois seguir-se-hão as correrias, o que é para sentir [1].

Os Ampuédes, outr'ora mais activos, foram nas suas epochas de felicidade, pouco previdentes, segundo dizem os actuaes descendentes, e trataram a seu modo de gozar das victorias que alcançaram sobre os povos do norte e do oeste, consumindo o que encontravam. Deixaram-se, porém, ficar atrás dos que não querendo sujeitar-se ao absolutismo do Muatiânvua se expatriaram, os Bângalas e Quiôcos, os quaes limitando-os pelo oeste e sul teem concorrido para o seu enfraquecimento.

Os Bângalas a troco de commercio, ha muito tempo, e os Quiôcos nos ultimos oito annos roubando-os, teem trazido de lá as melhores das suas mulheres e creanças, para constituirem familias.

---

[1] No vol. III da Descripção da Viagem trato mais desenvolvidamente d'estes povos.

Se considerarmos os Bângalas e Quiôcos, vemos que são estes os mais favorecidos, certamente por causa das maiores altitudes em que vivem, apesar dos primeiros, nas margens do Cuango, estarem mais em contacto comnosco.

São os Bângalas atrevidos e julgam-se superiores pelos conhecimentos que vão adquirindo com o nosso convivio; porém no interior já se temem dos Quiôcos, que ahi, nas suas terras, são mais destemidos que os primeiros.

Os Quiôcos, á medida que se foram afastando do Andumba-uá-Têmbue, chefe dos primeiros emigrados, para leste e norte, foram-se cruzando com os Lundas de Xacambunje e de Quimbundo e deram origem aos Cossas e Nungos, e estes, com os Quiôcos que se espalharam mais a sul, aos Lassas, Luenas e Angombes.

Entre os Quiôcos os mais robustos, fortes, corpulentos e activos, são os do sul, e para isso muito tem concorrido não só as favoraveis circumstancias da região que habitam, mas ainda as relações commerciaes que elles mesmo, libertando-se do jugo do Muatiânvua e depois dos seus potentados, (Muana Angana) teem procurado manter com o sul da nossa provincia de Angola.

São estes os que teem animado os Quiôcos do norte, os de Quissengue, Ambumba e Muxico, a avançarem até á confluencia dos rios Lulúa e Cassai, e mesmo mais além, perseguindo o elephante, colhendo borracha e traficando em gente. Como, porém, escaceassem as primeiras fontes do seu commercio ou melhor, sendo obrigados a percorrer maiores distancias, e não podendo competir com a concorrencia dos allemães á busca do marfim e da borracha, recorreram á astucia e ao roubo, aproveitando-se do enfraquecimento a que elles e os Bângalas reduziram os Lundas e cortando-lhes as communicações para o sul e oeste com os Portuguezes com quem estes ultimos commerciavam. Fazendo correrias nas melhores povoações da Lunda, chegaram ao ponto de nos annos de 1885 a 1888 roubarem ao Muatiânvua na propria côrte, as insignias do estado.

É a parte dos povos da Lunda que se expatriou, e que se approximou dos Portuguezes e por consequencia se robusteceu, que vae fazendo desapparecer a outra parte, a que tinha avançado, conquistando povos, mas que estacionára, permanecêra em quietação, e se tornára indolente por lhe faltar o apoio que encontrou a primeira, approximando-se da civilisação.

TYPOS LUNDAS (MUSSUMBA)

Desapparecem populações de Lundas enfraquecidas, para augmento de populações novas, em que vingam os cruzamentos com melhores resultados.

São as mulheres Lundas, mais estimadas e melhor tratadas, que estão desenvolvendo essas novas populações, pois os Quiôcos não as vendem nem os filhos que d'ellas teem.

Muitos Lundas que, em rapazes, foram comprados ou roubados pelos Quiôcos, desenvolvendo-se, já d'elles se não distinguem, e acompanham-os nas gazivas.

Apenas ao norte se mantinham, quando regressei, os importantes dominios dos Muatas: Cumbana, Caungula e Maí e dos Lambas (Mataba). Por noticias, porém, que recebi ultimamente, consta-me que Cumbana e Maí não teem podido resistir á invasão dos Quiôcos. Mataba está já cercado por elles e Caungula a custo se tem sustentado.

Tambem soube que os Xinjes vão sendo aniquilados pelos Bângalas e Quiôcos seus vizinhos.

Por consequencia os Quiôcos divididos em pequenos estados, do Cuango até ao Lubiláxi, estão senhores de todo o territorio do antigo dominio do Muatiânvua, sem que por isso deixassem de ser Lundas ou houvesse modificação de raça.

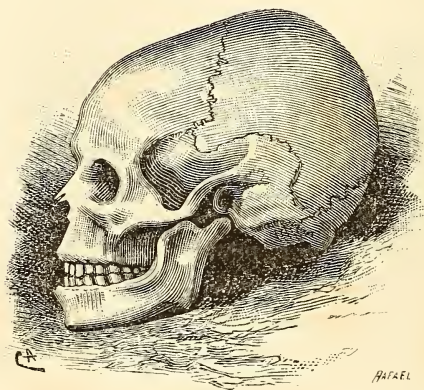
Assim como os novos estados hão de desenvolver-se pelas correrias aos povos mais atrasados do norte, de que já fallei, Nhíucas, Chilangues, Uandas, Binjes e Congos, assim tambem é de esperar que tenham de resistir a grandes luctas, dos seus vizinhos mais a sul, os Lassas, Luenas, Angombes e outros, e talvez mesmo de Bienos, por não encontrarem collocação vantajósa entre os primeiros ás mercadorias que obteem de Benguella.

Mesmo que isto se dê, embora desappareçam muitas das populações que se estão formando e mais depressa do que se pensa, não ha elementos novos, não ha exterminio de raças, serão sempre fracções dos povos Tus a destruirem outras dos mesmos povos, que não teem condições para resistir ás primeiras, longe como estão do contacto da civilisação.

É a ordem natural das cousas: caem, desapparecem os mais fracos deante dos mais fortes, e o peor é que esse desapparecimento é pelo exterminio, porque nós, que queremos fazer echo aos apregoados sentimentos de humanidade, preferimos acceitar os acontecimentos a resgatar os fracos, dando-lhes vida nos logares em que dominâmos.

Concluo, portanto, das minhas observações que os povos Tus, que rodeiam a região deprimida do centro do Continente a sul do Equador, pelo oriente, sul e oeste, nas terras de maiores altitudes, se destacam dos que permaneceram nessa região;

que essas differenças se tornam mais sensiveis no sentido das latitudes que das longitudes, sentido em que tambem se registam as maiores differenças de altitudes.

Os orgãos funccionando ahi mais livremente, a alimentação sendo mais reparadora, a vida mais longa, melhor resistencia offerecem ás influencias pathologicas, modificando-se alguns dos caracteres ethnicos da população pelo contacto com os povos civilisados.

CAPITULO IV

HABITAÇÕES DOS POVOS TUS

Typos das habitações, modo de as construir e materiaes empregados; sua divisão interior — Mussumba do Muatiânvua, seu plano e distribuição — Familia do Muatiânvua, dignitarios e mais pessoas da côrte, seus titulos e attribuições — Accommodação d'esse pessoal — Logares destinados aos idolos e respectivo culto; qualidades que se lhe attribuem — Monumentos e tropheus de caça; ceremonial observado na sua installação — Officios manuaes e logares onde se exercem — Habitações em geral de varias tribus da região — A mussumba do Muatiânvua no tempo de Rodrigues Graça e em tempos subsequentes — Influencia civilisadora exercida ahi pelos subditos portuguezes oriundos de Angola — Decadencia dos Lundas na actualidade; suas causas.

avendo colligido o que se me deparou mais notavel sobre os caracteres physicos dos individuos, e não encontrando razões que obstem a que os reuna em o mesmo grupo ethnico, procurei em outros caracteres, manifestações pelas quaes pudesse distinguir typos de tribus, ou os povos especiaes que teem nomes diversos.

As tradições e os dialectos, que entram no numero d'estas manifestações são outros tantos elementos que corroboram a hypothese da constituição das tribus por povos de differentes migrações, parecendo haver entre ellas laços que as ligam a uma origem commum.

Investigarei, pois, tudo o que respeita ao modo de viver d'essas tribus, suas leis, usos e costumes, organisação social, historia tradicional, etc.

As faculdades de imitar e aperfeiçoar são disposições communs a todos os homens; mas estas faculdades com a educa-

ção modificam-se, e por isso é necessario distinguir o que pertence á raça e ao individuo, d'aquillo que é proveniente da educação e outras influencias externas.

Os Quiôcos, por exemplo, aproveitam-se ha annos da inacção e fraqueza em que encontraram os Lundas do Muatiânvua depois de 1870, isto é, depois que um ambicioso filho de Muatiânvua, o Xanama (governador) das terras banhadas pelo Cassai, entre o 9° e 11° de lat. S., entendeu rivalisar em poderes com o Muatiânvua. Auxiliando este homem, encontraram mais tarde nelle o necessario apoio para fazerem incursões nas povoações dos Lundas, e é certo que teem conseguido transformar os costumes e modificar o aspecto das mulheres e adolescentes que foram augmentar as suas populações, a ponto de ser já difficil distingui-los na tribu de Quiôcos, a que pertencem na actualidade.

Entre os Bângalas, que pela sua parte, ultimamente na Lunda, só trocam as pacotilhas do nosso commercio e o seu sal por mulheres e rapazes, succede o mesmo.

Tambem os Ambaquistas e a gente de Pungo Andongo, que na Lunda teem constituido as suas familias com mulheres do paiz, em pouco tempo transformam os usos e costumes que ellas tinham, nos das terras de sua naturalidade.

No littoral mesmo, ha Lundas chegados ahi de recente data e com muita difficuldade se podem distinguir dos nativos que ahi vivem.

Mas se esta transformação se faz facilmente, é porque os povos entre os quaes se tem dado, não encontram novidades de usos e costumes, e sim um aperfeiçoamento dos seus.

O que se nota é que a aptidão de se accommodarem ao que convem ás suas inclinações e necessidades se desenvolve mais ou menos rapidamente, permitta-se a expressão, pelo dispertar da sua intelligencia.

Succede, porém, que individuos que teem passado por estas transformações se ressentem ainda da educação primitiva, e facilmente perdem o que adquiriram melhor, quando volvem ao meio d'onde sairam. São d'isso exemplo os individuos que

a Expedição contratou em Loanda, alguns dos quaes para ali foram da Lunda ainda creanças, e mesmo carregadores de Malanje da mesma proveniencia, os quaes depois de estarem um anno ao serviço da nossa Expedição, e já do Cuango para o interior, quando sujeitos só aos recursos das localidades, voltaram aos seus costumes antigos.

Homens, já ha muitos annos em contacto comnosco e sujeitos ás nossas leis, tudo olvidavam, pelos usos do gentio! Eram os primeiros a pedir os juramentos nas mais pequenas questões; a exigirem de terceiros, mais fracos, o reembolso do que entendiam extorções praticadas por outros mais fortes; a observarem á risca os preceitos estabelecidos entre as tribus com quem conviviam; a esquecerem-se de nós, que os alimentavamos, para obedecerem aos potentados de quem se temiam; a illudirem-nos, intercedendo pelo gentio com quem estabeleciam relações de amizade, servindo-se da mesmas armas, o pretexto artificioso e a mentira, porque, como elles, miravam já ao interesse; emfim a despirem-se do vestuario a que já estavam costumados, voltando facilmente ao traje antigo, das mabelas e pelles de animaes, e isto para terem, como o gentio, a casa cheia de mulheres que os servissem.

Rapidamente se deu com elles não só a transformação da linguagem nas suas comparações, phraseologia, idiotismos, etc., mas até se confundiam na sua pronunciação!

E é notavel que havendo grande ausencia de relações entre alguns d'esses individuos com os da tribu a que talvez tivessem pertencido, submetteram-se, deixaram de fallar o dialecto a que estavam acostumados, e bastou o contacto de alguns dias para se recordarem do dialecto da infancia.

Mas isto só prova o que tenho dito, que as primeiras transformações se deram não de raça para raça, mas para tribus relativamente mais adeantadas, e que a educação d'esses individuos se fez brusca e forçadamente.

Estes factos regressivos não provam que os individuos a que me refiro não possam passar de um certo grau de civilisação inferior, como se tem querido deduzir, porque estes mesmos

individuos á medida que de novo se afastavam do meio em que esses factos se deram e entraram naquelle em que haviam já tido uma educação differente, d'essas alterações que duraram mezes apenas ficaram com as más impressões, de que só como reminiscencia fallavam para protestarem ali não tornar, e procuraram ainda mais distanciar-se dos indigenas com quem vinham de conviver, readquirindo os seus habitos.

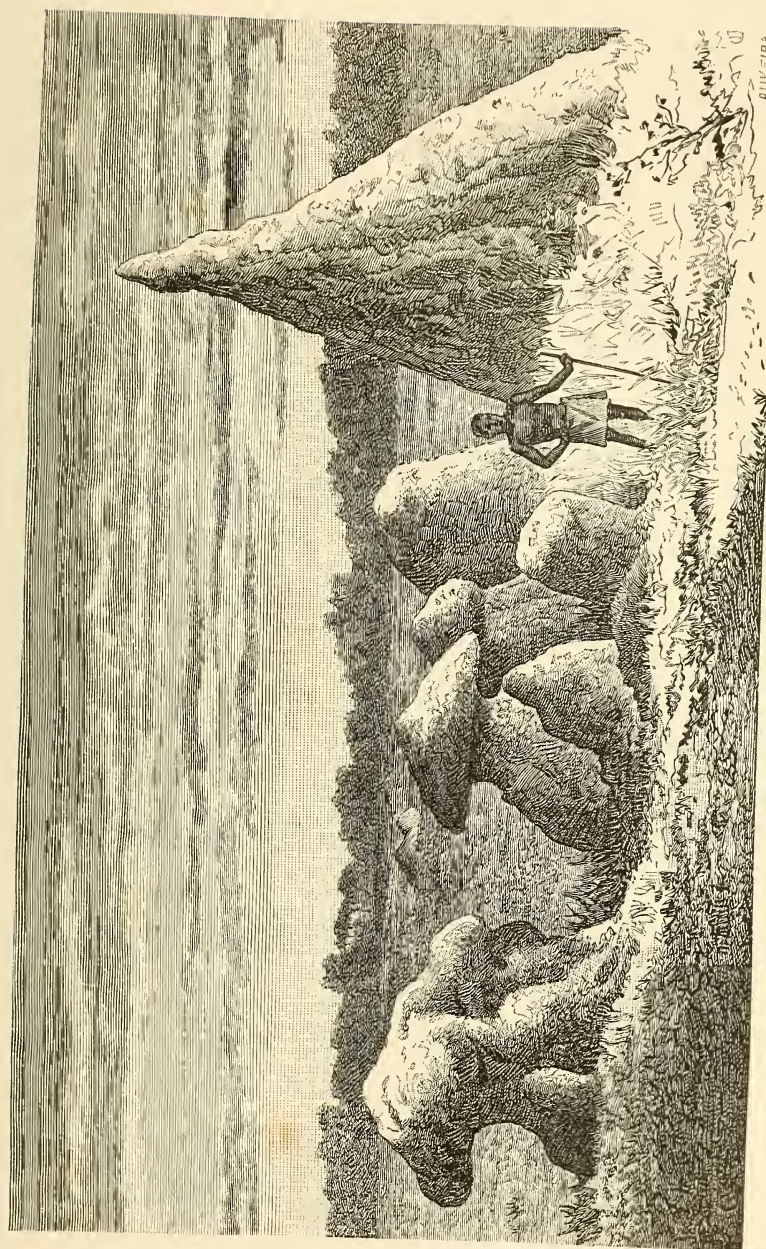
Os de Loanda nem já quizeram sujeitar-se ao serviço de transporte de redes nem de trabalhos domesticos, todos elles pediam emprego nas officinas do governo e alguns aproveitavam as folgas cuidando dos seus arimos[1]; tambem a maior parte dos carregadores de Malanje deixaram os carretos para se dedicarem á lavoura e ao negocio de gado vaccum.

Mas para bem apreciar o modo de ser d'estes povos nas suas manifestações intellectuaes, moraes e sociaes, isto é, para praticamente reconhecermos o que ha expontaneo e natural nessas manifestações, eu colloco-me o mais afastado possivel da civilisação e longe dos limites da nossa provincia de Angola, e ahi encontro os povos rodeados de uma natureza mais selvagem, e procuro distinguir o que possa attribuir-se já á influencia da civilisação, e irei confrontando depois o que se observa numa tribu e nas vizinhas, até aos limites da nossa provincia.

Supponho-me portanto, entre os Lundas, na côrte do Muatiânvua, na sua *mussumba*, entre os rios Luíza e Cajidíxi, affluentes orientaes do Lulúa.

Não encontro aqui os habitantes das cavernas naturaes, encontro o homem levantando os abrigos para sua habitação, mais ou menos perfeitos, sendo os mais inferiores na grandeza uma imitação das construcções do salalé, as quaes sendo feitas de terra, são mais solidas, e pode dizer-se que mais bem repartidas interiormente do que as construidas pelos indigenas.

---

[1] Hortas, fazendas.

CONSTRUCÇÕES DO MABÚXI E DO MUQUINDE (SALALÉ)

Conheci duas classes d'estas construcções. Uma que faz lembrar os grandes cogumellos, não excedendo acima do solo a altura de $0^m,40$ a $0^m,50$ e que estreitam na sua parte superior para se cobrir de uma especie de chapeleta, e são feitas com humus do sitio em que se encontram, ou de terra de alluvião que toma a consistencia do tijollo, nas construcções dos termites a que os pretos chamam *mabúxi*.

Á outra pertencem as grandes pyramides conicas que se vêem principalmente nas florestas; são de argilla vermelha, feitas pelo salalé roedor a que se dá o nome de *muquinde*. Interiormente apresentam um labyrintho de arcadas e pilastras, lembrando os grandes edificios de cantaria com rendilhados, em que a rainha ou mãe geradora (*caieque*) d'essa infinidade de pequenos nevropteros se occulta no logar mais recondito. Estas construcções teem grande altura, base larga e terminam sempre em angulo mais ou menos agudo.

Pode dizer-se que em qualquer d'estas habitações se abrigam grandes tribus e por isso se vêem áreas bastante consideraveis cobertas d'estes edificios, mas os dos primeiros são mais unidos.

Quando o tempo tambem destroe estas construcções, os habitantes abandonam-as para irem levantar outras.

As feras aproveitam as edificações abandonadas para d'ellas fazerem abrigo, e ha uma tribu dos Uandas que aproveita as grandes construcções do salalé nos bosques para lá ir pernoitar, tendo as suas *ipacas* (especie de aringas) nas povoações onde vivem nas horas de repouso durante o dia.

Os abrigos que os indigenas fazem imitando estas edificações, que nem mesmo de choupanas merecem o nome e que são da mais rudimentar construcção, consistem em uma duzia de troncos de arvores conservando as ramificações e folhas dispostos a formar uma pyramide conica, aproveitando-se os troncos que tenham forquilhas para cruzamento no vertice e firmando-se todos inferiormente no terreno.

Outros troncos, dispostos entre aquelles a formar a circumferencia, firmam-se tambem na terra, sobrepondo-se ás cru-

zetas dos primeiros, e depois d'isto dispõem se as ramificações e folhagens, de modo a entrelaçarem-se sobre este esqueleto.

Reveste-se a obra exteriormente com ramos de folhas, e ainda por cima se cobre este revestimento com feixes de capim secco, que se collocam de baixo para cima, no sentido da altura como a telha solta num telhado; e para remate tomam um feixe grosso de capim, atam-no a um terço da altura com o mesmo capim, e curvando-o, vão enfiá-lo depois no vertice da sua construcção, de modo que a parte mais alta fica para cima; o feixe é depois revirado, espalhado e batido, ficando bem assente, cobrindo por consequencia as extremidades superiores do revestimento das paredes.

Em um dos lados d'esta construcção, geralmente do que fica para nascente, deixam um intervallo entre dois troncos ao rez do chão, que não revestem. É a communicação unica para o exterior, e de tão pequena altura que por ella só se pode passar de joelhos.

A esta habitação chamam elles *muquinde* (*mukid̃e*) que é o nome das construcções feitas pelo salalé.

Actualmente o muquinde numa povoação só denota desleixo da parte de quem o habita, ou então, que essa residencia é provisoria.

Tambem lhe chamam *chicunco* (*čikuk̃o*), vocabulo cuja interpretação é «metade», porque a cubagem que abrange, segundo elles, é metade da que tem a *mucanda* (*mukad̃a*).

A *mucanda* «abrigo» (de *kukad̃a* «abrigar») é uma habitação, ainda muito simples, mas que já demanda mais algum trabalho: os troncos com que se forma o esqueleto são varas mais delgadas e flexiveis, que se collocam espetadas no solo, fechando um recinto mais comprido do que largo, arqueando-se depois as varas de sorte a ligarem-se superiormente.

Este conjuncto é ligado por fibras vegetaes, passando estas alternadamente entre as varas, nas quaes dão volta completa; esta armação cobre-se depois com ramagens de folhas e sobre esse revestimento dispõe-se o capim como ficou dito para o muquinde. Tem tambem uma entrada baixa.

Diz-se terem sido os Cassanjes e os Ambaquistas os introductores d'este aperfeiçoamento, a que chamam fundo, e os Lundas *mucanda*.

Como este vocabulo, entre nós, está acceite por «carta» e tambem os Lundas o empregam como tal, procurei investigar a sua origem, e julgo opportuno dar conhecimento do resultado das minhas investigações.

Uma elevação de terra, chama-se *muquinde* e uma montanha *mucanda*. Como estas habitações, pela sua forma, depois de cobertas com os revestimentos, adquirem uma configuração irregular, alargando muito na base e formando rampas que permittem accesso facil para reforçar o revestimento de capim onde a agua das chuvas tiver encontrado passagem, para elles essa disposição é a de uma montanha em miniatura, e d'ahi, o nome que lhe deram de *mucanda*.

A carta que transita em mão de qualquer portador no interior, além de encerrada no seu involucro fechado, é envolvida em papeis, para não se enxovalhar, e depois em pedaços de fazenda e ainda em folhas seccas amarradas com fibras. É ao conjuncto d'esses resguardos, que elles chamam por analogia *mucanda*, e tanto que o papel, que conhecem servir para involucros, tambem denominam *mucanda*, e quando seja destinado para cartas dizem *mucanda uá sanhica*[1] (*mukãda ŭa sañika* «papel de escrever») e para cartuchos de polvora, *uá difanda* (*ŭa difãda*), de missanga, *uá kassangassanga* (*ŭa kasãgasãga*).

Tanto o muquinde como a mucanda são os abrigos que as comitivas de commercio construem, quando vão em viagem, nos logares em que acampam. Nos caminhos mais frequentados por estas comitivas, quando os abrigos se não encontram por causa dos fogos, o que succede geralmente nos mezes de maio a

---

[1] Do Cuango para a costa dizem *soneca* (*soneka*). Muitos já dizem *papéle;* e alguns já lhe applicam o vocabulo *ibubulo* «folha de palmeira», em que escrevem os Ambaquistas.

agosto, sempre se conhecem os seus vestigios, e esses logares denominam os Lundas *micanda,* e os Ambaquistas, Malanjes e Cassanjes, fundos.

Creio ser esta denominação portugueza, pelo facto de se suspender a marcha do dia nesse logar.

O *quilombo* (*kilobo*) é o acampamento, que se faz nas povoações, para permanencia de algum tempo; mas neste caso os abrigos são mais bem construidos e teem maior cubagem.

TYPO CACONDA
(Phot. de Moraes)

Estes abrigos teem o nome de *múnzuo* (de *kužŭama* «esconder»), porque as suas entradas são protegidas por uma especie de alpendres para não deixar penetrar as aguas das chuvas, e com um gradeamento de varas revestidas de capim pelo lado interior para se não ver o que se passa dentro.

Apresentam ainda as mesmas formas do muquinde e mucanda, mas são mais altas e aperfeiçoadas, tendo geralmente no centro um pontalete para apoio das coberturas e um revestimento mais espesso, ficando as suas abas sem flexões.

Nas povoações destaca-se, pelas formas e mais perfeição na construcção, a habitação (*munzŭo*), a que se chama *chicumbo.*

Pode ter esta a base rectangular, quadrada e tambem circular, variando nas suas dimensões desde o restrictamente indispensavel para accommodar um individuo, até ao preciso para um casal com filhos, ainda creanças e que precisem ser amamentados.

As creanças depois da creação do leite, que em geral termina dos tres para os quatro annos, passam a dormir em ha-

bitação independente da dos paes, reunidas sob a vigilancia da filha mais velha, se a ha já em idade de poder ter tal encargo, ou de uma serva.

Nas construcções destacam-se as paredes das coberturas, variando a altura d'aquellas, de 1 a 2 metros. Se a área a occupar é grande, teem então um pontalete ou prumo ao centro para apoio da cobertura.

As mais perfeitas construem-se do seguinte modo: risca-se no solo a base que lhe querem dar, ás vezes mesmo com o pé, depois com o machadinho abrem sobre o traço um rego de 0^m,15 de fundo, e nelle vão espetando varas delgadas o mais direitas possivel, com intervallos de 0^m,25 a 0^m,30, e com os pés calcam a terra de encontro ás varas.

TYPO LUNDA (LULÚA)

No logar destinado para porta, deixam um intervallo sem varas, que poucas vezes excederá em largura 0^m,70.

A partir do solo para cima atravessam horizontalmente varas mais delgadas, por fora e por dentro, que atam ás verticaes, com *mioji* «fibras», obrigando-as nos angulos das paredes a dobrarem, para continuarem a revestir a parede contigua até onde possam chegar. A extremidade de uma reune-se a de outra vara e assim por deante. Estas varas vão-se collocando parallelamente, com intervallos pouco mais ou menos iguaes aos dos prumos, até á altura que se pretende dar ás paredes.

Um pouco acima da ultima vara transversal, cortam-se as varas verticaes ou prumos.

As paredes são revestidas de capim em pequenos feixes, que se vão atando bem apertados uns aos outros, e ao gradeamento no sentido da altura, de modo a não haverem fendas.

A cupula é feita áparte, e dando-se-lhes alturas diversas, tendo as mais consideraveis mais de vez e meia a altura das paredes.

Tomam as medidas de angulo a angulo se a planta é rectangular, e marcam-nas na terra ao lado, ou com o pé riscam approximadamente um circulo igual ao da base da casa se ella for circular.

No centro d'este traçado collocam depois um pau da altura que querem dar á cupula para apoio das extremidades das varas que hão de formar o vertice. Estas varas cortadas sempre, um pouco para mais da grandeza que deveriam ter, pela distancia d'aquelle apoio á base marcada, são dispostas equidistantes seguindo os riscos da planta no terreno.

Ligam-se superiormente as quatro varas maiores se a planta é rectangular, ou qualquer grupo de quatro se é circular, por meio de um encanastrado de fibras até uma largura de $0^{m},20$.

Entre aquellas varas collocam outras a cobrir todo o recinto e ligam-as umas ás outras por meio de fibras, a começar de uma certa altura do solo para cima; e assim obteem uma armação que lembra a de um chapéu de sol, não aberto completamente.

A cupula é então collocada sobre as paredes excedendo-as para o exterior, e liga-se a estas porque as porções salientes dos prumos entram no seu encanastrado.

Aparam-se então as hastes da cupula para ficarem equidistantes das paredes, e cobre-se o todo de capim a começar de baixo para cima, deixando uma beira que não é inferior em projecção a $0^{m},20$, para resguardar as paredes das aguas da chuva, tendo o constructor o cuidado de fazer um talude de terra no pé da parede com esse fim.

Em algumas habitações para evitar o salalé, batem o solo muito bem batido, com couros de animaes ou com algum pedaço de pau facetado, humedecendo um pouco o solo. Outros fazem este trabalho mais perfeito, procurando argilla vermelha que pulverisam, e por meio de uma peneira espalham-na sobre o solo á medida que o vão batendo.

Tambem vi cobrir de capim as cupulas antes de serem postas sobre as paredes.

Quando a habitação é grande, não se dispensa o pontalete ou pendural no centro, e ha então umas cruzetas a meia altura da cupula feitas pelas varas, que formam uma especie de tecto que se aproveita, para guardar as pequenas malas e outros objectos, e a que chamam *mutala*.

Algumas d'estas habitações já teem uma ou duas divisorias por dentro até certa altura, revestidas de esteiras. É quasi certo terem todas uma divisoria para resguardo do logar em que se dorme, e onde se vê uma tarimba de pequena altura, coberta de capim, as melhores com um estrado de caniçado tambem coberto de capim e sobre elle duas ou mais esteiras, conjuncto este a que os Ambaquistas dão o nome de *ulalo*.

As habitações superiores a esta, em grandeza e solidez, tomam o nome de *mucumbe* (*mukũbe*), vocabulo equivalente ao nosso «redondo».

Podem ser de base rectangular, mas por fora tem uma varanda circular, feita de paus grossos, com intervallos iguaes ao diametro d'estes, e com a altura de $0^{m},6$ a $0^{m},8$, e nella descansa a parte inferior da cupula, que tem de 3 a 5 metros de altura. A das paredes da habitação regula de $1^{m},50$ a $1^{m},70$.

Só os chefes de povoação possuem o mucumbe, e d'estes vi alguns com as paredes interiores revestidas de capim, e divididos em tres ou quatro compartimentos, sendo o chão batido e elevado, de $0^{m},10$ a $0^{m},20$ acima do terreno em redor, que tambem é batido na largura de 1 metro.

Quando esta habitação se destina para receber as visitas muito intimas do potentado não tem divisões, e as paredes são forradas interior e exteriormente de esteiras, tendo tambem as varandas por fora, que geralmente são da largura de 1 metro.

No recinto interior apenas entra quem o potentado chama. Quando alguem lhe pretende fallar, fica na varanda e d'ahi mesmo conversa com elle depois da devida venia.

É esta a habitação que vi com cobertura de maior altura, até ou acima de 6 metros, á qual os Lundas chamam *chiota* (*čiota*) e outros *quiota* (*kiota*). Este vocabulo quer dizer «vigilante» entre os titulos dos empregados da casa dos grandes potentados; e parece que, por ser a cupula d'esta habitação a que se destaca ao longe numa povoação, é que se lhe deu esse nome.

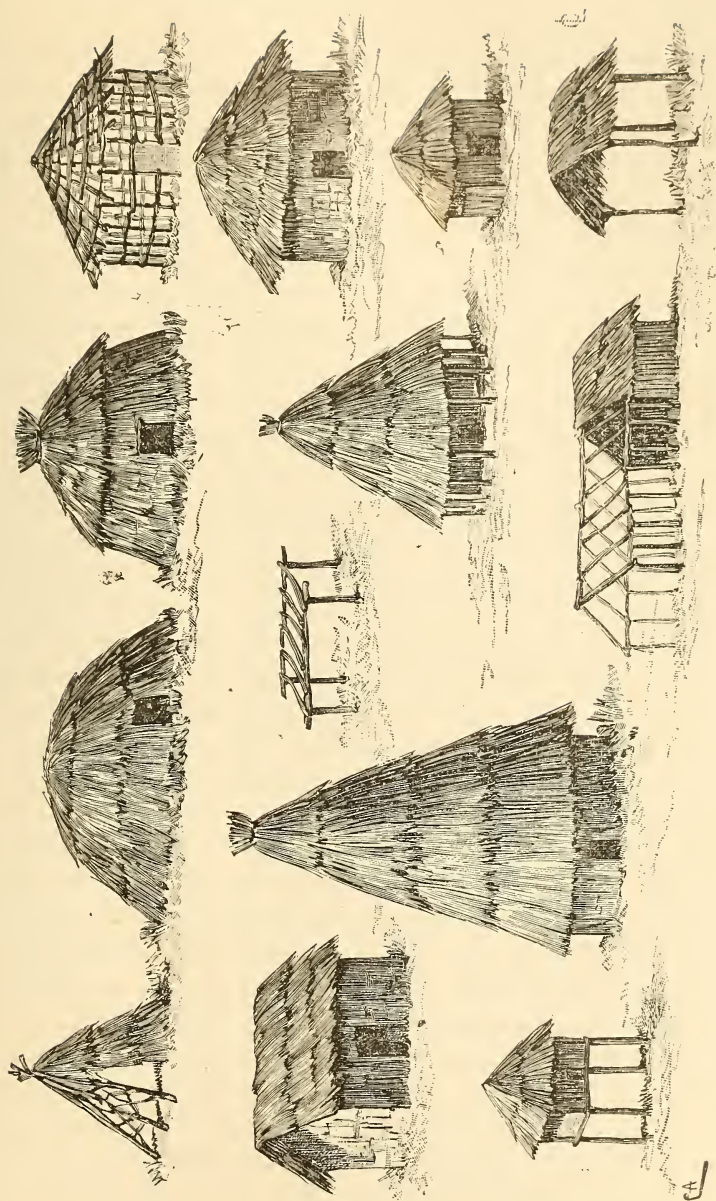
Tambem no logar de residencia do Muatiânvua ha uma construcção especial para audiencias em tempo de chuva, a que chamam *anzavo* (*až̃avo*) «elephante», certamente por ser muito comprida.

A base é um rectangulo de $12^m \times 4^m$ e algumas são até mais compridas. As paredes são de pequena altura, $0^m,8$ a 1 metro. A cobertura em duas aguas é de grande declive e nos lados maiores tem duas portas fronteiras. A um terço de uma das paredes do topo, da que fica virada para sul, está o logar em que sempre toma assento o Muatiânvua, por ser o superior, de onde nascem os rios nos seus dominios.

Já se vê tambem nas povoações dos Lundas, mas com mais frequencia nas dos Bângalas e Quiôcos, a cubata do Ambaquista, a que elles chamam *chibango* (*čibag̃o*) e estes *quibango* (*kibag̃o*).

É uma casa rectangular de solo batido, com paredes de $1^m,40$ de altura e mais, feitas pelo systema das habitações usuaes. A cobertura é com duas aguas e as entradas teem de altura 1 metro e mais, sendo a tapagem feita com os gradeamentos já mencionados, revestidos de capim.

Eu vi habitações d'esta ordem, construidas por gente do Congo, sendo na verdade muito solidas e bem feitas. As coberturas eram em duas ou quatro aguas, tendo nellas disposto o capim ás camadas transversaes, bem aparadas, fazendo lembrar telhas americanas de madeira (*shingles*). Tinham boas portas e janellas, ficando salientes os aros, revestidos tambem de capim.

Nas povoações dos Quiôcos vêem-se muitas cubatas, com as paredes barradas, e as portas e janellas são de madeira por

HABITAÇÕES

elles trabalhadas; e em duas povoações á margem do Chiúmbue já se vêem portas e janellas com as respectivas ferragens, fechos e fechaduras.

Uma d'estas povoações era de Muana Quipoco, homem que tem feito algumas viagens com comitivas de commercio por sua conta a Benguela, tendo primeiro estabelecido relações com os Quimbares, com dois dos quaes se aparentou tomando-os para genros. Tornou-se bom carpinteiro e ferreiro, montou officinas de trabalho, onde elle mesmo ensinou os rapazes da sua povoação.

Além de negociante era tambem um dos bons lavradores indigenas, e tanto elle como seu primo Tandanganje tinham manadas de gado vaccum.

Em toda esta região do Cuango ao Lubiláxi, entre 6° 30′′ e 8° de lat. S. pode dizer-se que são elles os unicos individuos que actualmente possuem gado vaccum, trajam á europea e viajam em redes.

Mesmo nas mais pequenas povoações de Quiôcos, de Bângalas, de Xinjes e outras as entradas nas habitações são mais altas que nas melhores dos Lundas.

Em todas as povoações se vê o que elles chamam *chissambo* (*čisab̃o*), que se tem interpretado por «sombra» e eu julgo melhor, interpretar, como «tendal» ou «canastro», porque o fim principal d'essa construcção é expôr ao sol mandiocas, bombós, carnes, peixes, que se pretendem seccar, bem como objectos que se lavaram ou se molharam, e tambem para os resguardar dos animaes damninhos.

São quatro paus espetados no terreno, ligados superiormente a formarem um quadrado, e sobre este collocam varas que engradam e algumas vezes revestem de capim, e por isso lhe chamam os interpretes «sombra», e sobre elle põem generos alimenticios e outros objectos como disse.

Ha outra construcção, miniatura de uma cubata sobre estacada, a que chamam *chitula* (*čitula*), e do Cuango para a costa *quitula* (*kitula*), que eu traduzo por «dispensa», por ser ahi que guardam as colheitas que vão fazendo nas lavras e que

afastam da terra por causa do salalé, ratos, etc., e tambem para as preservar da humidade.

Geralmente uma familia occupa mais de uma habitação, e por isso duas, tres ou mais d'estas habitações estão dentro de uma cêrca formada de troncos de arvores e varas transversaes, que se ligam áquelles por fibras, revestindo-se tudo com folhagem ou mesmo capim; e ao recinto chama-se *andonda* (*ad̃od̃a* «logar do senhor ou senhora»).

O chefe da povoação, com a familia que d'elle se não separa e os servos, occupa um recinto maior, que envolve aquelles, e que como elles é tambem cercado; mas a cêrca é mais alta e mais forte, porque tambem é feita em paineis maiores e para resistir melhor ao tempo. A este recinto chamam então *chipanga* (*čipag̃a*), e do rio Quicapa para oeste, *quipanga* (*kipag̃a*). O logar em que se isola o potentado dentro da chipanga, com o que lhe é mais reservado, chama-se *anganda* (*ag̃ad̃a*).

Quem tem pateo reservado, *chiuzo* (*čĭuzo*), cozinha ao ar livre, se o tempo o permitte ; se o não tem faz a comida mesmo dentro da habitação; porém alguns teem chiuzo especial onde cozinham, a que chamam *chizanza* (*čizaz̃a*).

Independentemente do fogo para cozinhar, ao pôr do sol já todos teem tudo disposto para aquecer as habitações. Em um logar que já pelo uso forma depressão, faz-se o braseiro, e ás vezes o descuido com o fogo é tal, que as cubatas incendeiam-se ; e se ha vento, em seguida á primeira ardem mais algumas.

As pequenas moradias, com tão acanhadas accommodações, são causa das doenças que mais atacam os moradores, como constipações, pneumonias, rheumatismos, bronchites e nevralgias mais ou menos complicadas.

As povoações são um aggregado de habitações de familias, que se construem, cercadas ou não, em redor da quipanga do potentado.

Creio pelos vestigios que se vêem em algumas povoações, em que os paus das cêrcas mais ou menos rebentaram e se

tornaram arvores, que em tempos normaes, isto é, algumas dezenas de annos atrás, as povoações Lundas, que mais ou menos encontrâmos desmantelladas, eram divididas em ruas e travessas embora estreitas, formadas por essas cêrcas; e quem nellas entrava só via por cima as cupulas das habitações, o que actualmente só se dá em parte de uma ou outra povoação, sendo o solo entre as habitações e dentro das cêrcas mais ou menos batido.

Proximo da quipanga do potentado vê-se um largo a que chamam *xico* (*xiko*), em que o chão foi piloado, ficando resistente como um beton, e pela força do sol encontra-se gretado em differentes sentidos. São estes largos destinados a mercados, feiras de generos alimenticios e ainda de outros objectos para transacções. Nas povoações mais importantes fazem-se estas feiras diarias, noutras duas ou tres vezes, e em algumas uma só vez, por semana.

A *mussumba* comprehende um grande numero de povoações dispostas numa certa ordem em torno da quipanga do Muatiânvua, mais ou menos distantes d'ella; e com ella constituem a capital do seu estado.

Se suppuzermos uma tartaruga projectada sobre o solo e contornarmos essa projecção por linhas rectas, obtemos a planta da mussumba, em que a cabeça é o logar a que se chama *méssu* (*mësu* «olhos»); cada um dos braços *mucano* (*mukano* «bôca»); a cauda, *mazembe* (*mazeb̃e*); cada um dos lados maiores *macala* (*makala*); e cada uma das pernas *ambaia* (*ab̃aĭa*), sendo a da direita da Muári[1] e da esquerda da Lucuoquexe[2].

A mussumba é traçada a preceito, pelo Muatiânvua, quando muda de sitio ou por qualquer outra circumstancia.

A frente da mussumba é sempre virada para leste e a direcção da rua principal é na linha E.-W.

---

[1] Primeira mulher do Muatiânvua.

[2] Mulher que representa a mãe do primeiro Muatiânvua quando enviuvou.

O Muatiânvua chega ao logar em que pretende estabelecer a sua quipanga, montado num *chimangata* (*čimag̃ata* «servo especial»); vira-se para o nascente, manda marchar homens para a sua frente, que vão pisando o capim em uma dada largura, andando para trás, e seguindo mais para a direita ou esquerda, segundo as indicações do braço do Muatiânvua. Na frente d'estes marcha o *Calala,* com a sua gente, desviando o capim, pouco mais ou menos, no rumo já indicado.

TYPO NIANZA
(*Apud* Thomson)

É o Calala quem calcula, pela população que está com o Muatiânvua, qual a extensão d'essa rua, que ha de terminar, com a sua quipanga, que é o centro do méssu.

Quando os que calcam o capim já podem seguir pelo traçado indicado pelo Muatiânvua, este manda virar no mesmo ponto o chimangata em que monta, e faz prolongar o traçado iniciado para oeste; para este serviço vae na frente o *Canapumba,* que calcula a grandeza do caminho em que ha de ficar a sua chipanga, do mesmo modo que o Calala o fez para a frente.

Vira-se depois o Muatiânvua para a esquerda e para a direita, fazendo assim os caminhos uma cruz. Apeia-se então e vae sentar-se no espaço limitado pelo braço do lado do sul, e o logar em que elle se sentou indica onde ha de ficar a porta da sua anganda.

A rua principal da mussumba de Muteba, no Luambata, tinha de extensão 3 kilometros; a de Chimane, de 3 a 5 kilometros; e a de Cabebe de Noéji, 4 kilometros. As larguras, variavam de 2 a 4 metros. Esta rua denomina-se *mucombele.*

O schema graphico que em seguida apresentâmos, esclarece o que tenho a dizer d'aqui em deante.

O estado do Muatiânvua, é dividido em pequenos estados e o chefe de cada um, embora Muata e Quilolo do Muatiânvua tem sempre o seu logar na côrte pela ordem de hierarchia.

Se está no seu sitio, fica na côrte o representante d'elle, com familia e alguma força armada, e por isso se reserva sempre espaço para as suas habitações.

No méssu ficam á frente as povoações do primeiro e segundo Calala; atraz do lado esquerdo Muene Têmbue e outros filhos

TYPOS: CONGO (S. SALVADOR) E LUNDAS (CASSAI)

de Muatiânvua; á direita Muene Casse, Muene Panda, Muene Capanga e outros da margem do Lulúa.

No mucano da direita o Muitía, no da esquerda o Suana Mulopo.

A mucala da direita pertence á Muári, a da esquerda a Temeínhe ou segunda mulher do Muatiânvua.

Na direita, entre o mucano e macala fica a *muíla,* (*mŭila* «residencia») da Lucuoquexe, que occupa grande espaço porque é permanente na côrte, e na macala da esquerda á sua frente fica Muene Rinhinga, o Muata mais considerado, que colloca o distinctivo da realeza, o lucano, no braço do Muatiânvua; é o descendente considerado como seu tio (*cárula*) mais velho.

A Suana Murunda, que representa a dona das primeiras terras dos Bungos, o nucleo do estado do Muatiânvua, tem a sua povoação entre Muene Rinhinga e a Temeínhe.

Os quilolos do norte do Cassai estabelecem as suas povoações a oeste da de Suana Murunda; e os de sul, para leste da Muári; exceptuam-se d'estes, os que foram quilolos da Lucuoquexe, que então teem povoações na sua muíla.

Ambaia (*ab̃aĭa*) são logares reservados para as mulheres mais consideradas, Lucuoquexe e Muári, durante o tempo que estão menstruadas, e tanto num como noutro, ha um espaço destinado no primeiro á Suana Murunda, que se chama *chaxa* (*čaxa*) e no segundo para a Temeínhe, que se chama *ampapa* (*ap̃apa*) quando estas estão no mesmo caso.

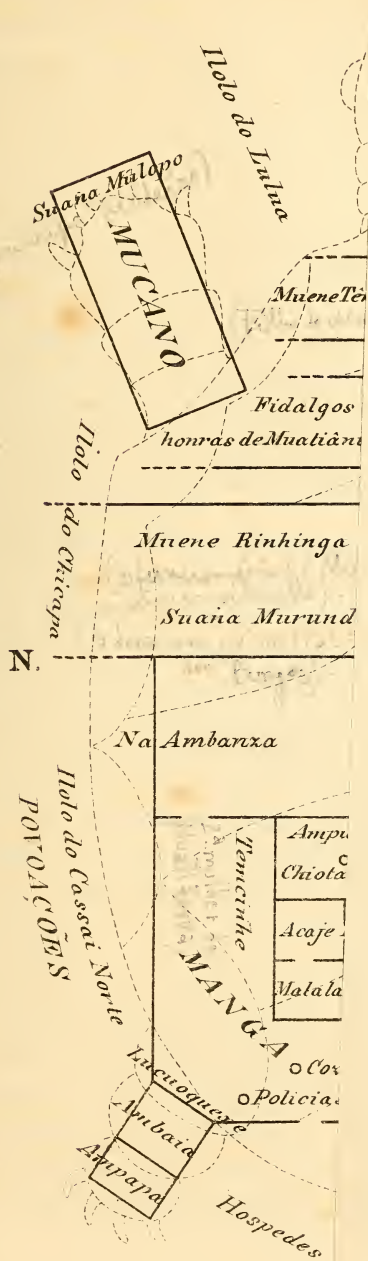
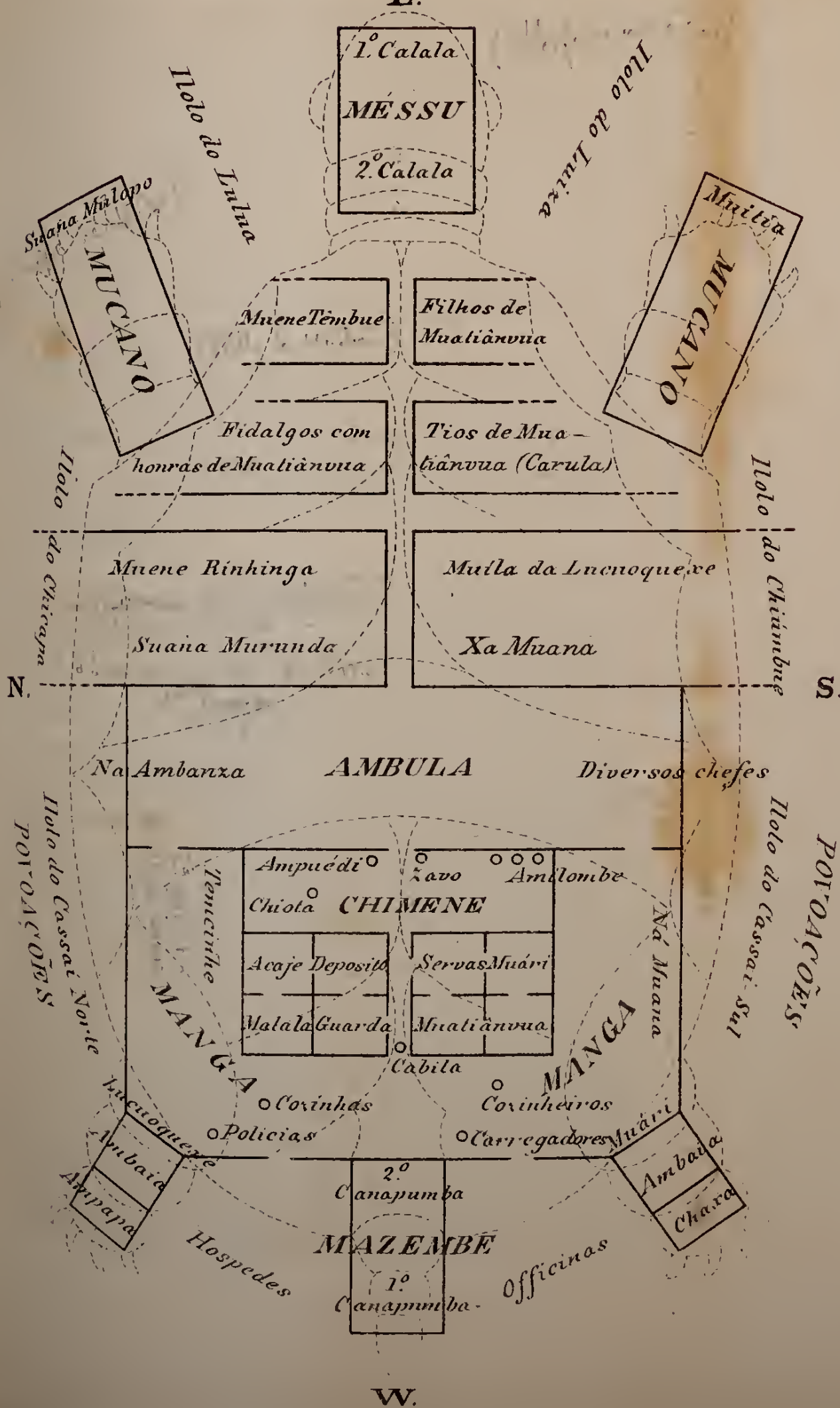
Na cauda da supposta tartaruga está o mazembe, que é dividido em duas partes, ficando o primeiro Canapumba mais distante e o segundo mais proximo da residencia do Muatiânvua.

O mazembe é separado da quipanga do Muatiânvua, pela *manga* (*mag̃a* «pateo») e ahi ficam as cozinhas e habitações do *muári muíxi* (*mŭari mŭixi* «o senhor do fumo; cozinheiro») e seus ajudantes; e ainda as dos individuos que transportam o Muatiânvua, quer no *môuha* (*moŭha* «palanquim») quer escarranchado sobre os hombros.

A môuha é uma especie de palanquim ou de andor, consistindo em uma canastra de bordas baixas, com $0^m,15$ a $0^m,20$ de altura, com o fundo rectangular de $1^m,20 \times 0^m,80$, sendo cada lado maior ligado, por anneis do mesmo encanastrado de fibras, a um varal que tem de comprimento o triplo d'aquelles lados, regulando o seu diametro por $0^m,1$. O fundo e lados da canastra são revestidos exteriormente de couro.

Aos varaes chamam *missele* (*misele*, plural de *musele*) e são feitos de uma madeira especial, branca, rija e leve, que se alisa o melhor que é possivel com as machadinhas rematando nos extremos em toscas bolas.

São transportados em môuha, o Muatiânvua, a Lucuoquexe e o Muata com honras de Muatiânvua, notando-se que poderá algum usar o distinctivo na cabeça, *miluína*, e não ter a honra

MUSSUMBA DO MUATIÂNVUA

de ser transportado de môuha. Na côrte actualmente só tinham essa distincção Muene Rinhinga, Muitía e Muene Casse.

Quando sae este vehiculo, reveste-se interiormente com um bom cobertor, ou o melhor panno de fazenda que haja, de modo a cairem as extremidades aos lados, e sobre este panno ainda collocam uma pelle de onça ou de leopardo, e é sobre ella que se senta o potentado.

A môuha é transportada por dezeseis ou vinte homens, quatro ou cinco a cada extremidade dos varaes, e vão outros na companhia para os renderem.

No cruzeiro formado pelas ruas principaes da mussumba, ha um espaço á frente da quipanga, fechado dos lados pelas habitações da macala da Muári e da macala da Temeínhe, inteiramente livre, onde tem logar as audiencias geraes, *tetame,* e que se chama *ambula (ab̃ula,* de *kujub̃ula* «dizer, transmittir, noticiar, communicar»).

A quipanga é dividida ao meio em duas partes, na que fica á frente, *chimene* (*čimene* «largo») vêem-se do lado direito espalhadas algumas habitações das amilombes (*amilob̃e* «servas») da Muári; e no lado erquerdo as dos ampuedes (*ap̃üedi* «alguazis; os que são encarregados de execuções policiaes»).

Junto á porta que fica em frente da rua principal está a habitação do *chiota,* quilolo vigilante e que tem á sua guarda não só as casas reservadas, anzavo e chiota, que ficam quasi a meio d'este logar como ainda vigiar pelo harem do Muatiânvua que fica dentro da quipanga; é tambem o mestre de ceremonias.

A outra parte mais ao fundo, é dividida em diversos repartimentos com habitações tendo uma rua no prolongamento da principal.

Á direita, isto é, do lado do sul, os repartimentos da frente são destinados para habitações da Muári e mulheres do seu serviço diario e os do fundo só para as habitações do Muatiânvua.

No lado do norte, á frente, estão as habitações das mulheres predilectas do harem, e que a Muári consente tenham residencia na quipanga, e no do fundo é onde estão por assim dizer as arrecadações de roupas, armas, polvora, etc., os ha-

veres mais vulgares do Muatiânvua, e as habitações dos guardas a quem estão confiados, e neste ha ainda um recinto reservado só para o Muatiânvua quando está na *malala*.

Os *tuxalapóli*, os *tumbaje* e musicos do Muatiânvua que tomam o titulo de Muári a que se addiciona o nome do instrumento que tocam, teem as suas habitações dispostas em torno da quipanga.

É no mazembe que se hospedam os portadores de recados que veem de fora, e na povoação da Lucuoquexe as visitas de maior consideração.

A quipanga de qualquer quilolo é cercada como a do Muatiânvua, e nella as habitações são dispostas como nesta, tendo todas, méssu, macala, ambaia e mazembe.

Na porta do fundo da cêrca da quipanga ha uma pequena habitação, *múnzuo*, onde fica o *cabila* (*kabila* «porteiro»).

O Muatiânvua, passa uma grande parte do dia na chiota, bebendo com algum quilolo que mais lhe apraz, e á noitinha recolhe para junto das suas favoritas (*akaje*) onde se demora algumas horas, bebendo com ellas.

Sobre o vocabulo *malala* tem havido grande confusão por parte dos interpretes. Não é uma cozinha especial do Muatiânvua. Esta denomina-se *chizanza* (*čizaža*).

Na malala pode estar qualquer que se sinta doente e tenha posses para nella se conservar. Observa-se ahi com o maximo rigor um regimen prescripto por um advinho ou por um curandeiro. É por assim dizer uma dieta que se impõe não só ao individuo que d'ella carece, mas ao pessoal indispensavel que com elle tem de manter relações.

Quem está na malala, durante o tempo que se occupa de quaesquer serviços para o individuo a quem se prescreveu o regimen, não pode fallar com pessoa alguma e foge mesmo de ver pessoas extranhas a esse estado sob penas graves.

O Muatiânvua ou o individuo que está na malala passa para um recinto separado, e só tem communicação por accionados com o creado particular que o acompanha e com o chefe dos cozinheiros.

Este conserva-se na cozinha com um cozinheiro especial e com duas raparigas nomeadas, uma para serviço da agua e lenha, e outra para o das compras de generos.

Estas munem-se de um chocalho que põem á cintura e passam pelos caminhos cantando. Todos os que venham por esse caminho fogem ao seu encontro para não serem vistos, até que passem. Se o não fizerem são considerados feiticeiros que queriam perturbar o regimen prescripto a quem d'elle carecia, portanto queria-lhes mal, e como tal tem de ser julgados. Para o caso do Muatiânvua, a sentença seria cortar-se-lhe o pescoço.

Ninguem pode olhar para as bebidas, comidas ou qualquer objecto que tem de servir ao recluso da malala, sob pena de castigo para quem os transporta, pois se diz que, só num olhar o feiticeiro pode transmittir ao recluso o feitiço se for essa sua intenção, muito principalmente sendo este o Muatiânvua.

O que cozinha só deixa de ser responsavel por ellas depois de entregar a comida ou bebidas ao cozinheiro mór, e é este quem tudo apresenta ao Muatiânvua, sob sua responsabilidade.

Come-se e bebe-se numa casa especial, e durante esse acto ninguem pode fallar com o individuo que está na malala. É um logar onde ninguem ousa penetrar nem antes nem depois das refeições.

O Muatiânvua depois da ultima refeição e já quando tenciona recolher-se, dispensa por gestos o Muári Muíxi do seu serviço nesse dia, e é este então que vae levantar por assim dizer a interdicção a todos que estiveram com elle de serviço, para poderem comer e fallar com os seus.

Semelhantemente quando o Muatiânvua come ou bebe em geral na presença dos seus quilolos ou empregados, tapa-se para que o não vejam, e como é de estylo elle repartir do que come ou bebe com os que estejam presentes, aquelles a quem se vae dirigindo, no momento em que estendem a mão para receber o que lhes dá, passam á malala, quer dizer ficam interdictos, não podem fallar, communicam com elle por gestos ou por estalinhos com os dedos. Esses individuos retiram do circulo e vão comer ou beber em separado.

Assim fazem todos, até ao ultimo contemplado.

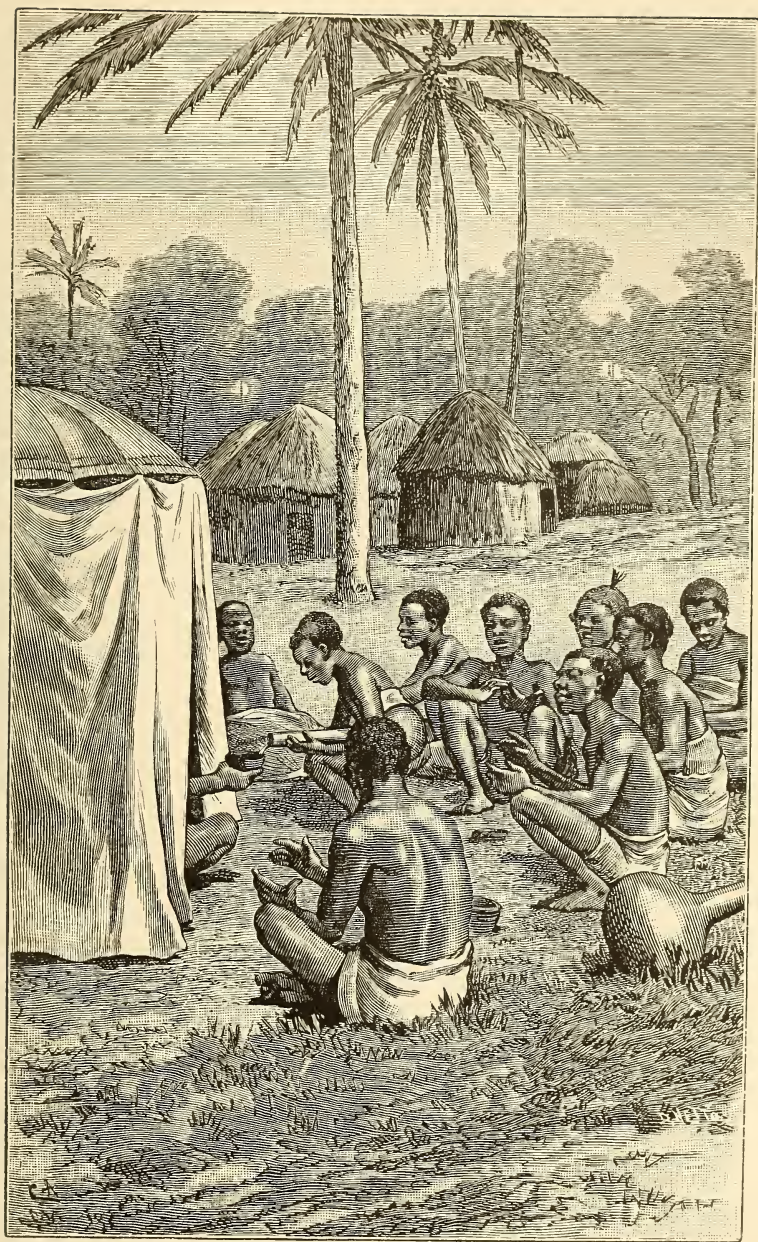
Durante o tempo que o Muatiânvua come ou bebe, coberto com um panno, ou sómente com um chapéu de sol aberto, todos os circumstantes estão dando estalinhos com os dedos e de quando em quando palmadas compassadas.

Esta ceremonia tem por fim afugentar o que pudesse vir de ruim a envolver-se na comida ou bebida que o Muatiânvua vae mettendo na bocca, e para que lhe faça bom proveito.

Logo que o Muatiânvua se descobre, cada um dos contemplados avança agachado até junto d'elle, ajoelha, e passando os dedos da sua dextra pelos dedos d'elle dá tres estalinhos, e depois de fazer isto tres vezes, bate tres palmadas compassadas e diz á medida que se vae levantando: *calumbo! chi noéji! zâmbi!* (*kalub̃o! či noéji! zab̃i!*).

Este deixa de estar interdicto e seguem-se por ordem hierarchica os outros do mesmo modo. Se o interdicto é descendente de Muatiânvua, em vez de passar os dedos pelos d'elle, apresenta-lhe uma folha de arvore, que segura entre os dedos para elle ir quebrando tres pedaços e deitando fora.

Para completo conhecimento de uma chipanga ou quipanga devo dizer que na Lunda indistinctamente já se diz *chicumbo,* como do Cuango para a costa *cubata,* para designar qualquer casa pequena ou grande e sem attenção á forma; chicumbo porém é sempre acompanhado pela designação do destino que tem. Assim diz-se: *chicumbo chiá culangala* (*čikub̃o čia kulag̃ala*) se é para dormir. Nas habitações d'este genero chama-se *chineza* (*čineza*) á varanda se a tem, do vocabulo que corresponde a «visitas»; *capalacânhi* (*kapalakañi*) ás divisões ou repartimentos se os ha. Chipanga por analogia é qualquer cêrca ou recinto quadrado. A uma moldura quadrada tambem chamam chipanga; está admittido, pois, este vocabulo para qualquer rectangulo.

A rua principal denomina-se *mucombele* (*mukob̃ele*); as transversaes *mussanġo* (*musag̃o*); as passagens entre cubatas que possam ser interceptadas por outras, *uacatula mucombele* (*ŭakatula mukob̃ele* «cortou a principal»); os espaços entre as cuba-

O MUATIANVUA BEBENDO MALUFO

tas em forma de largo *cáxi* (*kaxi*); os largos onde se fazem os mercados *xico* (*xiku*); o solo das casas *páxi;* e os regos em roda das casas para desvio das aguas *puéji* (*pŭeji*); os logares reservados para sepulturas, *majambo* (*majab̃o*). Ao sitio no Calânhi, onde estão as urnas em que se recolhem as unhas, os dentes e cabello do Muatiânvua que morre em paz com os seus, chama-se *anzai* (*z̃aĭ*).

Como já ficou dito, todos os *ilolo,* (plural de *kilolo,* que se tem interpretado por «fidalgo»), apesar de serem senhores de estados espalhados por toda esta região, tem logar na côrte e por isso, quando estão nas suas terras, fica na mussumba quem os represente e com força armada. Esse representante toma o titulo e para todos os effeitos é ouvido, vota e delibera, como se fosse o proprio quilolo, e por isso tratando da mussumba, dou agora conhecimento de cada um d'elles, pelo logar que nella occupam e com as explicações que pude obter.

No méssu:

Calala.—É o chefe das primeiras forças que entram em operações se ha guerras a sustentar, e a quem compete a vigilancia sobre o que occorre á frente da mussumba. É a elle que pertence em combate cortar primeiro a cabeça d'um inimigo e apresentá-la ao Muatiânvua. O Calala tem o seu estado além do Cajidíxi, e é descendente do Muatiânvua; no estado que lhe pertence tambem tem o seu calala, que se não deve confundir com o segundo calala do Muatiânvua, que substitue o primeiro, quando este sae em diligencia ainda mesmo em tempo de paz.

Cambaje-uá-Pembe.—E o chefe dos que sentenceiam e que são executores das sentenças. Tem estado no *Muiala-iá-Pembe,* territorio bem delimitado entre os rios Luxíxi e Luíza, por causa de tres altos montes equidistantes entre si e bem visiveis, coroados de grandes penedias descalvadas.

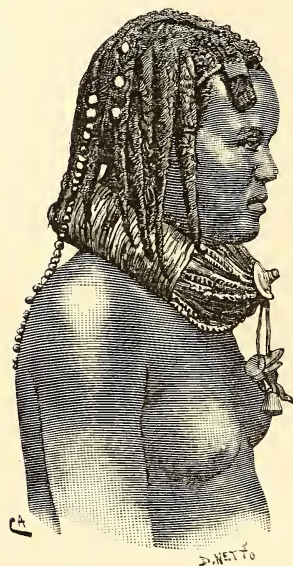
Estive com o homem que tinha este titulo no seu sitio, em dezembro de 1886, e consegui fazer um croquis da sua residencia na base do morro. Como esclarecimento devo accrescentar que *muiála-iá-pembe* (*mŭala ĭa peb̃e* «pedreira de cal·

careo») é d'onde se extrahe um pó esbranquiçado que os indigenas amassam em rolos para com elle friccionarem o corpo em signal de humildade na presença dos potentados.

É aquella pedreira um bom ponto de referencia do nosso itinerario na carta, e para sentir é que não hajam muitos pontos naturaes analogos, pois os que se tomam das povoações, são de occasião, porque estas mudam de situação frequentemente, e sob qualquer pretexto, com os nomes que tinham, que são os dos potentados.

TYPO CACONDA

Assim no itinerario da primeira viagem do fallecido Dr. Pogge apenas se encontram *Quibundo* e *Muansansa;* no de Otto Schütt apenas *Maí Munene* (quedas de agua do Chicapa); no do Dr. Büchner aquellas povoações do Dr. Pogge e *Capenda-cá-Mulemba,* proximo do Cuango na margem esquerda e no de Rodrigues Graça, *Xacambuje.*

E sabe-se onde eram as residencias do Muatiânvua com quem estiveram, por indicações dos homens que existiam nesses tempos, e por a sua destruição ser de moderna data, por que com respeito a indicios só os vi no Luambata, e certamente por ter ahi ficado a colonia de Ambaquistas que lá encontrei.

Continuando a noticia que estava dando sobre os differentes personagens e suas povoações, que existiam no méssu da mussumba, seguem-se:

Muene Têmbue.— Filho de Muatiânvua, immediato do Suana Mulopo (principe herdeiro). Tem o seu estado na Mussumba, isto é, a sua residencia official, e por sua conta faz lavrar as terras que o Muatiânvua lhe dá já fora da sua residencia, mas proximo d'ella.

Muene Casse. — Com honras de Muatiânvua. É cárula; foi o primeiro d'este nome, tio de Muatiânvua, e os seus descendentes conservam essas honras. O actual, tem o seu estado na margem do Luíza (Ruíza); porém o seu delegado e forças teem a sua povoação na mussumba.

Fazem ainda parte do méssu, os representantes de:

Muene Quijidila.— Tambem cárula; tem seu estado na margem direita do Lulúa.

Muene Capanga. — Cárula; tem seu estado que é grande, ao norte d'aquelles.

TYPO MALANJE

Muene Mussengue. — Cárula; tem seu estado na margem esquerda do Lulúa confrontando com os dos precedentes.

Uana Mutombo.— Curandeiro do Muatiânvua e que o preserva de feitiços. É quem faz os *muquíxi* e *quiteca;* o seu estado é ao norte e proximo do precedente.

Muene Panda.— Cárula, com honras de Muatiânvua; o seu estado é grande ao norte de Muene Capanga.

Muene Dicamba. — Cárula; o seu estado é ao norte d'este.

Muene Cahunza.—Filho do Muatiânvua Ambumba, hoje sem estado.

Muene Catota e Muene Mulombe. — Filhos de Muatiânvua, hoje sem estados.

Muata Quibundo.— Cárula, tem honras de Muatiânvua; o seu estado, um dos maiores, é na margem esquerda do Quicapa, ao sul.

Muata Xacambunje.— Cárula, com honras de Muatiânvua, o seu estado muito importante está situado na margem direita do Cassai ao sul, vulgo Tenga.

Muene Calenga.—Tem honras de Muatiânvua, e é senhor de Mataba entre o Cassai e Luembe ao norte. Domina numa grande região, e em parte são-lhe sujeitos os Tucongos e os Tubínjis.

Na macala da Muári:

Muata Maí Munene.—Cárula; tem honras de Muatiânvua; o seu estado está na confluencia do Chicapa e Cassai, ao norte confina por este lado com o Lubuco; domina em parte nos Chilangues e Lubas.

Mona-uta-cá-Curuba.—Cárula; já em terras do anterior, o seu estado, limitado ao norte por ellas, estende-se para sul na margem esquerda do Chiúmbue até terras do Muansansa.

Muene Chibuíco.—Curandeiro e advinho do Muatiânvua; o seu estado é na margem direita do Cassai.

Muene Chiota.—Mestre de ceremonias na côrte; tem o seu pequeno estado na propria mussumba.

Muata Xacala.—É o regente quando o Muatiânvua sae para a caça ou para a guerra; o seu estado é no Calânhi, mussumba do primeiro Muatiânvua, mussumba de honra e onde, no anzai, existem os restos dos descendentes d'aquelle até Muteba. Os successores d'este soberano, nem sepultura tiveram por serem mortos pelo seu povo.

Anguina Ambanza.—Mãe (ou representante da mãe do Muatiânvua); tem o seu pequeno estado na mussumba, onde vive sempre. *Ná* é abreviatura de Anguina.

Acaje.—Mulheres do harem do Muatiânvua; pela ordem de sua jerarchia na côrte são a contar da Temeínhe: Caxinhica, Chisoqueínhe, Maíca, Mutondo, Mene, etc.

Na macala da Temeínhe:

Muata Mucanza.—Cárula com honras de Muatiânvua; governa parte de Mataba a sul, e o Landa. O seu sitio é na margem esquerda do Cassai, ao norte de Calenga, logar já diverso do indicado pelos Drs. Pogge e Büchner.

Muata Muansansa.—Cárula; o seu estado é na margem esquerda do Chiúmbue. Já estão cortadas as suas terras pelos Quiôcos desde 1880.

Muene Luhanda.—Filho d'este; tem o seu estado mais ao sul entre Chibundo e Xacambunje.

Muata Caungula.— Cárula; senhor do maior poderio de terras, do Luembe ao Cuílo. O primeiro potentado por auctorisação do Muatiânvua, dividiu o seu estado por um irmão e um filho attendendo aos seus bons serviços, nas conquistas de povos. Os descendentes teem mantido essa divisão, posto que num estado muito turbulento, conservando os potentados, uns em relação aos outros, os graus de parentesco de então, embora não sejam parentes hoje, distinguindo-se o titulo de Caungula, entre os chamados irmãos, e designando-se o que representa o mais novo, por Caungula de Mataba, o qual é considerado como o chefe do mazembe d'este grande estado; o do filho foi sempre Bungulo. O sitio do primeiro é na margem esquerda do Lôvua.

Caungula de Mataba.—Cárula; o seu sitio é na margem esquerda do Luembe, ao norte, na fronteira das terras de Mataba, estendendo-se pelo norte até á confluencia do Luembe com o Chiúmbue e pelo sul até terras do Bungulo.

Bungulo.— Cárula; o seu sitio é entre os rios Chiúmbue e Luachimo.

No cruzeiro, a que chamam *miata,* do lado da Muári; ficam as povoações de:

Muári-uá-Quilombo.— Mestre de campo das forças armadas.

Cana Golungo.— O que vigia as aguas.

Fuma Anganda.— O que vigia as lavras do Muatiânvua.

Tunzo.— O que vigia os serviçaes.

Fuma tuxalapóli. — Muene Caje, chefe dos guardas.

Támbu Calau.— Immediato d'este.

Famuissassa.— Guarda roupa.

Chicomba-chiá-Mata.— Guarda das armas.

Uana.— Ama secca (ou a sua representante) do Muatiânvua.

Amilombe.— Damas, mulheres ao serviço da Muári.

No cruzeiro a que chamam (*kipala*) do lado da Temeínhe ficam:

Muata Candala.— O particular do Muatiânvua.

Anguina Muana.— Mãe da Muári.

Uana malufo.— Guarda das bebidas.

Luína. — Guarda dos moveis, utensilios, etc., pertencentes ao Muatiânvua.

Cambúia.— Cacuata, carrasco.

Muene Séji, Muene Cadinga, Muene Muxinda e Muene Canéji. — Quilolos de honra ao serviço particular do Muatiânvua.

Uana Cabuavo.— Guarda e porta bandeira do Muatiânvua.

No mucano da direita:

Muitía.— Cárula tem as honras de Muatiânvua; é o quilolo que recebe maior numero de milambos (tributos); é grande o seu estado, na margem esquerda do rio Calânhi. Confinam as suas terras com os Uandas, anthropophagos, e com terras do Lubuco. É o primeiro conselheiro do estado e é por isso muitas vezes procurado quando vem á mussumba, e ahi passa grandes temporadas. É da familia d'elle que geralmente se escolhe uma donzella para muári do Muatiânvua, logo em seguida á ultima ceremonia da posse.

Lucuoquexe.— Muári Camonga, titulo que Luéji-á-Cônti recebeu quando seu filho herdou o estado, pelo fallecimento do pae, o chibinda Ilunga. Ella que era a senhora das terras da Lunda, Suana Murunda, passou a accumular com o estado que tinha este, muito superior em grandeza pela quantidade de quilolos que seu filho ordenou lhe pagassem tributo, e por isso adquiriu maiores encargos como o titulo o indica. Aquella palavra é composta do prefixo *lu,* do verbo *kŭoka* «tratar, cuidar, curar», e a terminação *exe,* que impõe a obrigação de fazer a acção que o verbo indica. *Lucuoquexe* quer dizer:— pessoa que faz tratar, cuidar, curar do estado e da pessoa que o governa, que é o Muatiânvua. Ella e todo o seu estado occupam uma grande área de terreno para as suas povoações, por que tem de contar com o necessario para hospedar os que vivem nos seus sitios e que frequentemente a vem visitar; e ainda com os hospedes de grande categoria. Constitue uma mussumba, só por si, porém para não haver confusões deramlhe o nome de *muíla.*

No mucano da esquerda:

Suana Mulopo.—Primeiro principe herdeiro do Muatiânvua; tem o seu estado na margem esquerda do Calânhi, a sul. O segundo é governador do Tenga, que tem seu estado na margem esquerda do Cassai e em terras de Xacambunje, com o titulo de Xanama, que tem honras de Muatiânvua. O terceiro é Muata Mussenvo, tambem com honras de Muatiânvua, e tem seu estado na margem esquerda do Luachimo em terras do Bungulo.

Mona Uta.—Filho de Muatiânvua, defensor do que está no poder; especie de condestavel. Tem um pequeno estado na mussumba.

Muadiata.—Immediato d'este, vigia pelas armas que pertencem ao Muatiânvua; tambem tem seu pequeno estado na mussumba.

No mazembe:

1.º Canapumba.—Grande quilolo, que se distingue do seu immediato por ter *mujima* («grande») em seguida ao titulo. Tem povoação consideravel e a ella faz o Muatiânvua aggregar muitos dos seus *tucuata* («officiaes de diligencias») e povo, quando regressa de expedições. É por assim dizer o guarda-costas do Muatiânvua quer na paz quer na guerra; vigia para que elle não seja atacado á falsa fé; tem seu estado na margem esquerda do Calânhi até ao Luíza, confinando pelo norte com os Uandas.

2.º Canapumba—Substitue o primeiro quando ausente; este reside sempre na mussumba com o seu povo.

Distribuidas na *manga* encontram-se as habitações de:

Muári Muíxi.—Chefe dos cozinheiros.

Muvazo.—Chefe dos tocadores de marimbas.

Chissenda Manungo.—O que tem á sua guarda as caldeiras e mais utensilios da cozinha.

Fuma Chisseque.—O que conduz a umbella ou o guarda-sol que serve ao Muatiânvua.

Casseia.—O copeiro encarregado da distribuição de todas as bebidas.

Camuema.—Mestre (fabricante) de malufo, garapa, etc.

Uana Ampaca.—Mulher encarregada da grande faca do Muatiânvua, e que a transporta quando elle vae em marcha, indo sempre a seu lado.

Uana Mundele.—Mulher que tem á sua guarda tudo o que se tem feito, com destino aos idolos do Muatiânvua, de que é o principal o *Mundele,* que tem casa especial, e d'ahi o titulo.

Uana Mupungo.—O que guarda a cauda com que se enxotam as moscas. Este utensilio contem no cabo ou péga os remedios contra os feitiços.

Muári Noéji.—Quilolo, especie de fiel, o comprador da casa do Muatiânvua; o seu pequeno estado é na propria mussumba.

Chibundo-diá-Mema.—Dispenseiro.

Cahimbo-á-Cumema.—Homem ou mulher, que transporta a agua para o Muatiânvua.

Fuma-iá-Missele.—Chefe dos carregadores da môuha.

Ainda dos lados de fora da Anganda ficam os *tuxalapóli* («vigilantes de policia»), *tumbaje* («algozes»), *tucuáta* («chefes de diligencias»), musicos, cantadores, os alcunhados animaes para imitarem as suas vozes de quando em quando, já de dia já de noite.

Uma mussumba não se faz pois, em pouco tempo; mas o essencial, que é a chipanga, com o seu méssu e mazembe fica traçada logo no primeiro dia, e a anganda do Muatiânvua prompta a recebê-lo ao sol posto.

O que é notavel é que tanto na mussumba para permanencia, como nas provisorias, que se construem em tempo de caça, ou para descanço em jornadas, ou mesmo as que se fazem no theatro da guerra, além de se observarem os mesmos preceitos para a distribuição de logares, á medida que as habitações se vão construindo, ha sempre toda a attenção com os idolos, com receio de que estes possam fazer mal aos moradores na nova localidade, mesmo durante a construcção.

É por isto que os Lundas entendem como indispensavel proceder logo á plantação de um certo numero de arvores e arbustos dentro e fora dos recintos que cercam, e mesmo nos

caminhos e em logares afastados d'estes, mas ao alcance da vista.

A bananeira, as pequenas palmeiras, as plantas da familia das cactaceas e outros arbustos leitosos, e plantas chamadas de ornamentação, lá se vêem resguardadas, rodeadas de torrões ou cercadas com varas delgadas, tendo a seu lado panellas e fundos de cabaças, algumas já quebradas, umas com terra e plantas, outras com agua e ainda outras contendo os *milongos* (*milog̃o*), que se dizem precisos para limpar o ar de contagios e feitiços.

Todas estas plantas, assim dispostas, teem as suas caldeiras em redor, e são cuidadosamente tratadas, não se lhe faltando com a necessaria rega em tempo proprio.

Os idolos são muitos; e todos encontram quem os represente, o que não succede com o feiticeiro, que elles dizem haver, porque quem o representasse seria considerado como o proprio feiticeiro, e podia contar com morte certa.

Representar um idolo é pedir para elle [1], e com a colheita de donativos se lhe fez o festejo. É uma creação puramente imaginaria, e não percebi a descripção que os seus devotos pertendiam fazer-me d'elle, a não ser que são entes invisiveis e que nos querem mal, tendo poderes de molestar quem lhes apraz por modos diversos; e são tantos os idolos quanto os males que por diversas formas nos podem affligir. Festejam-se para lhes desviar a attenção da nossa pessoa e para nos esquecerem.

Entre os muitos que existem, tomei nota como sendo de mais nomeada, os seguintes:

Mundele (*mud̃ele*).— Festejam-no para se não oppor á fortuna em assumptos de caça.

Calemba (*kaleb̃a*).— Se uma doença grave ataca qualquer pessoa, mas que é geral e não ataca só uma parte designada do corpo os advinhadores dizem, ser a doença de idolo; os

[1] *padi mut̃u ukŭita mukixi ŭed̃i* «cada um pede para o seu idolo».

parentes tratam de festejar o Calemba, para que se não opponha ao curativo e permitta que o doente se restabeleça.

Cafunda (*kafuda*).—Este é considerado mais cruel e temeroso, e veiu na companhia do pae do primeiro Muatiânvua. Pode um individuo estar bom e ser excellente pessoa e elle de repente, irando-se, dar-lhe a morte ou fazer com que o matem. É muito festejado porque todos o temem.

TYPO MASSAI
(*Apud* Thomson)

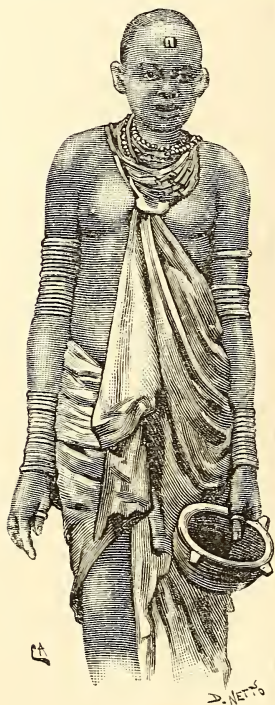
Sapo-iá-Lupeto (*sapo ĭa lupeto*).—É muito festejado principalmente pelos que teem de fazer uma viagem; pois dizem que elle nos caminhos pode fazer muito mal aos viandantes.

Umbaje (*ubaje*).—É o que se festeja na ceremonia chamada da *lucanga,* para que não traga guerras á pessoa a quem se está collocando, mas no caso que venham, que a victoria lhe pertença.

Nhambua (*ñabŭa*), e *Cabila* (*kabila*).—São festejados pelos caçadores antes de partirem para a caça, para não lhe apparecerem, emquanto elles apontam ao animal ou no acto de o matarem.

Camuau (*kamŭaŭ*).—É muito festejado pelos namorados, para se não metter entre elles e os separar; dizem que os casaes se desunem ou por causa de feiticeria que lhes fazem, ou então porque o idolo não está contente com elles.

Congolo (*kogolo*).—É muito procurado pelos que se acasalam para se não oppor a que de sua união haja filhos, porque a causa só pode provir de feitiços, ou d'este idolo que é muito malfazejo.

Cabuíza (*kabŭiza*).—É muito festejado por um casal, quando a mulher está proxima a dar á luz. A cubata por dentro e em

redor é guarnecida de bujigangas: chifres pequenos e grandes com milongos, panellas, ramos de folhas, etc., e tambem o seu muquíxi é guarnecido de diversas figurinhas para o Cabuíza não poder lá entrar.

Beza.—É o que faz as doenças nos pés.

Maca.—É o que faz as doenças nos braços.

Quífuo Méssu (*kifũo mësu*).—É o que faz a doença dos olhos.

Çapanga Saza (*kapañga saza*).—Este, dizem os crentes ser muito mau; faz nascer uma creança ou um animal com os braços dobrados para dentro.

TYPOS QUIOCOS (QUICAPA)

No nosso acampamento havia uma cadella que teve tres cachorrinhos: um morto que se deitou fora, outro que viveu só dez ou doze dias, com os membros anteriores dobrados para dentro de modo que mal andava, e por isso se mandou deitar ao rio, e o terceiro que engrossou despropositadamente e que mal se mexia. Este, passados vinte dias, começou a ganir constantemente e durante dois dias parecia que o animal estourava pela grande barriga que tinha. Investigada a causa conheceu-se que não tinha orificio para evacuar. Era tarde para se lhe fazer qualquer cousa, e em breve morreu.

O meu interprete, que em questões gentilicas era um oraculo, quando eu mandei deitar fora o cãozito aleijado, veiu dizer-me

que não fazia bem, que aquillo era doença do idolo Capanga, e isso ia contrariá-lo e que nos podia prejudicar! Mandei-o passear, e quando morreu o ultimo, disse-me elle: vê o patrão! já começa o idolo a vingar-se.

Saimos d'aquelle acampamento, e a cadella que peorára e que nunca mais quiz comer, morreu em marcha; foi tambem o Capanga que a matou me asseverou elle. Mas isto não era para estranhar porque o referido interprete já vira sair do rio Cuango, á chamada de um anganga seu amigo, uma onça! Fallou com ella, mandou-a retirar e ella tornou a mergulhar e desappareceu!

Múfua Mungongue (*mufŭa muğoğe*).—Este, dizem, é que produz a loucura; todos o temem por se recearem de tal desgraça para seus filhos.

Chiuíla (*čiŭila*).—Foi mandado vir do sul por uma Lucuoquexe velha, em razão de lhe terem dito que este se oppunha a felicidade das raparigas e lhes dava uma doença que as matava antes de serem mães.

É por isso que todas as raparigas numa certa idade vão, com as mulheres que se dizem protegidas do idolo, fazer-lhe uma festa e procurar a sua amizade; tendo por fim principal a ablação dos grandes labios do orgão sexual.

Ha outros idolos especiaes da caça: *Muta Calombo* (*muta kalob̃o*), *Canzonji* (*kažoǰi*), *Pancassa* (*pak̃asa*), e *Támbu* (*tab̃u*). Ha quem pense que *Mulája* e *Caiáji* dão feitiço, e a duvida desejam elles nunca se esclareça, porque se tal succede, os ambiciosos aproveitam-se d'isso e não deixarão de enfeitiçar a quem querem mal.

São geralmente as raparigas do Muatiânvua ou de qualquer quilolo que representam os idolos. Ás vezes andam duas, tres, quatro e mais mascaradas a capricho com pannos á roda da cintura, caindo até aos joelhos a formarem um saiote bem tufado, com os peitos cruzados de fios de missangas finas e grossas que vão passar pelas costas, e tambem com outros fios suspensos ao pescoço e com hastes delgadas de trepadeiras, com folhagem a tiracollo e sobre o saiote. Enfeitam a cabeça

com grinaldas de folhas e tambem com lenços de varias côres, amarrados com as pontas caidas para trás sobre as costas ficando as grinaldas por cima. Fazem lembrar as dançarinas de theatro de feira, ou melhor pelas trepadeiras com cachinhos de bagos pretos, as creanças que antigamente entre nós se vestiam em trajes allegoricos ao mez de maio.

Na mão trazem um objecto, semelhante ás nossas maçarocas de alfazemas feito de fibras vegetaes, tendo dentro pequenos fructos seccos que chocalham, ou então uns cabos de madeira encimados de espheras de fibras entrelaçadas, tendo dentro os referidos fructos seccos ou caroços, sendo ornados estes objectos a capricho com missangas de diversas côres. Outras trazem tambem uma especie de panderetas.

Com estes chocalhos acompanham as suas cantigas que terminam sempre com o *rárárá*[1].

Assim andam de porta em porta, dançando onde as chamam e offerecendo *pembe (pẽbe)* aos transeuntes, que d'elle tiram uma pitada com que fazem uma cruz no peito, nos braços e nas costas das mãos, isto em signal de que podem ellas ir buscar á residencia d'esse individuo a propina, que consiste em retalhos de fazenda, missangas, ou generos alimenticios, o que tudo serve para a festa do idolo.

Se o idolo que se festeja é de caça, são estas representantes muito procuradas por todos os caçadores que pagam boas propinas para terem fortuna na caça, e como a festa toca a todos, a colheita é grande.

A idolos que elles já imaginaram, dando-lhes formas toscas de figuras humanas, teem para alguns um logar reservado a que chamam *muquixis*.

O vocabulo *muquíxi (mukixi)* tambem se applica ás figurinhas ou imagens, e as que vi não excediam a altura de $0^{m},30$. São chatas ou arredondadas, ou podem mesmo ser feitas em relevo no tronco de uma arvore.

---

[1] O *r* pronuncia-se muito brando.

Os que excedem aquella altura, de corpo inteiro, denominam-se *chiteca* (*čiteka*), mas se representam uma mulher tem o nome de *chicombe* (*čikoƀe*).

Podem estar abrigados ou não, e os abrigos serem ou no solo ou acima d'elle.

Os abrigos tenho-os visto em forma de oratorio, sem porta nem frontaria, com o seu telheiro revestido de capim ou de folhas; mas as trepadeiras são os ornatos que mais agradam á vista.

Existem proximo das cubatas, aos donos das quaes pertencem, e são os mais estimados; lá tem a sua bananeira ao pé, ou o seu *dívu chi noéji* (*divu či noéji*, pequena palmeira), a competente panella com agua contendo plantas, etc. Tambem se vêem pelos caminhos.

Observa-se muitas vezes nas povoações aqui e ali um cone de capim, que parece tapar alguma cousa, ao levantar-se porém nada se encontra, mas é um muquíxi e respeita-se.

Usa-se pintar os idolos com tinta preta, branca e vermelha que se obtem da seiva de algumas plantas. Riscam-os, serapintam-os ou dos dois modos combinam aquellas côres como entendem de melhor effeito.

Ha muquíxis mais bem acabados que outros; porém o chiteca é sempre muito tosco e extravagante, porque o fazem de cabeça muito grande, pescoço muito delgado, barriga preeminente, pernas extremamente pequenas e grossas, etc.: os mais perfeitos são os que trazem os Congos do Zaire.

Ha tambem quem use pendurá-los, quando miudos, ao pescoço das crianças como amuletos, e bem assim formas de mãos, pés e apitos feitos de madeira ou mesmo de marfim, com o mesmo fim.

Nesta região os melhores muquíxis são feitos pelos Quiôcos, porém os que são trazidos do Congo e do Zaire, repito, são os mais perfeitos.

Por analogia chama-se muquíxis a uns figurões que apparecem isoladamente ou em danças, exquisitamente mascarados, querendo alguns representar qualquer animal com grandes cau-

REPRESENTANTE DE UM MUQUÍXI

das; os melhores são os que pretendem arremedar os macacos, trazem a sua mascara de madeira muito grande, afunilando para a barba, apenas com buracos no logar dos olhos e bocca, uma grande cabelleira de corda, ou barrete coberto de muitas pennas, geralmente de gallinha, trazendo enfiadas nas pernas e braços argolas com objectos que façam muita bulha, para acompanharem as suas cantigas. Levam o dia inteiro ou a noite dançando, e a importunar todos emquanto lhe não mettem na mão a desejada propina. Apparece d'isto tambem no Xinje e entre os Quiôcos.

Em jornada vi muita vez, á beira do caminho, e mesmo nos descampados e tambem na mussumba distante das povoações, amontoados de troncos seccos dispostos em formas diversas ou espalhados em quadro, triangulo ou em posição vertical, formando pyramides mais ou menos altas; são monumentos que os caçadores levantam ao seu idolo *Canzónji*. Os de Malanje chamam-lhe *muxaela*.

Um chifre grande, espetado num tronco de uma grande arvore, tendo em volta o terreno limpo e pisado, uma trepadeira a enlear essa arvore, e uma cabaça e panella suspensas de outro tronco, constitue isso tambem um monumento dedicado a um outro idolo denominado *Muata Calombo*.

Todos respeitam muito esses monumentos e por isso se conservam annos nas mesmas condições, sendo muitas vezes reparados e augmentados por outros caçadores.

Servem elles de indicação aos caçadores peritos, pois pela sua construcção, disposição, orientação e ainda por outros signaes, dão a conhecer o cognome de caça de quem o fez, o logar onde encontrou caça, sua qualidade, emfim se viu muita ou pouca, se ha agua ou não perto, etc.

E já que fallámos d'estes monumentos, não devemos esquecer os tropheus dos caçadores que se vêem em pontos diversos de uma chipanga, ou mesmo no centro das povoações.

Observam-se umas certas ceremonias, no logar em que se determina collocar um tronco de arvore grande com muitas ramificações, despido da folhagem para servir de cabide ás ca-

veiras, chifres e ossadas maiores dos animaes mortos pelo caçador da povoação, quando esses animaes são de grande porte.

Essas ossadas são enfeitadas com tiras de baeta, preferindo-se para isso a vermelha.

Á ceremonia da *muhanhe* (*muhañe*), assim se chama aquelle tronco, preside o chefe da povoação e assistem todos os seus caçadores.

A que vi, era presidida pelo Muatiânvua em pessoa, e fazia-se para se collocarem dois d'esses cabides, um ao lado do outro e o ceremonial usado consistiu no seguinte:

Abriram-se a poucos passos de distancia da entrada do grande pateo da chipanga, duas covas pequenas, uma perto da outra, não excedendo a sua profundidade $0^m,4$. Em frente de cada cova, um quilolo aguentava o tronco que nella devia entrar, e entre elles estava o curandeiro do Muatiânvua tendo a seu lado um outro quilolo com uma panella que continha agua preparada com folhas e uns certos ingredientes.

Em frente do intervallo das covas e do curandeiro collocou-se o Muatiânvua. Todos os caçadores e tuxalapólis estavam armados de espingardas e armas gentilicas, fazendo grande roda ao grupo.

O Muatianvua bateu tres palmadas, e o curandeiro, molhando um ramo de folhas na agua da panella, aspergiu-a sobre as covas, dizendo umas palavras rituaes. Em seguida avançou, fazendo o mesmo ao Muatiânvua e correu a roda dos espectadores, fallando sempre, tudo em allusões aos antepassados do Muatiânvua, cujos espiritos invocava para que fossem coroados de bom exito os seus esforços e que os troncos que se iam implantar em pouco tempo ficassem carregados de cabeças de animaes, e que não houvesse fome de caça.

É de uso invocarem-se só os nomes d'aquelles que pela tradição conservam a fama de bons caçadores.

Approximaram-se depois do Muatiânvua dois caçadores, cada um com o seu prato, trazendo um pembe, e outro ocre que se esmagam facilmente entre os dedos, dando aquelle um pó que mascarra de branco e este de vermelho. O Muatiânvua dirigiu-

se com estes até ás covas, e ajoelhando entre ellas esfregou a cara, peito e braços, primeiro com o pembe, depois com o ocre.

Em seguida reuniu todo o ocre com o pembe no mesmo prato, que pousou entre as covas.

A roda dos circumstantes alargou-se então, e cada um segurando a espingarda com as duas mãos inclinou-a para a frente com a bocca para cima, bambaleando o corpo, ora para a frente ora para os lados, ao compasso de um cantico ou melopeia triste, allusiva aos caçadores, e assim estiveram algum tempo, emquanto o Muatiânvua, olhando primeiro para as covas, depois para o céu, fazia as invocações, pedindo fortuna para os seus caçadores.

Estes, tendo avançado e apertando-se, estenderam as espingardas a toda a altura dos seus braços a cobrirem o Muatiânvua, que á medida que ia lançando pitadas de pó, ora numa ora noutra cova, pedia aos antepassados que nomeava:—que não o contrariassem fazendo que os seus caçadores não encontrassem caça ou tivessem más pontarias; que era filho d'elles e desejava partilhar da boa sorte que elles tiveram; que se alguem lhes fez mal não fôra elle de certo, porque nem sequer os conheceu, e referindo-se aos que conhecera, porque ainda era criança e as crianças não fazem mal a ninguem, etc.

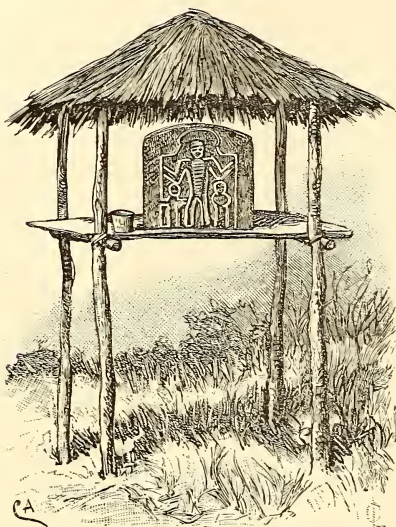
A musica de marimbas e de outros instrumentos acompanhava este recitativo.

Acabado elle, os caçadores começaram a cantar e a dançar grotescamente em redor dos troncos. O Muatiânvua tambem dançou mas junto d'estes. No emtanto, chegou um quilolo, acompanhado de um rapaz que transportava cabaças com malufo, as quaes collocou junto das covas.

O Muatiânvua, deitando malufo numa caneca, foi-a despejando, primeiro numa e depois noutra cova, porém vagarosamente, e intermediando com o pó do pembe e do ocre cada um por sua vez, fallando sempre em voz baixa para os seus antepassados, e terminando por deitar uma porção maior de malufo quasi de repente em cada cova.

Acabada esta operação collocou-se o Muatiânvua entre os dois troncos segurando-os com as mãos, e os caçadores dançaram e cantaram novamente o que elles chamam a sua canção.

Riscou depois o Muatiânvua os troncos em baixo com o pó, formando uma cruz, e os quilolos que os tinham amparado desde a primitiva levantaram-nos ao ar e deixaram-nos cair com um certo esforço no meio das covas.

Então o Muatiânvua e todos encostaram as espingardas aos troncos, e o curandeiro com o seu ramo de folhas foi aspergindo a agua da sua panella sobre o Muatiânvua, e depois apresentou-lhe a panella e o ramo. Este então, emquanto os caçadores andavam em roda dos troncos, chamando os espiritos dos caçadores afamados em seu favor, foi aspergindo, ora as covas, ora as espingardas, ora os caçadores que se lhe approximavam.

MUQUIXI

Os caçadores conservaram-se por algum tempo dançando e cantando em roda dos troncos, até que chegou um quilolo com um prato, contendo tiras de baeta encarnada e de algodão branco, e um outro quilolo tomando o prato do pembe e ocre vermelho que estava no chão, puzeram-se ambos ao lado do Muatiânvua, que depois correu a roda dos caçadores distribuindo pembe.

Consiste a distribuição do pembe em o Muatiânvua riscar no peito do caçador que, por seu turno se lhe apresenta, uma cruz, sendo o traço branco ao alto feito com o pembe e o transversal com o ocre vermelho.

TROPHEU DE CAÇA — POVOAÇÃO DE QUIBANGO

Cada um por esta occasião tomou do prato das fitas, a que lhe conveiu pela côr, branca ou vermelha, e o Muatiânvua fez-lhe no braço direito uma nova cruz da côr da fita. O caçador depois d'isto foi buscar a sua espingarda, amarrando a fita na ramificação d'um dos grandes troncos em que tinha mais fé, sendo para esse que destinava uma reliquia do animal que houvesse de matar.

Esta ceremonia observou-se com todos os circumstantes, que depois de terem tomado as suas espingardas, as foram encostar em logar retirado, principiando logo a cantar e dançar.

O Muatiânvua depois, tomando uma porção da terra que saiu das covas, ageitou-a na palma da mão esquerda, borrifou-a com malufo, e com os dedos da direita amassou-a de modo a dar-lhe uma forma, lançando-a depois numa das covas. Repetiu o mesmo para a outra.

MUQUIXI

Seguiram-se os caçadores a fazer o mesmo que o Muatiânvua, e este foi sentar-se junto da muári e mais mulheres, onde já havia cabaças de malufo, das quaes escolheu uma para si, mandando distribuir as outras pelos caçadores.

Os quilolos, que sustiveram os troncos, entulharam depois as covas com terra, batendo-a com agua e formando caldeiras em roda, protegidas por um massiço de barro, que com os ferros dos machadinhos molhados em agua alisaram uniformemente.

Em geral esta festa da muhanhe principia de tarde, de modo que ao pôr do sol deve ter terminado a ultima ceremonia da implantação dos troncos com toda a segurança.

Bebem depois todos, acompanhando o Muatiânvua só quem elle chama além dos que o auxiliaram nas ceremonias, e em seguida veem as raparigas e a musica para a dança.

Arranjam-se fogueiras que se procuram manter até madrugada, e em torno d'ellas dança-se e canta-se.

O Muatiânvua, passado um pouco de tempo de assistencia ás danças, retirou para os seus aposentos.

Ha tropheus de caça realmente muito carregados de ossadas, porém alguns são destinados só para cabeças, e são de bom effeito.

Tambem vi tropheus de guerra com as caveiras de inimigos, porém o numero d'estes era limitado e o maximo numero de caveiras que cada um tinha não excedia seis. Informaram-me que noutro tempo viam-se muitos d'esses tropheus; porém hoje onde elles se vêem mais frequentes é nas povoações de Canoquena, quatro dias ao norte da mussumba do Calânhi; são caveiras dos individuos da Lunda que os naturaes conseguiram matar e devorar.

Mencionaremos agora que, espalhados pelas diversas povoações na mussumba e tambem em qualquer dos estados de um quilolo grande, e mesmo em povoações isoladas, se encontra um certo numero de individuos que são mestres de officios, e entre elles conheci os seguintes:

Iselele. — Ferreiro.

Failenga. — O que sabe coser com as nossas agulhas e com fios que fazem do seu algodão, por um processo muito primitivo; é o alfaiate.

Faiala. — O que faz as bainhas para as facas grandes e pequenas.

Uana quingue. — O que faz as portas de capim, de bordão ou canniço para a mussumba, quipangas e mesmo para as cubatas.

Uana môuha. — O que faz a môuha, palanquim de encanastrado de fibras vegetaes.

Mujinga sambo. — O que faz os sambos e braceletes mais finos.

Mucala ueínhe (*mukala ŭeiñe*) [1]. — É o nome que se dá em geral a qualquer mestre; assim:

---

[1] «O que dá vida».

Mucala ueínhe uá chiquita (*ŭa čikita*).—O que trabalha em obra de pelles ou couros.

Mucala ueínhe uá andanda (*ŭa ad̃ad̃a*).—O que fia e bate o algodão.

Mucala ueínhe uá manungo (*ŭa manuğo*).—O que trabalha em obra de olaria.

Mucala ueínhe uá maruto.—O que faz colheres de pau.

Mucala ueínhe uá angoma (*ŭa ağoma*).—O que faz os instrumentos de pancada.

Mucala ueínhe uá mibungo (*ŭa mibuğo*).—O cordoeiro.

Mucala ueínhe uá chicumbo (*ŭa čikub̃o*).—O que levanta cubatas.

Mucala ueínhe uá chicango (*ŭa čikağo*).—O esteireiro.

Mucala ueínhe uá chipaia (*ŭa čipaĭa*).—O que faz cestos e todas as obras de verga.

Mucala ueínhe uá chisapuílo (*ŭa čisapŭilo*).—O que faz pratos, copos, etc., de madeira.

Mucala ueínhe uá sala.—O que faz os distinctivos de pennas para a cabeça.

Quaesquer trabalhos por mais simples e rudimentares que sejam fazem-se á sombra de uma arvore, e quando as não haja, de um abrigo arranjado com esteiras ou capim, a que se chama *uruele* (*urŭele*); porém a gente de officio construe em logar proprio para trabalhar uma especie de telheiro com cobertura de capim.

Nos pequenos largos das povoações encontram-se muitas d'estas officinas a que chamam *múnzuo mueínhe* (*mužŭo mŭeĭñe* «casa de vida, movimento, trabalho, officio»).

As officinas são simples, porque o material com que trabalham durante o dia, além de ser em pequena quantidade, é de facil transporte para as habitações, e além d'isso os objectos fabricados são ligeiros, e quando se acaba o trabalho levam-nos comsigo.

Ha tambem uns recintos irregulares fechados por paus de um metro a metro e meio de altura, tendo a um lado, um pedaço de terreno reservado com cobertura de capim, a que cha-

mam *muhinde* (*muhide* «curral»), que pode servir para gado cabrum e ovelhum ou para gado suino.

Onde ha gado vaccum, são estes recintos muito maiores e feitos com mais segurança. O gado de dia vae para o pasto logo de madrugada, e recolhe ao sol posto.

Todas as povoações dos potentados Lundas que vi em differentes terras tinham mais ou menos a disposição da mussumba; porém como são mais restrictas não está bem definida essa disposição senão pelo que respeita á quipanga do potentado com um grande largo á frente, e ruas espaçosas isolando-a das povoações aos lados.

Em toda a quipanga ha o *chimene* (pateo de entrada), com toda a largura da quipanga, em que se vêem duas ou mais arvores frondosas, á sombra das quaes o potentado recebe os seus amigos sem ceremonial.

Para as audiencias publicas, que são diarias e pouco depois de romper o sol, o potentado tem de sair fora da quipanga para a *ambula,* largo á frente d'ella, em que geralmente tambem ha pelo menos uma grande arvore que se destaca das outras e á sombra da qual tem logar a reunião.

Alguns Quiôcos já se affastam d'este modo de traçar as povoações, mas, ainda assim, as suas residencias propriamente ditas são cercadas e situadas pouco mais ou menos no centro d'ellas, mas isoladas por largas ruas.

Dentro da cêrca não ha divisorias; as habitações, construidas solidamente, estão distanciadas umas das outras e dispostas numa certa ordem.

Entre as habitações em algumas povoações d'estes e dos Bângalas e Xinjes, ha pedaços de terreno cultivado de tabaco, aboboras, cebolas e algumas plantas de mimo como algodão, etc., havendo tambem bananeiras.

No Caungula, talvez mesmo por mais affastado, apesar de se observar a disposição de uma mussumba, a sua quipanga tem mais vastidão e contem muitas habitações mais bem construidas, alinhadas em ruas, fazendo lembrar uma senzala dos nossos concelhos sertanejos.

As povoações dos Quiôcos: Xacumba, Quipoco, Tandanganje e mesmo do Capumba no Quicapa, distinguem-se pela boa ordem e disposição das habitações, que são construidas de paus a pique, a que se dá o nome de chibango, sendo as dos primeiros já de paredes barradas.

As povoações dos Bengos e de Andala Quissúa, a que chamam *ambanza,* em geral são grandes, ficando as residencia dos potentados quasi ao centro.

Estas residencias occupam grande área dividida em repartimentos, e estão unidas a cêrcas que limitam um espaço rectangular, de modo que a frente d'ellas occupa uma parte do lado da cêrca, que fica virada para a rua. Teem só uma porta para esta, mas diversas para o pateo, no qual ha ainda outras casas, quartos para servos, cozinhas e mais dependencias.

Tanto as cêrcas como as paredes exteriores das habitações são revestidas de esteiras ou então de faixas de capim, dispostas com differente desenho e de modo que umas depois de seccas são mais claras que outras.

Tanto as ambanzas como as senzalas são arborisadas e teem entre as habitações canteiros cultivados na epocha propria, trabalho este que pertence ás mulheres.

Em todas as povoações, em geral, as lavouras de mandioca, amendoim, feijão, milho, batatas, etc., são além das habitações e geralmente nas depressões e proximo á beira de rios ou linhas de agua, por serem os terrenos ahi de ordinario mais encharcados ou pelo menos mais frescos.

São de facto as povoações mais internadas dos Lundas, que hoje se nos apresentam num estado relativamente de maior atrazo, e quem ler o que dizia Rodrigues Graça em 1848, julga que o velho sertanejo phantasiou uma mussumba a seu bel prazer.

O retrocesso nos quarenta annos decorridos, explica-se pelas situações anormaes por que teem passado os povos sujeitos ao Muatiânvua, depois de ter fallecido Noéji, que Rodrigues Graça conheceu no poder, e pelo desenvolvimento dos Bângalas e Quiôcos mais em contacto com a civilisação.

Os Lundas que até então, abusando do poder absoluto e terrivel do seu Muatiânvua, dictavam a lei a todos os povos d'esta região até ao Cuango, esmoreceram, perderam o animo para a lucta, recuaram, tornando-se na maior parte inertes, cingindo-se em principio á defesa dos lares, depois fugindo a occultar-se abandonando estes a quem os perseguia, sem se importarem com o futuro.

Se voltam ao sitio é por amor á localidade, ou na esperança de que ali appareçam as suas mulheres, os seus parentes, os seus amigos, que conseguiram escapar-se aos perseguidores, e emquanto permanecem nessa esperança nada os estimula a repararem os prejuizos e a melhorarem o que ainda possam encontrar.

Vegetam não vivem, e para isso contentam-se em esgaravatar nas arvores á busca dos bichos e a procurar no solo as raizes e os ratos.

Mas se conhecemos as causas por que um povo decae e vemos que arrancado o individuo do meio em que a decadencia se dá elle é susceptivel de se regenerar e progredir, não devemos formar sobre elle o nosso juizo quando sujeito sómente a circumstancias anormaes.

Rodrigues Graça, que esteve um anno no Bié e d'ahi seguiu para a mussumba, sentiu tal impressão quando aqui chegou, que escreveu no seu diario:

«O seu terreno, a maior parte é plano, mattos altos nos logares de pantanos, com madeiras de construcção; fertil de farinhas de mandioca, feijão de todas as qualidades, amendoins, azeite de palma, bananas curtas, como as de S. Thomé, e das compridas muito doces e saborosas, batatas da terra, inhames como os do Brazil, caraí, aboboras, gado vaccum em grande quantidade pertencente ao estado, ananazes, abundante de toda a qualidade de caça, peixe dos grandes rios, carneiros poucos, mas em Cazembe grandes rebanhos. O seu clima é quente mas agradavel. Seu inverno principia em fins de julho, e finalisa nos meados de maio, conforme as estações em todos estes mezes chove constantemente, é muito sujeita a raios no

tempo proprio. Cortada geralmente de riachos, muitas nascentes de agua, logares alagadiços intransitaveis no tempo das chuvas, abastecido de frondosos arvoredos. O verão principia em maio; no tempo proprio cuidam de plantar, e muito se assimelha este clima com o do Brazil. É cercada pelo caudaloso rio *Cassaby*, bem como o *Lurua* ou *Rurua*, de que já fiz menção na derrota.

«O Lurua é abundante de peixe, pesca-se a boa tainha, o roballo, além d'outras qualidades de bom gosto; e conforme as apparencias entendo que tem communicação com o mar; sua agua salobra com cheiro a maresia, innavegavel em partes por grandes pedras que obstruem o seu leito. O gentio que habita suas margens, pesca com redes de malha muito compridas, fazendo cerco, e de noite com fachos. Olhando-se, porém, para o costume barbaro d'este povo, admira encontrar-se alguma industria, tendo objectos de uma nação civilisada. Rica de vastas campinas cheias de elephantes e muitos outros animaes silvestres e de muitos palmares, de que extraem o azeite; a canna de assucar ha em grande quantidade e de boa qualidade, etc.

«Ao descortinar tão vastas campinas, quem sae da espessura das mattas fica extasiado, desenrolando-se a seus olhos um panorama encantador. O caminhante fatigado de tão longa e trabalhosa jornada, quando entra nesta mansão parece-lhe ter esquecido tantos incommodos e mil difficuldades que teve a superar. Immensos logarejos apinhados de choupanas fabricadas segundo o gosto de cada um, e no centro dominando, como maioral, a modo de uma torre, a habitação do regulo feita com muita regularidade cercada de um muro de grossos paus em quadrado com dois portões, tendo com muito asseio e simetria; um horisonte dilatado e mui claro, o paiz risonho e fertil abraçando uma verdura perenne, realça a vista do espectador. Não é a ficção que descrevo é a realidade que já testemunham alguns dos brancos que pizaram este solo, se elles deixando o terror por medo de que vão apoderados pela noticia das crueldades do regulo, apreciando o grande e o bello só aformoseado pela natureza e deixando por algum momento

as ideas do interesse, admirariam por certo um quadro tão magestoso!

«Julga-se o viajante achar-se em um paiz civilisado, a policia que encontra, limpeza de ruas, em linha recta, praças espaçosas onde concorrem os seus generos diariamente, esperando achar, segundo o costume, a confusão e a desordem, encontra a belleza, a ordem, o asseio e muitas outras boas disposições tão raras entre o gentio; tudo isto confunde, e como digo, deixa

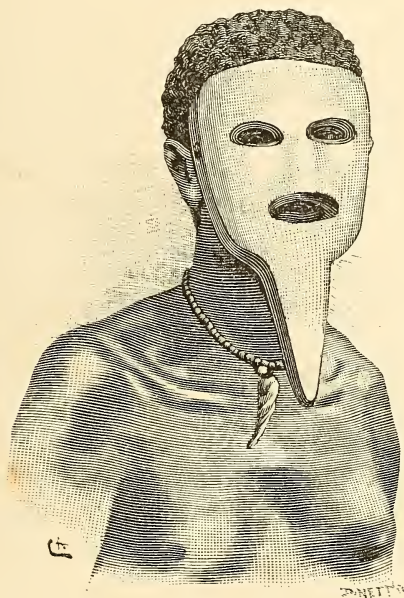
MUXALLA (MONUMENTOS DE CAÇA)

absorto o espectador, desapparecendo o susto de quem vem apoderado de ideas tão melancolicas e tristes.

. . . .

«Com o potentado moram suas mulheres e um certo numero de escravos destinados para o serviço domestico; em cada um dos dois portões tem um porteiro para fechá-los ás oito horas da noite, bem como abrir ao amanhecer. Residem em separado sua mãe, irmão e sobrinha, com seus cercados quadrados e

porteiro, etc. Tem duas grandes praças de mercado, uma em frente da residencia do regulo, principia ás dez horas da manhã e acaba ás duas da tarde; a outra defronte da morada da mãe do regulo, desde as tres horas até á noite, além de muitas outras menores em differentes logares.

«Suas ruas mui compridas, largas, asseiadas e alinhadas, todos os dias são varridas, e todo aquelle que se descuide da limpeza é multado em uma cabra ou uma ponta de marfim,

ANGONGO (CARAÇA)

tendo cada rua um inspector, que fiscalisa o asseio d'ella; tambem nas praças é o terreno limpo á vassoura, não se encontra pedra nem pau.»

. . . .

Se de facto, eu passando por Cauenda, onde já houve duas grandes mussumbas, numa das quaes em 1881 esteve o Dr. Max Büchner, apenas deparei com uma extensa superficie sobrepujada de elevado capim; se Cabebe, onde existia a

mussumba do Muatiânvua Noéji que Rodrigues Graça nos descreve, só se conhece ter sido logar habitado pelo solo batido que se vê em alguns pontos; se em Cápue Camáxi apenas uns paus de uma cêrca, que se transformaram em arvores, nos indicam o sitio da mussumba do Muatiâvua Ambumba onde esteve o fallecido Dr. Paul Pogge; se em Chimane e no Luambata só se vêem entre o capim restos de ruinas das mussumbas do Muatiânvua Muteba onde esteve Lourenço Bezerra; e finalmente se só no Calânhi eu vi em parte desmoronada a mussumba mais antiga, aquella onde se investe da posse do seu cargo o Muatiânvua eleito; é compensada a minha curiosidade e dá-me elementos para ajuizar do que foram todas essas mussumbas a povoação importante que encontro no Luambata, entre os logares em que estiveram estabelecidas as mussumbas d'este nome e de Cápue Camáxi, cuja planta apresento.

Nesta povoação devo notar que encontrei alguns Ambaquistas e filhos de Malanje e seus arredores, que para ali foram como carregadores de comitivas de commercio e ficaram aggregados aos primeiros. É a estes que se devia em parte não só a ordem e asseio da povoação, mas ainda o movimento, a vida que nella se disfructava.

Depois de Rodrigues Graça, estabeleceu-se em Chimane Lourenço Bezerra, filho do Golungo, que durante vinte annos apenas cinco vezes foi a sua casa nas terras de Malanje, sendo a ultima a do seu regresso definitivo, morrendo dois annos depois em 1885.

Conhecia elle já muito bem o systema de negociar no sertão, em que decorrem os annos esperando-se a cobrança de creditos, e quando tomou pela primeira vez a resolução de ir para a mussumba, levou comsigo alguns companheiros, gado vaccum e sementes, com o pensamento de se rodear de um certo numero de commodidades.

O Muatiânvua Muteba, que então estava no estado, havia comprehendido que mal andára o seu antecessor Noéji em lesar por pretextos cavilosos, e com dolo e fraudes, as comitivas do commercio dos Bângalas de Quiôcos e de Quim-

bares, que nos seus ultimos tempos procuravam a mussumba e arrabaldes para negociarem; e tanto elle como a côrte não esqueciam, como um grande mal para o Estado, a espoliação violenta feita á grande comitiva de Graça, sobre quem já não havia então duvidas de que era um verdadeiro filho de Muene Puto, que lá fôra mandado para beneficio dos povos.

Por isso Muteba, offerecendo-se-lhe com a chegada de Bezerra ensejo de fazer esquecer o labeu de *mucato* (*mukato* «selvagem») e de *muíji* (*mŭiji* «ladrão»), que Noéji adquirira para si e seus successores pelos actos que praticara para com os negociadores que vinham das terras de Muene Puto, que elles sempre consideraram seu protector, procurou resgatar pelo seu procedimento com aquella comitiva a boa fama perdida da localidade para o commercio, attrahindo assim futuras comitivas e tirando do seu convivio todo o partido em beneficio dos seus povos.

E é certo que bastante fez da sua parte, não deixando de pagar os seus creditos religiosamente.

Lourenço Bezerra, vulgo entre elles Lufuma, fallava perfeitamente a lingua da Lunda, tinha uma grande pratica de convivencia com europeus na provincia de Angola, era já a esse tempo homem de seus quarenta annos e soube insinuar-se no animo de Muteba e da sua côrte a ponto de ser consultado mesmo nas questões do estado.

Concedendo-lhe Muteba uma grande área de terreno ao lado da sua mussumba, dedicou-se á agricultura, que já conhecia de Ambaca e Golungo, e montou varias officinas de trabalho.

Muteba ia todas as madrugadas ver os trabalhos de seu amigo e tratava de o imitar na agricultura.

Ainda hoje se vêem vestigios de grandes arrozaes e se encontram varios productos horticolas, degenerados, introduzidos lá por Bezerra.

Muteba chegou a estabelecer multas de trabalho para quem na sua presença pedisse tabaco a outrem, ou a passagem do cachimbo ou mutopa a qualquer que fumasse para d'elle tirar duas ou tres fumaças como é de habito ainda hoje.

Não perdoava a ninguem nem mesmo á sua muári, que não plantasse tabaco, quando reconheceu que sem trabalho floresciam em pouco tempo as plantações por elle mesmo feitas, depois que viu como o seu amigo as fazia. O mais que consentia era que o multado se fosse da côrte, ou desse um escravo por si, para ir plantar as sementes ou plantas que elle mesmo dava então ao individuo que multava.

TYPO BIÉ
(Phot. de Moraes)

Fazia Muteba tanto gosto nas creações de gado vaccum, que Lufuma, tendo necessidade de ir a Malanje fornecer-se de uma nova factura, lhe fez presente de todo o gado que tinha, que, junto ao que elle já havia adquirido pelos presentes que em principio lhe fizera, constituiu a sua grande manada denominada de Chimane, que deu logar a outras do Luambata e de Cauenda, attingindo todas no anno de 1882 o numero de 1:200 cabeças.

Bezerra, sempre que regressava das suas excursões á provincia, trazia-lhe, além de presentes e encommendas, algumas cabeças do melhor gado para creação.

É costume os fidalgos da côrte apresentarem para o serviço do Muatiânvua um de seus filhos, quando a sua idade regula por quatorze annos; pois Muteba ao entregarem-lhe alguns d'estes rapazes, mandava-os a Bezerra para os adestrar em algum officio e tambem ensinar-lhes a escrever a lingua de Muene Puto.

Conheci no Luambata tres Lundas que escreviam portuguez de modo que eu entendia o que queriam dizer. Tinham sido discipulos de Bezerra.

O Dr. Pogge, quando regressou da Mussumba, recebeu de Bezerra para a sua viagem uma sacca de arroz de Chimane, que agradeceu com um bom presente.

Nas suas officinas fabricavam-se: tangas, pannos tecidos de algodão ou fios texteis de uma planta da familia das cannabineaceas, e d'estes pannos de diversas grandezas se faziam até lençoes e roupas ao nosso uso; calçado de couro e mesmo d'aquelles pannos; colheres, caixas, bancos; utensilios de ferro, como machados, enchadas, facas, fechos, etc., já um aperfeiçoamento do que sabiam fazer; do canhamo e de fibras de outras plantas texteis faziam-se tambem chapeus imitando os nossos de palha, grandes esteiras, boas cestas, etc., e de obra de oleiro vasilhas muito mais perfeitas do que antes, a julgar pelas que consegui ainda ver nas povoações dos Lundas que visitei.

TYPO BIÉ
(Phot. de Moraes)

É incontestavel que durante os dois annos do governo de Muteba, o que se chamava a côrte, a região entre o Luíza e Calânhi, passou por uma grande transformação.

Veiu depois o Ambumba que fôra Xanama (governador) no Tenga[1] e Lourenço Bezerra, ainda por algum tempo se conservou em Chimane, porém aquelle potentado era muito exigente, e Bezerra não poude proseguir na sua obra civilisadora, e teve de retirar servindo-se de um subterfugio, aliás perde-

[1] É a região entre 9° e 10° latitude S.; Xanama residia na margem esquerda d'este rio.

ria traiçoeiramente a vida. Ambumba, sendo Xanama, jurára vingar-se da Mussumba, e conseguindo ser Muatiânvua e auxiliado pelos Quiôcos, empregou todos os seus esforços para a aniquillar bem como o estado em geral, entregando-o á descripção d'elles.

O esphacelamento do estado e a decadencia que precipitadamente se tem succedido nos ultimos cinco annos é obra d'aquelle nefasto Muatiânvua [1], que só tarde se lembrou de imitar Muteba, mandando uma embaixada a Muene Puto, para tomar sob o seu protectorado o antigo estado do Muatiânvua, diligencia que os Bângalas no Cuango frustraram, como elle no Cassai frustrára a de Muteba, pela ambição de ficar com o valiosissimo presente de duzentas pontas de marfim de lei e quinhentos escravos.

Não devo deixar sem reparo que, vendo escripto nas cartas geographicas que commigo levei, *kisimemé* e *kizeméne,* como o logar da Mussumba em que esteve o explorador allemão Dr. Pogge, na margem esquerda do Calânhi, ninguem me deu noticia de tal nome. Indicaram-me, é verdade, aquella mussumba na margem esquerda d'aquelle rio mas com o nome de *Cápue Camáxi,* posto pelo Muatiânvua, e que o explorador visitou, a duas horas de marcha a S.-E. do Luambata.

Com a mesma facilidade com que os potentados mudam de residencia, trocam os nomes aos sitios, dando-se a circumstancia de se esquecerem completamente os nomes que ellas tinham anteriormente.

Eu creio bem que o nome d'aquelle sitio seria *Quiximemé,* porquanto todos os descampados, que só servem para pastos de gado miudo, teem esse nome. *Qui,* é o prefixo que se emprega para sitio, logar etc.; *xi* vocabulo «terra»; e *memé* indica o balir dos animaes pequenos que andam no pasto.

Naturalmente ao fallecido doutor, repetiram o nome que tivera o sitio e não o da Mussumba, que era de recente data.

---

[1] Veja-se *Historia de Muteba e Xanama,* no capitulo respectivo.

A povoação que encontrei no Luambata não é mais que o resto d'esse nucleo da colonia de angolenses que Bezerra deixára no Chimane, já com familias que constituiram com Lundas e que luctavam para viver, não obstante terem sido obrigados a abandonar os lares por duas vezes num anno, em consequencia das correrias dos Quiôcos. Por fim almejavam por um soccorro qualquer que lhes protegesse ao menos as vidas no regresso para a provincia.

Depois de 1881 em que esteve em Cauenda o Dr. Max Büchner, nem sequer uma pequena comitiva de Bângalas voltára á Mussumba, e esta pobre gente, sujeita apenas aos recursos da localidade, luctava para os aproveitar e poderem manter-se, sempre numa esperança de que a ordem se restabeleceria e lhes fosse possivel encorporar-se em alguma comitiva de regresso.

Longe da civilisação, cortado o seu regresso pelo cêrco de Quiôcos de quem se temiam, por duas vezes vendo destruidos os seus trabalhos de annos, custa a crer na sua persistencia e como a cultura do tabaco por ultimo, principalmente os sustentava e lhes permittia ainda augmentar as suas familias com servos!

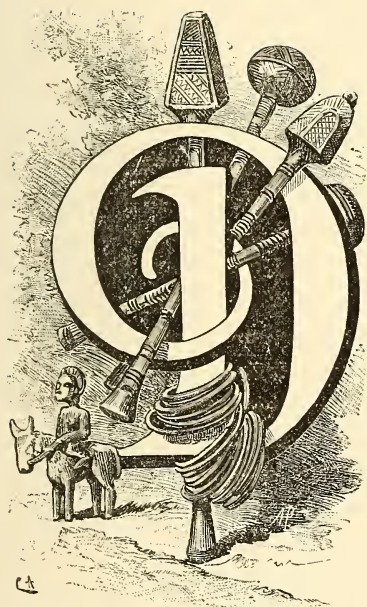
Esta persistencia era porém um facto natural, pois se dá entre os individuos que nasceram já em contacto com a civilisação, e que foram educados debaixo de uns certos principios ainda que rudimentares da vida culta, e se encontraram numa terra estranha, distante, sem outros recursos senão os que lhe offerecia a localidade, e com aptidão e conhecimentos adquiridos para aproveitarem com vantagem esses recursos.

Já assim não succedia com os indigenas da localidade e vizinhos, porque, embora tivessem revellado em tempos anteriores a faculdade de imitá-los e de se aperfeiçoarem, tinham a facilidade de se contentar com aquillo de que lançavam mão, como o homem primitivo, e do que a natureza lhes offerecia para se alimentarem, abandonando trabalhos emprehendidos pelo receio da sua destruição pelos Quiôcos, que de mezes a mezes os atacavam para os espoliarem do melhor que possuissem.

Mas isto é um estado anormal, e se são os Lundas, em toda esta região, que na actualidade se apresentam num grau relativamente atrasado, devemos não obstante estudar os seus progressos até então, porque se aquelle atraso denota decadencia, tem ella a sua origem principal nos habitos de sujeição d'esse povo á auctoridade despotica dos seus ultimos governantes e á falta de recursos para poderem resistir á invasão de povos, que, reconhecendo essas faltas e o seu estado de desordem intestina, se prevaleceram d'essas circumstancias para os aniquilar.

CAPITULO V

INDUSTRIA INDIGENA

Algumas palavras sobre o conhecimento do fogo e do ferro — Objectos de uso, fixos nas habitações — Moveis diversos de madeira — Utensilios domesticos de madeira ou ferro — Objectos de ceramica; processos rudimentares do seu fabrico — Emprego da roda do oleiro pelos Bângalas e Quiócos — Tanga de algodão; teares — Obras de esteira e verga — Objectos de uso pessoal ou caseiro feitos de varias substancias texteis — Aproveitamento das cabaças como vasos para conter e transportar liquidos — Louça europea — Cachimbos para tabaco e liamba — Utensilios para limpeza da bocca e cabellos — Facas e outros instrumentos cortantes — Bastões, maças e varias outras armas de madeira ou de ferro — Escudos — Lanças, piques, alabardas, forquilhas, etc. — Armas de tiro; arco e flecha — Armas de fogo; fabrico de espingardas e cartuchos — Instrumentos agricolas, enchadas, machadinhas de ferro; ancinhos ou engaços de madeira — Industria da pesca; cercas e armadilhas para apanha do peixe — Considerações sobre o fabrico de armas, utensilios e outros productos de industria indigena, e influencia atrophiante exercida sobre ella pela introducção de artefactos europeus.

emos no capitulo antecedente noticia como estes povos se encontram, construindo abrigos; mas a julgar pelo que ainda hoje succede quando em viagem ou quando perseguidos pelo inimigo que os força a abandonar os que tinham, é de presumir que antes de os saberem construir se abrigassem á sombra das arvores na entrada de uma floresta, ou mesmo entre o espesso e elevado capim.

Não vi nos montes, nas serras, nem mesmo nos caminhos, em todo o meu transito, que houvesse excavações ou cavernas, como as de que tive noticia em Ambaca e Malanje, nem encontrei pessoa alguma das localidades, com quanto interrogasse muitas, que me soubessem dar d'ellas noticia.

Tambem não ha indicio nem tradição que nos diga como estes povos chegaram a ter conhecimento do ferro, conhecimento certamente posterior ao dos seus actuaes abrigos. São, porém, todos unanimes em dizer que os seus antepassados já

conheciam, das terras d'onde vinham, aquelle grande elemento do progresso, e nas terras onde se fixaram começaram logo a fazer uso d'elle.

Emquanto ao fogo é para notar que o seu vocabulo tenha variado muito entre os diversos povos de toda esta região, ouvindo-se o mesmo em tribus a grandes distancias.

Assim nos povos mais ao norte e ao oriente ou é *moto* ou *muriro,* notando-se o mesmo, ainda nos mais internados ao oriente do Zaire; mas a oeste de Maniema, diz-se *túhia;* no Urega, *cassa;* nos Bacubas, *chíhia;* e nos Balubas *cápia.*

Caminhando ainda mais para sul e oeste até á costa, em Canhíuca é *mudilo;* em Mataba, *queíhia;* em Macossa *quésse,* em diversas povoações Lundas até ao Cuengo, *cássui, cássue, cássuo, cássu;* nos Quiôcos *cáhia;* no Congo, *cápia;* nas margens do Cuango, *túhia;* de Malanje a Loanda, *túbia.*

Pondo de parte a questão do prefixo que nuns está no singular *ca* e noutros no plural *tu,* vê-se que a sua designação passou de *riro* ou *dilo,* com que vinha do nordeste até ao Cassai, para *hia* ou *sua,* (*sue, su, sa*); e com esta passou para toda a região de que nos occupámos até á costa.

Estas designações, porém, se são empregadas por analogia em outros vocabulos como nos Balubas para a polvora que é tambem *cápia,* noutros são deduzidas como entre os Lundas, de *úsua* (*usŭa* «força») de que tambem fazem *suapáli* ou *suacáli* («de repente, já, depressa, quanto antes»).

É do esforço em se fazer fogo que parece ter-se originado o vocabulo, o que indica ter sido adoptado depois de obterem o fogo pela fricção ou pela percussão, operações ambas que elles não desconhecem; e á falta de isca, vi gente de Muene Massaca, pela fricção de madeira, incendiar capim e obter fogo para cozinhar.

O modo mais usual porque obteem lume é a percussão; a pederneira não lhes falta, e a faca é objecto indispensavel que sempre trazem.

Causava-lhes grande sensação que eu com a minha lente, incendiasse trapos, capim, acendesse um cigarro, fizesse arder

o tabaco na mutopa d'elles quando queriam fumar, lhes queimasse a pelle das costas ou das mãos, e denominavam a lente *cássue ca mutena* (*kasŭè ka mutena* «fogo do sol»).

E não foi esta uma locução nova entre elles, porque a teem como um cognome de guerra; e é curioso, que sendo *cáhia* o vocabulo para fogo entre os Quiôcos, tambem elles tenham aquelle cognome, o que me faz parecer, *cáhia* vocabulo moderno entre estes.

Tambem elles sabem que o raio lhes pode incendiar a habitação; porém se alguma vez esse facto se dá, é considerado como feitiço.

Conhecem que uns certos fructos oleosos ardem, bem como a cêra, porém não sabem aproveitá-los, e se admiravam as velas de cera feitas á mão pelos Ambaquistas, as nossas de estearina, pela perfeição e brancura, ainda mais extranheza lhes causavam, e deram-lhes o nome de *cássue ca Muene Puto,* assim como aos phosphoros amorphos, *cássue ca mutondo* («fogo do pau»).

As suas luzes são ainda hoje as chammas das fogueiras de lenha, que vão alimentando, emquanto comem ou conversam durante a noite.

Em geral nas povoações, os braseiros da noite são aproveitados para as refeições da manhã; sempre ha quem tenha fogo durante o dia, e por isso uns vão obtendo dos outros o fogo de que carecem, mesmo para fumar.

Para viagem todos levam na bolsa, ou nas dobras do panno á cintura, uma pederneira, fusil ou faca e um pedaço de isca. Esta obteem-na elles do algodão, da casca da bananeira e tambem de algumas fibras, depois de uns certos preparos.

Com respeito ao ferro, colhe-se da tradição que Ilunga, o pae do primeiro Muatiânvua vindo do nordeste, trazia comsigo a *chimbúia,* pequeno machado distinctivo de Suana Mulopo do estado de seu fallecido pae, e que era conhecido por Canhíuca e Cassango, seus irmãos; portanto qualquer dos estados que os tres organisaram, se não tinham conhecimento do ferro manufacturado, tiveram-no então.

Mas, é ainda a historia tradicional que nos dá a saber que os Bungos, povo que Ilunga encontrou junto ao rio Calânhi, conheciam o ferro, visto que tinham as laminas com que cortavam as veias humanas para fazerem o *lucano,* distinctivo em diversos estados de Muata, em que estavam divididos estes povos, e tambem o *mondo* (*mõdo* «instrumento de pancada»), que é um tronco escavado interiormente por uma pequena abertura e que lhes serve para transmittirem noticias a distancias, ou de povoação em povoação.

Quando se organisou o estado do Muatiânvua, e principiaram as correntes de migração d'esse estado a espalharem-se para o occidente entre 7° e 10° de lat. S., não desconheciam pois estes povos o ferro.

Ha quanto tempo porém o conheciam? Não é certamente na região em que hoje vivem que se poderá saber.

Quaes os progressos que elles teem feito depois d'essa importante acquisição, é do que nos vamos occupar, descrevendo os objectos que vimos, principiando pelos que são de seu uso quotidiano.

Ulalo.— É a cama que fazem no recinto mais resguardado da habitação e junto á parede. Parallelamente a esta e d'ella distantes $0^m,6$ a $0^m,7$, plantam no solo forquilhas de troncos, distanciadas de $0^m,3$ a $0^m,4$ umas das outras, tendo de altura acima do solo de $0^m,1$ a $0^m,2$, e num comprimento que não excede $1^m,60$.

As forquilhas são dispostas para receberem uma vara resistente. Junto á parede faz-se o mesmo. Sobre as varas longitudinaes cruzam-se outras mais curtas, a pequenas distancias ou umas de encontro ás outras, e tudo se ata e aperta por meio de liames, de modo que não fujam dos logares em que se pretende que fiquem.

Obtem-se assim um estrado, que se cobre de capim bem batido, e por cima estende-se uma, duas ou mais esteiras, e quem possue pelles põe-as por baixo das esteiras.

Ha porém quem tenha camas melhores; sobre o estrado dispõe-se uma cobertura de canniços, ligados uns aos outros no

sentido do comprimento, fazendo-nos lembrar umas taboinhas para janellas (venezianas), e é sobre esta cobertura que deitam as esteiras.

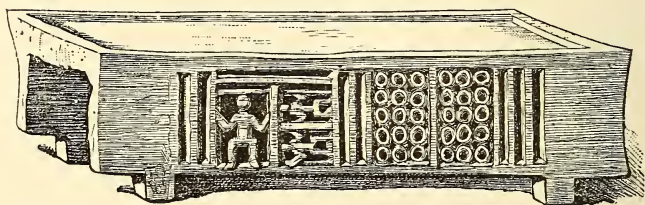
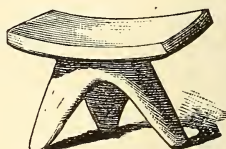
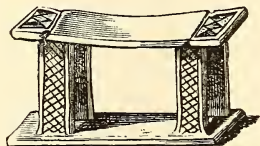
Se a altura das paredes da habitação permitte, as tarimbas são elevadas acima do solo até $0^{m},8$, e neste caso a cobertura de canniço tem a largura sufficiente para tocar no chão, aproveitando-se o espaço abaixo do leito para arrecadação de varios objectos.

Vi alguns acampamentos no meu transito, feitos pelos Tungombes, Bienos e Quiôcos do sul, em que as habitações eram altas, tendo portas de altura razoavel, e o ulalo estava acima do solo $0^{m},6$ a $0^{m},7$. Ora se estas habitações eram provisorias, para servirem uma ou duas noites na viagem ao ponto a que se destinavam, geralmente o Lubuco, de certo nas suas povoações permanentes, as habitações e commodidades de que se rodeiam devem differençar-se por serem mais perfeitas e melhores.

Lutala.—Chamam elles a uma prateleira *lutala,* e fazem-nas semelhantes aos estrados das tarimbas. Aproveitando superiormente os vãos das coberturas nas habitações, dispõem ahi uma especie de redes de varas delgadas ou mesmo só de liames bem esticados de vareta a vareta em diversos sentidos. Tambem ouvi chamar ás tarimbas que se fazem para as cargas ou objectos que se querem livrar do salalé ou da humidade, *ulalo iôuma* (*ulalo ĭoŭma* «cama das cousas»).

Mussau (*musaŭ*).—É um travesseiro de madeira: faz lembrar os dos Chins, com menos ornatos; porém alguns tenho visto muito razoaveis no trabalho. Vi-os de um só pé, de base redonda, tendo a altura de $0^{m},12$ a $0^{m},15$, sustentando um pequeno prato redondo onde assenta a cabeça, tendo de diametro superior $0^{m},12$ a $0^{m},15$; outros em vez de prato, supportam um rectangulo de $0^{m},18 \times 0^{m},9$ escavado do centro para os lados. Estes são elegantes.

Ditanda (*ditãda*).—Banco de pequena altura, que fazem de diversas formas de uma só peça ou então com tres ou quatro pés, ligados inferiormente por travessas.

Os primeiros são feitos segundo o gosto de quem os quer e da madeira de que se dispõe. Uns são de assento redondo em forma de prato pouco cavado, com tres ou quatro pés, que partem da sua face inferior, tendo estes pelo lado interior uns apoios que obliquamente convergem todos ao fundo do assento. Os pés de secção quadrada teem geralmente $0^m,02$ de lado; a altura d'este banco varia até ao limite de $0^m,3$. Tambem os fazem rectangulares e de uma só peça, tendo o assento uma depressão longitudinal em forma de crescente, e são mais incommodos. Este movel tem $0^m,3$ de comprimento e $0^m,1$ de

largo; os pés são constituidos pelos lados de uma caixa de forma arredondada, com abertos á faca, segundo o gosto do artifice; o assento excede um pouco estes.

Ha muitas variedades d'estes bancos, sendo todos muito portateis, leves e pequenos. Os pés são mais ou menos enfeitados, e vi um d'elles de forma redonda, em que o assento de madeira e os seus apoios consistiam em umas mãos segurando o tampo pelos bordos. O trabalho não estava mal acabado.

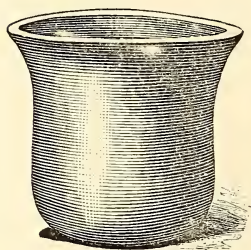
Os quatro pés a direito, ligados por travessas inferiormente, são imitação dos bancos que fazem os Quimbares, já acostumados a viagens no sertão. São cobertos superiormente por

uma pelle de animal, que cosem pela parte inferior depois de bem assente sobre o quadro a que estão ligados os pés.

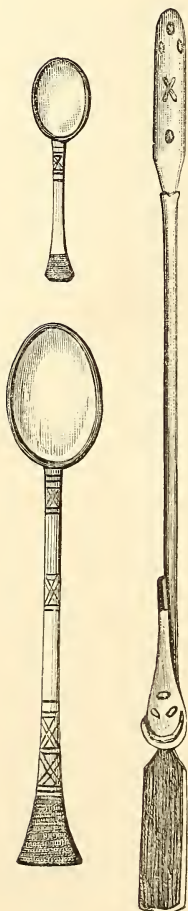
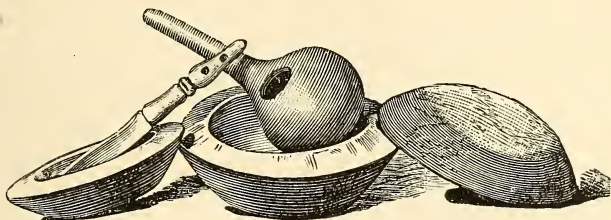
Ha outros estreitos só com dois pés, que fazem lembrar uns assentos antigos de que já usámos, e com a sua gaveta com chave; mas é preciso ter sempre um individuo atrás, a segurá-los, para que quem nelles se assenta não caia quando faça qualquer movimento.

Ditanda diá cuxatela (*ditad̃a dĭa kuxatela*).—É um banco com costas, ou melhor assento com costas que faz lembrar uma cadeira. Foram os Quiôcos os primeiros a usá-los. Os assentos são quasi quadrados; os pés trazeiros prolongam-se para cima vez e meia a sua altura e estão ligados a meia distancia do assento e superiormente por travessas. O assento é de couro ou pelles pregado a tachas amarellas em quadro. Tambem os espaldares de alguns são de couro e pregados do mesmo modo. Fazem lembrar pelas suas pequenas dimensões as cadeiras de costura para meninas. Alguns vi tambem de braços. Costumam quando o potentado sae fora para ouvir algum estranho, cobri-los todos com um bom panno de chita, de lenços ou havendo-o, com um bom cobertor.

O Muatiânvua Ambumba, sabendo que alguns quilolos nos seus estados já se sentavam em bancos e mesmo em cadeiras, zangou-se e pediu ás comitivas dos Bângalas que lhe trouxessem uma cadeira d'aquellas em que se sentavam os filhos de Muene Puto. Mais tarde, quasi no fim do seu governo, fez sair uma expedição com marfim, e uma das cousas que pedia directamente a Muene Puto era se lhe mandava uma cadeira igual áquellas de que usava. Não queria o Muatiânvua que houvesse alguem na Lunda que se sentasse mais alto do elle.

Muxete.—É uma pequena caixa de madeira de $0^m,60 \times 0^m,25$, tendo de altura $0^m,20$, mas em que os lados menores se prolongam abaixo do fundo uns $0^m,08$ a $0^m,10$, ficando assim o fundo acima do solo. Estas caixas, que teem fechadura, servem tambem de bancos. Algumas em logar de tampa teem gaveta ou são abertas do lado. Fazem-nas, imitando as que teem levado e lá deixam ficar os Quimbares.

Chino (*čino*).— É um almofariz de madeira em forma de urna ou cylindrico, com o seu pedal. Alguns são muito toscos, variando nas dimensões. Os maiores que vi teem de altura interior $0^{m},5$ a $0^{m},6$, diametro na bocca $0^{m},3$; os mais pequenos, altura interior $0^{m},1$ e largura na bocca, $0^{m},07$; estes só servem para pisar folhas de tabaco. Os maiores empregam-se para triturar e esmagar a mandioca depois de rasgada em pedaços e esfarellada, a fim de preparar a fuba; o que fazem pisando estes pedaços com um pau de $1^{m},2$ de altura, $0^{m},025$ de largura, terminando a parte inferior num alargamento, arredondado na base para bem bater os pedaços de mandioca de encontro as paredes do almofariz cujo fundo é concavo. Aquelle pau, que não é mais que um pilão, tem o nome de *muíxi* (*mŭixi*). Ao pequeno almofariz para tabaco chamam *cachino* (*kačino*).

Ruto.— É uma colhér de pau imitando as nossas. Fazem-se grandes e pequenas e ha-as tambem de ferro.

Muvuro.—Haste de madeira, terminando num extremo em concha, ou em forma de canôa com abertos; é a colher com que mechem o malufo ou outra qualquer bebida fermentada. A outra extremidade termina a capricho imitando uma ave, uma cabeça de homem ou de qualquer quadrupede. É toda mais ou menos enfeitada com relevos feitos á faca, ou com traços em varios sentidos.

Chissapuílo (*čisapŭilo*).— Prato de madeira. Podem ser de diversas grandezas, mais ou menos cavados. O maior que vi tinha de diametro superior $0^m,4$ e $0^m,12$ na base; são todos de borda larga, que geralmente destacam do resto, fazendo-a preta com enfeites a branco e vermelho. Escolhe-se para fabricar estes pratos uma madeira especial quasi branca e muito macia, para bem se trabalhar á faca. A parte inferior fica perfeitamente lisa, sendo cavada. O fundo já é mais tosco pelo lado exterior. Fazem-nos sempre com um rebordo mais ou menos saliente pela parte inferior. Alguns são altos, tendo a forma de vaso com altura de $0^m,1$ afora o rebordo de $0^m,03$; variando o seu diametro na abertura de $0^m,3$ a $0^m,4$. Estes teem tampa.

CACHIPUALE, AMPACA, LUBOCO, DICUMBO E CHISSAPUÍLO

Muitos se servem d'elles como bacia para lavar a cara e mãos, e dão-lhe o nome de *dicumbo* (*dikũbo*).

Tambem os ha em forma de vaso quasi cylindrico de $0^m,13$ a $0^m,15$ de altura; tendo de diametro no fundo $0^m,06$ a $0^m,08$ e superiormente, na abertura, de $0^m,10$ a $0^m,12$. Alguns são bojudos ao meio. Servem-se d'estes para beberem e tambem e mais geralmente, para nelles deitarem môlho que tomam juntamente com o seu *rruca* [1]. Este vaso não tem borda larga, mas apenas encurva um pouco para fora. Tambem lhe fazem pinturas pelo lado exterior, tendo um bordozinho inferior para o fundo não assentar no solo, e ha alguns com tampas. Chamam-se estes *cachipuache* (*kačipŭače*).

---

[1] Vide na pagina 277, quando se descreve o *nungo*.

Aos nossos pratos de louça, qualquer que seja sua grandeza ou forma, chamam *chilonda* (*čilod̃a*). Á nossa louça deram o nome de *cama,* e por isso tambem dizem *chilonda chicama* (*či-lod̃a čikama*). Os Bângalas dão-lhe o nome de *chianga* (*čiag̃a*), denominação que já os Lundas muitas vezes empregam; e aos objectos de folha de lata chamam *chilonda chiá fôia.*

Mussoma.—E um espeto de pau ou de ferro em que assam o peixe ou carne. Em o peixe sendo pequeno mettem-lhe o rabo na bocca; se é grande, cortam-no ás postas, e assim preparado ou a carne cortada em pedaços, esfrega-se com sal se o teem, enfiam uns bocados em seguida aos outros e o extremo livre do espeto crava-se no terreno ao lado do braseiro; assim disposto este utensilio pouco a pouco vae-se virando para se assar o que se quer.

Dão o mesmo nome por analogia aos palitos com que coçam a cabeça ou que lhes servem de pregos para os seus penteados e para segurar os pannos, sendo mais ou menos ornamentados com desenhos em abertos ou em relevos e enfeitados com missanga.

Ha ainda outros artefactos de madeira para elles de grande importancia, como são os instrumentos de pancada que descrevo em outro capitulo, e o *uato,* canôa para passagem nos rios.

As canôas são de differente grandeza e fazem-nas de troncos de arvores, como são *mufuma, mufule, mucamba* e outras. Tiram-lhe as cascas a machado e escavam-nos para o interior no sentido do maior diametro. Dão-lhes forma de prôas para ambos os extremos, e não tendo quilhas, rolam sobre as aguas, sendo preciso haver equilibrio de cargas ou passageiros, porque viram com facilidade.

Quando, em 1887, os Quiôcos perseguiram os Lundas do Lulúa até á Mussumba, tal era a precipitação com que estes queriam passar o rio Calânhi, que a canôa que andava ao serviço de transporte de gente se virou por mais de uma vez, e muita gente foi levada pela corrente, perecendo na maioria por não saber nadar.

Em alguns pontos em vez de canôas fazem jangadas de varas de lutombe e de bambús, a que dão tambem formas de prôa, e nellas passam cargas pesadas.

O governo tanto de umas como de outras é feito com varas encostadas ao costado na prôa, e em algumas tambem é auxiliado com outra á ré, quando as correntes são mais fortes e em sentido desencontrado.

Ha canôas grandes que levam de vinte a trinta pessoas, todas enfileiradas no sentido do comprimento; as jangadas, porém, não transportam mais de duas pessoas.

As canôas feitas de mufuma, que na provincia de Angola chamam *mafumeira*, são as melhores; pelo menos são as que offerecem mais segurança e resistem mais ao tempo.

Não teem outros objectos de madeira para os seus serviços de trato caseiros porque o barro, fibras de plantas e as cabaças lhes fornecem os demais de que carecem.

Nungo (*nuğo*).—Panella de grandeza regular para uma familia de seis a sete pessoas, onde se prepara o *rruca*. O processo de o fazer é muito simples: fervem primeiro a agua, e alguns deitam-lhe uma pequena porção de fuba para activar a fervura. Depois deitam-lhe uma porção razoavel, quasi metade do que pode levar a panella, da mesma substancia e logo a mexem com um pau especial, mas com um certo esforço e vão-lhe deitando com a mão esquerda mais fuba, mexendo-a sempre. A agua vae sendo absorvida, e quando já receiam que a massa se pegue, continuam o trabalho fora do fogo entalando a panella entre os pés; e então com as duas mãos mexem o pau, porque a massa se vae tornando resistente, e ainda lhe vão deitando fuba, continuando a operação até ficar bem enxuta.

Ao pau usado neste serviço chamam *mupáji*.

A panella pequena denomina-se *canungo* (*kanuğo*), mas se tem a forma das nossas tijellas, baixa e abrindo para cima, chama-se *canungo cá mussangala*. Se ella forma dois bojos como os nossos alcatruzes e se é estreita como elles, recebe o nome de *chibenguele* (*čibeğele*).

Ha umas, em forma de jarra, para cozinhar hervas, lagartos e cogumellos, a que chamam *dibungo* (*dibũgo*).

Tambem vi grandes panellas em forma de caldeiro, mas de fundo abahulado, a que davam o nome de *cariba* (*kariba*). Esta serve para nella se fazer a fermentação de bebidas.

Saba.—É a sua bilha para malufo, azeite ou agua. Imagine-se uma esphera a que se cortou uma *calote* para lhe adaptar um cylindro oco, eis uma das formas.

SABAS, NUNGOS, CANUNGO, MUSSACA, CABOCO E MUSSINDO

Esta varía na grandeza, sendo o collo ou gargalo desproporcinado pela sua grande altura com relação ás dimensões da esphera ou parte inferior. Para azeite em geral usam-as mais pequenas, fazendo a sua parte inferior lembrar as garrafas de toucador: dois segmentos de espheras que se unem pelos bordos e tendo superiormente um collo ou gargalo tambem alto. Estes gargalos teem a forma cylindrica ou abrem um pouco na parte inferior, e tambem ao contrario apertam. Ás mais pequenas d'estas ultimas chamam *cassaba* (*kasaba*).

Ha algumas com arabescos mais ou menos bem dispostos.

Variam muito nas dimensões estes artefactos de olaria, ficando sempre o barro escuro; chegando mesmo a haver panellas que parecem chavenas e mesmo *sabas*, que não são mais que tres ou quatro espheras umas sobre as outras, diminuindo em diametro as que ficam por cima, porém entram na classificação de nungo e saba.

E por isso ás nossas panellas de folha ou de ferro, aos tachos e frigideiras, dão elles sempre os nomes de *nungo uá chilonda* (*nug̃o ŭa čilod̃a*). Foi chilonda o nome que deram á nossa louça, e assim denominam tambem os utensilios de cozinha, seja qual for o material de que sejam feitos. Até a um grande tacho de cobre, que Lourenço Bezerra deixou no Luambata, para gomma, tapioca e farinha, que nós chamamos farinha de pau, chamaram *nungo uá chilonda*.

FABRICO DE UMA PANELLA

O modo de fabricar a louça é muito rudimentar servindo de fôrma na primitiva os fundos de cabaças e outros fructos de casca grossa.

Sobre um estrado formado de pequenos paus estendem um bocado de barro amassado com agua, mas numa camada espessa, e nesta assentam até certa altura a cabaça ou fructo, cuja forma querem reproduzir; em seguida vão juntando á mão pedaços de barro amassado, continuando a rodear a fôrma e tirando o barro excedente da base, o qual vão humedecendo com mais agua, aproveitando-o assim para a continuação do trabalho.

De quando em quando espargem agua com ramos de folhas sobre a obra, e com paus estreitos, affeiçoados de antemão e que molham, vão correndo sobre o barro, alisando-o e removendo as sobras para os pontos onde ha depressões.

Assim continuam até á maior largura da cabaça, e depois espargem bastante agua sobre a obra até tirarem a cabaça para fora sem desmanchar a parte que está feita. Começam então á mão a alisar o trabalho por dentro.

É depois d'este serviço que continuam a dar-lhe maior altura, seguindo em torno e addicionando pedaços de barro amassado, que ageitam com a mão por fora e por dentro. Hoje já uma panella antiga embora quebrada lhes serve de modelo.

Para o gargalo da saba, se não teem um velho, um pau lhes serve para modelo, fazendo o enchimento com cacos ou mesmo cascas de arvores e tambem folhas.

A ornamentação é feita com pauzinhos ou mesmo com a ponta da faca quando o barro ainda está fresco. Depois deixam curar o barro fabricado ao sol, e á noite ao calor do braseiro nas habitações.

Os Quiôcos e os Bângalas já seguem outro processo melhor, e menos primitivo: sobre uma roda é que está disposta a obra a moldar, e esta vae sendo affeiçoada á mão pelo trabalhador, que com a outra mão faz girar a roda.

Para a feitura de varias peças de vestuario descriptas no capitulo immediato, tecem-se os pannos de fio de algodão num tear especial.

O processo de fabricar a tanga é muito simples, como se vê na gravura em que a figurâmos. Sobre uma travessa collocada horizontalmente ao alto e fixa, e sobre uma parallela inferior e movel, se dispõem os fios, uns ao lado dos outros, em toda a largura que se pretenda dar á tanga, e a começar de baixo para cima se vão dispondo outros fios transversaes entre as duas ordens de fios verticaes, e cruzam-se depois estes passando entre ellas umas reguas de madeira com as arestas boleadas com que batem duas ou tres pancadas sobre o cruza-

mento dos fios verticaes que apertam os transversaes, e assim seguidamente até se tocar na travessa superior fixa. A travessa inferior que resistiu ás pancadas até uma certa altura, tira-se depois, para ir collocar-se acima da parte já tecida e batida. Por ultimo cortam-se os fios verticaes superior e inferiormente, e está a tanga feita; se querem dar-lhe maior comprimento que a distancia entre as reguas, os fios cortados superiormente, unem-se a novos fios que se fazem passar pela regua ao alto, e o trabalho segue de novo, enrolando-se então a parte do panno já feito a um cylindro inferior movel que gira em torno do eixo longitudinal, nos montantes que sustentam a travessa horizontal fixa superior.

O fio, se é de algodão, obtem-se depois de collocadas as pastas do algodão em torno de um pequeno pau roliço, e puchando o fio em torno de um outro pau que se faz girar entre os dedos pollegar e index da mão direita, sempre equilibrado por um contra-peso inferior, que é um fructo muito semelhante a um pequeno limão ainda verde, a que chamam *dibuíje*. Este modo de fiar, faz lembrar o usado com a nossa roca e fuso.

Na obra de Wilkinson: *Moeurs et coutumes des anciens Egyptiens*, pag. 85, encontra-se a gravura que em seguida apresento, e que serve para nos elucidar sobre o modo de fiar e de tecer outr'ora no Egypto. Se comparamos esta gravura com a anterior, obtida de um desenho que fizemos do tear que vimos no Luambata, notar-se-ha, que se perpetuou, aperfeiçoando-se esse modo de tecer os pannos, com que se cobrem ainda hoje os individuos mais affastados dos centros civilisados, ou que não podem obter as fazendas europeas por qualquer circumstancia. E não se pode dizer que fossem os nossos Ambaquistas, ou filhos de Angola, que levaram para o interior este processo rudimentar, porquanto nas regiões ao norte onde elles não entraram ainda, e naquellas que só nos ultimos vinte e cinco annos visitam, já lá existia esse processo. São ainda as migrações de N.-E. que o trouxeram e nas terras dos Uandas onde os mesmos Lundas não conseguiram entrar, fabricam-se os pannos por este modo rudimentar.

Das fibras de plantas texteis como as cannabinas e outras, fazem as esteiras, chapeus, cestos, peneiras, bandejas, malas, saccos, bolsas, etc., de differentes formas, tendo todos estes artefactos nomes diversos.

FABRICO DA TANGA

Chicanga (*čikag̃a*).—É uma esteira, sendo as suas dimensões usuaes $1^{m},6 \times 0^{m},08$; fazem-nas de angôa, planta que se encontra nas margens dos rios, a que tiram fibras de dimensões iguaes, que seccam para utilisar. Entrelaçam-nas em grupos de fibras verticaes e horizontaes, formando certos desenhos, tro-

cando-se de quando em quando a ordem aos grupos e assim successivamente até ao remate da obra. Os mestres neste trabalho fazem duas e tres esteiras por dia, e sabem dispor e combinar as fibras de modo que obteem desenhos differentes, os quaes tornam mais distinctos, tingindo as fibras, por grupos, de preto ou vermelho, ou então tingindo as transversaes ou as verticaes, ou uma sim outra não, para dar quadrados de diversa côr.

Em Caungula de Mataba vi uma esteira de $5^{m} \times 1^{m},6$ que forrava o exterior do recinto em que dormia o potentado, entretecida em ornatos diversos a preto e a branco. Era trabalho dos Uandas mais civilisados. Em outros pontos sobre um fundo branco ou sobre a côr natural representam a preto animaes ou ornatos diversos, ou vice-versa.

As mais perfeitas que vi são fabricadas por gente do Congo. Todos teem a sua esteira, ainda os mais pobres. É para elles cama ou melhor colchão, se teem cama de capim. Em viagem

todos a estendem no solo, e na madrugada seguinte enrolam-na e transportam-na com os demais objectos que vão na carga. Os mais remediados deitam tres e quatro. É frequente ás horas de calor disporem as esteiras á sombra de uma arvore proxima da cubata ou mesmo junto a ella, em ponto onde haja viração, e ahi dormem deitando a cabeça no respectivo mussau. Qualquer quilolo e mesmo o Muatiânvua se entreteem a fazer esteiras nas horas de ocio.

Chibuntila (*čibuĩila*).—Pode chamar-se-lhe uma mala de viagem, feita das fibras de *cabama,* planta aquatica da familia das cyperaceas, ou das fibras do *lutombe* ou outro bordão. Rasgam as fibras na largura de $0^m,008$ a $0^m,01$, e numa espessura que lhes permitta terem a necessaria flexibilidade, a indispensavel resistencia ao tempo e que offereçam solidez e segurança para depois de postas em obra aguentarem o que se introduzir na mala.

É muito simples a sua fabricação. Fazem-se dois quadrados de entrelaçado com as referidas fibras, que regulam por $0^m,4 \times 0^m,4$, sendo porém um d'elles um pouco menor. Dobram-se ao meio estes quadros e ligam-se pelos lados que se ajustam, ficando aberta a parte opposta ao dobrado. Obteem-se assim dois saccos, um dos quaes entra no outro á semelhança das duas partes de uma cigarreira.

Os bordos do sacco do fundo e da tampa são ornados com as mesmas fibras. Completamente cheio o quadrado que serve de bolsa faz-se entrar na tampa, que o envolve, e ata-se ao meio com liames tambem da mesma fibra, os quaes geralmente estão presos á bolsa. Esta mala, depois de fechada e bem apertada, encurva na parte inferior, o que dá bom commodo para o transporte, porque o arqueamento do fundo ageita-se á forma da cabeça do individuo que a transporta.

Já se fazem outros saccos muito mais perfeitos, em que o fundo não é em aresta, mas plano, e é reforçado com duas ou tres reguas da largura de $0^m,03$ a $0^m,04$. As suas faces lateraes não são rectangulos e sim trapezios, embora o comprimento do fundo da tampa seja pouco inferior aos comprimen-

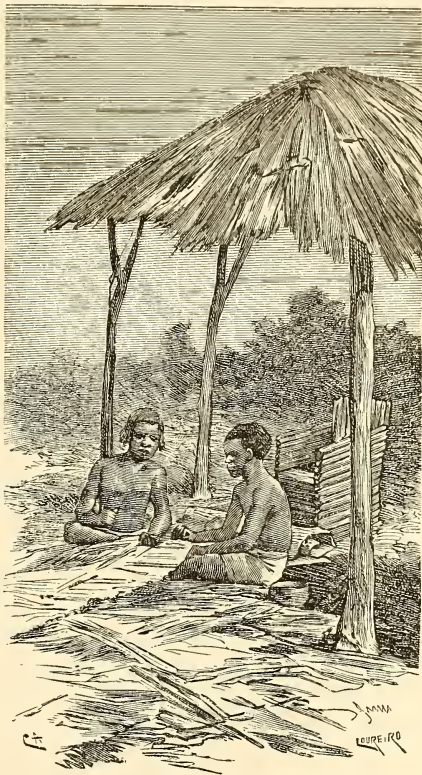
tos das aberturas que lhes correspondem. A tampa em alguns é fixa de um lado ás paredes do fundo, e fecha-se adeante por meio de uma pequena aldraba de pau.

São bastante resistentes e de muita duração estas malas.

Chipaua (*čipaŭa*). — É o nome que se dá ás malas em forma de caixas feitas de um capim apropriado, *dixico*, que depois de secco fica semelhante a um canniço delgado, e unem-se e apertam-se bem uns aos outros por liames.

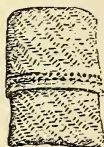
FABRICO DA CHICANGA

Estas malas teem a frente, lados, tampa e fundo de forma rectangular. Sendo de menores dimensões que a chibuntila simples, o seu fundo e tampa são mais largos que os da ultima. A peça que constitue a tampa ajusta-se com a do fundo, porque ha na parte superior d'esta um resalto de $0^{m},015$ para o lado interior, sobre o qual a primeira vem descançar. A tampa é fixa pelo lado de trás da caixa. Fecha-se pela frente enrolando uns cordeis feitos de cabama, que se rasga em fios, a uma especie de botões de pau fixos á parede da frente.

É nestas caixas que as mulheres guardam o que mais estimam e apreciam — os objectos de adorno, como contarias, missangas, brincos, as suas riquezas emfim, e guardam-nas

em logar reservado, e logo correm a buscá-las em casos de alarme ou perigo, como fogos, guerra, etc., e quando querem retirar do sitio que habitam por qualquer circumstancia, não terão ellas tempo de levar as suas esteiras, ou outra cousa qualquer como panella, comida, etc., porém para ir buscar a sua chipaua ha sempre tempo, ainda que para isso tenham de arriscar a propria vida.

Mesmo quando perseguidas pelos Quiôcos, segundo me contaram, ellas lá iam com o seu thesouro debaixo do braço ou á cabeça. Ninguem lhes viu as esteiras, a mutopa para fumarem, uma raiz de mandioca sequer com que matar a fome; mas a chipaua lá estava ao lado d'ellas durante dias e noites entre o capim.

Sapo.—É uma bolsa pequena de $0^{m},2 \times 0^{m},1$, feita de capim secco entrelaçado.

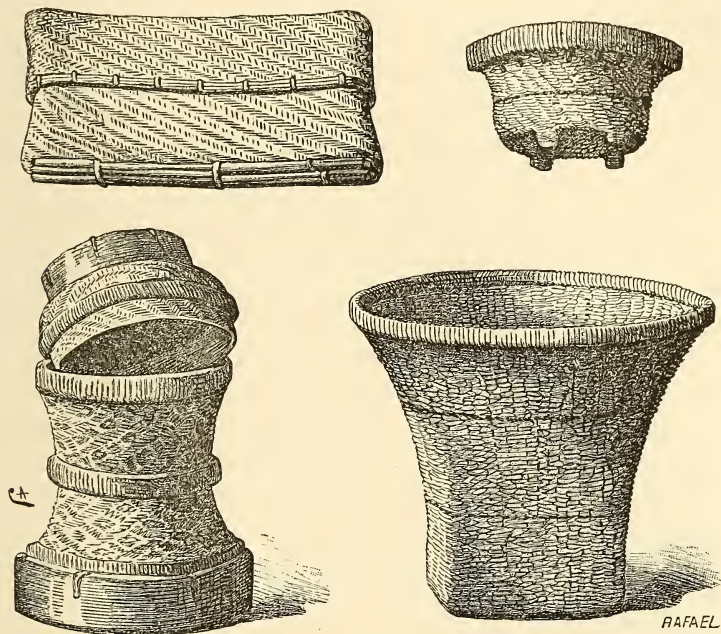
Tem uns pequenos anneis nos extremos dos lados maiores para por ahi se suspender por uma corda delgada a tiracollo. Fazem-nos de menores e de maiores dimensões havendo-os até bem pequenos, que se trazem suspensos á cinta por cordeis, e a estes chamam *cassapo* (*kasapo*).

Tambem os fazem de côr, pretos ou vermelhos, ou combinadas as côres segundo os processos que já temos indicado.

Tambem se fabricam com tampa, lembrando uma cigarreira como a chibuntila.

Ambuíri (*ab̃ŭiri*).—Dá-se este nome a uma boceta que pela forma não deixa de ter certa elegancia; é bojudo na parte inferior a qual é ligada superiormente a um collo, que abre como a bocca de uma jarra, tendo a respectiva tampinha. São de pouca altura, entre $0^{m},12$ e $0^{m},15$. Do collo ao bojo fazem-lhe umas asas para se suspender a tiracollo. São feitos de fibras de bordão muito delgadas.

Diaba.—É uma caixa cylindrica feita pelo mesmo systema de entrelaçado, com a sua tampa, a qual assenta sobre um rebordo que ha nas suas paredes. Teem $0^{m},16$ de altura e $0^{m},05$

de diametro. Na tampa e na caixa propriamente dita ha umas pequenas aselhas, que se correspondem passando por ellas e por baixo do fundo um cordel; podem levar-se tambem a tiracollo. As mais pequenas teem o nome de *caiaba* (*kaĭaba*).

Todas estas pequenas bolsas, que podem suspender-se á cintura, servem apenas para as mulheres guardarem nellas alguns

CHIBUNTILA, DIZUMBE, CAPAIA E CHIPAIA

fios de missanga, quando vão ao mercado fazer compras, sempre de pouca monta por serem para consumo do dia.

Dizumbe (*dizub̃e*).—Especie de urna com tampa. Empregam-se no seu fabrico tres materiaes diversos *cabama, cabobo* e *quijila,* que dão fibras de côres claras, avermelhadas ou escuras, e que fazem agradaveis contrastes umas com outras quando postas em obra. A parte inferior (caixa ou reservatorio) termina por um aro da altura de $0^{m},02$ todo de côr escura. D'ahi

para cima apresenta a forma de vaso com differentes filetes exteriormente, já a côres claras já a escuras, sendo estes mais ou menos largos e salientes. O corpo d'esta urna é constituido por um entrelaçado em losangos esbranquiçados, sendo os fundos preenchidos com desenhos diversos de fibras de côres.

A altura d'este vaso interiormente é de $0^m,15$, tendo de diametro no fundo $0^m,15$ e a abertura $0^m,22$. A tampa entra num rebordo, que é guarnecido com um filete escuro. Esta tem de altura interior $0^m,15$, sendo o seu diametro superior a $0^m,12$; as paredes são abauladas e guarnecidas tambem de filetes de côres diversas. Serve esta urna para nella se guardarem cousas de estimação, e tambem as ha para conservar o infunde quente.

Chipaia (*čipaĭa*). — É um cesto em forma de vaso. Ha-os muito bem feitos. Principia-se por se lhe fazer o fundo em forma de um pequeno quadro, do centro para os lados, collocando primeiro as linhas diagonaes, depois as intermedias a estas, e logo em seguida começam o entrelaçado ao centro.

Á medida que se vae enchendo a obra, vão-se dispondo as outras linhas intermedias ás primeiras e assim por deante. Quando o quadro tem as dimensões precisas, dobram-se as primeiras linhas para cima e fazem-se as paredes que abrem em leque e segue o entrelaçado muito apertado, o que dá ás mesmas paredes uma forma boleada, e assim por deante até á altura que se lhe quer dar. O quadrado do fundo dos cestos maiores tem $0^m,2$ de lado e as paredes $0^m,4$ de altura. Termina sempre o seu bordo superior em um pequeno arrendado bem feito, de côr preta ou vermelha. Emprega-se para esta obra a cabama que é muito clara, quasi esbranquiçada, e que sae muito limpa da mão do fabricante. O fundo é de tal modo apertado que faz concavidade para dentro, de modo que os angulos inclinando para baixo constituem os pés d'este cesto.

Alguns ha que apresentam linhas horizontaes em diversas alturas dispostas ao gosto do artifice, quer pretas quer vermelhas, e tambem vi uma d'estas chipaias toda preta sendo avivado o bordo a vermelho, o que produzia bom effeito.

Se a chipaia tem metade das dimensões ordinarias d'esta, e d'ahi para baixo, recebe o nome de *capaia* (*kapaĭa*).

Ás de uso domestico para farinhas, fuba, etc., que podem conter de 2 a 4 kilogrammas d'estas substancias, tambem se lhe dá o nome de *capaia*.

Algumas chegam a ter a forma dos nossos alguidares.

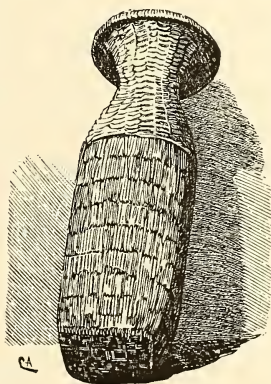
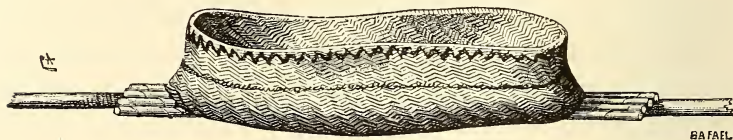
Cangalo (*kag̃alo*).—É uma capaia em miniatura; e feita dos mesmos materiaes. Serve em geral para conter ovos. Estes objectos são usados pelos homens e pelas mulheres indistinctamente.

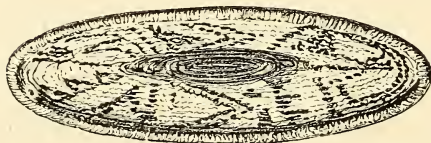
Fiquide.—Nome dado a um sacco de pequenas dimensões feito de panno de mabela fina, que serve para guardar missanga. Eram estes que, cheios de macetes de missanga grossa e fina, e de diversas qualidades e côres, constituiam o *mussapo* («presente de bocca»), que os negociantes mandavam ao Muatiânvua ao entrarem na sua mussumba.

Tuco.—Sacco feito de *macuba,* material constituido por fibras de cascas grossas, mais grosseiro que a mabela, e que faz lembrar a nossa linhagem de saccaria; é de grandes dimensões e proprio para transportar até 60 kilogrammas de fuba ou de farinha.

Mussale.—Peneira em forma de jarro, por meio da qual se separa a fuba mais fina da mais grossa. É feita do capim, *indeleme;* algumas são realmente bem feitas. A sua altura varía de $0^{m},4$ a $0^{m},6$, a bocca tem de diametro $0^{m},10$ a $0^{m},14$, e o seu fundo quadrado tem $0^{m},1$ por lado.

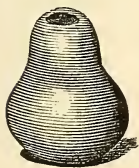
Luale (*lŭale*).—É outra peneira em forma de bandeja, encanastrada como a antecedente, mas com abertos maiores. Faz-se de cabama e tambem de cabobo, plantas aquaticas texteis.

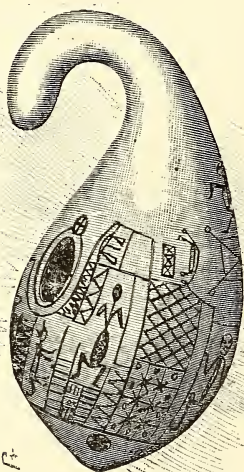
Cassasse (*kasase*).—Canastra feita do *incoco* da palmeira, ou folhas da palmeira vulgò de leque, e tambem das fibras largas do bordão. Não tem tampa. Estes utensilios são muito usados pelas mulheres para transporte das colheitas nas lavras.

Mussasse.—Especie de canastra como as nossas para transporte de cargas, a que a gente de Angola dá o nome de *muhamba;* e onde se acondicionam os volumes pesando até 60 kilogrammas, que teem de transportar-se para longe. Todo o carregador deseja cargas que se possam bem distribuir na sua mussasse, e se a carga que se lhe distribue é divisivel e de maior peso e não se pode ageitar bem nella, passa o excesso para o seu *quibessa* (*kibesa* «ajudante»). É tambem feita de fibras fortes de palmeira, passando-se-lhe pelo fundo e ao meio no sentido do comprimento uma vara comprida de madeira

resistente, a qual se dispõe de modo a exceder um pouco de um lado ($0^m,2$) o comprimento da mussassa, ficando toda a parte restante do outro lado que regula por vez e meia o comprimento d'aquella, ou seja 1^m ou $1^m,20$, e se o carregador é alto $1^m,30$ até $1^m,40$. Este cabo, que sempre vae virado para a frente do carregador, auxilia-o muito, porque querendo descansar ou passar a carga para o outro hombro, basta-lhe inclinar o corpo um pouco para a frente, para que o extremo da vara toque no solo. Para o primeiro caso encosta a carga a uma arvore; para o segundo depois de apoiar o cabo no solo levanta a carga com as mãos e passa-lhe a cabeça por baixo, e logo em seguida ageitada que esteja ao hombro, endireita o corpo e segue o seu caminho.

Cabaxe.—É uma bandeja redonda com $0^m,3$ a $0^m,4$ de diametro e pouco funda; é feita pelo systema de encanastrado da cabama e que não fica perfeitamente apertado. O seu rebordo é forte.

Serve para transportar fructas, tomates e batatas a pequenas distancias; serve tambem para o infunde, substituindo um prato. A capaia e tambem o dizumbe collocam-se no centro da roda formada pela familia quando se reune para comer, e d'ahi todos vão tirando com a mão pequenas porções de infunde, que rolam entre os dedos em forma de bola, indo molhar esta na panella tambem commum do molho ou das hervas.

As cabaças, como disse, são aproveitadas para o serviço domestico, e parece natural que na primitiva as empregassem sem os ornatos que lhes fazem actualmente.

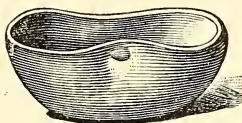
As nossas louças, como copos, canecas, garrafas e frascos, muito espalhados em toda esta região, fornecem melhores utensilios do que os que se podiam fabricar das cabaças, e presentemente só quem não tem podido adquirir aquellas louças é que apresenta um ou outro d'esses objectos de fabricação indigena. Os que vi são os seguintes:

Chissumpe (*čisup̃e*).—Cabaça a que a nossa gente de Angola chama *binda* (*bid̃a*). Serve para agua e tambem para malufo; as suas formas e dimensões são as naturaes. O pé da cabaça é lascado pela parte que curva para cima, e é por ahi que se enche e se despeja.

Ha umas que apresentam dois bojos, sendo o superior de menor diametro, a que se corta uma parte para formar a abertura, e dão-lhe o nome de *punda* (*pud̃a*). D'estas, as mais pequenas, servem para azeite, e tomam então o nome de *capunda cá mánhi* (*kapud̃a ka mañi*). Aproveita-se o collo de algumas, em que se faz um buraco no extremo, adaptando-lhe um taco delgado, de madeira, que faz o serviço de rolha. Como destinam estas só para azeite de palma, addicionam áquelle nome a palavra *angaje* (*ag̃aje*).

Tambem ha cabaças com a forma da punda, mas um pouco menores em dimensões. Cortando-lhe maior porção a parte superior serve de copo para beber agua e chamam-lhe *rubungo* (*rubug̃o*).

Ha outras cabacinhas muito pequenas, com o pé delgado e curvo, a que se corta a parte superior para fazer uma caixinha deixando ficar o pé. O corte é plano ou denteado para se ajustar bem a tampa quando se fecha.

Depois de bem seccas e limpas servem para guardar o sal. As tampas são geralmente ornamentadas á faca ou com estilete de ferro.

Tambem as ha grandes assim ornamentadas, mas então a tampa é a meio do bojo. A esta caixa chama-se *difuca* e ás pequenas *cadifuca* (*kadifuka*).

Chiopo (*čiopo*).—As cabaças de mediano tamanho e achatadas aos lados aproveitam-se, cortando-se-lhes os fundos, para servirem de copos. Estes realmente fazem muito fresca a agua bem como o malufo. A projecção de seu bordo na abertura tem quasi a forma de um oito. Fazem lembrar as canôas de borracha ou de vidro, que antigamente se usaram entre nós como copos para beber agua no campo. As dimensões d'este copo no sentido do comprimento, regulam por $0^{m},20$, a largura em media $0^{m}10$, e altura ao centro $0^{m},12$.

Se são de maiores dimensões e sobre o redondo teem o nome de *chitaia* (*čitaĭa*).

Mussindo (*musĩdo*).— A este objecto é que realmente se devia por analogia chamar *chiopo*. As cabaças muito delgadas e compridas, quasi cylindricas, são cortadas a contar da parte inferior na altura de $0^{m},16$. Fazem lembrar assim as me-

didas antigas de barro, para leite, com aquella altura e largura. O seu fundo é de forma ovoide aguda. Estes copos cederam porém o logar ás nossas canecas de louça, e quem tem melhores posses usa de copos de vidro.

Chamam ás primeiras em geral *rupassa*, porém não deixa de haver as suas distincções. Se a caneca é toda branca, chamam-lhe *matoca*, (*toka* «branco»); se dourada, *mamutena*, (*mutena* «sol»); se é de diversas côres, *mamuengue uanzuvo*, («ananaz); se tem bico, *mulamo uá calongo*, (*mulamo ŭa kaloŋ̃o* «bico de papagaio»); se é larga, *mabungo*, (*dibuŋ̃o* «panella» de que fallei); se tem tampa, *mabungo diá cubuiquexe* (*mabuŋ̃o dĭa kubŭikexe* «panellas de se poderem cobrir»).

Fazem apenas distincção nos copos se elles teem ou não asa; no primeiro caso chamam-lhes *rusumo ruá xipoxipo*, e no segundo *rusumo ruá catondo*.

Ás nossas garrafas de vidro e ás botijas de grés chamam *puelete* e aos frascos *capuelete* (*kapŭelete*). Apreciam muito qualquer d'estes objectos especialmente para guardarem azeite.

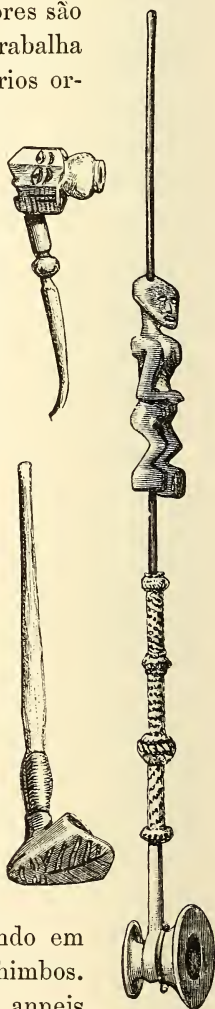
Mutopa.— Objecto indispensavel para homens e mulheres, por que todos fumam ou tabaco ou *diamba* (*liamba*). É o seu verdadeiro cachimbo. Consiste este numa cabaça de collo alto, quanto mais possivel direito e delgado, á qual se tira o miolo depois de secca.

No bojo fazem um buraco em logar que não embarace a aspiração do fumo pelo collo, e nesse buraco entra um tubo, geralmente de canna delgada, ou então de tronco de arvore especial previamente furado. Este tubo vae tocar na agua de que até certa altura se enche o bojo; dá-se-lhe o no-

me de *muxía,* e na sua extremidade superior entra o deposito do tabaco *mussaca* (*musaka*) que tem a forma de vaso. Este é feito de barro cozido ao fogo, mas os melhores são de talco vermelho muito macio, e que se trabalha muito bem á faca, tendo exteriormente varios ornatos. Este talco existe em grande quantidade nas terras de Mataba. As *mitopa,* (plural de *mutopa*), são tambem enfeitadas com tachinhas de metal amarello, apresentando desenhos symetricos e variados, segundo a phantasia de quem as faz. No collo abre-se inferiormente um orificio, que se tapa com o dedo maior da mão direita quando se aspira o fumo pela sua extremidade.

Depois de servir, a mutopa é lavada por dentro e por fora, e enche-se a cabaça de novo com agua, até que a esta chegue a muxía, o que se conhece soprando pela abertura do collo, a ver se salta alguma agua para fora.

Vê-se pois que o uso de desnarcotisar o fumo é antigo em Africa.

Tambem se conhecem os nossos cachimbos, e já alguns os teem, imitando os de Quimbares, que lhes chamam *péxi,* e cujo tubo (*mutete*) é mais ou menos comprido. Tambem os ha formados de uma ou mais peças, sendo geralmente a que entra na bocca um delgado tubo de ferro terminando em ponta. Os Quiôcos usam muito d'estes cachimbos. Os tubos de madeira são ornados com anneis grossos de missanga de diversas côres. O deposito consiste num pequeno vaso de ferro de borda larga, o que faz suppor ter elle uma capacidade interior muito maior do que realmente teem. Em geral tanto á mutopa como o péxi, deante seja de

quem for, não se conhece dono, pois passa de mão em mão; e se a roda de conversadores é grande, quando volta á mão de seu dono tem elle de a encher novamente de tabaco se quizer fumar.

Sempre que a mutopa ou cachimbo vae para novo fumador, este insensivelmente passa a palma da mão direita pela parte que entra na bocca, carregando nella para a limpar da saliva do que o precedeu.

O uso do tabaco generalisou-se em toda esta região vindo de Angola, e creio bem que se propagou com o da mandioca para NNE. e SE., e a generalisação d'estas duas plantas foi tal, que hoje parecem indigenas.

Ha cachimbos feitos segundo o gosto do possuidor, e d'elles apresento varios exemplares da collecção que enviei á benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa.

Ainda são objectos indispensaveis e de uso frequente os seguintes:

Mucalula (*mukalula*).—É uma tira de cabama, com uma espessura que lhe dá a resistencia precisa para vergar e não quebrar, que se alisa perfeitamente e a que se arredondam as arestas. Tem de comprimento $0^m,25$ a $0^m,30$ e $0^m,005$ a $0^m,006$ de largura. Serve para raspar a lingua, primeira cousa que o indigena faz logo que se levanta de manhã, e ás vezes até ainda sentado na cama procede a essa operação. Entre estes povos, em geral, ha o maior cuidado com a limpeza da bocca, isto pelo receio do escorbuto.

Mupala.—Faz o serviço da nossa escova de dentes. Consiste num pedaço de cabama, que tem as fibras separadas até $0^m,12$ ou $0^m,15$ numa das extremidades e reviradas, lembrando os pinceis ordinarios para tintas grossas depois de algum uso, em que as barbas abrem. Acabada a limpeza da lingua, começam a esfregar os dentes com este objecto, isto durante horas. Principiam nas cubatas e continuam ao ar livre e mesmo em passeio neste cuidado. Todos fazem luxo em trazer os dentes muito limpos.

Sobre o asseio do corpo, observei que os Lundas apenas o faziam consistir na limpeza da bocca e dentes; tinham horror á agua para se lavarem diariamente, e se não fosse o calor que os obriga a banharem-se nos rios, seria cousa em que nunca cuidariam; notando-se de mais a mais que são elles os que mais usam untar o corpo com as drogas a que chamam remedios contra feitiços, contra guerras, contra doenças, etc.

Não teem duvida alguma, besuntados como estão, de vestirem uma camisa branca, uma farda, um bom casaco, e andarem com elles até que uma circumstancia qualquer os obrigue a tirá-los.

As camisas em geral, se se despem, voltam outra vez para o corpo sem serem lavadas. Recordo-me de um homem que seguramente trouxe uma durante tres mezes; estava preta, lustrosa e principiava a esfarrapar-se.

Entre os Lundas não se lava um unico trapo, desculpandose os potentados com dizer que as suas raparigas não sabem lavar.

Fallei algumas vezes ao Xa Madiamba para que ordenasse que duas ou tres das suas raparigas fossem com a mulher do meu interprete, que elle conhecia ha muitos annos, aprender a lavar as suas camisas e pannos no rio; e elle dizia sempre:— Sim, hei de mandar um dia—; mas nunca mandou.

Uma vez que observei toda a sua roupa muito suja, censurei-o e disse-lhe que era uma vergonha ver um potentado tão enxovalhado, e que se quando lá voltasse o visse do mesmo modo me retiraria. Então elle pediu ao meu interprete para a mulher levar toda a sua roupa, e a miudo mandava depois até as fardas bordadas para serem lavadas no rio; mas conseguir que as suas raparigas aprendessem a ensaboar isso nunca; era uma innovação, e ellas tinham outros serviços a fazer.

Mostrava-se-lhe que as suas patricias, vindo já de Malanje com os carregadores da minha Expedição, eram as que lavavam as proprias roupas e as dos seus companheiros. Essas agora já são filhas de Muene Puto, diziam ellas, sabem muito,

são senhoras, nós somos bichos do mato, só servimos para acarretar agua e lenha, não nos sobra tempo para aprender outras cousas. E lavar para quê? Os nossos homens nunca lavam o corpo, e assim andavamos sempre a lavar e elles a sujarem.

Não se dá o mesmo com alguns Quiôcos que conheci: as suas raparigas lavam-lhes as roupas com sabão, e elles andam muito limpos; é verdade que os individuos a que me refiro, punham unicamente na cara alguns traços a vermelho, preto e branco, emquanto que os Lundas, quando não besuntam o corpo com as drogas preservativas, fazem luxo em lustrar a pelle com azeite ou outras materias gordurosas.

Nisto tambem os de Jinga e povos que marginam o Luí são eximios.

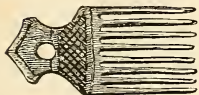
Entre os Bângalas destacam-se os senhores de ambanza (povoação), que trajam camisas, fardas ou casacos, ou em logar d'elles os grandes pannos a que chamam *gubo*.

Mas ainda superiores a estes em asseio são os Xinjes e os do Lubuco, principalmente os que se consideram fidalgos e procuram imitar os Ambaquistas no traje á europea, embora as fazendas que teem sejam riscados, chitas e algodões.

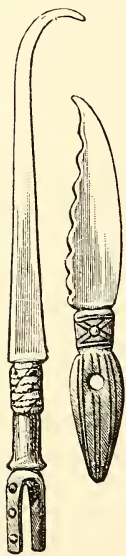
Os Quiôcos na maioria entre o Cassai e o Lulúa, são como os Lundas, e isto tambem por causa das unturas contra os feitiços, que elles dizem não se fazem só para um dia, porque teem de pagar os remedios ao Anganga que os fez.

A gente do Congo que andava na Expedição lavava o corpo e as roupas, e acostumou as suas companheiras, que eram Lundas, a lavarem-se todos os dias.

O Quissengue, com quem estive por differentes vezes, pode dizer-se que era asseado no corpo e na roupa, e as suas mulheres apresentaram-se-me sempre bem.

Chizanguílo (*čizaǧŭilo*).— Pente de bordão, de tres, quatro ou mais dentes muito affastados uns dos outros, com que desembaraçam os cabellos. É imitação de uns pentes muito ordinarios das nossas fabricas, e por isso causaram

muita admiração os pentes finos e de alisar, que a Expedição levou de um industrial do Porto, pretos, lustrosos e muito bem acabados; alguns d'elles tinham aros de metal. Os Lundas ficavam muito satisfeitos quando se lhes dava algum.

Chamam por analogia *chizanguílo* aos garfos de ferro que usam os ferreiros, para tirarem do fogo qualquer pedaço de ferro, e aos nossos para comer, que elles já imitam de madeira e mesmo de ferro, chamaram *chizanguílo uá cudile* (*čizag̃ŭilo ŭa kudile*).

Fazem alguns objectos, instrumentos e armas de ferro para seu uso, havendo grande variedade de facas, quer pela grandeza quer pela forma.

Ampaca (*ap̃aka*).—É o nome generico para as facas. As mais ordinarias fazem-nas terminando em ponta mais ou menos aguda; a linha das costas é recta e um pouco mais longa que a do gume que é curva e muito mais saliente, alargando junto ao cabo; são de varias dimensões. O comprimento das folhas varía de $0^{m},09$ a $0^{m},20$ e é proporcional ao dos cabos. Estes são chatos, consistindo numa especie de chapa de madeira que escurecem. Numa das extremidades abrem uma ranhura onde entra o espigão em que termina a folha, a qual fica assim bem encabada. A um terço do comprimento do cabo faz-se um buraco ou uma abertura rectangular, por onde passa um cordão que serve para a suspenderem ao pescoço ou a tiracollo.

Os cabos maiores são ás vezes guarnecidos com tachas amarellas. Todas as facas teem as suas bainhas ou de couro ou de madeira, formadas por duas peças que ajustam e se revestem de couro. As bainhas tambem são guarnecidas de tachas amarellas. Quando não as usam suspensas, mettem-nas entre o cinto ou cordel e a roupa que este segura á cintura, ficando o cabo de fora, isto é, a um lado debaixo do braço esquerdo.

Em geral as facas são sempre mais estreitas na extremidade. Algumas ha encurvadas para trás, são as melhores para o corte de plantas e capim e tomam o nome de *ampaca mussuco* (*apaka musuko* «faca do capim»).

Ha-as com os bordos salientes, com uma ou mais curvas, quasi como dentes de serra.

Diembe (*dĭebe*).— São umas faquinhas sem cabo, de forma flabellar, tendo na parte mais larga o gume que sempre está muito afiado. É com estas facas que rapam o cabello e barba, trabalhando sempre o eixo em sentido perpendicular aos cabellos. Rapam a barba num instante.

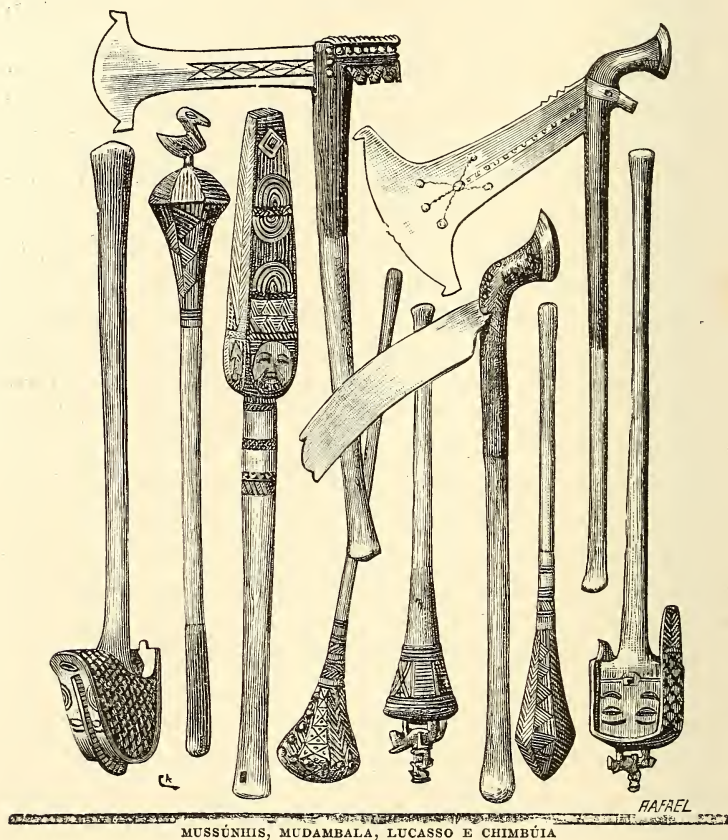
Como é natural, tendo este povo conhecimento do ferro, as armas que hoje apresentam quer de madeira, quer d'este metal, denotam um certo aperfeiçoamento. São estas as que se podem colleccionar actualmente, porque as antigas de madeira o tempo encarregou-se de as destruir, e as antigas de ferro depois de um certo uso voltaram ao fogo para se aproveitar o metal para varios fins.

Destacam-se como principaes entre as armas de madeira, as que teem semelhança com as nossas antigas maças ou clavas, e que teem nomes diversos, segundo a sua forma, podendo distribuir-se em dois grupos: o de maças alongadas e o de maças redondas, e todas teem o nome guerreiro de:

Mussúnhi (*musuñi*).— É o vocabulo que vulgarmente se tem interpretado por *moca;* os indigenas da nossa provincia de Angola chamam-lhe *unhe.* Procura-se para as fazer uma peça de madeira rija e pesada. As mais ordinarias terminam de um lado: ou em forma de duas conchas juxtapostas, sendo vivas as arestas da união com o cabo de $0^m,50$ a $0^m,60$ de comprimento; ou em forma de pinha com as arestas vivas; são as mais temiveis.

As que se podem grupar com estas formas são chamadas *musúnhi mucondo,* ás restantes chamam-se *musúnhi mulepa.*

As maças propriamente ditas e mesmo parte dos cabos, são mais ou menos ornadas com figuras esculpidas, imitando diversos animaes.

Tambem costumam dar-lhe côres escuras, até mesmo a côr preta, e alisam-nas e lustram-nas de modo que parecem fabricadas das melhores madeiras a que depois se applicou um bom verniz.

MUSSÚNHIS, MUDAMBALA, LUCASSO E CHIMBÚIA

Ha quem as guarneça com tachinhas amarellas, que trazem sempre muito limpas e brilhantes.

As que figuro representam algumas das que offereci á Sociedade de Geographia de Lisboa.

Ussangue (*usaĝe*).— É uma canna de altura variavel, entre 1^{m},20 e 1^{m},50, de grossura igual em todo o seu comprimento,

entre $0^m,015$ a $0^m,020$; perfeitamente lisas, escurecidas e lustradas com tintas a oleo.

Algumas são guarnecidas de anneis de missangas miudas, mais ou menos largos e mais ou menos grossos, ficando um espaço de $0^m,25$ a $0^m,30$ na parte superior a descoberto. Os anneis, embora unidos uns aos outros, nunca passam abaixo da meia altura da canna. Os povos do norte de Mataba e os seus vizinhos Tucongos trazam sempre o *ussangue,* assim como os Quiôcos e Lundas a sua espingarda lazarina.

Muxía.—É um objecto semelhante ao antecedente, mas de menores dimensões; faz lembrar as nossas bengalas com castão.

Chissengue (*čiseg̃e*).—Grande bastão feito de um ramo grosso, terminando superiormente num esgalho; um dos rebentos foi alisado um pouco á faca, ficando outro um pouco saliente para o lado e mais ou menos arredondado. Geralmente estes bastões teem $1^m,30$ de altura, $0^m,02$ a $0^m,03$ de diametro, e são mais ou menos tortuosos. Nalguns aproveitam os extremos arredondados para nelles esculpirem umas figuras grosseiras, mas o mais geral é dar-lhes a forma só de cabeças mais ou menos toscas. Estas cabeças a maior parte das vezes são triangulares, sendo o lado menor a testa; e os dois iguaes e maiores as faces, sendo a barba em bico.

Chipaza (*čipaza*)..—É tambem um bastão como o anterior, terminando superiormente em arco, e tambem de uma só peça. Tanto este como o chissengue são objectos muito estimados por quem os possue. Estão sempre á mão para os casos inesperados.

Dilanda (*dilad̃a*).—É uma das nossas bengalas ordinarias de canna, encurvada na extremidade superior. Usam-na em passeio, e os potentados levam-na quando vão dirigir os trabalhos das suas lavras.

Vi ainda duas lanças de madeira em forma de harpão:

Dibala. —Tem de altura $1^m,50$, e $0^m,02$ de grossura. A um quarto da sua extremidade superior parece que se encravaram tres pyramides conicas umas nas outras, terminando a ultima numa lança aguda.

Cassaca (*kasaka*).—Tem mais altura que a dibala e apresenta superiormente e só de um lado tres saliencias em forma de dentes de serra, sendo as linhas maiores dos dentes iguaes e parallelas, formando a do extremo com a linha da haste um angulo agudissimo.

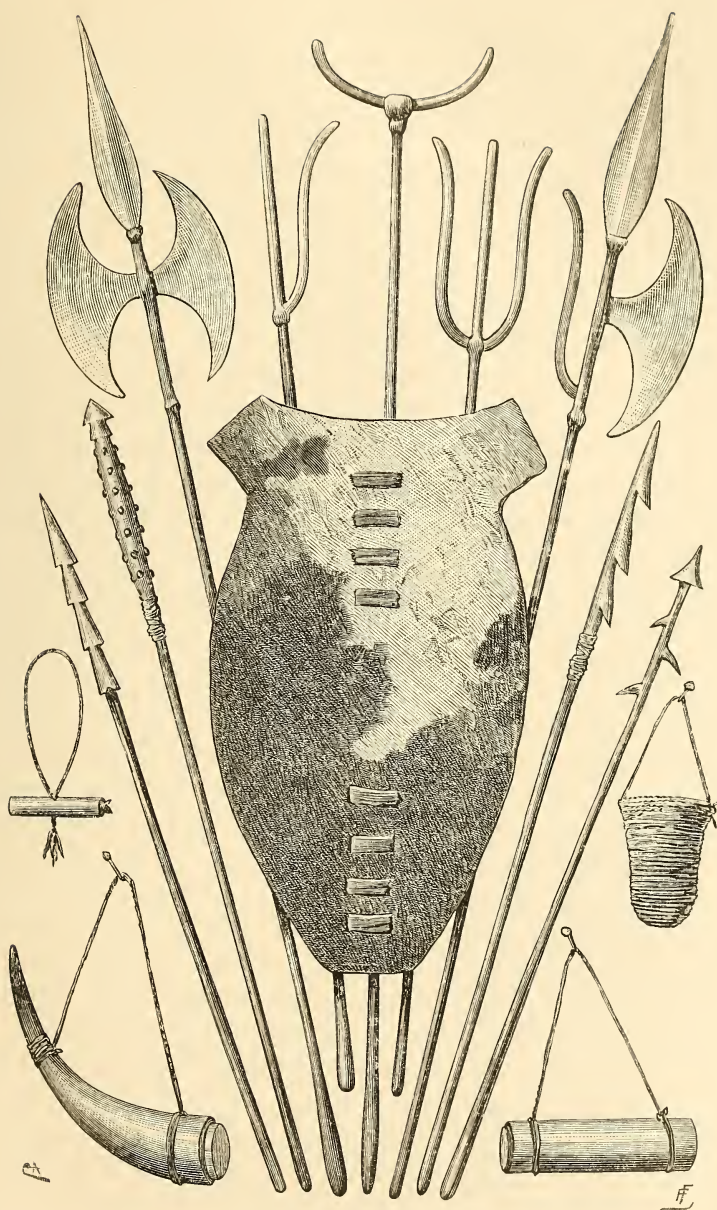
Como arma defensiva de madeira temos a mencionar:

Ruquibo (*rukibo*).—É um escudo que pela forma faz lembrar os que usaram os nossos antepassados. Os mais simples são rectangulares; outros teem os lados menores em arco, salientes ou reintrantes, segundo a vontade de quem os manda fazer. A madeira para os aros é especial, e depois de bem ligadas as quatro peças que os constituem, cobrem-se com um entrelaçado de fibras de lutombe ou de outro bordão qualquer, passando-se entre ellas, em sentidos oppostos, para lhes dar mais consistencia algumas tiras estreitas de cabama, especie de chibata, de modo que fiquem bem apertadas essas tiras no entrelaçado.

Cobre-se todo depois com fazenda, mas os escudos mais apreciados são os cobertos de baeta encarnada, avivados com baeta azul ou algodão branco; e ás vezes ainda, a uma certa distancia dos vivos, seguindo o quadro exterior, cose-se uma tira estreita da mesma fazenda d'elles. Geralmente tem de altura $1^{m},10$ até $1^{m},20$ e de largura $0^{m},40$ a $0^{m},50$. Pela parte interior tem duas tiras de couro pregadas ao meio, e distantes uma da outra $0^{m},20$; são pregadas nos aros dos lados maiores, ficando o mais tensas possivel, e é por ellas que se passa o braço esquerdo para os segurar.

Ha quem os cubra com pelle de antilope ou outras pelles de pello muito curto, que guarnecem com tachas amarellas em arabescos; e tambem os cobrem de couros seccos.

Para defesa usa-se o escudo um pouco inclinado á frente do corpo; mas em marcha deixa-se cair naturalmente ao lado esquerdo prolongando-se com o braço.

O escudo do Muiocoto, potentado Quiôco, era coberto de baeta vermelha. Na Lunda actualmente só o Muatiânvua e grandes quilolos os usam como distinctivos de seus estados, costume que

ARMAS BRANCAS E AMULETOS DE CAÇA

lhes ficou do tempo em que não conheciam outra arma além do arco e frecha.

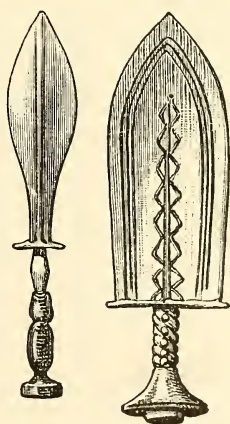
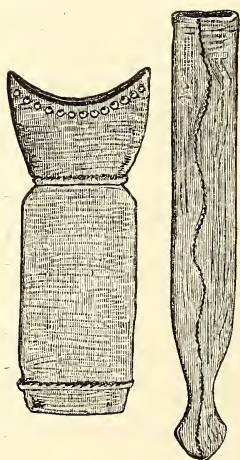
Antes da introducção das armas lazarinas, quando as luctas eram por assim dizer corpo a corpo com as armas brancas, facas, lanças e piques, o *ruquibo* ou *luquibo* era um auxiliar na defensiva, porém não me parece que fosse aqui tão frequente o seu uso como entre os Zulos e os povos do norte, porque o material do seu fabrico não abona muito as suas vantagens para combate.

A dar credito ás tradições d'estes povos, os Bungos, anteriores ao Estado do Muatiânvua, eram conhecidos como atiradores de pedras, emquanto que os Lubas, d'onde veiu o pae do primeiro Muatiânvua, foram por aquelles considerados *ampacali* (*ap̃akali* «luctadores de faca»).

O facto de ainda hoje todos os Lundas usarem facas grandes em marcha e a presteza com que ao mais pequeno pretexto a desembainham e manejam em sua defesa, leva a crer fosse esta sempre a sua arma predilecta.

Fosse emfim qual fosse a sua procedencia, é certo que conheceram as armas de arremesso e as armas brancas, desde a pequena faca até ás de 0m,70 de comprimento com folhas de forma e largura diversas e bem assim uma grande variedade de lanças. De todas as que vi dou agora breve noticia.

Mucuáli (*mukŭali*).—É uma arma composta de uma folha de ferro e de um cabo. A folha tem de comprimento 0m,40 a 0m,50 e de largura 0m,04 a 0m,08, tendo de um e outro lado recortes mais ou menos salientes ou bicos mais ou menos agudos. A sua extremidade termina em ponta aguda. É afiada dos dois lados tendo a lamina um engrossamento ou veio na linha central.

São bem encabados, e os punhos mais ou menos elegantes, com seus arrendados e anneis de fio de ferro, cobre ou latão.

A bainha *chilala* (*čilala*) é feita de uma madeira especial muito leve, macia e branca. Consta de duas peças iguaes que excedem um pouco a maxima largura e comprimento da folha. Em cada uma fazem uma pequena cava, de modo que sobrepondo-as ficam com a capacidade precisa para a folha ter uma certa folga. Depois de bem ajustadas as duas peças uma contra a outra ligam-se e apertam-se com tres ou quatro anneis estreitos tambem de madeira ou de liames, revestindo-se tudo com pelle de *cabúcua* (pequeno quadrupede), e que é muito macia e escura. Devidamente preparada adquire a elasticidade precisa, e depois de muito repuxada cose-se sobre uma das faces, sendo esta a que se encosta ao corpo. As bainhas são ligadas no annel proximo da bocca a uma especie de talabarte feito de pelle côr de castanha de *anzunzo* (*žužo*), animal que faz lembrar uma das nossas lebres, e a que dão a forma de um rolo que ligam em arco, ficando com ambas as pontas caidas para baixo. Este talabarte a que chamam *maia* (*maĭa*), usa-se sobre o hombro esquerdo passando o braço esquerdo para fora, e a mão direita empunha o cabo da arma segurando a outra na bainha.

Quando se sentam tiram logo a maia do hombro, pondo-a no chão ou sobre a pelle em que se sentam, e a faca deante de si. Só os potentados usam da maia, e o que se vê mais geralmente é a faca suspensa por uma corda ou cordão ao hombro, ou então mettida a um lado entre o cinto e o panno, e muitos põem-na debaixo do braço.

Mussamuna.—É uma arma como o mucuáli em que a folha differe d'este pelas suas maiores dimensões, e por ter uma ponta muito aguda que toma um terço do seu comprimento. São muito mais fortes e pesadas. Os Uandas é que as usam e são fabricadas pela gente do norte. Tambem as ha de folhas mais

largas cavadas a meio, formando os gumes largas curvas reintrantes terminando em bicos muito agudos. Teem bainhas como as outras facas, mas pela sua largura parecem pastas.

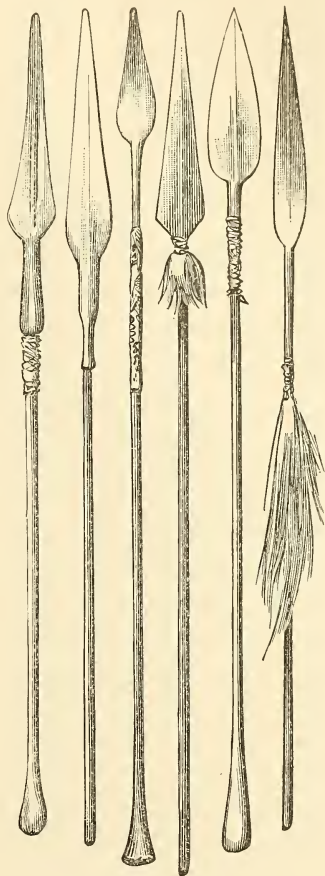
É grande a variedade de facas, quer pelo feitio quer pelas dimensões, que ha entre estes povos, tendo nomes diversos segundo as suas formas. Ás de Canhíuca, por causa de serem arredondadas para fora chamaram *mucumbe*. Ás nossas espadas de infanteria por serem direitas e de um só fio deram o mesmo nome que dão ás facas de mesa, *ruquila,* e ás nossas antigas bayonetas por serem estreitas e terminarem em ponta chamaram *mussoculala*.

Vêem-se já poucos exemplares de lanças; algumas teem hastes de madeira e outras são todas de ferro. Observei as seguintes:

Calembele (*kalembele*).—É uma pequena azagaia, ou toda feita de ferro ou então com a haste de madeira. Ha quem enfeite estas ultimas com missangas miudas de diversas côres, dispostas de modo variado.

Os Tucuatas quando em marcha servem-se d'ellas para apoio e para a sua defesa, e quando se sentam espetam-nas um pouco á esquerda e á frente do logar em que ficam.

Murumbo (*murumbo*).—É uma lança, tendo a haste tambem de ferro, formando com ella uma só peça. A haste consiste numa vara delgada de $0^{m},08$ de diametro, com $1^{m},20$, de com-

primento e o ferro tem 0m,22 de comprido, e na sua parte mais larga 0m,03. No ponto onde começa a haste é arredondada.

Algumas hastes tem a 0m,20 de distancia da lança, um annel grosso que serve para a elle se prender a cauda de algum animal, quasi sempre preta ou mesmo uma pelle de grande pello como da *pelumba,* disposta em forma de saiote. Muitos ainda fazem primeiro um enchimento sobre o annel, uma especie de taco, e a este é que prendem a pelle, cobrindo parte do taco que fica a descoberto com baeta encarnada ou missanga miuda de diversas côres.

Mucuba.—Forquilha de ferro feita tambem de uma só peça, sendo a haste de comprimento e de largura igual á da arma precedente, terminando o cabo como ella em ponta para se espetar no solo. De 0m,10 a 0m,12 da sua extremidade superior partem para um e outro lado os ramos arqueados de uma forquilha, um pouco mais delgados que a haste.

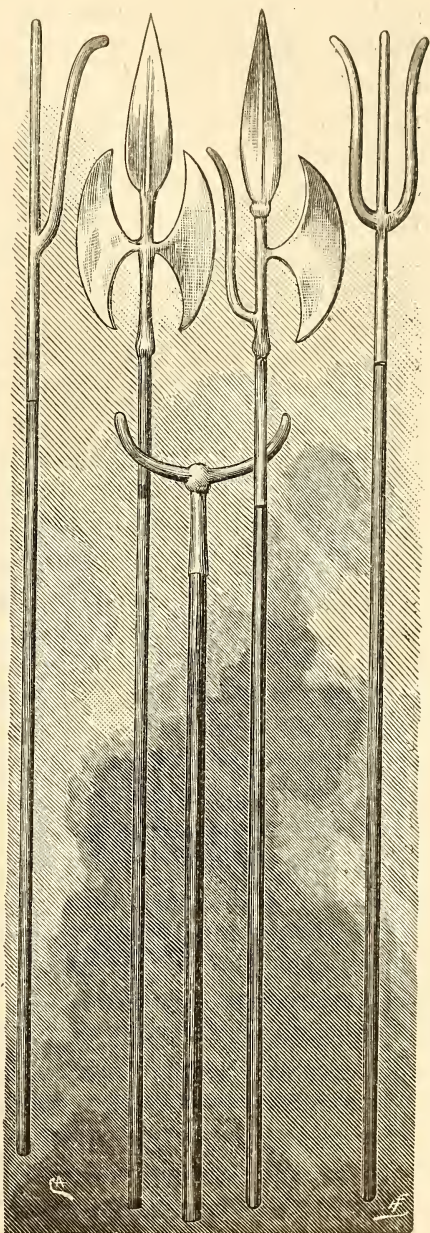
Serve a mucuba para apoio das espingardas e tambem de arma defensiva. Tambem se fazem com um só ramo de forquilha, e ha outras em que a haste termina numa pequena bola, da qual partem os ramos da forquilha.

Chimpala (*čipala*).—Esta arma tem a haste da mesma altura e grossura que o murumbo, e a 0m,15 abaixo da extremidade superior partem para lados oppostos folhas de ferro em forma de crescente, como as dos machados dos nossos antigos porta-machados, terminando a haste inferiormente em ponta. É uma boa arma defensiva e offensiva. Algumas teem só crescente de um lado, e do outro o ramo de uma forquilha. Tambem as guarnecem com o seu saiote de pelles como o murumbo. Os grandes quilolos que as possuem, trazem-nas sempre porque lhes servem de bordão para encosto, sendo-lhes permittido levarem-nas á audiencia do proprio Muatiânvua, e espetá-las deante do logar em que se sentam.

Qualquer pau direito e que não parta com facilidade é aproveitado para encabeçar com uma peça de ferro terminando em ponta aguçada. Se esta é em forma de lamina dão a esta arma o nome de *ruquila,* se é em forma de espeto, quer tenha ou não

arestas vivas, chamam-lhe *mussocolo*, e é certamente pela analogia que teem com ellas, que as nossas espadas e bayonetas recebem estes mesmos nomes. O que é em todo o caso mais correcto do que o nome de *chibata*, que os Ambaquistas dão ás nossas espadas, e que só posso attribuir ás pranchadas em vez de chibatadas que se applicavam em outro tempo á soldadesca como castigo.

A arma de tiro anterior á de fogo que estes povos conheceram, foi de certo o arco e frecha de que ainda se faz algum uso, sendo as primitivas frechas de madeira.

Era pois esta arma, que no plural tinha o nome de *mata*. Ao apparecerem depois as lazarinas e as granadeiras que o nosso commercio levava para o interior, deram-lhes o nome de *uta uá Muene Puto*, e com o tempo passaram a chamar-se só *uta*, e ao antigo arco chamaram *uta uá mulimo* ou *uá cadiango*;

sendo *cadiango* (*kadĭaỹo*) o arco, e *mulimo* a corda. Esta é feita de pelles de animaes a que tiraram os pellos, sendo cortadas ás tiras e enroladas em espiral para apertarem os extremos do arco, ficando assim a corda bastante tensa.

A frecha tem o nome de *séu* (*séŭ*); é uma varinha delgada de madeira o mais direita possivel, tendo num dos extremos o ferro curto em forma de lança a que chamam *múfi,* e no outro fazem-se entalhes estreitos oppostos dois a dois, onde se fixam pennas de gallinha aparadas quasi rentes á haste, isto para a frecha cortar o vento com mais facilidade e seguir com mais certeza na direcção em que foi arremessada.

Quem não possue uma espingarda usa do arco em diligencias, caçadas e guerras e traz sempre um feixe de frechas, em numero nunca inferior a trinta ou quarenta, mettido em um sacco ou aljava de fibras, que se suspende ás costas e ao qual se dá o nome de *mussaca.*

Uta.— É o vocabulo para espingarda que estes povos trouxeram do nordeste e que os povos do norte ainda hoje usam na mesma accepção.

Presentemente as armas de fogo, ainda as mais modernas, que se carregam rapidamente e os revólveres são, em geral, conhecidos de todos estes povos.

O que é porém para elles mais vulgar é a arma lazarina, para a qual já adoptaram uma nomenclatura sua, de que dou conhecimento:

Chiunje (*čĭuj̃e*).— Toda a coronha.

Chitanda (*čitad̃a*).— Chapa do couce.

Dizuro.— Cano.

Unvingate (*uṽĭg̃ate*).— Vareta.

Dixisse (*dixise*).— Fecharia.

Mucuane (*mukŭane*).— Cão.

Chimbele (*čib̃ele*).— Chapeleta ou cabeça do mesmo.

Cachiquite (*kačikite*).— Pederneira.

Rucássue (*rukasŭè*).— Caçoleta.

Mussau (*musaŭ*).— Descansos (chapinha em dentes, peça exterior) do cão.

Mucambo uá peúre (*mukabo ŭa peúre*).—O mesmo que caçoleta.

Chopo (*čopo*).—Peça cavada (bacia ou deposito) sobre que assenta a caçoleta.

Disse (*dise*).—Ouvido, orificio de communicação com a culatra.

Casabuíle (*kasabŭile*).—Gatilho.

Mulime.—Todo o guarda-mato.

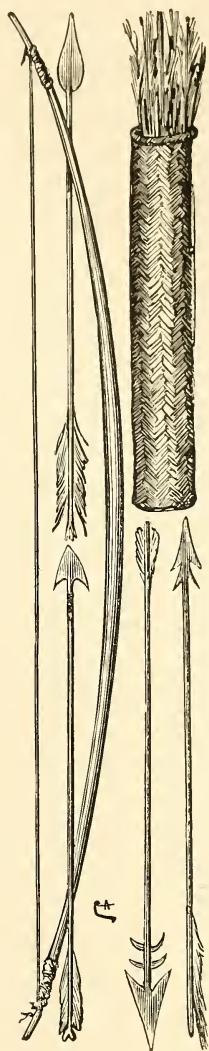
Dicoza.—Braçadeira.

Um bom caçador estima muito a sua espingarda. A coronha até á fecharia é crivada de tachas amarellas, em varios desenhos. O resto da coronha e cano em todo o seu comprimento é envolvido em braçadeiras largas de latão feitas das varas que lhes leva o commercio, e onde fazem desenhos em relevo antes de dobradas.

As espingardas estão sempre muito limpas, são lavadas mesmo nos rios, e o maior luxo é trazerem os metaes e o que se possa ver da madeira tudo muito lustroso.

Os apreciadores, e em geral os potentados, teem saccos de pelles avivados de fazenda encarnada, em que as mettem, ficando apenas parte do cano de fora.

Vi fazer coronhas á faca, que depois de promptas e pintadas com as tintas que se podiam obter, eram mesmo superiores a muitas das coronhas das lazarinas que lá chegam, não sendo facil distingui-las d'estas ultimas.

Entre estes povos fazem-se todas as peças de fecharia, mas os que trabalham melhor em ferro são os Quiôcos e depois os Bângalas. O Quiôco só o que não faz é o cano, e por isso mesmo compra canos usados e apresenta depois boas espingardas ás quaes os adaptou.

Com respeito ás armas de fogo perguntaram-me um dia: *čadĭape ča pa urua, čiy̆e čĭeza načĭo nañi?* («Quem é o amigo que nos visita e só come o que traz comsigo?»)

Por algum tempo quiz ver se lhes respondia, e confesso que não podia esperar a resposta que não deixa de ser curiosa: *uta ŭa Muene Puto, udĭa difad̃a dĭed̃e.* («A espingarda de Muene Puto que só come a sua polvora»).

Já ha cartuchos para as lazarinas de manufactura indigena, que são realmente compridos de mais, mas devemos considerar que para o preto um bom tiro é o que produz grande estampido.

Ás pistolas e revólveres chamam *caúta,* e conforme os tiros do ultimo assim dizem caúta de tantos narizes: por exemplo, *caúta canhí cazuro* (*kauta kañí kazuro* «arma pequena de quatro canos»). As espingardas de dois canos denominam-se *uta mazuro maadi,* etc.

Com respeito ás armas indigenas que observei, eu não vejo mais do que Schweinfurth encontrou nos povos que visitou na sua viagem pelo Nilo ao sul; e acreditando que as migrações partiram de lá para esta região, pode dizer-se que se não tem havido aperfeiçoamentos no seu fabrico, ou antes parece lá havê-los segundo as descripções do referido explorador; é isso devido á introducção pelo commercio portuguez das armas de fogo entre os povos de que trato.

E sobre as armas de fogo, repete-se aqui o que já notou Schweinfurth com os seus carregadores. O indigena quando vae á caça aponta ao animal e mata-o; porém sempre que dispara uma arma por motivo de regozijo ou em ceremonias publicas não põe a arma em pontaria e desfecha para o lado esquerdo, umas vezes com o cano para baixo e outras vezes sem essa precaução, tornando-se isso perigoso para quem esteja d'esse lado, e se a arma se achar carregada com bala é-o tambem para quem esteja até mais distante.

Mais de uma vez succedeu na minha Expedição, um carregador desfechar sobre outro, chegando um a ficar muito molestado numa perna e num braço e no regresso a Catala, um

dos contratados de Loanda, ficou com a cara, e um braço e mão em miseravel estado.

Se por qualquer circumstancia essas espingardas estiverem carregadas mesmo com chumbo miudo, é problematico que as victimas d'esses descuidos fiquem ainda com vida.

Apesar de serem simples os trabalhos de lavoura os instrumentos em uso, que se encontram, denotando alguns um certo aperfeicoamento, são já de ferro.

Lucasso.—É uma enchada pequena com o cabo de madeira curto e tosco. O ferro em forma de concha termina quasi em bico do lado cortante, e do lado opposto tem a forma de um espigão que se vae cravar na maça do cabo, onde se fez previamente um buraco para o receber.

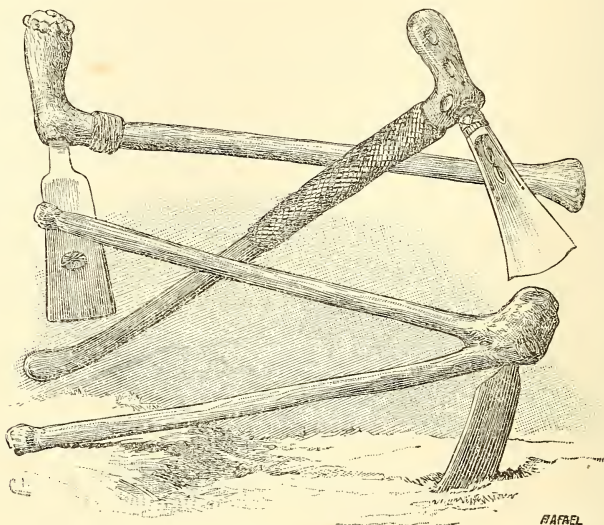
O cabo é um tronco de arvore em forma de *V*, em que se aproveita o nó ou ligação dos dois ramos para cravar o espigão. A folha pode ter forma diversa da de concha, e ser rectangular e curva. Para cavar com esta enchada, a mão direita pega no ramo inferior do cabo e a esquerda auxilia os movimentos pegando no outro.

Faz parte da collecção de instrumentos agricolas que reuni uma enchada em que o cabo é bem torneado, terminando inferiormente em forma de pata de animal, sendo a folha bastante comprida, e estando cravada segundo a direcção do ramo de madeira em que se talhou a pata, isto é, disposta com uma inclinação que torna facil cavar com ella o terreno. As folhas em geral são muito afiadas para poderem cortar as raizes ou cepas que se encontram no solo.

São as mulheres que ordinariamente trazem as enchadas ao hombro, e que com ellas trabalham nas lavras. É em geral a muári do potentado que dirige o trabalho e usa de uma enchada pequena, com a folha e cabo ornados de desenhos, sendo este enfeitado com missanga.

Dos machados o mais commum, que corresponde á enchada ordinaria, consiste num cabo tosco terminando num nó, entrando neste um ferro que alarga para a extremidade e que a meio do seu comprimento achata para dar o gume.

Chissoque (*čisoke*).—Pequena machadinha. É utensilio indispensavel para os homens e tambem para as mulheres que não teem machados de maiores dimensões. Dá-se ao ferro o nome de *muquita* (*mukita*) e ao cabo o de *mussúnhi* (*musuñi*).

Tanto um como outro teem forma especial. Este é de uma só peça. É um tronco em que se aproveita o nó de ligação com outro tronco, que depois se adelgaça á faca, terminando numa cabeça de grossura sufficiente para se segurar bem na mão.

CHISSOQUE, ANGUIMBO E LUCASSO

Alguns apresentam-se em curva pouco pronunciada. Em cima aproveita-se a curva para fazer contrapeso a equilibrar-se com o ferro. Este sendo redondo vae adelgaçando até ao gume, que usam trazer sempre muito afiado, tendo para o lado posterior um espigão que entra num orificio do lado opposto ao contrapeso. O gume tem de $0^m,02$ a $0^m,04$ de comprimento.

Frequentes vezes este machado é empregado nas lavras em vez da enchada, e usam-no sempre porque tambem serve de arma. O exemplar que figuro é ornamentado e a folha apresenta-se bem lisa.

Anguimbo (*g̃ib̃o*).—A folha alarga para a parte anterior, e se fosse curvada e voltada em sentido transversal no orificio em que entra, daria uma das suas enchadas. As dimensões regulam pelas mesmas do chissoque.

Chimbúia (*čib̃uĭa*).—É uma machadinha mais delicada, pode dizer-se uma arma de luxo. O gume é em forma de meia lua na parte anterior e estreita um pouco ao meio até á entrada no cabo. Estas laminas são mais ou menos ornadas.

Os cabos são de melhor madeira e um pouco mais aperfeiçoados do que os das machadinhas ordinarias; fazem-nos escuros e lustrosos, e o contrapeso é guarnecido de tachinhas amarellas.

Mudambala (*mudab̃ala*).—É um outra machadinha ainda mais delicada.

A linha do contrapeso forma quasi angulo recto com o cabo e fica no prolongamento do ferro. Este á saida do cabo tem a mesma largura do contrapeso, continuando assim até ao gume, que é mais largo, de forma semilunar com dois dentes nos extremos, e limitado posteriormente por dois arcos de circulo.

Tanto o cabo como a folha são ornados, sendo o ramo do contrapeso lavrado ou crivado de taxas amarellas.

Dicanda (*dikad̃a*).—Differe da *mudambala,* em que a folha é redonda, pouco depois do quê apresenta uma saliencia como um annel grosso e lago, que é enfeitado aos riscos ou em xadrez, etc., e continua ainda redonda, alargando e depois achatando em forma de leque com a largura de $0^{m},02$ a $0^{m},03$ no gume, e distante do cabo $0^{m},20$. Tanto o cabo como a lamina são enfeitados com mais ou menos arabescos.

Todos os machados em geral são considerados como armas defensivas e offensivas pelos indigenas, e por isso trazem-nos sempre como a faca e a espingarda, se a teem. Neste caso o machado suspende-se á cintura do lado esquerdo um pouco para trás, ficando o mucuáli, que se suspende ao hombro, adeante do machado.

Os machados e enchadas são os unicos instrumentos de lavoura que por emquanto alí se conhecem; porém vi já entre

os Quiôcos e nos povos do Lulúa, os nossos ancinhos ou engaços, feitos toscamente de madeira. Pode dizer-se que é o *chizanguílo* (pente), que fazem de tres ou quatro dentes, tendo na parte superior um buraco onde entra um cabo, o qual, depois de entrar ahi, é amassado na parte excedente com um objecto pesado para tomar a forma de um botão.

Servem-se d'elle para limpar a terra, depois de revolvida, de raizes, folhas e cavacos, que amontoam a um lado, e que as mulheres depois levam em cestos para um logar em que os queimam. Chamam elles a este instrumento *chizanguílo cucungo* e áquella operação, a ultima antes de semearem, *cucungo*.

Um dos objectos indispensaveis aos potentados e de que se fazem acompanhar sempre que os teem, quer estejam recebendo visitas, quer saiam da sua residencia para longe ou para perto, e que em muitas tribus passa por symbolo do estado, chegando a conhecer-se por elle o potentado a quem pertence, é o

Mupungo (*mupũgo*), que eu traduzi por «enxota-moscas», por o ter visto empregar nesse serviço diversas vezes, mas que tem outras applicações. Fazem-nos da seguinte forma:

Affeiçoa-se um encanastrado de fibras de cabama em forma de cone truncado, tendo $0^m,10$ de maior diametro na base e $0^m,25$ a $0^m,30$ de altura, e reveste-se de baeta encarnada ou azul, avivada nas extremidades de algodão branco bordada de missangas em varios desenhos. Na abertura menor introduz-se a cauda de um animal grande, ou então, o que é mais frequente, a pelle de um macaco de grande pello, de que se aproveita a parte branca e preta, de modo que parece uma cauda, apertando-se esta de encontro ao cabo com cordeis.

Ha uns de caudas muito compridas, com cabos guarnecidos de anneis mais ou menos salientes e bem enfeitados.

Na extremidade aberta do cabo, deitam-lhe os milongos contra feitiços, que consistem numas misturas de varias drogas preparadas pelos Angangas, formando massa, que se ataca bem até uma altura de 0m,03 a 0m,04 de borda.

Nesta massa espetam depois pennas de gallinha ou de outras aves, fios de ferro e de cobre, ou melhor ainda, chifres de corça ou de gazella, cheios tambem de mexordias.

Geralmente o milongo neste caso é para preservar o possuidor de morte na guerra ou de ser apanhado pelo inimigo quando sae em diligencias.

Os Quiôcos são os que mais usam do mupungo, e os potentados teem uns especiaes, que confiam áquelles que os vão representar em qualquer missão, e é certo que elles differem uns dos outros, porque a distancia reconhece-se logo por elles, de onde veem os portadores.

O Muana Angana, Quissuassúa, que me visitou no Luambata, trazia um, o maior que vi, de cauda preta, e do cabo, que era muito grosso, saíam dez chifres de corça. Elle tinha-o na mão, e repito, servia-se d'elle para afugentar as moscas.

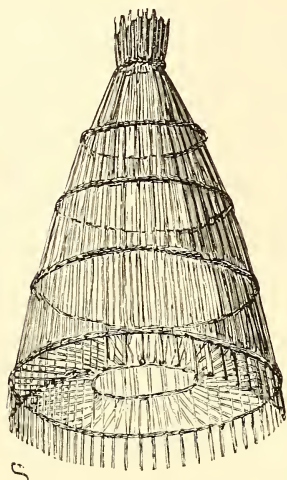
Ha-os grandes e pequenos, e os cabos são muito variados, sobretudo com respeito á disposição das missangas.

Deve notar-se, que não é só este objecto de uso que se aproveita para conter milongo, como preservativo de qualquer mal que possa fazer-se ao seu possuidor.

Sempre que em qualquer objecto de uso se vêem arremedos de figuras humanas ou de animaes, como por exemplo nas armas, nos instrumentos de lavoura, nos adornos que se usam suspensos ao pescoço, braços e pernas, devemos concluir que o intento ao collocá-los ahi foi de desviar feiticeiros ou affastar males, que a superstição faz crer que podem surgir de um momento para outro.

Se em qualquer d'esses objectos for possivel abrir-se uma cavidade por pequena que seja, assim se faz e quem os observar attentamente, ha de encontrar, embora perfeitamente encoberto, o milongo apropriado, para affastar o mal da pessoa que o traz.

É para notar que as mulheres não teem essas apprehensõe- a seu respeito, e observa-se nellas a ausencia mesmo de amus letos; porém são ellas as primeiras a suspendê-los ao pescoço dos filhos e a amarrarem-lhe aos braços as *iteca* («pausinhos, fructos pequenos seccos, dentes de animaes, etc.»).

Tendo dado conhecimento das armas usadas por estes povos para sua defesa e para a caça, bem como dos seus instrumentos de lavoura, etc., terminarei este capitulo dando noticia dos artificios de que se servem para apanhar o peixe nos rios.

Ruquinda (*rukiđa*). — Nos rios que passam proximo das povoações e nos logares em que conhecem que afflue o peixe fazem cercas para o apanharem.

Consistem estas de paliçadas de troncos encostados uns aos outros, entrando pelo rio até dois e tres metros.

D'esta paliçada partem outras para montante e para jusante, feitas do mesmo modo, sendo bem ligadas com liames as partes dos troncos que ficam fora de agua.

Parallela á primeira, e a uma certa distancia, collocam outra, que liga no extremo com ella e se prolonga com canniçados até á outra margem, se o rio acaso é estreito, e a qual se mantem ligando-se a uns supportes, que vão collocando de distancia em distancia.

Além d'este labyrintho com que pretendem envolver o peixe que appareça, procuram quando elle se escape da primeira cerca affastá-lo da corrente, e por isso até onde lhes é possivel penetrarem no rio, collocam em diversos sentidos paliçadas de troncos inclinadas sobre as margens e a estas dão o nome de *chixexe*.

Cançar os peixes e virar-lhes a cabeça, é o que nós queremos —dizem elles,— pois ficam encostados aos paus no sentido do comprimento e não podem d'ahi sair.

Dissena (*disena*).—É uma armadilha, feita com varinhas delgadas de capim dispostas com pequenos intervallos, e ligadas umas ás outras por fios de fibras; teem a forma de um pequeno barco, sendo as linhas da prôa e pôpa rectas, e as que caem sobre a quilha, tambem rectas. Fixam-na proximo ás margens dos rios com a bocca virada contra a corrente. Tem de comprimento $0^{m},40$ e de altura $0^{m},25$ a $0^{m},30$.

Catanda (*katad̃a*).—É outra do mesmo feitio com dimensões um pouco maiores e com umas travessinhas ao meio para conservar tensas as suas paredes.

Mujía.—São outras armadilhas para peixe miudo, feitas do mesmo material. Tem a forma de dois cones juxtapostos pelos vertices e com abertura em cada um dos lados maiores. São de pequenas dimensões e transportam-se facilmente.

Em viagem rara é a comitiva que não leva dois ou tres d'estes apparelhos, sempre na esperança de apanhar algum peixe nos rios que tem de atravessar.

Collocam-se amarradas pelo centro a um pau e equilibradas por outro pela parte de fora, de modo que as aberturas fiquem viradas para montante e para juzante da corrente. Em geral deixam-nas assim ficar toda a noite, e só de madrugada vão conhecer se tiveram fortuna.

São poucos ainda os individuos que fazem uso das tarrafas e outras redes. Chamam a uma e outras *uanda* (*ŭad̃a*), e tambem poucos são os que sabem pescar á linha, chamando a esta *ambungo* (*b̃ug̃o*), e ao anzol *dilôua* (*diloŭa*).

Reduzindo-se a muito pouco as necessidades d'estes povos, tambem poucos foram os objectos que fabricaram para os ajudarem a satisfazê-las. E se vemos estes mesmos num estado rudimentar, attribuo este facto á intervenção do commercio portuguez que lhes levou outros melhores, que não só supprem o logar áquelles, mas ainda lhes deu a conhecer outros novos creando-lhe necessidades que não conheciam.

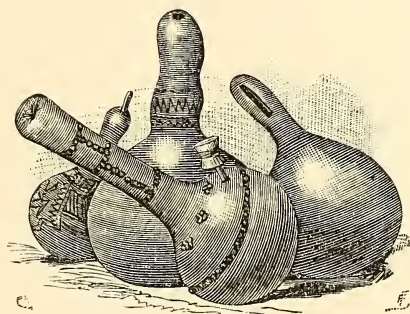
Sabe-se pela tradição que, organisado que foi o estado de Muantiânvua, principiaram a saír da côrte emissarios encarregados de abrir caminhos na direcção que seguia o sol no seu declinar, e outros tambem para as regiões na direcção de onde elle vinha.

Quingúri, ao partir, dissera: — Vou seguir até á terra onde o sol se esconde.

Cazembe (o primeiro) tinha a missão de procurar relações com as terras de Muene Puto a leste. Parece pois, que estes povos quando vieram estabelecer-se nos territorios que actualmente occupam, conheceram que para os lados a leste e oeste se encontravam terras onde existiam povos mais cultos que lhes podiam proporcionar os meios de supprirem algumas das suas necessidades, e é provavel que esse conhecimento o obtivessem pelo systema de transmissão de noticias, conhecido nos povos de N.-E. ao norte dos grandes lagos, noticias que se davam logo em seguida á saudação da manhã, costume muito usado tambem na nossa provincia de Angola a que chamam *maézu*, e na Lunda *lussango*.

Pode dizer-se moderno o estado de Muatiânvua e parecem da mesma epocha não só as migrações frequentes dos povos da Lunda para a nossa provincia de Angola, como o estabelecimento das correntes do nosso commercio para lá. Estas correntes, procedentes dos povos da Jinga e de outras tribus avassalladas ou não, chegavam na volta até Ambaca nos primitivos tempos do nosso dominio, e eram esses agentes que traziam do interior em troca de fazenda as levas de escravos que sairam pela provincia, e digamos a verdade em principio protegidos pelas missões dos Jesuitas.

Assim se pode explicar o facto que apenas, por curiosidade, um ou outro individuo das tribus se dedica ao fabrico de armas, utensilios e outros artefactos propriamente indigenas; e naturalmente em pouco tempo, o que ainda hoje se vê deixará de existir por effeito das correntes de commercio que estão cortando essa região em todos os sentidos. O que se encontra agora nos diversos museus da Europa, proveniente de indus-

tria indigena, passará para a posteridade como documento ethnographico de uma idade primitiva d'estes povos, notando-se que os que permaneceram mais afastados do commercio europeu, são os que apresentam productos mais perfeitos da sua industria.

CAPITULO VI

VESTUARIO E ADORNOS PESSOAES
INSTRUMENTOS DE MUSICA

Considerações preliminares — Materiaes usados para vestuario de ambos os sexos; designação das suas differentes peças e modo de se usarem — Cintos de missanga ou de busios; cintos de couro — Braçaes e canhões de couro ou de baeta — Bolsas de viagem de pelles ou de couro; cartucheiras — Bandas ou cintas de lã e de fibras vegetaes — Collares de contaria; emprego da contaria como moeda corrente — Objectos usados como distinctivo, como amuletos ou simplesmente como enfeite — Miluínas e outros ornatos para a cabeça—Diademas, resplendores, capacetes, etc., servindo como distinctivos, e modo de os fazer — Passadeiras de metal para os cabellos — Barretes de lã, bonés e chapéus europeus de formas e materiaes diversos — Chapéus de sol e umbellas — Brincos, pingentes, argolas, anneis e outros adornos para as orelhas, nariz, mãos e braços — Lucano ou distinctivo de soberania na Lunda; ceremonial da investidura do Muatiânvua na posse d'essa insignia — Amuletos diversos — Lucanga; ceremonial para a sua collocação — Cascaveis e guizos — Mutilações e pinturas na cara e no corpo, empregadas como embellezamento — Instrumentos de musica — Chissangue e marimbas — Instrumentos de corda, de vento e de pancadaria.

sam estes povos de trajos, adornos, objectos de luxo, insignias, amuletos, tatuagens e outras mutilações para enfeite, de que dou agora noticia, bem como dos seus instrumentos de musica, o que tudo contribuirá para se formar uma idea geral do desenvolvimento das suas faculdades inventivas e artisticas e das suas aptidões.

No clima em que aqui vive não tinha o homem necessidade de proteger o corpo contra os rigores do frio, e o uso que ainda actualmente observa de cobrir as partes genitaes com folhas, tecidos de filamentos de plantas e com pelles de animaes, demonstra-nos que esse habito é imposto por certas noções de decencia e talvez para restringir as provocações para os prazeres sexuaes.

Nem as pelles, nem os tecidos que podem obter, ainda hoje, para seu resguardo, são cosidas.

A agulha é instrumento que os Portuguezes lhes levaram, e pode dizer-se que ainda no principio do seculo actual não a conheciam; e que os pannos cosidos para vestuario só principiam a ver-se agora. Rodrigues Graça, quando em 1849 esteve na Mussumba, deu-nos a entender que o uso das baetas enroladas em torno da cintura era um traje rico, pois só os potentados e filhos de Muatiânvua as podiam usar.

O uso da mabela, que é um terço de uma tanga de algodão e que é feita como esta, trouxeram-no os povos que vieram do nordeste, pois o chibinda Ilunga, pae do primeiro Muatiânvua, quando veiu já a usava, e encontrou os Bungos com esse traje.

Os Uandas, ao norte do primitivo estado d'estes ultimos povos, fabricam-nas, bem como os Chilangues e tambem os povos entre o Lulúa e Muansagoma, affluentes do Zaire; e estes fazem-nas muito finas, e d'ellas já talham roupas ao nosso uso ensinados pelos Ambaquistas. As mulheres dos individuos que no Lubuco tem o titulo de Muquelengue — os que dizem ter passado pelas provas do *moio*, e que são mais considerados na côrte do Muquengue — bordam-nas com as missangas miudas que ha perto de vinte annos o nosso commercio lá tem introduzido.

É pois com as folhas de arbustos, pelles e mabelas e com as nossas fazendas, que elles cobrem o corpo no todo ou em parte; e dão nomes especiaes ás differentes peças segundo a natureza do material de que são feitas, suas dimensões e formas. Tambem, ultimamente, alguns mais favorecidos vestem camisas, camisolas, fardas ou casacos, colletes, calças e outras roupas levadas pelo commercio portuguez, porém todos estes objectos são recebidos com o nome de *cabuíco* (*kabŭiko* «coberturas»), distinguindo-se as calças pela denominação de *cabuíco cá miêndu* (*kabŭiko ka mĭedu* «cobertura das pernas»).

As folhas com que se cobrem, á falta de outros materiaes, teem o nome das proprias folhas, *maíji*.

Pelo que respeita a pelles e mabelas reduz-se o vestuario ao seguinte:

Chiquita chiá mêssu (*čikita čia mëssu*)—É uma pelle de animal pequeno, que depois de devidamente limpa e secca, se colloca adeante, suspensa á cintura (pag. 121).

Por analogia um retalho de qualquer fazenda, ou qualquer folha ou ramo de folhas, posto em seu logar, chama-se tambem *chiquita.*

Os retalhos que usam as mulheres teem as dimensões restrictamente necessarias para o effeito desejado, e usam-se suspensos por um *muóji* («cordel de fios de haste de plantas») adeante e atrás, ao *mubungo* («cordão de fibras torcidas»), que trazem á cinta. Muitas vezes este é substituido por fiadas de missangas grossas e finas e tambem por fiadas de pequenos buzios.

Alguns chamam a estes retalhos *chibele* (*čibele*), porém este é o vocabulo proprio para qualquer pedacito de fazenda e está no caso de *maíji* para as folhas. Nas minhas notas encontro que o chibele, neste caso, toma o nome de chiquita.

Nos homens não se vêem estes retalhos, preferem as folhas se não teem pelles para esse uso.

Mussande (*musañde*).—É um trapo, um pedaço de fazenda, que se usa suspenso por uma ponta ao *mubungo,* e deixam-no cair adeante ajeitando-o a andar entre as pernas, e quando se sentam, á medida que se vão abaixando, vão conchegando com ao mão direita a sua extremidade para trás a ajustar-se bem ao corpo, de sorte que quando se chegam a sentar já essa extremidade está debaixo d'elles.

Muitas vezes o mubungo é substituido, principalmente nos homens pelo *mucande* (*mukad̃e*), que é uma corda feita de uma, duas ou tres tiras delgadas de pelles seccas, conforme a largura que se lhe quer dar, devidamente torcidas.

Chiquita chiá cunhima (*čikita čĭa kuñima*).—Pelle que se traz suspensa aos mencionados cordões, mas atrás. Por analogia tambem se dá o mesmo nome ao pedaço de fazenda ou ás folhas que a substituem.

Tanto esta pelle, como a de deante, chega ás vezes até á curva da perna ou joelho, e nesse caso tem geralmente a largura para cobrir as coxas, á guisa de avental.

Geralmente as pelles mais apreciadas são as que se amoldam bem e tem pello fino; como as de macaco, *anjimbo* (*ǰib̃o* «furão de pello castanho muito fino»), *muiéu* (*muĭeŭ* «cão do mato»), *cassanda* (*kasad̃a* «animal do mesmo genero»), *cambonzo* (*kab̃ožo* «gato bravo»), *caquimequime* (*kakimekime* «roedor que tem habitos arboreos»), etc.

Estas pelles, depois de algum uso, amoldam-se como se fossem fazenda. E são tão apreciadas que se usam mesmo sobre as fazendas e mabela, como se fossem aventaes, e é luxo andarem com as caudas pendentes.

Em marchas até os maiores potentados as usam enrolando os pannos de fazendas, se os teem, á cintura; o que me faz crer que procuram ter livres os movimentos das pernas protegendo-as ao mesmo tempo do orvalho no capim.

Estando na povoação do Chibango disse a este, que muito me admirava como elle consentia que as suas raparigas trajassem folhas de arvores, quando ninguem melhor do que elle podia obter com facilidade os pannos de mabela do Maí com cujos povos confinava. Disse-me que todas as suas raparigas mais ou menos tinham pannos de fazenda; porém queriam poupá-los andando assim, quando em serviço, principalmente no das lavras.

Seja como for, é certo que só d'esta povoação em deante e na propria mussumba do Muatiânvua é que vi apresentarem-se muitos homens e mulheres lundas com semelhante trajo.

Até os Lundas que nos acompanharam e que em principio tinham fazenda de vestir, ou porque a estragassem, a perdessem ao jogo, a empenhassem ou vendessem por causa do malufo e tabaco, e mesmo para comer, passaram a andar só cobertos, como os povos que iamos encontrando, com folhas, pedacitos de fazenda e de mabela mais ou menos grossa.

Os aventaes de velludo ornado com galões dourados e matizados de estrellas douradas, que a Expedição levava, foram muito apreciados por todos estes povos, principalmente na Mussumba, porque eram uns meios saiotes, e ás filhas de Muatiânvua que estavam usando mabela e pelles, fizeram muito arranjo. A estes aventaes chamavam elles *chiquita chiá ulo* («ouro») *chiá Muene Puto.*

Em diligencias ou para caçadas a grandes distancias, nem os Lundas nem os Quiôcos levam os seus pannos; o traje limita-se ás pelles caindo adeante e atrás.

Didí.—Tecido de fios das fibras de plantas texteis, formando um rectangulo de $0^m,80$ por $0^m,60$.

Cazambale (*kazab̃ale*). —É o mesmo que o antecedente, de menores dimensões, mas franjado de todos os lados. Faz lembrar uns pequenos guardanapos que ha de palha fina para serviço de chá.

Tanto um como o outro são para substituir os objectos de vestuario já descriptos; porém tambem as mulheres, depois da puberdade, principalmente as dos Quiôcos e Bângalas, usam-nos sobre os peitos para os tapar, suspendendo-os a cordões, a fios, ou fiadas de missangas, que fazem passar sobre a nascença dos peitos apertando-os, e que atam nas costas.

Caxávu.—É um panno curto (pag. 329) feito de qualquer fazenda ou de mabela, que as mulheres usam, ficando muito justo ás nadegas e preso á cintura com fiadas de missanga ou cordões. Não passa abaixo do joelho, e quando se sentam no solo, entalam-no entre as pernas.

Mucuta.—É tambem usada pelas mulheres; é mais estreita ainda do que o caxávu, mas mais comprida. Prende-se á cintura de modo que haja pontas iguaes de ambos os lado, syme-

tricamente dispostas. Apertam-na bem apertada na frente com uns pregos a que chamam *manjeta* (*maj̃eta*) deixando cair as pontas, que vão um pouco abaixo dos joelhos.

Sossa.—Pannos de mabela grossa já fabricados de proposito e de que usam os homens, terminando os lados mais estreitos em franjas. Apenas sobrepõem adeante, e são seguros na cintura por um cordel ou corda feita mesmo de trepadeiras, e viram sobre esta a parte da mabela que deixaram acima e que a tapa, ficando a franja caida para baixo.

Quizanga (*kizag̃a*).— São os maiores pannos que se fazem de mabela, á imitação dos que os Ambaquistas chamam *lessole,* e que fazem reunindo tres e quatro tangas fabricadas de algodão, unindo-as no sentido do comprimento. Uma d'estas tangas é então um rectangulo que regula de $1^m,50$ por $0^m,60$.

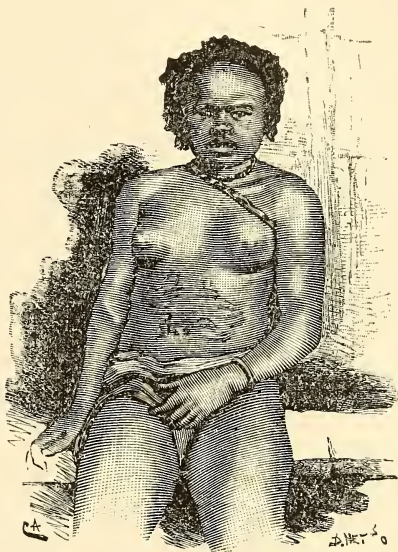
Divunga (*divug̃a*).—É o panno que usam todos os que possuem fazenda, tendo de largura o dobro da largura da fazenda e de comprimento 2 metros, e ás vezes um pouco mais. Faz-se uma divunga de todo o genero de tecido, menos de baeta. A que é feita de lenços, se estes são pequenos, consta geralmente de seis; tres em baixo e tres em cima. Teem apparecido modernamente as formadas de quatro lenços grandes, que são muito apreciadas. A divunga é debruada com zuarte, que quanto mais largo é mais agrada. Todos estes povos se queixavam de ser muito ralo o zuarte que hoje para lá envia o nosso commercio, parecendo mais uma rede do que um tecido. Dizem que no tempo de

D. Maria II lhe levavam um zuarte muito tapado e bom; e que d'elle vestiam bem as raparigas. Tambem debruam a divunga com algodão e fazenda de lei, que é o xadrez miudo, azul e branco; mas hoje essa fazenda tambem é muito pobre de fios e está depreciada, chegando mesmo a ser rejeitada.

A divunga de baeta tem a largura da propria baeta e de comprimento pouco mais de uma braça; não é debruada, fica com as suas ourellas brancas, o que muito se aprecia.

Houve uma epocha em que só o quilolo e mais pessoas grandes da Lunda, vestiam baeta, principalmente a encarnada. Ainda em alguns pontos, como no Xinje, só o Muana Angana e no Caungula do Lôvua só os quilolos a usam. Hoje um cacuata quando vae em diligencia do Muatiânvua é presenteado por este com uma divunga de baeta, que logo veste com muito prazer.

A divunga põe-se á cintura (pag. 136) e segura-se por um cinto de couro, passando em volta a parte superior em pregas sobre este, e é puxada até exceder pouco para baixo dos joelhos, a fim de ficarem os movimentos das pernas desembaraçados. As mulheres usam-na presa acima dos peitos e solta na cintura, quando em trabalhos domesticos (pag. 188).

Divunga diá cabuíco (*divuğa dĭa kabŭiko*).—Panno que se usa sobre os hombros cobrindo todo o corpo quando se está sentado. Fazem-se de qualquer fazenda e mesmo de mabela, mas sendo de algodão já lhe chamam *lessole* (pag. 333), dos Ambaquistas. Se porém o panno é bastante grande e forrado

interiormente, a fazer duas vistas, dão-lhe o nome de *angubo* (*g̃ubo*), que foi introduzido pelos Bângalas que tambem o usam.

Entre os Lundas, só os grandes do estado os podem usar, mas nunca na presença do Muatiânvua. Todos os potentados entre os Quiôcos os trazem com frequencia para mostrarem a sua grandeza, e collocam-no aos hombros de modo, o que é facil, a deixarem ver os forros.

Divunga ou *dissuna diá uvije.*—Dão este nome ao cobertor, que para elles tambem serve de vestimenta. Ou o usam sobre os hombros a envolver todo o corpo no tempo fresco, ou preso á cintura como se fosse um *mucozo.* Distinguem-nos assim: *diá uvije diá toca,* os de algodão branco; *diá uvije diá cássue,* os vermelhos; *diá uvije diá jala,* os verdes, azues, castanhos e os riscados a côres escuras, e em geral todos os de côres escuras que veem de Benguela.

Divunga ou *dissuna diá muxipoxipo.*—São os pannos de baeta de que já fallámos. Distinguem-se assim: *diá jala,* a divunga preta ou azul; *diá cássue* ou *diá sunza,* a vermelha.

São sempre usados á cintura. Para os vestir como em geral o mucozo, apertam na mão direita um apanhado da fazenda de um lado, passando esta para trás da cintura, de modo que ao meio das costas pouco mais ao menos corresponda o meio da fazenda, ficando os apanhados de um e outro lado proximamente iguaes. Sobrepõe-se um pouco estes apanhados, fazem-se passar entre o corpo e cinto ou cordão que já se tem á cintura, vindo cair adeante as pontas, fazendo enchimento sobre o ventre.

Divunga ou *dissuna diá xingo diá angombe* (*disuna dĭa xĩgo dĭa gob̃e*).—São peças de casimireta com ourellas de felpa fina, branca, amarella e encarnada, de 4^{m},50 a 5^{m},0, e que constitue o mucozo rico. Os Bângalas costumam dividir estas peças ao meio, fazendo *mavunga* («pannos») para os seus presentes.

Tambem assim chamam aos pannos chamados *da costa*, de fazenda forte e de côres vivas (pag. 332).

Divunga ou *dissuna diá macuba.*—São as que se fazem da linhagem dos saccos ou involucros dos fardos de fazenda que

trazem os negociantes. Dão-lhes este nome por analogia com o das suas mabelas grossas, a que chamam *macuba*.

Mucozo.—O melhor que hoje se conhece é o de casimireta azul ferrete ou carmezim, que trazem com as suas ourellas e de que muito gostam. Ha tambem mucozos de toda a fazenda; o seu comprimento não deve ser inferior a 4 metros. Os de casimireta chegam a ter 5 metros; e a sua largura varía de 1^{m},30 a 1^{m},60. Só vestem mucozo os muatas, na Lunda, e os Muana Angangas nos Quiôcos e nos Xinjes. Os que a Expedição deu ao Muatiânvua, para gala eram da casimireta carmesim, guarnecidos de galões dourados e matizados com grandes estrellas tambem douradas, a que chamavam *mucozo uá uato* («mucozo do estado»).

Com dez ou doze lenços dispostos em duas ordens, e com debrum largo de qualquer outra fazenda que faça destaque das côres dos lenços, para guarnição, faz-se um bom mucozo. Tambem os vi com dez lenços numa fiada. São curtos em altura, mas como teem grande comprimento as pontas passando entre o cinto e corpo voltando depois por cima do cinto e caindo adeante, fazem grande enchimento sobre o ventre, o que é muito apreciado (pag. 360).

Caiombo (*kaĭob̃o*).—É um mucozo feito de mabela, que como a quizanga pode ser tinto de vermelho, amarello e tambem de cinzento, ou de côr um pouco mais escura. Estas tintas obteem-se das cascas de certas arvores (pag. 17).

Chibuíco (*čibŭiko*).—Pequeno retalho de qualquer fazenda ou mabela, com que as mulheres tapam os peitos (pag. 197). Os peitos ficam apertados superiormente contra o corpo; e mesmo sem o dito retalho usam sempre o cordel, ou então enfiadas de missanga. O retalho, lenço ou fazenda de maiores dimensões é posto sobre este cordel. Ás vezes é tão pequeno o retalho que só tapa metade de cada peito (pag. 217).

As mulheres de mais posses são as que usam um lenço e tambem uma jarda de qualquer fazenda. As filhas de Muatiânvua estavam usando já, á falta de fazendas, mabelas com franjas, da grandeza de um lenço grande.

No meu acampamento fizeram-se alguns guarda-peitos de luxo, tanto para a Muári como para as outras mulheres de Xa Madiamba (pag. 204).

Á Muári e outras mulheres da mussumba enviaram-se romeiras, sendo as melhores as que foram feitas em Lisboa, de velludo ornado de galões dourados e com estrellas de metal amarello. A Lucuoquexe e outras mulheres da côrte foram contempladas com algumas romeiras de baeta e tambem de panno, guarnecidas e ornadas com galões prateados e dourados. Tanto a umas como a outras chamaram *chibuíco chiá mema* («agua»), porque dizem que os filhos de Muene Puto veem da agua, differençando assim estes dos naturaes de Angola.

As velhas geralmente nada usam; e as raparigas novas que não teem chibuíco contentam-se em suspender ao pescoço muitos fios de missangas, aos quaes na altura do peito dão uma laçada, deixando pender as extremidades dos fios.

Chirindo chiá xingo (*čirid̃o čia xig̃o*).—Especie de cabeção de fazenda, geralmente baeta avivada de côr diversa, que só pessoas de distincção usam sobre os hombros. Tambem aos collares de latão dão este nome, e por isso aos dois que levava a Expedição, um com cruz suspensa ao meio, e outro em curvas, com pingentes, deram o nome de *chirindo chiá ulo* (ouro) *pa xingo*.

Já ficou dito que as mulheres substituiam o mubungo por fiadas de missanga á cintura, e a estas chamam *mioje uá tussangasanga;* porém, se em logar de missangas as fiadas forem de pequenos buzios, chamam-lhe então *malantete* (*malãtete*).

As fiadas d'estes, sendo unidas, formam um cinto que tem o mesmo nome. Ha tambem uns cintos de couro ornados de buzios, que usam os homens para leste do rio Chiúmbue, que tem ainda este nome. Os homens em geral, além do mubungo teem o seu *xipo* e *amponda*.

Xipo.—Cinto de couro da largura de $0^{m},06$ a $0^{m},09$. Os melhores são de couro de boi, mas, na mussumba onde os não ha, fazem-nos da pelle de outros animaes grandes que caçam. Varía de comprimento, mas os primeiros teem geralmente o dobro da volta da cintura e ás vezes mais. Ajustam-no á cinta principiando por uma ponta que ha de dobrar um pouco, e o resto que sobra é enrolado e dispõe-se de forma que o rolo fique a um lado. Seguram-no com uns atilhos que passam por orificios abertos para esse fim. Servem-lhe os cintos, como já ficou dito, para segurarem os pannos, e tambem para nelles suspenderem a *bolossa, angonga,* etc.

Tupanga (*tupaga*). — São braçaes de couro ou de baeta de $0^{m},60$ a $0^{m},90$ de largura, usados na parte mais cheia do braço, ou canhões da altura de $0^{m},10$ a $0^{m},15$, usados no antebraço pelos homens ou mulheres de distincção. Os de couro com ornatos, feitos com um pequeno ferro ponteagudo, ou com abertos á ponta de faca e tambem ornados de tachas amarellas, estão muito em moda. Os de baeta avivam-se a branco, azul ou encarnado, conforme a côr dos braçaes ou canhão, e enfeitam-se com missangas. Tambem os ha de tiras com bordados a missangas de diversas côres, que se fazem como para os enfeites de cabeça e forram-nos com qualquer fazenda.

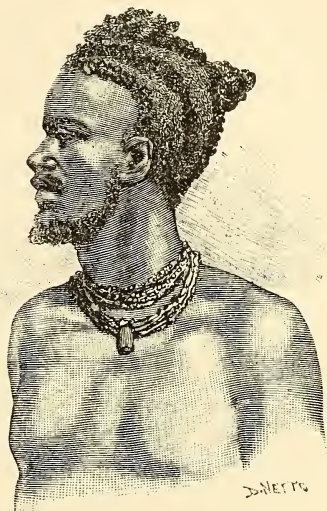
Tupanga tuá miêndu (*tupañga tũa mĩeñdu*).—É uma tupanga que collocam no delgado da perna até uma certa altura, e servem-se para as guarnecer de buzios á falta de missanga. Por analogia, ás polainas de baeta agaloadas com galões dourados e prateados, que a Expedição deu ao Muatiânvua e ao Quissengue, puzeram o nome de *tupanga tuá Muene Puto.*

Amponda (*p̃oñda*).—Banda, faixa ou cinta de lã, de diversas côres, com as respectivas borlas. É objecto muito apreciado porque as usam os filhos de Muene Puto. As mulheres tambem as cubiçam, e a algumas servem as cintas de lã para com ellas cobrirem os peitos. A amponda substitue o cinto de couro ou o malantete para a segurança dos seus pannos. As que se deram ao Muatiânvua e ao Quissengue eram orladas e enfeitadas com galões dourados e prateados, e usavam-as umas á cintura, outras a tiracollo.

A mulher que é mãe, mesmo a mais pobre, poderá não ter outro objecto de uso, porém não dispensa a amponda feita de fibras ainda as mais grossas, e que usa como uma rodilha em torno da cintura; é com ella que segura os filhos, escarranchados nas costas ou a um lado quando em marchas. Emquanto as não possuem não descançam, porque na verdade fatiga-as bastante trazerem os filhos escarranchados ao lado direito na cintura seguros com o braço, e mais ainda transportando á cabeça feixes de lenha, ou cargas de mandioca, ou de outros generos, ou então cabaças com agua.

Entre os objectos de adorno, ha uns considerados como distinctivos de auctoridade, outros que se usam constantemente e de necessidade, em virtude de superstições, attribuindo-se-lhes o dom de afastarem maleficios, doenças, accidentes, e que podem classificar-se como amuletos, e outros finalmente que são adornos. D'estes os que são de missangas e contaria simplesmente enfiada, e que facilmente se soltam, podem considerar-se como entre nós, um peculio, e a que se recorre para satisfação de qualquer necessidade ou appetite inesperado, se lhes faltam outros recursos.

São estes ultimos objectos de adorno pessoal e de luxo que se usam ao pescoço em forma de collares, ou em fiadas cruzados sobre o peito, ou postas sobre os hombros, a tiracollo ou á cintura, caindo um pouco sobre o ventre e nadegas, ou como braceletes ou annilhas nos braços e pernas, e ainda enfiados nas tranças do cabello.

Ha collares que são mais do que fiadas e demandam trabalho. Fazem-se de diversos feitios com o nome de *mucoi pa xingo* (*mukoĭ pa xĩgo*). Uma porção de fios dispostos em feixe, são enfiados em missangas, ora um ora dois; e de distancia em distancia são apertados por anneis da mesma missanga ou por uma conta grossa por onde passam todos os fios. Faz lembrar as nossas antigas bolsas de missanga para dinheiro miudo, porém mais estreitas. Terminam os extremos em pingentes tambem de missangas. O seu comprimento varía conforme as posses da dona, desde o que permitte dar a volta em torno do pescoço até ao que pode cair abaixo dos peitos.

Os desenhos do mucoi são variados, conforme a quantidade, variedade de côr e dimensões da missanga de que se dispõe.

A Expedição levava uns já feitos de contas de vidro azues e brancas com pingentes, que foram muito apreciados e a que os Lundas deram o nome de *mucoi uá majore.*

As fiadas que collocam á cintura geralmente são da missanga grossa, e contaria redonda ou apipada, e a estas chamam *muoje uá tussanga* (*mŭoje ŭa tusãga*).

As missangas e contaria grossa constituem a maior riqueza das mulheres, que transformam o corpo em verdadeiras mon-

tras, em que se vêem contas de todas as côres, formas e grandezas, que o commercio portuguez para lá tem levado. Algumas vi que de certo eram de facturas muito antigas, pois o nosso commercio já ahi as não leva.

Os homens tambem as usam numas tribus mais do que em outras, porém apenas em uma a duas fiadas, ao pescoço e nas tranças do cabello, e duas a tres fiadas grossas na cintura. Tambem nos pulsos ou nos delgados das pernas trazem ás vezes uma até duas fiadas.

As mulheres que possuem estas riquezas e mesmo os homens recorrem a ellas muitas vezes, quando não teem outro recurso, tirando algumas missangas ou contas de que precisam para comprarem o seu pedaço de carne, peixe e mesmo malufo ou *marra* (garapa).

Tiram apenas as que são restrictamente precisas na occasião. Sei que Mucanza (o Muatiânvua interino), querendo comprar no Calânhi um pouco de sal para me mandar, tirára do cabello quatro contas grandes apipadas.

As mulheres teem a sua riqueza contada, e a falta de uma missanga ou conta é para a possuidora motivo de grande tristeza, chora muito; é uma falta irreparavel, pelo que chega a chamar adivinhos a quem tem ás vezes de pagar muitas missangas, o que lhes não importa, para saberem quem lhe quer mal, se foi feiticeiro ou ladrão, inclinando-se mais para suppor que foi por artes d'aquelle que soffreu esse desgosto.

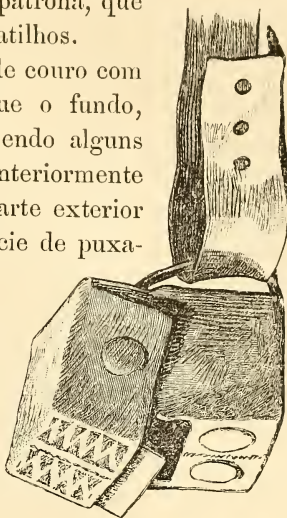
Bolossa.—Especie de bolsa de viagem, em forma de carteira, feita de pelle de animal, com uma certa elasticidade; tambem as teem de couro muito flexivel. As maiores são rectangulares de $0^m,30 \times 0^m,20$, e cortam-nas de forma que a aba que as fecha acaba em bico, como a de um sobrescripto, e só cosem os lados. Vi uma bolossa preta avivada de baeta encarnada, que fazia bom effeito.

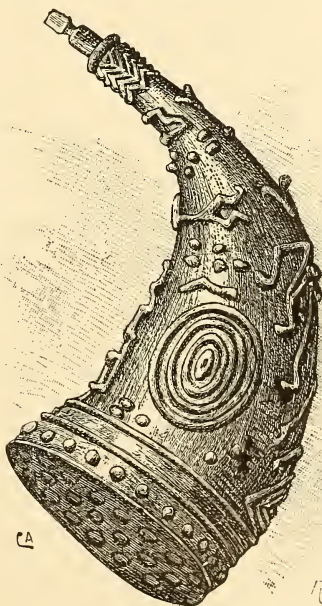
Usam-nas presas ao xipo ou suspensas a tiracollo. É um indispensavel onde se guardam todas as miudezas e tambem a isca e o fuzil. Á isca chamam *ucoco* e ao fusil dos Ambaquistas *fují* ou *fuzí*.

MULHERES E CRIANÇAS LUNDAS

Angonga (*g̃og̃a*). — Cartucheira ou patrona, que se usa na frente, presa ao cinto por atilhos.

Consiste de uma especie de caixa de couro com a tampa quasi da mesma altura que o fundo, ornada mais ou menos na tampa, tendo alguns abertos na frente, sendo revestida interiormente de baeta encarnada; ao fundo pela parte exterior fazem com o mesmo couro uma especie de puxadores de gaveta, aos quaes enrolam uns atilhos que veem da tampa, e assim se fecham.

Além dos cartuchos que ficam collocados verticalmente a um lado, tambem guardam na angonga, tabaco, isca, fusil ou quaesquer outras cousas miudas.

Capate quifanda (*kipate kifad̃a*).—Usam tambem muito de polvorinhos a que dão o nome indicado. A maior parte são feitos de pequenas cabaças, tendo dois bojos sendo o superior de menor diametro e que termine num collo delgado e curto, na extremidade do qual introduzem um toro de madeira da forma das nossas rolhas.

Tambem os fazem de chifres, e alguns polvorinhos como o que trouxe para a collecção da Sociedade de Geographia de Lisboa, e que figuro, são por elles ornados servindo-se dos estiletes de ferro sendo os ornatos em alto relevo.

Ha ainda outros objectos de luxo, feitos de couro, de metal amarello e de fios de ferro ou de cobre, para enfeitar os cabellos, orelhas, braços e pernas, de que irei dando conhecimento a começar da cabeça para os pés, mencionando o que é distinctivo, o que se pode considerar amuleto e o que seja puramente objecto de luxo.

Miluína.—Este vocabulo não tem singular. É o distinctivo de honra de Muatiânvua, e consiste numas pontas que partem de sobre as orelhas, curvando-se um pouco para a cara, e terminando cada uma por um buzio. São revestidas de missangas miudas de diversas côres, dispostas symetricamente em feitios diversos e ao capricho de quem as usa.

Ha-as tambem que estão divididas em dois, tres, quatro e cinco ramos, sendo o comprimento e a largura na parte inferior o mesmo que nas primeiras. Esta parte que está sobre a orelha, tem de largura 0^{m},03, e o comprimento regula de modo que as pontas fiquem no mesmo plano que a ponta do nariz, quando a cara está direita. As de uma ponta só, são chatas e as outras são um pouco abauladas.

Fixam-nas ou a um arco que apertam na cabeça passando pelo alto da testa sobre as orelhas, ou a um chinó, *mútue uá culúmbi,* que é guarnecido na entrada de missangas ou de uma fita bordada de missangas, ou ainda de um aro de metal. Finalmente, ha quem tenha a pachorra de compor o penteado de forma, que pode prender as suas miluínas logo ao cabello por meio de estiletes de pau rijo.

Quem tem o cabello bom e abundante como o actual Suana Calenga, dá ás miluínas a forma de uma pyramide conica, oca interiormente e rematando tambem num buzio. O seu comprimento regula pelo mesmo das outras, e o diametro na base é de 0^{m},04. Estas ficam então num plano perpendicular ao perfil do individuo que as usa. O cabello é entrançado e apertado de modo a ser coberto por ellas, e preso pelos estiletes ou palitos no aro da base. O todo é tambem revestido de missangas.

Ainda vi umas outras miluínas que usava Muene Casse e que faziam lembrar as asas de uma panella. Era um aro forrado interiormente de fazenda branca ou vermelha, e revestido exteriormente de missangas. É por assim dizer um abrigo para as orelhas, que ellas encobrem, sendo presas superiormente ao cabello ou a uma fita, o que é mais frequente.

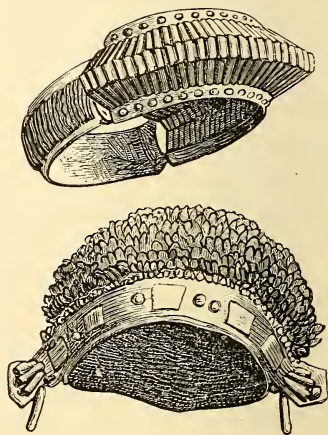
As fôrmas das miluínas são feitas de fios de cabama ou de lutombe, redondos, finos, fortes e flexiveis. Os aros exteriores fazem-se com fios mais grossos que ligam com os primeiros, sendo preenchido o centro com um encanastrado feito tambem dos mesmos fios. Reveste-se o todo com qualquer retalho de fazenda delgada bem apertada, e é por cima que se matizam ao gosto de cada um com a missanga miudinha. Este trabalho demanda muita paciencia por causa da symetria que tem de observar-se, pois é necessario sempre proceder-se á contagem depois de collocado um fio, e isto por cada côr de missanga que se empregou para os desenhos.

Muquíqui (*mukiki*).—É tambem um distinctivo que pode usar-se com ou sem miluínas. Geralmente teem tambem a forma de pyramide conica, ôca interiormente, sendo o diametro inferior da base de $0^{m},02$. Tem de comprimento $0^{m},10$ a $0^{m},15$, terminando tambem em um buzio. Revestem-se de missangas miudas como as miluínas. Usam-se no alto da cabeça com a ponta para trás e um pouco inclinada para baixo, presa como aquellas por um estilete ou cravo de madeira que a atravessa assim como ao cabello, que foi entrançado de modo a entrar no vazio.

Tubare. — Substitue o muquíqui, mas tem forma diversa. Supponha-se um cylindro ôco de $0^{m},07$ de diametro e com a altura de $0^{m},08$ a $0^{m},09$ com rebordos salientes nos planos das bases, e sobre uma d'estas, colloque-se um disco como tampa, que excede essa borda em $0^{m},01$ em todos os sentidos. A fôrma é feita de cabama ou de lutombe, devidamente encanastrada como a miluína. Reveste-se depois com qualquer pedaço de fa-

zenda, e sobre esta se applicam a capricho as fiadas de missanga. Produzem bom effeito as missangas dispostas a partir do centro das tampas em pequenos circulos de côres diversas ou em bicos, fazendo lembrar raios de estrellas que se pintam a côres; mas o que mais agrada são as estrellas de duas côres preta e branca.

Campai cá calenga (*kap̃aĭ ka kalej̃a*).—Tambem se usa outro tubare, que differe do anterior, em o cylindro ser apertado a meia altura para o centro a formar um annel, de modo que se fizermos passar um plano pelo eixo do antigo cylindro, ficariam ahi projectadas as suas paredes como (approximadamente) os ramos de uma hyperbole. Fazem-se as suas fôrmas como as anteriores, e revestem-se de missangas miudas.

Ibeínhe (*ibeĭñe*).—É um aro de latão amarello de $0^m,020$ a $0^m,035$ de largo com que tanto os homens como as mulheres de elevada posição ornam a cabeça, cinjindo-a acima da testa ou no alto da cabeça, de modo a fazer rebaixar o cabello na frente, e elevando muito a ganforina para trás, ou então collocando-o no mesmo logar, tendo-se previamente rapado o cabello adeante a fim de augmentar a testa, o que é de luxo para elles.

Inclinam-o sobre o cabello que se eleva para trás, e quem o rapa adeante, já o inclina de modo que os cabellos restantes se elevam á frente, e nelle assenta o aro, o que se diz ser innovação das filhas do Muatiânvua Noéji.

Estes aros são feitos de vareta de arame grosso, que os negociantes ahi levam, muito bem batida com um malhete de ferro, a que chamam *londa* (*lod̃a*).

Obtida a espessura e largura desejada, riscam-no em quadros com punções ou ferros de pontas mais ou menos rombas;

depois com os referidos punções batem estes riscos para os tornar salientes do lado contrario. Nesses quadros fazem então a capricho a sua ornamentação a que dão tambem relevo, pela forma indicada para os riscos. Os que são destinados a trazerem-se inclinados sobre cabello não rapado, separando assim a testa da ganforina, fazem lembrar uns resplendores pelo seu arqueado e pelos recortes que lhes fazem pela parte superior. Os recortes ou são em forma de trapezio, lembrando as ameias das antigas fortalezas, ou então rectangulares, em arcos ou em circulos separados uns dos outros, fazendo lembrar os remates das coroas que se vêem nos brazões da nobreza. Os melhores artistas para o seu fabrico são os Quiôcos. Tanto estes como os Lundas apreciaram muito umas chapas largas de latão que dei aos potentados. Alguns fazem terminar as extremidades do seu ibeínhe por uns arrebites acima das orelhas, com $0^m,01$ a $0^m,02$ de saliencia.

As gravuras que apresento mostra um ibeínhe de metal, ligado ao *mútue uá culúmbi,* que traduzi por «chinó» e outro para o alto da cabeça feito de varinhas de metal, sendo a parte inferior de couro coberto de fiadas de missanga grossa encarnada, da que chamam Maria II.

Cabonda (*kaboda̋*).— São fitas feitas com enfiadas de missangas miudas, dependendo a sua largura da porção de missangas de que se dispõe, tendo geralmente $0^m,015$ a $0^m,040$ de largura, com o comprimento tambem variavel, quer para terminar na altura das orelhas, quer para poder apertar-se sobre a nuca debaixo do cabello.

As missangas são enfiadas para este fim em fios de algodão ou fibras vegetaes, seguindo uma determinada ordem em numero e côres, conforme os desenhos de phantasia ou os dos modelos, que teem á vista. As de menor comprimento são presas ao cabello pelos estiletes ou cravos já mencionados.

Chibangula (*čibag̃ula*).—Os Quiôcos chamam-lhe *quibangula*. É uma especie de resplendor que fazem, cobrindo os moldes de baeta azul ou encarnada, de panno ou de couro e tambem de qualquer fazenda, que depois é revestida de missangas. A fôrma é feita de modo que o aro assenta sobre a cabeça como o ibeínhe ou cabonda quasi sempre encostado

ao cabello, deixando ver acima da testa parte da cabeça rapada. Quer os Lundas quer os Quiôcos, usam muito, como os Chins, rapar metade da cabeça á frente. Áquelle aro é que se liga o resplendor, ficando um pouco inclinado para trás e com a altura de $0^{m},10$ a $0^{m},14$.

As chibangulas de couro são as mais simples, porque de cada lado das extremidades do aro inferior sae um pausinho

que as fixa horizontalmente na altura das orelhas, variando a sua grandeza, conforme a altura que se pretende dar ao resplendor; e as extremidades d'este são ligados a um arco de fibra de cabama, com a espessura conveniente a conservar a fôrma. Este arco é ligado em differentes partes ao inferior por uns palitos (*missoma*) a fim de conservar sempre a mesma largura que se pretende, sendo algumas mais altas ao centro. Para as chibangulas que se forram de couro e mesmo de baeta ou panno, esta fôrma é sufficiente. Revestem-na depois apertando muito o revestimento pela parte de trás. Os aros são avivados de outras fazendas que destaquem dos fundos e tambem com fios de arame e tachas amarellas. Nas de couro costumam fazer ornatos ou arabescos em relevo, porém estes fazem-se antes de se collocar o couro na fôrma, e pela parte interior com os punções e do modo já indicado. São ainda os Quiôcos os mais perfeitos nestes trabalhos.

Alguns forram-nas interiormente com um pedaço de fazenda, geralmente algodão branco ou baeta encarnada, para se não ver por trás o acabado.

Tanto as de couro como as de panno e baetas, tambem ao centro são cheias com tachas amarellas em diversos grupos e em arcos concentricos servindo as taxas mais pequenas para os arcos interiores. As fôrmas das de missanga são mais completas para terem mais consistencia. Os aros d'estas são ligados por um encanastrado de fios de fibras de cabama ou de lutombe ou de qualquer bordão, roliços e delgados mas consistentes e que se amoldam sem quebrar. É o todo coberto com qualquer fazenda e depois é que o revestem de missanga. Este trabalho é sempre o mesmo, dispondo-se as fiadas em cima da fazenda, de modo a ficarem bem apertadas umas de encontro ás outras. Os desenhos sobresaem em fiadas, tendo-se em attenção as côres e o numero de contas por côr.

Vi uma muito simples, branca e preta, e de bonito effeito, aos bicos em angulos iguaes. Algumas na frente e ao meio, e elevando-se acima do bordo exterior, teem um enchimento de differentes formas, umas lembrando uma cornucopia, outros

um pequeno chifre que revestem tambem; e do interior d'elle fazem sair pennas de passaros, fios de arame, etc.

Ha tambem quem as applique sobre um aro que assenta na cabeça, sendo este revestido de chapinhas de metal, que sobre elle se batem, e guarnece-se o resplendor tambem de pequenas chapas de metal de differentes formas. Eu vi uma d'estas, tendo como appendice pendente de cada extremidade uma tira de baeta encarnada avivada de branco da largura de 0^{m},05 e que caía á frente até á altura dos peitos.

Os Lundas só usam as de missangas e as de metal, mas estas são mais baixas. Os que teem miluínas quando põem a chibangula, prendem as duas miluínas pela parte de trás e a um lado, ficando as duas pontas muito salientes. As de metal são ornadas pelo systema de bater com os punções os desenhos, e terminam superiormente em recortes verticaes, curvos e em bicos.

Com tudo que é de metal amarello e mesmo de cobre, teem elles muito cuidado na limpesa, e por isso não extranhei que apreciassem muito os objectos dourados que levavamos. A um diadema de pedraria falsa que dei á Lucuoquexe chamaram-lhe logo os Lundas *chibangula chiá Muene Puto.*

Mútue uá caianda (*mutŭè ŭa kaĭada̅*). —É uma especie de capacete de forma caprichosa, que demanda muita paciencia para engenhar, e só os grandes potentados Quiôcos os usam, ou os seus representantes durante o tempo que são encarregados de qualquer missão fora do seu sitio. Fazem o casco de cabama quando secca.

É esta a parte que entra na cabeça até meia altura da testa e que vae estreitando para cima até 0^{m},22 terminando quasi em bico. Á parte traseira é ligada uma especie de resplendor que o excede 0^{m},12 em altura e em largura um pouco mais. Este resplendor é um pouco achatado a meio da altura e curvado um pouco para a frente, pode chamar-se-lhe a guarda ou abrigo do corpo principal do capacete. Mantem-se o arco superior nesta fôrma por causa do encanastrado que se lhe faz com os fios de lutombe ou cabama bem apertado como o do casco.

Dos lados do bordo inferior d'este até $0^m,05$ de altura, saem uma especie de aros que ficam salientes e protegem as orelhas, e guarnece-se cada um com uma bola, feita do mesmo material, compensadoras de uma terceira bola e maior, posta ao centro e atrás na parte inferior do resplendor, que é o remate pela parte inferior d'este capacete para quem o olha por detrás.

Da parte superior d'esta, parte uma especie de cornucopia ou melhor, collo de cisne que a um terço de altura, quasi se encosta ao resplendor para depois se encurvar voltando a terminar um pouco acima do mesmo resplendor. A bola central é ligada ás lateraes por outras bolas mas de menor diametro.

É feito tudo isto por partes. Só depois do casco ser devidamente revestido de fazenda é que se cobre com a fazenda que deve apparecer, geralmente baeta encarnada, avivados os bordos e saliencias com algodão branco. Depois addiciona-se-lhe o resplendor já devidamente revestido tambem de baeta encarnada com os seus vivos brancos e azues, ou qualquer ornamentação que se lhes dê, consistindo em cordões mais ou menos salientes, que se cobrem com fazenda de uma só côr ou de côres diversas. Por ultimo collocam-se as bolas, os aros e depois a cornucopia.

Muitos ainda depois matizam estas differentes partes na frente com missangas, tachas e fio de metal amarello.

Das asas fazem pender duas tiras tambem de baeta encarnada avivada, que veem ás vezes até meia altura do peito.

A primeira que vi foi a de Capumba, que desenhei e figurei na pagina anterior, e como se vê não tinha grande ornamentação; os fundos eram de baeta encarnada, bem assente, que ao longe julguei ser panno, e o mais reduzia-se a vivos e forros muito finos brancos ou azues; mas pelo bem acabado fez-me boa impressão, e cheguei a suppor não ser obra de Quiocos.

Mona Cangolo principiou uma, deante de mim, mas ia já feita com luxo, porque lhe forneci galões dourados e prateados e missangas miudas, com que ia revestindo os frisos e matizando-os a seu gosto. Quando a acabou dizia elle:—Com este não me apresento eu ao Quissengue, que trata logo de lhe chamar seu.

Este capacete, chapeleta ou como lhe queiram chamar é muito pesado, e disse-me Mona Quissengue que preferia usar um capacete de metal do exercito allemão com que o vi, a primeira vez que o visitei, a usar o seu *mútue uá caianda*. Trazia-o comsigo, mas só o punha nas ceremonias em que não podia apparecer sem elle, porque tinha de ser o primeiro a observar as praxes da etiqueta. A maior parte das vezes o seu mútue figurava como insignia na cabeça do seu representante.

Os Xinjes tambem usam toucado analogo como distinctivo de potentado.

Os povos áquem do Cuango, principalmente os Bondos e Holos, usam da *cajinga,* distinctivo de potentado que parece ser originario do Congo, e tambem dos braceletes de latão a que chamam *malunga.* As cajingas são tecidas por elles e dão-lhes forma semelhante a um chapéu armado, com as pontas mais reviradas e caidas para baixo (pag. 333).

Sala iá calongo (*sala ĭa kalog̃o*).—É tambem um distinctivo que usam no alto da cabeça o Muatiânvua e os seus quilolos ou quem os representa; alguns trazem-nos um pouco para trás, mas sempre sobre o lado direito. Os tucuatas, quando em diligencia fora do sitio, mesmo para negocios particulares de seus amos, tambem usam essa insignia. É facil fazer uma *sala.* Num pequeno circulo de baeta de $0^m,05$ a $0^m,06$ de diametro, devi-

damente forrado ou melhor almofadado, espetam-lhe e prendem-lhe pennas de papagaio, carmezins. Como os papagaios são raros, só se encontram além de 7°, por isso ha uma tal ou qual distincção neste adorno mesmo entre os muatas.

Nem todos teem *sala iá calongo,* muito principalmente na côrte. Em vez da almofada de baeta, tambem usam fazer do fio da fibra de cabama e de lutombe, ou qualquer bordão uma pequena calote encanastrada, e na união dos fios espetam e seguram muito bem as taes pennas. Tambem em vez da calote, fazem umas fôrmas como um tamborete, em que o fundo tem a forma circular, e começam a collocar as pennas de metade d'esse tamborete para cima, o que as faz parecer mais altas e elegantes. Muitos guarnecem o encanastrado inferior com missangas ou forram-no interiormente de baeta encarnada.

Os nossos espanadores sem o cabo eram para aqui de grande effeito e tanto maior quanto mais compridas as suas pennas e mais variadas as côres.

O Xá Madiamba antes de partir do Cassassa, (Estação Cidade do Porto), como tinha muito poucas pennas vermelhas de papagaio, mandou-nos pedir as das caudas das pombas, que eram todas brancas, e arranjou a sua *sala* collocando as carmezins ao centro e as brancas em roda; fazia bom effeito, e os Lundas que vinham chegando do interior para o transportar, suppuzeram ser Muene Puto que lh'a tinha dado, e chamaram-lhe *sala uá mema* («da agua»).

Tambem as ha de pennas de outras aves, e por isso tomam o nome d'estas; assim *sala uá mucuco* (das pennas do cuco);

sala iá camangue (de uma ave branca); *sala iá missangala* (de outra ave com as pennas da cauda grandes, acastanhadas e salpicadas de branco). Tambem as fazem de pennas de gallinha do mato, mais escuras, quasi pretas, a que chamam, não *sala*, mas *dicuaca diá missangala*. Tive occasião de ver uma de grande altura em forma de copo encanastrado, com pennas de grande canno e muito direitas, de modo que a plumagem ficava distante da cabeça e vergava, lembrando a cauda do galo, até nas côres; e a essa davam o nome de *mitete iá anzolo*.

A uma que mandei fazer de plumas pretas e brancas guarnecido o pé de cada uma com estrellas douradas, chamaram *sala uá Muene Puto;* a um pennacho muito alto carmezim que a Expedição levou para o Muatiânvua, *sala uá uato* («do Estado»), e ás plumas brancas do meu chapeu armado, *sala uáquene uá mema* («sala grande da agua»).

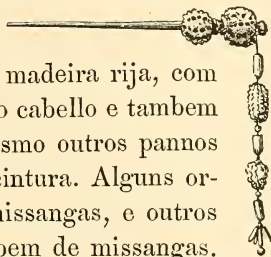
Mussambo (*musabo*).— É um enfeite de metal com que apertam a parte inferior das tranças dos cabellos, variando na altura conforme a quantidade de metal de que dispõem. Ou são chapas muito batidas nas quaes envolvem as tranças apertando-as muito e deixando-lhe as extremidades de fora, que guarnecem com contas ou missangas, ou são mesmo tubos, pelo interior dos quaes fazem passar as tranças.

Uns bocaes de metal que tinham vindo para encher cartuchos da minha arma *Stein,* foram muito apreciados pelo Quibeu, potentado Quiôco que me prestou bons serviços em Mataba, na passagem do Cassai; e quando por essa occasião veiu ver-me pediu-me para lhe deixar como lembrança da nossa amizade seis d'estes bocaes, accrescentando: — Assim não os sabem fazer os Quiôcos.

Tanto estes enfeites como tudo que teem de metal, e em geral as braçadeiras das lazarinas, com que revestem todo o canno e coronha, e inclusive as tachas, trazem sempre muito

limpas e lustrosas. Tal é o seu gosto por objectos de metal que já se vêem com brincos e mesmo anneis feitos por elles mesmos. Os Quiôcos são os mais perfeitos, tanto nestes trabalhos como nos de ferro.

Mona Quissengue, entre algumas cousas que me pediu e me dizia muito desejar possuir, cobiçava um dinheiro em ouro de Muene Puto, não só para mostrar aos seus velhos que ficaram no sitio, mas ainda a todos os negociantes que por lá passassem, a fim de saberem que elle estava em boa amizade com Muene Puto. Felizmente pude satisfazer a tal pedido, dando-lhe uma moeda de 5$000 réis em ouro. Tão contente ficou que conseguiu furá-la e trazia-a sempre suspensa ao pescoço.

Mussoma.—Entre os varios objectos feitos de missanga que figuro encontra-se este, que é um estilete feito de madeira rija, com a extremidade aguda para espetarem no cabello e tambem para prenderem as suas mabelas e mesmo outros pannos de fazenda, aos cordões ou cintos na cintura. Alguns ornam a cabeça d'esses estiletes com missangas, e outros ainda os terminam em pingentes tambem de missangas.

Mumpupo (*mupupo*).—São os barretinhos de lã de côres com as respectivas borlas, que os negociantes lhes teem levado e que usam no alto da cabeça um pouco descaidos para trás. Estimam-nos muito, principalmente no tempo fresco. Tambem dão este nome aos bonés com pala ou sem ella, de velludo, de baeta ou de panno, e aos chapeus, já de chita, já de palha e de panno, que tambem por lá apparecem.

Tuitári tu mátui.—São uns pequenos ornatos de ferro, de metal ou de madeira, que usam nas orelhas, ou em forma de argola ou de canudos, tendo ambas as extremidades com ou sem pingentes, e a que presentemente, por ouvirem assim chamar aos Bângalas e Quimbares, que os usam já dão o nome de *bilincos.* As orelhas são furadas já depois da adolescencia, e por isso muitos se vêem com grandes rasgões nellas em vez de orificios. Tambem são muito apreciados os involucros metallicos dos cartuchos das nossas armas, e muito mais ainda como

disse os do systema *Stein,* de $0^m,07$ de comprimento e $0^m,007$ de espessura. Equilibram-nos bem, conservando-os horizontaes. Os Quiôcos já imitam os brincos, com arame fino em voltas apertadas, e alguns guarnecendo essas voltas com chapinhas do mesmo metal ou de cobre, e tambem com missangas.

Vendem-nos bem aos Lundas e não são de mau effeito. Os brincos ordinarios que levava a Expedição foram muito apreciados, tanto pelas mulheres como pelos homens da Lunda.

Mutondo uá muzuro.—É um pauzinho ou palito pequeno, que atravessam na cartilagem do nariz, excedendo um pouco a largura das ventas. É para alguns um enfeite de luxo.

Ha tambem quem, em logar de palito, use uma argola de qualquer arame, mas muito fino.

Carucano camínhi.— Deram este nome aos anneis que fazem de fios de metal e argolas de arame de cobre e de latão, e tambem aos anneis de latão que ha pouco principiaram a usar, fazendo assim a distincção do lucano.

Lucano.— São uns braceletes, distinctivo de que só usam o Muatiânvua e Muata que teem Estado. Já o usavam os senhores dos antigos Bungos, honra que depois Luéji-iá-Cônti concedeu a todos os Bungos, logo que ella entregou o do pae a Chibinda Ilunga, progenitor do potentado que intitularam Muatiânvua. Actualmente todos os Bungos os usam, e todos apparecem com elles no acto da posse do seu Muatiânvua.

O lucano que figurei a pag. 112, é feito de fios de bordão muito apertados, aos quaes se enrolam outros fazendo enchimento ao meio, de modo que adelgace para as extremidades. É coberto com veias humanas que enrolam em tripas de cabra, muito apertadas e unidas ás voltas umas com outras. As extremidades terminam por duas delgadas hastes de capim ou dois caniços, de maneira que um possa entrar no outro. Prendem-nos fazendo um furo que atravessa ambos; e com um pequeno palito que preenche esses furos fica bem seguro.

Estes braceletes são untados de azeite de palma, e com o tempo e sujidade ficam escuros, fazendo-nos lembrar de longe uns pequenos chouriços de sangue.

Houve alguns Atiânvuas que, depois de estarem no poder, os fizeram especiaes para si, e por isso estão em deposito sob responsabilidade de Suana Murunda, em uma pequena caixa feita de uma só peça de madeira, e ahi existem diversos, sendo conhecidos pelos nomes dos Atiânvuas a quem pertenceram. A Suana Murunda é a representante de Luéji-iá-Cônti, e é por isso que ella apresenta o lucano que o novo Muatiânvua ha de pôr no braço. É ella tambem que apparece sempre nos seus ultimos momentos para receber o que elle tem ou tirar-lh'o logo que morra e guardá-lo. Por estes motivos é indispensavel que Suana Murunda acompanhe o Muatiânvua nas suas guerras e mesmo nas caçadas, e então leva comsigo a caixa para nella guardar o lucano, se o Muatiânvua morrer por qualquer circumstancia.

A que acompanhou Muriba, o ultimo Muatiânvua, na guerra em que elle morreu, ficou prisioneira dos Quiôcos, e lá está ainda com a caixa, tendo aquelles pedido por varias vezes que a resgatem, o que tem collocado em difficuldades a côrte.

Como a investidura do lucano, seja a principal ceremonia da posse do Muatiânvua, julgo opportuno dar neste logar conhecimento de taes ceremonias, porque tenho muitas vezes de me referir a ellas nos capitulos em que trato da historia tradicional d'estes povos.

O filho do Muatiânvua, se não é pela guerra que promove a sua entrada na mussumba, como Xanama e os que lhe succederam, porque então se dirije logo ao Calânhi, onde reune immediatamente a côrte, fica acampado proximo á margem esquerda do rio, esperando que se reunam todos os da côrte que teem de assistir á ceremonia da posse, e os principaes Bungos que hão de acompanhar a Suana Murunda, a quem directamente obedecem.

Geralmente, quando morre um Muatiânvua na mussumba, o que se elege para lhe succeder é chamado do logar da sua residencia, e d'ahi é transportado, bem como a Muári se a tem, até á margem esquerda do Calânhi.

A praxe é que o filho de Muatiânvua, que vae tomar posse do Estado, ha de esperar a Suana Murunda e os seus Bungos na praia do Cassaco.

Os Bungos logo ahi lhe tiram toda a roupa e atavios bem como á Muári, e apenas lhes dão uns pequenos pannos de mabela grossa para pôrem adeante e atrás, suspensos de fibras ao cinto a que chamam *mola*.

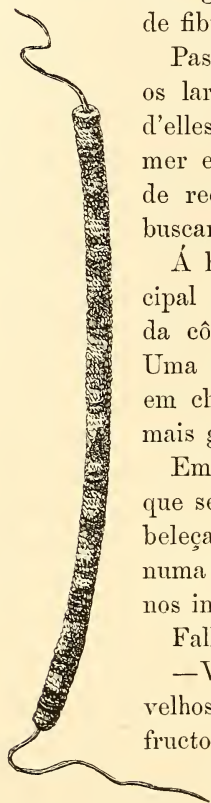
Passam o rio em canoas, e os Bungos não mais os largam; levam-nos para uma cubata entre as d'elles, na mussumba do Calânhi. Dão-lhes de comer e de beber e previnem-os, quando são horas de recolher, que na madrugada seguinte os irão buscar para os apresentarem ao povo.

Á hora aprazada na ambula da chipanga principal reunem-se a Lucuoquexe todos os quilolos da côrte e Suana Murunda com o povo Bungo. Uma deputação vae buscar os dois, sentando-os em chão raso ao centro da roda formada pelos de mais graduação, sentados em pelles.

Emquanto elles veem e se dirigem ao logar em que se hão de sentar leva tempo até que se restabeleça a ordem, porque a ovação do povo torna-se numa bulha infernal, gritaria, assobiada, pancadaria nos instrumentos, canticos allusivos, etc.

Falla depois o mais velho da deputação:

—Vós viestes, ó filho de Muatiânvua, porque os velhos quilolos que comem com o Muatiânvua do fructo do nosso trabalho vos chamaram para herdardes o estado de vossos avós; mas isso não é bastante, é mister primeiro que fiqueis sabendo que nós os Bungos é que somos os donos d'estas terras, e nós não damos o nosso consentimento sem conhecermos o vosso prestimo.

Segue-se depois uma narração do que se tem passado com os seus antecessores a contar de Ilunga, o pae do primeiro Muatiânvua, e levando-o ao alto da margem do Cajidíxi, onde

lhe mostram a sepultura d'aquelle, na margem opposta, devidamente reservada, differençando os que elles consideram como bons e maus successores.

Voltando ao logar em que de novo se sentam, dizem-lhe:— A *mola* (cinto) que vos démos hontem para entrardes neste recinto, é o que vos prende á nossa dependencia; d'esta mussumba só podeis sair para uma guerra, e só ficando victorioso podeis largar a mola, e então sois senhor de escolherdes sitio para residencia, sois independente de nós que nos tornâmos vossos servos. Fazei a guerra, e quanto mais depressa puderdes largar esses pannos melhor para vós, para nós e para as terras do Estado.

Depois entregam-lhe uma *mussassa* (a canastra em que se levam as cargas), dizendo-lhe:—Temos fallado muito, ide ao rio buscar agua. Elle põe-a ao hombro e encaminha-se para o rio.

Então um dos da ceremonia grita-lhe:—Voltai, não vêdes que nessa mussassa, não era possivel trazer-nos a agua que precisavamos; não tendes olhos para verdes que tem buracos?

Elle volta sempre com ar prazenteiro. Ha grande assoada do povo, gritaria, assobio, saltos, etc.

Fazem-se outras experiencias pelo mesmo gosto durante o dia, sempre com o fim de pôr á prova a sua resignação, porque elles entendem que um bom potentado deve ser impassivel, ouvir toda a gente sem se mostrar contrariado, embora conheça que o estão enganando; não deve interromper quem lhe falle, nem tão pouco retirar a palavra a quem a tiver concedido, embora o que este diga não seja do seu agrado, nem tão pouco mostrar-se contrariado em ouvi-lo.

É por isto que depois de um certo numero de experiencias lhe diz o que dirige as ceremonias:—O Muatiânvua tem de ouvir os conselhos de todos os quilolos; não se deve agastar com quem lh'os dá; precisa ter paciencia para encarar a sangue frio o que vê com os seus olhos e ouve com os seus ouvidos; castiga depois e mesmo manda matar quem lhe deu um mau conselho e que podia fazer-lhe perder as terras que lhe démos para governar.

Nesse dia já elle recolhe á anganda com a sua Muári, quando os Bungos dão a voz de *mutena uáia* («o sol vae»); mas para entrar teem de visitar todas as arvores *milemba* («Ficus elasticus») em tôrno da chipanga aos zigue-zags, ora uma, ora outra, indo por um lado e voltando por outro. Logo que elle entra, o *cabila* (porteiro) fecha a porta da cêrca e o povo retira.

Quando chega á anganda já lá encontra comida cozinhada e bebidas, que a Lucuoquexe, Suana Murunda e o Muitía teem mandado das suas residencias.

No dia seguinte, logo que o sol começa a apparecer sobre o horizonte, ou se calcula ser essa occasião, já os senhores de Estado, povo e a deputação dos Bungos, encarregada das ceremonias, aguardam a chegada dos dois que Suana Murunda foi buscar.

Quando apparecem, tem logar a inferneira do costume, mas já com mais moderação porque se approxima o termo da posse.

São conduzidos então á pedra monumental, á sombra das tres arvores onde foi recebido Ilunga por Luéji, e são ali esperados pela Lucuoquexe. Sentados na referida pedra, ouvem á Suana Murunda e aos Bungos a repetição dos discursos que se fizeram a Ilunga quando recebeu o lucano, e de que dei conhecimento no capitulo I.

Convida-os depois a Lucuoquexe a acompanhá-la e vão seguidos de todo o povo direitos ao Anzai, onde á porta está o Xacala Macala esperando-os.

Este diz:—Ides ao recinto onde tenho sob a minha guarda as reliquias de vossos avós desde Luéji-iá-Cônti, e que morrem em amizade com o seu povo; podeis entrar.

E apontando por sua ordem as urnas, vae dizendo a quem pertencem e os merecimentos do Muatiânvua de quem são os restos depositados.

Acabada esta ceremonia regressam todos para junto da pedra, onde agora só se senta o Muatiânvua, ficando já a Muári á direita e um pouco atrás sobre uma esteira, que Suana Murunda ahi colloca. Os quilolos sentam-se aos lados e a deputação em frente, atrás da sua ama.

O mais velho dos Bungos diz por ultimo: — Foi aqui que a senhora d'estas terras, nossa ama Luéji, recebeu Ilunga, que engrandeceu o Estado que o pae lhe havia deixado; aqui lhe poz no braço o lucano que era dos Bungos, com que elle fez o Estado do Muatiânvua; é aqui tambem que a sua herdeira Suana Murunda vae entregar aos grandes quilolos que vos hão de aconselhar o lucano, que teem de pôr no vosso braço. Não vos pedimos mais terras porque temos muitas, mas defendei-as e augmentai a herança que com esse lucano vos entregam.

A deputação retira então para trás do Muatiânvua, e Suana Murunda levanta-se e a ella se dirijem Muitía, Canapumba e Mona Rinhinga (o representante do tio mais velho de Luéji).

Da caixa que lhes apresenta a Suana Murunda tiram então um lucano, que vão enfiar no braço direito do Muatiânvua, prostrando-se os tres no chão, e em seguida todos se esfregam, os grandes com pembe e o povo com terra.

Durante estas ceremonias de humilhação, em que se rolam por terra, exclamando *chi noéji! calombo! zâmbi! catanga!* etc., está o novo Muatiânvua com o braço direito estendido, e só terminam quando este levanta o braço para o ar; e então todos os musicos tocam nos seus instrumentos e veem os Bungos trazer-lhes dois bons pannos, um para a cintura e outro para pôr sobre os hombros, e principiam então os tiros de fusilaria e as danças, que duram até á madrugada do dia seguinte.

Terminada a primeira dança allusiva a guerras, levanta-se o Muatiânvua, e todo o seu povo o acompanha á frente da chipanga, onde já está uma pelle de leão para elle se sentar, e Muene Casse, que é o anganga (curandeiro mór), com pratos onde está pembe e um com os milongos (remedios).

O Muatiânvua toma d'estes pratos algumas pitadas riscando o corpo em differentes logares, e então Canapumba põe-lhe o distinctivo (*sala*) na cabeça, fazendo elle novos riscos de milongo no corpo, e o Anampaca entrega-lhe o *mucuáli* (grande faca) do Estado.

Esfrega-se depois o Muatiânvua com a pembe e senta-se na pelle; vem então, a Lucuoquexe e depois os quilolos, por ordem

hierarchica, collocar em frente do Muatiânvua os presentes que lhe trazem e receber a pembe que elle lhes dá, rojando-se todos depois em agradecimento.

A musica e dança continúa sempre, e esta ceremonia dura até ao sol posto, em que todos retiram para comer. Voltando depois para a frente da chipanga as danças até madrugada.

Os tres dias a seguir são todos de folguedos, em que ha abundancia de comidas, bebidas e muitas danças, cantorias e tiros repetidos.

Nestas ceremonias não se mata ninguem, no que differem das que se fazem para a posse dos jagas de Cassanje, e ainda ha outras differenças; mas como estas já foram descriptas pelos exploradores Capello e Ivens na sua primeira viagem, por isso seria ocioso dar d'ellas noticia.

Nos Quiôcos e Xinjes o ceremonial da posse do grande potentado reduz-se a ir buscar o eleito ao logar em que reside e trazê-lo para a povoação principal entregando-lhes as insignias do Estado, havendo danças, tiros, e nos dias de festa abundancia de comida e bebida para quem a ellas vem assistir.

Como a grandeza de qualquer d'estes Estados consiste na grandeza do harem, as mulheres que pertenciam aos antecessores passam sempre para o herdeiro.

Succede porém no Estado do Muatiânvua que a Muári, que o acompanhou na posse, só fica com elle emquanto a côrte não lhe entrega uma nova mulher para Muári, passando então aquella a ter um Estado especial e um novo marido da escolha do Muatiânvua.

O filho de Muatiânvua que foi escolhido para o estado, no trajecto do logar em que residia para o Calânhi, embora tenha *lucanga* [1] ha de entrar na povoação do maior potentado mais proximo do seu trajecto, para substituir essa lucanga ou pôr uma se a não tiver. Sem ter feito essa ceremonia não pode entrar no Calânhi para receber o lucano.

---

[1] Argola que se usa na perna direita e que descrevo mais adeante.

Cazequele (*kazekele*).—É uma pulseira de fio de cobre, que dá tantas voltas em roda do pulso, quantas o permitte a grandeza do fio. Vi uma de folha de cobre, delgada e ornada nos seus extremos.

Manana.—São tambem pulseiras feitas de varetas de metal amarello ou de ferro. As primeiras quanto mais grossas forem

melhor. Tive occasião de ver individuos que usavam dez a doze d'estas manilhas em cada braço, e tambem ha quem as ponha nas pernas. Ás de ferro, para as distinguir d'aquellas, chamam *manana uá utádi*.

Chizacasse (*čizakase*).—Dá-se este nome a um fio que põem no braço, atado na altura do cotovello com algumas contas grossas ou missangas e tambem com caroços de fructos, ficando

este quasi sempre acima do cotovello; e como o seu uso seja para afastar maleficios, pode considerar-se como um amuleto.

Cadifola.— É o mesmo; mas em vez de contas ou missangas usa-se acima do cotovello um pequeno chifre de corça, um pausinho especial ou mesmo um bonequinho de pau toscamente feito e que tornam lustroso e escuro com azeite de palma. Tambem se pode considerar este adorno como amuleto.

Dipúdi.—É ainda o mesmo adorno; a differença está em que o cordel pode ser atado na altura do cotovello, ou no pulso ou na perna desde o delgado até á altura do joelho, e em vez das contas, missangas, chifres, etc., enfiam-lhe o dipúdi, fructo da arvore d'esse nome, que é redondo. A este fructo depois de sêcco tira-se-lhe o miolo por dois buraquinhos, que se lhe fazem em sentido opposto e por onde se enfia num cordel.

Este fructo, lustrado com azeite de palma, parece uma bola de madeira. Quando o fructo é dos mais pequenos chamam-lhe *cafúdi.*

Geralmente os homens tambem usam o dipúdi bem como a *umbala* (fructo do ampáxi) e uns pequenos bonecos de madeira, com contas ou missangas, em collares, os quaes ás vezes rematam ao centro em pingente por um pequeno chifre de corça tendo dentro varias drogas, e neste caso serve de preservativo contra divindades malfazejas; mas outros são só para ornamentação. Aos bonequinhos chamam *caquíxi,* diminutivo de *muquíxi.* Á umbala tambem dão o nome de *lungáji;* este fructo é apipado e bem lustrado com azeite de palma. Parece feito de madeira.

Tanto este como a *chiza* e o *dipúdi* podem considerar-se como amuletos.

Os Quiôcos tambem usam os chifres de corça e bonecos maiores e mais bem feitos suspensos ao pescoço, o que tambem constitue um amuleto.

Sambo (*sabo*).—É um fio delgado de lutombe ou de qualquer outro bordão, que cobrem com finissimos fios de cobre ou de metal amarello, e que se obteem puxando á fieira o mais que podem o arame que lhes levam os negociantes. Assim coberto

o fio, enrolam-no no braço ou no delgado da perna, dando tantas voltas quantas permitte o seu comprimento, e ao que elle se presta perfeitamente.

É este um adorno de que só usam pessoas de distincção, e muitas vezes o tiram para o enviarem como signal seu á pessoa com quem teem de se communicar.

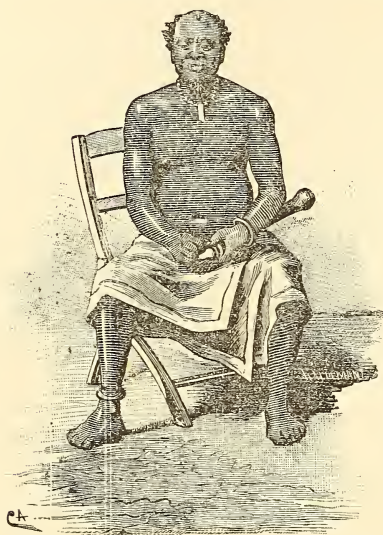
Vi entregar a Xa Madiamba dois d'estes adornos como signaes, sendo o ultimo mandado por Xa Cambuje e foi o que o resolveu a retirar e a addiar por algum tempo o tomar posse do Estado. Chama-se ao dos braços *sambo jiá macassa;* e ao das pernas *sambo jiá miêndu.*

Lucanga (*lukaña*).—É uma argola feita de fios de bordão, que usam no delgado da perna direita caida sobre o pé. É distinctivo indispensavel, de que já deve usar o filho de Muatiânvua que tem de pôr o lucano. É fechada, cosida mesmo, depois de collocada no seu logar. Fazem primeiro um pequeno rolo de alguns fios e sobre estes entrelaçam outros, de modo que tudo fique muito apertado. Deixam-lhe os extremos livres, e depois de posta na perna ligam-nos um ao outro, continuando o revestimento e ficando um intervallo de dois dedos, em que fazem seis ou oito furos.

No dia em que esta se colloca na perna procede-se a umas certas ceremonias. Dançam e cantam os tumbajes na toada dos instrumentos de pancadaria e do chissanje, e houve tempo em que se matava uma pessoa e alguns animaes para comer nesse dia, sendo o sangue d'estas victimas misturado para se deitar nos furos mencionados. Hoje só matam os animaes que podem obter, e aproveitam o sangue para esse effeito.

Os tumbajes dançam com ramos de folhas na mão: ora avançam ora recuam numa linha em frente do potentado, e quando se trata de matar algum animal que está seguro com uma corda ao pescoço, veem elles então aos saltos, um a um, com as suas facas, sempre na toada da pancadaria atirando uma cutilada ao pescoço da victima, e se esta não morre logo, o que vem atrás renova o golpe. O que consegue aparar a cabeça cortada do animal approxima-se do potentado a dançar com

ella na mão, levanta-a ao ar, e depois lança-a numa cova grande em forma de prato, aberta no terreno defronte da qual elle está sentado. Isto repete-se emquanto ha animaes a matar e é de cada uma d'essas cabeças que se toma um pouco de sangue para deitar nos mencionados furos. Os corpos dos animaes são logo levados pelos tumbajes para serem cozinhados para a refeição. Cosem-se então os extremos da lucanga com fios que se passam nos furos.

A lucânga nunca se tira do seu logar, rompe-se ou inutilisa-se completamente e então subtitue-se por outra, precedendo as mesmas ceremonias.

Os filhos de Muatiânvua, quando são chamados para governar o Estado, dos sitios d'onde partem procuram a residencia de um grande quilolo, para onde se transportam antes de tentarem a viagem para a Mussumba. É este quilolo que lhe ha de pôr a lucanga; é elle quem faz as despesas da ceremonia. Xa Madiamba escolheu o Caungula do Mucundo, porque além de grande quilolo e descendente de Muatiânvua era seu antigo amigo. Assisti a esta ceremonia.

Manjata (*mañata*).—São duas ou trez fiadas de fructos, *cabúdi,* a que depois de seccos tiram o miolo, e onde mettem pequenas sementes para chocalharem. Trazem-nas presas no delgado das pernas e gostam de andar com ellas para sentirem a bulha que fazem. As raparigas nas danças tambem as usam na cintura aos mólhos e nos pulsos, e dançam bamboleando o corpo de maneira que o chocalhar seja ao compasso da musica. Tambem usam pequenos tubos de ferro enfiados em um arame,

tanto no delgado das pernas como nos pulsos, para o mesmo effeito.

Hoje por analogia, faz-se o mesmo com os guizos (*capocolo*) e com campainhas pequenas (*guênzua*), que os negociantes lhes levam. Chegam a usar mólhos de guizos na cintura, somente para fazerem bulha quando andam. O calala do Xa Madiamba era conhecido ao longe pelos guizos, fazendo lembrar os nossos antigos postilhões.

Ha ainda outros objectos que, por serem de luxo, embora de moderna data, menciono neste logar.

Chibele chiá zâmbi (*čibele căa zab̃i*).—É uma tira de baeta encarnada da largura de 0^m^,03 a 0^m^,04, ornada com um estreito vivo de algodão branco, e tem o comprimento sufficiente para, dobrada e posta ao pescoço, cair sobre o peito um pouco acima da cintura.

As extremidades acabam em ponta e os vivos seguindo essa ponta veem a terminar depois numa tira. Cosem as tiras da baeta uma á outra da altura dos peitos até ás extremidades, e é sobre essa parte mais larga e ao meio que prendem um crucifixo de metal amarello. Tambem ha quem use dois, e então na mesma altura são presos um a cada tira. Geralmente Muteba dava-os já completos aos seus tucuatas, quando iam por mandado d'elle ao Cuango, para serem felizes na viagem e no negocio. Foi depois de Muteba que se tornaram frequentes.

Diquengue (*dikeg̃e*).—É o nome que elles dão ás fitas e aos galões, e por analogia aos galões dourados chamam *diquengue diá ulo*.

Cachitate (*kačitate*).—Foi o nome que deram ás medalhinhas e alfinetes de peito de cartonagem, que levava a Expedição, enviados por um negociante do Porto.

Bilinco (*bilik̃o*).—Chamaram assim aos brincos que a Expedição levou do mesmo negociante, e que muito apreciaram.

Diele.—A que tambem chamam *botam dos Quimbares,* nome que dão aos botões, referindo-se sempre ao vestuario, assim *diele diá dibuico* ou *botam; diele* é um dos seios.

Chíni (*čini*).—É a sua caixa de rapé, que fazem de bordão, de madeira e tambem de marfim, geralmente de forma cylindrica tendo superiormente uma pequena abertura onde entra apenas o dedo indicador, que assentando sobre o rapé traz aggregado uma porção d'este pó que levam ás ventas.

Estas caixas são mais ou menos ornadas ou enfeitadas e trazem-nas sempre suspensas adeante por um cordão á cintura ou ao cinto.

Dítu diá ubo.—É o nome que deram á grande umbella que Rodrigues Graça levou ao Muatiânvua Noéji e que ainda lá vi na côrte. Como era vermelha deram-lhe este nome, por fazer lembrar os grandes cogumellos rosados. Só usavam d'ella quando iam para guerras ou para caçadas. A sua côr já escureceu, e apparece nas audiencias para cobrir o Muatiânvua.

Chisseque (*čiseke*).—É um chapelinho de sol, traste indispensavel para os grandes quando em audiencias, porque estas se realisam sempre ao sol. O Muatiânvua e os quilolos grandes teem sempre o seu caxalapóli junto a si do lado do sol, segurando no chisseque e andando de quando em quando a procurar fazer boa sombra a seus amos e girando tambem com a haste nas mãos para elle funccionar como ventilador.

Preferem os de qualquer fazenda carmezim ou de retalhos de côres diversas; mas não havendo d'estes acceitam todo e qualquer que se lhes apresente, muito principalmente se não teem nenhum. Quem os possue estima-os, e se precisam qualquer concerto e no sitio se encontra um Quimbare ou Bângala que seja, logo o procuram para lh'os fazer. O meu interprete foi sempre muito procurado para estes e outros arranjos.

Mas não devemos esquecer como adorno d'estes povos o *jimbaje,* que ainda hoje se vê mais ou menos em todas as tribus, e que é o mesmo que os inglezes denominaram *tatooing.* Consiste este em picar a pelle em linhas ou desenhos e introduzir nella uma substancia corante que os torne permanentes.

Nos homens já este uso se vê menos que entre as mulheres, e naquelles mais nos Quiôcos que nos Lundas. Observa-se quasi sempre no rosto, sobre a testa a partir do nariz, sendo na maior parte das vezes apenas linhas, e em alguns casos pequenas figuras circulares ou rectangulares, dispostas symetricamente aos lados da testa. Nas mulheres vê-se o jimbaje acima do umbigo, nos braços, hombros e em algumas nas coxas (V. pag. 329).

O jimbaje mais fino faz-se hoje com as nossas agulhas, mas fazia-se d'antes com um estylete de madeira de ponta muito fina. Do *mupáxi,* arvore que dá o fructo que tem o mesmo nome, que faz lembrar a azeitona e de que pisando-o se obtem um bom azeite, se extrahe a seiva a que chamam *uengue* (*ŭeg̃e*), que se liquifaz depois ao fogo. Tem-se considerado essa arvore como pertencendo á mesma familia que o *safú* da ilha de S. Thomé, mas não é assim.

As pontas de duas agulhas juntas são molhadas no uengue, e depois com ellas procede-se ao jimbaje sobre as linhas que previamente se traçam na pelle no logar escolhido.

A operação que é dolorosa consiste em ir picando dois pontos a um tempo sobre essas linhas. Dos pontos feridos brota sangue, que o operador de vez em quando estanca passando sobre elles pó de carvão, com que os fricciona um pouco, e na falta de carvão com a cinza dos braseiros ou com a da queima dos capins de que extrahem o sal.

Nas margens do Luí vi mulheres que tinham sobre os hombros o jimbaje feito com o estylete de madeira, e de tal modo que as figuras, imitando arvores, adquiriram relevo, e lembrava umas dragonas. Tambem vi numa mulher esses relevos acima dos peitos, um pouco para o lado direito.

Em alguns individuos o desenho toma uma côr mais escura que a da pelle, e noutros fica menos carregada; é possivel que isso seja devido a combinação do pó com que estancam o sangue e d'este com a seiva do mupáxi.

A mutilação dentaria a que chamam *mazêu macussonga,* pode dizer-se não ser caracter privativo d'uma tribu ou povo nesta região e vê-se em um ou outro individuo de qualquer tribu,

principalmente entre os Quiôcos, sendo mais frequente esse uso, que passa como aformoseamento, entre os Chilangues, Tabas e Uandas, isto é, no norte da região de que trato.

A operação é tambem dolorosa, porque com um pequeno ferro cortante vão lascando os dentes pelos angulos, de um lado e outro, batendo nelle com um outro ferro ou objecto solido que se preste á percussão.

Alguns individuos a quem interroguei sobre o fim de tal usança e sua utilidade, diziam-me que era para melhor rilharem a mandioca e trincarem a carne da caça. Outros diziam que era uso de familia e que em pequenos é que lhe tinham feito aquella operação, porém a maior parte dizia simplesmente que se fazia por ser mais bonito.

O facto é que tanto esta mutilação como o jimbaje, pelo menos nas mulheres já se observa antes da puberdade.

Os grandes furos ou melhor rasgamentos nos lobulos das orelhas e no nariz para nelles se metterem pingentes, anneis, cylindros de folha de ferro, cobre ou latão até á grossura de 4 e 5 millimetros, e mesmo pauzinhos, podem considerar-se em todas as tribus d'esta grande familia de que trato como um caracter ethnico.

As pinturas a vermelho entre as mulheres novas, no corpo e principalmente na cara, e tambem nestas o prolongamento artificial dos olhos com ferros aquecidos ao fogo, constituem tambem embellezamentos. As pinturas sobre a pelle tambem se usam como remedio contra doenças ou feitiçarias.

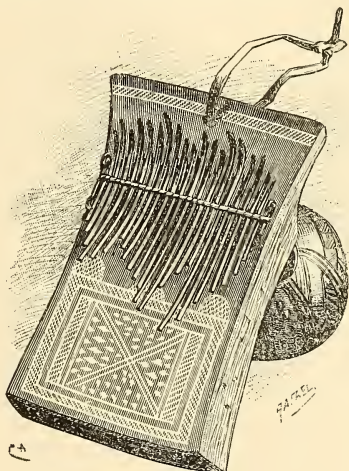
Direi nesta occasião que ha doenças cujo tratamento consiste em esfregar todo o corpo com cinza. Applica-se esta nos casos de variola, sarampo e outras erupções cutaneas e tambem contra a debilidade geral e anemias.

Todos os instrumentos de musica usados por estes povos pode dizer-se que são mais ou menos conhecidos na Europa, e ha muito tempo em Portugal, porém ainda assim entendo dever fallar d'elles. É conveniente saber-se que não tendo estes povos palavra que exprima som em geral, comtudo distin-

guem os sons e dão-lhes os nomes correspondentes á posição das teclas nos seus teclados, nos instrumentos de pancada ao logar em que batem com as baquetas, e nos de vento e de cordas aos buracos que tapam ou ao ponto da corda que ferem.

Os mais usados são:

Chissanje ou *quissanje*.—É uma pequena caixa de madeira especial, muito leve, tendo de comprimento $0^m,25$ a $0^m,30$, de largura $0^m,15$ a $0^m,17$, e de altura $0^m,025$ a $0^m,030$. É feita de uma só peça, e escavada interiormente á faca pelo lado de maior altura, onde se abre apenas uma ranhura estreita.

A dois terços do comprimento da caixa vae esta diminuindo de altura em superficie concava, de modo que fica tendo sómente $0^m,01$ de altura num dos extremos, sendo o corte tambem feito á faca. A parte superior não é completamente plana, apresenta uma concavidade. No logar em que começa a adelgaçar a caixa ha um pequeno cavallete muito estreito com $0^m,007$ de altura a que chamam *caboje*, disposto no sentido da sua largura e serve de apoio ás peças do teclado, cujos extremos toscamente acabados se conservam sempre elevados sobre a caixa. A uma certa distancia d'este cavallete, calculada pela vibração maxima que devem ter as notas e parallelamente a elle fixa-se um outro, pouco mais alto, que é uma lamina de ferro curva. A essa lamina chama-se *mulimo*. Entre estas peças, mas mais proximo da primeira, colloca-se por cima das teclas uma tranqueta delgada de ferro, que se enfia nuns anneis alinhados entre cada tecla e fixos á caixa. Esta tranqueta serve para fixar as teclas obrigando-as a uma certa curvatura nas extremidades.

Ao teclado dão o nome de *mirimba* (*mirib̃a*), ao conjunto dos anneis *mazambo* (*mazab̃o*), e á tranqueta cujos extremos dobrados em angulo recto se fixam á caixa *chicassa* (*čikasa*).

As peças do teclado na parte deanteira a contar do mazambo são chatas e alargam um pouco para as extremidades, sendo mais tarde com o bater dos dedos polidas, tornando-se esbranquiçadas. Estas peças são de ferro, porém ha outras caixas que as teem de madeira, mas essas são para principiantes.

Em muitas d'aquellas peças usam ás vezes enfiar uns pequenos aros chatos de ferro, a que chamam *sinuaúa*, para obterem melhores vibrações. Ao meio da abertura da caixa, e no sentido do seu comprimento, atravessam um fio de arame, e tambem nelle enfiam quatro ou cinco d'aquelles aros, a que dão o nome de *uquino* (*ukino*), e á abertura da caixa o de *mupânhi* (*mupañi* «lado de trás»).

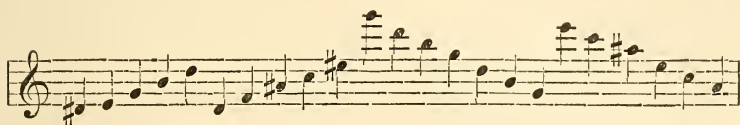
Ha quem colloque sobre a caixa e a pequena distancia do mupânhi, um fio e nelle enfiada uma grande conta a que chamam *diquenqueta* (*dikek̃eta*).

Os bons tocadores addicionam ao instrumento pela parte de baixo uma pequena cabaça a que cortam um pedaço e cuja abertura tenha um diametro um pouco inferior á largura da caixa, e prendem-na por um cordel ao fundo d'ella. A cabaça tem o nome de *chitaia* (*čitaĭa*), e a caixa o de *mumbávu* (*mub̃avu* «costella»).

Toca-se no teclado e correm-se todas as suas peças, apenas com os dedos polegares, passando todos os outros dedos por baixo da caixa a conservá-la e á cabaça na posição conveniente, de modo que a abertura d'esta não fique completamente tapada pela caixa.

Ha quissanjes de maiores e menores dimensões que as descriptas, e tambem mais geitosos e bem acabados tanto nos metaes como na propria caixa.

O que figuro, tem 23 peças de teclado cuja equivalencia ás notas de musica da nossa clave de *sol*, em trez oitavas diversas, é a que em seguida indico. Entre as referidas notas vêem-se 4 sustenidos, sendo para notar que o que entra na escala

natural, seja qual for, toma o nome de *chissaca* da nota a que corresponde; os que entram na oitava inferior de *muene têmbue* da nota de que é sustenido, e os da oitava superior de *suana mulopo* d'aquellas, nota que o chissanje que figuro não tem.

Estas 23 notas resumem-se a 5 *capambo* (= *ré*) sendo um sustenido da oitava inferior, e por isso *muene têmbue uá capambo; 4 chissesse* (= *sol*)*;* 4 *chissombo* (= *mi*) de que um é sustenido na oitava natural, *chissaca chiá chissombo;* 3 *dixíni* (= *dó*)*;* 3 *murundo* (= *si*)*;* 3 *chibandeje* (= *la*), sendo dois sustenidos, um na oitava acima *suana mulopo uá chibandeje,* e outro na oitava abaixo *muene têmbue uá chibandeje;* 1 *muiânhi* (= *fa*).

Nos de menores dimensões só se contam 16 peças, sendo supprimidas 2 *chissesse,* 3 *chissombo,* 1 *dixíni,* 1 *murundo.*

Os potentados e seus parentes geralmente, e tambem o Muatiânvua fazem luxo em andar pela rua ou mesmo irem visitar qualquer pessoa tocando no seu chissanje. Alguns teem este instrumento em muita estimação, e por isso se vêem as caixas e as cabaças ornadas á faca com figuras humanas, de quadrupedes e aves e tambem com desenhos em pequenos quadros.

De noute ouve-se nas povoações e tambem nos acampamentos um ou outro que acordou cantar a meia voz, fazendo acompanhar-se no chissanje.

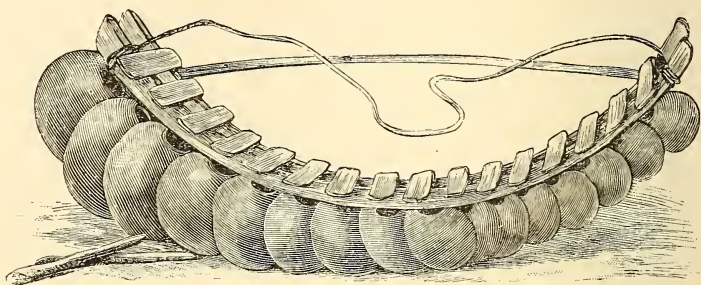
Geralmente estão fumando na sua mutopa liamba ou tabaco; collocam-na deante de si entre as pernas, vão fumando e passam os braços por fora da mutopa, ficando-lhes os movimentos livres para tocarem o chissanje.

Succede sempre ao aspirarem o fumo que lhes venha a tosse, e por isso o seu canto é cheio de interrupções.

Ao que está cantando numa cubata responde outro, ás vezes tocando tambem no mesmo instrumento.

Marimba iá maquíri (*marib̃a ĭa makiri*).— As mais communs são formadas de pauzinhos que assentam sobre um arco e respectiva corda e teem as seguintes notas: 3 *capambo;* 3 *chibandeje;* 3 *chissesse;* 3 *chissombo;* 2 *chissaca;* 1 *dixíni;* 1 *murundo;* total 16. Ha outras a que chamam *marimba mangonje* (*marib̃a mag̃oj̃e*) analogas á anterior, mas com mais duas notas: o *capombo* e o seu *suana mulopo.*

Estes intrumentos teem 8 e 7 sons distinctos conforme a sua grandeza e de que ha os melhores exemplares nos sobados em redor de Malanje e entre os Bondos de Andala Quissúa, e tambem em algumas ambanzas de Bângalas.

Em dois grandes arcos feitos de troncos delgados apropriados assentam as taboinhas de uma madeira tambem especial

que constitue o teclado, e a cada uma d'estas correspondem inferiormente cabaças, escolhidas segundo o som que produzem e com a forma adequada.

Todas as cabaças são ligadas por fibras de vegetaes.

Hoje já dividem as marimbas em duas partes, uma para o canto outra para o acompanhamento, e neste caso são dois os tocadores, cada um com duas baquetas, sendo os extremos arredondados d'estas guarnecidos com borracha.

Torna-se assim o transporte mais facil porque cada tocador leva a sua parte do instrumento, passando o arco exterior para trás das costas e suspendendo-a ao pescoço por meio de uma corda ou por tiras de panno, ou com um dos pannos com que usam cobrir-se e que em marcha não vestem.

As marimbas que se usavam anteriormente a estas eram muito grandes, porque no seu teclado se comprehendia canto e acompanhamento.

Rubembe.—Incluem este no numero das marimbas, mas é muito differente. É de ferro; os primitivos tinham a forma de ferradura, d'onde lhes veiu o nome. Dizem que Rodrigues Graça, quando foi á Mussumba, levava um macho ferrado, e por causa das ferraduras deram ao macho o nome de *lubembe* ou *rubembe.*

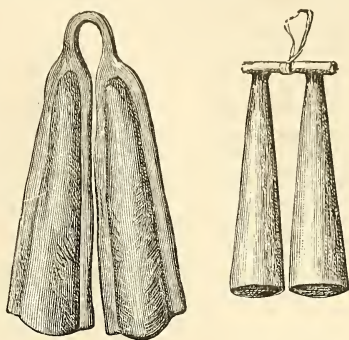
Os ramos da ferradura são dois vasos estreitos e compridos adelgaçando para a curva, que terá ahi um diametro de $0^m,010$ a $0^m,016$; a abertura nas extremidades tem a forma oval, sendo o maior eixo de $0^m,04$ a $0^m,05$ e a altura dos vasos de $0^m,25$ a $0^m,30$. As paredes dos vasos são um pouco espessas e reforçadas por uns aros no mesmo plano pelo lado interior e exterior, que se reunem ao arco da ferradura.

Na gravura em que figuro um d'estes instrumentos vê-se outro mais perfeito, em que os vasos são mais bem acabados e se ligam pelos fundos a uma travessa tambem de ferro.

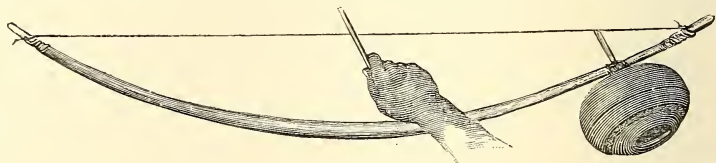
Passam uns fios de fibras no arco ou travessa para na mão esquerda suspenderem este instrumento, e é com a mão direita que nelle tocam com uma varinha de ferro, que percorrendo as paredes dos vasos de alto a baixo, e ora um ora outro, produz todas as notas que encontram no chissanje e nas marimbas.

Não é de mau effeito quando tocado por mão de mestre.

Os Quiôcos e os Lundas alem do Cassai fazem muito uso do rubembe.

Entre as insignias do estado do Muatiânvua encontra-se o rubembe que existe de maiores dimensões, e na ambula (grande largo) onde se fazem as audiencias tem o seu logar reservado,

que é uma travessa posta sobre duas forquilhas, de proposito plantadas para o aguentarem, e é nesta travessa que elle se suspende.

Rucumbo.—Este instrumento é muito conhecido na nossa provincia de Angola. Toma-se uma vara de uma madeira especial flexivel curva-se em arco, apertando-se as extremidades com um fio grosso que já fazem do seu algodão e que conservam bem tenso. Na parte inferior do arco fixa-se uma pequena cabaça com uma abertura de grandeza calculada para se obterem boas vibrações. Esta abertura fica voltada para fora quando se toca, e a corda ao alto.

O arco fica entalado entre o corpo e braço esquerdo, indo a mão correspondente segurar nelle a certa altura. Com uma

varinha na mão direita tangendo em differentes alturas da corda tiram-se bons sons, que lembram os de uma viola, e cujo conjuncto é agradavel. Os Loandas chamam-lhe *violâm.* Tocam-no quando passeiam e tambem quando estão deitados nas cubatas. É muito commodo e portatil.

Os instrumentos de vento são muito simples e fabricam-se de palha de capins especiaes, de madeira e tambem de marfim, todos mais ou menos ornamentados, e alguns mesmo imitando formas humanas ou de animaes.

Mixia.—É um apito feito com o canudo de um capim grosso a que chamam *libunga* (*libuĝa*), tendo de comprimento $0^{m},12$. Uma das extremidades cortam-na em viez, e da parte inferior até proximamente a meio abrem-lhe 3, 4 ou 5 orificios, e tapando com os dedos de ambas as mãos, ora uns ora outros, tocam o que querem. Do som estridulo que produzem provém talvez o nome de *mixia.*

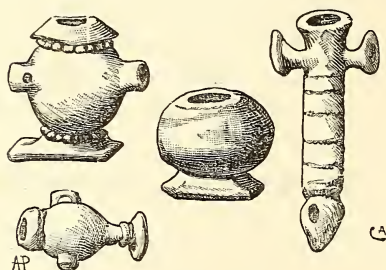
Catou (*katoŭ*).—Tambem instrumento de sopro. É uma pequena bola de madeira a que fazem um orificio para bocal e na parte opposta abrem mais 3, 4 ou 5 orificios, que tapam ora uns ora outros com os dedos para obterem os sons, sendo por esses orificios que escavam interiormente a bola, servindo-se para isso de uns pequenos ferros, que vão batendo pouco a pouco com a mão ou com algum pau.

Ditondo (*ditodo̴*).—Outro do mesmo genero. Consiste em dois pequenos troncos de madeira especial, que se encruzam e furam com um ferro, primeiro o vertical de um extremo até proximo do opposto, ficando este tapado, e depois o tronco horizontal de um extremo ao outro. O orificio da parte superior do primeiro é o boccal; e com o pollegar e index da mão direita, ora tapando um, ora outro lado do tronco horizontal, ora deixando-os ambos abertos, ora tapando-os simultaneamente, se obteem sons diversos.

Muzelele.—É ainda outro, constituido por um cylindro de madeira, que se pode furar com facilidade de um extremo até proximo do outro, que fica tapado. A pequena distancia do fundo fura-se tambem de lado a lado, e os buracos que se obteem em sentido opposto tapam-se alternadamente com o pollegar e index da mão direita, para produzirem certos sons.

Tanto este como os antecedentes trazem-se suspensos ao pescoço, e assim collocados chamam-lhes *cassengossengo* (*kase-g̃osego̴*), que é uma flor que termina em forma de apito.

Dilele.—E um flautim em miniatura. Tem 0^m,18 de comprimento; e de todos o que vi de maior diametro não excedia a 0^m,01. A um lado e proximo do extremo superior fazem-lhe uma abertura em viez, por onde tocam; e a contar do extremo inferior até proximo do meio abrem 5 orificios, que não ficam na mesma linha e sim aos lados e a meio, conforme faz mais geito para tapar com os dedos de ambas as mãos. Neste variam mais os sons.

Qualquer d'estes instrumentos de som agudo serve tambem para signaes e para duas pessoas se corresponderem a pequena distancia. Mas nisto os mais peritos são os Quiôcos.

Os povos mais adeantados, como os do Congo e os Quiôcos, fazem todos estes instrumentos de marfim, que na Lunda conservam os mesmos nomes. Os povos de Caiembe e de Canhíuca tambem os fazem de marfim. D'estes figuro os que trouxe para a Sociedade de Geographia de Lisboa, e a que dão o nome generico de *mussengo*.

Chipanana (*čipanana*).—É o que nós chamâmos trompa de caça. São chifres, ou dentes pequenos de marfim. Fazem-lhes um buraco na ponta por onde assopram, e apertando mais ou menos os beiços tiram d'elles sons diversos. Chamam por analogia as nossas cornetas *chipanana diá Muéne Puto*.

Os instrumentos de pancadaria são oriundos do nordeste e alguns teem entrado ultimamente por Malanje na nossa provincia de Angola. Consideram-se os que conheço como insignias do Estado do Muatiânvua e que os potentados de todas as tribus, mesmo dos dissidentes d'este Estado, estão adoptando tambem como insignias da sua auctoridade, embora de menor grandeza, e de que se fazem acompanhar quando em passeio.

Mondo (*mod̃o*).—Instrumento de pancadaria que se ouve á distancia de 10 kilometros e ás vezes mais, conforme as altitudes e vento. É o baixo profundo. É feito de uma só peça. Toma-se um toro de uma arvore de madeira rija e leve. Proximamente a meio fazem-lhe uma abertura quadrada de $0^{m},15$ por lado; e por ahi com os ferros dos seus machados bem afiados, os escavam muito bem, ficando por dentro as paredes lisas.

Alguns nos topos exteriormente teem duas argolas ou asas, por onde os suspendem de uma correia de couro aos hombros quando em marcha. O mondo só se pode tocar estando o tocador sentado no chão e collocando-o entre as pernas.

Dois paus de $0^m,20$ de comprimento e com uma das extremidades revestida de borracha formando uma bola são as baquetas, ou melhor maçanetas, com que tocam. É instrumento para a guerra. Os maiores teem 1 metro de comprimento e pouco mais de $0^m,25$ a $0^m,30$ de diametro.

Ha-os de menores dimensões e mais bem acabados, e não se ouvem por isso a menor distancia. Fiz acquisição de um d'estes.

Em Loanda conhece-se este instrumento no bairro da gente de Cabinda, que faz com elle as suas chamadas, e toca a alvorada e a recolher.

Como digo tratando ainda dos usos e costumes d'estes povos, o mondo é para elles uma especie de telephone.

Chinguvo ou *Quinguvo*.—Ha varios modelos d'este instrumento no museu da Sociedade de Geographia de Lisboa. São os instrumentos de pancadaria que mais usam em marcha, e com que tambem transmittem noticias e ordens na Mussumba ou para povoações muito proximas. Está hoje muito generalisado. Qualquer Muana Angana Quiôco, mesmo dos que elles dizem feito á pressa, já se faz acompanhar do seu quinguvo. Muitas comitivas de commercio os levam para vender como curiosidade aos europeus na nossa provincia de Angola, e para serviço no sobado e ambanzas.

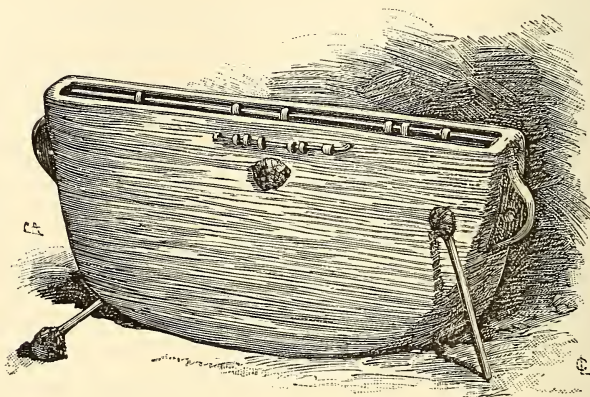
São umas caixas de um feitio especial e para as quaes é preciso escolher a madeira. Os mais triviaes são os de que eu trouxe um exemplar e que figuro em gravura.

De um pranchão da espessura de $0^m,12$ a $0^m,14$ cortam um pedaço rectangular de $1^m,0 \times 0^m,80$; e collocando este de cutello sobre o solo, ao meio da espessura abrem uma ranhura em todo o sentido do comprimento, que com ferros apropriados e a malho vão escavando interiormente, alargando essa escavação á medida que vão tirando para fora a madeira. A largura da abertura varía de $0^m,015$ a $0^m,020$.

Pela banda de fora vão cortando a machado, para a parte superior, a madeira do fundo que está assente no solo, de modo que fiquem as paredes maiores em dois planos inclinados

para a linha media da abertura, e de todos os lados como uma largura egual a essa abertura.

Ao fundo dão-lhe a machado uma forma arqueada para os lados e vão cortando a madeira d'ahi para as extremidades da abertura em arco, deixando ficar proximo da mesma dois pedaços salientes de que depois fazem umas pégas ou umas peças chatas, em que abrem um buraco para nelle passarem cordas para suspensão do instrumento a um travessão.

Alguns d'estes instrumentos apresentam os cortes das faces maiores rectos, de modo que a sua figura é a de um trapezio inclinado para o interior da caixa.

Ao meio da abertura e perpendicularmente ás faces maiores atravessam um ferrinho em que enfiam laminas de ferro dobradas em forma de tubos, e tambem duas ou tres missangas grossas; e ainda alguns collocam ao meio de um lado e rente com o bordo superior um ferrinho, que curvam logo a prolongar-se com esse bordo, e nelle enfiam as laminas de ferro para chocalharem quando se bate no chinguvo.

Ao meio das faces maiores, de um e outro lado, pregam-lhe umas saliencias de borracha, e com as baquetas ou maçanetas, que são pouco maiores do que as que deixámos descriptas para o mondo, batem ahi e na caixa a diversas alturas e dis-

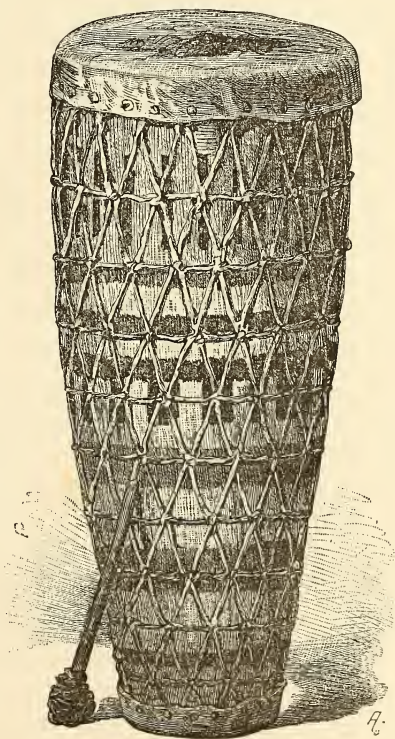
tancias, tocando as suas marchas, transmittindo ordens ou noticias, ou tocam para as danças e fazem os acompanhamentos aos seus cantos.

Geralmente suspende-se a um pau sobre os hombros de dois homens, sendo o de trás o tocador. Em marcha e querendo tocar-se, é assim que o transportam.

O chinguvo acompanha bem o chissanje, e qualquer d'elles os cantores, devendo todavia notar-se que os cantos são antes recitativos.

É na verdade para admirar como por uma estreita fenda se consegue escavar um pranchão e dar-lhe a forma desejada. Chega-se a querer investigar se não serão peças perfeitamente unidas com grude ou com outra substancia analoga.

Angoma iá mucamba (*g̃oma ĭa mukab̃a*).— Dizem que só o Muatiânvua a possue, e em toda esta região não vi egual em grandeza e forma á que figuro de um desenho que fiz á vista da que me mostraram na Mussumba do Calânhi. Só sae para a guerra.

Toma-se para fazer este instrumento um tronco de madeira apropriado, a que dão a forma de um cone, e que tornam ôco escavando-o por dentro. A base maior que tem $0^{m},40$ de diametro é coberta com uma pelle de animal devidamente preparada, e o lado opposto de $0^{m},20$ de diametro fica aberto. Esta especie de timbale tem de altura $1^{m},30$ a $1^{m},50$.

A pelle é posta a ficar bem tensa, e fixa-se ao corpo do instrumento por liames dispostos em differentes sentidos.

Batem as pelles com baquetas grandes, feitas com as já descriptas para o mondo e chinguvo.

A parte exterior da madeira é ornada muitas vezes com relevos feitos á faca, e tambem lhes fazem desenhos em curvas mais ou menos caprichosas e outros arabescos.

Em outros, que são mais estreitos e curtos, toca-se agachando-se o tocador, que colloca o instrumento entre os pés e bate na pelle com ambas as mãos.

Para que a abertura pela parte de baixo não fique completamente tapada, toca no chão só uma parte da borda inferior, e como tem por isso de se conservar inclinado para a frente, para que não perca o equilibrio, passa-se-lhe uma corda em torno, abaixo da pelle, e suspende-se ao pescoço do tocador. Fazem muito uso d'este intrumento nas suas danças, e quando o tempo está humido, de vez em quando vão aquecendo a pelle que serve de tampa, ás fogueiras que se fazem junto dos musicos.

Ritumba (*ritub̃a*).—É outro instrumento de uso frequente entre todos estes povos. Faz-se de um tronco de $1^{m},0$ a $1^{m},20$ de comprido aberto interiormente em forma de cylindro, regulando o diametro de $0^{m},20$ a $0^{m},25$. Exteriormente fazem-no em saliencias e reintrancias mais ou menos curvas com anneis e frisos, tendo alguns desenhos caprichosos.

São estes os mais usados nas danças e tambem se tocam batendo com as mãos na pelle que tapa uma das aberturas. Muitas vezes os tocadores escarrancham-se nelles e tocam horas seguidas sem descansarem.

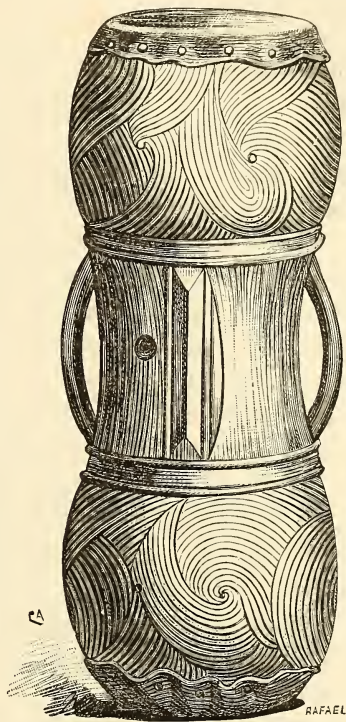
Angoma ia calenga (*g̃oma ĭa kaleg̃a*).—Muito menor que o antecedente mas é muito enfeitado quer com os ornatos na madeira feitos a ferro, quer com fiadas de missanga.

Angoma uá muanga (*g̃oma ŭa mŭag̃a*).—Tambem é uma angoma de $0^{m},50$ a $0^{m},60$ de altura e de diametro superior a $0^{m},30$ ou $0^{m},40$, e um pouco mais estreita para a parte inferior, a que se deixa um rebordo exteriormente; as paredes

são ornadas á faca. Andam sempre suspensos a tiracollo ao lado direito do tocador, que toca mesmo assim batendo com ambas as mãos na pelle, ou então deitam-nas no solo, escarrancham-se sobre ellas e batem na pelle. É esta geralmente a posição mais favorita, sobretudo nas danças.

Mucubile.— Uma outra, das que trouxe e que figuro, pertence hoje á Sociedade de Geographia de Lisboa. É das pequenas, com $0^{m},70$ de altura e pelles nas duas aberturas. Exteriormente adelgaça ao meio e toma a forma espherica para os lados; na parte central tem as pégas e apresenta-se a madeira lisa, emquanto que o resto é ornado por traços curvos e parallelos em grupos harmonicos.

Mucupela.— Angoma muito pequena, mas com pelle dos dois lados. O corte no sentido do eixo dá-nos de projecção duas taças ligadas pelos fundos, sendo a união revestida a missangas grossas e finas de diversas côres e dispostas a capricho, e tambem nas partes a descoberto, com faca e outros ferros, fazem-lhe arabescos mais ou menos salientes. Os tocadores suspendem-nas ao pescoço e tocam batendo com uma das mãos em cada pelle, fazendo variar os sons já batendo com as cabeças dos dedos, já com as palmas das mãos mais ou menos em cheio.

Angoma iá Muene Puto.— Por analogia é o nome que dão ás nossas caixas de guerra e tambores. Ao dos maiores addicionam-lhe a palavra *mujima* (grande).

Mussamba (*musab̃a*). — É um instrumento de chocalho usado nas danças em honra dos idolos, e que se arranja muito simplesmente.

Nos extremos de uma vara pequena de madeira fazem dois espheroides encanastrados de fibras de cabama, e interiormente cruzam-nos com fios rijos de arame e nelles enfiam chapas delgadas de ferro ou fructos sêcos a fim de fazerem ruido.

Luzenze (*luzez̃e*).— Outro instrumento para o mesmo fim e pode dizer-se da mesma especie, que fazem de um fructo sêco a que se tira o miolo por meio de orificios que lhe abrem, e por meio d'elles introduzem-lhe sementes ou pedacitos de ferro para chocalhar.

Num dos referidos orificios mettem uma haste de madeira para lhe servir de péga.

Jiuáua (*jiŭaŭa*).— É tambem um instrumento que as raparigas e rapazitos usam nas danças.

Consiste num fio de arame, ao qual se enrolam, ficando á larga, chapinhas de folha de ferro, ou lata e mesmo de metal amarello, e que batendo umas de encontro ás outras possam chocalhar bem.

Este fio passam-no em roda do delgado da perna, e ha quem traga dois e tres fios para cada perna e tambem para os braços e na cintura.

Como as suas danças são puladas, os bons dançarinos bamboleiam com o corpo, e saltam e pulam de modo que a bulha da sua jiuáua não destoe do compasso dos instrumentos de pancadaria.

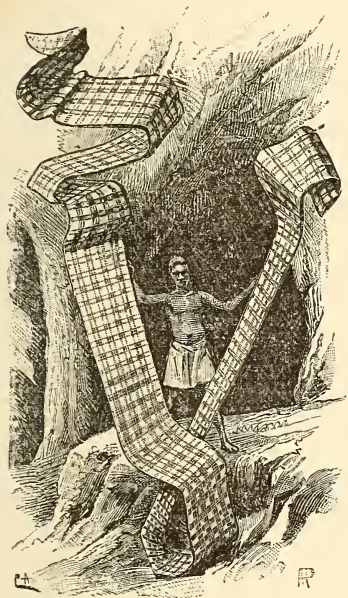
Com os instrumentos de pancadaria mondo e chinguvo e seus congeneres, e tambem com os instrumentos de sopro como veremos em outro capitulo, os naturaes da região que visitei communicam uns com os outros e transmittem noticias a grande distancia.

Num trabalho que tenho planeado, e a que espero dar publicidade, estudarei minuciosamente os differentes objectos que deixo mencionados, comparando-os com os observados por outros exploradores portuguezes e por Livingstone, Cameron, Schweinfurth, Barth, Stanley e outros; objectos que reputo communs a todos os povos Tus e caracteristicos da sua rudimentar civilisação.

Limitar-me-hei por agora a chamar a attenção do leitor para as gravuras dispersas no presente livro, onde se encontram figurados muitos dos diversos objectos summariamente descriptos neste capitulo.

CAPITULO VII

USOS E COSTUMES MAIS NOTAVEIS

Necessidade de estudo demorado para se conhecerem os usos e costumes dos povos que o viajante visita — Saudações matutinas ao potentado e modo por que este lhes corresponde; formulas em uso; nomes que teem, segundo as tribus — Cumprimentos e saudações por occasião do encontro de pessoas nos caminhos; modo de saudar entre as pessoas intimas — Transmissão de noticias e habito de as deturparem — Exclamações e gestos significativos de varias emoções — Manifestações de respeito, de cortezia e de attenção — Audiencias ordinarias e audiencias solemnes ou *tetames* — Processo seguido nos pleitos ou demandas, *milongas*, e modo de os promover e decidir — Factos exemplificativos — O nosso modo de proceder nestes casos com os indigenas — Ceremonias usadas entre os Quiôcos e os Lundas ao dar-se por terminada a milonga — Audiencias para resolução de negocios do estado, para recepção de visitas e para expedir ou receber mensageiros — Pragmaticas observadas para a sua abertura, no decurso d'ella, e no seu encerramento — O Muatiânvua nas audiencias; expedientes de que usa para entreter a assemblea antes das audiencias — Narração feita por Xa Madiamba dos seus trabalhos durante o exilio e em que poz em relevo a extrema dedicação e fidelidade da sua muári — Exito feliz da sua eloquencia — Musicos e improvisadores na côrte — Danças guerreiras e outras — Frenesi dos dançadores — Provas judiciarias ou juramentos — Superstições e agoiros; crença em feitiçarias — Casos em que se não applica o juramento — Assassinato horrivel de uma mulher infiel — Pouca frequencia d'este genero de crimes e de outros menos graves entre os gentios — Reflexões sobre a escravidão.

emos que um certo numero de regras e praticas estabelecidas entre estes povos, constituem no seu conjuncto os seus costumes e usos, e algumas differenças, que nos mesmos se encontram de tribu para tribu, tornaram-se caracteristicas, teem para assim dizer um cunho especial, e é necessario que o observador note essas differenças, pois o que muitas vezes se pode considerar como prolixidade, não o é realmente.

Assim como na ornithologia ou em qualquer ramo das sciencias de observação se requerem os cuidados do especialista para que não escape notar e figurar a mais pequena differença, que possa servir para distinguir uma especie de outra, ainda que á primeira vista pareça que se trata de um exemplar já conhecido e classificado; assim estudando os costumes de povos mesmo vizinhos, o observador deve registar tudo o que o impressiona, embora se lhe afigure que o que se está passando deante d'elle, é já caso investigado.

Quando no Luambata me dispuz a reunir todos os apontamentos dispersos nos meus diarios sobre os usos e costumes dos povos que conhecia, para os coordenar e enviar conjunctamente com outros trabalhos, na primeira opportunidade, á Secretaria de estado dos negocios da marinha e do ultramar, porque uma pertinaz doença me fazia recear estar proximo o termo da minha existencia; escrevia eu apresentando esses trabalhos as considerações seguintes:

«É preciso viver-se algum tempo entre estes povos, mezes e mesmo annos, para se poder fallar com pleno conhecimento de causa, não só dos seus usos e costumes, como ainda da sua historia tradicional, da sua politica, do seu modo de viver, de commerciar, da sua industria, crenças e superstições, e ainda das differentes phases por que foi passando, a fim de ajuizar se progridem ou retrocedem, e se poderão ou não aproveitar-se com reconhecidas vantagens, de auxilios estranhos, isto é, dos povos mais cultos com que possam estar em contacto.

Pode asseverar-se, que nos ultimos cincoenta annos, senão toda, pelo menos um ou outro ponto d'esta região central foi visitado por europeus; porém uns, porque só vinham tratar do seu commercio, e pouco lhes importava o mais; outros, refiro-me aos exploradores allemães, porque o seu intento apenas era conhecer o partido que a politica do seu paiz podia tirar das afamadas riquezas do Muatiânvua, e fazerem por aqui a travessia do continente africano; é certo que nem estes nem aquelles se entregaram ás minucias e especialidades que requerem estes conhecimentos.

Romão, Rodrigues Graça, e ultimamente Carneiro, Saturnino Machado, Antonio Lopes de Carvalho, Silva Porto e João Baptista, negociantes sertanejos; Dr. Pogge, Dr. Max Büchner, Tenente Wissmann, Otto Schütt, Barth, Livingstone, Cameron e outros, o que nos dizem? Muito pouco!

Apenas algumas informações e a maior parte devidas aos seus interpretes, que tudo sabem segundo elles proprios, e nada querem perguntar, porque seria para elles humilhante

mostrar ignorancia; creaturas desmemoriadas, a quem nada mais importa que os seus interesses, por que além do contracto com seus amos, vem sempre esperando boas gratificações dos potentados por cujas terras tem de passar o branco, e aos quaes elles dizem: — já vê que sou um bom amigo — e o outro responde-lhes: — sim senhor, não me esquecerei do amigo, — e as informações d'estas fontes, repito, não merecem grande credito.

Ultimamente Silva Porto, depois da sua viagem ao Lubuco, escreveu uma extensa carta ao secretario perpetuo da Sociedade de Geographia de Lisboa, e depois da minha partida de Lisboa, é possivel que os ultimos exploradores allemães, e mesmo Saturnino Machado, se tivessem occupado em prestar alguns esclarecimentos sobre os assumptos a que me refiro; mas como é natural que só tocassem incidentalmente na materia, parece-me que pode preencher essa lacuna a parte dos meus trabalhos que agora se referem aos costumes d'estes povos.

Vou seguir pois neste trabalho o methodo que observei ao coordenar os meus apontamentos, por me parecer o mais simples e elucidativo.

Estes povos são madrugadores, o que não admira, porque as occupações do seu dia terminam pouco depois do pôr do sol, e são excepções as noites de bom luar em tempo sêcco, nas quaes se reunem aos grupos nos pateos ou em frente das residencias de algum amigo ou potentado, muito principalmente sabendo que ahi ha malufo, e recolhem então das oito para as dez horas; e tambem aquellas (nas mesmas circumstancias de luar) em que por qualquer motivo ha dança, em que se entreteem até ao romper da manhã. Em qualquer dos casos não ha de haver frio, porque a tudo preferem a sua fogueira na cubata, collocando-se na favorita posição horizontal sobre a esteira.

Se não todos, a maioria dos que fazem parte da chipanga de um potentado, logo de madrugada o vão cumprimentar, e

muito principalmente se teem de lhe apresentar uma questão qualquer, para elle resolver. Pode comparar-se este costume em parte, ao que se observa nas administrações dos nossos concelhos, sobre as occorrencias da vespera. Isto dá-se mesmo entre os sobados em torno de Malanje; com os jagados de Andala Quissúa e Cassanje, mesmo entre os Bângalas e Xinjes, além do Cuango, e tambem entre os Quiôcos, Lundas e Chilangues.

A forma da saudação é uma pouco diversa. É feita geralmente depois do potentado sair da sua cubata, ou mesmo no pateo da sua residencia, ou no largo á frente d'ella e á sombra de uma arvore, se a ha. Tambem os mais chegados á casa, se o potentado ainda está recolhido cumprimentam-no de fora, ao que elle corresponde; se porém manda entrar dentro da cubata repete-se o cumprimento. Nos sobados de Malanje e nas ambanzas de Cassanje dão á saudação o nome de *cumeneca* (*kumeneka*), e tambem assim lhe chamam os Quiôcos e Xinjes. Os Bângalas chamam-lhe *cudiunda* (*kudĭuda̋*); os do Lubuco *cudiebexa* (*kudĭebexa*); e os da Lunda, comprehendendo todo o estado do Muatiânvua, *culanguixa* (*kulag̃ixa*).

As pessoas mais novas fazem tambem as saudações ás mais velhas, mesmo em jornada, quando as encontram ou vendo-as pela primeira vez no dia; porém, no caso de que trato agora, suppõe-se o potentado sentado esperando as suas visitas.

Os primeiros que chegam proximo d'elle, curvam o corpo um pouco para a frente, batem tres palmadas com as mãos dizendo: *cuaco mueto, calunga!* que quasi ao pé da letra quer dizer: «apertemos ou toquemos as nossas mãos, grande!» Nos Quissúas e Songos a venia é maior, porque com os dedos das mãos tocam no solo e dizem: *calunga! tuameneca* («senhor! cumprimentemo-nos ou cumprimentâmos»); ao que os potentados ou os mais velhos, em fim os cumprimentados, correspondem dizendo: *zâmbi, calunga!* («Deus grande o permitta, assim o queira!»).

Os de Cassanje, e em geral todos os Bângalas, nas venias já são mais humildes: sentam-se no solo raso á frente do poten-

tado, baixam a cabeça a tocar com a barba no chão, depois levantando o corpo, vão levando ambas as mãos á frente a tocar com as pontas dos dedos no solo, levantam-nas á altura do peito e dobram-nas a tocar com as pontas dos dedos nelle, e depois batem tres palmadas dizendo: *calunga, tuameneca!* resposta: *calunga! zâmbi! quiauhaha!* Esta ultima palavra quer dizer: muito bem, muito bem. Os Xinjes do mesmo modo, e como estes os Bângalas e os povos ao norte entre o Luí e o Cuango.

Os Quiôcos tambem se sentam e levam as mãos ao chão, de onde tomam entre os dedos da direita uma pitada de terra, levam-as ambas á altura dos peitos, ficando a esquerda a elles encostada, com a palma virada para cima, e a direita a esfregar o peito com a terra tres vezes, aproveitando alguma terra que caisse na mão esquerda; aliás apanham nova pitada do chão. Isto é feito com muita presteza, e depois estendem os braços para o potentado, tendo as palmas das mãos virada uma para a outra, a da esquerda por baixo. Logo que a visita apanha a terra a primeira vez, já o cumprimentado está de braços estendidos para elle esperando a saudação, e isto mostra haver muita attenção com a visita, embora seja humilde a pessoa que appareça. A um tempo visitado e visitante batem uma palmada dizendo: *nohaha,* e depois batem palmas seguidas, compassadas e diminuindo no tom até acabarem. O visitante diz em seguida o que tem a dizer.

Neste caso *nohaha* demonstra satisfação por se encontrarem e é a felicitação; porém a sua interpretação é «bem e bom».

Tambem dizem *uacola* a primeira vez que se vêem no dia, seja qual for a hora; porém *nohaha* é o mais frequente, como de respeito, e é sempre a retribuição do visitado, quando este é Muana Angana ou potentado de maior jerarchia.

Os da Lunda são mais humildes e como em tudo mais muito commedidos. Os seus cumprimentos e agradecimentos são ainda hoje como foram mandados observar por Luéji-iá-Cônti, ordem que motivou a desunião dos parentes, que mais tarde constituiram os povos hoje conhecidos por Quiôcos, Xinjes e Bângalas.

Nos da Lunda, mesmo encontrando-se em caminho, o que se julga inferior larga o que tiver na mão e abaixa-se para apanhar terra e esfregar os braços com as mãos oppostas dizendo: *calumbo! tualanga! vudiê!* e tambem alguns *zâmbi!*

Estando o potentado sentado, por grande que seja o quilolo que o visita, larga a sua arma, ou qualquer cousa que traga, no chão, apanha terra, esfrega os braços e diz: *calombo! vudiê! chi noéji!* sempre batendo palmadas, *ulongo! vudiê!*

CAUNGULA

A resposta do potentado é: *muamé* ou *uêndi,* dito muito seccamente, denotando superioridade, e que quer dizer «sim senhor», ou «bemvindo»; e tambem dizem aos que mais estimam *chauape* «muito bem».

A fleugma com que os potentados recebem as suas visitas, a paciencia com que ouvem os seus *mizumbo* («interpretes»), a sequidão com que apenas respondem *chauape,* o exame demorado, a um por um, dos objectos que constituem os presentes que se lhe dão, e a assistencia indifferente á sua arrecadação, sem demonstrarem o minimo indicio de satisfação, ou de pesar por não ser presente de maior valor, já noutras regiões o notára Schweinfurth, e a mim me impressionou tambem. Note-se que o vocabulo *chauape,* é o *chaupi* recolhido pelo esclarecido explorador.

Ás vezes o potentado diz o nome ou titulo da pessoa que o sauda, o que é para esta uma honra, que agradece em acto continuo de pé batendo as palmas e dizendo: *vudiê, mucuá bango! muané chi noéji, vudiê! calombo!* e só então se senta.

Se for quilolo, a quem é permittido sentar-se numa pelle, o ceremonial é outro. Estando proximo do logar que lhe pertence occupar o seu caxalapóli passa á frente, e desviando todos os que embaraçam o caminho, vae direito a esse logar e estende a pelle onde seu amo indicou. Depois d'elle se sentar dá-lhe um embrulho com outra pelle pequena, onde traz a pembe, que o quilolo toma, e vagarosamente colloca-a depois de desembrulhada em frente de si, tirando uma pitada com a mão direita, e com ella esfrega o braço esquerdo acima do cotovello, fazendo o mesmo com a esquerda para o lado direito, esfregando tambem a testa e terminando sempre no peito, batendo as tres sacramentaes palmadas e dizendo: *calombo! vudiê! vudiê!* a que corresponde o Muatiânvua: *muamé..., uêndi* «muito bem, F..., seja bem vindo».

O Caungula do Lôvua, Mucundo, dizia: *calombo! mué chi noéji canhimba!* «grande, acima de Noéji poderoso».

O Muata Cumbana intermediava com *muímbo,* que não tem interpretação, sendo certo que esta palavra para elle correspondia a dizer: confinam as minhas terras com as de Muene Puto Cassongo; sou dos grandes do estado.

Se a visita vier de longe então os cumprimentos são outros, e d'elles trato fallando do *tetame.*

Nos povos da Luba ha a considerar os que são *pelumba* («selvagens»),e os *bana moio* ou *bana lubuco* («fidalgos grandes»). Os primeiros só dizem: *moio* «viva», e a resposta é: *hu . . . um;* os segundos apanham terra e esfregam o peito e dizem batendo as palmas: *muquelengue! calunga! calunga! cudiebexa moio cuá muquelengue* «senhor grande! grande! cumprimentar pela vida do senhor»).

O Muquelengue (o grande potentado), e por analogia os mais velhos em relação aos moços, respondem: *zâmbi! cudiebexa!* «por Deus! agradeço o felicitar-me!».

Em seguida aos cumprimentos, mesmo em caminho, é muito frequente, o que tambem já se nota na nossa provincia de Angola, fazer-se a communicação das novidades que cada um

sabe, principiando os que se julgam inferiores, que são os primeiros a cumprimentar, e isto depois de retribuida a saudação.

A este costume chamam em Malanje, Cassanje e Xinje *maézu,* os Quiôcos e os da Lunda *lussango,* e os da Luba *bualo.*

Este uso de transmittir noticias, é realmente muito bom meio de as fazer chegar longe, porém tem o inconveniente de não serem a expressão da verdade. Principalmente os Lundas não as dão sem as florearem e deturparem a seu belprazer. Muitas vezes succede mesmo na localidade, que o individuo que primeiro a transmittiu durante o dia, á noite ouve-a já por um modo tão diverso, que suppõe ser outra, e como tal a passa, referindo-se então ao individuo que ultimamente lh'a transmittiu, e não a contando já pelo mesmo modo.

Assisti uma vez ás averiguações a que procedeu Xa Madiamba para conhecer da origem e veracidade de uma noticia que lhe não era favoravel, e conheceu-se o que deixo dito.

Havia-se fallado de manhã na anganda sobre a prisão feita por uns Quiôcos de uns portadores que elle despachára na vespera para uma diligencia, e á noite já se dizia que os haviam roubado e morto. Descobriu-se que nada era verdadeiro e que os portadores tinham passado o dia e noite no sitio de Mona Congolo, para ás duas horas da madrugada atravessarem o rio Chiúmbue.

Muitos exemplos d'estes podia eu citar, até de noticias de Malanje. Por duas vezes tive novas da morte do meu amigo o capitão Antonio José Machado, chefe do concelho de Malanje. Um dos novelleiros teve até a audacia de me affirmar que estava na villa no dia do seu enterro, e que por pedido dos negociantes da localidade o meu amigo Custodio José de Sousa Machado tomára conta do cargo de chefe do concelho, até o governador geral providenciar a tal respeito. Isto era para acreditar!

Tratando de me informar devidamente e já depois de ter recebido cartas d'aquelle meu amigo, ainda se dizia o mesmo; e a final quem tinha morrido era um official, chefe da colonia Esperança.

Entre os Lundas, vi outro modo de cumprimentar e que me agradou. Os cumprimentos de que fallo teem logar entre pessoas de intimidade. Avistam-se duas mulheres que ha tempos se não vêem, e a que chega approxima-se da outra. Ambas levam as mãos á frente do peito, a esquerda por baixo com a palma virada para cima, batem as tres palmadas sacramentaes, porém de cada vez a palma da direita de uma vae passar pela palma da direita de outra.

Para os homens ha ainda outro modo que nos indica haver entre elles um tal ou qual affecto.

Dois primos, filhos do Muatiânvua que tinham sido muito amigos, havia annos que estavam separados em consequencia das perseguições partidarias. Não sabiam um do outro e até se julgavam mortos. Cada um por sua vez veiu ao encontro de Xa Madiamba. Quando appareceu o segundo, depois de cumprimentar o Muatiânvua, foi procurar o logar que lhe pertencia, e encontrou lá o seu primo. Foi grande satisfação nos dois! Bateram as palmas sacramentaes e depois cada um collocou as mãos sobre os hombros do outro apertando-os com effusão, e cruzaram os peitos descansando as cabeças no hombro um do outro. Isto foi feito tambem tres vezes, rematando a saudação por darem de novo tres palmadas.

É innegavel que entre estes povos se reconhece a superioridade que dá a idade e os cabellos brancos, e se procura manter os graus do parentesco primitivo, o que nos causa a nós europeus muitas vezes confusão, porque os interpretes não nos sabem explicar essas relações de parentesco. Assim, por exemplo, o filho de um tio meu é meu irmão, e será mais velho embora mais novo, se o pae d'elle for mais velho do que o meu, ou dando-se o mesmo com as mães se estas são irmãs e dão os titulos de nobreza. Agora aquelle em relação a um filho meu, é tambem irmão d'elle, mas mais velho sendo mais novo, por ser o pae d'elle já considerado mais velho do que eu. Assim tudo o mais; porém entre a familia do Muatiânvua e dos grandes potentados, Quiôcos, Xinjes e Bângalas é onde isto mais se manifesta.

Os filhos de qualquer Muatiânvua na Lunda ou de Quissengue nos Quiôcos, são todos filhos do imperante; porém como entre os Quiôcos a successão não tem seguido uma certa ordem na familia reinante, é honra ser pae do Quissengue, e a cada passo se encontra um Muana Angana, que diz: eu sou pae de Quissengue; nós fizemos o Quissengue.

O actual potentado é o quarto Quissengue e todos teem pertencido a familias diversas, e segundo este systema os descendentes dos paes de todos os quatro dizem-se sempre paes do Quissengue, sem fazerem distincção de qual d'elles o foi effectivamente.

O Quissengue que estiver no estado d'aqui a cincoenta annos, além do que for seu pae, terá mais tantos paes quantos os descendentes dos que foram paes dos seus antecessores e ainda dos descendentes dos que hão de ser paes dos que tenham de imperar até então.

Esta superioridade, que muito respeitam entre si, ainda que se dê ás vezes por uma pequena circumstancia, manifesta-se sempre nas suas relações, mesmo que estejam a sós duas pessoas, na questão de demandas, em audiencias etc., na forma de apoiar o que falla.

Assim nos sobados e arredores dos nossos concelhos mais internados a leste de Loanda, a cada momento o orador sendo o mais velho, é interrompido por *hé! uaquene muene!* que quer dizer: «sim senhor, muito bem»; ao que elle responde apenas: *saquerila* «muito obrigado», e continua. Se é o mais novo que falla, o mais velho diz só: *quiene* ou *quiambote,* affirmativa que corresponde a «está entendido». Entre os Bângalas o mais novo confirma dizendo: *eh! uá! calunga!* ao que o velho corresponde por *quiauhaha* «bem», para ser ainda agradecido pelo mais novo por: *calunga! chiéne!* «grande! é verdade!».

Os Xinjes apoiam exclamando *quioquiene,* a que se corresponde por *mumó.*

Os Quiôcos dizem: *quioquió* ou *quioquió ambai,* e tambem *cunero,* e a que corresponde *angó* e tambem *moumó* «siga, sim, acceito, entendo».

Nos do Lubuco é sempre *moio,* a que se corresponde por *tadiapa* «está bem».

Os da Lunda é que usam de muitas mais exclamações: *chiahuhi, calombo! maíri muamo! muaniê! muane chaxa!* a que se corresponde por: *muaniê! chauape! vudiê! mué chi noéji!* que é o mais frequente.

As interrupções do que se ouve são em geral muitas, e conforme as conversas; se é uma noticia variada e nella entra cousa que ora alegre, ora entristeça, ouvem-se mais ou menos as seguintes exclamações, de que tomei nota, num caso em que um individuo dava a outro uma novidade, sendo tudo dito com muito impeto: *ihuhé! vudiê! ah! cá! ehéh! um! noéji! caianda! vudiê! vudiê! muané! um... um! ah! cá... cá! ihuhí! ihuhé! ouhuhé!*

O PAE DO SEGUNDO QUISSENGUE

As admirações muitas vezes não passam de uns gestos e trejeitos, que para elles ainda exprimem mais que vozes e phrases. Assim o cruzamento das mãos sobre a bocca aberta, e movendo um pouco a cabeça para os lados, exprime que uma cousa qualquer é extraordinaria.

Expressam a sua grande satisfação ao agradecerem uma dadiva ou a reconhecerem um serviço importante que se lhes presta, batendo com a palma da mão direita na bocca aberta, ao mesmo tempo que garganteiam *ah! ah! ah!*

Tambem assim recebem nas proximidades de uma povoação quaesquer pessoas de grandesa que para ella se encaminha.

Como já dissemos, pelos meios que teem de transmittir noticias, sabem com antecedencia quando alguem de importancia se dirige para as suas terras, e por isso a população vem ao caminho e a forma de felicitar o recemchegado depois de a verem é bater com a palma da mão direita na boca aberta garganteando ao mesmo tempo *ah! ah! ah!*

Se a pessoa que chega corresponde a essa saudação como nós, com o mesmo gesto, seguem todos a acompanhá-la correndo sempre em torno do viajante, com o enthusiasmo que corresponde ás saudações europeas, interrompendo-as apenas para cantarem: «Chegou o sr. F..., hoje é dia grande, nós acompanhâmo-lo porque elle é bom e vem visitar-nos.

Assim o acompanham até que elle se aviste com o potentado. Quando retira da povoação faz-se o mesmo, o que corresponde ao nosso bota-fora, seguindo ás vezes com o viajante até tres e quatro kilometros.

Se este na despedida lhes dá uma gratificação em fazenda ou missangas, então o enthusiasmo chega ao delirio, cantando-se e dançando-se durante horas successivas, se é na occasião que o individuo acampa proximo das suas povoações.

Quando pretendem manifestar que uma cousa é insignificante, levantam o braço direito, virando a palma da mão para fora, como por demais, ao mesmo tempo que encostando a lingua contra o céu da bocca fazem ouvir *tsh, tsh, tsh!* Ao contrario, quando pretendem mostrar a importancia que ligam ao que dizem, como por exemplo, gostarem muito de uma pessoa ou cousa, levantam ambos os braços até ficarem na posição horizontal e movendo-os rapidamente um pouco abaixo, um pouco acima para a frente dizem: *chivúdi, chivúdi, chivúdi* ou *sesse, sesse, sesse,* que quer dizer «tanto, tanto, tanto» ou «cheio, cheio, cheio».

O Muatiânvua, e tambem Mona Quissengue, o mais que dizem para corresponder aos applausos ou felicitações é: o primeiro *muaniê,* e o segundo *quioquió;* e no fim de qualquer communicação dizem sempre o primeiro *chiauape,* e o segundo *nohaha.*

Se um potentado interrompe alguma vez um orador para lhe fazer alguma pergunta, este logo se calla, ouve-o e depois diz *vudiê;* os Lundas esfregando os braços com terra e os Quiôcos o peito.

Se é questão só de affirmativa, respondem os Lundas *chaxa* ou *muamo,* acrescentando-lhes: *mucuá ambango, muana, muene anganda,* ou ainda *chi noéji, selej' ámi, tátuco;* para o caso de negativa, *buate, bai, cuíji, cangana;* tambem com os mesmos addicionamentos que querem dizer: «fidalgo, senhor, potentado, amo das terras; o ente invisivel superior ao Muatiânvua, patrão, pae», e seguem o seu discurso; acabando o orador, depois do potentado se declarar satisfeito com o seu costumado *muaniê* ou *chiauape,* por esfregar os braços e dizer: *vudiê, calombo! zâmbi,* etc. Os Quiôcos sempre com o mesmo *quioquió! quihuhaha!* ou *nohaha!*

Tanto os Lundas como os Quiôcos quando o potentado faz uma interrupção para fallar gritam logo *texânhi* «attenção», e dão força aos seus amos com o *jimbula* «falle».

Os Lundas, nos seus grandes espantos ao ouvirem qualquer noticia, dizem logo: *muhaqué!* e vagarosamente batem as mãos e levam depois a direita a apertar o queixo, meneando a cabeça umas poucas de vezes; o que eu interpreto pelo nosso «ah! homem!» Tambem querendo mostrar indifferença por qualquer noticia que se lhes dá, ou querendo desviar de si qualquer imputação que se lhes faça, empregam a phrase: *cuíji cuêndi; cuíji cuau;* «culpa d'elle; culpa d'elles»; que se pode interpretar: «não me importa com isso, não se me dá, isso não é commigo», etc.

Outro modo de manifestar respeito pelos superiores consiste em não cuspir, ou em o fazer com recato.

Os do Lubuco não cospem deante de gente, e se algum Bângala ou Quimbare o faz, embora tape com terra o logar onde fez cair o cuspo, diz com estranheza: *lequela cuchila mate paxi* «não é bom deitar cuspo na terra».

Nos sobados de Malanje e d'ahi até ao Cuango, se o potentado cuspir, um dos rapazes de serviço que estiver ao seu lado

immediatamente apanha uma pitada de terra para tapar o cuspo. Os do jagado de Cassanje e mesmo de Andala Quissúa são mais cuidadosos, abrem uma pequena cova, envolvem o cuspo na terra, deitam-na nessa cova que tapam bem, e depois com as mãos nivelam o terreno, para se não conhecer onde foi. Entre os Quiôcos, o individuo que quer cuspir afasta antes a terra com a mão direita um pouco para cada lado, em seguida ao acto torna com a mão a juntar a terra, mas isto é feito com ligeireza e não incommoda ninguem.

Os Quiôcos já consideram um certo numero de serviços aviltantes para os seus semelhantes, e nisto se destacam muito de todos os povos que conheci.

É notavel a gente da Lunda: cospe e assoa-se pouco, e a quem o vi fazer ou era potentado ou velho, e estes desviam a cabeça para o lado e com a mão direita levam o panno que os cobre a tapar um pouco a cara do lado das visitas, cospindo para trás, e então os seus servos tapam o cuspo como já disse.

Com respeito a assoarem-se, é á mão, e tambem de forma a não serem vistos dos circumstantes, e lá estão os seus servos para taparem, como no caso precedente. Estando Xa Madiamba muito constipado, e impressionando-me por o ver assoar-se á mão, dei-lhe um lenço meu e d'elle fez logo uso. No dia seguinte já tinha um monte de folhas grandes deante de si, a que se ia assoando, deitando-as para trás muito bem embrulhadas, e esses embrulhos eram mettidos em covas pelos seus moços, que para esse fim as abriam immediatamente.

Quando um potentado ou uma pessoa mais velha espirra, os circumstantes batem tres palmadas pelo menos e saúdam-no. Os do Lubuco dizem: *moio, muquelengue* «viva, nosso fidalgo»; os Quiôcos: *cola nohaha;* os Bângalas e Xinjes: *mueínhe;* o que tudo tem a mesma interpretação pouco mais ou menos; e os da Lunda mais: *moio, calombo, avudiê avudiê, tátuco;* e quando entre amigos: *ualanga.*

Se o potentado ou o mais velho da roda se levanta por qualquer circumstancia, levantam-se todos, e depois esperam-no sentados; quando elle volta ou mesmo vem de novo receber

as visitas, logo que o avistam, levantam-se todos, e depois d'elle se sentar batem as palmadas, dizendo o mais velho d'elles, na Lunda: *uaxica;* nos Quiôcos: *páxi muana angana;* no Lubuco: *uaxacama.* Os Bângalas e Xinjes só batem as palmas. Estas palavras que interpretadas ao pé da letra querem dizer: «chega, vem, senta-te», tem neste caso uma significação mais lata: «bom é tornarmos a vê-lo», é uma cortezia denotando respeito tambem.

Se o Muatiânvua ou mesmo qualquer potentado ou um velho Lunda chama alguem, um seu creado que seja, na presença dos circumstantes de que esteja rodeado, o que é frequente durante o dia ou mesmo entre pessoas de familia, o individuo chamado, agachando-se, vae direito ao potentado ou a quem o chama, dando estallidos com os dedos da mão direita, e á medida que se approxima d'aquelle mais se agacha até que fica de joelhos na sua presença, e só se approxima arrastando-se nesta posição e vae collocar-se no logar que lhe é indicado com a mão para ouvir o que elle quer, e que é sempre dito em segredo ao ouvido.

Depois de ouvir o segredo, passa tres vezes os dedos da sua mão direita pelos dedos da mão direita do potentado, e de cada vez dá estallidos com os dedos d'essa mão, e por ultimo tres palmadas, signal de que ficou sciente e vae dar immediato cumprimento ao que lhe foi recommendado.

O potentado corresponde ou não, porque pode já estar entretido numa conversa, e muitas vezes estende-lhe a mão por comprazer, e até pode ficar virada ao contrario, o que para o inferior é indifferente.

O potentado pode mesmo não dar a mão, porém o inferior usa sempre da ceremonia, passando os dedos da sua mão, ou pelo panno do potentado ou pela manga do casaco ou camisa se elle a tem, ou mesmo pela pelle ou esteira em que esteja sentado.

Os Bângalas tambem procedem do mesmo modo; porém nos outros povos, em geral, apenas se agacham e passam entre os circumstantes batendo palmadas para elles se desviarem, e aga-

chados vão a quem os chama, e assim ouvem o recado e afastam-se ainda na mesma attitude até sairem da roda, seguindo depois direitos ao seu destino.

Os Quiôcos curvam o corpo para passarem, estendendo o braço direito para a frente, a fim de lhe abrirem caminho, ficando de joelhos a ouvir o recado, e acabado elle esfregam tres vezes rapidamente o centro do peito com terra dizendo: *quioquió;* depois levantam-se e retiram rapidamente por entre os circumstantes.

Tambem é frequente virem recados de fora para o potentado, e o portador da mesma forma atravessa entre o povo. Neste caso fica um pouco á rectaguarda, e quando chega ao lado do potentado transmitte-lhe o recado em segredo, e depois de ouvir a resposta sae da roda procurando o logar onde ha menos gente, e vae elevando o corpo á medida que se vae affastando, e dando depois os taes estallidos. A retirada é feita sempre com presteza.

Tanto num como noutro caso, quaesquer pessoas ainda que sejam de maior grandeza no estado, ouvindo os estallidos desviam-se um pouco para deixarem passar esses portadores.

Mesmo que estejam fallando o fazem, e continuam a fallar ainda que o potentado esteja prestando attenção ao recado e respondendo; e se por cortezia o orador se calla nesse momento, embora seja visita estranha ao paiz, aquelle diz logo, apontando para o ouvido desoccupado: *mátui maadi, dítui édi cudi uei, londa* «tenho dois ouvidos, este para V., falle», como quem diz: «com este ouço bem o que diz».

Tambem commigo succedeu isto em principio com Xa Madiamba, costume com que nunca me pude conformar e que, diga-se a verdade, é das cousas em que não tinha razão, porquanto quiz fazer suppor a mim mesmo ser isso uma desconsideração, quando não era senão um costume. Cheguei a conseguir por ultimo, que fallando elle commigo, não fossemos interrompidos com os taes segredos; porém elle dizia-me e eu reconheci ser certo: — Nós não podemos deixar de prestar attenção a todos que nos fallam, e os segredos são fallas do

coração que não podem ser prejudicados. Muitas vezes por se não ouvir um segredo a tempo, o inimigo nos apanha desprevenidos. Como temos dois ouvidos um pode attender a quem nos estava fallando e outro ouvir o segredo num momento. O Muatiânvua precisa ter bons ouvidos, se os não tiver a gente da côrte, mata-o, porque todos desejam ser servidos a tempo. Aos taes estallidos chamam *cudicala.*

Ha audiencias ordinarias que se podem considerar de tribunal, e tem logar todas as madrugadas, e outras extraordinarias, a que os Lundas chamam *tetame,* e estas demandam um certo ceremonial, e só se fazem quando se annunciam por ordem dos potentados, annuncio que se effectua de vespera, depois do pôr do sol, por meio do mondo ou do chinguvo, e podem ser a qualquer hora do dia. Ás vezes sendo apenas de mera formalidade por motivo de visitas de apresentação, celebram-se só depois das quatro horas da tarde, para evitar o sol.

Ás audiencias ordinarias não comparece toda a gente, ou veem a pouco e pouco alguns, na maior parte com o proposito de fazer os seus cumprimentos ao potentado. É na maioria dos casos este quem chama um ou outro quilolo, a quem deseja fallar sobre qualquer negocio, ou que pelo correr da discussão na audiencia tem de ouvir.

Estas audiencias, que na maioria dos dias principiam dentro dos cercados, já ás sete horas teem de ser mudadas para a ambula, pateo á frente da residencia, por causa da agglomeração do povo.

Como o potentado, o dono da terra como elles dizem, recebe sempre de madrugada, é habito entre estes povos, apresentar-lhe não só as questões que houveram de vespera entre uns e outros, como tambem as antigas de que nunca houve composição; pois é d'estas questões que vivem tanto os potentados como os seus povos.

É o meio de adquirirem com que se manterem, pois, a não ser um ou outro mestre de officio que alguma cousa ganha pelo seu trabalho, o resto está sempre na ociosidade ou pen-

sando como suscitar questão com outro, e d'elle haver qualquer cousa que sabe elle possue.

Por isto todos os dias é frequente ver-se um individuo, se não são mais, depois de cumprimentar o potentado, depositar deante d'elle, sobre a pelle em que se senta, uma braça de baeta, ou um panno já feito de qualquer fazenda, ou uma caneca de polvora ou mesmo uma arma, ou se de mais modestas circumstancias, um ou dois pratos ou uma caneca; e como isto é da praxe, vae depois para o seu logar esperar que o potentado lhe conceda a palavra para tratar da sua queixa.

Alguns, principalmente sendo quilolos, depois de se sentarem tiram do seu cinto ou do penteado um chifre, que espetam deante de si, e isso é signal de urgencia para a resolução da questão que desejam apresentar para julgamento.

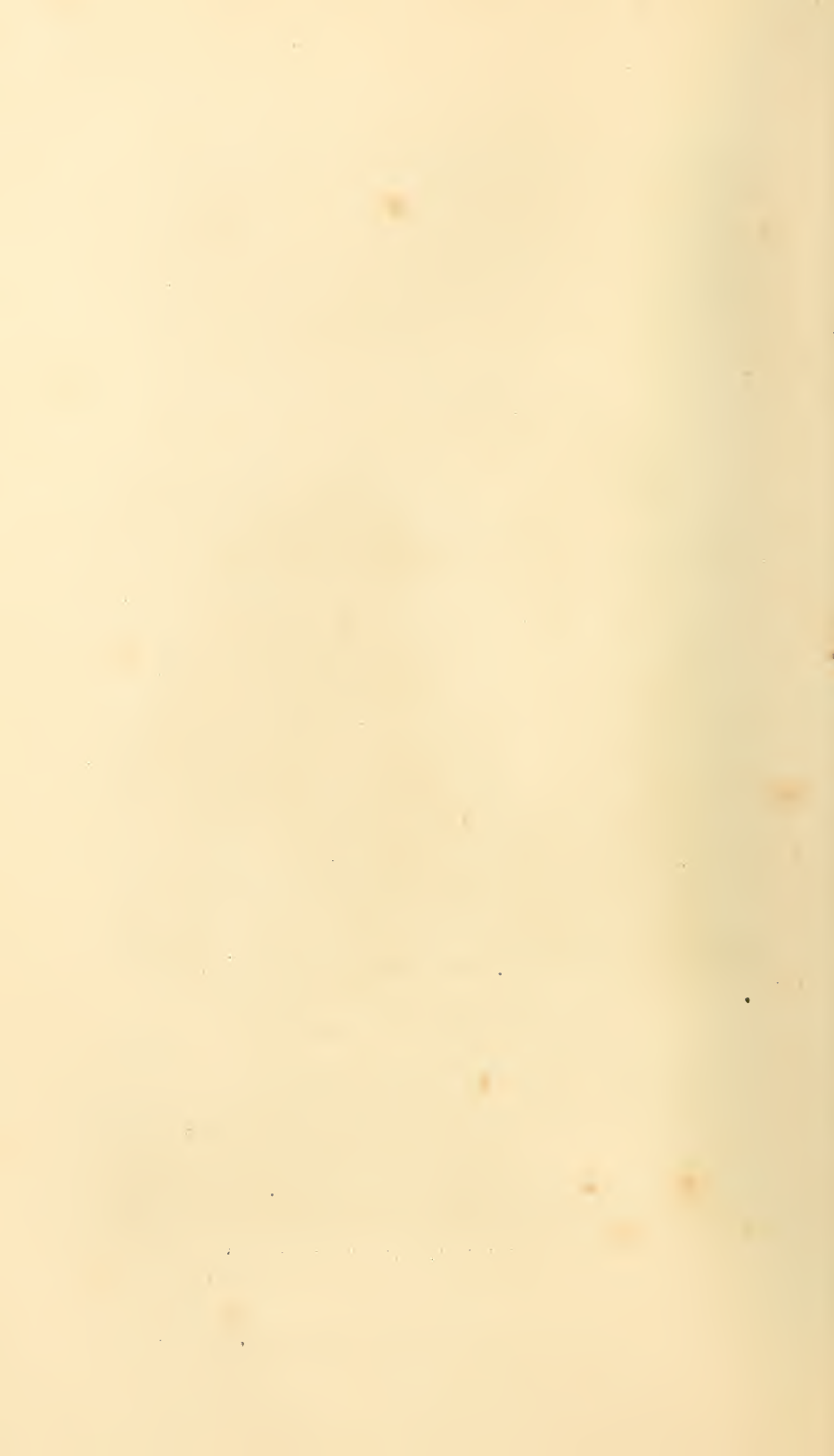
Logo que o pretendente obtem a palavra faz a sua representação ou queixa, ouvida a qual, se manda chamar o accusado se o ha, a quem se dá parte da queixa contra elle e se lhe ouve o que tem a allegar em sua defeza.

É costume, quando o accusado é avisado de que ha uma *milonga* («demanda») contra elle e que vae julgar-se, apresentar-se na audiencia com o seu *lemba* («advogado») para o defender.

O potentado em seguida dá a palavra a um quilolo, que escolhe entre os velhos parentes, para este fazer uma especie de relatorio e dar o seu parecer.

Os outros ou apoiam ou fazem as suas observações, e todos mais ou menos se pronunciam a favor d'aquelle a quem acham razão, e então o potentado retira por um pouco, determinando aos seus conselheiros que resolvam de modo a fazer-se inteira justiça; e quando volta depois de ouvir o que votaram, pronuncía a sentença dizendo ao que perdeu a questão o que tem a pagar, do que elle vem a receber proventos, assim como do que solicitou a resolução da pendencia.

Entre os Quiôcos, estes proventos são sempre mais avultados, e por isso mesmo os pagamentos por taes questões são muito onerosos.

MUCANZA (MUATIANVUA INTERINO) EM AUDIENCIA ORDINARIA

Em Cassanje, no Xinje e no Lubuco tambem ha estas audiencias; porém no Lubuco as questões que se apresentam são de natureza diversa, são consideradas superiores, ou por causa de feitiçaria ou por casos de morte, que se dão geralmente de algum homem contra a sua companheira, porque são muito ciumentos. Por ninharias e mesmo furtos, poucos julgamentos teem logar.

Nos outros povos, estas questões são frequentes, e por qualquer pretexto, pois constituem por assim dizer o seu modo de vida, e muitas são alimentadas pelos proprios potentados que tambem d'ellas vivem.

XA MADIAMBA

Os Quiôcos sobre qualquer pretexto fazem uma milonga, e apreciam muito quando as podem levantar com pessoas estranhas ás suas povoações.

Os vendilhões procuram comitivas de commercio já de caso pensado, e dirigem-se a individuos d'essas comitivas a fim de ganharem milonga, que elles já vão projectando pelo caminho como hão de promover. E alguns estão já tão habituados á chicana, que nem se dão a esse trabalho, esperam que o ensejo se lhes offereça.

Hoje com todos estes povos succede o mesmo; porém os Quiôcos estão em primeiro logar, e depois os Bângalas tornaram-se distinctos no modo de arranjar a milonga, de forma a ganharem-na, e por isso mesmo são considerados como os mais espertos, isto é, os mais precavidos e cautelosos.

Um vendilhão Quiôco apresenta a sua carga, pequena ou grande que seja, a quem procura para negocio, e acocorado ao seu lado principia a discutir sobre preços, quantidades, qualidades, etc., e já de principio é preciso muito cuidado.

Uma pouca de farinha que se entorne, uma panella, cabaça, ou qualquer cousa que tombe ou se quebre, uma questão de palavra tomada em sentido differente, o pegar nos objectos a negociar antes de os ter pago, etc., são casos para o vendilhão abandonar a carga ao individuo com quem esses casos se derem, arbitrando logo ao damno um preço fabuloso, e aquelle ainda tem de ir sustentar a demanda perante o potentado, que tambem se ha de pagar por bom preço.

Vou dar conhecimento de alguns factos que observei e que demonstram como esta gente é artificiosa para chegar aos fins que tem em vista.

Um carregador da Expedição travou relações de amizade com um Muana Angana (senhor) de uma povoação vizinha do nosso acampamento, a ponto, o que não é trivial, de aquelle lhe dar creditos não só de alimentos, mas ainda de fazendas. O carregador pediu um dia áquelle senhor que lhe fizesse um remedio, para se tornar bom caçador. Consiste o remedio num certo numero de ceremonias, e na preparação de certas drogas que se dão a beber aos que da melhor fé consultam os entendedores, e ainda de outras com que esfregam o corpo e a arma que ha de servir na primeira caçada, o que tudo preenche um certo numero de dias, e tem de ser pago e bem pago depois; se é que o cliente não tem de sujeitar-se a novas ceremonias por ter sido infeliz na primeira caçada, porque então ainda mais tem de pagar, e isto repete-se até que mate um animal qualquer, o que tem forçosamente de acontecer, porque o remedio, segundo elles, é infallivel.

O individuo, porém, que a elle recorre é sempre vigiado até que pague.

Como o carregador era filho de Muene Puto, tinha credito, e passadas as primeiras ceremonias que duraram tres dias, veiu o Muana Angana ao acampamento por ser dia de pagamento de rações.

Succedeu porém no dia seguinte que o rapaz, que já estava anemico, não dava accordo de si, e pedindo-se para elle soccorros medicos, estes já foram tardios.

Teve noticia o Muana Angana de que o seu amigo morrêra e fôra enterrado, e por isso veiu demandar os do seu fogo, por não lhe haverem communicado que elle tivesse adoecido e por o não chamarem para chorar o seu obito.

Estava posta a questão que tinha de levantar-se e discutir-se.

Sabiam os do fogo que o seu fallecido companheiro devia áquelle Muana Angana, não só alguma fazenda, como tambem alimentos, e suppondo que elle se contentaria com o pagamento das dividas, para evitar demandas procuraram chegar a um accordo sobre esse pagamento com elle e com tres individuos de mais consideração que o acompanhavam. Até este ponto marcharam as cousas muito bem e os Quiôcos trataram de recolher o que se lhes deu.

Findo este negocio, lembraram tambem ser preciso dar-se-lhes alguma cousa por não se ter prevenido o Muana Angana, amigo do devedor, de este ter adoecido. Responderam os companheiros do defuncto, que não tiveram tempo porque elle morrêra quasi de repente.

— Não foi outro o motivo? lhes pergunta o considerado como conselheiro mais velho.

— Não senhor, disseram-lhe os rapazes.

— Sabiam então que elle era amigo e hospede do Muana Angana?

— Sim senhor.

— Então nesse caso, diz-lhe o conselheiro, confessam o seu crime, porque embora morresse o homem, um de V. podia ir dar parte do succedido.

Não concordaram os rapazes com a tal milonga; porém, temendo que passados dias se levantasse algum conflicto com alguem do fogo, que tivesse por qualquer circumstancia de transitar pelas terras ou vizinhanças do Muana Angana, entenderam dever conferenciar, e quotisaram-se a final para lhe darem alguma cousa.

E sobre esse pagamento houve grande discussão, chegando todos a um accordo já depois do sol posto, e por isso os do

fogo entenderam não só dar agasalho aos Quiôcos como dar-lhes ainda de comer e de fumar, na supposição de que tudo estava acabado e que recolhiam amigos.

É preciso que se note, que tudo se passava sem que eu tivesse d'isso conhecimento, e nesse dia eu estava entretido com Mona Congolo e Xacumba, grandes entre os Quiôcos, dos taes que se diziam paes de Mona Quissengue, que eu mandára chamar para me prestarem um serviço com respeito a Quissengue. Estes individuos nessa noite dormiram tambem no acampamento.

Os promotores da questão comeram, beberam, fumaram e dormiram, parecendo que deviam estar muito satisfeitos com os amigos que assim os recebiam; porém logo de manhã, chamaram o cabeça da gente do fogo que lhes dera hospitalidade para continuarem a sua milonga.

O cabeça surprehendido, diz-lhe:

—Qual milonga, então isso não ficou acabado hontem?

—Não senhor, replicou o velho, ficou acceito e addiado porque V. ouviram a queixa de Muana Angana, fizeram com que elle não chorasse o obito de seu amigo, e d'isto não se tratou, dando-nos V. boa hospedagem, de comer e fumar, que é a prova da nossa razão. Se assim não fosse V. mandavam-nos embora para as nossas casas. Quando não ha razão, quando duas pessoas não estão em harmonia, cada um puxa para o seu lado e não podem ser amigos.

Os homens do fogo nesta questão continuaram em divergencias, e então vieram todos allegar (*cussopa*) perante mim o que elles chamavam a sua razão.

Estavam presentes os meus amigos Mona Congolo e Xacumba, que queriam retirar, mas a meu pedido, pois se tratava de questão com Quiôcos, ficaram.

Procurei convencer os Quiôcos de que elles não tinham razão para a sua queixa, e que já de mais haviam pago os companheiros do fallecido, e além d'isso que elles não eram parentes d'elle para exigirem a participação do obito, e acabei por dizer-lhes que se os carregadores antes de terem resolvido

pagar-lhes as dividas e dar-lhes hospitalidade, me houvessem consultado, nada teriam dado.

Respondeu então o Muana Angana:

—Muene Puto podia fazer assim porque é o senhor d'estas terras, e a Muene Puto todos obedecem, mas isso não era de justiça, e o Muene Puto queria-me mal, pois me desacreditava. O morto levou para a cova o remedio que eu lhe fiz e estragou-m'o. Se me tivessem mandado chamar, eu mesmo depois d'elle morto, fazia outro remedio para lhe tirar o primeiro, que não perdia a virtude. Assim não só perdi o pagamento dos meus remedios, mas já não posso ser bom caçador, porque o remedio que eu tinha feito foi com o morto.

MONA CONGOLO

O homem discorreu muito tempo sobre este assumpto para me convencer da sua razão.

Quando elle acabou de fallar, disse-lhe estarem presentes dois potentados tambem Quiôcos, que conheciam os costumes dos filhos de Muene Puto e iam ouvir o que estava no seu coração, e elles decidiriam depois como se devia pôr um termo á milonga.

—Tendo V. feito uma bebida para um homem tomar, e morrendo este no outro dia, como prova V. que elle não morreu d'essa bebida?

Todos se mostraram surprehendidos com o que eu dissera, e o Muana Angana retorquiu muito depressa—Muene Puto *cucarumuna milonga,* («inverteu a milonga») *nauhuhá* («acabou»)—, e deitou a fugir com os companheiros, ficando a rir a bom rir todos os que presenciaram a scena.

Eis o caso: duvidar-se que um Muana Angana Quiôco saiba fazer remedios e possa uma bebida por elle preparada causar a morte de quem a beba, é apontá-lo como feiticeiro á execração publica, seria caso para uma guerra entre individuos de igual posição; mas como se tratava com Muene Puto fugiam para não haver mais questões a tal respeito.

Parecia-me pois que se teria acabado a tal milonga, mas ainda d'esta vez não terminára.

Passados dois mezes já eu estava no Caungula de Mataba na Estação Serpa Pinto, Capello e Ivens, tive participação de que um dos carregadores, que ficára atrasado em marcha com uma carga, havia sido agarrado por gente d'aquelle Muana Angana, e que um Lunda ao serviço da Expedição que tinha presenciado o facto, fôra procurar o Muana Angana e lhe dera a sua arma para resgate do carregador e da carga que pertencia a Muene Puto.

O homem annuiu ao resgate, dizendo que não queria questões com Muene Puto, e que a arma ficava para tomar o logar do remedio que levára o morto.

Custava-me que semelhante ardil ficasse impune; porém como o Muana Angana já estava a tres dias de jornada da nossa Estação e eu tivesse de fazer despesas para lá mandar alguem tratar do assumpto, o que na occasião já me não era facil, fiz o mesmo que o indigena — não desistindo da questão, addiei-a para melhor opportunidade.

Procedi sempre assim em todas as pendencias em que tive de intervir com os indigenas ainda os mais boçaes: perde-se muito tempo, é porém o systema d'elles quando reconhecem ser infructifero recorrer á força.

Elles na verdade são insignes em nos darem provas da sua paciencia e persistencia para conseguirem os seus fins; porém na lucta commigo a tal respeito mostrei-lhes sempre que não levavam a melhor.

De dia para dia, reconhecia a necessidade de me tornar gentio, de não alterar o meu espirito, de acceitar com a maxima resignação todas as contrariedades, de obrar segundo os acon-

tecimentos, e nos ultimos tempos até de não pensar no futuro, porque o mais insignificante projecto baqueia, quando os recursos com que contâmos dependem d'elles.

Trabalhar sempre com constancia para alcançar o que se tenta, empregando os meios ainda os mais astuciosos, se isso depende da força da argumentação, embora se perca muito tempo e mostrando a cada momento que se não receia da força, é de certo luctar com vantagem com o gentio que está em sua casa.

Esperava eu a visita de Mona Quissengue, potentado a quem todos os Quiôcos obedeciam embora pertencessem a tribus que reconheciam como chefe principal Quiniama ou Ambumba, de estados independentes, e por isso fiz tenção de aproveitar o ensejo para o fazer sciente de todas as occorrencias com o Muana Angana.

Quissengue mostrou-se surprehendido da ousadia d'elle para com Muene Puto, senhor d'estas terras, e fez sair a sua bandeira para lhe exijir o pagamento do crime, baseando-se a exigencia nos factos occorridos e expostos, segundo o seu uso envolvidos em comparações, de modo que o homem, se não desse a milonga por perdida, tinha ou de fugir com os seus ou por muito tempo estar sujeito a satisfazer a todas as exigencias, não só do Quissengue mas dos que quizessem abusar do seu nome.

Quatro dias depois de ter partido a bandeira, mandava-me Quissengue apresentar a espingarda do Lunda, mais outra e um rapaz, sendo isto a multa que o outro tivera de pagar. Acceitei a primeira espingarda, que mandei entregar ao seu dono, e fui em seguida agradecer a Quissengue pedindo para elle ficar com a outra e dá-la a quem entendesse, e me permittisse deixar ficar o rapaz ao serviço do portador da sua bandeira; ao que elle annuiu, dando-lhe tambem a espingarda.

O Muana Angana havia batido com o machado na arvore, á sombra da qual teve logar a discussão com o representante de Quissengue; este dera-lhe a pembe para fechar a bocca; nunca mais se podia fallar em tal questão a pessoa alguma. Estava terminada para todos os effeitos.

Um outro facto: — Tandaganje (V. pag. 136), um Quiôco importante, querendo escolher um novo sitio para se estabelecer ao norte na confluencia do Luachimo com o Chiúmbue, passando pelas terras do Chibango, onde nós estavamos, Estação Conde de Ficalho, e sendo antigo amigo do Muatiânvua, entendeu dever visitá-lo e demorar-se dois dias com toda a sua comitiva perto d'elle, a fim de conversarem e beberem juntos, como elles dizem.

Foram dois dias de festa para aquelles amigos, que se recordaram das suas rapaziadas, caçadas aos elephantes, etc.

O Muatiânvua querendo dar uma prova da consideração que tinha por aquelle Quiôco seu parente e amigo, entendeu mandar acompanhá-lo no reconhecimento que se ia fazer a tres dias de jornada, por um velho cacuata e a sua gente armada.

O cacuata, ficando á disposição do hospede, foi, como é de costume, com todas as suas mulheres, filhos e povo.

Logo na primeira noite, em que haviam acampado, caso imprevisto, alteraram-se as boas relações de amizade entre os da comitiva em viajem, e d'ahi se originou uma questão grave, que poderia ter consequencias funestas se não tivesse havido a necessaria prudencia de parte a parte.

Os viajantes haviam comido sem distincção entre Lundas e Quiôcos, reinando a melhor harmonia entre todos, e para se tornarem agradaveis ao Muana Angana, Tandaganje e seu amigo Quipoco que o acompanhava, trataram de dansar em roda de uma fogueira em frente d'aquelle, ao lado do qual estavam sentadas as mulheres de mais consideração, que não dansavam.

Em roda da dansa, acocorados como de costume, estavam diversos individuos que, não podiam ou não queriam tomar parte nella, e como estavam de viagem, todos elles tinham as suas espingardas com o couce sobre o solo, e o cano para o ar entalado entre o braço direito e o corpo.

Já se havia dansado bastante e succedeu que um dos rapazes que rodeavam os dansarinos e ficava á frente da primeira mulher de Tandaganje, fez um movimento qualquer: a espin-

garda disparou-se e a bala foi cravar-se no peito da desditosa mulher matando-a.

Grande burborinho! todos os Lundas foram amarrados, e houve discussão por toda a noite!

A mulher era parente de um Quissengue, era grande o crime! Era preciso enterrá-la porque estavam em viagem e voltarem atrás ao acampamento do Muatiânvua a apresentar a milonga, pagarem-se do crime e irem depois para a sua terra chorar o obito.

QUIPOCO

Não eram já os amigos que sairam na vespera muito satisfeitos com a hospitalidade do acampamento, eram inimigos que chegavam á localidade e acampavam a 2 kilometros de distancia d'aquelle acampamento. Já não eram os dois amigos que estiveram sós, comendo, bebendo e conversando durante dois dias; mas dois contendores que se não podiam avistar e que nomearam quem os representasse para tratar da demanda que se ia levantar, e que era apresentada pelo queixoso, que exigia o pagamento d'aquella vida.

Primeiro: Era preciso reconhecer-se das razões allegadas pelos queixosos e acceitar-se a milonga, aliás seria declarada a guerra, em que tomariam parte todos os Quiôcos proximos, logo que ella se declarasse, e a que se iriam unindo outros.

Segundo: Chegar-se a um accordo sobre o pagamento e sobre outras exigencias, e durante a luta das discussões pro-

ceder-se cautelosamente para que se não levantassem novos incidentes, o que importava novas milongas.

Estando o Muatiânvua em viagem para ir investir-se da auctoridade para que fôra eleito, e havendo difficuldades para passar em terras de Mataba e pendencias a resolver com os Quiôcos do Cassai, aconselhava a prudencia não só o acceitar-se a milonga, porque de mais era reconhecida a razão; mas ainda desfazer todos os attrictos para se pôr termo no menor praso possivel a essa desgraçada demanda, e de modo a haver uma reconciliação, e que não mais se pudesse fallar em tal milonga, ou servir ella de pretexto a futuras complicações entre os Quiôcos e Lundas.

Da parte de Tandaganje trabalhava Quipoco com um dos seus, e o mais velho da comitiva do primeiro; da parte do Muatiânvua o seu irmão Suana Mulopo, Chibango, potentado da localidade e Ianvo, muzumbo (interprete) do Muatiânvua.

O velho cacuata, pae do rapaz com quem se deu aquella infelicidade, foi mandado apresentar ao Muatiânvua; porém toda a sua gente ficou como refens emquanto se tratou da questão no acampamento dos Quiôcos.

Durou quatro dias, trabalhando-se sempre, a resolução d'aquella importante pendencia, porque as exigencias eram grandes; chegando-se finalmente a um accordo de pagamento, que se fez a pouco e pouco de vinte pessoas, homens, mulheres e creanças, quatro barris de polvora (de arratel), quatro armas lazarinas, quatro pannos de chita, dois de riscado e quatro pratos de louça.

Dias depois dizia-me o Muatiânvua com certa graça: —Bem cara me custou a lembrança das minhas rapaziadas, e o panno que me trouxe de presente aquelle amigo. Mas que lhe havemos de fazer? A gente da Lunda está assim, são creanças sem juizo e querem Muatiânvua só para pagar por elles as suas tonterias.

Satisfeito o pagamento, reuniram-se os representantes de ambas as partes, trazendo os do Muatiânvua uma cabra e um prato, os do Tandaganje um machado e um pedaço de pembe.

A cabra, depois de morta e esfollada, foi aberta ao meio e separada em duas partes iguaes, ficando ao lado do grupo. Sobre o prato apresentado pelos Lundas foi collocado o pedaço de pembe. Quipoco tomou o pedaço e traçou uma cruz sobre os beiços e outras sobre a testa, a meio peito, nos braços e nos pulsos, dizendo ao mesmo tempo:—não será Tandaganje, que eu represento, que mais fallará nesta milonga, nem tão pouco os seus filhos; durmam descansados os Lundas, que não serão mais incommodados por este motivo.

O Suana Mulopo, por parte do Muatiânvua, fez o mesmo dizendo:—durmam bem os Quiôcos, que o Muatiânvua declara-se satisfeito e não serão nem elle nem os seus filhos que se lembrarão mais d'esta milonga.

Repetiram de parte a parte todos o mesmo.

Depois Quipoco deu o machado a Suana Mulopo, que cortando uma lasca de madeira da arvore mais proxima a passou a Quipoco, dizendo-lhe: —Entrego-te da parte do Muatiânvua para Tandaganje, o testemunho de que esta arvore assistiu á reconciliação entre elles.

Quipoco fez e disse o mesmo da parte de Tandaganje para com o Muatiânvua, e depois cada grupo levou metade da cabra para comer.

E é assim em geral que os Quiôcos fazem terminar todas as suas milongas, na certeza de que se faltar alguns d'estes preceitos, a questão da parte d'elles não está bem terminada e revive mais tarde. Entre os Lundas differe um pouco, como veremos.

Referiremos outro facto em que se denota o pretexto caviloso para forjar uma milonga, e como sobre elle se sustenta com vantagem uma discussão com individuos que estejam de boa fé.

Na Estação Pinheiro Chagas na margem do Calânhi, além da colonia ambaquista, reuniram-se mais de quinhentos Lundas fugidos das suas casas, pelo receio que tinham de serem presos pelos Quiôcos, que cercaram todas as povoações entre os rios Lulúa e Calânhi.

Os chefes d'esses acampamentos de Quiôcos, respeitando a bandeira portugueza, vinham visitar-me e chegaram a dizer-me que sabiam que junto de Muene Puto estavam muitos Lundas escondidos, mas que não saissem d'ali mesmo para as lavras, sem serem acompanhados por meus filhos, aliás podiam ser presos pelos Quiôcos que andavam por fora espalhados, e elles não queriam que Muene Puto se zangasse.

Por ultimo appareceram uns Luenas (Quiôcos do sul), que tinham pendencias antigas com o velho Rocha, chefe da colonia, e lembraram-se uma tarde de o procurar. Era uma comitiva de não menos de vinte com armas.

Queixaram-se ao Rocha que um Lunda na vespera, tendo apanhado um rapaz Quiôco, lhe tirára uma arma, deixando-o prostrado no caminho muito maltratado de pancadas, e que seguindo elles as pisadas no caminho por onde aquelle se escapára, conheceram que o malfeitor estava escondido entre a sua gente, e por isso lhe vinham pedir, visto estar ali Muene Puto, que fosse elle Rocha, que devia conhecer esse Lunda, para fazer com que elle entregasse a arma que pertencia a Quissengue.

Foram dar-me parte d'este incidente, e como era proximo do sol posto lembrei-me de que elles quereriam ficar de noite na colonia para surprehenderem os Lundas, e de certo haveria grande balburdia e conflictos mesmo com a gente da colonia; por isso fui ter com elles na resolução de os desviar d'esse intento.

Expozeram-me o motivo porque vinham até ali, e eu respondi-lhes que elles não tinham prova alguma de que esse Lunda ali estivesse, que poderia mesmo esse rasto ser ou de algum Quiôco, pois nesse sitio passavam muitos, ou de gente minha que todos os dias ia para as lavras, e mesmo que fosse de um homem da Lunda que diziam ter roubado uma arma, poderia este ter passado para outro sitio; que além d'isso um ladrão nunca diz a ninguem o roubo que faz, e ninguem pode dizer que uma arma que qualquer traz é roubada, e portanto Rocha não podia ser responsavel pelos roubos que se fizessem.

— Mas elle como velho, replicou o chefe, pode indagar, procurar e chegar a saber pela sua gente, se na verdade estará por aqui perto um Lunda com uma arma roubada.

— Como questão de favor poderá elle procurar, mas isso leva tempo e não é agora proximo da noite que se fazem essas buscas.

— Mas nós ficâmos cá o tempo que fôr preciso, o sr. major é Muene Puto, mas tambem é Quissengue para nós, porque é amigo d'elle, e nós ao pé de Quissengue não o podemos incommodar, havemos de respeitar as suas ordens, e o Rocha no emtanto vae procurando.

— Aqui não podem ficar, nem temos sitio para os receber, nem comer para lhes dar, e não é de noite que se tratam essas questões.

— Muene Puto que se não zangue, que nós viremos outro dia, o Muene Puto é Quissengue, o Quissengue é Muene Puto, são nossos amos, e o que elles dizem é o que nós fazemos.

Mas Muene Puto que é amigo de Quissengue, não quer que roubem uma arma do seu amigo, e por isso o Rocha, que ha muitos annos aqui vive e é amigo dos Lundas, pode procurar essa arma para nós levarmos a Quissengue.

— Com respeito ao sr. Rocha, que responda o que quizer, porém hoje já não pode tratar d'isso.

Entendeu o bom do meu interprete, primo do tal Rocha, para dar mais força á resposta, imitar os Quiôcos nas suas comparações, e acrescentar o que só depois pude saber: — Devem retirar satisfeitos com a resposta de Muene Puto, pois bem sabem que onde está o leão não pode parir a cabra.

É certo que, acabando de fallar, notei que, ao despedir-se de mim o chefe dos Quiôcos, todos corresponderam e retiraram a passos largos, segundo seu costume, e que iam satisfeitos.

Não mais se pensou na questão; porém tres dias depois apparecem outra vez os homens, e d'esta vez procurando-me.

— Fizemos o que Muene Puto nos disse, retirámos para deixar parir a cabra.

Confesso que fiquei surprehendido, porque não podia comprehender ao que elles queriam chegar.

Elles insistiam no dito e o meu interprete atoleimado, mostrava-se ignorante ou não lhe convinha explicar a consequencia da sua estupida comparação; mas como era preciso eu ficar sciente do que se estava passando para responder aos homens, foram os rapazes de Loanda, o Rocha e outros Ambaquistas que explicaram a estupida comparação do interprete.

— Eu sou Quissengue, lhes respondi, e não é a mim de certo a quem procuram. O Quissengue ouve e resolve sobre as pendencias entre a gente do seu povo, mas não discute nem levanta questões.

— Sim senhor, dizem elles, mas Muene Puto é a pessoa de respeito que está aqui, e o muzumbo, quando o outro dia nos mandou embora, disse-nos que o ladrão não podia apresentar a arma, na presença do roubado, e por isso nós durante tres dias não viemos cá para elle entregar a arma ao Rocha. E este agora tem de nos entregar essa arma ou o pagamento d'ella para o levarmos a Quissengue.

— O Rocha e seus companheiros fallam muito bem a lingua de V.; entendam-se depois sobre esses negocios, na certeza de que eu não quero bulhas no acampamento, e portem-se bem. Saibam que eu vou d'aqui para o Quissengue e direi tudo o que se passar.

— Muene Puto esteja descansado e todos os seus filhos, que não daremos motivos para o desgostar, e vamos tratar da nossa questão com o sr. Rocha no logar que elle nos indique.

A questão ia bem e estava julgada perdida pelos Quiôcos; porém Rocha que tinha quatorze annos de pratica com os costumes de Lundas e Quiôcos, querendo não obstante ser amavel com os seus contendores, esqueceu esses costumes, e como tinha tabaco de sobra offereceu duas pilhas a cada um e deu fogo ao chefe. Estava virada a milonga, havia-lhes dado razão.

Não tendo a arma, não sabendo quem a tirára, e acreditando mesmo que era um roubo imaginario, tinha ainda assim de a pagar.

Sendo as queixas contra um Lunda, os Lundas quizeram quotisar-se para auxiliar o Rocha no pagamento.

A exigencia era grande, de cem pessoas; porém depois de muita discussão, em que Rocha e os seus tiveram de sustentar por dois dias a comitiva, ficára reduzida a vinte; e entre rapazes e mulheres da Lunda, já fatigados de andarem em correrias passando fome, fugindo aos Quiôcos, apresentaram-se trinta, que quizeram ir com estes, salvando-se ainda o Rocha d'esta vez de grandes apuros.

Depois da entrega da pembe pela forma que já conhecemos, disse ao Rocha o chefe d'esta quadrilha, cujo retrato apresentâmos na pagina seguinte.

—Meu amigo vá para a sua terra com Muene Puto, agora escapou d'esta milonga, mas nós temos contas passadas a ajustar. Sabemos que Muriba fez guerra contra nós com a polvora que V. lhe forneceu; e se V. fosse um bom filho de Muene Puto devia aconselhar Muriba a que não matasse a nossa gente, porque se elle era Muatiânvua fomos nós que o fizemos.

Este Rocha partiu comnosco do Luambata, porém entendeu demorar-se no Lulúa para arranjar mantimentos, e constou-me mais tarde que toda a sua gente, até antigos pombeiros, lhe fugiram com oito cargas de marfim, e é provavel que elle caisse em voltar para o Luambata com a mulher e os filhos.

As milongas entre Lundas terminam com a distribuição da pembe e da carne de um animal em partes iguaes entre os contendores, porém em vez da ceremonia do machado planta-se uma bananeira, deitando-se primeiro na cova o sangue do referido animal.

Quando resgatei a faca do Muatiânvua Ambumba, vulgo Xanama, do poder do Quissengue para a entregar ao Muatiânvua, uma das exigencias de Quissengue, na ceremonia da pembe, era que aquelle potentado mandasse matar, para regozijo de Quiôcos e Lundas, um grande quilolo do Muatiânvua por elle apontado (tal era o odio que elle tinha a Bungulo, que a sua gente a fogo nunca pudera vencer), e como eu lhe dissesse que nunca consentiria em semelhante cousa, lembraram-se então

dois dos seus de pedir em logar d'elle a cadeira que eu levava para o estado.

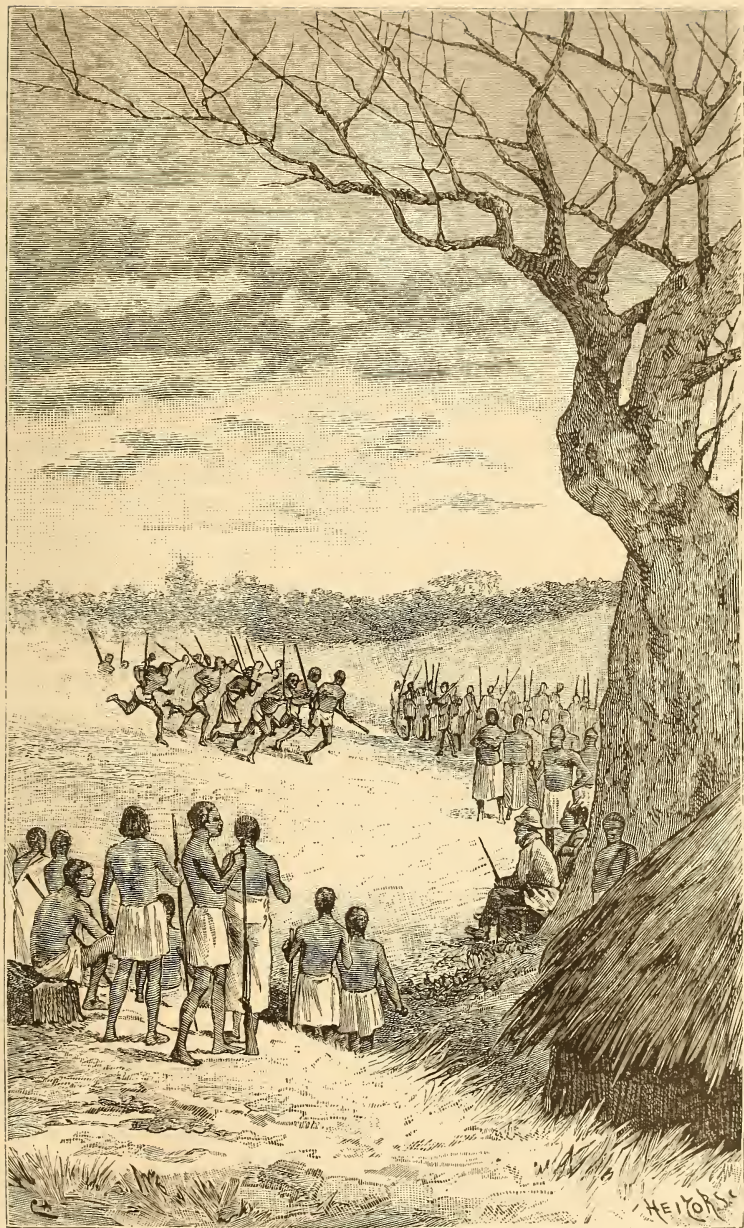
Respondi que se elles tinham animo e valentia, mandassem o seu povo armado buscá-la onde ella estava, pois a seu lado só me encontrariam a mim para a defender.

Foi isto bastante para Quissengue me abraçar e affastar-se commigo para distancia, debaixo de uma arvore e mandar vir para nós uma cabaça com mel fermentado, que ainda quente bebemos, pedindo-me que esquecesse o atrevimento dos seus rapazes, e que se terminasse a questão como eu entendesse pois elle ficava satisfeito.

CHEFE LUENA

Dizia a gente do Quissengue que eu tinha enfeitiçado o seu amo, porque elle viera do sitio com tenção de levar muita gente da Lunda e que encontrando-me perdêra o calor. E o proprio Quissengue chegava a dizer que receava eu lhe fizesse algum feitiço, conversa esta que, generalisando-se, me entretinha por vezes e me fazia rir de muito boa vontade.

Continuando a tratar do assumpto que interrompi para narração dos pleitos que acabo de fazer, repito que as audiencias não teem só logar para resolver milongas. Fazem-se tambem para a resolução de negocios do estado, para a recepção de visitas ou para se despacharem ou ouvirem portadores.

Estas audiencias são annunciadas, de vespera, a todas os quilolos ou no proprio dia, o que se faz por meio do mondo. Chamam-se então a estas audiencias *tetame*. É o potentado o primeiro que se apresenta.

UMA MARCHA

Na Lunda o Muatiânvua sae da chipanga para a ambula, onde ao topo já está a sua pelle de leão ou de onça e o banco para elle se sentar. Vem seguido dos seus caxalapólis e napumbas com a sua gente armada, a qual dispara as armas logo que o Muatiânvua se assenta, annunciando assim que o Muatiânvua já está fora e espera pelos seus quilolos. Toca-se então o chinguvo e se ha cantador canta emquanto se não reunem todos. Os quilolos dos lados da Mussumba são os primeiros a chegar com a sua gente mais ou menos armada, e todos depois de cumprimentarem o Muatiânvua vão sentar-se nas pelles, previamente dispostas, observando as ceremonias já mencionadas. Veem por ultimo os que pertencem ao méssu os quaes trazem a sua gente armada na frente aos saltos, e chegando á ambula desenvolvem em linha e depois de avançarem correndo e apresentando as suas armas ao potentado, tornam a retirar para voltarem a fazer o mesmo e afastarem-se depois para os lados, para avançarem todos os quilolos e filhos do Muatiânvua que venham atrás.

Tive occasião de fazer um desenho de uma marcha de Bângalas analoga a estas, em que ao mesmo tempo apresentaram as suas armas ao Muatiânvua como signal de respeito e submissão, e por isso figurei esta marcha, para melhor comprehensão do modo como se apresentam sempre as forças do méssu no tetame annunciado com antecedencia.

Os que podem sentar-se vão tomando os seus logares, e, geralmente, depois d'isso vão chegando pelos angulos que elles fecharam como os dos lados, por um o Suana Mulopo com a sua gente e por outro Muitía, e por ultimo chega a Lucuoqüexe com o seu Xamuana e povo.

Esta geralmente passa á frente dos quilolos do méssu, que se afastam logo para ella passar, e ahi se senta tendo o seu Xamuana (amasio) a seu lado. Quando a Lucuoquexe sae da residencia para o tetame, vem montada num serviçal, vindo o seu povo a correr na frente a abrir caminho, saltando, assobiando e gritando, e tudo que encontram no caminho, sejam pessoas sejam cousas, é derribado.

Numa occasião, no Calânhi, era dia de mercado e a comitiva da Lucuoquexe não deu tempo a desviarem-se os vendilhões com os seus negocios. Foi um destroço geral, panellas, cabaças e sabas partidas, azeite entornado, jinguba, milho, feijão, carne, peixe, fructas, etc., tudo espalhado, apanhando cada um o que podia. Uns choravam, outros gritavam, alguns praguejavam, e muitos partiram numa abalada desenfreada suppondo que eram os Quiôcos.

A Lucuoquexe quando chegou áquella altura, informou-se do occorrido e mandou ir tudo mais tarde á sua residencia para indemnisar os prejuizos e fê-lo contentando a todos; notando-se que não era de estranhar o que acontecia, e que ella procedêra assim porque sendo interina no cargo não queria crear inimigos.

Estando o tetame constituido, mandam-se chamar as visitas se é para estas que elle se reuniu. Se são Lundas, quilolos que sejam, apparecem todos com o peito, cara, e braços caiados de branco com a pembe e ficam de pé, a grande distancia do potentado, batendo as palmas e dizendo as palavras que já citámos. Prostram-se depois no chão rebolando e demorando-se de barriga para o ar tres vezes, depois ajoelham, continuando se são quilolos a esfregar os braços e cara com a pembe, se inferiores a estes, com a terra, e se trazem alguma cousa, o que é de praxe, accrescentam ainda aos cumprimentos, batendo palmadas: *capando! capando! uvudiê, suapáli tambula calombo echi noéji, mucambecambe, ilunga bídi;* o que pouco mais ou menos quer dizer: «F. . . agradece, quer venha depressa (Eu F. . . agradeço) corri depressa, receba grande senhor descendente de Noéji, grande dos grandes de Ilunga caçador».

Se o potentado tem interrompido com o seu costumado *chauape,* ou *uêndi,* ou *muaniê,* então redobram as taes palmadas, rebollões, esfregações com a pembe ou terra, dizendo sempre a visita *vudiê, tátuco, vudiê, mucuabango,* etc.

A musica que sempre comparece nestes actos, principalmente a de pancadaria, desde que o potentado está, toca, e redobra de força emquanto a visita está fazendo os seus cumprimentos,

e não pára para que a visita possa fallar sem que esta lhe mande dar alguma coisa como gratificação.

Depois de um momento de descanço falla então a visita e diz ao que vem. Se é portador que fôra despachado pelo potentado em uma diligencia, ou enviado por alguem, dá então o seu recado, que todos ouvem em silencio, soltando de quando em quando algumas das suas exclamações se o caso é para isso, ou fazendo gestos significativos uns para os outros de satisfação, de desespero ou de admiração, conforme o caso.

Uma interrupção do potentado ou de algum quilolo para melhor percepção, dá motivo a grande explicação, e d'esta origina-se geralmente no auditorio grande burborinho, de que todos se aproveitam para dar largas ás suas expansões e mostrar o bom ou mau effeito que lhe produziu qualquer ponto da narração e a custo a ordem se restabelece; o chinguvo toca-se, os tuxalapólis graduados gritam *texânhi* (attenção), *jimbula,* dizem ao que falla e o principal encarregado dá ordem ao mestre de ceremonias para que se não prolongue muito o tetame se é de dia: *mutena uá suéji* (o sol está muito quente), se é á tarde: *mutena uáia* (o sol está a despedir-se), ou *cuajula,* (vae escurecendo).

Se a visita é estranha, um Quiôco por exemplo, então o ceremonial é um pouco differente. A visita ou é Muana Angana ou representante d'este e traz a sua bandeira, geralmente feita de lenços com enfeites de tiras de algodão ou de baeta, ou então de baeta encarnada com tiras brancas cruzadas ou dispostas em diversos sentidos, e na cabeça a *mútue uá caianda,* de que já dei conhecimento, e tambem uma pelle e uma cadeira de pau, que faz lembrar pelo tamanho as cadeirinhas de costura.

A visita colloca-se em frente do Muatiânvua sentada na sua cadeirinha, com a pelle de onça aos pés, e vem embrulhada num grande panno ou gubo, que a involve dos hombros aos pés; de modo que este e a *mútue* apenas lhe deixam ver a cara. Quando se senta, a sua comitiva grita por algum tempo *oh! oh! oh!* O porta-bandeira anda em correria de um para o outro lado fazendo tremular a bandeira e dar voltas no ar.

Restabelecido o silencio, vem o interprete da visita para o centro e o Muatiânvua apresenta tambem o seu que vae para defronte d'aquelle, e ambos ficam de cocoras. Esfrega-se o primeiro com barro ou terra, como já dissemos que fazem os Quiôcos, e o do Muatiânvua faz o mesmo como os Lundas; são cumprimentos reciprocos. Falla primeiro o interprete Quiôco que já traz o recado estudado; responde o do Muatiânvua; depois cada um se chega ao seu potentado e em voz alta transmittem os recados. Segue-se o Muatiânvua a fallar por sua vez, responde principiando por agradecer a visita, ouve qualquer observação a que responde superficialmente, e manda descansar o hospede para depois o despachar bem. Geralmente nestas occasiões ha sempre troca de alguns presentes, ainda que sejam de pequeno valor. Quando se levanta a visita, a comitiva dispara alguns tiros. Levantam-se depois os quilolos e por ultimo o Muatiânvua, disparando tambem os tuxalapólis e os do mazembe alguns tiros, e vão acompanhá-lo retirando elle montado num chimangata até á porta da sua residencia, no meio de cantos, assobios, gritos, tocando o chinguvo, e disparando-se ainda alguns tiros mais.

Se o Muatiânvua nas audiencias fixa a vista em algum quilolo, este esfrega logo os braços e diz: *vudiê, muê chi noéji;* agradecendo a honra. Se espirra ja dissemos tambem o que se pratica. Se concorda com quem falla, este immediatamente suspende e agradece: *vudiê, muaniê, mucuá bango, muene anganda, muê chi noéji,* etc.

Quando o Muatiânvua falla e está contando qualquer cousa, referindo-se a uma pessoa ou logar e aponta como querendo lembrar-se do nome que lhe esquece, é tambem da praxe que o quilolo que tem conhecimento d'aquillo a que elle se refere o auxilie lembrando-lh'o, ao que o potentado diz logo: *muaniê,* e prosegue.

Com respeito a portadores, já para levar alguma mensagem já para transmittirem respostas dos recados que trouxeram, devemos observar que o que elles dizem no tetame é ás vezes muito diverso da realidade.

O Muatiânvua é informado na vespera da realidade das cousas pelo seu Muitía, e de accordo com este ordena o que convem se diga na ambula.

Assisti a alguns casos d'estes por convite de Xa Madiamba, e vi que na realidade assim era preciso, porque no tetame não se reunem só os quilolos, é todo o povo, e muitas vezes dos rapazes partem inconveniencias. O que o Muatiânvua faz muitas vezes é depois de ouvir os portadores mandar chamar os quilolos velhos, aquelles a quem chama avós, os que teem o titulo de Cárula, e communicar a estes o verdadeiro recado, ou chamar os portadores para que repitam, mas com verdade, as novas que trazem, deante d'elles. Isto geralmente faz-se de noite e muitas vezes em logares distantes da mussumba. Então discutem todos o que ha bom ou mau e o que se deve dizer ou não na ambula.

O Muatiânvua não deve dar mostras de se impacientar e muito menos dar a perceber os seus sentimentos por qualquer noticia mesmo de gravidade, e que não possa agradar ao Estado ou á sua pessoa; o mais que faz é dizer para o auditorio: «Veja lá que tal é o sabor d'esta garapa (bebida)?» ou «Provem d'esta garapa» ou ainda «Que me deixem enterrar os ossos na minha terra».

Antes de aberta a audiencia, ou melhor antes de se tratar do assumpto para que foi convocado o tetame, o Muatiânvua e em geral todos os potentados d'estes povos, emquanto se vão reunindo os individuos que a elle teem obrigação de assistir, entreteem o tempo narrando historias antigas sobre qualquer pretexto que sempre encontram, ou interrogando um e outro dos individuos presentes de graduação no Estado sobre algum assumpto conhecido ou occorrencia moderna que com elle se relacione, ou fallam a proposito de qualquer novidade do dia, e a conversa depois generalisa-se entre todos os circumstantes.

Xa Madiamba era para isso fertil em expedientes e tinha fama desde que fôra Suana Mulopo de seu tio o Muatiânvua Muteba.

Entre elles era considerado bom orador, de uma grande reminiscencia e sublime nas comparações.

Não era homem que encetasse logo o assumpto de que queria tratar; principiava por figurar o que se deu ou podia dar-se entre individuos de genios, caracteres e forças differentes na situação que mais lhe convinha, numa caçada, numa guerra, em questões domesticas, nas de mulheres, etc., e de deducção em deducção, chegava ao ponto que lhe convinha, para então apresentar o assumpto que lhe interessava.

Procurava ir dispondo o auditorio a seu favor, ainda nos negocios que lhe podiam ser desfavoraveis, ou em que podia ter d'elle opposição, e quando se conhecia senhor do auditorio, já convencido de que com elle podia contar, apresentava-lhe então a questão, e se dependia de votação era certo tê-la unanime.

Num dos dias de jornada, a muári deu parte de estar doente e não lhe ser possivel andar, e elle fez annunciar que não se podia seguir viagem naquelle dia.

Soube que os representantes dos fidalgos da côrte, que vieram por mandado d'aquelles ao seu encontro para o acompanharem para a mussumba, murmuravam contra o empecilho da sua companheira, e que depois d'elle tomar posse do estado não consentiriam que continuasse a ser sua muári por não pertencer á nobreza. Na primeira occasião que se lhes offereceu ensejo de estarem todos presentes, lembrou-se elle de contar algumas agruras da sua vida durante os doze annos de expatriação, e poz em relevo os bons serviços prestados pela unica pessoa que nunca o abandonára.

— Deixei as mulheres, deixei filhos, deixei tudo quanto tinha, contava elle, e perseguido de dia e de noite e sem ter pouso certo, nem sabendo como arranjar de comer e não podendo andar senão escondido nos matos, sempre ao meu lado tive uma serva, que vendo que nenhum dos meus parentes se dispunha a acompanhar-me, quiz partilhar da minha sorte.

Ella expunha a sua vida por mim, indo arranjar comida, e acarretar agua e lenha, construir a cubata, vigiando até quando eu dormia, com receio de que um malvado de um sobrinho

meu que de tempos a tempos vinha ver-me, me quizesse matar.

Eu já não era novo e ella era ainda rapariga; mas prendam um cão ao lado de uma cadella e deixem-nos sós por muito tempo, embora as idades sejam differentes, o que succede? Um cheira o outro, e passado algum tempo já não podem viver sem a companhia que se costumaram a conhecer.

É o que succede commigo e a minha muári. Eu hoje já não posso viver sem esta boa mulher. A ella devo a minha vida. Tudo quanto eu tive de soffrer soffreu ella tambem, e se alguma vez estava resignado, se estava satisfeito a ella o devo. De mim que podia esperar ella? Nada. Para qualquer parte para onde fosse, ainda nova como era, estava sempre melhor do que commigo. Não quiz. Hei de ser eu, agora que me chamam para o estado, que a hei de repellir? Não posso, o meu coração não o quer.

Se V. vieram da côrte com o encargo de me dizer que ella lá não pode ser minha muári, voltem a communicar aos senhores que o Xa Madiamba quer continuar a viver no mato comendo *massesse* («lagartas de arvores») com a sua boa companheira, e nunca largá-la para ser Muatiânvua.

Antes de eu ser Muatiânvua já começam com os *mafefe* («intrigas»), que se hão de depois desenvolver para me matarem; então escolham outro Muatiânvua e deixem-me morrer descansado, onde esta mulher que tem sido a minha unica amiga me feche os olhos e me enterre os ossos ás escondidas da gente da Lunda.

A narração foi longa porque abrangia um grande numero de episodios da sua vida laboriosa, e do modo por que conseguira desviar-se de todas as difficuldades que lhe sobrevieram, já creadas pelos inimigos, já pela falta de recursos para se alimentar; todavia elle alcançou um triumpho na attenção que todos lhe prestaram, e por ultimo nas ovações que todos foram fazer á muári.

Com o apoio d'aquella gente, dias depois já a muári ia tendo o seu estado, isto é, á medida que na viagem vinham chegando

representantes de quilolos que pertenciam áquelle estado, iamse apresentando a ella e ficaram logo ao seu serviço.

A muári tornou-se depois ciumenta e sempre teve receios de que os conselheiros do velho Xa Madiamba conseguissem convencê-lo a substituí-la, e por isso quando algum quilolo lhe apresentava uma parente, para ir constituindo o seu serralho, tratava logo de lhe dar guarida, mas fora da chipanga e procurava acasalá-la com algum dos seus protegidos; e numa occasião, notando eu que uma d'essas raparigas já estava gravida, disse-me Xa Madiamba muito depressa: o que está vendo não é obra minha, mas o filho que nascer hão de dizer que é meu.

A MUÁRI

—Não me admira, lhe respondi, porque o Muatiânvua é pae de todos.

—Não é isso, me retorquiu, é porque a rapariga me pentence. Como me risse pela fleugma com que me dava tal razão, disse-me elle ainda:

—Tem razão para rir, meu amigo, se isso succedesse ao meu sobrinho Xanama, já ella e o pae da criança não comiam hoje *funje*[1].

As audiencias ordinarias fazem-se sempre de madrugada, para se evitar a ardencia do sol a que teem de estar expostos os circumstantes; mas não ha uma hora determinada e abre-se sempre que comparece o potentado, que escolhe geralmente

[2] Abreviatura de infunde.

uma sombra para em torno de si se reunirem os individuos que já o esperavam e os que vão chegando.

Se entre as pessoas que apparecem vem alguma de maior importancia, avisa-se logo o potentado, que se apressa para não a fazer esperar; o mesmo se dá quando muita gente o aguarda.

Estes avisos são feitos muitas vezes por musica. Se por qualquer circumstancia está um tocador de chissanje, de marimbas, ou mesmo de chinguvo que sabe cantar ou acompanhando-se no respectivo instrumento, proximo do logar em que está o Muatiânvua, encarrega-se de, ao mesmo tempo que entretem os grupos de individuos que d'elle se approximam, prevenir o Muatiânvua de quem é que o espera.

O cantador, sempre tocando, improvisa nessa occasião o que canta, e vae juxtapondo, umas em seguida ás outras, as allusões que faz, de modo que se accommodem á toada do instrumento, succedendo assim que umas palavras são ditas com rapidez e outras são allongadas por syllabas, demorando-se nas finaes, se é preciso abrangerem as notas que lhe conveem.

Registei um d'esses cantos cuja interpretação literal é pouco mais ou menos a seguinte:

«Muatiânvua. O sol já vae alto, o que estaes fazendo? As raparigas não podem prender-vos. Vós sois pae de muitos filhos. Vinde ver os que vos esperam. Toda a noute estivestes com as raparigas, comestes e bebestes com ellas. Reparti o resto comnosco, se quereis ser bom pae. Não foram as raparigas que vos deram o estado. O sol já está bravo, vinde. Chegou F... é o nosso pae Noéji, que vem salvar a Lunda dos inimigos: elle é o leão, não gosta que o façam esperar, tem quatro olhos, vê muito bem lá para dentro; se elle se zanga vae buscar-vos; saí, saí, saí.»

A maior parte das vezes o Muatiânvua, ao ouvir o signal da pessoa que chegou, ou recebendo a communicação das pessoas que já o esperam, vem para fora.

Porém, se está bebendo na companhia de algum dos quilolos grandes, sobretudo se são Muatas, demora-se mais porque,

vindo acompanhado com estes, todos sabem que não foram as mulheres a causa da demora.

Quando eu chegava, vinha logo o *chiota* chamar-me da parte d'elle, para eu não ter que esperar; porém se eu encontrava alguma pessoa com quem desejava fallar, e para elle se não demorar, escusava-me a entrar, mandando dizer-lhe que não demorasse a audiencia.

Outras vezes, os cantadores alludem a casos que conhecem dos antepassados do Muatiânvua, a caçadas, etc., querendo provar ter havido prejuizos em se deixarem atrasar os negocios por se não fazerem as cousas com presteza.

Assim como ha sempre palestra antes de se abrir a audiencia, tambem aquellas em que se trata de assumptos de guerra, ou de manifestações de valentia, ou mesmo aquellas em que se conferem honras ou se nomeiam individuos para cargos no estado, terminam sempre pela *cufuinha*.

Não consegui que me explicassem bem este vocabulo; mas parece-me não errar dizendo que é uma ceremonia á imitação da que usavam os antigos gladiadores.

O que vae dançar, trata de puxar o seu panno para cima, apertando-o entre o cinto e o corpo de modo que fiquem livres os movimentos das pernas. Desembainha a sua grande faca, empunha-a bem e depois, um pouco agachado, com as pernas arqueadas e manejando a faca ora para um ora para outro lado, de quando em quando imitando estocadas inclinadas para o chão, e virando a faca ora para cima ora para baixo, dança aos saltos, avançando e recuando, dando passos nos bicos dos pés; tudo com muita rapidez, gritando, assobiando, fazendo tregeitos e momices com a cabeça, cara e corpo, dando ao rosto expressões de ferocidade. É em tudo acompanhado pelos instrumentos de pancada, e pela berraria e assobiada dos circumstantes que o animam. Assim dançam até se fatigarem, indo depois á frente do potentado num dançar vertiginoso, imaginando esforços grandes, uma lucta em fim com o inimigo, que pode ser um homem ou uma fera; e terminam por fazer menção

de tres estocadas seguidas sobre elle, que está derrubado, e depois caem de joelhos em terra abrindo os braços, como quem offerece os despojos da sua victoria.

Em taes casos não se vê só um luctador, vêem-se dois, tres, ou mais, e converte-se tudo numa perfeita inferneira.

É preciso não confundir esta cerimonia com a dos *tumbajes* (juizes que se tornam algozes) para os feiticeiros, e que se chama *cuissamba;* nem com a dos *ibinda* (caçadores) que se chama *uianga,* as quaes tambem não são danças como as usuaes de passatempo ou que se fazem para agradar aos quilolos: estas teem tambem a sua significação.

Fazem parte da primeira os que constituem o tribunal que julga os feiticeiros que se lhe entregam, ou que teem de perseguir até os encontrar para os matarem. Da segunda os caçadores, logo que se determinam as queimadas do capim para se poder caçar.

Uma e outra são danças de roda, nas quaes os que dançam cantam alludindo ao fim que teem em vista, amolando de quando em quando os primeiros as suas grandes facas, e os segundos ornamentando as suas armas e collocando ao pescoço os amuletos preparados pelos mestres de mais consideração.

Durante uma e outra bebe-se, mas não se pode comer; de modo que a certa altura da ceremonia já os espiritos estão perturbados pelo influxo das bebidas fermentadas; e é mesmo arriscado ir interromper os da primeira na vertiginosa commoção em que vão clamando pela necessidade de se apresentar o feiticeiro, para soffrer as torturas a que foi votado.

Uma noute, estando eu na estação Luciano Cordeiro, era tal a influencia dos tumbajes na ceremonia do *cuissamba,* pois se tratava de dois feiticeiros a quem se attribuía a doença da muári e a morte de uma mulher que fôra *temeínhe* (2.ª mulher) do Muatiânvua, no tempo em que elle era Suana Mulopo de Muteba, que elle proprio não poude resistir-lhe, e com a faca desembainhada foi para o meio da roda tambem afiá-la e cantar e dançar.

Então o enthusiasmo recrudesceu: era um estrepito que chegava a tornar-se horripilante, e os meus carregadores atemo-

risados vieram de lá a correr, pedir-me que fosse arrancar o Muatiânvua d'aquella cafila, pois se continuavam a beber na exaltação em que já estavam, em pouco tempo não respeitariam pessoa alguma, e podia haver muita desgraça porque ninguem teria nelles mão.

Os feiticeiros ainda não haviam sido indicados; porém demais sabiam os meus que uma das mulheres (pag. 217), a quem se queria attribuir tal crime, já se tinha refugiado na Estação, pedindo-me que lhe salvasse a vida. Fui. A roda dos tumbajes de tal forma se unira, que era difficil encontrar logar para passar. Fallar-lhes era bradar num deserto, porque o berreiro abafaria as minhas vozes; tocar num para chamar a sua attenção era arriscado, porque a influencia com que manejavam as facas, afiadas como estavam, podia dar em resultado um ferimento, embora sem intenção.

Em taes circumstancias, tomei a resolução de rapidamente, em sentido contrario ao andar da roda, empurrar dois para o meio e agarrar o Muatiânvua pela cintura dando com o pé no chinguvo, ao mesmo tempo que lhes disse: *acuarunda acuete mafefe* («o povo da Lunda é traiçoeiro»), que elles estavam costumados a ouvir-me. Tudo isto foi tão rapido, que pararam surprehendidos, e reconhecendo-me riram-se e abriram passagem para eu levar o Muatiânvua para a sua residencia.

Acompanharam-nos o irmão d'elle, o sobrinho e o seu calala.

Eram 11 horas da noute; consegui que o Muatiânvua mandasse o seu calala dispersar a multidão, obrigando-me a indemnisar os tumbajes pela interrupção da sua ceremonia, e fiz com que elle se recolhesse, para depois conversarmos de madrugada sobre o que motivára a reunião dos tumbajes.

A *uianga* é uma dança interessante emquanto os espiritos não estão perturbados, porque os tropheus dos amuletos e dos petrechos estão muito enfeitados e são dados ao caçador depois de umas certas ceremonias allusivas, que entretem os curiosos, a quem se permitte approximarem-se para ver; e só corre risco de ser alterada, se qualquer d'esses curiosos der motivos a interrupções, ou entrar por qualquer circumstancia na arena

dos caçadores, o que prejudica a ceremonia, sendo o pobre desgraçado victima da ferocidade dos fanaticos.

De outras danças, tanto em homenagem aos idolos como á lua, e das que fazem parte das ceremonias funebres fallarei mais adeante.

Quando numa audiencia de demandas entre dois contendores, não é possivel pelos indicios apurar-se a verdade, é o juramento o ultimo recurso dos que pretendem mostrar a sua innocencia. O juramento pode considerar-se como um costume caracteristico entre todos os povos de que fallo, pois até em familia por questões muito particulares elle se observa; porém o que actualmente conheço, se em algumas tribus é ou se approxima do que tem sido descripto por alguns viajantes, na maioria dos casos já está muito modificado.

TOCADOR DE MARIMBAS

Mesmo os povos da nossa provincia de Angola mais afastados do littoral o usam, e em Malanje, em certas tribus como na Calandula, elle é observado com os rigores que não são frequentes além do Cuango, pelo quê se torna mais odioso a nós europeus.

Em Loanda tambem os povos gentios, que teem vindo augmentar a população da cidade, nos seus arrabaldes, entre si o usam, sem que as nossas auctoridades o possam evitar, porque o fazem com o maximo sigillo.

O juramento consiste em ingerir uma bebida preparada na occasião, na qual entra a casca da arvore *muaje,* que contém certos principios toxicos. Hoje já alguns povos se satisfazem, dando essa bebida a cães ou a gallinhas.

Cada um traz o seu cão ou gallinha, que o vem representar, e se o animal morre, indica que o representado perdeu a demanda ou é criminoso.

Em Malanje, antes do juramento, diz o que vae beber ou dá a beber a um animal a poção: *quidi muene, sé inga quinuguivala galoele quiabo hombo iá mucueto, i sanje iá mucueto, ni mona iá mucueto guifua cumbambo, sé anji quilua guiquimona puto meia. na sa iambambo.* («Sim senhor, se desde que eu nasci enfeiticei alguma cabra de meu companheiro, alguma gallinha de meu companheiro, um filho de meu companheiro, eu morra com o juramento, se assim não foi, me salvo. Assim juro.»)

Na Lunda: *chaquene, pangu valela tátuco ni macu, nadia cali pembe uá mucueto, cuulaje nafua nabaruca, cangana, candicali nilôua muana mucueto, ni pembe uá mucueto, chu uá sansa.* («Em verdade desde que me gerou pae e mãe, se eu comi já cabra de companheiro por mim enfeitiçada, eu morra com o juramento; se ainda não enfeiticei, filho, cabra ou gallinha de companheiro lanço o juramento, salvo-me.»)

Nos Bangalas: *quidiquiene anjipangu quita ni combo iá mucueto, nangulo iá mucuêto nasusua uá mucueto, namona ua mucueto, gamuloua cali gufua cangi, gumuloua mona pene meia. quidiquiene ai mucueto gatana ipanda gufue ló mona pene meia.* («Se é verdade desde que nasci que enfeiticei cabra, porco, gallinha ou filho de companheiro, eu morra já; de contrario eu me salvo. Se é verdade que commetti *upanda* (crime) com esta rapariga eu morra; se não me salvo.»)

Os Bângalas levam da Lunda a casca de *muaje* para os seus juramentos; mas a bebida que com ella preparam é para os cães.

Os Quiôcos tambem hoje a dão aos animaes, mas nem isso mesmo é muito usado entre elles. Discutir é o seu forte, e quem

tem melhores argumentos é quem vence. Em compensação, acreditam muito nas mortes por feitiçaria, e como não querem ter contacto com feiticeiros, tiram-lhes tudo e expulsam-nos da povoação quando os adivinhadores os apontam, se são pessoas do povo.

As superstições são geraes em todos estes povos. Teem os seus agoiros, que se entre nós se consideram ridiculos, na verdade, não nos podemos vangloriar de os não termos tambem; e é curioso que, se alguns são tão semelhantes que parece para lá os termos levado ou que no-los trouxeram, outros nossos creio serem mesmo muito peores, e não provam muito a favor da nossa illustração.

Mergulha-se um gallo num rio um certo numero de vezes. Se elle estonteado volta ao cimo de agua e procura a margem onde estamos, succede o que nós desejâmos; se elle desapparece ou vae para a margem opposta, succede o contrario.

Gallo que canta fora de horas o seu dono mata-o logo, porque alguma desgraça está para lhe succeder, ou vae receber uma má noticia.

Se o *muiéu* (mabeco, cão do mato) ladra de noite, é certo que morre alguem da familia de quem o ouve, e por conseguinte numa comitiva, os que d'ella fazem parte, ficam logo receosos, porque a algum ha de succeder tal desastre.

Em alguns povos matar um cão é uma grande desgraça que está para succeder á terra, e o potentado trata de vingar essa morte como se fosse de pessoa do seu povo. É preciso lavar o sangue que correu na terra, e isso só pode ser feito por um anganga especial.

Entre os Xinjes e Quiôcos matar um cão da povoação é uma demanda muito importante, em que corre grande risco quem o matar, provando-se que o fez de caso pensado; e tem grande multa a pagar, mesmo provando-se que o matou involuntariamente.

Com um dos carregadores da Expedição deu-se um caso d'estes involuntario na Estação Costa e Silva, com um cão de

Mona Samba, na margem direita do Cuango; mas por ser já segundo caso o carregador teve de pagar o valor correspondente a 6$000 réis.

Xa Madiamba, querendo provar-me um dia muito em segredo que de facto acreditava que uma rapariga, que estava ao seu serviço era feiticeira, e que elle não lhe queria mal porquanto a ninguem dera noticia do que lhe succedêra, narrou-me o seguinte: Um dia no Cassana encontrei no meu infunde um embrulho de cabellos, fios de baeta encarnada, uns pausinhos, um buzio e um dente de gente, e não foi senão ella que lá os poz para me enfeitiçar, porque era ella que estava encarregada de cozinhar para mim, e nas vesperas tinha tido grandes questões com a Muári.

Expuz este caso porque é muito semelhante a um que em 19 de abril de 1889 transcrevia o *Reporter,* jornal que se publica diariamente em Lisboa, de um outro do Rio de Janeiro, caso succedido na capital do Brasil, e que fôra descoberto pelos medicos, tendo sido entregue o seu auctor á policia.

E numa das nossas provincias do norte, já depois de eu ter chegado a Lisboa, dando-se a morte de uma creança que a medicina explicou como caso de somnambulismo da mãe que deposera um seu filho de leite, durante a noite sobre uma porção de cal, do que resultou elle fallecer, quiz a populaça attribuir o facto a feitiçaria pretendendo matar a mãe.

Mas nas cidades de primeira ordem, temos nós em abundancia os casos de enguiços, presentimentos, os asares e os *callistos,* que talvez, alguns pelo menos, não encontram parallelo entre aquelles povos.

Para o Quiôco o Muana Angana, o seu chefe em geral é feiticeiro, creio mesmo que chega a suppor que é um predicado sem o qual se não pode ser Muana Angana, e por isso se lhe succede algum mal e o adivinhador esconde o nome do feiticeiro, imagina que é o chefe, e logo que pode expatria-se com a familia para sitio longe da povoação, indo então criar um povoação de que elle se faz Muana Angana, e por conseguinte pouco depois os seus consideram-no feiticeiro tambem.

Os de Malanje, quando vão da Lunda á presença dos seus sobas tem de beber logo juramento para provarem que não levam d'alli feitiços, nem aprenderam a arte. Mas como isto não seja senão para lhes incutir terror, comprehende-se bem que a bebida preparada á vista dos sobas, é feita para não fazer mal aos seus filhos. Augusto Jayme, irmão do soba Ambango, dizia-me ter bebido esse juramento já duas vezes e que no regresso ia bebê-lo pela terceira, sem receio algum.

A naturalidade com que os filhos de Malanje, de Ambaca, do Congo e os Bângalas no interior do continente se prestam a tomar parte nos juramentos de Quiôcos e Lundas, e ainda o facto de levarem para as suas terras as cascas da muaje para a bebida que preparam, induzem a acreditar que o juramento é antigo entre todos estes povos, e que o trouxeram os primeiros immigrantes do nordeste.

TOCADOR DE QUISSANJE

Essa mesma naturalidade faz convencer estes povos, que nas terras de Muene Puto é elle usado com sua auctorisação, e essa crença collocou-me em difficuldades quando tentei salvar um homem de passàr por semelhante prova.

Já o Muatiânvua e os parentes da mulher que morrêra, segundo se adivinhára enfeitiçado por elle, haviam annuido a que provasse a sua innocencia se quizesse, e o homem promptificou-se a beber o juramento.

Procurei intervir a favor d'esta victima da superstição, poupando-a ao cumprimento do preceito, e o Muatiânvua e os individuos de graduação, presentes, disseram que não devia eu oppor-me a tal resolução, porquanto tambem em Malanje havia

esse uso, e para que eu não suppozesse que elles queriam matar o criminoso ou fazer-lhe mal se estivesse innocente, deitando na bebida qualquer veneno, os parentes nomeariam uma pessoa de sua confiança, elle Muatiânvua outra e Muene Puto o irmão do soba Ambango de Malanje muito conhecedor d'estas usanças.

Veriam estes preparar a bebida e na presença d'elles é que o accusado a beberia. Este levantou-se promptamente para ir sujeitar-se a essa prova; porém eu ainda consegui que elles se demorassem, e disse para o Muatiânvua e circumstantes: que eu não podia dar pessoa alguma que me representasse num acto que Muene Puto não admittia nas suas terras, e que se o Ambango de Malanje consentia que entre os seus se fizesse uso de tal bebida, enganava o quilolo de Muene Puto que governa Malanje, e commettia um crime.

O que eu podia fazer era eu mesmo ir ver preparar a bebida, e d'esta havia de primeiro beber o individuo encarregado de a preparar, depois eu, e só depois o accusado.

—Isso não pode ser, disseram todos, pois nós haviamos de consentir que um filho grande de Muene Puto bebesse do juramento?! Não senhor. O senhor major é o nosso pae, e nosso bemfeitor, ninguem lhe pode imputar um crime, quem o fizesse era criminoso. Não senhor!

—Mas o Muatiânvua, lhe retorqui ainda, explicou-me que a bebida não faz mal a quem estiver innocente, e como o individuo que vae prepará-la e eu estamos innocentes, não devem ter receio que nós a bebamos.

—Mas Muene Puto...

Não pudemos continuar, porque de repente, levantou-se um burborinho, fora da chipanga onde esta scena se passava, sentiram-se tiros e cada um tratou de sair e armar-se. Houve uma grande confusão, e o accusado aproveitando-a conseguiu ir esconder-se e eu retirei para a nossa Estação, a fim de tomar as providencias necessarias e aguardar os acontecimentos.

Sobre esta forma de provarem a sua innocencia, devo confessar que encontrei o costume mais inveterado entre os povos

UM ADIVINHO

da nossa provincia do que além d'ella. Os carregadores da Expedição terminavam sempre as suas contendas por se desafiarem para beberem o juramento. Dois chegaram mesmo a preparar a bebida para a tomarem, no que tive de intervir, dizendo-lhes que se quizessem fazer tal coisa primeiro os despedia do serviço da Expedição e fossem depois para longe de nós fazer o que quizessem, na certeza de que os não tornava a admittir ao serviço.

Tentaram então dar a bebida a duas gallinhas, mas o que representava o soba Ambango entre elles a isso mesmo se oppoz, dizendo que onde estava a bandeira de Muene Puto havia obrigação de respeitar as suas ordens.

Resolveram então jogar um jogo, de que dou noticia noutro logar, estabelecendo antes que quem perdesse tinha de pagar ao soba que o ia presenciar e ao Lunda que havia preparado a bebida, a qual se lançaria no rio, e foram para lá decidir o pleito.

No Calandula, estando eu em Malanje, succedeu morrer o potentado, e trataram os macotas de mandar adivinhar quem o enfeitiçára. Devo já prevenir que a maior parte da gente d'este povo são Ambaquistas ou d'elles descendentes. Apontados os feiticeiros, trataram de os obrigar a provar a sua innocencia; uma das mulheres, que tomou a tal bebida, inchou de tal modo que rebentou.

O chefe do concelho, tendo conhecimento d'este facto, foi logo ao sitio para proceder na conformidade da lei; na realidade já mais pessoas haviam tido a mesma sorte, e creio bem que se elle não fosse tão depressa mais victimas haveria.

Como recordação d'essa mortandade entregou-me o referido chefe dois paus eguaes, que enviei á Sociedade de Geographia de Lisboa, um dos quaes figuro, e a que chamam *mussengo ulaje,* sendo rematadas as extremidades por um reforço de ingredientes ligados por liames, pendendo de uma d'ellas no sentido do comprimento do pau varias pennas.

Era a estes paus que se dirigia o adivinhador, Ambaquista tambem, que foi pelo chefe mandado preso para cadeia, á dispo-

sição da Justiça, para saber quem eram os feiticeiros. O preso interrogado, já havia feito uma curiosa narração, em que provava que elle não era mais que um instrumento dos macotas, que quizeram desfazer-se do Calandula, para entrar um outro que elles protegiam no seu estado, e que as mortes dos feiticeiros eram indispensaveis para nunca se saber que foram os macotas que contribuiram para a morte do potentado.

Se bem me recordo, o sub-delegado não encontrou base para processar o preso, e a questão tornar-se-ia tão complicada quando a nossa justiça tivesse de nella se envolver, que julgo de toda a conveniencia providenciar-se desde já para casos identicos. Corre-nos o dever, desde que admittimos indigenas como povos avassallados e subditos nos nossos dominios, de prepararmos esses povos a sujeitarem-se ás leis portuguezas. Modifiquem-se estas na applicação ao gentio ou então não os admit-

MUSSENGO ULAJE

tamos no nosso convivio. É preferivel isso a coagir-se a nossa auctoridade a contemporisar, com o receio de ser desprestigiada por lhe faltar a força necessaria.

É tempo de educar devidamente os povos que vamos submettendo e sobretudo por forma alguma admittir que se inutilisem os esforços empregados pellos nossos antepassados, como por exemplo com os Ambaquistas, que voltando ás praticas gentilicas se tornam mais ferozes do que as actuaes tribus de gentios, dando pessimos elementos para a nossa administração.

A prova do juramento entre todos estes povos é tão assustadora, que as pessoas que a ella teem de submetter-se preferem declarar que são criminosos ou auctores do crime que se lhes imputa, a passar por ella.

Assim uma mulher a quem o seu companheiro imputára a culpa de não vingarem os filhos que d'ella nasciam quando o

terceiro morria poucos dias depois de vir á luz, foi considerada pelos adivinhadores como feiticeira. Quiz o homem que ella passasse pela prova do juramento e ella recusou. Em audiencia queixou-se o homem d'essa recusa e foi interrogada a mulher que declarou peremptoriamente, que não bebia o juramento, porque na verdade era feiticeira.

Escusado é dizer que os tumbajes tomaram logo posse d'ella e a levaram para as margens de um rio, onde a foram espatifar ás cutiladas, com grande alegria do povo que assistia á execução, que terminou por lançarem o cadaver ao rio, levando-o a corrente para ser devorado por algum jacaré.

Nos crimes em que ha provas para condemnar o accusado, não ha juramento; para o individuo que se encontra a roubar uma lavra não ha mesmo julgamento e o que o matar em flagrante não commette crime. A auctoridade da terra, tendo conhecimento de que uma pessoa foi morta em taes circumstancias limita-se a dizer: *suinda uafa mu candinga* «foi morto como um porco nas mandiocas».

Se o ladrão não é apanhado em flagrante, limita-se quem consegue agarrá-lo a expô-lo á execração publica, e quando é possivel suspendem-lhe ao pescoço os objectos roubados.

É tal a assoada e apupos que lhe fazem e são tantas as pauladas e martyrios que soffre durante o dia, que se consegue escapar-se foge para não mais voltar ao sitio.

São rarissimos os casos de assassinato sobretudo com premeditação, e tem uma attenuante o homem que mata a companheira que encontre em flagrante delicto de relações amorosas com outro.

Como se resolveu um caso de homicidio involuntario entre Quiôcos e Lundas já o disse, agora apresento um que se tornou horrivel pelas circumstancias aggravantes que se deram.

Um cacuata do Muatiânvua (pag. 184) teve em viagem os seus dares e tomares com a companheira e esta receando d'elle porque sabia que elle já tinha morto uma rapariga e um rapasito da sua comitiva, fugiu para casa d'um homem que mais ou

menos a requestava, e pode ser mesmo que já tivesse tido algumas relações com ella, porém pertencia á tribu do potentado em cuja povoação estavamos acampados. Quando fugira, de noite, levára comsigo o que lhe pertencia, não esquecendo toda a sua missanga e contaria.

O cacuata queixou-se ao Muatiânvua da fuga e do roubo e nesta questão tinha de ser ouvido o potentado da terra. Este indagando do paradeiro da mulher soube que ella entrára na cubata do homem para quem fugira, e segundo o costume partira umas poucas de cousas ao entrar na cubata e por conseguinte tornara-se desde esse momento escrava do dono d'ellas, tendo este de resgatar a mulher de quem até ali se considerava seu senhor.

Desejava o Muatiânvua de accordo com o potentado intervir, a fim de que o novo proprietario da mulher desistisse da antiga praxe e a entregasse, pagando o antigo senhor os destroços por ella feitos.

O homem querendo ser agradavel aos potentados promptificou-se a entregar a mulher.

O Muatiânvua mandou chamar o cacuata e disse-lhe que socegasse, que a sua companheira voltaria para casa, mas tinha a pedir-lhe que não a castigasse, por quanto estavam numa terra de um Muata grande parente de Muatiânvua e não queria complicações futuras com este.

Foi entregue a mulher ao cacuata e pouco depois de estarem em casa parece ter havido entre elles altercação relativamente ao occorrido, de que resultou, o malvado tapar a bocca á mulher com uma rodilha, deitá-la por terra e enterrar-lhe um pau de ponta aguda pelas partes genitaes até onde lhe foi possivel e assim a matou em poucos minutos.

O homem foi sentenciado á morte. Tive de intervir no caso a pedido d'elle e de seu filho, e confesso que bastante me repugnava interceder por semelhante malvado, a quem foi commutada a pena, para nós uma insignificancia, que se reduzia ao pagamento de quatro barris de polvora, duas armas lazarinas, dez pannos de riscado e de chita para o potentado da terra,

dando mais ao Muatiânvua o que entendesse. Deu-lhe a filha mais velha e este preferiu fazê-la aia da sua muári.

Em todo o tempo da minha commissão no interior, apenas conheci os dois casos apontados, um involuntario, outro pode dizer-se talvez devido á allucinação do ciume. São mesmo raros os ferimentos com faca ou ás pauladas. O povo tem as suas desordens, as suas bulhas, ameaçam bater, ferir e matar, jogam mesmo os paus como projecteis, mas tudo de longe. Se se approximam para luctar corpo a corpo dão expansão á sua colera gritando, saltando, ameaçando, fazendo muito espalhafacto, esperando sempre que alguem os separe.

Já assim não succede na nossa provincia. No pouco tempo que estive em Malanje, observei por causa de mulheres e tambem devido a bebedeiras, alguns casos de ferimentos graves feitos com facas, e quatro pessoas perigosamente feridas foram cuidadosamente tratadas pelo sub-chefe da Expedição.

Tambem sobre castigos corporaes apenas registei dois casos de mães baterem nos filhos.

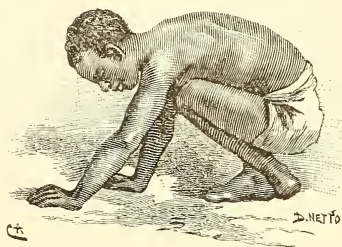
E convem notar que além da provincia, em toda a região central que se tem considerado como o mercado dos escravos, não vi entre estes povos o azorrague, a corrente, os cêpos, as forquilhas, emfim indicio algum que me demonstrasse a necessidade d'esses instrumentos de tortura, contra os quaes protestam com razão as nações civilisadas.

Se não fossem, infelizmente, as comitivas de negocio, que vão especialmente á Lunda incitar a ambição dos povos, pelos artigos de primeira necessidade que lhes levam, e para acquisição dos quaes estes nada podem offerecer senão gente; o observador menos perspicaz veria entre elles não o escravo, mas o serviçal que ainda assim tem assento á mesa dos patrões, veste as suas roupas, caça com as suas armas e como elle tem voto para as resoluções de negocios da tribu.

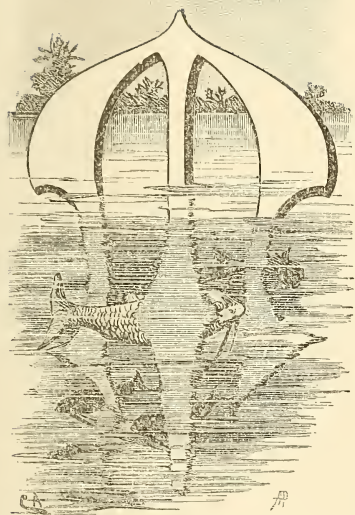
Os homens que na Europa querem concorrer de bom grado para essas associações anti-escravistas que se estão iniciando por toda a parte, antes de estatuirem as leis da associação sabem o que vão fazer? O que é que se pretende?

É facil dizer-se: aos nossos sentimentos humanitarios repugna a escravidão em Africa, vamos acabar com ella.

A escravidão, repito, tal como existe na parte occidental do centro d'Africa ao sul do Equador, é um modo de ser dos seus povos e para a existencia dos quaes é necessaria nas circumstancias em que elles se encontram. Se as nações cultas pretendem dar a toda essa grande região o desenvolvimento de que é susceptivel, para entrar em concorrencia com outras no convivio da civilisação; se pretendem pôr um termo á escravidão, isto é, evitar que o gentio vá ser escravo em terra estranha, offerece-se um unico meio, é evitar que o commercio europeu entre em Africa. Como porém não é possivel obstar a que elle entre em qualquer possessão europea, d'ahi sempre encontra agentes que o levem para o interior, e a permutação pela carne humana continuará.

Quanto a mim a mais proficua associação humanitaria sería aquella que conseguisse regenerar o preto pelo trabalho, creando-lhe necessidades e educando-o para elle poder satisfazê-las, e que finalmente o encaminhasse para concorrer comnosco no aperfeiçoamento geral da humanidade a que todos queremos chegar.

CAPITULO VIII

USOS E COSTUMES MAIS NOTAVEIS

Cuidados com as mulheres no periodo da gravidez; nascimentos; manifestações ruidosas por essa occasião — Imposição do primeiro nome ao recemnascido; periodo da sua amammentação; mudanças que se dão na mulher depois do primeiro parto — Uso da circumcisão para ambos os sexos; imposição de nomes novos; a circumcisão como requisito indispensavel para a investidura na auctoridade — Cognomes de caça; caçadas; queima do capim; modo de tratar a carne do cavallo marinho; falta de sal; avidez pela comida animal; uso excepcional de comer carne de cão entre os Bângalas; epoca das caçadas; culto do seu patrono; emprego do veneno na caça e na pesca — Saida dos potentados; composição do seu sequito em visitas e em jornadas — Maneira de indicar os trilhos em marcha; aptidão dos guias para se orientarem; repugnancia do preto em marchar de noite — Auxilios prestados aos doentes e impossibilitados de caminhar; exemplos de dedicação e de reconhecimento pelo beneficio recebido — Trabalhos agricolas; colheitas; tratamento da mandioca e preparação do infunde — Da alimentação em geral; refeições e usos que lhe dizem respeito — Luctas ou guerras entre os indigenas; imposição de nomes de guerra — Jogos; danças e cantigas — Progresso industrial comparado em differentes tribus — Casamentos; praxes observadas pelo noivo — Casos em que se faz a venda da mulher; sua situação na tribu — Modos de expressar affeição — Polygamia — Ganho com as mulheres da familia ou da tribu; punição da que se entrega sem auctorisação do seu senhor; casos de *upanda* — Bandos e pregões; correspondencia a distancia por meio de instrumentos de pancada — Causas de doença ou de morte — Unturas e pinturas da pelle como preservativos — Tratamento de certas doenças — Adivinhos e curandeiros — Obitos; nojo; ceremonial observado nos enterramentos — Varias maneiras de dispôr dos cadaveres — Visitas de pesames; culto pelos mortos — Adoração do *Zâmbi* ou Ente Supremo — Conclusão.

uito difficil é conhecer bem as leis e costumes de certos povos civilisados, a comprehensão dos quaes é de grande importancia quando se pretende estudar devidamente esses povos; as difficuldades augmentam porém quando se trata de povos sem cultura, longe da civilisação, pois para se conhecerem os seus costumes, que entre elles constituem lei, é necessario além de uma observação persistente, um systema de registo especial e minucioso, e uma paciencia não vulgar.

E o estudo do viver dos povos selvagens recommenda-se, para melhor se comprehender o dos povos civilisados.

Seguirei apresentando as minhas observações taes quaes as escrevi na occasião, sob a influencia do que mais me impressionou, comquanto a ordem que observo, não seja rigorosamente scientifica.

Poderia, á proporção que dou conhecimento de um costume, compará-lo com outro analogo de povos já estudados da antiguidade, e que pode ter com elle uma tal ou qual semelhança, mas isso mesmo me obrigaria a desviar do fim que tenho agora

em vista: — narrar singellamente o que observei sobre o individuo desde que nasce, sujeito aos costumes da tribu e do estado a que pertence.

Logo que a mulher entra no terceiro mez de gravidez, principiam a manifestar-se os cuidados dos paes, consultando os angangas, para conhecerem os successos futuros, e fazendo remedios que teem por indispensaveis para encaminhá-los a bom exito.

Os adivinhos aconselham o que devem fazer os paes para contribuirem para esse bom exito, indicando os idolos especiaes que se devem propiciar, para se não levantarem difficuldades no curso regular da gravidez, e obstar a que os feiticeiros possam exercer influencias funestas no animo da mulher, e inutilisar todos os esforços que se empregam para um parto feliz.

As ceremonias com os idolos e os remedios applicados á mulher e contra os feitiços, que se não conhecem, mas que se procuram desviar, renovam-se em todas as phases da lua.

Na occasião em que se pronunciam os primeiros symptomas de parto, todos os cuidados são poucos para conjurar os maleficios destinados á mãe ou á criança, e correm logo para o pé da parturiente todas as mulheres, parentas e vizinhas que já passaram por esse transe, na intenção cada uma de a auxiliar, e por isso todas fallam indicando o que se deve fazer.

Os adivinhos permanecem fora com o pae, espalhando pelos arredores remedios contra feitiços, e dirigindo aos idolos as suas deprecações; a um pedindo que não quebre os braços á criança, a outro que lhe não quebre as pernas, a um terceiro que a deixe trazer bons olhos, etc., e tambem a outros com referencia á mãe para que não fique aleijada, para que recobre força, etc.

No momento critico, a algazarra e a bulha tornam-se verdadeiramente infernaes; os adivinhos e outros chegam a saltar para cima da morada onde está a parturiente, com paus e objectos de ferro batendo uns de encontro aos outros, ao mesmo

tempo que bradam para animarem a mulher, que está soffrendo, e esta bulha ainda augmenta quando o parto é difficil, porque a maioria das mulheres deixam a parturiente para na rua gritarem, gesticulando de braços para o ar como que affastando o influxo do mau idolo ou do feiticeiro, que não deixam vir a criança á luz.

A parturiente põe-se de bruços, segurando-se com ambas as mãos a uma trave de madeira, que de proposito se collocou atravessada de uma a outra parede da cubata, e faz todos os esforços para a criança nascer, emquanto fora se faz aquelle barulho de ensurdecer para a animar.

Quando a criança apparece, ha grandes palmas na cubata para dar signal aos de fora, os quaes demonstram a sua alegria com assobios, saltos, tiros, indo todos em seguida dar parabens á mãe e ao pae; aquella fica depois em sossego, e o pae trata logo de se sentar á porta, esperando os parentes e amigos, e para quando a mãe tenha repousado lhe apresentar algum alimento, que estes lhe hajam trazido de presente.

O nascimento de um filho, principalmente do primeiro, é uma das maiores festas para o casal; todos os parentes, ainda os mais pobres, depois de verem a criança, vão arranjar pelo menos o seu presente para ella, e os que podem trazem-no tambem para os paes.

Nos primeiros dias não se faz comida no casal; os parentes ou vizinhos encarregam-se de a apresentar.

Passados alguns dias, nunca menos de tres, que dão para descanso da mãe, os parentes que veem chegando, e mesmo os amigos, ficam para as festas que duram algum tempo, e que consistem em dançar, e em consumir as offertas de comidas e bebidas que se teem recebido.

Se o parto foi de gemeos e feliz, a alegria sobe de ponto, e a mulher é muito considerada, e toma o titulo de *Na Passa;* e é do rito fazer-se-lhe uma casa de proposito, afastada do lar conjugal, para bem criar os seus filhos.

O seu companheiro pode lá estar durante o dia e comer com ella, porém de noite volta para a casa antiga.

Em geral dão preferencia aos filhos do sexo feminino, por que dizem, que são estes os que se encarregam de augmentar a prole, emquanto que os machos vão augmentar a de outros, e ás vezes mesmo sem o saberem.

São sempre os primeiros partos que apresentam mais difficuldade para as mulheres. E se uma conheci, que ainda no terceiro exigiu tratamento serio, noutras era para admirar a facilidade com que tinham as crianças, e aos pares. Uma por exemplo, estando em viagem, caminhando ella a pé e com a carga, sentou-se com as companheiras á sombra de uma arvore para descansar; e antes da noite, horas depois de eu ter acampado, veiu apresentar-me uma nova filha da Expedição. Era o convite para ser seu padrinho, encargo a que não podia esquivar-me, sendo baptizada em Malanje com o nome de Julia.

A criança recebe o seu primeiro nome, logo que a mãe lhe dá de mammar, é o nome de leite; e quando os parentes veem felicitá-la, as festas que então se fazem podem chamar-se as do baptizado, porque nas suas cantigas já entra o nome da criança, o que indica o reconhecimento d'esse nome pelos parentes e pela tribu.

Ao contrario do que succede entre outros povos, não são os paes nesta região que dão o nome aos filhos, e sim estes que reunem ao seu nome de leite o da mãe; assim dizem os Xinjes: Mucanzo Mahango, a mãe era Mahango; nos Quiôcos: Andumba Têmbue, a mãe era Têmbue; na Lunda: Noéji Macanda, a mãe era Macanda; porém em Mataba o appellido é o do pae: Muteba Ianvo, o pae era Ianvo.

É certo tambem que, se quando a criança nasce occorreu um caso notavel, ou chegou ao sitio uma visita de importancia, a criança torna-se commemorativa do facto, ligando ao seu nome aquelle com que dão idea d'isso.

As crianças em geral mammam até muito tarde, dois e tres annos; andam já algumas a brincar, e quando se lembram veem a correr em busca da mãe, trepam e ajeitam-se-lhe no collo, procurando o peito que as satisfaça.

Na verdade isto não passa de uma gulosceima, porque é rara a mãe que ao fim de um mez não dá ao recemnascido caldos grossos do amido da mandioca, quando não bolas de infunde, que o obrigam a chupar.

As mães em geral teem pouco leite, porém algumas ainda assim precisam fazê-lo seccar, e para isso collocam sobre os peitos uma cataplasma de folhas amargas pisadas.

A criança sendo desmammada, já não dorme com os paes; passa para outra habitação, não deixando comtudo de acompanhar a mãe até os sete ou oito annos.

Não devo esquecer mencionar que a mulher depois do primeiro parto engrossa de cintura, e depois da amammentação fica com os peitos pendentes, e nalgumas tomando proporções volumosas por andarem soltos. A cataplasma a que nos referimos, contribue talvez para produzir a flaccidez e achatamento que ali se vêem em muitas mulheres.

É tambem já em adultas que as coxas principiam a engrossar de uma forma desproporcionada com o resto da perna, e julgo ser este caracter proprio da raça, porque se nota em todas as tribus que conheci.

Os rapazes dos sete para os oito annos, e as raparigas pouco antes da puberdade são circumcidados, e depois d'essa ceremonia os rapazes tomam um outro nome, que muitos substituem ao de leite, o que nas raparigas se faz tambem; porém com estas o geral é não mudarem o seu primeiro nome.

São os paes que entregam os rapazes naquella idade a um anganga da especialidade para a ceremonia da circumcisão, que dura de uma determinada lua a outra. O anganga, tomando conta d'elles, leva-os para uma casa distante da povoação, a que chamam *mucanda,* e onde elles se conservam em liberdade com os companheiros, mas não tendo relações algumas com o exterior.

A comida é preparada pelo proprio anganga, e a agua é acarretada por elle do rio durante a noite, para as necessidades do consumo diario.

A esta ceremonia chamam elles *cata mugongue*, e faz-se sempre a um grupo de rapazes, a que chamam mucanda de tal epocha. A mucanda é assignalada por algum facto extraordinario, podendo até ter um nome de animal não vulgar, morto na occasião por um caçador, o nome d'este caçador, o nome de algum outro animal que tenha causado desgraça devorando alguma pessoa, como o jacaré, o leopardo, a onça, etc., um nome que se deu a uma visita estranha, á escassez de um genero de producção, que dizem fome de tal producto, etc. A ceremonia termina pelo corte do prepucio.

Em toda a região da Lunda ninguem pode ser senhor de Estado sem ter passado por essa operação.

Em Cassanje estabeleceu-se esta imposição só para o Jaga, e por isso entendeu-se dar fim ás ceremonias da posse com este preceito. Succede que o Jaga eleito é sempre um homem já de idade adeantada, e os que tem querido sujeitar-se a esta operação morrem dias depois.

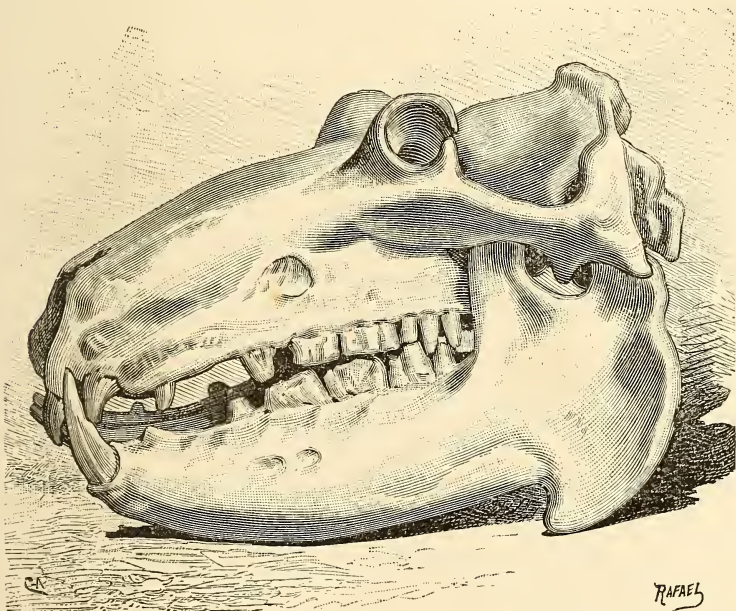
Quingúri, com quem mantive relações e que era um dos descendentes do primeiro Jaga, irmão de Luéji, mãe do primeiro Muatiânvua, ainda em rapaz numa das suas viagens á Lunda, entendeu que devia fazer a operação para d'ella ficar livre quando lhe pertencesse ser Jaga, mas disse-me algumas vezes, que tinha seus receios de que os *maquitas* (os principaes de Cassanje) não quizessem admitti-lo, por estar já circumcidado, mas que nesse caso iria a Loanda pedir o auxilio de Muene Puto, porque não podiam negar-lhe o Estado.

A ceremonia das mulheres chama-se *cata quiuíla*, e consiste na ablação dos grandes labios, que nas mulheres brancas são menos salientes.

Dá-se o nome de *quiuíla* a um idolo a quem se devem offerecer os despojos da operação, para não obstar á geração. Construem umas cubatas proprias para elle, onde as mulheres se demoram, para o cumprimento do preceito e com o seu consentimento, o tempo necessario, que se conhece pelo andamento regular da cicatrisação. Umas demoram-se mais tempo que outras nessas ceremonias, e então dizem que o idolo não

estava satisfeito com as dadivas que lhe levaram, e que foi preciso reforçá-las com outras.

É uma mulher já de idade que procede á operação, e ella convence as raparigas que, o que se cortou é entregue ao idolo para lhes não mandar doenças e permittir-lhes que sejam fecundas.

Como disse, as raparigas recebem tambem um nome por esta occasião; mas como se envergonham de dizer que tive-

CRANIO DE CAVALLO MARINHO

ram necessidade de ir ao quiuíla, é rara aquella que d'elle faz uso.

Além d'este baptismo, os rapazes ainda podem ter dois, um de *caça* e o ultimo, o mais apreciado, de *guerra*.

Os rapazes logo depois de circumcidados, acompanham os parentes caçadores á caça, e no mato prestam, e bem, o serviço dos nossos cães.

Assisti a uma d'essas caçadas na margem do Lulúa, em Muene Capanga, a que chamavam grande caçada, para a qual fui convidado pelo potentado, e de que fizeram parte doze homens da minha comitiva.

Em grande planicie coberta de capim, espalharam-se numa das cabeceiras todos os rapazitos, formando uma extensa linha em curva, a tocarem as extremidades nos arvoredos lateraes. Os caçadores foram tomar posição no lado opposto e a uma grande distancia, virados para os rapazes, que caminhavam para elles batendo as palmas, e de quando em quando gritando e assobiando.

Isto realizou-se á força do sol, quando os animaes procuram o capim para se pouparem á sua ardencia; ao serem sobresaltados pela bulha dos rapazes fugiam, e os caçadores vendo algum perseguiam-no. Recolhemos perto do sol posto, tendo apanhado dois porcos silvestres muito bons e um veado que não era pequeno.

Acostumam-se assim os rapazes a estas diversões fatigantes, e a conhecerem pelos trilhos a qualidade da caça, epocha da passagem e caminho em que anda, e quando já podem fazer uso da espingarda, procuram os mestres para lhes fazerem *uiangue* (*uĭaĝe* «remedios»), e lá vão caminhando a seu lado para completarem o aprendizado.

Em se tornando distinctos como caçadores, são os mestres que lhes dão o nome de caça que juntam ao seu como: — *muxaíla, muhongo, chitembo,* etc.

Todos estes povos caçam mais ou menos, e ha alguns bons caçadores, principalmente entre os Quiôcos e no Lubuco.

O melhor tempo para caçar, é depois de cessarem as chuvas; mas ninguem o pode fazer em qualquer dominio sem os potentados procederem á ceremonia da queima do capim, o que se effectua nos logares em que se tenha já annunciado apparecer caça, e ora aqui, ora acolá, faz-se parcialmente a queima, ficando o capim ás manchas, para sombras, e o que se destroe é substituido em poucos dias pelo brando que cresce bem, e que os animaes procuram de preferencia para seu alimento.

Quando a caça tenha sido batida nos logares em que já se fez a primeira queima, isto é quando o tempo está mais fresco e o capim mais secco, em fins de maio e junho, faz-se uma nova queima, mas então é toda a eito.

As margens dos rios sempre são mais poupadas do fogo para pasto dos cavallos marinhos, caça de grande estimação para os indigenas, por ser animal mais corpulento e rendoso; mas a sua carne apodrece facilmente em dois dias, o que pouco lhes importa. É o tempo geralmente indispensavel para tirarem o animal do rio, limparem-no, dividirem-no em pedaços para o transportar para o sitio a que pertence o caçador.

Os mais cautelosos defumam logo a carne no logar em que a retalham, e podem conservá-la por mais tempo. Abrem grandes covas na terra, onde queimam, no fundo, toros de madeira e sobre a abertura fazem uma especie de grelha com troncos delgados, e sobre ella expoem a carne ao fogo.

Eu comi na margem do Cuango um bife da carne de um cavallo marinho (V. pag. 20), que alli matou um dos nossos caçadores; mas esta carne teve os temperos indispensaveis, e não me soube mal.

Á falta de outra carne comi muitas vezes d'esta.

Os indigenas apreciam muito as mãos d'este animal, de que me não appeteceu provar, o que attribuo a ter-me nauseado com o cheiro de umas já putridas, que me trouxeram á cubata quando as quiz desenhar.

Em compensação dias depois ainda no mesmo acampamento, o meu cozinheiro Marcolino presenteava-me com uma *muhanda* que elle tinha morto; bonito animal, que consegui desenhar tambem, e cuja carne é delicadissima.

O macaco pode dizer-se que é caça vulgar; o indigena prefere, e com razão, para comer d'entre os quadrumanos a carne das *pelumbas,* que chegam a ter grande corpulencia.

Eu já havia comido na ilha de S. Thomé carne de macaco, mas arranjada como se fosse de lebre, e confesso que fui illudido e depois chasqueado pelos meus commensaes, a quem dias antes asseverára que nunca comeria semelhante iguaria.

Repugnava-me a idea de que na viagem ia comer carne de macaco, de mais a mais sem ter os temperos convenientes, ainda assim comi d'ella. É adocicada, e ainda mais o figado.

A pelumba que figuro foi morta pelo contractado de Loanda Adolpho.

O *chibonde* e o *suína* (porcos de mato) são bons e teem bastante gordura; o *muiéo*, que é o *mabeco* de Angola e ladra como os cães, tambem foi caça que nos appareceu em Mataba e no Luambata, mas em pouca quantidade, e repugnou-me por ser enjoativa, e ainda mais por eu já não ter sal para poder temperá-la.

Os animaes mais communs como caça são o *angolungo* (*ãgo-lũgo* «veado»), *ancai* (*k̃aĭ* «corça»), *ambau* (*b̃aŭ* «boi»), *sócu* e *quipacassa* (*soku, kipakasa* «antilopes»).

Pelo que respeita á alimentação d'estes povos, a epocha mais feliz é a dos mezes de maio a outubro, em que apparece mais ou menos caça e em que os rios começam a baixar trazendo muito peixe. É o tempo das colheitas e em que pelo seu desenvolvimento, facilmente se descobrem os tuberculos que o solo lhes offerece expontaneamente, e que são na verdade bons, lembrando alguns a batata ingleza, e outros o inhame; mas são tão imprevidentes que se não lembram de os replantar e fazer desenvolver. É a estação em que os cogumellos tomam enormes proporções, em que os ratos, as lagartas de arvores, os gafanhotos, os salalés e outros insectos abundam, e lhes proporcionam depois de seccos ao sol, um recurso para se supprirem na epocha das grandes chuvas.

A falta de sal é muito sentida entre os povos de toda esta região para lá do Cuango, e supprem-na com pequenas quantidades que, de quando em quando obteem d'essa substancia, nos residuos da queima de uma certa qualidade de capim.

Dizem elles que as carnes putridas se prestam mais facilmente a ser digeridas do que as frescas, mas estou convencido que se elles tivessem sal para as conservar de certo as não comeriam naquelle estado.

ESPECIES DE GAFANHOTOS

Recorrem ao fogo para defumar as carnes, mas geralmente isso faz-se quando já começa a corrupção, e na maioria dos casos não se pode dizer que seja de proposito, e sim pelos dias que decorrem para o seu transporte do logar em que se abateu a caça até á residencia do potentado a que pertence o caçador.

E convenço-me tanto mais d'isto, que matando-se um animal domestico numa povoação, a alegria e o enthusiasmo é tal que desde esse momento até que a carne de todo desappareça, o grito geral e expontaneo, é: carne! carne!

Se a carne é vendida a retalho, todos se desfazem do que teem, e vão empenhar-se para comprarem uma porção por minima que seja.

Na avidez pela carne, não sei o que hei de mencionar em primeiro logar, se a gente que rodeia o animal que se está dividindo, se os cães. É uma lucta entre uns e outros por uma gota de sangue, pelo mais microscopico pedacito que conseguem apanhar, com risco de pancadas, e ás vezes de um golpe da faca com que se está limpando ou cortando o animal.

Até pelo que pertence ás entranhas ha conflictos e desordens, para se decidir quem ha de levar a maior parte!

Mas esta soffreguidão pela carne é um caracteristico da raça, e não de um povo ou de uma tribu; observei-a no indigena africano desde Loanda até ao Calânhi, e o mesmo tem notado todos os exploradores ao norte e ao sul da região que visitei.

Não posso, porém, deixar de confessar que estranhei que sendo geral esse caracter, só os Bângalas da margem do Cuango, mais em contacto comnosco e ha seculos, fosse a unica gente que conheci, comendo carne de cão domestico.

Chegam a levá-los nas suas comitivas para o interior já com esse proposito, porque preferem essa carne á dos ratos. Consideram mesmo desprezivel quem come este roedor, e foi por isso que alcunharam o povo de Capenda, seu vizinho na margem direita do Cuango ao norte, de *maxinje* (ratos).

A minha admiração apenas se dá, pelo facto dos Bângalas pertencerem á familia que occupa a região de que trato, e que

não teem tal uso, sendo elles os que além de mais proximo de nós, manteem constantes relações comnosco. O facto em si não era para mim de novidade, porque vi alguns Chins em Macau comerem carne de cão, ainda que elles dizem ser só do de lingua preta.

O Muatiânvua, e em geral os potentados de lucano e miluína, quando vão para as caçadas, se é para longe das suas residencias, fazem-se acompanhar pelas suas comitivas, e estabelecem acampamento no logar em que se determinou fazer a caçada do anno, a fim de se recolherem provisões para a epocha das chuvas.

Nas vesperas os caçadores tratam de fazer os chamados remedios, invocando os idolos especiaes, e isto denominam *uianga,* para o bom exito da caçada a que se propõem ir.

Estes remedios applicam-se apenas exteriormente ao corpo do caçador, e d'elles usa tambem uma das suas mulheres predilectas, que por esse facto fica sendo *Na Caianga* (senhora que participa no voto).

Esta mulher não acompanha o caçador, mas se não resistir a qualquer tentação que possa dar motivo a perturbar-se a paz domestica, isto é, se descura da mais insignificante cousa que possa interessar ao lar, se procura distracções sobretudo com outros rapazes, embora essas distracções não passem de uma dança ou de uma simples conversa, é certo, dizem elles, que o caçador erra as pontarias, e passa por caminhos em que tem andado a caça sem a ver.

Se o caçador volta em dias successivos e a sua infelicidade se repete, está decidido, a culpa é da Na Caianga, e elle regressando para junto d'esta, exige logo que lhe confesse tudo quanto fez na sua ausencia, quer de noite quer de dia; e se desconfia ou está prevenido de alguma cousa que ella lhe não confessou, chega a amarrar-lhe as mãos atrás das costas até confessar tudo.

D'aqui se originam questões importantes, chegando a haver o repudio e a venda mesmo da mulher, além do crime que ha

a pagar se houve quem a tentasse. O crime consiste no prejuizo da uianga e das peças de caça que o caçador perdeu por erro de pontaria, ou das que deixou de ver, e de que havia indicios nos caminhos em que transitou.

O idolo é o *mundele*, figura tosca de madeira, que tem ao pescoço fiadas de missangas miudas e que está dentro de umas pequenas cubatas á entrada do mato e á beira de um rio ou riacho. Vêem-se algumas vezes dois d'estes idolos, um de cada lado do caminho que vae para o rio.

Quem passa junto d'elles respeita-os, e aquelle a quem mais interessa o seu culto, se por casualidade tem de ahi passar ou se os vae procurar, leva comsigo uma porção de fuba e uma porção de ginguba. Chegando ao pé do idolo lança a fuba de modo a formar uma cruz em que a cubata fica no centro, e sobre a fuba põe a jinguba em monticulos aqui e acolá.

O mundele do Muatiânvua está numa cubata grande e aos cuidados de um guarda, havendo ali proximo tres ou quatro cubatas proprias para ahi residir o Muatiânvua.

Quando é chegada a epocha da queima dos matos, e o Muatiânvua a annuncia em audiencia *cuínhi cuoxi uampata* (*kŭiñi kŭoxi ŭap̃ata* «queimar as lenhas do mato»), todos tratam de se preparar para a partida, e o Muatiânvua nesse mesmo dia, depois da audiencia, vae para junto do idolo, onde ninguem o vae perturbar, e só falla a quem manda chamar; mas a companheira que já o não deixa até ao regresso da caçada, a Na Caianga, essa só falla com elle e foge de ser vista por estranhos.

Considera-se logo em *malala*, isto é, não falla com pessoa alguma senão com o Muatiânvua, e é tal o receio que se lhe possa attribuir a mais pequena contrariedade, que prefere não sair da residencia cercada que se lhe destinou ao lado da que é occupada pelo Muatiânvua.

O Muatiânvua pela sua parte, durante todo esse tempo não tem relações com outras mulheres, nem mesmo com a sua muári, e só recebe comida cozinhada pela Na Caianga, e a bebida que ella lhe apresenta; porque, para os indigenas é

ponto de fé, e nisto mais crentes são ainda os gentios, que os olhares de estranhos sobre a sua comida e bebida podem transformar estas em veneno.

Assim se explica a razão por que se veem alguns potentados, e principalmente o Muatiânvua, abrigados da vista dos curiosos, quando comem ou bebem.

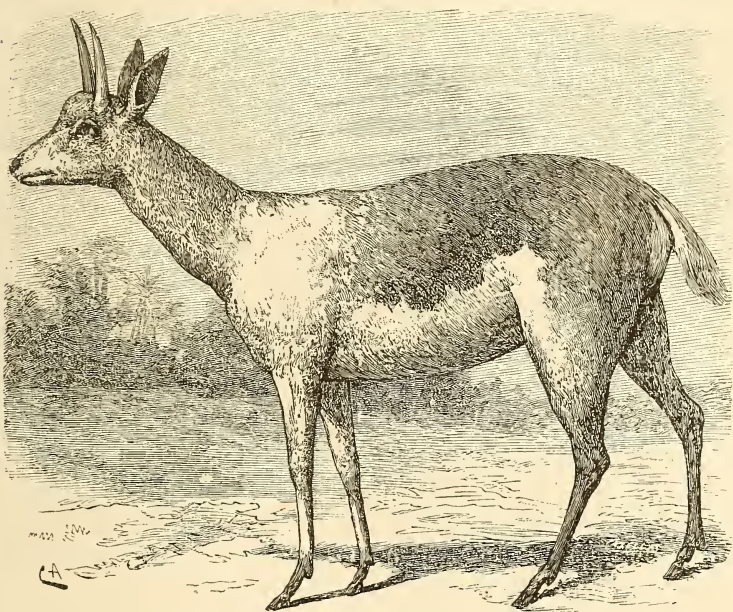
Costumavamos nós tomar as nossas refeições ao ar livre, sempre que o tempo o permittia, porque o calor era insuppor-

MUHANDA

tavel nas nossas barracas de lona, e isto em principio causou bastante impressão ao Muatiânvua, que muito particularmente foi pedir ao nosso interprete para nos prevenir de que comessemos nas barracas, pois o olhar dos curiosos sobre o que iamos comer nos podia ser fatal, porque entre elles podia estar algum feiticeiro.

É só depois de estar o Muatiânvua alguns dias em oblações aos idolos que lhe merecem mais devoção, que volta á sua

anganga, e pelo toque do mondo faz annunciar a toda a côrte o dia e hora da partida para a excursão venatoria. Como a ordem seguida nas marchas é sempre a mesma, neste titulo fica comprehendida a que se segue para as jornadas, visitas, etc.

Pouco se caça no tempo das chuvas, principalmente quando as capins teem attingido a grande altura; mas ainda assim ha caçadores felizes, que, por andarem sempre prevenidos com a sua arma obteem alguma caça.

ANCAI

Ha ainda quem use com vantagens das flechas e das maças na caça; porém apontam-se os que se teem distinguido com as maças, pelo facto de serem curtas e ser necessario expôr-se o caçador a luctar corpo a corpo com o animal, o que é devéras perigoso, principalmente sendo animaes ferozes.

É preciso haver muita certeza na pancada para o animal cair logo, e poder o caçador tirar immediatamente partido d'essa vantagem.

Com respeito ás flechas, pode dizer-se que entre os povos por mim visitados, pouco se usa hoje d'ellas, a não ser nas armadilhas; porém os Uandas teem ainda a flecha como a sua *uta* («arma»). A folha de ferro é envenenada, uns dizem com um veneno muito subtil vegetal, outros com peçonha de cobra.

Nos ultimos annos os Quiôcos deixaram de ir fazer incursões áquelles povos, porque dizem elles que os Uandas collocavam entre o capim pequenas pontas de ferro envenenadas, que feriam os pés dos expedicionarios e de que resultava grande mortandade.

As flechas que os indigenas em geral usam nas armadilhas, bem como a isca que collocam nas de peixe, são untadas com succos de certas plantas, que elles dizem venenosas para o animal, mas cujo veneno se localisa na parte offendida que elles reconhecem pelas manchas e que deitam fora, comendo o restante sem receio de que lhes faça mal.

Em geral os grandes potentados poucas vezes saem em passeio, a não ser para alguma visita, e poucas são as que fazem. Na Lunda o Muatiânvua só visita a Lucuoquexe, ou algum negociante, principalmente se este é branco. E saem poucas vezes a passeio para não incommodarem os seus quilolos.

Mesmo em casos ordinarios a comitiva do Muatiânvua é grande, porque além dos servos de sua casa, acompanham-o sempre os quilolos que estão com elle, e á saida da anganda vão-se encorporando na comitiva os que o vêem partir.

A maior parte das vezes o quilolo dispensa a sua gente de o acompanhar quando vae para visitas, porque o povo das comitivas aproveita-se sempre da agglomeração de gente para roubar alguma cousa por onde passa.

Em geral dá-se o mesmo com os Quiôcos, Xinjes e até no Lubuco, e por isso os grandes potentados para evitarem confusões e queixas, só por muita necessidade saem fora da sua chipanga para visitas e para as lavras, e procuram fazê-lo o mais particularmente possivel. Vão quasi sempre a cavallo num chimangata, que é o servo adstricto a este serviço.

O Muatiânvua, apesar de reduzir muito a sua comitiva, sempre leva o Muitía ou o seu representante, o seu Suana Mulopo, Muene Têmbue e ás vezes filhos de Muatiânvua, além dos seus *mona uta* e *muadiata,* e seguem-se os tuxalapólis armados e os servos que lhe trazem a pelle, banco ou cadeira se tem, a mutopa, mupungo, a sua arma, o seu mucuáli, o chisseque e o chissanje. Se a muári o acompanha, então veem tambem as suas amilombes ou damas.

Muitas vezes tambem o acompanha o tocador de chinguvo, e cantadores e moços de serviço com as diversas insignias do Estado, e presentes que tenham recebido para elle de mais apreço, e isto nota-se tambem com os grandes senhores de terras. O Caungula, quando ia cumprimentar o Muatiânvua, ou ia para as lavras, era acompanhado de rapazes, levando um na cabeça o chapéu armado que eu lhe dera, outro uma pistola, outro uma caçadeira, outro uma espada, etc., além de outros que levavam cousas proprias do Estado.

Parecia que elle tinha em pouco apreço aquelles objectos que a Expedição lhe dera, e fui informado do contrario, porque assim mostrava a sua grandeza, e isto verificou-se com outros potentados com quem fui entabolando depois relações, e com o Muatiânvua; e vi depois na mussumba do Calânhi que o Muatiânvua Mucanza e depois o Umbala, interinos, levavam sempre na frente a grande cadeira de espaldar que lhes dei, para ser posta no logar em que se queriam sentar.

Para jornadas vae tudo, e seguem então a ordem da chipanga, indo o Muatiânvua na *môuha* ou palanquim que é transportada por doze a dezeseis homens. Os quilolos dos lados da chipanga tomam os seus logares ao lado do palanquim, ficando entre esta e os quilolos os servos que conduzem as insignias e mais cousas do Muatiânvua, e atrás as suas raparigas que levam espingardas, polvora, flechas e ainda facas que pertencem ao soberano.

Seguem, atrás d'estas, os homens que herdaram os titulos de animaes, e os imitam mesmo fallando com o Muatiânvua;

depois os tuxalapólis armados, e todos os cantadores e musicos com os instrumentos, os tumbajes com as suas armas e facas, e o *cambúia* (*kabuĭa* «algoz») e fechando o cortejo o mazembe com todas as suas forças. O que respeita á cozinha vae com o mazembe.

O povo do méssu principiando pelo calala, forma a guarda avançada, este anda sempre correndo na frente, ora para trás ora para deante, apparecendo de quando em quando a dar parte de que o caminho está desimpedido e pode passar o Muatiânvua sem receio.

O guia da marcha, e isto é geral mesmo no interior da nossa provincia, que conhece os trilhos, para que não haja engano dos que o seguem, quando se apresentam diversos trilhos na sua frente, deita ramos de folhas sobre aquelles que se não devem seguir, e isto quer dizer que se fecham aquelles caminhos e se continua a marcha pelo que está aberto.

Na caça, ou mesmo numa marcha pela floresta, o que vae na frente e deseja que o sigam, ou é encarregado de encaminhar os companheiros, vae quebrando ramos de arbustos e mesmo de arvores deixando-os pendentes, e muitas vezes, se traz machadinha, o que é frequente, marca os troncos das arvores com riscos cruzados ou corta-lhes uma lasca da casca.

Estes signaes são uteis, e teem livrado os que por qualquer circumstancia se atrasaram, de se perderem no caminho.

O indigena é muito pratico na orientação de caminhos; eu chegava a espantar-me como muitos me diziam: não é por aqui é por ali. Queria informar-me do motivo; ás vezes era questão do modo porque uma folha estava no solo, outras pelo mexido da terra, ainda outras pelos vestigios de dedos de pés, que eu confesso, que por mais que me mostrassem não chegava a distinguir em alguns trilhos.

Muitas vezes dizia-se: isto é um rio; e eu apenas via uma pequena depressão de todo secca, d'onde concluia que muitas linhas de agua e riachos, que eu já havia figurado no meu itinerario, em uma epocha de anno desapparecem e quem sabe, se não se apresentarão em outro logar com nome diverso.

A Muári vae montada sobre um homem ao lado direito do palanquim, com todo o seu povo.

A Lucuoquexe vae do lado esquerdo um pouco á frente.

As jornadas do Muatiânvua effectuam-se geralmente para caçadas a dois ou tres dias de distancia da mussumba, ou então para a guerra, e neste caso a comitiva é grande, porque se lhe aggregam os quilolos de fora da mussumba, e todos levam as suas mulheres, e estas carregadas de facas, flechas, polvora e mesmo de espingardas.

Estas jornadas são sempre más para as povoações por onde passar a comitiva, porque com certeza ha roubos, e ninguem se queixa com receio da morte, e os povos na maior parte fogem para não soffrerem ainda em cima pancadas ou alguns ferimentos.

No Lubuco as jornadas dos grandes são ainda de mais respeito para os povos, porque já sabem que aquelles não saem da rede (estes e tambem alguns Quiôcos já usam rede), sem que venha o chefe da povoação trazer-lhes bons presentes, geralmente comida para elles e comitiva. E se ha demora, lá vae a bandeira lembrar que o potentado está demorado e não pode sair da rede.

Com os Quiôcos dá-se o mesmo. Tambem os Muana Anganas no Xinje não podem sair da sua residencia, aliás fogem os da povoação, porque julgam que elles vão levar-lhe a guerra, e já sabem pelo menos que as suas lavras são roubadas.

Não marcham estes povos, não viajam, nem guerreiam de noite, e isto por diversos motivos: — receio das feras, não poderem evitar troncos, paus ou covas no caminho, e os espinhos em que possam rasgar as carnes; em guerras porque se não distinguem os amigos dos inimigos, sendo certo que mesmo de dia elles procuram distinguir-se com signaes bem evidentes na cabeça, para no furor da lucta não ferirem os companheiros, e finalmente porque elles entendem que a noite é para descanço e que não se devem incommodar.

Numa occasião uma força de Lundas, que era despachada para uma diligencia, e esperava ter lucta ou guerra como

chamam, com os da povoação onde se tinha de fazer a diligencia, vieram pedir-me quadrados de papel igual para pôrem na cabeça, a fim de se conhecerem mutuamente.

Elles teem mesmo um anexim que empregam com frequencia, para mostrarem que a noite é para repouso: *échi uasuta ni uchuco uacádi cusula? mema ma uíto* «o que é que passa de noite sem parar? A agua do rio».

Se alguem adoece em marcha, não fica abandonado, ha sempre um parente ou um amigo que o leva ás costas, embora tenha de andar leguas, e preferem isso a que o doente seja transportado numa rede ou padiola, que se pudesse improvisar, o que seria menos penoso para elle e para quem carrega com elle: — porque assim só vão os mortos para a cova, e fazê-lo seria querer mal ao doente.

Registei alguns casos d'estes, até com os carregadores da minha Expedição, que soccorriam os do seu fogo.

No Luambata, um dos carregadores de Malanje, encontrou sua mãe e irmãos que o quizeram acompanhar, e como a velha, passados uns dias de marcha, não pudesse já caminhar por causa das feridas que lhe appareceram nas pernas e pés, elle não só cuidava da mãe com todo o carinho, mas transportou-a até Malanje escarranchada nos seus hombros.

Os Lundas e Quiôcos se tiverem um doente numa comitiva em marcha, que não seja possivel transportar ás costas, preferem demorar-se nesse acampamento, embora tenham de soffrer fome, a abandoná-lo.

E quando a doença é variola, a que elles teem mais respeito, levam o atacado para o mato, longe do acampamento, e ahi lhe fazem uma cubata especial, e as pessoas de familia ou amigos para lá vão para o pé d'elle tratá-lo, proporcionando-lhe todas as commodidades que é possivel obter-lhe, e a comitiva espera que elle se cure ou que morra.

Se morre, é este o caso em que principalmente os Quiôcos deitam a fugir, deixando-o abandonado na cubata até que uma fera se lembre de o fazer desapparecer, e isto pelo receio do

contagio da doença, que neste caso elles suppõem os mataria tambem.

Deram-se casos isolados de mães abandonarem crianças no capim, mas isto porque estas lhe eram empecilhos, ao fugirem de amos de que se queriam livrar, ou com receio de se tornarem presas de Quiôcos.

Tambem registei um caso de abandono de uma mulher anemica, atacada de rheumatismo em ambas as pernas, numa povoação, mas isto porque a comitiva a que pertencia retirava a toda a pressa, e deixavam-na na esperança de que alguem da povoação não deixaria por dó de a soccorrer. E de facto quando regressei, passando por essa povoação, lá a encontrei ainda entrevada e fazendo parte d'ella.

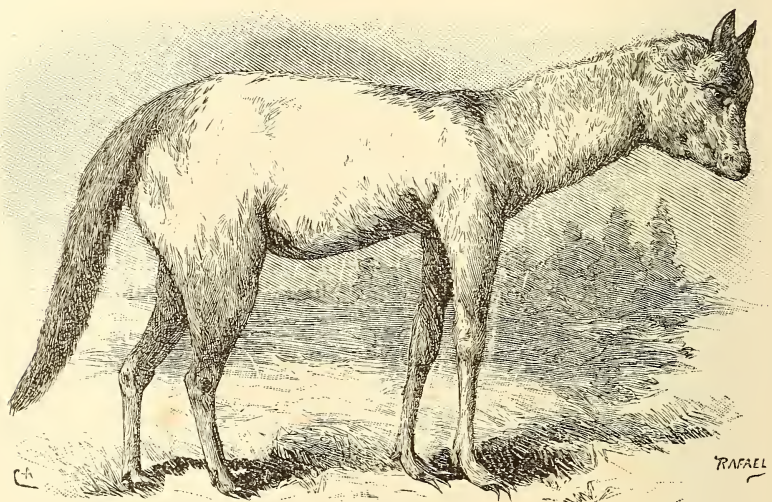
Porém taes casos não destruiram em mim as boas impressões que tinha d'estes povos, por não abandonarem os seus doentes, e a sua dedicação pode servir-nos de exemplo.

Por vezes comitivas de Bângalas, uma de Andala Quissúa, outra do Congo, e ainda outra de indigenas do concelho de Malanje, me pediram para deixar ficar nos meus acampamentos doentes até ao seu regresso, ou na companhia de alguem, para quando se achassem melhores se retirarem e irem encontrá-las em algum ponto.

Da mesma sorte, não é raro achar-se nas povoações de Quiôcos e de Lundas, algum Bângala ou Quimbare hospedado, esperando que as comitivas a que pertencem voltem ali de novo, para pagarem a boa hospitalidade e tratamento que ahi tiveram.

Um rapaz de uma comitiva do Congo, que ficára doente na residencia de um Ambaquista no Luambata, o qual o tratára da variola negra, tão reconhecido estava, que quando o chefe da comitiva a que elle pertencia e que era do seu povo, voltou das terras do Congo ao Cassai, e o mandou chamar, mandou-lhe dizer, que não deixava assim quem o havia acolhido bem e o tratára na sua má doença, e que enviasse elle um bom presente para aquelle seu segundo pae, e que então se retiraria. As circumstancias não permittiram que o pae

pudesse passar nem sequer mandar alguem levar ao filho o que pedia; e pouco depois adoeceu o Ambaquista tambem da variola e morreu. O rapaz nunca o largou, e tratou-o até á ultima, e quando eu lá cheguei e o convidei para retirar commigo para o seu pae que estava em Malanje, respondeu-me: Agora, sim senhor, já posso ir, porque paguei a minha divida.

Casos d'estes não se devem omittir porque nelles se revela bem a boa indole d'estes povos.

MUIÉO

A marcha para o trabalho das lavras é feita sempre ao romper do dia e á vontade.

Este serviço em geral pertence ás mulheres sob a direcção da muári do potentado, depois dos rapazes terem limpo o terreno de troncos seccos, algumas raizes e capim ressequido das queimas.

Os potentados vão muitas vezes, de madrugada depois de terem bebido, ver o andamento dos trabalhos, e são sempre elles que vão lançar as primeiras sementes na occasião propria.

O principal labor é feito pelas mulheres, e não exige grandes esforços. Depois de limpo o terreno que se quer lavrar,

as raparigas fazem uma cava geral a começar de um lado, estendendo-se em toda a largura que se quer dar a um talhão.

Se tratam de semear jinguba, milho ou feijão, no primeiro dia o potentado e depois os seus tuxalapólis, muári e servas mais consideradas, levando em um pequeno sacco de mabela ou no regaço do panno que vestem uma porção de semente, com o pé direito affastam a terra para os lados a fazer uma

SÓCU

pequena cova, e com a mão direita deixam cair nella tres ou quatro das sementes, e com o mesmo pé tornam a ajuntar a terra afastada, cobrindo aquellas, calcando-a por ultimo uma só vez, e seguem para a frente a fazer o mesmo numa distancia de dois pequenos passos.

Se querem plantar mandioca, trazem então feixes de troncos já cortados de $0^{m},30$ a $0^{m},40$, com uma das pontas aguçadas.

As mulheres abrem tres covas com as machadas, formando um pequeno triangulo, e os homens dispõem um tronco em

cada cova, com a ponta inclinada para fora, e com os pés vão encostando e batendo a terra de encontro a esses troncos.

As sementes miudas como as de tabaco, massango e outras, são lançadas a eito sobre o chão já cavado.

Se ha pequenas plantas a trasplantar, então as mulheres para cada planta dão uma enchadada, e puxando um pouco a terra para si, dispõem-na, e com a mesma enchada encostam a terra de encontro a ella.

Depois das sementeiras e plantações, isto é, logo que as chuvas começam com mais intensidade, o trabalho da limpeza do terreno junto ás plantas, arrancando as hervas e capim, pertence só ás mulheres.

As colheitas são feitas pelas mulheres, que levam então para as lavras cestos de formas diversas, e uma especie de sachos ou as proprias enchadas, e durante as horas mais frescas da manhã e da tarde, procuram o que já está no caso de ser colhido. Apanha-se geralmente o que é preciso para a occasião, e succede muitas vezes que a mandioca, colhida nas horas da manhã, é logo posta de môlho no rio, onde a deixam dois e tres dias; mas o trivial é ser levada para a residencia, onde a descascam, levando-a depois para o rio.

A mandioca depois de sair da agua, é exposta ao sol a seccar, o que fazem sobre esteiras no chão, ou sobre a cobertura das cubatas, e depois da seccagem toma o nome de *bombó*. Cortada ás tiras e torrada ao fogo, serve-lhes de pão, e sendo acompanhada de jinguba ou de mel, além de agradavel entretem a debilidade por muitas horas.

Geralmente o bombó partido em pedaços é lançado no *chino,* especie de gral de madeira (V. pag. 32), e ahi é triturado e reduzido a um pó finissimo, a que se chama *fuba,* e esta passando por uma fervura, e mexida constantemente com um pau, forma uma massa, *ruka,* em Angola *infunde,* e constitue a base principal da alimentação. Tirando da massa pequenas bolas, mergulham-se em caldos ou môlhos, ás vezes só das proprias folhas do arbusto da mandioca, a que chamam *quizaca* ou *chizaca,* sendo esta uma das refeições vulgares, mas

das mais parcas; se houver peixe, carne ou gallinha, então podem chamar-se boas refeições, sobretudo se se dispõe de azeite de palma e sal para temperos, porque o *jindungo* (*jidũgo* «pimentinhas») nunca falta.

O infunde geralmente tira-se da panella para cestas, que teem diversos nomes, de que já dei conhecimento, sendo preferidas as que teem tampas. Estas collocam-se ao centro da roda dos que tomam parte na refeição, tendo já caido em desuso entre algumas tribus o preceito antigo das mulheres, crianças e rapazes até oito annos comerem em roda separada da dos homens.

O costume de todos tirarem o infunde aos pedaços da massa que está no centro da roda, para molharem na gordura ou caldo que teem no seu prato, ou em prato de sociedade com outro, não é especial d'estes povos, porque tambem os Arabes nas suas refeições, sem distincção entre os que d'ellas tomam parte, mettem as mãos numa gamela commum para todos.

O trabalho de reduzir o bombó a fuba, e o dos serviços domesticos, bem como o de transporte de agua do rio e de lenhas para a cozinha e para as fogueiras nas residencias, pertence ás mulheres.

Os rapazes pequenos auxiliam-nas nestes serviços e tambem alguns já adultos; porém no geral estes entreteem o dia na caça, ou em fazer ou reformar as habitações ou nas demandas, em que são assiduos, em negociar os generos de producção ou as fubas e farinhas fabricadas pelas mulheres, e nas horas do calor entreteem-se a fumar e conversar ou a jogar.

Os serviços domesticos das mulheres e crianças são feitos, sempre que o tempo permitte, ao ar livre, e por isso o chão junto ás residencias é mais ou menos batido e limpo, formando pequenos terreiros onde se fazem esses serviços, e principalmente os preparos para as refeições.

É occasião opportuna de dizer mais alguma cousa que sei sobre estas refeições, principalmente das ceremonias que se observam, quando são dadas por um potentado a quem o serve,

ou a pessoas que elle quer honrar, ceremonias que redundam em agradecimentos, nuns pela graça e noutros pela honra concedida.

A propriedade e escolha de alimentos entre nós, indica o grau de civilisação a que tem chegado uma certa collectividade; porém entre os povos de que trato, a medida não pode ser regulada nem pela propriedade nem pela escolha de alimentos, e sim pela grandeza das terras lavradas, pelas previdencias ou reservas para as peores epochas do anno, e ainda pelas creações de animaes domesticos.

Entre as tribus de um mesmo estado ha umas mais previdentes que outras, e são essas as que teem melhor passadio, e nos revelam em relação ás outras um certo grau de adeantamento, e maior actividade.

O que é certo, porém, é que na escolha dos alimentos bem como na forma de os cozinhar, não ha distincções em igualdade de circumstancias.

Tratando-se de potentados, é geralmente a muári quem faz a distribuição de generos que manda comprar, ou que tem armazenados, e ha sempre um cozinheiro que dirige o modo de guizar e temperar a comida.

Os da casa do potentado que participam d'essas refeições, os servos ou os que com elle comem, ao sol posto ou um pouco mais tarde, logo que a refeição lhes é distribuida, do lado de fora da chipanga, veem agradecer batendo palmadas, e cantam-lhe muito afinadamente, o que é de bom effeito para quem está um pouco distante: *tuádia cáli icúdia munganda cutala éh! iquinoé éh! éh! iquinoé éh! éh! iquinoé.* («Comâmos já o comer da residencia, é dôce, que sempre o encontremos! encontremos! é o que desejâmos»).

Isto repete-se muitas vezes com as palmadas, e a pouco e pouco vae diminuindo a elevação das vozes até se extinguir de todo, parecendo que se vão afastando.

Depois de comer e quando acabam, as mulheres vão collocar-se á porta da muári, e os homens á do potentado, aguardando que uma e outro appareçam, para o quê são avisados.

As mulheres curvam-se deante da muári, passam a palma da mão direita pela da muári que se conserva de pé, e lh'a estende; e batem depois uma palmada na sua mão esquerda. Repetem isto tres vezes, terminando com tres palmadas. Faz isto cada uma por sua vez e retira.

Com o Muatiânvua, os homens ajoelham deante d'elle, que está de pé com o braço direito estendido, e apresentam-lhe uma folha, que aquelle aperta entre os dedos da mão direita, e depois com o pollegar e index cortam á folha um bocadinho, que deitam para o chão dando um estalido com os dedos. Repete-se isto tres vezes, cada um por seu turno, terminando com tres palmadas, levantando-se depois e retirando.

Se o Muatiânvua na occasião está conversando com alguem, e manda entrar os que veem agradecer, estes fazem os agradecimentos de joelhos, ou dando-lhe a folha, ou passando os dedos pelo panno que elle veste, ou pelle em que se senta, e repetem-se as mesmas ceremonias de estalidos e palmadas.

Devo notar que estas ceremonias se fazem tambem, quando o Muatiânvua pede a qualquer uma cousa que tenha na mão para elle ver, ou que passa a qualquer para ver uma cousa que elle tenha comsigo. O que entrega ou o que recebe é agraciado neste caso, e portanto mostra logo o seu reconhecimento, porque cousa em que toque o Muatiânvua, entre elles, é cousa honrada ou para melhor dizer sagrada.

O potentado pode dar um pedaço do que está comendo, ou mesmo ter alguem a seu lado a comer do que elle lhe dá; mas elle é que não come sem estar coberto, e o individuo honrado fica logo na malala, isto é, interdicto de fallar na sua presença até que tenha encontrado opportunidade de lhe agradecer, o que se dá tambem com a bebida, para o que elle convida sempre algum quilolo.

Tratando do baptismo, disse receberem ainda os rapazes um terceiro nome, que era o de guerra, que muito apreciavam.

Pelo que ainda hoje se ouve entre os povos de toda esta região; pelo modo arrojado com que os individuos de uma tribu

se apresentam deante dos de outra; o facto de andarem sempre armados, saindo da sua habitação, mesmo para visitas dentro do povoado; a forma turbulenta com que fazem terminar as suas contendas, ainda a mais simples discussão em que não chegam a um accordo; a gesticulação, as ameaças, as danças, os recitativos e cantigas com que terminam as audiencias em que se tratou de desacatos feitos á auctoridade dos seus potentados; nas suas narrações emfim, as comparações que fazem com os actos de valor e ferocidade de seus antepassados nas guerras; tudo faz crer ao observador, que tem de lidar com povos guerreiros, e que é normal o estado de guerra entre elles; que são nomadas, que nada ha que os fixe á terra, que desconhecem ainda a lavoura, as industrias, que não criam gados, não negoceiam; emfim, que se conservam num estado primitivo dos mais atrasados, sujeitando-se a viver dos successos imprevistos!

Mas não é assim, e o observador tem de ir modificando as suas opiniões com o tempo de convivencia com estes povos, e á medida que os vae estudando e comprehendendo.

De facto o que á primeira vista se nos revela, e pode dizer-se tudo aquillo com que deparâmos e parece estranho aos nossos usos e costumes, não é mais do que vestigios que ainda existem de uma primitiva educação, que o tempo não conseguiu desvanecer completamente, porque as modificações se teem feito lentamente, attento o meio em que vivem, os recursos que a natureza lhes dispensou, e a intervenção precipitada dos povos que progrediram no estado de civilisação.

Anjita (*jita*) é o vocabulo frequente que ao mais insignificante pretexto se ouve, e que se tem interpretado em portuguez por «guerra».

Lendo os apontamentos que consegui reunir, sobre a successão dos potentados no elevado cargo do Muatiânvua; vendo o modo de elles governarem o estado constituido pela sujeição de diversos povos aos poderes que lhe conferiram os que de mais perto o teem rodeado; deprehende-se que a guerra é um modo de ser permanente para se manterem esses poderes.

O ultimo preceito a que tinha que satisfazer o potentado, chamado a occupar aquelle cargo, era libertar-se da *mola*[1] que os descendentes dos Bungos, nucleo que organisou o estado, lhe puzeram á cintura, o que só pode fazer quando alcance victoria numa guerra em que elle toma um nome especial.

Acreditado nessa guerra, e senhor absoluto do mando, ao mais pequeno pretexto que um seu subdito lhe fornecesse, para provar que sabia sustentar o poder que lhe confiaram, *culuanjita* (*kulŭaǰita* «combater») era a ameaça com que o portador levava a *uta* (um arco e uma flecha) para aquelle a quebrar, se preferia isso á imposição que lhe fosse feita de pagar tributo de guerra, visto ter forçado a saida da uta.

Algumas vezes, nem a ameaça se fazia, e um quilolo partia com o seu povo armado para dar um assalto a uma povoação de outro, saqueá-la e em seguida queimá-la. E a prevenção era: *anjita ueza* (*ǰita ŭeza* «lá vem a guerra»).

O que se fazia então só por ordem do Muatiânvua vulgarisou-se, usando-se do nome d'elle, nas tribus mais afastadas, que pretendiam explorar outras, e foi imitado pelos senhores de Estado com as tribus dos seus dominios. Mais tarde, generalisou-se entre todas as tribus, sempre das que se julgavam mais fortes para com as mais fracas, por causa da ambição do commercio illicito; e se em principio os expoliadores se apresentavam em nome do Muatiânvua, ultimamente já nem isso fazem, vão escudados no direito da força que consiste hoje no maior numero de armas de fogo de que dispõem.

Na mesma tribu quem se considera mais forte pelo apoio do potentado, ou pelo numero de armas que possue (gente armada), vae guerrear o mais fraco por qualquer pretexto.

Guerras geraes, das chamadas entre povos estranhos, por questões de territorios, por pendencias entre os potentados de Estados diversos, são raras. E são de moderna data as que se

---

[1] Corda feita de fibras que usam por debaixo do panno, e de que dei já conhecimento a pags. 352 e 353.

estão dando entre Quiôcos e Lundas, que collocaram todas as tribus d'esta vasta região, a que se chama Lunda, em circumstancias anormaes, que podem attribuir-se a terem aqui desapparecido o marfim e a borracha para a permutação do commercio europeu que tem de a atravessar, para mercados muito distantes, a norte e leste.

ANGOLUNGO

As guerras de que muito se falla, consistem ás vezes em forças de dez a vinte homens, que seguem numa determinada diligencia, e muitas vezes se reduzem a disparar cada um a sua espingarda perto do ponto a que ella se destina, só para armar ao effeito, e affastar pelo terror a povoação, para que a força entre sem ter cousa alguma a temer, e para roubar o que possa.

Entre os Quiôcos e Lundas no anno de 1885, além do Cassai, houve uma guerra mais seria, por que aquelles, por conta de outros Lundas, tratavam de matar o Muatiânvua Muriba. D'esta guerra dou conhecimento na narração que faço do governo d'este potentado.

PELUMBA

Em seguida a esta, organisou-se outra em Mataba, que consistiu em cada *calamba* [1] apresentar a sua gente armada para guerrear as forças que defendessem o governador Mucanza; mas estas forças, que o acompanhavam quando este queria

[1] Auctoridade que tem o seu Estado subordinado ao potentado da região, *Suana Calenga.*

passar o Luembe para oeste, abandonaram-no, e a guerra limitou-se a meia duzia de inimigos assassinarem Mucanza.

Tambem em 1884, os Quiôcos de Mucanjanga, da margem do Chicapa, pretendendo apoiar um pretendente Lunda que queria derrubar do estado o Caungula para tomar o seu logar, despacharam forças armadas para irem atacar o povo de Caungula, e espalharam-se por differentes pontos. Deram-se d'este modo de parte a parte casos isolados de mortes e aprisionamentos. Julgaram os Quiôcos que lhes seria possivel irem atacar Caungula na sua povoação, morreram tres dos principaes Quiôcos, e as forças d'estes retiraram.

Houveram depois indemnisações de parte a parte, e tudo ficou como antes.

Emquanto estive no Luambata, os Quiôcos, que tinham vindo do sul marginando os rios Lulúa e Luíza para assaltarem as povoações dos Lundas, conseguiram que todas fossem abandonadas, fugindo os povos para o Calânhi onde estava o Muatiânvua interino e a côrte.

Vinham elles amarrar gente para levarem para negocio com os Bienos, Lassas e Angombes, que principiavam a traficar por marfim no Estado independente do Congo ao sul do Sancoru, nos territorios dos Quetes e Songos, seguindo o caminho do Samba, e conseguiram-no, sendo esta já a segunda exploração d'este genero.

Sabendo que no Calânhi encontrariam theatro para as suas proesas fizeram-lhe um cêrco, espalhando-se em acampamentos distantes uns dos outros, nos quaes a maior força seria de trinta a quarenta armas, e d'estes se destacavam troços de gente armada nunca superiores a dez homens, que iam bater o mato, como elles diziam.

Uma boa força que saisse do Calânhi, com flechas que fosse, repelliria todos os acampamentos, mas de tal modo estava a gente aterrorisada, que assim que sentiam os tiros de fusilaria, abandonavam tudo, dando o grito de salve-se quem puder, e iam esconder-se onde podiam no mato, e lá eram encontrados pelos Quiôcos, que os levavam para os seus acampamentos.

Do que se passou nesta grande guerra, segundo os Lundas, dou minuciosa noticia na relação do governo do Muatiânvua interino Mucanza, e por isso me limito agora a dizer, que dois ou tres Quiôcos bastavam para levar vinte a trinta pessoas da Lunda presas, já como propriedade sua.

É para as comitivas de commercio que teem de transitar pela região onde ha guerra, que estas luctas offerecem perigos, se não se quizerem sujeitar, sendo estranhas aos contendores, a pagar o tributo a qualquer d'elles que lhe appareça.

Nas guerras contra Muriba e depois contra Mucanza, cito os factos que se deram com comitivas de commercio dos Bângalas, dirigidas pelos conhecidos e importantes ambanzas, Ambumba, Quinzaje e outros ainda dos Quimbares do Luximbe, concelho de Malanje, factos que dão exemplos tambem da ferocidade dos indigenas quando se imaginam em guerra.

Por outro lado, apresentam-se casos em que se prova a sua boa conducta com um inimigo que caiu em seu poder, pois o tratam com carinho, curam-no se elle está ferido, e chegam a promover-lhe a evasão. Quando escrevo sobre aquellas guerras, que foram as maiores que conheci, notei casos d'estes, que registei nos meus diarios.

O potentado confere aos rapazes que entram pela primeira vez numa guerra, e que nellas e tornam distinctos pelo seu valor, um nome de guerra que d'ahi por deante elles adoptam de preferencia a qualquer outro; mas a imposição que equivale á concessão d'um titulo, é precedida de um ceremonial em audiencia na presença dos homens mais velhos do Estado, e nesta o que os apadrinha, geralmente o caudilho da guerra, relata as provas por que passaram os seus recommendados.

O potentado, agraciando qualquer com o cognome que lhe apraz, faz-lhe offerta de uma arma e geralmente de um panno, e segue-se depois o agradecimento do interessado, que dança a *cufuínha,* introduzindo no recitativo que faz, as circumstancias que se deram para poder mostrar o seu valor. Tomam parte na cufuinha os seus amigos e admiradores.

Termina a festa por uma grande refeição com os amigos, e á noite, no largo em frente da sua habitação, celebram-se as danças do costume até madrugada.

Pelo que tenho exposto se vê que não são as guerras, taes quaes nós as comprehendemos, e que aquillo a que se dá este nome, são vestigios de uma educação primitiva, que se tornaram ultimamente mais pronunciados por causa do commercio europeu, mas que nós Portuguezes, facilmente poderiamos extinguir completamente, espalhando missões por toda esta região.

Uma boa direcção na futura educação d'estes povos, em quem se reconhece boa indole e faculdades aproveitaveis, e que teem rudimentos de agricultura e de outras industrias, é o que ha de pôr termo a essa turbulencia com a qual luctam e definham algumas tribus, em proveito de outras.

Tanto os rapazes como as raparigas entreteem-se de noite em danças, e com qualquer pretexto as fazem tambem de dia, quando não haja prejuizo em se afastarem dos trabalhos ordinarios; mas os homens entreteem-se conversando e fumando ou jogando.

Entre os Lundas, principalmente, joga-se muito, chegando o jogador a perder tudo quanto tem, inclusive as mulheres, e mesmo o que não tem, pelo quê se escravisa. Entrega-se ao serviço do parceiro que ganhou, até se resgatar pelo pagamento que combinam, acarretando agua e lenhas, colhendo o vinho da palmeira e noutros trabalhos, por um certo tempo.

Nos Lundas conheço os jogos *ambala* e *cutangaje,* mas o ambala é o favorito para os jogadores viciosos, porque os seus resultados são rapidos.

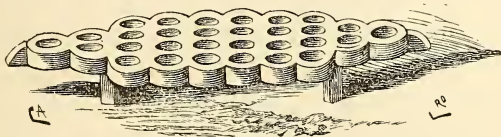
O caroço do *ampáxi* (*p̃axi*) com a forma de uma amendoa estreita e comprida, chama-se ambala, e dá o nome ao jogo.

O ampáxi é um fructo maior que o safú de S. Thomé, com que se tem confundido, e d'elle os Lundas fazem azeite.

Dividem o caroço no sentido do comprimento, apresentando cada parte interiormente a sua cava.

Cada jogador tem a metade do caroço na mão, e atira com elle ao ar, dizendo se ha de cair com a face exterior ou interior para baixo, e quando perde tem de pagar o que o parceiro tem na mão ou deante de si. Faz lembrar este jogo um que se usa entre nós com um dinheiro qualquer — cunhos ou cruzes.

Principiam jogando a buzios, pedaços de ferro, missangas, os rapazitos até a gafanhotos, e passam os homens depois ao que teem na cubata como objectos de vestuario, armas, utensilios, e até mulheres como disse.

Na colonia do Luambata apostou um Lunda, por fim, quarenta fios de missanga que não tinha, na esperança de ganhar os do parceiro, tendo estado a perder até então. Perdeu ainda, e entregou-se ao seu serviço, para se resgatar com malufo, a uma binda por dia.

MUENDE

Ao fim de quinze dias o parceiro ganhante, já aborrecido de tanto malufo, propoz-lhe para que vendesse o resto do malufo que faltava por missanga, e lhe entregasse esta, o que aquelle fez, e resgatou-se mais depressa.

Consiste o outro jogo numa grande roda de covinhas, nas quaes os parceiros vão lançando um certo numero de tentos, mas a preceito, e tem regras para a passagem de umas para outras covas; quando um parceiro chega a reunir todos os seus tentos numa cova, ganhou. Ha perda de tentos quando o jogador é obrigado a depositar tentos em covas onde já se encontrem os do parceiro, e os perdidos entram na cova por onde se deve principiar o jogo.

Este jogo tambem se encontra com o nome de *muende* em Mataba, e tambem o vi em Malanje, mas faz-se sobre uma taboa com tres, quatro e cinco linhas de covas.

As mulheres e crianças, algumas vezes tomam parte neste jogo por divertimento. Nos Butús tambem o explorador Schweinfurth encontrou este jogo com o nome de *mangala.*

Os rapazes ainda jogam dois jogos muito semelhantes aos chamados entre nós do botão e da choca, em que uma roda de jogadores, cada um com o seu pau mettido numa cova, esperam que um de fora atire para uma das covas um osso ou um pequeno pau, e elles com os seus atiram-lhe uma pancada desviando-o do seu trajecto para longe.

As danças e cantigas são as diversões mais communs d'estes povos e nellas os grandes aproveitam as suas raparigas como meio de distracção. Na Lunda dançam indistinctamente homens e mulheres; entre os Quiôcos não, o mais que se vê são rapazes até doze annos.

A dança é sempre de roda, e ao centro d'ella estão os tocadores de um, dois e tres, e ás vezes mais instrumentos de pancada — chinguvo, gomas grandes e pequenas; e se é de noite ha fogueira ao pé. Estas alumiam o terreiro em que se dança, e servem para aquecer as pelles das gomas. Todos cantam, tocadores e dançarinos.

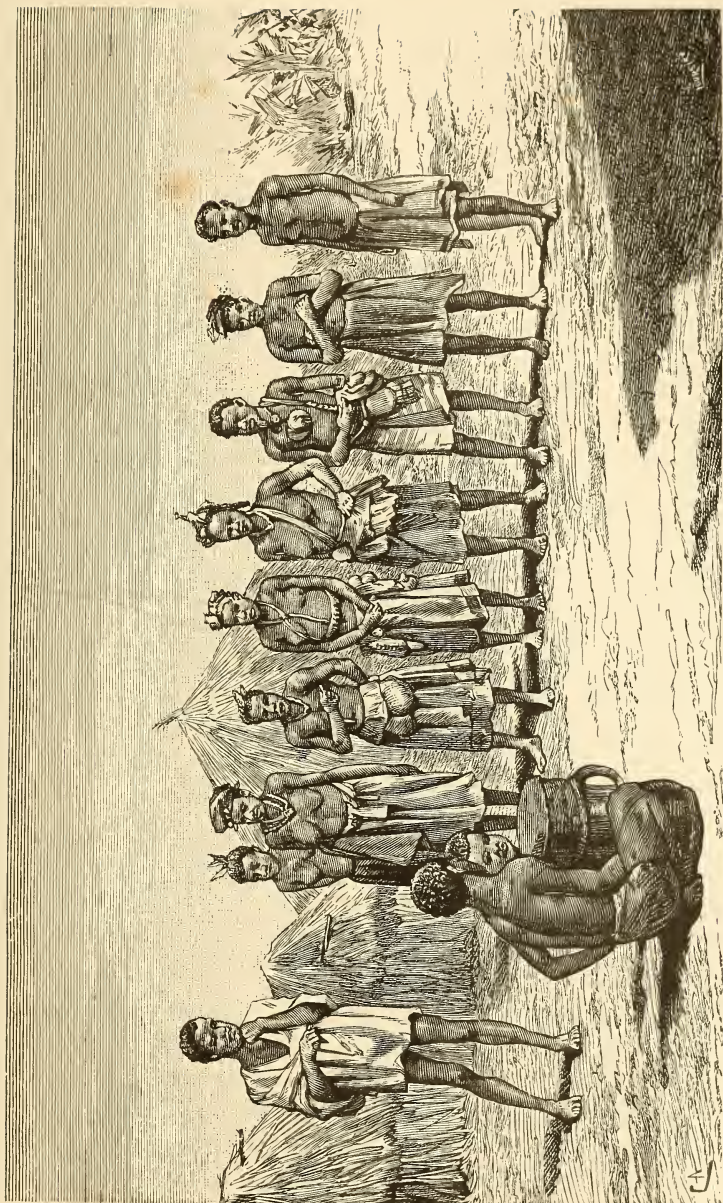
O passo é quasi sempre o mesmo, variando em ser mais ou menos apressado conforme o andamento da musica. Jinga-se mais ou menos tambem o corpo, andando-se sempre de roda, mudando-se de posição segundo as danças.

Os cantos são sempre melodiosos; a letra é por exemplo:

Entre os Quiôcos: — *ué ié, kueza andolo, kueza muxama, káxi kalunga diênji, macamulamba.* «D'onde vem a velha, vem a rapariga e talvez o seu barregão a vá castigar com pancada».

Outra: — *Eh! quiabatuca, eh! anguanguângua, iadile kaiembe, chídi a muzé muene eh! quiabatuca eh! anguanguângua.* «Elle rebentou em bocadinhos o feiticeiro que enfeitiçava o *caiembe,* é como a ambição que rebenta em pedaços».

Outra: — *Na camuanga, uanga mana fuba, cachinga chiengue iámi, mafuá anzala.* «A senhora Camuanga acabou-me a mandioca, por isso o meu amigo morre de fome».

UMA DANÇA AOS IDOLOS

Cantos Lundas

Na Lunda: — *eié... é... é! dichico dieza xa madiamba, eié... é... é! muári a iéne a chi noéji, eié... é... é! tumbaje eié mulangala budi, eié... é... é!* (repete-se). «Chegou o dia em que vem Xa Madiamba com a sua muári, e todos os filhos de Noéji; o seu povo já dormiu fora esperando-o».

Outra: — *naleca, naleca, quiuá, quieza, kamo, usota muana beza. éh lé lé! éh lé lé! a tamboca. éh lé lé! éh lé lé! pé musango.* «Eu fujo, fujo, deixo-vos e vindes ainda, procurae o senhor Beza e dançae para a minha morte».

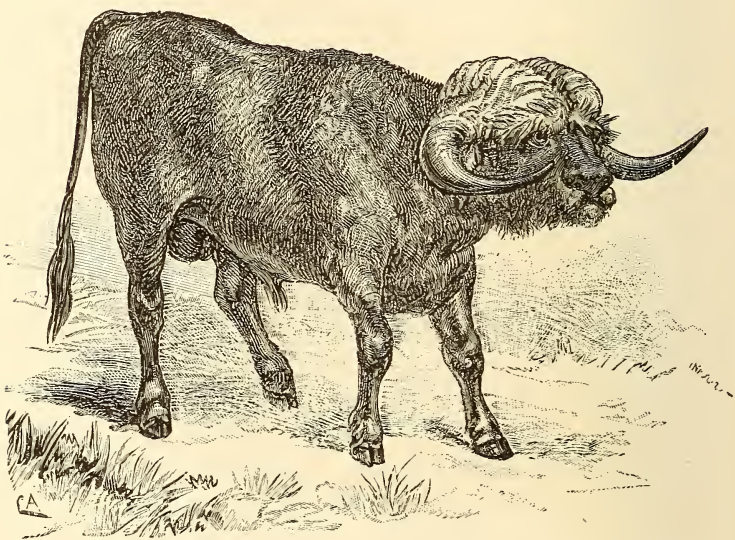
Outra: — *cangonde andama éh! lé lé! ámi naia kali éh! lé lé! nacumutala pala unaxa éh! lé lé!* «Vem lua nova, depois de outra vou ao meu sitio, veremos o fim á minha velha.

No Congo, ouvi no meu acampamento esta, com uma certa graça: — *mucongo mucuculuca miquele, cadi mono té lé lé! ah! té lé lé! té lé lé! cadimono té lé lé! calu findo nau, findo azau, kadimono té lé lé! té lé lé!* (repetem). «Os meus companheiros quando dizem alguma cousa são attendidos, mas eu não sou, chamam-me tonto, correm commigo. Não fazem caso de mim».

Numa dança dos Xinjes ouvi uma cantiga de grande effeito, que já tinha escutado alta noite, quando pernoitei na margem esquerda do Cuango. Faz a parte cantante o tocador ou tocadores, segue-se um côro das raparigas, depois um outro dos homens e outro ainda de todos. Porém d'este canto não me foi possivel obter a letra. O acompanhamento destaca-se do usual nestes povos, que é sempre um batuque.

Ha homens e mulheres que se dedicam a trabalhos especiaes, ou melhor a trabalhos para os quaes a sua aptidão foi despertada, e em que se aperfeiçoaram com a pratica; e estes trabalhos de que dei já conhecimento, é o que constitue propriamente as suas industrias.

Resta agora saber se por essas industrias estes povos fazem vida? Se é possivel distinguir por ellas as tribus que se organisaram e se governam independentemente? Emfim se, comparando os seus artefactos, podemos conhecer do estado de adeantamento de umas tribus em relação ás outras?

Pode dizer-se affoitamente que as industrias a que me referi são communs a todas ellas; ha porém tribus em que os artefactos revelam mais perfeição do que noutras, sendo certo que se nota, que naquellas em que tem havido mais contacto com o commercio europeu, os objectos que este lhes leva teem feito esquecer o artefacto indigena similar, e algum que se encontra ainda, sendo mais perfeito, considera-se como raridade; é trabalho de curioso e não producto de um modo de vida.

AMBAU

Ha porém artefactos como são os de olaria, os de ferro e de fibras de plantas texteis, que se vêem em todas as tribus, sendo os primeiros fabricados pelas mulheres. Estes artefactos, produzidos no intento de satisfazer a necessidades instantes, tornaram-se para uns como meio de vida entre os da tribu de que faziam parte, e mais tarde pela solidez e perfeição dos trabalhos estes passam para outras tribus, tornando-se portanto umas distinctas das outras, pelos seus artefactos especiaes.

Assim, havendo nas obras de ferro distincções entre tribus Lundas, destacam-se d'estas as de Quiôcos, e nestas teem a preferencia as que vivem entre o Cuanza e o Cuango ao sul. É nestas tribus que, com excepção do cano, se apresentam armas lazarinas, algumas tão perfeitas ou mais que as que o nosso commercio para lá leva.

Com respeito á mabela, as melhores e mais finas são as fabricadas pelas tribus do norte, Uandas e Lubas; e as mais

ITENGO

grossas, maiores, de tecido mais apertado e pintadas, são feitas nos Sambas e Songos. As esteiras que se destacam pela grandeza, textura, flexibilidade e côres foscas, são da região do norte entre o 5º e 6º S. do Equador, vindo a maior parte das margens do Lulúa ao Cassai. As usuaes, fabricadas com mais perfeição pelos desenhos do entrelaçado e côres, são feitas pelos Bungos, e podem collocar-se ao lado das do Congo, e das que vi em Moçambique.

Pelo que respeita a obras de cestos e congeneres, destacam-se as que fazem os povos entre o Cassai e o Luíza. Emquanto aos artefactos de olaria, são os mais perfeitos os fabricados em Canhíuca, nos povos do Cassongo e em terras de Xacambunje, na margem direita do Cassai.

Tambem no fabrico de azeites e vinhos de palmeira e de lutombe se distinguem por melhor, os povos que marginam o Luíza e o Cassai, e estes são tanto mais peritos, quanto mais para o norte.

As comitivas de commercio que se internam nestas regiões, conhecendo o apreço em que são tidos os artefactos das diversas tribus, quando regressam, fornecem-se nas tribus por onde passam d'aquelles que teem mais procura, para pagarem as passagens dos rios, para presentes aos potentados e compra de alimentos.

Não constituem estes trabalhos um meio de vida, porque é relativamente pequena a procura, e todos para si lavram a terra. Fazem-se nas horas de descanço, e quando d'elles ha necessidade para a familia, ou quando sejam encommendados, e geralmente o curioso tem mulher e servos que se empregam nos seus serviços domesticos.

São as comitivas de commercio que se demoram algum tempo nas povoações que animam a fabricação dos artefactos de que carecem, e que pagam geralmente em fazenda, polvora e missangas ou com algum objecto de louça, que tambem muito se aprecia.

Nas comitivas de Bângalas, vae sempre um ou outro que é ferreiro, e nas povoações, em que os não ha, a troco de alimentos ou de algum artefacto indigena, é o ferreiro que trabalha para os da povoação; e tambem nas dos Quimbares, ha sempre quem saiba coser, succedendo estarem empregados ás vezes mais de tres individuos em coser pannos para os da povoação, sendo os seus trabalhos pagos em alimentos, ou em artefactos indigenas e mesmo em borracha.

Filhos de Ambaca, e todos os que os podem imitar, tiraram sempre nas viagens que teem feito ao centro do continente

bons resultados dos seus conhecimentos praticos, e muitos, se encontram espalhados em diversas povoações entre o Cassai e o Zambeze, até ao 24º de longitude. Fui informado que mais para leste, na bacia do Zambeze, havia uma povoação quasi constituida de gente da nossa provincia de Angola, em que as creanças só fallam portuguez. Outro tanto estava succedendo do Cassai ao Lulúa, entre o 5º e 6º lat. S. do Equador, depois de 1868, região em que andou o nosso sertanejo Silva Porto, onde ainda estão Saturnino Machado e Antonio Lopes de Carvalho, e onde, em fins de 1881, entraram pela primeira vez os exploradores allemães Dr. Pogge e Wissmann.

Em 1885 um explorador estrangeiro de cujo nome me não recordo, depois do tratado de Portugal com o Estado independente do Congo, tornou publico quanto o impressionou que Portugal não fizesse valer os seus direitos de prioridade áquella magnifica região, em que os Portuguezes havia mais de dez annos estavam civilisando os habitantes, conseguindo já vesti-los e calçá-los ao uso europeu, tornando-os agricultores e criadores de gado vaccum, que até então alli não havia, e introduzindo nos seus dialectos denominações portuguezas.

Estas impressões escritas por um estrangeiro, que esteve em differentes pontos d'aquella região, creio que passaram despercebidas á imprensa periodica do nosso paiz, porém o acaso lá m'as levou, quando eu estava bem proximo d'ella, em terras de Maí.

Os prejuizos que tivemos em consentir que o Estado independente se assenhoreasse d'esta região, sem que da parte de Portugal houvesse reclamações, pedido de indemnisações, nem discussão, me parece, de especie alguma, só se tornarão conhecidos mais tarde quando pudermos dispertar; visto que a attenção do paiz ha tempos se voltou para a Africa oriental, e ahi encontrou muito em que se entreter.

É uma tactica de estrangeiros, colligados em desmoronarem o nosso imperio colonial em Africa, não só tentar fraccionar os nossos dominios, mas imporem-se ao indigena com o seu commercio supplantando a nossa influencia.

Quando as linhas de caminho de ferro de penetração em Angola, a que está em via de execução e as que se projectam, chegarem ao Cuango, ou antes, reconhecer-se-ha a falta que houve na conferencia de Berlim, em não haver quem da parte de Portugal praticamente pudesse esclarecer os seus representantes sobre as questões que se debatiam, o que não faltou á Allemanha nem tão pouco aos que conseguiram crear esse Estado independente, que se vae constituindo á custa de expoliações de territorios aos indigenas, e que nos seus limites a sul e oeste, isto é, pela linha passando pelo 6° latitude E. do Equador, e 24° longitude E. de Green., corta povos que pertencem ao estado do Muatiânvua, de modo que em alguns ainda divide tribus, deixando uma parte d'ellas para o novo Estado. Quando a administração ahi possa chegar e queira de facto exercer a sua auctoridade, veremos então como esses povos a recebem. Com respeito aos Tucongos, já tive noticias do conflicto que houve, e de que resultou retirarem as forças do Estado independente.

A região de que me occupo foi respeitada na conferencia de Berlim, certamente porque os exploradores allemães que a conhecem, informaram que os seus povos estão já exhaustos de marfim e borracha, e que grande é a influencia dos Portuguezes sobre todos elles, e com muitas difficuldades teriam a luctar os estrangeiros que quizessem apossar-se das suas terras. Ahi encontram-se a cada passo filhos dos concelhos sertanejos do districto de Loanda, empregados nas povoações, já como escreventes, já como alfaiates e sapateiros e ainda como ferreiros e fabricantes de tangas.

Estes individuos teem prestado bons serviços para a civilisação dos povos de todo este territorio, e a elles se deve o progresso que se nota entre Bângalas, Xinjes e Quiôcos, que muito se destacam dos Lundas mais internados.

Os progressos na industria são todavia ahi muito lentos, porque os povos se acham muito espalhados, constituindo pequenas povoações e mantendo só relações com os mais vizinhos; e o commercio da nossa provincia, proporcionando-lhes em

melhores condições o que mais lhes importa para satisfação de necessidades, e cosmopolita como é, fez estacionar já e em alguns pontos esquecer as industrias indigenas, que promettiam vingar.

Repito o que já disse, as necessidades da familia, é que ainda mantem as industrias de que dei conhecimento, e um ou outro mais industrioso ou mais intelligente, ou por curiosidade, fabrica os objectos indispensaveis.

A maior ambição dos rapazes, quando chegam a certa idade, é estabelecerem-se, constituirem familia, e ou procuram a mulher, ou pedem aos potentados que se lembrem d'elles, pois já sentem a falta de uma companheira para os seus serviços domesticos. Muitas vezes procuram tambem os chefes de familia, a quem se offerecem como auxiliares nos serviços da lavoura, ou na caça ou pesca, ou mesmo como aprendizes, já tambem prestando-se a desempenhar alguma incumbencia, fora da povoação, de mais ou menos importancia.

Reconhecido o seu prestimo entram na familia, recebendo uma filha para companheira.

Ha quem tenha negado o casamento entre estes povos; mas considerado como contracto elle existe, e ainda mais, ha muitos exemplos de raparigas serem requestadas pelos rapazes.

O pretendente tem de dar sempre presentes de alimentos, de fazendas e outros objectos á noiva, aos paes e aos potentados, que de algum modo hajam intervindo no seu enlace; e fazem-se as festas mais ou menos ruidosas nos primeiros dias de bodas, havendo sempre danças que se prolongam durante a noite.

Se os pretendentes são individuos que teem posses, além de vestirem a noiva e paes, ainda vestem os parentes mais chegados e mesmo os amigos, e nunca esquecem de contemplar os potentados.

Nos povos dentro da nossa provincia, são importantes essas dadivas, porque fazem parte d'ellas cabeças de gado, e aguardente em quantidade.

Entre os Quiôcos, é da praxe nada se dar aos paes e parentes, pois isso para elles seria escravisar a noiva, o que de modo algum elles querem que alguem possa pensar sequer.

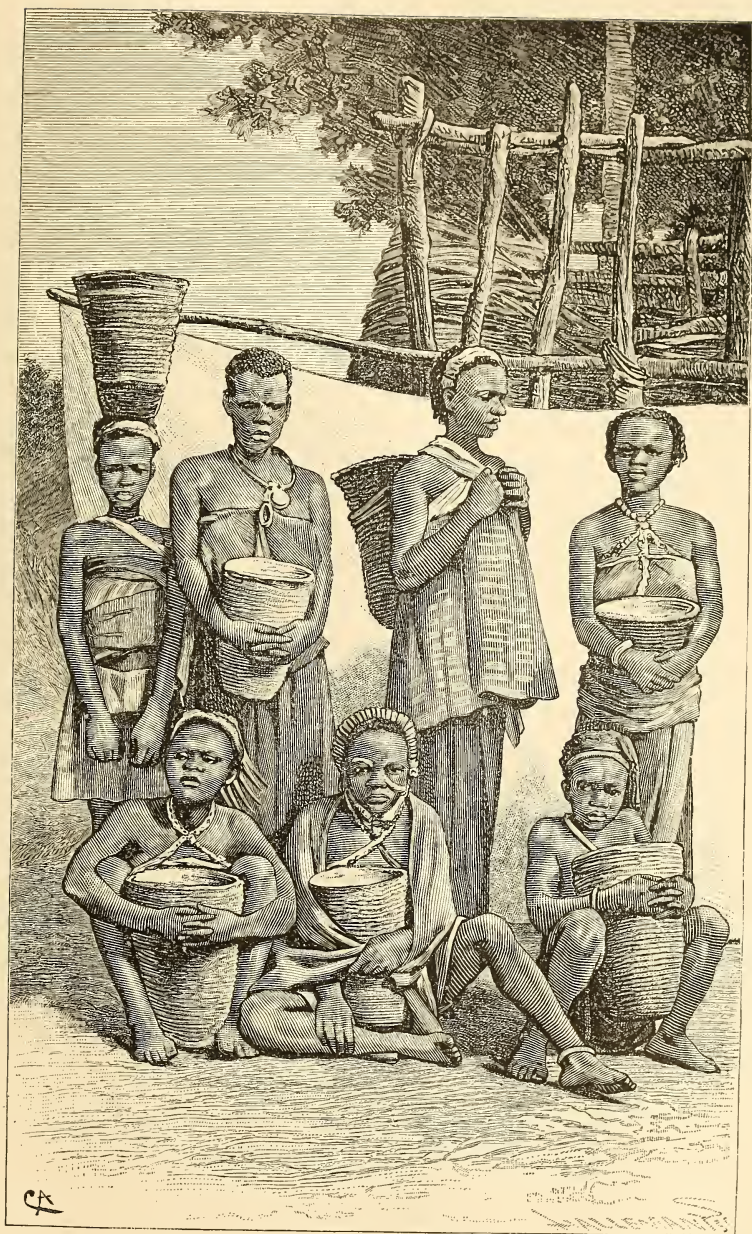
No Lubuco tambem ha a maxima liberdade no que respeita ao casamento, e as festas só se realisam no dia em que a rapariga é concedida ao rapaz que a pretende, sendo ella previamente ouvida, e nunca obrigada a acceitá-lo.

Os presentes que fazem os pretendentes Lundas e de outras tribus, até na provincia de Angola, teem alguns considerado como compra da noiva; mas não devem assim ser tomados. Faz-se venda só de mulher que pertence á classe inferior, ou é serva na familia, ou de mulher que o seu companheiro repudiou, e que passe aquella classe; mas essas vendas só se fazem a individuos estranhos á povoação.

Geralmente nas comitivas de commercio que vão á Lunda, vão sempre individuos com o fito de encontrarem entre as mulheres destinadas a passar como moeda nas transacções, alguma que lhes agrade para companheira, não obstante a terem já, e ás vezes mais de uma nas suas terras. É uma companheira que só tomam para a viagem, mas resulta tomarem-lhe affeição e terem filhos d'ella. Essa mulher, portando-se bem, passa pelo seu companheiro a ser considerada, e se na terra elle já tiver uma, sempre que elle sáia, é aquella que o acompanha, e se a não tiver, passa ella a ser senhora na casa e ficando a governá-la na sua ausencia.

As mulheres que se compram ao agrado do pretendente, custam-lhe caras, regulando entre vinte e trinta peças, valor superior a 20$000 réis.

Como se vê ha aqui o repudio, o desquite, como se dá nos povos além do Zaire para N.-E., e o desquitado, segundo as circumstancias, pode ser obrigado a retribuir quem promove o desquite, com valores que de antemão se estabelecem.

Os potentados Quiôcos, ultimamente, fixaram como praxe, para viverem em boa harmonia com os vizinhos Lundas exigirem-lhes como tributo uma parenta para mulher delles. Os potentados Lundas, que se teem prestado a tal concessão como

GRUPO DE MULHERES QUIOCAS

por exemplo o Caungula de Mataba com Muiocoto, Quimbundo com Quissengue, e Muansansa com Quiniama teem vivido em boas relações.

Essas mulheres são muito estimadas pelos Quiôcos e se não são as suas primeiras mulheres teem consideração como estas.

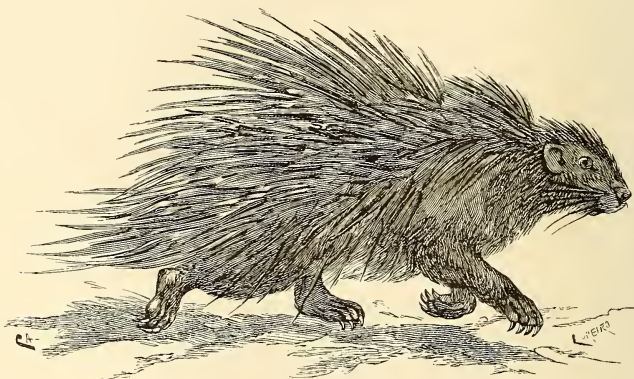
Os potentados Quiôcos, quando em resultado das incursões ou mesmo de guerras com os Lundas recebem nas presas muitas mulheres, reservam duas ou tres para as suas casas, e distribuem o resto pelos rapazes da povoação, contemplando em primeiro logar os que não tenham nenhuma para companheira, sendo tambem muito estimadas. Até agora os Quiôcos entre o Cuango e Cassai compram mas não vendem gente, o que já não succede com os de além do Cassai, que vão vendê-la ao sul.

O Quiôco é muito cioso da sua companheira, e desgraçada d'aquella que o atraiçoar. Desapparece não se sabendo como, attribuindo-se a sua ausencia a obra de feitiço.

As mulheres Lundas, que por vontade ou obrigadas se vão ligar com os Quiôcos, são muito bem tratadas por estes, e passado pouco tempo, se voltam á tribu a que pertenceram, já se distinguem das suas companheiras, não só pela grande quantidade de missangas que trazem sobre o peito, pelos penteados e pelo trajo, mas ainda pela nutrição, habitos que adquiriram, gestos e linguagem. E tal é a superioridade que reconhecem ter adquirido, que já fallam com certo desprezo com aquellas que se destacam d'ellas mais pelos seus modos humildes, gestos acanhados e formas enfezadas.

Com os Bângalas dá-se o mesmo, e poucos são os que levam as mulheres quando voltam nas comitivas á Lunda. As mulheres dos ambanzas, entre os Bângalas, são muito consideradas, e o povo nas suas povoações dá-lhes o tratamento de mães.

No Lubuco, as filhas de familias de primeira classe são muito estimadas. Não andam pelas ruas na ociosidade, não trabalham nas lavras nem negoceiam. Os seus afazeres são todos caseiros, dirigem os serviços domesticos, e passam a maior parte do tempo, depois de penteadas pelas servas, bordando mabellas a missanga, já para si, já para o marido e filhos.

Na côrte do Muatiânvua, como disse, as filhas dos fallecidos potentados estão a cargo da Lucuoquexe, e vivem na mussumba até que o Muatiânvua lhes destine consorte, que tem de ser quilolo ou muata, sendo preferidos os que tenham honras de Muatiânvua, o que para os agraciados é uma grande distincção, mas que lhes importa em grandes despesas. As filhas de Muatiânvua, assim como todas as mulheres de sua casa, não teem independencia para escolherem companheiro, e sujeitam-se á imposição do Muatiânvua.

CHISSAQUEMBO

O quilolo em quem recae essa graça, manda de presente á noiva grande numero de cabras e cabaças de malufo, para repartir com as suas amigas, e além d'isso roupas e missangas para vestir, e ao Muatiânvua e á Lucuoquexe tambem manda cabras, malufo e bons pannos.

A Lucuoquexe reune o que recebe de fazendas com o que vem para o Muatiânvua, e este é quem reparte os pannos pela Lucuoquexe, Suana Murunda, sua muári, Temeínhe, Anguina Muana, Anguina Ambanza e outras notabilidades femininas. Elle não fica com um unico panno de fazenda.

Na Lunda, se uma mulher se porta mal, esquecendo-se não só que está ligada a um rapaz, mas abandonando os seus

deveres domesticos, são casos estes que entram na ordem das milongas e que pertencem á jurisdicção do Muatiânvua.

Se declara querer por qualquer motivo viver com outro homem, então este tem de pagar grande multa, principalmente se na questão se dá alguma circumstancia aggravante.

Aqui, como no Lubuco, as questões de ciumes são frequentes, e por isso muitas vezes os maridos tratam as suas mulheres á paulada; e mesmo tem havido exemplos de elles as matarem, casos que tambem são julgados pelos potentados, e

INCHIMBE

provado que seja estar a razão da parte do marido, é este absolvido e dispensado de qualquer multa. Nos sobados, em Malanje, dá-se o mesmo.

Vê-se pois que nestas ligações procuram encontrar os conjuges uma tal ou qual affeição mutua, sentimento este a que nós chamariamos amor, palavra que existe na Lunda, bem como a que serve para designar beijo.

É a primeira expressa pelo vocabulo *rúia* ou *ríia* (conforme a pronuncia), e na segunda ha a distinguir: se são os conjuges que se osculam, chama-se-lhe *uatacâ̧nhi;* se são os paes que o fazem aos filhos, acariciando-os, *uasangudila;* e tambem é certo que um homem ou mulher abraçando uma pessoa do seu sexo,

como amigo que se não vê já ha tempo, ou que correu algum perigo, dizem: *ua mupane chicassa chia ruia* «dei-lhe um abraço de amor». Na Lunda é tambem a palavra que elles teem para expressar amizade, como *mulunda* ou *murunda* para «amigo». No Lubuco este vocabulo já foi substituido por *lubuco.*

Nos seus cantos, principalmente ao som do chissanje, ha sempre um pensamento mais ou menos reservado sobre o amor, e que mal se pode interpretar. No correr d'elles apparecem umas palavras, nomes geralmente, que suggerem umas certas ideas ou recordações, de que fazem applicação quando faltem no canto termos para as exprimirem claramente. Estes cantos são pois de natureza tal, que mesmo um bom interprete não pode transmitti-los sem a necessaria explicação do improvisador, ou pessoa que os repete.

Ás vezes servem como communicação entre rapaz e rapariga que se requestam, percebendo-os só elles.

Por exemplo:

na-mula pu-njau — cas-sanga zanze — ca — iau iau — aquéxe cu-ngo-ve quexe — ingui-ndo — chi-a-nze — cas-songo ua mutombo — mu-cu-á-di uá calongo — mi-rumba uá ca-quengue — mirimba uá ma-qui-di — chia-nza — apan-da — ca-jimbe — mona uta. — [1]

Não podendo fazer uma interpretação como seria para desejar, dou a seguinte explicação:

Quem canta e toca suppõe-se ser pessoa que soffre muito de doença, que está ausente da mulher que estima, a qual podia tratar d'elle com carinho; lamenta-se, depois imita a rapariga que o escuta, dizendo: «que faz mal fallar alto porque assim dá a perceber a todos aquillo que só os seus corações deviam saber».

É por causa das mulheres que os Quiôcos teem tido guerras com os Lundas, perecendo muita gente de parte a parte.

---

[1] Os traços grandes representam as paragens, e os pequenos as pausas; a musica é toda em recitativo melodico ou melopeia.

São guerras devidas ao ciume, guerras de exterminio, mas em que as mulheres e a raça teem ganho.

As mulheres entre os Quiôcos não saem dos seus sitios para guerras, nem mesmo acompanham as caravanas de commercio a não ser por excepção uma ou outra, e só alguma que se considere de mais elevada posição; em geral ficam tratando dos filhos, dos serviços domesticos e das lavras; e se saem de casa, vão com os seus maridos para as danças, em que só tomam parte ellas com rapazitos pequenos.

As danças entre os Quiôcos não são como na Lunda, em que se vêem os homens e raparigas promiscuamente. A mulher do Quiôco não tem as liberdades que disfructa a de um Lunda. O Quiôco vigia-a constantemente.

No Lubuco ha duas classes na sociedade; os do *Moio,* que são os mais civilisados, e os *Quipelumbas,* a que aquelles chamam selvagens e são propriamente os Chilangues. Os do Moio estimam muito as suas mulheres e compram gente extranha ao seu Estado, homens para o serviço de lavras e mulheres para creadas no interior das habitações.

Quem quizer comprar marfim no Lubuco, escusa de levar fazendas, deverá levar armas, polvora, missangas, buzio e pelo menos um rapaz ou rapariga para servir.

Vê-se pois que nestes povos ha affeição ou amor entre as pessoas de differente sexo que se ligam; e só lhes falta a auctoridade ou garantias nos contractos que fazem no intento de os cumprir, para tornar tão validas essas ligações como as nossos matrimoniaes, o que lhes não será difficil acceitar quando d'isso reconheçam a vantagem.

A polygamia, é o estado familial commum dos homens de melhor posição em todos estes povos; fazem, porém, grande distincção da muári ou primeira mulher e alguns da segunda a Temeínhe. O Muatiânvua, que pode ter tantas quantas lhe appetecer, classifica-as com distincção até á sexta na seguinte ordem: Muári, Temeínhe, Caxenuluca, Quissaqueínhe, Mahica e Mutondumene, todas as mais são *acaje,* «raparigas ou moças».

Os quilolos tambem teem Muári, Temeínhe e moças de casa.

Alguns quilolos teem raparigas para interesse, principalmente se o seu sitio é muito concorrido de negociantes.

Tambem os tucuatas e mesmo individuos sem graduação, que tem as suas lavras e algumas posses, além da Muári teem as suas raparigas, de que tambem tiram interesses.

A Lucuoquexe, a cargo de quem está a alimentação e educação até uma certa edade, de todos os filhos do Muatiânvua, e de recolher e sustentar os filhos orphãos, varões ou femeas de todos os fallecidos Muatiânvuas, até que tenham a collocação devida indicada pelo potentado, tem além das suas damas favoritas as suas amilombes, que lhe dão interesse.

A Muári do Muatiânvua tambem tem as suas amilombes, que procuram interesses para a sua ama.

As raparigas vem ao encontro dos negociantes, e mesmo carregadores d'uma expedição, trazem-lhes fuba, carne ou peixe, gallinhas, hortaliças, emfim todos os alimentos que podem obter. Não lhes acceitam pagamentos, dizem que aquillo é por amizade; então elles admittem-nas nas suas cubatas como freguezas, conversam com ellas, dão-lhes tabaco para fumarem e começam a fazer-lhes os seus presentes de missanga, e d'ahi se originam relações amorosas que são admittidas por parte dos potentados e dos parentes.

Se o acampamento é por uma noute, ellas exigem logo ao sair da cubata do individuo onde dormiram, a retribuição da amizade; mas se é por mais dias levam de comer ao seu freguez e este vae-lhes dando presentes, com que ellas lucram sempre, e por isso as relações amorosas não se apagam, sempre na esperança de uma boa lembrança de despedida.

Tudo o que recebem apresentam aos seus potentados, ou chefes de familia, e estes tiram uma parte para si.

Com os Bângalas e Quiôcos já isto se não dá. Para elles seria um crime que praticaria qualquer de suas raparigas, se tal fizesse, e o homem teria de pagar uma grande multa.

No Xinje usa-se assim, mas só com uma certa ordem de raparigas, já para esse fim destinadas.

Estas raparigas, que andam para assim dizer ao ganho, são aquellas a que os seus senhores chamam *mucau,* mas que são consideradas tanto como as mais que vivem nas suas residencias, com respeito a tratamento. São só escravas para o effeito de vendas.

No Lubuco os do Moio, teem as suas muáris, e são as creadas d'estas (as escravas), que procuram os negociantes, mas em seu proprio interesse.

Na Lunda, o Muatiânvua Noéji Ambumba, os grandes senhores como Caungula, e mesmo alguns maridos, incitam as mulheres a estabelecerem relações amorosas com os negociantes; mas se estes não satisfazem todas as exigencias d'ellas, podem contar que teem de soffrer bastante e por ultimo são esbulhados de tudo quanto possuam. É este o meio empregado pelo potentado para obter muitas vezes o que ambiciona, e que por mais de uma vez lhe houvesse sido recusado.

Mas se uma rapariga, sem o consentimento do potentado a quem pertence, teve relações com um estranho, este tem de pagar o crime (*upanda*), e ella muitas vezes morre á paulada, ou a golpes de ferro, ou não mais se sabe o fim que teve.

O Suana Calenga Ambínji, num caso d'esta ordem exigiu um grande pagamento ao rapaz e a ella; depois de a mandar varar amarrada a uma arvore, fez-lhe cortar uma orelha e marcar com um ferro acima dos peitos e nas costas, obrigando-a depois, emquanto vivesse, a levar todos os dias lenha e agua para cada uma das suas mulheres.

Queria que estas vissem constantemente nella o exemplo do que lhes succederia, se fossem culpadas de crime analogo.

Um dia, indicando-me a desgraçada que já estava reduzida a uma mumia, e que mal se podia ter em pé, contou-me o castigo que lhe dera, terminando por dizer: — que ella fôra uma bonita mulher e que a estimára muito.

—Tenha então dó d'ella, lhe retorqui, e deixe-a terminar os seus dias descançados ahi numa cubata; ella já não pode andar todo o dia no mato e no rio, a transportar lenha e agua.

— Se eu seguisse o que o meu amigo aconselha, replicou elle, estava perdido; as outras raparigas conheciam-me fraco, suppunham que eu me arrependêra e faziam o mesmo.

— Não pode ser, o potentado tem de mostrar que é forte.

— Eu estive muitos annos na mussumba, continuou elle, por causa do malvado Xanama, que entendeu vingar-se de meu tio em mim e nos meus irmãos, que lá morreram, e vi como procedia com as suas raparigas, que eram apanhadas na *upanda;* ou as matava logo com o seu cumplice ou as vendia, e eu dizia commigo, não é isso que eu faria no teu logar. Se um dia chegar a tomar posse do Estado de meu tio, e que tal me succeda, o castigo que hei de dar ha de servir de exemplo a todas as raparigas. Deu-se infelizmente o caso com uma mulher que sabia ter a minha estima; tanto peor, ha de morrer marcada no serviço das outras.

Era inabalavel a resolução d'este homem, e seria baldado o tempo em interceder por ella.

Deram-se casos de upanda com os meus carregadores, e valeu a alguns estarem ao serviço de Muene Puto, cuja influencia em todos estes povos é manifesta; e isso não obstante as minhas continuadas advertencias para se cohibirem, pois que esses casos podiam ter consequencias desagradaveis, senão graves para elles, e collocavam em difficuldades a Expedição.

Um dos soldados, por exemplo, que fazia parte da pequena força que nos acompanhava e que conhecêra em Ambaca, Na Muhongo, uma rapariga que fazia parte de uma comitiva de seu irmão Cacuata, que ali fôra a negocio, achou-se envolvido num d'estes casos.

Esta rapariga, repudiada pelo seu companheiro, fôra entregue ao irmão e considerou-se livre para tomar novas ligações.

Em Ambaca, terra estranha, o irmão e mais parentes souberam que o soldado de Muene Puto, tinha relações com ella, e pouco se importaram.

Nem o soldado, nem ella, nem os parentes podiam suppôr que tempo depois se haviam de encontrar todos no Caungula!

Na Muhongo, que o vira, veiu logo procurá-lo. Como vivesse a mãe e estivesse na sua companhia com dois irmãos, não sendo nenhum d'elles o Cacuata, que estava ausente, Na Muhongo aconselhou o soldado a que se dirigisse á mãe, para ella poder viver na sua companhia. Era isto, o mesmo que pedir a rapariga em casamento, e portanto o soldado teve de sujeitar-se á praxe, vestir a mãe e os dois irmãos, e fazer uma festa em casa d'ella, correndo todas as despesas por sua conta.

Semanas depois morreu a mãe, e o rapaz ainda fez as despesas de mortalha e das ceremonias de obito, e um dos irmãos, que era menor, veiu tambem para a companhia d'elle.

Assim decorreram alguns mezes, sem que tivesse havido novidade, até que o soldado teve de marchar numa diligencia, que durou quarenta dias.

Quando voltou ao acampamento encontrou a rapariga em poder do primeiro companheiro, homem já de idade, arvorado em auctoridade, que entendeu fazer reviver os seus direitos não maritaes mas de senhor, e isto com o consentimento do irmão mais velho, o Cacuata, que tendo apparecido e estando agora debaixo das ordens d'aquelle de que era devedor, não pudera recusar-se a entregar-lhe a irmã, como elle lhe exigira, emquanto não pagasse o que lhe devia.

Deram-se varios conflictos entre o soldado, o velho e a sua gente, por causa de Na Muhongo, que sempre que podia ia ter com o soldado, até que entenderam vigiá-la.

O soldado, irritado, e julgando-se com direito á rapariga, exigia o pagamento das despesas que por ella tinha feito, quando não consentissem que ella vivesse na sua companhia.

Appareceu então o irmão Cacuata, que se não queixou contra o seu cunhado soldado, mas contra a mãe e parentes que acceitaram bem as ligações d'elle com Na Muhongo, quando sabiam que esta não podia dispôr de si, porquanto o repudio do marido era apenas uma questão temporaria, e tanto que ella e os seus parentes nada lhe haviam pago. Fôra entregue a sua mãe por ella não viver bem com as suas companheiras, que queriam ter a primazia nas relações com o seu homem.

Além d'isso o mais velho era elle cacuata, que não fôra ouvido, e o seu novo cunhado que elle conhecia de Ambaca, esquecêra-se de o contemplar. Bem sabia elle que estava ausente na occasião, porém já ahi estava havia algum tempo, o seu cunhado não tinha feito caso d'elle, e elle estava disposto a harmonisar todos.

Chamado o soldado, comprometteu-se a não levar a rapariga para as terras de Muene Puto, a viver com ella emquanto todos andassem juntos na viagem, mas tratando ella dos serviços domesticos do primeiro companheiro, e finalmente a vestir este e o cacuata, e a ir comer com elles, como bons amigos e parentes, para desfazerem assim as zangas, e poder já a rapariga nessa noite voltar á sua cubata.

CABULUCO

E assim terminou esta upanda!

As peores são aquellas que se dão com a rapariga que, segundo elles, está no remedio da caça, que é Na Caianga, porque estraga o remedio e torna infeliz o caçador a quem ella pertence.

Apesar de haverem entre estes povos ligações por affeição, é certo que os potentados e na familia os paes, e na falta d'estes o filho mais velho dispõem das mulheres para as amancebarem, como já disse, com homens que lhes mereçam confiança, para os tornarem considerados dos seus povos; e as filhas de Muatiânvua em disponibilidade muitas vezes dirigem as suas supplicas ao potentado para que lhes dê companheiro.

Os Quiôcos, quando chegam a idade propria, pedem aos seus Muana Angana que se lembrem de que elles não teem companheira para os tratar.

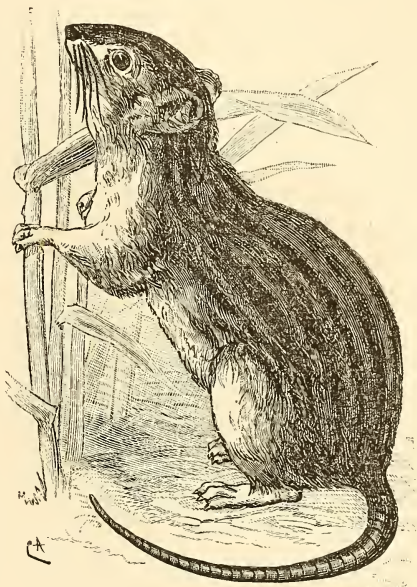
Entre os Xinjes, como o estado é das mulheres, qualquer d'estas, se pertence á côrte, tem o direito de chamar qualquer rapaz, da classe mais humilde que seja, para manter relações com ella até ter d'elle dois filhos, e depois d'isso dá-lhe um logar no Estado e designa-lhe o sitio, em que deve crear a sua povoação, e elle só se apresenta na residencia da mãe de seus filhos, quando é chamado para ser ouvido sobre negocios do Estado.

TUNZO

Aquella chama em seguida outro homem, para com este ter relações nas mesmas circumstancias, e assim successivamente emquanto possa ter dois filhos de cada um.

Esta lei estabeleceu-se assim porque, dizem os Xinjes, que se os filhos de um pae foram maus, podem os de outros ser melhores, e nisso interessa o Estado do Capenda, em que todos teem direito de reger por sua vez.

No Lubuco, entre a gente do Moio, não existe esta especie de polyandria, e dá-se a polygamia, mas não com as mulheres do Moio, que, por isso mesmo, se tornam distinctas e mais estimadas.

Em todos estes povos dá-se porém o facto dos potentados em geral serem, ou quererem mostrar que são, muito ciumentos por umas determinadas mulheres; e por isso se uma d'estas,

pouco depois de anoitecer, não tiver recolhido e o potentado não souber onde ella foi, por todos os lados se ouvem os pregoeiros, annunciando o que succederá a quem tiver retido essa mulher que falta.

Como estes povos são muito supersticiosos, e tudo mau que lhes succede querem attribuir a feitiços, principalmente doenças de qualquer pessoa de sua familia, infidelidade ou fuga da mulher, etc., por isso são frequentes os bandos á noite.

Um homem, a quem chamam Lubila, corre toda a chipanga, e se ha povoações proximas, vae até lá chamando a attenção de todos, em altas vozes e dizendo:—«que adoeceu F..., e o potentado avisa que se alguem chamou os seus feitiços para isso, os faça recolher, aliás terá de soffrer um castigo rigoroso; que desappareceu F..., (descreve os signaes e os seus prestimos, onde estava, etc.), se alguem a enfeitiçou que pare com esse processo, e deixe-a voltar para sua casa, aliás, descobrindo-se o seu paradeiro, ha de ter que ver quem lhe virou o coração».

Tambem os bandos correm quando os potentados querem communicar alguma cousa aos seus filhos (povo), por exemplo: Que se não roube tal ou qual lavra, pois quem lá se encontrar será amarrado; que quando chegar uma comitiva de negociantes se vendam os mantimentos por tal e tal preço; ou que nada se venda sem um novo aviso, etc. Os bandos estão em uso por todos estes povos da região central, mas não passam de uma limitada área; porém para distancias grandes recorre-se a um systema muito curioso e mesmo engenhoso, que dá bom resultado, mas que é difficil de bem se comprehender na pratica.

Mesmo entre aquelles que estão habituados, é necessario muito uso e attenção para devidamente se utilisar.

Para transmissão de noticias até ás distancias de 12 a 15 kilometros, o meio usado é grosseiro e mal comparado faz lembrar os modernos telephones. Empregam para esse fim os instrumentos de pancada mondo e chinguvo, sendo mais usual o primeiro para maiores distancias, e tambem se utilisam os apitos para as pequenas distancias.

Estes instrumentos foram descriptos já em outro logar, e por isso só agora trataremos da transmissão de noticias.

Os tocadores do mondo são especialistas muito praticos, que de crianças se acostumaram a fallar por o mondo: vão fallando e tocando, e ha peritos que traduzem logo o que o mondo diz.

A duas leguas de Calânhi, na colonia do Luambata, um rapaz da Lunda, que de pequeno ali se creou, e que fallava bem o portuguez, respondia num pequeno mondo ao que de lá se dizia.

Por meio do mondo chamam-se os que teem voto na côrte para a sua reunião, e para isso toca-se de modo que se traduz assim: *acuarunda ó chipata congolo; cumanganhâni, cumanganhâni, cumanganhâni; amitanzuca cúdi cabúnji; muene tanda jimba; mútue chipanga chiá lupele; cumanganhâni, cumanganhâni, cumanganhâni.* «Povo da Lunda, os que combatem os inimigos; reunam, reunam, reunam; chama-vos Cabúnji, grande senhor, dono da chipanga de folhas (referencia ao Muatiânvua). Reunam, reunam, reunam».

A chamada particular da Lucuoquexe é: *Camonga, uêndi, nicala cusutula cabúnji unvala anzavo.* «Senhora Camonga, venha, espera vê-la passar o Cabúnji (elephante) que é o grande dos grandes que fizeste nascer».

A do Muitía: *uá mucondele tâmbu, uá muhamba xima, mussaca xima uêndi.* «O que me traz leão (carne), cestos de fuba, a carga de fuba, o alimento emfim, venha».

E tambem se chamam por este meio todos os quilolos que se queira, por que cada um tem um signal especial.

Para chamar toda a gente ás armas (assisti a esta convocação no acampamento de Xa Madiamba), dizia o mondo: *acuarunda ó chipata congolo, ucuete uta, ni cabuita mulimo, munguletelanhi, munguletelanhi.* «Povo da Lunda, os guerreiros, os que teem espingardas e frechas, venham todos com ellas, venham todos com ellas».

Aviso da fuga de um rapaz: *acuarunda ó chipata congolo, ucuete messu, unguta dilanhi:* «Povo da Lunda, guerreiros que tem olhos, vejam bem, fugiu (subentende-se) um rapaz; para

chamar uma rapariga, accrescentam: *lubuíza mutanguela anganda* «rapariga que augmenta as nossas terras.

Para dar parte da chegada de alguem, por exemplo de Muene Puto, (seu representante): *acuarunda, ó chipata congolo cabuíco cabuíco, cacuete mendu iacuopatajana, uazeza, uaxica:* «Povo da Lunda, valentes; o que tem calças (cobertura nas pernas) de que todos somos filhos, veiu, chegou».

De tal modo tem o tocador o ouvido costumado ao dizer do mondo, que move apenas os beiços como quem está fallando, e vai tocando, e outros ao longe, logo que ouvem o signal de attenção, procuram mechendo tambem os beiços, as syllabas das palavras que se ajustem aos sons que lhe chegam aos ouvidos, e em seguida interpretam-as, quando não completamente, de modo mais ou menos approximado.

Numa occasião desejei fazer a experiencia, e disse a um mondista que fizesse saber a Bungulo que eu ia para casa e precisava muito fallar-lhe. Pouco depois de entrar no meu alojamento chegava Bungulo, e riu-se por eu lhe ter feito a communicação pelo mondo.

Noutra occasião quando regressava do acampamento do potentado Mona Quissengue, mandei chamar o mondista de Xa Madiamba e disse-lhe para participar a todos, que Mona Quissengue se despedia como bom amigo, e pedia a todos para folgarem e dançarem durante a noite. O homem puchou logo o mondo a si, e transmittiu o recado do seguinte modo: *acuarunda o chipata congolo, texânhi! chissengue uaia, uacanena mona macu uêndi cabúnji, muene tanda, jimba mútue, muene chipanga, chialupepe, uá mucanena, uá mucanena, ene cupangana, apangana, ene cubula, tulabule abule, tualubula.* «Povo da Lunda, guerreiros, attenção! Quissengue retira, despede-se do seu irmão, o grande senhor, o cabeça dos povos, o dono das terras, o dominador; despede-se, despede-se como bom amigo. Dancem, saltem, gritem, façam a sua festa como amigos tambem».

O povo de Quissengue, ouvindo, respondeu: «Que não haja intrigas, e dancemos como bons amigos que se despedem. Quiô-

cos e Lundas, Lundas e Quiôcos são todos filhos do grande senhor das terras, despedimo-nos, despedimo-nos, adeus, adeus».

As danças continuaram toda a noite d'um e d'outro lado do rio Cachimo, affluente do Luembe.

Esta forma de transmissão de noticias trouxe-a o Chibinda Ilunga quando veiu da Luba.

Presentemente no Lubuco, só se servem d'este meio de transmissão em caso de guerra, porque os Chipelumbas sempre que ouviam o mondo, armavam-se e guerreavam os vizinhos, suppondo ser isso o que se pretendia.

Os Quiôcos preferem os apitos, mas estes são para pequenas distancias, e por este meio avisam os seus Muana Angana da chegada de alguem.

Combinando duas pessoas, de familia geralmente, num certo numero de signaes, correspondem-se das lavras para casa e vice-versa.

Os Bângalas e Xinjes tambem usam do mondo. Em Loanda, mesmo no bairro de gente do Congo elle lá existe, e é com que tocam a alvorada e a recolher.

Este modo de transmittir as noticias pelo mondo, ou mesmo pelo chinguvo, é tão efficaz, que no dia em que a Expedição passou o Cassai, o souberam na mussumba do Calânhi; e como no trajecto ao Lulúa a Expedição por causa das chuvas tivesse gasto quinze dias, já os portadores da côrte estavam no Lulúa indagando se a Expedição havia retrocedido, ou se algum quilolo a havia impedido na sua viagem.

Élisée Reclus, na sua *Nouvelle géographie universelle, la terre et les hommes*, vol. XIII, tratando da Africa Meridional, mal informado diz: «Que os Dualas e seus vizinhos, constituem o unico grupo de negros que se servem do tambor para transmissão de noticias». O illustrado geographo sobre este ponto, esqueceu-se de consultar a viagem de Schweinfurth, que mais de uma vez cita. Tratando dos Niams-niams o esclarecido viajante dá-nos conhecimento d'este meio de communicação; e muito antes d'elle já o nosso major Gamitto, na sua viagem ao Muata Cazembe, falla d'esse meio de transmittir noticias.

Em todos estes povos, considerados como constituindo actualmente a familia Bântu, e que denominei Tus, é usual este systema de communicação.

No nosso regresso, em terras entre Malanje e Pungo Andongo, vi os indigenas corresponderem-se a pequenas distancias por meio de um apparelho muito grosseiro, semelhante ao telephone, o qual consiste de dois fundos de cabaças quasi iguaes em dimensões, ligados por cordas de fibras. Um fallava numa cabaça em voz baixa e outro ouvia na outra.

Por meio do mondo, conseguem os povos gentios precaver-se contra os feiticeiros, porque como se ouve longe quando ha alarme contra um feiticeiro, as povoações tornam-se desconfiadas de qualquer estranho, principalmente se é dos que trazem, como elles creem, doenças ou morte comsigo.

As suas crenças baseiam-se em circumstancias meramente fortuitas, sem relação alguma com os acontecimentos de que se suppõe que ellas são o prenuncio. Timoratos e ignorantes, tornou-se para elles a superstição um sentimento religioso, e as causas de todos os seus males, ainda os mais insignificantes, attribuem-nas todos á má vontade dos seus idolos ou então aos maleficios dos feiticeiros.

Assim, uma má pontaria, o cair-lhe das mãos qualquer objecto de estima e quebrar-se, o perder-se a vontade de comer, uma qualquer contrariedade, nada para elles pode considerar-se accidental, e o movel, o causador efficiente, é um idolo ou feiticeiro, e buscam logo conhecê-lo, consultando os adivinhos. As doenças e mortes estão no mesmo caso.

Na Lunda quando alguem adoece ou morre, por muito pobre que seja, a familia trata logo de mandar adivinhar a causa, porque se for devida aos idolos, tratam de os aplacar para não continuarem a fazer mal ao doente, ou a perseguir ainda o morto, e para que este fique em bom logar d'onde não venha a inquietar os vivos. Se for por feitiço, procuram adivinhar quem foi o feiticeiro para ser devidamente julgado, e quando se encontre, ser entregue aos tumbajes para o irem matar a

golpes de faca proximo de um rio, onde lançam depois o corpo.

Dão-se sempre com grande satisfação do povo estas execuções summarias, por ser um feiticeiro de menos, e para se verem as contorsões do rosto e ouvir os gritos do padecente. Os haveres d'este redundam em proveito dos parentes do doente que falleceu.

Acreditam os Lundas nos remedios para não morrerem nas guerras, mas os mesinhados lá vão morrendo; e tambem acreditam em remedios que lançados em pannos, esteiras ou pelles, vão levar a morte áquelles a quem se destinam. Xa Madiamba muitas vezes me fallava nuns e outros que desejava, e como eu sempre lhe dissesse que se não deixasse enganar, que nada d'isso existia e me risse, elle, não contente com os seus angangas da Lunda, pediu a Bângalas e a Quiôcos e até a gente do Congo, para lhe fazerem remedios com aquelles effeitos.

Quando o sobrinho Muxídi lhe mandou duas pelles de onça, offereceu-m'as, dizendo que se não servia d'ellas porque certamente traziam feitiço para o matarem.

Os Quiôcos, principalmente os chefes de povoação, teem receio dos feitiços, mas o que é mais curioso é quererem elles passar por feiticeiros para com o seu povo e tornarem-se assim mais respeitados. E é certo que todos, os principaes, receiam muito de Mona Quissengue, que ha de ser por força feiticeiro, seja quem for esse Mona Quissengue; e tambem se dá o caso, pelo menos com o actual, de ter muito medo de feitiços, mas esse teme-se de toda a gente, principalmente dos Lundas. No Lubuco já se não dá isto, e só os Chipelumbas é que acreditam na sua efficacia.

Infelizmente na nossa provincia de Angola, ainda hoje se crê muito em feitiços.

O interprete da Expedição, que sabia ler e escrever, e que tinha estado em contacto mais ou menos com europeus, fugia aos nossos medicamentos, e procurava os dos gentios, porque attribuia tambem as suas molestias a feitiços e a pessoas que lhe queria mal.

Por effeito de geito, contusão ou molestia, a perna direita, do joelho para baixo e o pé, tornaram-se-lhe enormes com a inchação que por mezes o impossibilitou de a dobrar, e por consequencia de andar, e no joelho é que parece estava a origem do mal.

Tinha sempre a casa por fora e por dentro guarnecida de chifres e cheia de mistelas, hervas, panellas com aguas e varias outras cousas, e lá ia o anganga de manhã e de tarde afastar o feitiço. Mais tarde principiou este a deitar-lhe ventosas sarjadas por sua conta, porque tambem tinha suas manhas de curandeiro e grande predilecção por sangrar, deitar bichas e dar tisanas.

Um anno depois, tinhamos acampado por alguns dias em Calamba Cassenga e appareceu o interprete na minha barraca dizendo:—Meu patrão, eu nunca podia ficar bom da perna; agora um cirurgião da Lunda que me deitou umas ventosas, tirou-me do joelho parte de um peixe, uma bala e o rabo de um bicho!

—Está doido? Lhe disse eu!

—Não meu senhor, é a verdade, vi eu, e aqui está.

—E quem lhe metteu isso lá?

—Foi um feiticeiro.

—Vá com Deus e deixe-me trabalhar.

Elle lá foi rosnando: os senhores não acreditam nestas cousas, mas nós temos visto outras peores.

No dia seguinte chamou outro Lunda para o sarjar, e contou-lhe o que na vespera lhe havia saido do joelho. O Lunda riu-se, dizendo-lhe que era uma mentira do tal anganga para fazer valer o seu trabalho, e que não acreditasse em tal.

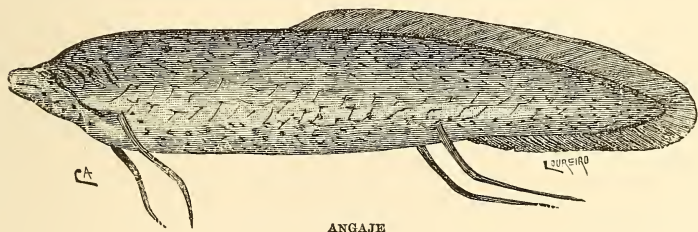
Pouco depois voltou elle á minha barraca e disse:—Ó meu patrão, tinha razão.

—Em quê?

—Hoje esteve cá F... a sarjar-me; contei-lhe o succedido hontem, e elle mostrou-me bem que tudo era mentira, e que o tal anganga não passava de um grande intrujão; trazia tudo aquillo escondido e depois enganou-me dizendo que saiu da

ventosa. Eu então disse-lhe: O que é desgraça, é que o sr. Bezerra acredite mais o que lhe diz o gentio, do que aquillo que lhe diz o branco, e não quer o senhor que lhe affirme que é ainda mais gentio dos que os Lundas.

Tanto os Lundas como os Quiôcos acreditam que os potentados teem umas figurinhas de pau que mandam de noite a casa de cada um para dançarem ao pé do fogo, a fim de os desorientar e enfeitiçar.

É por causa do receio dos feitiços, que já nas cubatas e ao redor d'ellas, pelas ruas das chipangas e tambem fora d'ellas, e nas lavras e caminhos para estas e á borda dos rios, se veem chifres cheios de mistelas, bonecos de pau mais ou menos toscos dentro e fora dos muquixes, panellas de barro com agua e hervas, etc.

ANGAJE

Exceptuando no Lubuco, isto é geral em toda a região central, mesmo nos limites da cidade de Loanda, onde já habita o gentio. Os Lundas, por causa de feitiços e tambem em occasiões de guerra, andam sempre com os braços, peito, costas e cara bezuntados de unturas, azeite e tintas, e com uma penna encarnada no cabello, com a rama para a frente.

O Quiôco só usa de tintas na cara, e suspenso ao pescoço lá traz uns chifres pequenos com remedios, e ainda a tiracollo uns cylindros feitos de encanastrados de cabama, e forrados por fora de baeta encarnada, ou esta combinada ás tiras com baeta azul, contendo varios ingredientes, juntamente com pennas de gallinha, de passaros, retalhos de pelles de certos animaes e saindo da abertura uns pequenos chifres de corça, ou pennas encarnadas.

Os Lundas tambem trazem a tiracollo estes porta-remedios, para não serem aprizionados ou mortos em combate.

Uma penna encarnada espetada no cabello acima da orelha, e collocada horizontalmente sobresahindo á linha do perfil, é indicação de que o paiz está em guerra; tambem os Quiôcos usam d'este signal.

No Lubuco a gente do Moio já não usa nada d'isto, nem crê nestes remedios, e trazem o corpo muito asseado. Não se vêem os taes chifres pequenos ao peito, e trazem sómente suspensas ao pescoço umas pequenas figuras como amuletos.

Dizem que as feitiçarias serão boas lá para os Chipelumbas, a quem chamam gentio bravio, e que tratam de ir civilisando e chamando para o Moio. Nós somos filhos de Muene Puto, jurámos o Moio, e não acreditâmos nisso. Somos filhos da Liamba, o nosso paiz é de amigos, e entre amigos não ha feiticeiros.

Na Lunda, e isto desde o Cuango, a cada passo se topa com um chifre espetado no solo, com uma imagem tosca, isolada ou mettida num abrigo, uma panella com agua muito suja e outras com diversos simpleces, etc. Nas residencias dos potentados e mesmo dentro de suas cubatas, encontra-se tambem d'isto, e o solo da chipanga está coberto de riscos pretos, brancos e encarnados, e tudo são preservativos contra diversas coisas que elles receiam, principalmente feitiços.

Mas tambem d'isto encontrámos muito nos sobados em redor de Malanje; até mesmo os rapazes que eu contratei em Loanda, oriundos de diversos pontos da provincia, acreditam muito em feitiços, e o que lhes diz o adivinho é infallivel.

Alguns foram muito creanças para Loanda e teem estado sempre em contacto com europeus e foram mesmo educados por elles, mas não perderam ainda assim as suas superstições.

No caso de uma doença, se o adivinho attribue a molestia a um idolo, então principiam logo os especialistas a fazer o tratamento na conformidade das indicações por elle dadas.

Dos muitos casos que a este respeito observei, transcrevo um do meu diario succedido em 1885, de que tomei nota em

2 de abril no acampamento de Valle das Amarguras, proximo do rio Camau, affluente do Uhamba.

«Reparando que Tâmbu, o rapaz lunda do Cacuata, tem andado hoje proximo da cubata do interprete Bezerra com a cabeça ornada de capim, cantando, pulando e fazendo-lhe bulha com uns paus á porta, diz-me Bezerra ser elle um bom cirurgião, e estar tratando a sua Maria de uma doença de que ella soffria ha tempos.

Bezerra mandou adivinhar, e sabe ser a doença de idolos da Lunda, e a que chamam *cula,* que o Tâmbu conhece muito bem e sabe tratar!

Conta Bezerra que a Maria quando estava no Lubuco teve uma criança, que pouco depois morreu, e ao retirar para Malanje pisárá ella uma sepultura no caminho, que sabiam ser de uma rapariga que tinha tido um filho que tambem morrêra. Conheceram isto pelos remedios que estavam sobre a referida sepultura, e que tambem elle pizára inadvertidamente. Queixava-se Maria ha tempos do ventre, e elle quando fôra agora ao Anzavo contára ao Cacuata as suas apprehensões devidas ao facto de ella ter pizado aquella sepultura. O Cacuata disse: — Talvez seja isso, mas se fôr, o meu rapaz que acompanhou vossemecê é um bom cirurgião para essa doença. Por isso combinaram elles principiar hoje o tratamento á enferma.

Maria não saira de casa, mas o cirurgião quando appareceu, como disse, depois de preparar o remedio perguntou por formalidade, se ella estava em casa.

A isto respondeu Maria, só depois de muito palavriada do introluctor, tapando a entrada da cubata.

Este retirou e passado talvez duas horas é que voltou, saltando e fallando muito e entregou-lhe o remedio com o qual ella devia lavar o corpo durante o dia. Este remedio que se chama *mufatanda,* consiste simplesmente numa infusão de certas hervas.

Maria faz o que lhe mandaram. Das duas para as tres horas da tarde voltou o homem sempre aos saltos, gesticulando e como que fallando para os idolos, e perguntou á doente se

fizera o que elle prescrevêra. Recebendo resposta affirmativa, retirou satisfeito e voltou ao sol posto a buscá-la, saindo ella coberta com um lençol, e preza por uma corda á cintura que elle segurava na extremidade para a guiar; ella levava numa cabaça a agua com que se lavou, e lá a conduziu para o outro lado do rio onde descobriu uma sepultura (indispensavel para este tratamento), e uma vez ahi ordenou-lhe que despejasse a cabaça sobre a sepultura. Voltaram, vindo Maria ainda tapada com o lençol; entrou esta na cubata onde ficou sem fallar a ninguem, e ámanhã beberá o remedio que se chama *cula*. Se a doença for a que se suppõe, é certo, diz Bezerra, que ficará curada. Se não ficar, é porque a doença é outra e o adivinho errou. É preciso novo adivinhamento para se conhecer bem a natureza da molestia e fazer-se o tratamento devido!

A proposito, fiquei sabendo que na Lunda todos soffrem de lombrigas e este mal é muito conhecido pelo nome de *quióca*. O adivinho depois de ter dito ser esta a molestia de que soffre o doente, e sendo devidamente pago pelo seu trabalho, é succedido pelo cirurgião especialista que dá logo a beberragem propria para o caso, feita tambem de umas determinadas hervas e que toma o nome da doença — *quioca*.

Emquanto se bebe a infusão, salta e canta o tal curandeiro. No dia seguinte, traz elle e põe ao lado do doente uma panella com folhas e cascas de arvores, por elle escolhidas e mettidas em agua, e com esta agua borrifa-lhe todo o corpo, servindo para isso as mesmas folhas e cascas. Chama-se a este preparado *cucopula*. O cirurgião é quem administra os borrifos pela primeira vez, dizendo certas palavras, uma grande arenga. Nos dias seguintes é o proprio enfermo que faz a operação por tres vezes, durante as vinte e quatro horas.

A sua comida é feita em separado e só come de madrugada, e ás seis horas da tarde, ao pôr do sol, depois d'isso já não pode comer mais até ao dia seguinte. Não pode comer carne de porco nem de bagre. O remedio é efficaz e prompta a cura se de facto a doença é devida a lombrigas! Segundo diz o gentio, é uma doença de idolos.

Tambem se curam doenças que se crê serem devidas a feitiços. Se uma pessoa apanha um feitiço ou é enfeitiçada por qualquer em sua casa ou na alheia ou mesmo na rua, é coisa que logo se conhece, e é caso para se chamar um adivinhador.

O enfermo, desconfiando mais ou menos d'onde procede o feitiço, dá o maézu como é natural a qualquer pessoa, e esta divulga-o, até chegar ao conhecimento dos adivinhos, que sabem tirar logo proveito d'isso, pois em geral os maézus são passados de bocca em bocca sem consciencia, e de tal forma se vão deturpando, que se convertem em verdadeira novidade quando volvem ao conhecimento de quem primeiro lhe deu origem. Tenho prova d'isto até com interpretes e Loandas, e ás vezes appareciam como ordens minhas o que apenas nem bem pensado estava!

O adivinhador quando o procuram, está já á espera d'isso, e está sabedor do que se passa, e a quem se imputa com mais ou menos fundamento o mal de quem o manda chamar.

Chega a casa do enfeitiçado, com ares de quem entende das coisas. Toca uma especie de campainha, ou agita uma cabaça que tem dentro pedaços de metal e outros objectos que produzam bulha; canta, grita e salta, sempre com acompanhamento de palmadas e cantos dos circumstantes, faz muitas momices, gestos mysteriosos, avança, recua, pára, etc.

Traz preza na cabeça uma figura de pau, o *angombo* (que os interpretes dizem ser o diabo); suspenso ao braço uma especie de cesta ou bolsa feita de capim secco (faz lembrar a palha), e dentro muitas bugigangas, pedaços de baeta já usada, pés de gallinha, ovos de cobra, pausinhos, raizes, folhas, tacula, etc., para o que olha de quando em quando como quem quer consultar esses objectos. Interroga o enfermo sobre os seus soffrimentos, mira-o, espanta-se, dá reviravoltas na cubata, gesticula, pasma a olhar para as bugigangas, tira o angombo da cabeça e fica absorto olhando para elle e depois dá uns saltos e aspirações ruidosas, uns *ah! cá! cá!* como quem já sabe tudo. Os de casa dão-lhe logo a esportula, conforme os teres do queixoso, constando de fazendas, polvora, etc. Se acha pouco,

não volta o angombo para a cabeça, lamenta-se, pede mais e offerece o que dão ao angombo que logo torna ao seu logar.

Depois de guardar o que lhe deram, espalha as bugigangas no chão, salta de novo, gesticula, falla a cada coisa, torna a tirar o angombo, e põe-o como se fosse a olhar para todos aquelles objectos. Demora-o a final mais junto de um d'elles, e em seguida pucha a si o objecto escolhido, e diz solemnemente em que consiste o feitiço, onde foi apanhado, quem é o feiticeiro e quem é o cirurgião que deve ser chamado, o qual, bem entendido, anda combinado com o adivinho.

Chama-se o cirurgião, que traz já o remedio, consistindo de infusões de certas raizes, troncos ou cascas, para o doente beber e expellir o feitiço e outros para lhe bezuntarem o corpo, feitos de folhas pizadas e amassadas com azeite. Estas unturas e as comidas são administradas segundo as suas prescripções e por quem elle determinar. Assim dizem que farão desapparecer depois de algum tempo o feitiço!

—E se não fizer? Fica na mesma?

—Não senhor, respondeu-me Bezerra, o cirurgião diz logo que o adivinho não presta, e faz elle o seu papel, descobrindo outro feitiço, recebe a esportula e aponta outro cirurgião.

E assim se continúa até se acertar ou o doente morrer, ou então quando o doente está já exhausto de recursos e de paciencia, que corre com o ultimo e não chama mais ninguem. Assim se esquece da doença e declara mesmo que nunca fôra enfeitiçado e que por isso o adivinho não podia curá-lo!!!»

É de praxe na Lunda conceder aos sentenciados á morte pelo Muatiânvua, não sendo feiticeiros, o tempo necessario para comerem e beberem antes de serem executados. Os que nada teem em casa, mandam pedir ao proprio Muatiânvua que lhes mande cozinhar infunde e um pedaço de carne ou de peixe e lhes dê ainda malufo, pois estão com fome. O Muatiânvua se nada tem preparado em sua casa, manda-o pedir fora á Lucuoquexe ou a algum quilolo, e satisfaz-se o pedido para o sentenciado ter animo de receber o castigo que se lhe impoz.

Os corpos dos sentenciados em geral, ficam insepultos no logar onde foram executados, ou são lançados ao rio, e por isso não se chora o seu obito.

Em todos estes povos mesmo em Malanje, logo que morre uma pessoa, é sabido que os parentes e amigos que estão a seu lado o annunciam á vizinhança e mesmo a grande distancia, pelo seu carpir, o qual só termina depois do sol fora, se a morte teve logar de noite, ou interrompe-se só alta noite para continuar ao alvorecer e terminar das oito para as nove horas.

Se os parentes teem algumas posses, o numero de carpideiras augmenta, e logo ao romper da madrugada se ouvem tiros de espingarda.

Isto repete-se ao sol posto e até alta noite, e dura de tres ás vezes até oito dias, havendo danças, comes e bebes nos ultimos, segundo as posses da familia e gerarchia do defunto.

O modo de carpir, ou melhor, as ceremonias de nojo pouco differem de uma para outra tribu, em toda a região central.

Embora a familia, em que se dá um obito, tenha posses, demonstra-se o pezar desataviando-se todos dos seus adornos e enfeites, e substituindo as roupas por pedaços de tecidos de fibras grossas de certas cascas, que fazem lembrar a nossa serapilheira, cobrindo com ellas sómente as partes pudendas. Homens, mulheres e creanças rapam o cabello ou completamente ou por metade, e só de um lado. Não se cozinha em casa emquanto o cadaver não tiver sepultura, e toda a familia conserva-se encerrada na cubata, chorando.

Só os homens e mulheres expressamente chamados para carpir, o podem fazer fora, e em redor da cubata em que está o defunto.

Em Mataba encontrei uma novidade no modo de carpir. Os parentes e mesmo amigos do defunto, arranjam uns saiotes de folhagens e ornam a cabeça com grinaldas de verdura, o que faz lembrar as nossas antigas danças de campo; e andam sosinhos todo o dia e durante noite, de suas casas para a do defunto e vice-versa, pelo mesmo ou por diverso caminho, sempre em passo de dança, em canticos lamentosos, e quando se

encontram duas d'estas figuras, dançam ambas algum tempo, e depois cada uma segue o seu destino.

O ceremonial dos enterros, e o modo de dar sepultura é diverso de uns para outros povos.

Se o defunto por exemplo é Muatiânvua, tiram-lhe os dentes, as unhas e os cabellos, e guarda-se tudo numa especie de urna tosca de madeira, que vão depositar numa casa em logar proximo á mussumba do Calânhi, a que chamam Anzai, e o corpo sepultam-no no leito do rio, o quinto affluente do Calânhi.

ANGONDO

A Lucuoquexe tem um cemiterio especial em Catandama, logar na margem esquerda do rio Calânhi, e um pouco ao norte da mussumba do mesmo nome.

A gente da Lunda é enterrada em logar afastado das povoações, quando por qualquer circumstancia se não deixam insepultos os corpos.

Os grandes de Mataba, os Tulamba[1], são tambem sepultados nos leitos dos riachos.

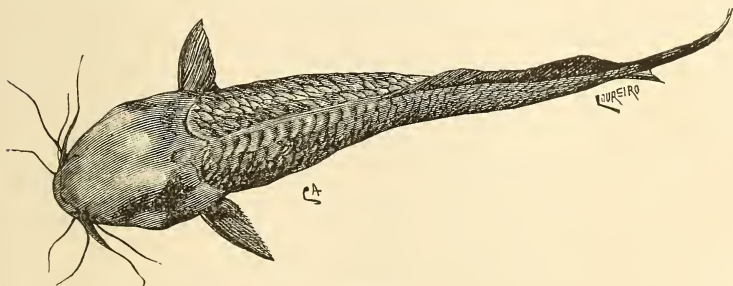
No Xinje, os grandes (Muana Angana) são vestidos com bons pannos, deitados sobre leitos feitos de pau ou de cannas nas casas em que viveram, sendo as portas fechadas e trancadas por fora, e ahi estão dois e tres annos até restarem só os esqueletos, e durante todo este tempo ha sempre vigias em roda das casas para afastar os cães, e outros animaes.

Estes vigias são considerados como lobos, e podem ir á cubata de qualquer comer quando tenham vontade, e roubar

[1] Plural de Calamba.

mesmo cabras, gallinhas e malufo, emfim, cousas de alimento, que ninguem se queixa, e mesmo queixando-se, os potentados não os attenderiam.

Fica encarregada uma rapariga de estar ao pé do defunto, recolhendo em panellas os vermes e pedaços de carne que caem da ossada, e por ultimo reune todos os ossos contados em mabelas ou bocados de panno, indo então os parentes, amigos e povo, se o defunto era senhor de senzalla, em procissão lançar esses ossos no leito de um rio, e nesse dia e nos dois ou mais seguintes, conforme as posses, chora-se de novo o obito, havendo grandes danças.

A gente do povo tem logar especial de sepultura, embora não resguardado como conviria.

BAGRE

Entre os Quiôcos, se morre um dos grandes senhores, fica depositado na propria cubata; as portas trancam-se por fora e vai-se accumulando terra em torno da casa de modo a cobri-la, intermediando essa terra com troncos e raizes, e toda a povoação se muda para um logar distante, mas donde se veja a elevação que fizeram; depois cercam esta especie de tumulo com troncos grossos e unidos, e ai d'aquelle que ao passar por ali não for com a devida reverencia. É motivo para uma grande milonga em que o infractor perde tudo quanto possue.

Para os do povo é costume, em qualquer sitio afastado das povoações, abrir uma cova pequena e sentar nella o cadaver, ficando a cabeça e joelhos de fora, e aquelles que fizeram o enterramento, deitam em seguida a fugir.

Tambem na Lunda, entre a gente mais pobre, se dá o repugnante uso de embrulharem os corpos numas esteiras e deixá-los insepultos entre o capim, e sujeitos a serem pasto dos animaes carniceiros.

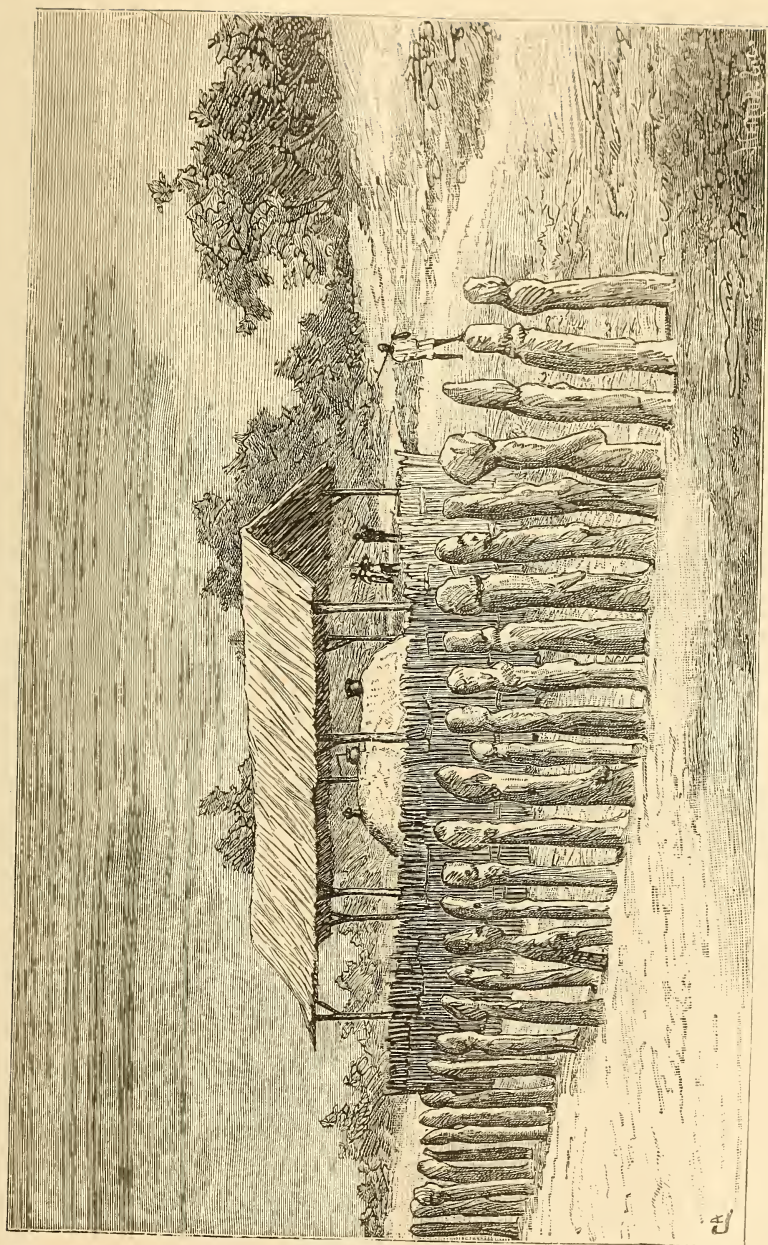
No Caungula de Mataba havia um logar especial para a gente da chipanga do potentado, e como na China, cozinha-se para o defunto na vespera do enterro á noite, e a comida vae com elle para a sepultura. Tambem para leste do Luíza, os Lundas que teem posses fazem o mesmo para os seus parentes.

Os Uandas comem a carne dos defuntos, e lançam os ossos nos rios!

No Lubuco são as mulheres que abrem as covas e enterram os seus companheiros, e vice-versa. As sepulturas são atrás das residencias, o que não é para extranhar, porque nos sobados de Malanje mesmo ao pé da villa, onde ha cemiterio, observa-se ainda o mesmo; devendo notar-se que alguns dos sobas, bem como seus filhos e povo são baptisados.

Tanto nos caminhos, no interior do districto de Loanda, de concelho para concelho, como no meu transito do Cuango ao Cuílo, vi algumas sepulturas indicadas por elevações de terra, cobertas de troncos e arbustos, e cercadas de duas ou tres ordens de paus mais ou menos grossos e altos, que são dispostos pelos individuos que pertenceram a comitivas em viagem, e assim ficam resguardadas das feras.

A mais notavel que conheci, é a que figuro; era de um ambanza importante que fallecêra no caminho do Cundungulo para o Cuengo, já no regresso do Lubuco para a sua casa na margem do Cuango.

Sempre que por ali passam comitivas de Bângalas, que é proximo de um logar em que por costume se acampa, todos lá vão depositar um signal do seu respeito, que consiste em arvorar uma bandeirinha de qualquer fazenda, dependurar uns fios de missanga ao pescoço de uma figura tosca que lá existe, pôr lá novas figuras, e pelo caminho vão cravando na terra paus, que um ou outro mais curioso da comitiva affeiçoa na sua extremidade com a faca, imitando animaes ou cabeças

UMA SEPULTURA NO CADUNGULO

humanas, chegando alguns quasi a completarem figuras de homem ou de mulher pelo menos até á cintura.

Quando regressei, vim por esse caminho, e numa grande extensão estava limitado do lado esquerdo por uma linha d'estes paus, que pela variedade da altura e das figuras mais ou menos completas que nelles se viam, esculpidas ou contornadas, produzia um effeito agradavel.

Todos os que passam por pé de uma sepultura, fazem-no com certo respeito, e é frequente quebrarem um tronco de um arbusto proximo, antes de se approximarem e lançam sobre ella o ramo quando passam, batendo em seguida com a mão no pé do lado da sepultura.

E sobre estas ceremonias que notei, fui informado que lhe lançam o ramo, para não serem perseguidos em sonhos pelo sepultado, e batem no pé, para que caia toda a terra que pudessem trazer pertencente á sepultura, a qual poderia tirar-lhes a força para andarem d'ahi em deante.

No meu regresso, quando visitei o novo jaga Andala Quissúa, D. Teca, estive antes na povoação do velho jaga, meu amigo, que lá tinha deixado ainda vivo; e como os antigos macotas me convidassem para descançar antes de seguir ao meu destino, fui informado, que elle fallava muito de mim e por vezes dissera quando estava doente, que não se esquecessem de me darem de comer quando eu voltasse, e que lhe fizeram a vontade, sepultando-o com a roupa com que eu o havia presenteado.

Deram-lhe sepultura na casa em que elle residia, e lá estava a bandeira portugueza num pau a um canto, onde elle sempre a tivera guardada.

Pedi para lá entrar, e disseram-me que eu tinha de tirar as botas. Contentei-me pois em olhar de fora para a elevação de terra, dentro da casa principal, sobre a qual estavam espetados troncos grossos, formando cabides, onde se viam suspensos pedaços de fazendas, bonecos, panellas, missangas, etc.

Dos paus da cêrca exterior da casa, que haviam rebentado, quebrei dois tronquinhos com folhas, e atirei-os para dentro da

casa, o que todos que me acompanhavam muito apreciaram, e pediram-me então para ser eu quem fechasse a porta.

Esta ceremonia, explicaram-me depois, era para que o defuncto soubesse que fôra o seu amigo que pediu para o visitar, e para elle ficar descançado.

Em algumas povoações lundas vimos logares reservados para sepulturas, e onde se observam mais nas proximidades dos caminhos, é na nossa provincia até ao Cuango, e algumas sepulturas são na verdade de muito trabalho; pode dizer-se que são toscos mausoleus de grande altura, estando a terra batida e solidificada, disposta em dois e tres degraus, e sobre elles uma forma de caixão. Tudo isto está sob um telheiro espaçoso, coberto de capim, sendo vedada a entrada do recinto por uma palissada de troncos unidos aos suportes do telheiro.

Parece, pois, que as que encontrei no meu transito até ao Cuílo, e que me informaram serem de comitivas de commercio, são uma imitação das que se veem na nossa provincia.

Quando fui escolher o local para a nossa Estação Conde de Ficalho, no Chibango, a tres kilometros de distancia do rio Chiúmbue, a unica cousa que me pediu o senhor da povoação foi, que não collocasse o acampamento ao pé do logar dos mortos.

No Cacunco, em Mataba, duas mulheres da Lunda, que iam na minha comitiva para a mussumba, foram condemnadas a uma multa grande por terem ido pescar ao riacho em que se sepultavam os Tulamba da localidade.

Atravessando as terras do Capenda, passou a Expedição na povoação do fallecido Mona Mucamba, cujo corpo, havia mais de um anno, estava dentro da residencia esperando a opportunidade para ser enterrado. Ao lado do cadaver lá estava fechada uma rapariga com panellas em roda de si, onde ia deitando os vermes e os pedaços esphacellados do corpo do seu senhor, e noutras os ossos que d'elle se iam desligando.

A casa era cercada, e por fora estavam os chamados lobos. Mucanzo, que era o herdeiro, já tinha chamado a si o harem do defunto, e isto contrariou muito o povo visto o cadaver

ainda não estar enterrado; e de quando em quando iam gritar contra os da povoação de Mucanzo, por Mona Samba, que era a mãe e senhora das terras, não ter já mandado chorar o obito d'aquelle seu filho, e por todos já estarem roubando o que elle deixára.

Salvas as excepções que apontei, vê-se que estes povos teem respeito pelos mortos, e acreditam que, se não lhes derem boa sepultura e se os não chorarem devidamente, elles voltam a lembrar aos parentes o que querem que se lhes faça, e d'isso todos se receiam.

Assisti ás visitas de pezames entre os Lundas. A visita passa a palma da mão direita pela do individuo de mais respeito que está de nojo, bate depois uma palmada na sua mão esquerda, faz isto tres vezes e diz: *chaipe, chaipe, chaipe, murundanámi* «triste, triste, muito triste, meu amigo». Resposta d'aquelle: *chauape muane, iôuma iá anzâmbi tucuíle enchique?* «obrigado, senhor, cousas de Deus, o que se lhe ha de fazer?».

Nos Quiôcos diz a visita: *quibe una mona, quibe una mona.* Resposta: *cu chi mutuile sepa diámi, iôuma iá anzâmbi?* o que com pouca differença quer dizer o mesmo.

Tambem entre os Bângalas, Xinjes e no Lubuco se usa esta ceremonia. E em todos é uma distincção que se faz aos que estão de nojo, ir á sua porta disparar alguns tiros.

Apezar de serem muito supersticiosos, attribuindo tudo que é fora do ordinario á feitiçaria ou á malquerença de idolos, elles acreditam num poder sobrehumano, que nesta região chamam *zâmbi,* e que os interpretes teem tomado por Deus, sendo certo que aos crucifixos que o commercio lá tem levado deram o nome de Zâmbi; e teem uma tal ou qual idea do seu poder.

A tal respeito disse-me um Bângala que viveu um anno no meu acampamento:

—«Na minha terra (Cassanje) os paes ensinam aos filhos a ter respeito pelo Zâmbi que nos vê e ouve, sem que nós o possamos ver, e que tem a sua morada lá em cima (apontando para o céu). Quando estamos afflictos, a elle pedimos que venha

em nosso auxilio e nos ajude a livrar-nos de afflicção; que proteja as boas pessoas e castiga os criminosos (e poz as mãos em attitude de adoração olhando para cima). É elle quem pode dar felicidade ás pessoas e ás terras. Não fazemos como os Lundas que trazem o Zâmbi (crucifixo) suspenso ao pescoço; não senhor, seguimos o uso das terras de Muene Puto. Todas os Ambanzas, fazem de proposito uma casa pequena, onde na parede do fundo, sobre baeta encarnada se põe o Zâmbi e os Santos, que cada um pode arranjar, ou então na parede da cubata de cada um, mas em resguardo, se colloca o Zâmbi tapado».

Uma mulher da Lunda, Cabuíza, filha do Muatiânvua Muteba, a quem interroguei sobre o mesmo assumpto, disse-me:

—«Meu pae tinha muito respeito pelo Zâmbi de Muene Puto, e pelo seu Chi Noéji. Nas suas doenças, e mesmo quando tinha interesse em alcançar alguma cousa, chamava o Zâmbi em seu favor, levantava os braços e a cabeça para cima e dizia: *chi noéji zâmbi utala uámi ni muxima uape* «olhai para mim com bom coração». Tinha o seu Zâmbi sempre em muita estimação, e tinha muitos guardados, que pedia aos negociantes, para distribuir pelos seus cacuatas quando os mandava a qualquer diligencia longe, para que fossem bem succedidos e não lhes acontecesse mal algum pelo caminho».

Conheci um d'esses cacuatas, Mema Tundo, que ainda tinha o Zâmbi que lhe dera Muteba, e dizia que ainda hoje não saía para uma diligencia sem o levar ao pescoço.

Cabuíza ouvíra muita vez seu pae reprehender os quilolos por não fazerem pelo Zâmbi o que deviam, e por isso depois de elle morrer a terra não podia ter felicidade. Elle punha a pembe num prato deante do Zâmbi.

Fallando no Zâmbi a Xa Madiamba disse-me elle: — que seu pae o Muatiânvua Noéji sonhára uma noite que uma caravana de commercio de um branco estava para chegar á sua mussumba, e dias depois chegou Rodrigues Graça.

Este, continuou elle, mostrára a Noéji o que era o nosso Deus e como nós o adoravamos, e o muito que lhe deviamos,

e alcançavamos com os nossos pedidos. Noéji, dias depois, mandou logo arranjar na sua mussumba de Cabebe uma casa especial, onde fez collocar pelas paredes em cima de retalhos de baeta encarnada, os crucifixos que lhe dera Rodrigues Graça, attribuindo o sonho que tivera ao Zâmbi.

Noéji e os seus parentes de quando em quando iam levar a pembe ao Zâmbi, e passavam ali o dia, comendo e bebendo e tocando marimbas, ao que chamavam: fazer a festa em honra do Zâmbi. A casa tinha um guarda, Muene Cabéza, a que chamavam *uana mundele* (guarda do branco). Muteba mesmo, estando em Chimane, muitas vezes ia adorar o seu Zâmbi em Cabebe, que ahi conservou, e ia levar-lhe a pembe e passar lá o dia com a sua muári e alguns parentes.

A adoração usual dos Lundas consiste em levantar as mãos e cabeça para cima e dizer: *iou zâmbi chi noeji nitala cumuxima ânchi ni muláji, ânchi ni muíji; nitala eie, muene cu cantanga uatanga macassa ni miêndu.* «Vós, senhor Deus acima de Noéji, compadecei-vos de mim já contra feiticeiros, já contra ladrões, olhai por nós Senhor que fazeis as nossas pernas e braços.»

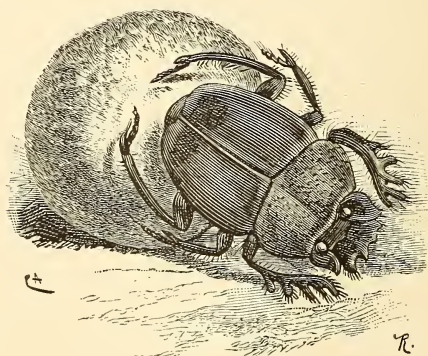
No Lubuco tambem teem muita fé no Zâmbi de Muene Puto, e procuram muito os crucifixos de metal.

No Xinje dá-se o mesmo, e tambem procuram as imagens ou registos de papel, a que tambem chamam Zâmbi, e pedem aos negociantes um pouco de sal para elle, e a nós sal, assucar e *jimbolo* (bolacha ou pão); de tudo queriam muito pouco que fosse para levarem ao seu Zâmbi, que, como nos Bângalas, está numa cubatasinha especial pendurado na parede do fundo, sobre baeta encarnada, e assim tambem as imagens.

Os Quiôcos tambem teem a mesma crença, e usam os crucifixos sobre tiras de baeta encarnada suspensos no peito como os Lundas. Estes dizem: *anzâmbi muculo* (antigo Deus), emquanto que no sul se diz: *tátuco ulo* (pae velho, antigo).

Os de Malanje usam tambem do vocabulo *mauéji,* para designar Deus, que eu me persuado ser uma corrupção do Chi Noéji da Lunda.

Quando se fez uma casa grande no Chibango, para se conservar armada a cadeira com o respectivo docel, que a Expedição levou para o Muatiânvua, todos os velhos que rodeavam Xa Madiamba lhe recordaram a necessidade de festejar o Zâmbi, porque aquella casa era d'elle, pois só elle podia ter lembrado a Muene Puto para que lhe mandasse o que nenhum Muatiânvua tinha obtido antes d'isso.

Estão convencidos, pois, estes povos, da existencia de um poder superior invisivel, poder que não é dado ao homem egualar, e todos se curvam deante dos seus designios; e não se lhes ouve uma imprecação contra elle, ainda mesmo quando soffram grandes contrariedades, ou quando mais exasperados pela maior desgraça que lhes possa acontecer.

CAPITULO IX

SUCCESSÃO DOS MUATIÂNVUAS

Muatiânvua Ianvo — Noéji — Muquelengue Mulanda — Muteba — Ianvo Noéji — Mucanza — Muláji — Umbala — Ianvo (3.º) — Noéji (2.º) — Muláji Umbala — Muteba (2.º) — Umbala (2.º) — Noéji Ambumba, vulgo Xanama — Ditenda, vulgo Chibinda — Noéji Cangápua — Quimbamba, vulgo Muriba — Mucanza, Muatiânvua interino — Umbala, idem — Promessa de Xa Madiamba de ser Muatiânvua, caso Portugal concedesse o seu protectorado á Lunda.

ulguei que não seria ocioso, antes de terminar este trabalho pela exposição de alguns factos e apreciações relativas aos caracteres intellectuaes e moraes das tribus que visitei, dar ao leitor os apontamentos que pude recolher pela tradição oral, sobre a successão dos potentados da Lunda, desde a morte de Ilunga até ao meu regresso da mussumba em 1887, e que no seu conjuncto resumem o que me foi possivel apurar sobre o assumpto.

Como é de suppor, attenta a carencia dos indispensaveis documentos, devem haver lacunas na narração, e é de crer mesmo que se dêem ommissões de alguns potentados, talvez por não haverem acontecimentos notaveis com elles relacionados, que os tornassem lembrados na memoria popular. Ainda assim, os elementos colligidos não deixam de ter o seu valor, como subsidios para esclarecer o estudioso, sobre as phases principaes na existencia d'esta fracção importante da grande familia africana de que me occupo.

Muatiânvua Ianvo

Quando Ilunga, esposo de Luéji, morreu, esta tirou o lucano do braço do defunto, e passados dias foi collocá-lo no de seu filho Ianvo, repetindo-se por essa occasião as mesmas ceremonias que se observaram no tempo do pae, e que ainda hoje se repetem, como já descrevi em outro logar.

Logo que Ianvo foi proclamado Muatiânvua, entendeu que sua mãe devia ter um Estado independente, com successão por sua morte, á escolha do Muatiânvua, entre as filhas de seus ascendentes, e usofructo de rendimentos proprios, mas com certos deveres e encargos, taes como: cuidar do Muatiânvua em vida, providenciando para que lhe não faltasse de comer, de beber, lenhas para se aquecer; tratá-lo nas suas doenças; superintender no preparativo das suas excursões, já de recreio ou de caça, já nas de guerra; tomar conta de todos os filhos d'elle desde que nascessem, sendo varões, até á idade de sete ou oito annos, em que pudessem prestar alguns serviços ao pae; sendo femeas, até á idade da puberdade, em que o Muatiânvua lhes destinasse consorte. Depois d'elle morto, competia-lhe ainda vigiar pelos seus restos mortaes, e mandar observar as ceremonias que em epochas marcadas se devem aos mortos, etc., e ainda, dar hospedagem ás visitas de pessoas de alta categoria, que o Muatiânvua tivesse de receber.

A Lucuoquexe[1] tem um grande poder, merecendo pelos seus encargos muita consideração. Basta dizer, que na actualidade,

---

[1] *Lucuoquexe*. São tres palavras contrahidas: *lu* prefixo de pessoa, *cuoca* verbo «cuidar, tratar», e *exe* suffixo factitivo. Assim aquella nova palavra como titulo, designa a pessoa que cuida, trata de tudo necessario ao Estado do Muatiânvua.

Erradamente se tem por isso interpretado, que a mulher que tem aquelle titulo representa de mãe do Muatiânvua. De facto o novo cargo recaiu, nas duas primeiras vezes, em mães do Muatiânvua no poder, porém não mais assim succedeu.

é a unica pessoa que no caso de morte arrasta após si para a sepultura todas as pessoas do seu Estado, que no acto do enterro se podem encontrar, até mesmo o descendente de Muatiânvua e seu consorte, se não teve o cuidado de desapparecer na occasião em que ella fallece.

A mulher que é elevada aquelle cargo tem o privilegio de escolher para marido, um descendente de Muatiânvua ao qual se não admitte recusa, e a quem ella no seu Estado dá o primeiro logar de honra (Xa Muana[1]).

É costume entre estes povos, como o é ainda na nossa provincia de Angola, em signal de deferencia e consideração para com os homens em geral, chamar-lhe pae, e ás mulheres mãe. Muitas vezes o Muatiânvua chama á Lucuoquexe *mácu* («mãe»), principalmente quando lhe pede alguma cousa.

É de crer que este habito, em uso tambem entre os do Congo (*pai êtu* «pae nosso»), fosse entrando em Portugal, e d'aqui a razão porque aos pretos chamâmos «pae».

A mãe do Muatiânvua, como a de qualquer potentado tem o titulo de *Anguina Muana* («senhora da côrte») que abreviam em *Na Muana.*

[1] Este titulo compõe-se de duas palavras *Xa* e *Muana.* A primeira indica superioridade na grandeza, quantidade e qualidade, e Muana quer dizer «filho».

Pelo facto do individuo que o toma ser filho de Muata, e ser escolhido pelo Lucuoquexe para seu conjuge, é por isso o filho predilecto do seu Estado, a quem ella cede parte dos seus tributarios.

Este personagem é tratado pela Lucuoquexe com grandes extremos, mas nunca o deixa só, e ai d'aquelle que commetter alguma leviandade com as filhas do Muatiânvua, que todas estão a seu cargo, antes de mudarem de estado, ou com as suas aias e servas; é morte certa, e é caso em que o Muatiânvua não pode intervir.

O Xa Muana é o unico homem que não pode ter senão uma mulher, a Lucuoquexe, e esta tambem não pode ter filhos. Seria morta por feiticeira aquella que os tivesse; excepção unica foi Luéji que gerou o Muatiânvua, e que depois de ser Lucuoquexe não teve mais filhos. Se as successoras os tivessem, pensam os Lundas, isso daria logar a ambições para o cargo de Muatiânvua, porque o filho de Lucuoquexe se julgaria com direito a disputar o logar ao Muatiânvua que estivesse no Estado.

Não importa, porém, que ellas tenham sido mães, ou o sejam, quando são nomeadas para aquelle cargo.

Ianvo mandou participar a seu tio Canhíuca que succedêra a seu pae, e que esperava elle o reconhecesse como senhor de todas as terras, e nessa conformidade lhe mandasse tributos como os mais quilolos.

Por conselhos de sua mãe e do Muitía, concedeu o uso do lucano a alguns descendentes de Muata, e a seus tios, além d'esse uso, o titulo de *cárula,* para elles proseguirem, como no tempo de seu pae, na occupação de terras já conquistadas, ou na conquista de outras.

Foi então que partiu o *Fuaissupa Canhimbo* (Canhenvo) com a sua expedição para sueste, que seguiu sem obstaculo até proximo dos Maízas e Massires, e com os quaes teve então de sustentar uma guerra de exterminio.

Informado de que com os povos mais de leste se fazia bom negocio, estabeleceu Canhimbo a sua residencia proximo do lago Muero, dando á terra o nome de Lunda, que era o d'aquella d'onde partira. Os conquistadores fizeram-se temidos pelo uso do *ampoco* (faca), e os povos que sujeitaram denominaram-os Campocolos [1].

Succedeu a Canhimbo, que tomára o titulo de Muata Cazembe, um filho e depois um neto, conservando todos o nome do primeiro, e foi este quem tratou de constituir uma côrte á imitação da do Muatiânvua, e não obstante continuar a mandar tributos a este, tornou-se independente e conseguiu que o intitulassem Muatiânvua.

---

[1] Sobre este vocabulo, ha duas versões. Uns acceitam que é a denominação dos chocalhos, guizos, etc., que os Lundas usavam ao pescoço ou á cintura, quando iam em marcha, para espantarem os animaes ferozes que pudessem estar proximos do seu trajecto; uso que ainda hoje se vê entre algumas tribus, e até no sertão da nossa provincia. Os carregadores de redes no sertão usam cintos cheios de guizos principalmente em marchas de noite, para o mesmo fim. Outros dizem ser o vocabulo composto de *ca* (prefixo do singular), e *ampoco,* «faca, arma de defesa e de ataque», *pole* «na mão».

Seja qual fôr a interpretação é certo que a denominação de *campocolo* se vulgarisou.

Como fôra estabelecido que só um Campocolo, Lunda da côrte do Muatiânvua, podia succeder no novo Estado, morto aquelle, foram buscar lá o successor entre os seus parentes, e veiu então Luqueza, no tempo de Ianvo Noéji, o ultimo que foi da mussumba, conhecido do Dr. Lacerda, e succedeu-lhe um outro Canhimbo, de quem nos falla Gamitto.

Para leste, mas só até o Lubiláxi, foram com a sua gente os irmãos Mutombo Muculo e Caiembe Muculo, bons caçadores de flecha, os quaes repelliram para Samba os povos que desalojaram, estabelecendo-se proximo ás nascentes do Lubiláxi, e ficando o primeiro mais ao norte. É depois d'este que foram estabelecer-se na margem direita do Munvulo, affluente d'aquelle, e mais ao norte, Muene Tondo, Muene Quitanzo, Mulanda e outros.

Querendo Ianvo dar desenvolvimento á lavoura e ao mesmo tempo mostrar a sua valentia [1], participou á côrte que ia fazer guerra aos selvagens Tucongos, no Lulúa, e de facto de lá regressou com muita gente que ou guardou para si ou repartiu pelos seus quilolos.

Como Canhíuca se esquivasse a pagar novos tributos, o Muatiânvua, enthusiasmado com os louros da sua primeira guerra, e influido pelos seus quilolos, mandou dizer a Canhíuca: — «Se não queres pagar o que é devido, quebra a lança que te apresenta o meu enviado».

Aquelle era tambem novo no Estado, e desejava ter occasião de se fazer conhecido por valente entre os seus, e por isso declarou-se preparado para acceitar a guerra; e não só quebrou a lança, mas encarregou os enviados de communicar, que os ia seguir já, porque queria esperar a guerra do Muatiânvua o mais perto possivel da sua mussumba, para lhe não dar muito trabalho.

---

[1] É só quando saem victoriosos na primeira guerra que elles podem substituir a *mola* dos Tubungos pelos seus cintos ou cordões, que ornam com missanga e aos quaes por analogia tambem dão aquelle nome.

Ianvo ao ouvir tal resposta saiu immediatamente com a sua guerra e encontrou Canhíuca já acampado, a poucos dias de marcha ao N.-E. da sua residencia.

Travou-se a lucta, e no mais encarniçado de refrega a gente do Muatiânvua, duvidando da victoria e receando que Canhíuca se atrevesse a persegui-los até ao Calânhi para se apossar do Estado, abandonaram-no ao inimigo.

Ianvo, desamparado, reuniu toda a sua familia e servos que com elle ficaram, e elle mesmo foi cortando as cabeças a todos, entregando-se depois a Canhíuca que o mandou matar e esquartejar, ficando com as pernas, braços e cabeça, que guardou em deposito e de que exigiu resgate ao successor.

O Muatiânvua na guerra ha de vencer sempre, porque, segundo elles, quem morre é o homem que é fraco, que não presta, ou não podia com o Estado; e succedem-lhe tantos quantos os precisos para sustentarem a fama do titulo.

Retiraram porque viram a guerra perdida, e o Muatiânvua, vendo-se abandonado, entregou o lucano á Suana Murunda para o seu successor, e elle considerou-se morto para todos os effeitos.

A tradição só dá a Ianvo um filho, Noéji Ianvo, que tinha pouca idade quando seu pae morreu e que estava entregue aos cuidados de Luéji, sua avó.

Muatiânvua Noéji

Regressando Suana Murunda com o lucano, segundo o rito, collocou-o no braço de seu segundo filho, que depois de investido no cargo adoptou o cognome de *Nama Mazeu* (gengivas).

Conservou a côrte tal como estava organisada, e ouvia muito os conselhos de sua mãe; porém entendeu que se não deviam confundir os poderes d'ella com os seus, e para o fazer bem sentir á côrte, nas suas conversações principiou logo a entrecortar as suas phrases e mesmo a destacar palavras, intercallando-lhe um bordão especial e significatico — *muaniê chi noéji,*

já abreviado em *mué chi noéji*, e em algumas tribus, Mataba por exemplo, *mané chi noéji* («ninguem superior a Noéji»); o que a Lucuoquexe e todos os grandes do Estado logo adoptaram, e hoje é trivial em todos os povos, como homenagem ao Muatiânvua, porque acima d'elle só Deus.

Sabia Nama Mazeu que os descendentes de seu tio Quingúri, com a protecção de Muene Puto, haviam feito um grande Estado nas margens do Cuango (Bângala), e contava muitas vezes ter sonhado que aquelles maus parentes do Muatiânvua, mais para deante haviam de dar muito trabalho ao seu Estado, que procurariam destruí-lo, e que o Muatiânvua que tivesse de luctar com elles, se quizesse ser feliz, havia de primeiro alcançar a protecção de Muene Puto.

BANGALA MULHER

Apprehensivo com este sonho, que se repetíra por vezes, tentou elle, já pelo occidente, já pelo oriente, procurar estabelecer relações com as terras de Muene Puto; porém os Bângalas por um lado, e os povos de Cassongo e de Cazembe, oppuzeram-lhe obstaculos que frustraram sempre as suas tentativas.

Contrariado por não lhe ser possivel ir tão longe luctar com aquelles povos, perseguia os maus subditos, senhores das terras proximas, indo elle mesmo levar-lhes a guerra, e d'ahi veiu o respeito que todos lhe tinham, e mais tarde o terror de seu nome, que se perpetuou nos successores.

O primeiro que lhe deu pretexto para o seu baptismo de guerra, e poder tirar a *mola* dos Tubungos, foi o Muata Séji, por se esquivar a satisfazer a uma exigencia de tributos que Noéji lhe mandou fazer.

Quando o Muatiânvua chegou ao sitio d'elle, já Séji tinha fugido, por ter sido avisado por o Muitía de que o Muatiânvua lhe não perdoava, e aconselhou a povoação a que se lhe entregasse immediatamente.

O Muatiânvua tomou para si o que lhe approuve, e dividiu o resto pelos seus quilolos mais considerados, e antes de regressar á mussumba mandou queimar a povoação.

Foi elle quem organisou o serviço de policia na mussumba, com os rapazes novos filhos da côrte, que lhe apresentaram para tuxalapólis, e creou os Tucuatas[1], chefes de diligencias, e tambem a corporação dos Tumbajes[2].

Estas organisações deram margem a tributos de rapazes e homens, e novamente começou a emigração da população central para oeste, e a occupação de territorios até então considerados como matos ou couto de animaes ferozes.

Nomeára Namajimba seu Suana Mulopo, porém como elle morrêsse, entrou em seu logar o irmão d'este, Cassongo.

Foi no seu tempo que principiaram os Bângalas a encaminhar-se com pequenos negocios de fazenda e de sal para a mussumba, trazendo de lá escravos para as suas terras, atravessando sem difficuldade a vasta região do Cuango até lá, porque

---

[1] Esta palavra compõe-se de prefixo *tu* e do verbo *cuata* «agarrar, prender, amarrar e tambem ajudar» (o que prende, ajuda etc.) É um grau de commando, o mais inferior, e ao qual são dados, pelo menos, tres ou quatro homens sempre armados com armas fornecidas pelo chefe da povoação a que pertencem, á imitação do que se observa na côrte.

[2] Todos os criminosos sentenciados á morte pelo Muatiânvua, são entregues a estes para executarem a sentença pelo modo por que foi determinado, ou á faca ou á paulada, ou por meio de torturas, etc.

Além d'isso, reunidos em tribunal, ouvindo as provas contra um feiticeiro, julgam-no e sentenceiam-no, podendo por isso em dadas circumstancias e em certas condições, vender a vida do feiticeiro a qualquer que a pretenda, estranho á tribu a que elle pertença ou onde teve logar o seu julgamento.

Poupam a vida ao accusado, mas se qualquer tumbaje o tornar a ver, pode matá-lo ou vender-lhe novamente a vida a outrem.

então, invocar o nome do Muatiânvua para onde ia o negocio de mandado do Quingúri[1], era o sufficiente para se lhe abrir o caminho.

Foram os Bângalas com o seu negocio que deram logar a que alguns annos depois, continuassem a fugir dos centros populosos a leste do Lulúa os que receavam ser vendidos pelo Muatiânvua; e este, suppondo que os Quiôcos no sul acoutavam os foragidos, mandou-lhes exigir tributos por habitarem nas suas terras.

Os Quiôcos que já se haviam espalhado entre as nascentes do Chicapa e Cassai, com receio dos feitiços do Andumba Têmbue, seu chefe, sujeitaram-se a esse pagamento; porém os chefes das diligencias de tal modo abusaram do poder que tinham, que os potentados entenderam pela sua parte tambem tributar os vizinhos em nome do Muatiânvua.

O Muatiânvua, sabedor de tal abuso, creou uma auctoridade especial, *Muene Chimbúia* («senhor do machado»), para esse fim; porém este e os que o representavam, tornaram-se depois o terror dos povos; por que, além de cobrarem presentes para o Muatiânvua e para si, como representavam o Muatiânvua para todos os effeitos, quando as cobranças não satisfaziam ás suas ambições, não só matavam os que procuravam esquivar-se ao pagamento, mas destruiam as povoações e roubavam gente. O Muene Chimbúia, ou segundo outros Muene Cutapa («homem que mata»), logo que entrasse numa residencia e collocasse o machado no chão, estava decretada a morte do proprietario, a quem apenas eram concedidos os dias necessarios para se preparar.

Comia, bebia e divertia-se, no que o acompanhava o Muene Chimbúia e os seus subordinados.

Um cacuata que andasse em diligencias com a sua gente, onde chegava, era recebido como se fosse o proprio Muatiân-

---

[1] Assim chamam aos jagas de Cassanje, por ter sido Quingúri o primeiro jaga.

vua, e ai d'aquelle que não lhe desse boa hospitalidade e não o contemplasse com bons presentes para a sua viagem.

Se havia descontentes entre os Lundas mais afastados da côrte, os Quiôcos chegavam mesmo a pronunciar-se contra os abusos praticados pelos delegados do Muatiânvua; e quando lhes era possivel procuravam vingar-se, fechando-lhes os caminhos pelas suas povoações e roubando os vizinhos.

O Muatiânvua, informado do que se passava dizia: — «Podem os Lundas matar-me á traição como fizeram a Ianvo meu irmão, mas fiquem certos de que virei um dia, transformado em Muene Puto, tomar posse d'estas terras, visto que perderam o juizo».

Attribue-se a sua morte a feitiços tambem de parentes. Deixou filhos, e d'estes chegaram a succeder no Estado, Muteba, Mucanza, Muláji, Umbala e Ianvo.

Creio ser este Muatiânvua Noéji a quem Rodrigues Graça se refere com o nome de Quimanézi, o que certamente é devido a erro de escripta, devendo ser Quinauézi.

Tratei de investigar a tal respeito, e concluí ser questão de pronuncia. Muitas vezes confunde-se o *z* com *j*. Os povos do sul em vez do prefixo *chi* que é caracteristico no norte, empregam *qui*, e tambem no sul o *o* aberto do norte, é proferido *au*. D'esta forma o Quinauézi era o Chi Noéji da côrte, abreviatura do bordão que este Muatiânvua fizera empregar na conversação — *muanê chi noéji*.

É este o Muatiânvua a quem ouvi attribuir pouco mais ou menos as palavras que a Rodrigues Graça disseram os povos do sul que elle proferíra pouco antes de morrer: — «Eu não morro, transformo-me em morto, para ir visitar Muene Puto, meu irmão; não sei d'elle; quero saber da sua grandeza e vós lá me deveis dar tributo; e quando não o cumprirdes, meu irmão vos castigará, obrigando-vos a pagar tributos como meu herdeiro e senhor d'estes matos».

Durante todo o tempo que estive entre os Lundas, e um anno completo que estive entre o Luembe e o Calânhi, nunca ouvi que o Muatiânvua desse a Muene Puto o tratamento de

irmão. Actualmente o que se dizia e que se pode considerar tratamento era: «Muene Puto — nosso pae — o senhor d'estas terras — o nosso protector — o poderoso que nos manda fazendas, polvora, armas e missangas — o amigo do Muatiânvua».

De facto, é verdade que o Muatiânvua, querendo ser amavel nas suas deliberações, em negocios que diziam respeito á Expedição, quando eu lhe fallava ou mandava alguem fallar-lhe, respondia sempre: — *Muene Puto ni Muatiânvua, Muatiânvua ni Muene Puto,* etc., querendo indicar uma igualdade reciproca.

Creio bem que o tratamento de irmão, que por muito tempo se figurou existir da parte de Muatiânvua para com Muene Puto é erroneo, como não são de nenhum modo verdadeiras as interpretações que se dão muitas vezes ás palavras ou discursos que se attribuem áquelles povos.

Muatiânvua Muquelengue Mulanda

Não quiz Cassongo, Suana Mulopo de Noéji, succeder-lhe, e como já tivesse fallecido seu irmão Muene Pata, entrou o mais novo dos filhos de Luéji, o Mulanda que já era velho, mas cuja mãe era ainda Lucuoquexe e muito considerada por todos.

O seu neto Noéji Ianvo, filho de Ianvo, por ella educado, já era senhor de um pequeno Estado. Mona Uta porém era de um genio irrequieto e ambicioso e queria ser Muatiânvua.

Mulanda conseguiu alargar os dominios dos Muatiânvuas para leste, e cobrou tributos no Samba, na parte oriental do Urúa[1], e mandou duas embaixadas a Cazembe, que de lá lhe trouxeram muito bons presentes.

---

[1] *u* neste caso é prefixo, segundo Cameron, que indica «terra, paiz», e *rua* ou *lua* é o nome d'elle. E porque se suppozesse este vocabulo portuguez, d'ahi se originou denominar-se as suas alterosas montanhas — *Montanhas da Lua.*

O senhor de Canhíuca começou a inquietar-se com as conquistas do seu vizinho, em territorios que considerava seus, e principiaram as desintelligencias novamente entre os dois poderes, começando pelas presas que se faziam de parte a parte ás caravanas de commercio, que entre elles andavam de um para outro lado.

Noéji Ianvo, desesperado porque seu tio sendo velho ainda gozava de muita saude, e estava com disposições para disfructar durante annos a administração do Estado, aproveitou-se das desintelligencias com o potentado de Canhíuca, e á frente de uma caravana foi combinar com elle que o auxiliaria numa guerra contra o Muatiânvua, se elle o protegesse na successão immediata.

Até então não havia exemplo de um filho de Muatiânvua, pedir auxilio de forças estranhas para derrubar o seu potentado, e por isso causou grande admiração, e não teve mesmo muito credito a noticia que se espalhou de que Noéji vinha com uma força de Canhíuca atacar o Muatiânvua seu tio.

Prevenido Noéji em marcha de que a sua aventura já se tornára conhecida de alguns que o podiam comprometter, fez acampar a força de Canhíuca até receber as suas ordens, em logar em que não fosse vista. Avançou elle apenas com a sua gente carregada de azeite de palma, mabelas, esteiras, sal e peças de caça, e entrou na mussumba, participando ter vindo dos seus negocios, o que mais fez crer, que os boatos que se propalavam não eram senão intrigas que se forjavam para o Muatiânvua o castigar.

Noéji apresentou os seus presentes ao tio, sendo muito bem recebido, e este convidou-o para á noite ir comer e beber com elle, o que acceitou, tendo antes prevenido os seus amigos de que o ataque se devia dar proximo da madrugada.

Se bem comeram melhor beberam, e o resultado foi tio e sobrinho ficarem completamente embriagados, e cairem em profundo somno.

Dado o alarme de guerra, houve grande confusão na mussumba. No emtanto a guarda do Muatiânvua tratou de o levar

para longe, emquanto os de Canhíuca iam com as suas facas e flechas fazendo grande mortandade nos Lundas desprevenidos, e aprisionando as mulheres e crianças.

Começava a aclarar o dia quando se resolveram a largar fogo ás cubatas, e retiraram com as presas e tudo quanto puderam roubar.

Entre os prisioneiros estava Cabuíza, Muári de Noéji, a qual sendo reconhecida por um dos chefes dos inimigos, perguntou-lhe este pelo seu companheiro, e como ella dissesse que estava na mussumba quando elles a assaltaram, ordenaram-lhe que os acompanhasse para verificarem se elle por acaso teria morrido na refrega.

De facto lá se encontrou a cabeça de Noéji a um lado e o corpo a outro.

Os de Canhíuca, que contavam matar o Muatiânvua para lhe succeder Noéji, vendo que este e não aquelle é que tinha sido morto, recearam da vingança, em que os Lundas tinham vantagem por estarem na sua terra, e retiraram precipitadamente deixando em liberdade Cabuíza, que tratou de enterrar Noéji, dando-lhe sepultura em um logar reservado, que ficou sendo o *anzai pa noéji,* recinto em que se depositaram os restos mortaes dos potentados.

Cabuíza, e o seu filho Ianvo Noéji, ainda uma criança, foram logo recolhidos pela Lucuoquexe na sua chipanga, onde encontraram boa hospitalidade.

Teria aquelle moço uns doze annos, e apesar dos bons conselhos da mãe e da sua bisavó já demonstrava com rancor o odio mortal que tinha á gente de Canhíuca.

Era Suana Mulopo de Mulanda o seu sobrinho Muteba, e como este tivesse dado provas de grande capacidade e de muita valentia para governar o Estado, e Mulanda conhecesse estar velho para sustentar guerras com Canhíuca; reuniu os grandes do Estado, e disse-lhes que resignava os seus poderes no seu sobrinho Muteba, que era muito capaz para fruir com elles as riquezas do Estado, o que todos acceitaram da melhor vontade.

Muatiânvua Muteba

Passou assim a successão do Estado á segunda geração de Luéji, sendo ainda a representante d'esta que põe o lucano no braço do potentado.

O primeiro acto de Muteba foi de reconhecimento para com seu velho tio Mulanda, concedendo-lhe como elle desejava o estado de Cárula no Lulúa; e como por este facto seus filhos perdiam o direito á successão de Muatiânvua, ao mais velho d'elles deu-lhe o estado de grande Calala ao serviço da côrte, terras na margem direita do Cajidíxi, e tambem gente, para não despovoar o Estado de seu velho pae.

Nomeou Mucanza seu irmão, Suana Mulopo, e encarregou-o de ir exigir ao Canhíuca uma satisfação completa, por ter mandado atacar á falsa fé a mussumba do Muatiânvua, exigindo-lhe entregasse os presos que levára da sua mussumba.

Respondeu Canhíuca que elle fôra convidado para levar a guerra á mussumba, e que só faria entrega da gente da Lunda em seu poder, quando o Muatiânvua mandasse pagar o seu resgate.

Muteba esperou algum tempo, emquanto todos os seus quilolos se preparavam para a guerra, e no entanto Ianvo Noéji que ia crescendo, e com elle a raiva aos de Canhíuca, andava percorrendo os caminhos com outros rapazes, sempre na esperança de vingar a morte de seu pae, e se conseguia cercar alguma comitiva desgarrada, era certo haverem desordens e conflictos graves.

Tinha elle já os seus dezoito annos, e os velhos da côrte respeitavam-no, e queriam-lhe muito, pela audacia e valentia de que estava dando constantes provas.

Não desconhecendo seu tio a preponderancia que elle ia adquirindo no animo de todos os homens da côrte, para evitar complicações no futuro, e para o contentar, com o consentimento de todos, deu-lhe o estado de segundo Suana Mulopo, fazendo-se por essa occasião grandes festas na côrte.

Mucanza notando já a grande popularidade de seu primo em segundo grau, (estes primos são considerados sobrinhos, porque os primos em primeiro grau são tidos como irmãos por seus paes o terem sido), propoz ao Muatiânvua e á côrte, que Ianvo trocasse o cargo com elle, visto que tendo-o a côrte encontrado capaz para ser Suana Mulopo, devia elle ter a primazia, porquanto seu pae se fosse vivo devia ter sido já Muatiânvua.

Foi um precedente que se estabeleceu a bem do Estado na occasião, mas que mais tarde se reconheceu ser mau por causa das ambições.

Todos applaudiram a proposta, e o Muatiânvua já não podia deixar de approvar; mas no entanto observou que previa graves complicações no futuro por esta alteração na successão.

Foi ouvida a velha Lucuoquexe, que não approvou, mas que se conformou com a deliberação.

UM CACUATA

O mal estava feito disse ella, e eu como poucos dias posso viver, não quero embaraçar os negocios do Estado.

Foi pois Ianvo nomeado Suana Mulopo e todos reconheciam a sua coragem, e que elle contribuiria para que se chorasse devidamente a morte de seu pae, depois de estar vingada.

Muteba, cançado de esperar, mandou declarar ao Canhíuca a resolução em que estava — se na volta dos portadores não viesse a gente da Lunda, que este tinha em refens com os

milambos (tributos) que lhe eram devidos — de ir elle mesmo queimar-lhe as povoações.

Canhíuca limitou-se a responder que se o Muatiânvua lá fosse, sujeitar-se-ia ás consequencias.

Partiu Muteba com uma grande força para atacar o vassallo recalcitrante, e dado o recontro, foi derrotado e morto Canhíuca, e com elle muita gente, regressando o Muatiânvua com grandes despojos.

O novo Canhíuca renovou a declaração de guerra, não sendo mais feliz.

Sendo eleito o terceiro, preferiu fazer as pazes, pagar as despesas da guerra, entregar toda a gente da Lunda que estava captiva, e considerar-se tributario.

Nestas contendas tornára-se Ianvo mais notavel, e mais temido pela sua valentia.

Morrendo a velha Luéji, deixou vagos os seus dois cargos importantes: o de Lucuoquexe e o de Suana Murunda. Muteba nomeou para o primeiro Cabuíza, mãe de Ianvo Noéji, e para o segundo sua irmã Cassenga.

A acreditar nas informações que tive do velho Lourenço Bezerra, e mais tarde de Rocha, que presenciaram o que se passou na mussumba por occasião da morte da Lucuoquexe Camina, deveria ter havido grande mortandade nos dias do funeral de Luéji-iá-Cônti.

Logo que deram parte ao Muatiânvua Muteba da morte da Lucuoquexe, mandou elle agarrar o Xa Muana, marido d'ella, e prendê-lo na sua mussumba; e que se matasse toda a gente que se encontrasse na residencia da defunta. Só podiam chorar ao pé d'ella as mulheres que a tinham servido.

No dia do enterro todas as pessoas encontradas pelo transito, ainda mesmo que pertencessem á nobreza, eram logo presas e seguiam com o prestito, até junto da grande cova em que se devia lançar o corpo da Lucuoquexe. Ahi se dispoz uma camada d'essa gente deitada no fundo, e sobre essa, sentadas e encostadas ás paredes da cova, se collocaram as servas da defunta, e sobre as pernas d'estas o corpo, servindo-lhe de

cabeceira o seu Xa Muana. Em seguida taparam tudo com a terra, que se foi calcando, formando-se uma elevação sobre o solo em redor, e logo em seguida foi esta cercada de duas ordens de paus grossos e unidos, para as feras não irem descobrir a sepultura, atirando-se para dentro do recinto assim resguardado grandes troncos de arvores com folhagens a mascarar a terra da elevação. [1]

No regresso os homens encarregados de todo este ceremonial, roubavam e acutilavam todas as pessoas que encontravam pelo transito até chegarem á presença do Muatiânvua, a quem deram parte de ter sido muito bem enterrada a senhora das terras.

Neste morticinio foram victimas filhas e filhos de Muata, e descendentes de Muatiânvua, e os parentes que lhes sobreviveram, referem os narradores, conseguiram que os feiticeiros matassem o Muatiânvua pouco depois.

Muatiânvua Ianvo Noėji

Fizeram-se grandes festas pela sua acclamação, e todos os quilolos porfiaram em o presentear com as suas parentes para augmento do harem, no que entenderam se devia fazer consistir a grandeza do Muatiânvua, e todas ellas traziam grande numero de presentes para seu amo. O povo em geral associava-se a essas festas da nobreza, trazendo tambem presentes de mantimentos.

Logo que Ianvo foi eleito para succeder no Estado, quiz que nas ceremonias funebres que iam fazer-se a seu tio, se mandassem matar algumas pessoas para o acompanharem na sepultura; porém a Lucuoquexe observou á côrte que isso não era da praxe, que nunca pela morte de um Muatiânvua se

---

[1] Para a Lucuoquexe e successoras ha um cemiterio especial na margem esquerda do Calânhi, que se chama *catandama*.

havia feito semelhante cousa, e que por isso não se devia consentir que o Muatiânvua introduzisse innovações, que lhe podiam ser prejudiciaes. Que se havia praticado assim, pela morte da Lucuoquexe passada, por ser ella a Luéji-iá-Cônti, e mesmo era seu voto que não se devia tornar a repetir esse uso com as suas successoras.

Approvaram todos o que a Lucuoquexe dissera, mas ainda assim affirmaram-me que sempre se mata um ou outro individuo quando morre algum Muatiânvua. Ultimamente, depois de Noéji (o que Rodrigues Graça conheceu), o unico que morreu na mussumba foi o seu successor Muteba, e por morte d'este não consta ter-se victimado pessoa alguma. Os outros foram assassinados, e não foram os seus corpos sepultados no rio; nem no anzai ha urnas do que chamam reliquias d'esses Muatiânvuas.

Ianvo logo de principio, manifestou a necessidade de engrandecer o Estado de seus avós, e de exigir a Canhíuca que pagasse a vida de seu pae, que os seus traiçoeiramente mataram quando elle dormia; e exigiu que á côrte o não contrariasse. —«Se me fizeram Muatiânvua, deram-me direito a ser obedecido, e aquelle que não quizer ser obediente fuja para eu o não matar.»

Observaram-lhe os velhos que o Canhíuca estava socegado, e não fôra o que estava no Estado quem matára seu pae, e que este era agora um quilolo do Muatiânvua.

Ianvo respondeu-lhes: —«Que quem herdou dos seus passados o Estado, herdava os bens e os males que elles fizeram, assim como succedêra a elle Muatiânvua. O Muatiânvua não morre é sempre o mesmo. O que fizeram Chibinda, Noéji, Muteba fiz eu, e hão de fazê-lo todos os que vierem depois; tambem com Canhíuca deve ser o mesmo. Estejam sempre preparados para a guerra, e ai d'aquelle que tiver medo, ou não me queira seguir.

Achando-se apertado na mussumba do Calânhi, e considerando apenas esta como monumento para o acto da posse de Muatiânvua, e onde se deviam depositar os restos mortaes dos

que exercessem esse cargo, foi estabelecer uma grande mussumba em Cabebe, deixando esta entregue ao Xacala, representante de Iala Mácu, e aos Tubungos.

Foi no seu tempo que partiu para leste seu primo Luqueza com povo que elle lhe deu, a tomar conta do Estado de Cazembe, fundado por Canhimbo, junto ao lago Muero.

Por esta occasião partiram tambem Xinde, Canonguéxi e outros em seguimento d'aquelle, occupando os territorios por onde elle passou, ao sul do Lulúa até ás suas nascentes.

Mostrou aos seus quilolos que tinha necessidade de tirar a insignia que lhe fôra imposta pelos Tubungos, e por isso participou a resolução de ir tomar terras no Lulúa a norte, para o Estado do Muitía, que considerava ser ainda pequeno.

Convenceu os seus, e conseguiu pôr-se em marcha com uma grande guerra; bateu os povos das margens do Lulúa, Luíza e Calânhi, que eram anthropophagos, e sujeitou ao seu dominio uma parte dos Uandas.

Proximo da confluencia do Calânhi e Cajidíxi, cercou de fortes e espessas palissadas uma grande área de terreno onde estabeleceu uma mussumba de guerra, para o caso de ser necessario submetter os povos que se rebellassem, para d'ali serem expedidas forças e recursos para o norte, e com o fim tambem de estar mais proximo do Canhíuca, que elle sempre teve em vista hostilisar.

Nestas guerras, em que foram divididos grandes despojos pelos seus fidalgos, maior nome creou elle dê audaz e de valente.

Não ignorava Canhíuca o que se estava passando, e esperava occasião para ter um pretexto de lhe mostrar que se julgava, apesar de sua fama, superior a elle.

Regressou Ianvo a Cabebe para dar descanço á sua gente, deixando na quipaca, que construíra, um primo seu, com a força indispensavel para ahi se sustentar, sem ter de recear má vizinhança dos povos de Canhíuca.

Trabalhava-se em Cabebe na lavoura, disfructando-se a tranquilidade que succede ás lides da guerra, quando chegaram

emissarios de Canhíuca. Este estranhava que Ianvo se tivesse esquecido até então de o mandar cumprimentar, e de pagar os tributos como fizeram seus avós. O Muatiânvua recebeu-os em audiencia, e quando o que fallára acabou, fê-lo approximar de si, e mandando cortar as cabeças aos outros disse-lhe:—«Leva a minha resposta a Canhíuca».

Pouco tempo depois acamparam forças armadas d'aquelle potentado, junto ao Munvulo, affluente do Lubiláxi, e o Muatiânvua mandou logo o seu Calala desalojá-las, o que logo se fez. Vieram mais passado algum tempo, succedendo novo desbarate, em que os despojos foram muito maiores.

Decorridos alguns annos mandou Canhíuca annunciar que viria elle mesmo atacar a mussumba, e por isso saiu então o Muatiânvua e foi esperá-lo na sua quipaca.

Um anno se entretiveram em escaramuças sem grandes resultados, e a gente da Lunda sentia-se desanimada e queria regressar a suas casas.

Não desconheceu Ianvo que sería arriscado dar um ataque á chipanga, porque o descontentamento era grande pelas fomes que a sua gente estava passando. Reuniu os velhos e disse-lhes:

—«Não quero sacrificar o meu povo, mas não posso retirar, porque o poder do Muatiânvua ficaria compromettido se commettesse tal cobardia. Morrerei aqui; se alguem quer ver, fique, mas tratem os meus quilolos de mandar a gente para as suas terras e vão pôr o lucano em meu tio Mucanza».

Cabeia, seu sobrinho, que era o Mona Uta, foi o primeiro que o desamparou quando o viu entrar na chipanga de Canhíuca seguido pelas mulheres e por alguns rapazes.

É da tradição que elle matou muita gente do Canhíuca para entrar na chipanga e largar fogo á sua cubata, e que pouco antes de morrer tambem dissera:

—«Eu morro em desaffronta do meu povo, mas Muene Puto virá das aguas um dia perguntar por mim, e não me encontrando, porque todos me abandonaram, tomará então conta d'estas terras».

Muatiânvua Mucanza

Mucanza nomeou Suana Mulopo seu irmão Muláji, para Lucuoquexe a sua tia paterna Camina, e teve por Muári sua sobrinha Cambamba, filha de Muteba.

Receando Canhíuca, que o novo Muatiânvua quizesse vingar a morte do antecessor, mandou-lhe immediatamente um grande presente, pedindo-lhe que lhe concedesse o perdão, porquanto não fôra elle que atacára Ianvo.

As guerras com Canhíuca tornaram-se fataes para o Estado, pela perda de vidas, e resgates onerosos pelos restos mortaes do Muatiânvua, e por isso a côrte, acclamando Mucanza, irmão de Muteba, foi de voto que tratasse elle de recuperar forças e não pensasse por emquanto em vingar a morte dos seus antecessores. Se queria experimentar-se na guerra e tirar a *mola,* fizesse-o para o norte.

Grandes exigencias se fizeram então ao potentado de Canhíuca como indemnisações, o que tudo se pagou, e mantiveram-se no seu tempo boas relações de amizade e commercio entre os dois povos.

Precisava Mucanza livrar-se da *mola* dos Tubungos, e por isso lembrou-se de ir fazer guerra aos povos do norte, junto ao Cassai, como desejavam os da sua côrte, e onde se lhe dizia que havia muita gente para escravos do Estado.

Conta-se d'elle que, abandonado pelos seus na guerra com Muene Cacongo, Maláji dos Tucongos, se portára denodadamente, vendo por ultimo apenas a seu lado a Muári, que morreu sob uma chuva de flechas, animando-o sempre.

Os seus, quando reconheceram a impossibilidade de se sustentarem contra tanto povo, que de todos os lados lhe apparecia durante os dias que a guerra durou, aconselharam-no a retirar; porém elle respondeu que fossem tratar de arranjar outro Muatiânvua, porque não queria mais ser potentado de cobardes e medrosos. Preferia morrer em combate.

Os ultimos que retiraram ainda viram que elle, depois de ter morto muita gente á flecha e á faca, se servíra de paus aguçados que lhe dava a Muári, e depois passou a luctar braço a braço com o inimigo, até que o amarraram.

Prostrado da fadiga e vendo em roda de si os corpos dos que matára, pediu então que antes de acabarem com elle lhe dessem agua, porque tinha muita sêde.

Todos respeitaram esse valente, e foi o proprio inimigo que transmittiu a tradição da sua fama.

Muene Cacongo ordenou que se lhe desse agua, e que o conduzissem para a sua chipanga, porque homens como aquelle só se matavam em guerra.

Deram-lhe um bom aposento e apresentaram-lhe de comer, que elle rejeitou, e assim passou dois dias. No immediato foi o proprio Muene Cacongo aconselhá-lo a que comesse alguma cousa, e propôr-lhe que acceitasse sua irmã para Muári e o cargo que lhe era inherente de Xambanza.

—«Se me tivesses matado, lhe respondeu, tinhas-me poupado ao desgosto de ouvir essa proposta de um meu escravo. Porque os meus foram tão cobardes que me deixaram só luctando com o teu povo, não penses que seria tão indigno que me abaixasse a ser quilolo do meu quilolo. Ou mata-me já, ou deixa-me morrer socegado, odiando só os meus».

Muene Cacongo, só depois de Mucanza ter morrido de fome, voltou ao aposento onde elle jazia para separar a cabeça do corpo, e levá-la para o centro da sua chipanga, onde espetada num pau a conservou como reliquia de um grande guerreiro, que morrêra na sua terra.

Era da praxe que o Muatiânvua, vencedor nas guerras com povos estranhos ao Estado, mandasse fazer um lucano commemorativo das suas primeiras victorias e o usasse, mandando recolher ao deposito o que tivesse recebido no acto da sua posse. Por isso Chi Noéji, Muteba e Ianvo Noéji tinham cada um feito um lucano, que usaram depois das suas primeiras victorias; e estes da mesma sorte os recolhia a Suana Murunda, no pequeno cofre confiado á sua guarda, quando o Muatiânvua

fallecia na mussumba, ou o entregava antes de entrar em combate.

Nas ceremonias de investidura do Muatiânvua, tem-se collocado sempre um, que não é do anterior, e geralmente mais tarde pode elle optar pela troca por outro, na virtude do qual tenha mais fé; e, quando assim succede, procede-se a uma ceremonia especial, e nella troca o Muatiânvua o seu nome

RAPARIGAS ANDEJEMPES

(*Apud* Thomson)

de nascimento pelo d'aquelle antecessor que elle deseja imitar no governo.

O Muatiânvua quando se resolve a combater um inimigo estrangeiro, entrega muito em particular o seu lucano á Suana Murunda; porém alguns, confiando na sua boa sorte, e ultimamente Ambumba por desprezo do costume, teem morrido sem o haverem feito, e esse lucano deixou de entrar em deposito, o que os Lundas consideram de mau agouro, sendo obrigado o successor a rehavê-lo por meio de resgate ou por uma guerra.

O Mucanza, quando vira que a sua gente começava a fugir, chamou Umbala, seu Mona Uta, e determinou-lhe que acompanhasse a Suana Murunda, para a mussumba e a esta entregou o lucano, dizendo que o fosse dar á pessoa a quem a côrte escolhesse para lhe succeder, porquanto elle não podia fugir e sim combater ainda que fosse só, e que não era já o Muatiânvua que ia morrer.

Mucanza foi o unico Muatiânvua que morreu sem deixar filhos; porém mais tarde entendeu a côrte que se devia perpetuar o seu nome, dando as honras de Muatiânvua Mucanza a um descendente do unico quilolo que morrêra a seu lado na malfadada guerra com os Tucongos.

Muatiânvua Muláji

Muláji, irmão mais velho de Mucanza, foi chamado para succeder-lhe; porém poucos dias depois de tomar posse, seu primo Cabeia, conhecido pela alcunha de *Canoquene* («grande bocca»), descendente de Mulanda, teve com elle altercação por causa da divisão de uma peça de caça que elle matára, de que resultou perguntar o Muatiânvua, se elle sabia já ter havido no Estado pessoa superior ao Muatiânvua?

Fôra isto bastante para a côrte se levantar, e Canoquene insultou-os, por se rebaixarem a servir um homem que desconhecia os preceitos da caça.

—Procurem-me para me matar e verão o que succede, eu não tenho medo: (*maku ŭami ŭafa kali* «minha mãe já morreu»).

Não estava a côrte costumada a linguagem tão audaciosa na presença do Muatiânvua, e ficaram todos attonitos aguardando a deliberação que tomaria Muláji, o qual passado algum tempo disse:

—«E se eu matasse aquelle meu primo!»

Ficaram todos pensativos, e elle pouco depois continuou:

—«É uma criança; vamos beber».

Recolheram o Muatiânvua e os velhos da côrte á anganda para irem beber.

Estavam nas suas libações, procurando inspirar-se sobre o castigo a dar a um parente do Muatiânvua que procedêra de um modo comparavel só ao do Quingúri irmão de Luéji, quando chegou um alviçareiro participando que Canoquene levantára com todo o seu povo e já havia passado o rio Cadijíxi para a outra banda. Tocou a rebate o mondo chamando ás armas, e todos correram para o largo á frente da residencia do Muatiânvua com as suas armas, promptos para o que lhes fosse determinado.

Como o Muatiânvua e os principaes da côrte estavam muito embriagados, anoiteceu sem que se tivesse resolvido sobre o que havia a fazer; e o Muatiânvua a quem chamaram a attenção, dizendo-lhe: — *uchuko ueza kâli* («já veiu a noite»), levantou-se dizendo: — *aia ni anzâmbi, tuladika pamáki ezânhi* («vão com Deus, durmamos, de madrugada voltem»).

O povo ficou desesperado por ter sido chamado para a guerra e estar uma tarde inteira aguardando as ordens, sem que cousa nenhuma se resolvesse por causa do malufo, e retirando para as habitações ia vociferando contra o Muatiânvua, que era fraco e cobarde, etc.

Ou porque recrudescesse o descontentamento, que se pronunciou logo durante a noite, entre os grupos que se formaram em differentes residencias para libações, ou por interferencia da gente do Canoquene, como pretende a tradição, desculpando o desagrado dos da côrte, o certo é que na madrugada encontraram o Muatiânvua morto na sua habitação.

Era a primeira vez que tal succedia, e por isso grande foi a balburdia que houve para se adivinhar a quem se havia de attribuir esse delicto, suppondo-se que fôra um bom acto politico e aconselhado pelos mestres da arte de adivinhar, lançá-lo á conta de feitiçaria, de mandado de Canoquene. A côrte deliberou entregar o Estado ao irmão do fallecido Umbala, que era seu Suana Mulopo e proceder-se depois ao enterro e a chorar-se o defuncto.

Não era este homem da sympathia da côrte, porém ella chamando-o havia mostrado a necessidade de se vingar a morte de seu irmão, e portanto de ir fazer guerra a Canoquene. Segundo o seu procedimento, ou a côrte o abandonava e entrava seu irmão Ianvo em quem havia confiança, ou então, se elle se portasse bem, aguardariam o primeiro pretexto para d'elle se desfazerem.

Muatiânvua Umbala

É de todos os tempos este modo de proceder, dos que influem nas eleições para o cargo de Muatiânvua; dizem elles que assim se evitam complicações para o governo, devidas áquelle a quem na verdade, por circumstancias que se dão na sua pessoa, se deseja entregar o Estado.

Muitas vezes para o cargo ir recair no que está em quarto ou quinto logar, chamam os anteriores para não descontentarem os do seu partido, mas já está decretado como se hão de desfazer d'elle.

É sorte, me disseram, e as cousas arranjam-se de forma que o mais esperto filho de Muatiânvua, embora conheça os ardis usados com os seus antecessores, que morreram pouco tempo depois de serem eleitos, não pensam no que a elles ha de succeder. E é por isto que se diz: *acuarunda acuete mafefe* («os da Lunda são traiçoeiros»).

Actualmente já os Quiôcos se intromettem nas eleições do Muatiânvua, me disse um informador, e isso foi um grande mal para a Lunda pelos serviços que teem de lhes ser pagos, e porque se tem organisado partidos no Estado.

Umbala tinha pois uma carta a jogar, e se fosse feliz podia alimentar a esperança de gosar algum tempo na posse do Estado de seus antepassados.

Sabia-se que Canoquene fôra estabelecer-se com o seu povo na chipanga de guerra, feita por Ianvo em terras dos Uandas, e que conseguíra attrahir a si os povos vizinhos anthropophagos, para se defender dos Lundas que ousassem atacá-lo.

Determinára mais que qualquer Lunda que passasse o rio sem auctorisação d'elle, podia ser comido por quem o encontrasse, assim como ficar este com o que lhe pertencesse.

Estas ordens agradaram, e por isso augmentavam os adherentes ao seu partido, adoptando elle logo para si o titulo de Muatiânvua. A localidade ainda hoje conserva o nome de Canoquene, e os potentados que lhe succederam teem tomado todos o titulo de Muatiânvua Canoquene.

Umbala organisou a sua guerra, e partiu para dar o ataque ao seu competidor. A primeira difficuldade surgiu logo á passagem do rio Cajidíxi, havendo necessidade de se cortarem arvores longe e transportá-las, para se fazer uma ponte, tendo de ser protegida a construcção pelos frecheiros.

Os mais atrevidos que passarem o rio a nado, para na outra margem protegerem a construcção, eram immediatamente agarrados e mortos pelos cannibaes que estavam occultos nos morros do salalé.

Fez-se a final a ponte, e passaram algumas forças com o Muatiânvua, porém era já noite, e pouco depois foi ella cortada não se sabe por quem, sendo levada na corrente. Os Lundas que passaram lembraram-se de atacar os morros do salalé, mas os Uandas haviam-se escondido no mato para os deixar internar e acampar.

Fatigados os Lundas e julgando que nada tinham a recear, entenderam os de melhor fé suspender a marcha e dormirem. Outros os mais timoratos, passaram o rio a nado, conseguindo alguns regressar.

Foi esta uma das guerras mais desastrosas; os que ficaram nessa noite no territorio do inimigo não voltaram, o que fez acreditar que todos fossem devorados pelos cannibaes.

Os que retiraram vieram logo dar parte do acontecido a Suana Murunda, que ficára acampada na margem esquerda com outros quilolos e a sua gente armada.

A guerra estava perdida, e todos regressaram á mussumba para dar posse ao novo Muatiânvua que era Ianvo, (o terceiro d'este nome) e que tinha as sympathias da côrte.

Muatiânvua Ianvo

Este potentado teve logo de dar o cargo de Lucuoquexe a sua cunhada Camonga, que fôra Muári do seu irmão Muteba; o de Suana Mulopo, a seu sobrinho Ditenda, filho de Muláji, e para Muári escolheu sua sobrinha, filha de Umbala.

Haviam outros cargos vagos, porém como os filhos de seus irmãos estavam investidos em estados de Cárula, perdendo assim o direito á successão no Estado de Muatiânvua, investiu nelles o seu segundo e terceiro filho, porque o primeiro já tinha morrido.

Para Muene Têmbue, que era o immediato ao Suana Mulopo, nomeou Quiamba, que mais tarde, por morte de Ditenda, passou a ser Suana Mulopo; e para Muitía, havendo falta de descendencia naquelle Estado, nomeou com approvação dos quilolos d'esse Estado, o seu filho Mucuáchimo, que passou a ser Cárula.

Á mãe d'aquelles seus filhos, deu o estado de Anguina Muana.

Depois do ultimo Ianvo, seus irmãos poucas relações tinham mantido com Canhíuca, e o commercio com os seus povos havia diminuido muito. Ianvo que já era homem dos seus cincoenta annos quando tomou posse, pensou ser necessario para bem do Estado que cessassem as inimizades com Canhíuca. Conta-se que elle usára nesse proposito de um estratagema, que a ser verdade, não deixa de ser curioso.

Mandou embaixadores com um bom presente ao Canhíuca, a dar-lhe parte que tomára conta do Estado, e que sendo agora Muatiânvua desejava vê-lo um dia, como um bom amigo na sua mussumba, pois era isso de conveniencia para haver confiança reciproca dos povos que queriam continuar a commerciar.

Canhíuca agradeceu o presente, e disse que teria muito gosto em lhe annunciar brevemente a sua visita, para o que

esperava que o Muatiânvua approvasse a resolução que havia tomado de demorar os seus embaixadores. Pelos portadores d'este recado tambem lhe mandou um bom presente de marfim.

Com antecedencia soube Ianvo da sua partida, e como por distincção tinha de receber o seu hospede á entrada da mussumba, onde este devia primeiro descançar sobre pelles para isso ali dispostas; na vespera, durante a noite, com o auxilio do Muári Muíxi (seu cosinheiro, e pessoa de muita confiança), e da sua Muári, fizeram uma profunda cova no logar em que devia sentar-se Canhíuca, cobrindo-a com grandes pelles de leão e de onça. A esquerda ficaram as pelles reservadas para o Muatiânvua.

Com o fim de distrahir a gente de serviço particular, o Muári Muíxi, segundo as ordens que havia recebido, despachou de madrugada tudo em busca de gado miudo, de creação, de farinha, bombós, malufo, etc., que logo mandou preparar para a festa de recepção.

Chegou Canhíuca no seu palanquim, sendo muito bem recebido, e Ianvo foi buscá-lo para o conduzir ao logar que lhe estava designado, emquanto as pessoas do seu sequito se foram dispersando peló méssu e mazembe, segundo as suas categorias, para accommodarem as bagagens nos alojamentos que lhes estavam destinados, e prepararem-se para a audiencia, cujo signal devia ser dado no chinguvo grande (mulépe Capenda[1]).

Canhíuca ao sentar-se, foi logo abaixo, e para abafar qualquer grito, serviram as extremidades das pelles com que o cobriram. Estabelecida que foi a ordem, depois da confusão que este accidente provocou, mostrou Ianvo o seu pesar pelo que succedêra, mas visto o acaso proporcionar-lhe tal ensejo, disse que não devia Canhíuca sair d'ali, sem lhes garantir que não mais mandaria guerras ás suas terras. Estava em seu poder, e se lhe quizesse fazer mal, era só mandar tapar aquella

[1] Capenda é o auctor do mulepe.

cova. Todos os seus apoiaram o Muatiânvua, que, removendo as pelles, lhe disse o que estava tratado.

Canhíuca que tudo ouvíra, respondeu immediatamente que, ou fosse de proposito ou por accidente o que lhe succedêra, não podia deixar de acreditar que tudo aquillo era obra de feitiço, e por isso contassem d'ali em deante com elle e com os seus descendentes como bons amigos, e que não mais se levantariam guerras contra o Estado de seu irmão Muatiânvua.

RAPARIGA LUNDA (DO LULÚA)

Não ganhou para o susto, pois só pedia que o tirassem d'ali e, uma vez fora, o que queria era pôr-se a caminho.

Tiveram de convencê-lo que devia ficar na mussumba dois dias, e que escolhesse o que quizesse comer, e onde queria pernoitar.

Emfim com todas as cautelas, e sempre desconfiado, passou aquelle dia e o immediato junto do Muatiânvua e dos seus grandes, e lá partiu no outro dia; sendo certo, que d'essa data em deante, dizem os Lundas, não mais houveram guerras com Canhíuca, que tem pago sempre tributos ao Muatiânvua, e a gente da mussumba vae negociar ás suas terras sem que se tenha dado a mais pequena occorrencia desagradavel.

Foi Ianvo quem se lembrou de mandar sair diligencias a procurarem os seus parentes Quiôcos nas margens do Chicapa e Cassai ao sul, para com elles se manterem relações de commercio e de caça. Os Quiôcos por comprazer annuiram.

Quiz Ianvo ir fazer guerra aos Tucongos, esperando que lhe entregassem a cabeça de seu irmão mais velho Mucanza, e che-

gou mesmo a sair com esse intuito, porém ao passar o Cassai, apresentou-se Muene Taba com grandes forças para se lhe oppôr, e elle resolveu-se a dar-lhe um severo castigo pelo seu atrevimento. Foi tão grande a derrota, que os chefes dos povos (Calambas) fugiram para os matos, e os da Lunda fizeram grande numero de prisioneiros, e tantos, que aconselharam o Muatiânvua a contentar-se com aquella victoria.

Mandou Ianvo agarrar Muene Taba, e uma vez na sua presença, perguntou-lhe se o não reconhecia como Muatiânvua. Este prostrou-se pedindo a sua clemencia, e sujeitou-se não só a considerá-lo como seu amo, mas ainda a indemnisá-lo com seiscentos escravos, pelo que retirou então o Muatiânvua satisfeito da sua proeza.

Foi no seu tempo que os dominios do Estado de Muatiânvua ficaram definidos, tal como hoje se consideram; porém é conveniente advertir que o poder do Muatiânvua sobre elles, de 1874 para cá pelo menos, não passa de uma ficção.

A sua auctoridade exerce-se apenas de facto, do Cassai até ao Lubiláxi.

Diz-se que Ianvo morreu de velhice, pelo menos não houveram ambições da parte de seu Suana Mulopo, Quicomba, a quem pertencia succeder-lhe; porquanto este logo que seu irmão adoeceu chamou seu sobrinho, filho de seu primo Ditenda, rapaz de vinte annos, e que vivia na sua povoação e a quem dera o Estado de Suana Mulopo e disse-lhe: — «Eu não me sinto com forças de ser Muatiânvua, mas tu és um rapaz muito sagaz, e eu vou propôr á Lucuoquexe e aos velhos do Estado para tu entrares, mas não me mandes matar porque eu não te faço mal, deixa-me morrer descançado no logar em que tu queiras, e não exijam de mim grande trabalho».

De facto Quicomba fallou á Lucuoquexe, e esta, quando a côrte reuniu para se resolver sobre a successão, propoz a resignação de Quicomba em favor de Noéji, ao que todos annuiram de boa vontade, porque demais se reconhecia que o primeiro era fraco de cabeça e muito doente, e alem d'isso Noéji já havia dado provas de são juizo.

Noéji ainda quiz convencer o tio que entrasse no Estado, e o fizesse antes seu Suana Mulopo, porquanto era muito novo e não faltariam invejosos que o intrigassem. Quicomba insistiu que havia bons precedentes para todos d'elle esperarem um bom Muatiânvua, e que educasse o filho d'elle, Muteba para ser Suana Mulopo, para lhe succeder e nada mais queria, pois tambem lhe parecia que este tinha boa cabeça e havia de ser valente.

Á noite chamado Quicomba para assistir aos ultimos momentos de Ianvo, e suppondo que a côrte o obrigaria a ser Muatiânvua, vendo que Ianvo ainda ouvia e fallava, disse-lhe deante de todos que o rodeavam, que desistia da successão em favor de Noéji seu neto[1].

Ianvo tirando o lucano e dando-o a Suana Murunda, ainda poude dizer:

—«Fizeste bem. Noéji ha de ser um bom Muatiânvua».

Estava decidido, pois o que diz um Muatiânvua moribundo, é para os Lundas uma maxima sagrada.

Muatiânvua Noéji[2]

Depois das ceremonias do estylo, foi seu cuidado na primeira audiencia declarar, que seu tio Quicomba estava no logar de seu pae, e como tal queria que o considerassem, porém como estivesse doente e desejasse viver tranquillo junto d'elle, por isso o nomeava Mona Uta, e a seu filho Muteba para o coadjuvar e para assistir ás audiencias como Muadiata (logar immediato).

---

[1] Aos tios avós chamam avós, e portanto são netos os segundos sobrinhos direitos.

[2] Foi este, o que o negociante sertanejo Rodrigues Graça visitou em 1847; segundo os informadores, calculei que elle se conservou no poder trinta e dois annos, e portanto, que devia ter tomado posse do cargo entre os annos 1820 a 1822.

Conhecia que Muteba era um rapaz muito esperto, e que seria util aproveitá-lo para um dia poder entrar no Estado, que seu pae não quizera acceitar como todos sabiam; porém, como estava ainda novo, ajudaria por emquanto o pae e mais tarde pensaria em lhe dar um cargo independente.

Nomeou seu irmão Muláji, Suana Mulopo e entre outras nomeações, que muitas fez, foram das primeiras, de Cata sua prima, filha de Tumbo Mussenvo Quianda e de Macanda sua tia, para Anguina Ambanza, concedendo-lhe para marido seu primo Quissanda, que por esse facto tomou o estado de Xambanza; e quando morreu a Lucuoquexe o Muatiânvua fez èntrar para este cargo Camina, filha de Cabeia e neta de Chi Noéji, e para Nama Mazeu, sua tia (irmã de sua mãe, e para os Lundas mãe d'elle).

Adoptou o cognome de *Diuta,* porque nunca deixou de fazer uso das flechas na caça, embora tivesse em estimação as armas lazarinas com que, a pouco e pouco, foi armando a força ao seu serviço.

Era muito respeitado pela sua valentia, e como estavam acabadas as guerras com Canhíuca, o que se devia ao bom governo de seu avô Ianvo, tornou-se exigente com os quilolos mais distantes para lhes pagarem grandes milambos (donativos forçados). Desejava mesmo que elles desobedecessem para os guerrear, mas era tão temido, que só duas vezes teve de deixar a mussumba para esse fim.

Quando não era obedecido immediatamente, mandava logo sair o seu Calala com as forças, e isto era o bastante.

Estas guerras não eram outra cousa mais que incursões devastadoras, porque depois de morto o quilolo fazia-se logo o sequestro de toda a sua gente e de todos os haveres, queimando-se em seguida a povoação.

Noéji era desapiedado com os feiticeiros, e com todos aquelles que não recebessem muito submissamente as suas ordens, mandava-os matar sob o mais pequeno pretexto, ao mesmo tempo que engrandecia os que o ajudavam a fazer prosperas as suas terras.

Sabendo que o seu parente Andumba Têmbue, o chefe dos Quiôcos ao sul do Mungo, margem do Cuanza, estava tirando ahi grande proveito na caça aos elephantes com os seus bons caçadores, usando das espingardas lazarinas de Muene Puto, enviou-lhe uma embaixada com um presente de cinco dentes de marfim, e dizer-lhe: — Que nem elle nem o seu parente tinham culpa dos acontecimentos que levaram os velhos já fallecidos de um e outro lado a desavirem-se, e os seus a abandonarem as terras; por isso deviam elles concorrer para se unirem os filhos d'esses descendentes, e elle já dava o exemplo, mandando-lhe aquelles presentes em signal de boa amizade. Pedia-lhe ao mesmo tempo que lhe enviasse alguns bons caçadores para na companhia dos seus filhos irem caçar os elephantes, pois que havia muitos nas suas terras.

Andumba agradecendo a lembrança, respondeu, ser tambem de voto que se reatassem as relações de parentesco entre os Lundas e os seus povos; que de certo os Quiôcos se aproveitariam d'essa boa amizade para continuarem as suas caçadas para o norte, onde os caçadores se iriam estabelecendo d'ahi em deante, e mandou-lhe alguns, entre elles o considerado grande mestre, homem velho e conhecido por Xa Maqueca Angombe. Este já anteriormente tinha aconselhado seu amo a enviar uma embaixada ao Muatiânvua, reconhecendo-o como chefe da familia e do Estado, para que os Quiôcos pudessem caçar nas terras da Lunda e viverem ahi como outr'ora, allegando que ninguem d'ellas os expulsára, e que foram seus ascendentes que immigraram por vontade, não perdendo por isso os direitos de para lá voltarem.

Estas terras dissera o velho, pertenciam ao dominio do Muatiânvua, mas os seus parentes Quiôcos não tinham commettido delicto algum para estarem privados de viverem e fazerem as suas caçadas nellas. Andumba tinha dado razão ao seu velho caçador, e estava já organisando uma embaixada para enviar á mussumba, quando appareceu a do Muatiânvua que elle muito estimou. Recebeu-a muito bem, e fê-la acompanhar por uma embaixada sua, de que fizeram parte alguns caçadores, que

disseram ao Muatiânvua o que acima fica exposto, enviando-lhe de presente algumas espingardas, pederneiras e barris de polvora para os seus filhos fazerem boas caçadas[1].

A regular pela idade de Xa Madiamba, o qual dois annos depois, já fez parte das caçadas com aquelle mestre, e embora tanto elle como Mona Quiessa e Quibéu, que se lembravam d'este facto me dissessem que o Xa Madiamba era então muito novo, não lhe devo dar menos dos seus dezoito annos; e por isso calculo que as embaixadas deviam ter chegado á mussumba de 1840 a 1841.

Logo a primeira caçada foi de grande exito, e isso animou Noéji a presentear o velho caçador com escravos e marfim, e a despachar com elle uma nova embaixada para Andumba seu parente, com quarenta escravos e quatro pontas de marfim de lei; pedindo ao mesmo tempo que approvasse a nomeação que fizera de Xa Maqueca para seu chibinda (caçador), e o deixasse vir todos os annos á mussumba para fazerem juntos as suas caçadas.

Andumba agradeceu ao Muatiânvua, disse que Xa Maqueca voltaria sempre que elle determinasse, e que pela sua parte, — querendo tambem boa amizade entre os filhos de seu irmão e os seus —, estava tratando de fazer sair seu sobrinho Quissengue (o primeiro) com o seu povo, para se ir estabelecer em terras do Muatiânvua ao sul do Cabango. Esperava que o Muatiânvua approvaria este seu modo de proceder.

Por essa occasião Noéji tinha saido com uma guerra da sua mussumba, para ir bater o quilolo vizinho, Caiembe Muculo, no que não foi feliz, valendo-lhe ser estimado pela côrte, que o não abandonou.

---

[1] Estas informações foram-me dadas pelo velho Quiôco Mona Quiessa, que consegui photographar, com quem convivi perto de dois mezes, e que me forneceu muitas noticias sobre Quiôcos e Lundas do tempo passado. Era um velho dos seus setenta annos, e muito considerado entre estes povos. Vivia então na côrte de Andumba Têmbue, e como caçador tambem por vezes vivêra na mussumba do Muatiânvua Noéji.

Tendo morrido nessa guerra o seu Calala, aconselharam-no a que retirasse para a mussumba, pois que de tal guerra não vinha proveito algum; que os seus antepassados não se importavam com a independencia de Caiembe, porque fôra sempre um bom vizinho e amigo, descendente de Muatiânvua e Cárula, que de quando em quando mandava milambos ao Muatiânvua, e maiores do que qualquer quilolo do Estado.

Os grandes da Lunda haviam resolvido não abandonar Noéji nesta guerra, como era da praxe até ali com as guerras de Canhíuca, porque não havia até então motivo algum para estarem descontentes com elle, pois repartia com todos os seus quilolos os milambos que recebia, bem como o producto das caçadas.

Noéji queria como Muatiânvua ser experimentado numa nova guerra, e lembrou-se de ir elle mesmo com as suas forças atacar os Tucongos e Tubinjes, para lhe apresentarem a cabeça do seu antecessor Mucanza, que ainda lá existia espetada num pau á frente da principal residencia naquelles povos; procurava emfim um novo theatro de suas façanhas, para se acreditar, visto o revez que soffrêra com o Caiembe.

Os quilolos ainda o dissuadiram d'isso dizendo-lhe ser mais conveniente nomear um quilolo grande com muito povo, para exigir a referida cabeça; e quando as cousas corressem mal, era então que o Muatiânvua devia ir com a sua côrte para levar a guerra áquelles selvagens.

Existia ainda um descendente do quilolo, que morrêra ao lado do Muatiânvua Mucanza na guerra dos Tucongos, a quem Noéji elevou ás honras de Muatiânvua, representando Mucanza, e deu-lhe Estado (povo), para ir estabelecer-se no Cassai, em terras de Mataba, como governador d'ellas, com a missão de obter dos Tucongos a cabeça de seu amo.

Para lá marchou este com o cognome de Anguvo, e teve de tomar posse do cargo que lhe dera o Muatiânvua, fazendo fogo sobre o povo de Mataba, que estava contente com os seus Tulambas (auctoridades) e com Suana Calenga, que era o seu principal chefe.

Anguvo, depois de estabelecido, soube entreter boas relações com os Matabas, e animá-los a baterem os Tucongos em seu interesse, até apparecer a cabeça do Muatiânvua, a qual porém nunca foi entregue.

Os Tucongos sujeitaram-se á obediencia, e desculparam-se dizendo que a cabeça existia em poder dos Tubinjes. D'ahi para cá começaram então as razias áquelle povo, feitas pelos Lundas a pretexto de obterem a referida cabeça, causando muitos estragos nas terras de Mataba.

Quiz Noéji por mais de uma vez ir com as suas forças ajudar Anguvo, porém a côrte sempre se oppoz, dizendo-lhe que aquelle nada pedia, estava governando bem, e não devia ir o Muatiânvua expôr a sua vida por causa de um quilolo que já fizera grande do Estado; que não era bom ir outro Muatiânvua perder a sua vida em terras de selvagens, e que elle tinha muito que fazer ainda para augmento de seu Estado e bem de seus filhos.

Voltou Xa Maqucca para fazer caçada aos elephantes, e d'esta vez, entre outros filhos de Noéji, foi tambem com elle Ianvo, vulgo Xa Madiamba, que logo na primeira jornada matou um elephante sendo considerado bom atirador.

Foi durante o tempo que durou esta caçada, que Noéji mandou fazer a sua grande mussumba em Cabebe, dando ás ruas uma determinada largura, e obrigando todos a construirem as cubatas por um mesmo modelo, alinhadas e com as portas voltadas para as ruas.

Recebeu já os caçadores no seu regresso nesta mussumba, e foi d'aqui que despachou Xa Maqueca para Andumba, com um melhor presente de marfim e escravos que da primeira vez; dizendo ao seu parente que ficára satisfeito de saber da sua resolução em mandar Quissengue seu sobrinho estabelecer-se em terras do Muatiânvua. Assim era bom, e elle ia já despachar Chimbundo com povo para ir tambem para o Chicapa fazer boa amizade com elle.

De facto a embaixada retirou, e dias depois Noéji nomeou Chimbundo que seguiu nesse proposito com muita gente bem

armada. Os Lundas em geral, principalmente Muansansa, que estava no Cabango além do rio Chiúmbue, não estavam satisfeitos com a vinda dos Quiôcos do sul. Diziam já, que elles, melhor armados e bons caçadores não se limitariam a exterminar os elephantes e outra caça, cuja falta os da Lunda sentiriam depois; tambem haviam de querer tornar-se senhores de suas terras e roubar-lhes as mulheres, e alguns já começavam a exigir aos Quiôcos que lhes comprassem o sitio onde estabeleciam as suas povoações e tambem, como tributos, parte das suas caçadas, e além da carne dos elephantes, um dos dentes, que deveria ser sempre o melhor.

Os Quiôcos, ainda que lhes custasse, a isso se sujeitavam, e os Lundas que tinham agora quem lhes trouxesse a carne, e recebiam dos Bângalas fazendas, armas e polvora, principiaram logo a entregar-se á ociosidade.

Preparavam apenas as terras durante uma ou duas horas em cada madrugada, para as mulheres plantarem e cuidarem das lavras depois, e em seguida começavam bebendo malufo, maldizendo dos outros, procurando sempre induzir os potentados a expoliarem os Quiôcos vizinhos, e d'aqui se estabeleceu o tal viver das milongas, catechisando-se os potentados para as resolverem, dando-lhe por entrada um presente, e ao terminar do pleito pagando mais do que o valor da milonga.

Chimbundo[1] quando saiu da mussumba, já sabia que todos os quilolos não estavam contentes com a vinda dos Quiôcos para as terras de Muatiânvua, e por isso já ia de opinião antecipada contra elles.

O Muatiânvua Noéji, quando este se despediu, lembrou-lhe, bem como ao povo que o acompanhava, que os mandava estabelecer junto aos Quiôcos para manterem com elles boas relações, pois tambem eram filhos de Muatiânvua. Se tinham ido para longe fôra isso por vontade d'elles, e não porque os hou-

---

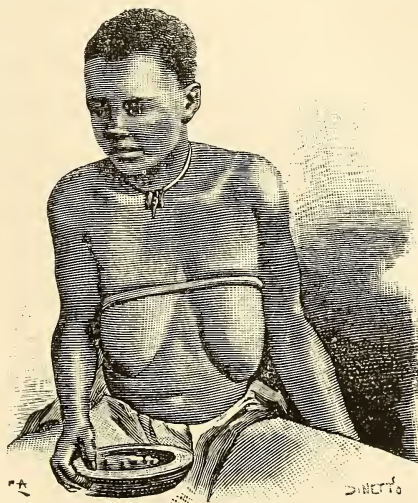
[1] Chimbundo dizem os Lundas da côrte, porém o vulgar é ouvir-se dizer Quimbundo.

vessem expulsado; esperava que os seus filhos se dessem bem com os filhos de Quissengue, novo potentado que por consentimento d'elle, Muatiânvua, ia ser seu vizinho.

Quando Quimbundo passou por Cabango, já Muansansa se queixou muito do Quissengue e do seu povo, e disse que estivera para lhe ir levar uma guerra a fim de o fazer voltar para as suas terras, pois já haviam tentado roubar-lhes raparigas. Quimbundo logo disse que vinha resolvido a não lhes admittir o mais pequeno atrevimento, e talvez mesmo logo que chegasse ao seu novo sitio, fizesse sair uma guerra para expulsá-lo do logar onde estava, caso os vizinhos da Lunda se queixassem.

MULHER TUCONGA

Ainda Quimbundo não estava de posse das suas terras, e já pensava em desalojar Quissengue, que por auctorisação do Muatiânvua estava estabelecido no paiz, e assim eram esquecidas as recommendações do Muatiânvua que de accordo com o mais velho dos potentados Quiôcos, Andumba, se empenhavam em acabar as dissenções na familia entre Lundas e Quiôcos, para serem todos considerados filhos do mesmo povo.

Quimbundo ao chegar mandou prevenir Quissengue que estava de posse de seu Estado, e que o Muatiânvua lhe recommendára que procurasse estabelecer boas relações com os seus parentes e vizinhos Quiôcos. Que estava porém informado por Muansansa, que o seu povo se tinha já portado muito mal, procurando roubar os Lundas, e por isso o prevenia de que não estava disposto a admittir-lhe isso; e visto não ter elle ainda

pago o tributo das terras onde se estabelecêra, e pertencendo essas terras a elle Quimbundo, que esperava o fizesse agora.

Quissengue respondeu-lhe que elle estava mal informado. A questão de um qualquer rapaz ter feito um roubo á gente da Lunda, não era de certo motivo para se quebrarem logo relações entre os velhos parentes que estavam dispostos a reatá-las; que fôra para aquellas terras por ordem do Muatiânvua, e por conseguinte tanto era senhor d'ellas como Quimbundo das suas; era tanto quilolo do Muatiânvua como elle, e que nunca um quilolo grande, pagára tributos a outro. Que não julgasse que o temia, estava ali disposto a viver bem com todos os quilolos vizinhos, e eram essas as ordens que tinha tanto do Muatiânvua, a quem pagava milambo, como do seu Muana Angana, Andumba, e que não viesse elle já provocá-lo. Estava certo que o Muatiânvua o não mandára para tal fim.

Como ainda hoje se usa, fez Quissengue acompanhar os portadores de gente sua, para ouvirem a resposta, a qual foi:— «Visto o que diz Quissengue, prepare-se, se é homem, para me receber na sua chipanga».

Era o repto, estava declarada a guerra. Quissengue não esperou; em tres dias estava em frente da chipanga mandando dizer ao seu provocador que vinha provar-lhe que era homem. Começou o fogo e foi morto Quimbundo; fizeram-se prisioneiros e outras presas e volveu Quissengue para as suas terras, succedendo a Quimbundo o seu Suana Mulopo.

Nem Andumba nem os do seu conselho approvaram semelhante guerra do Quissengue emprehendida sem auctorisação, avisando-o que não contasse ser auxiliado pelos seus patricios no caso de vingança, e preveniram o Muatiânvua Noéji da reprehensão que mandavam dar a Quissengue.

Noéji respondeu ao seu parente que fôra aquillo uma criancisse, de que elles velhos não deviam fazer caso.

É certo que pouco depois o segundo Quimbundo e os seus, já devidamente preparados, sem mais tir-te nem guár-te, apresentaram-se armados em frente da chipanga de Quissengue e conseguiram matá-lo.

Foi nomeado um segundo Quissengue e partiu com novas recommendações de Andumba, para viver bem com os Lundas vizinhos, e fazer-lhe sentir que não tiveram approvação do Muatiânvua nem d'elle Andumba as guerras com Quimbundo.

Quando chegou o novo Quissengue, Quimbundo não contente ainda com a guerra em que ficára victorioso, veiu á mussumba pedir ao Muatiânvua que lhe desse gente e polvora para expulsar o novo Quissengue de suas terras.

Noéji riu-se e disse-lhe:—«Já vejo que és tão criança como teu irmão. Essas guerras que fizeram, são guerras de rapazes, quizeram experimentar forças; matou-se um Quimbundo, depois matou-se um Quissengue, já devem estar satisfeitos. Andumba não dá forças a Quissengue para essas rapaziadas, e tambem eu não as dei nem as dou a Quimbundo. Descança ahi uns dias, e quando quizeres vem que eu te despacho».

O despacho foi o seguinte:—«Mandei Quimbundo para aquellas terras para viver bem com os nossos parentes e não para os guerrear. No Estado, quem determina as guerras sou eu, Muatiânvua. As crianças quizeram experimentar as suas forças, e pagaram-se. Agora ouve o que te diz o Muatiânvua, o senhor de todas as terras, rios, aguas e arvores que vês. Aqui estão estas duas armas, uma é para ti, e outra has de entregá-la a Quissengue, e tambem aqui está um barril de polvora para cada um; ambos são meus filhos, estas armas são para caçarem e se lembrarem do pae que os estima a ambos, e que quer vê-los unidos. Agora a cada um entrego mais, uma mulher para companheira; quero que juntos gosem muito bem dos seus Estados. Não consinto mais desavenças nem desordens, e quem as provocar, conte que terá um castigo severo. Podes partir».

Em 1845 segundo os melhores dados, adoeceu Noéji. Como era de avançada idade a sua doença deu muito cuidado aos que lhe eram realmente dedicados; porém os quilolos de méssu (os de maior grandeza), começaram a murmurar que era mau estarem a procurar salvá-lo, que tanto este como sua mãe já tinham vivido muito; que os filhos do Muatiânvua já tinham

os cabellos brancos, e que morriam sem gosar do Estado, e que seria melhor que ambos fossem a caminho dos que morrem, para lhes succederem outros.

Sabia Noéji o que se passava, e apesar de ir melhor fazia-se mais doente, admittindo só á sua presença um ou outro quilolo mais distincto, e isto só na sua cubata de dormir. Assim andou mais de um mez.

Os filhos de Muatiânvua que todos pertenciam ao méssu, principiaram a manifestar tambem o seu descontentamento pela prolongação da doença, dizendo que o melhor era acabarem com o velho, pois já tinha comido muito bem o seu Estado.

Seu sobrinho Muteba sabendo d'estas combinações, e que Muene Casse e outros quilolos do méssu se haviam promptificado a virem atacar a anganda e matar o Muatiânvua, foi logo ter com este, prevenindo-o do que se passava, dizendo-lhe em seguida:—«Tomei as minhas providencias, não tenha receio; eu[1] e o meu primo Muadiata não deixâmos agora a anganda, somos as vigias».

O Muatiânvua costumava sentar-se no *lubaza* («pateo trazeiro da anganda»), e por isso Muteba disse-lhe que continuasse a ir sentar-se ali, e quando elle lhe mandasse dizer que chegavam os conspiradores, que parece só viriam de madrugada, mandasse o Muatiânvua armar os seus tuxalapólis e que lhe fizessem roda, mas que se não movessem, não era preciso o Muatiânvua incommodar-se por causa das crianças.

—«Tu tambem julgas, lhe disse Noéji, que eu estou ainda doente? Estás enganado; ha um mez que finjo que a doença continúa, para saber quem me quer bem e quem me quer mal. Não estou tambem tão velho que não possa acceitar a guerra de um ou de outro quilolo. Farei o que tu dizes, mas conta que se fôr preciso ainda tenho muita força para te ajudar».

Toda a noite Muteba e seu primo, que já haviam combinado terem comsigo duas das suas melhores facas. As suas flechas

---

[1] A este tempo era Muteba o Xambanza.

e espingardas lazarinas estiveram álerta, e começava a romper o dia, quando viram do lado do méssu apparecer gente armada. Cada um collocou-se ao lado da porta da anganda empunhando a faca, e mandaram chamar o Muatiânvua para vir assistir ao que ia passar-se, fazendo-o sentar de modo a não ser visto.

Os rebeldes notando que não havia movimento algum na anganda, entenderam que tudo ainda dormia, e por isso não dispararam as armas para atemorisar ninguem, querendo apanhar de subito o Muatiânvua e matá-lo immediatamente. Era para elles o melhor, e mesmo o mais seguro expediente.

Á medida que elles iam entrando na anganda a um e um, lá estavam os dois de mucuáli em punho a degolá-los, para o que a pouca altura da porta os favorecia, porque obrigava os que iam entrando a abaixarem-se e pôr o pescoço á prova. Assim deram cabo de uns poucos, sem que os de fora dessem por isso.

A precipitação com que queriam entrar, nem os deixava ver o que se estava passando, tendo só em attenção que não aclarasse o dia antes de perpetrarem o attentado.

Noéji satisfeito de vêr aquelles dois bravos rapazes defendendo com tanta coragem a sua vida, collocou os seus tuxalapólis de um e outro lado da porta da anganda encobertos com a cêrca, e de repente faz-lhes dar uma descarga de espingardas sobre o monte de conspiradores, em resultado do que morreram muitos d'elles, ficando outros feridos, fugindo os restantes espavoridos.

Os que ainda ficaram de longe e que estavam preparados, esperando que alguem os chamasse, abysmados com o que succedêra, viram em seguida Muteba, o Muadiata e o Muatiânvua sair com os seus tuxalapólis a fazerem tiros de bala e lançarem flechas. Alguns cairam logo por terra tomados de terror, desculpando-se com quem os mandára, e a maior parte foram perseguidos pelos dois heroes do dia, então já seguidos por muita gente do mazembe que ao ouvirem a descarga vieram logo para o logar do conflicto armados com as suas flechas,

facas e armas lazarinas, e collocaram-se ao lado do Muatiânvua auxiliando-o.

Tal era o susto que os revoltosos nem puderam disparar um unico tiro.

Como elles fugissem para o lado da Lucuoquexe, Muteba receando que fossem atacá-la, mandou sair gente do outro lado a prevenir a do mazembe, e seguiu avante então com as suas forças armadas, prendendo e matando muitos dos conjurados.

A Lucuoquexe, que quando ouviu a descarga já tinha chamado a sua gente ás armas para virem á anganda, logo que recebeu recado de Muteba, mandou as suas forças para fora, as quaes prestaram bom auxilio.

A lição fôra severa, e no dia seguinte quando o Muatiânvua appareceu no tetame, todos se prostraram no chão, agradecendo assim a Muculo Noéji (Zâmbi) não ter morrido o seu Muatiânvua.

Com respeito a Quimbundo cumprindo a diligencia, como o Muatiânvua ordenára, viveu sempre em boas relações com o Quissengue.

Este morreu e succede-lhe Buanvua, que veiu do sul, ainda com recommendações de Andumba para viver em harmonia com Quimbundo que sabia estar nas melhores relações com os Quiôcos e que mantivera paz com o seu antecessor.

Entrou aquelle no Estado e mandou um milambo a Quimbundo que correspondeu, dizendo estimar que elle tivesse vindo, e que desejava continuar com elle as boas relações que sempre tivera com o seu antecessor.

É certo que d'ahi em deante viveram sempre bem aquelles dois povos, mimoseando-se os potentados, de tempos a tempos, com presentes de raparigas, e a miudo com os despojos das suas caçadas. Presentear um potentado com uma rapariga sua parente, é tornar-se irmão d'elle, e já entre elles não pode haver guerras, e as resoluções de demandas entre gente de seus povos faz-se por arbitragem.

Noéji era muito ciumento das suas raparigas, e não perdoava áquelle que tivesse relações com qualquer d'ellas, ou mesmo

as procurasse em particular, e por isso foram mortos muitos rapazes, e raparigas de seu serralho, por ordem d'elle.

Mantinha uma policia vigilante durante a noite, e não era para estranhar se de madrugada se encontrava em qualquer das ruas da mussumba um rapaz morto. Os quilolos e os velhos não reprovavam taes actos, e antes davam razão ao Muatiânvua, porque tambem não queriam que fossem desinquietadas as suas raparigas.

No seu tempo começaram a entrar na mussumba comitivas de Bângalas com negocio, e mais tarde de Quimbares, uns e outros na maior parte por conta de D. Anna Joaquina, e ai d'aquelle que tratando com o Muatiânvua olhasse para uma das suas raparigas. Elle parava logo a conversa, dizendo-lhe: —«Julguei que vinha fallar commigo de negocios, vejo que está seduzindo com os olhos a minha rapariga, vá então já fallar-lhe». E era certo que se o Muatiânvua tivesse já alguns creditos d'elle, considerava-se pago, quando não mandava sequestrar tudo quanto o outro tivesse.

Como succedia muitas vezes ficarem as caravanas de commercio, que iam da provincia de Angola, detidas pelos potentados até ao Cassai, para nas suas povoações fazerem negocio, se alguma chegava á mussumba, elle ficava na persuasão que o melhor já havia sido negociado. Lembrou-se pois de nomear seu sobrinho, filho da sua Lucuoquexe Camina, a quem deu honras de Muatiânvua, para fiscalisar os negocios no Estado em todas as terras do Cassai ao Cuango, ficando obrigados os potentados dos grandes territorios em que elle se divide a fornecer-lhe gente armada, e os recursos indispensaveis para poder andar de terra em terra cumprindo a sua missão, que era — não consentir que os povos fizessem suspender a marcha das caravanas de commercio, e encaminhá-las para a mussumba, evitando que ellas se afastassem para o norte ou para o sul, com destino a terras estranhas ao Estado.

Em seguida despachou alguns tucuatas de mais confiança com negocio para a sua amiga Na Andembo, que era D. Anna Joaquina, a quem na provincia de Angola chamavam Andembo-

iá-Lala, senhora de muitas propriedades agricolas e de estabelecimentos commerciaes no Golungo-Alto e em outros pontos da provincia.

Partiram os tucuatas, dois dos quaes ainda conheci, á frente cada um de sua caravana de marfim e escravos que Noéji enviava a D. Anna Joaquina, para trocar tudo por fazendas, armas, polvora e missangas; e pedindo-lhe ordenasse aos seus pombeiros portadores de negocio, que se dirigissem á mussumba, pois o seu amigo Muatiânvua, tinha agora grande abundancia de marfim para lhe pagar tudo que ella lhe mandasse.

UM NEGOCIANTE QUIOCO

D. Anna ultimou a transacção da remessa, e disse que tinha muito negocio espalhado pelas terras do Muatiânvua, porém que todas as comitivas se queixavam das demoras de pagamento, retirando sempre com muitos debitos por cobrar. Pedia pois ao Muatiânvua que se queria ser seu amigo (freguez), pensasse no meio melhor de se manterem boas relações entre elles, porque perdendo ella, ninguem queria procurar as suas terras.

Os enviados regressaram deveras maravilhados pela opulencia com que vivia Na Andembo, pela grandeza dos seus bellos armazens cheios de diversos artigos de commercio, e sobretudo pela maneira bizarra porque tinham sido recebidos.

Tudo os havia impressionado muito, e não fallavam noutra cousa senão na riqueza d'aquella filha de Muene Puto, e taes foram as maravilhas que contavam, que ainda hoje em todas as povoações se falla d'ella, suppondo-se que era o maior quilolo que Muene Puto tinha nas terras de Angola.

Era grande a sua fama, como elles diziam, e ella aproveitou-se da vulgarisação que deram ao seu nome, correndo o risco de muitos creditos que dava a diversos Bângalas e Portuguezes.

Ainda se lembram na mussumba que a primeira comitiva de Bângalas que lá foi de mandado de Andembo, pertencia a Quissueia-quiá-Quipungo; porém não passára o Cassai porque os povos atemorisaram os Bângalas com os roubos e mortes que Noéji mandava fazer ás comitivas que regressavam.

A primeira comitiva que levou á mussumba a missanga Maria II (grossa), a que elles chamavam *campacala,* foi a dos africanos portuguezes de que era chefe Manuel Gomes Sampaio, que elles alcunharam de Campacala.

Depois do regresso d'esta, principiaram a dirigir-se para a mussumba, os Quimbares com grupos de dez até doze cargas, os quaes se demoravam annos para alcançarem tres ou quatro pontas de marfim, sendo o seu principal negocio mulheres e rapazitos.

Como eram bem succedidos apesar das delongas, animou-se Romão, e mais tarde Rodrigues Graça a acompanharem grandes expedições de cargas á mussumba.

Romão soffreu muito por causa dos ciumes do Muatiânvua, era raro o dia que não fosse chamado para pagar upanda, porque os seus carregadores ou empregados desinquietavam esta ou aquella rapariga que pertencia ao Muatiânvua.

Noéji era muito ambicioso, querendo só que os negociantes fizessem transacções com elle, ou com a sua Lucuoquexe Camina. Respeitou muito sempre a Lucuoquexe, e bom foi, porque ella salvou muita gente da pena de morte, a que este os condemnára.

Pela sua ambição arruinava os negociantes, tirando-lhes a vontade de voltarem ás suas terras.

Os Bângalas além dos creditos que deixavam, estavam sujeitos, no dia que queriam levantar para jornada de regresso, a uma revista passada á sua caravana pelos tumbajes do Muatiânvua, quando não ia elle proprio; e escravo que fosse na

comitiva não vendido pelo Muatiânvua ou pela Lucuoquexe, embora vendido por um grande quilolo, era logo enviado para a mussumba, porque dizia elle:—«São meus escravos e ninguem pode vender o que é meu».

Rodrigues Graça havia mantido umas taes ou quaes relações de boa amizade com o Muatiânvua e com a Lucuoquexe, e já sciente do que soffrêra Romão por causa dos ciumes de Noéji, além de prevenir os seus que não pagava crime algum d'elles, por infringirem as ordens de Muatiânvua e se metterem com as suas raparigas, logo na primeira entrevista que tivera com o Muatiânvua pediu-lhe que mandasse vigiar as raparigas, para ellas não desinquietarem os seus rapazes; e que se algum d'estes fosse accusado, lhe mandasse dizer para o castigar severamente. Preveniu-o porém que não pagava crime por isso, pois considerava injusto que elle por ser patrão, pagasse os crimes dos seus servos.

Mandou-lhe um bom presente além do mussapo já dado, para ficarem de accordo no que propunha, sendo elle mais tarde quem se esqueceu das providencias que tinha adoptado em principio, o que junto a outros pretextos, motivou a sua precipitada fuga, perdendo o melhor dos seus 20:000$000 réis, que era, segundo dizem, a importancia do negocio que se calculava elle levára para transaccionar.

A demora a que o obrigára Noéji para lhe arranjar algum marfim, que havia de vir de Canhíuca, da caçada na epocha propria, deu azo a que elle, que estava em tão boas relações com a Lucuoquexe Camina, entretivesse, segundo se disse, relações amorosas com a filha d'esta.

Camina, ou a pretexto d'isso, ou porque realmente fosse verdadeiro o seu sentimento de ciume pela filha, pois era acceite que a Lucuoquexe se tornára amasia de Rodrigues Graça, e na côrte não se estranha das amizades da Lucuoquexe com as visitas grandes, queixou-se amargamente do mau proceder de Rodrigues Graça, e conta-se que lhe dissera:

— «Entendeu o meu amigo tomar relações de amizade com minha filha, desprezando as minhas; prefere as crianças ás

velhas, pois quando estiver para partir, vá procurá-la para que lhe pague as minhas dividas».

Isto chegou ao conhecimento de Noéji que bastante se riu, approvando o proceder d'ella.

Havendo chegado dois outros escravos de D. Anna Joaquina com uma pacotilha para negocio, teceu-se logo a teia que devia enredar Graça, no que os Lundas são habeis.

Principiaram as indagações: — se fôra Muene Puto quem mandára aquelle seu filho á mussumba; para que vinha; etc. Os pretos que o conheciam de trabalhar em casa de sua ama, responderam que não, que era *caxéro* de sua ama, e que ella o mandára negociar, e por estar já havia muito tempo ausente, vieram elles saber por onde parava. Noéji e os seus quilolos, obrigaram aquelles servos a dizerem mal de Rodrigues Graça, a ponto d'este recear já pela sua vida; e querendo salvar alguma cousa já adquirida, tratou de se safar de noite.

Custa a crer como um homem já de idade avançada, costumado aos negocios do sertão, que tanto havia soffrido já no seu trajecto do Golungo Alto ao Bié; que tão bons conselhos havia dado aos potentados Lundas durante o trajecto, e tão boas providencias havia adoptado para lhe não succeder o mesmo que a Romão, se esquecesse de si a tal ponto! Não creio, repito, que elle fosse imprudente, e sim que Camina o surprehendesse, enviando-lhe a filha para o tentar, e que elle lhe desse algum presente para se ver livre d'ella. Foi esse o corpo de delicto, e serviu de base aos pretextos da sua mãe para não pagar as suas dividas, o que Noéji approvou com o fim de atemorisar Rodrigues Graça e obrigá-lo e regressar sem haver tempo de lhe pedir o pagamento do que elle tomára para si.

Noeji não só não pagou o que lhe devia, mas tambem o mandou roubar no caminho.

Os Bângalas, os Ambanzas mais velhos que conheci, ainda hoje todos se queixam não só dos roubos que Noéji lhe mandava fazer, quando estavam para regressar ou já em regresso, como dos muitos creditos que tinham de deixar em seu poder, para não perderem tudo.

Conta-se d'elle o seguinte episodio. Estimava muito o seu sobrinho Muteba (o filho de Quicomba), que foi elevando pouco a pouco ás maiores grandezas do Estado, e ia-o preparando para seu successor em vista dos actos de coragem e de valentia de que dava provas. Para os Lundas é ainda hoje grande proeza o que fazia Muteba com uma boa faca (mucuáli). De um só golpe cortava duas cabeças de gado e mesmo de duas pessoas sentenciadas á morte pelo Muatiânvua, unidas para esse fim pelas costas. Era assim que Noéji queria se matasse a rapariga que lhe pertencesse e de quem desconfiava que tivessem amores clandestinos. Mandava unir um ao outro os dois amantes e ficava muito satisfeito quando via as duas cabeças rolarem ao mesmo tempo no solo.

Muteba era muito amigo de seu primo Cabeia, que lhe succedeu no estado de Muadiata. Regulavam pela mesma idade, e eram ambos muito turbulentos. Apresentavam-se muitas queixas ao Muatiânvua das tropelias que faziam juntos com o que elle se ria e dizia: — «São dois bons rapazes e valentes, deixá-los divertir».

Os quilolos vendo que o Muatiânvua não fazia caso das suas representações a respeito dos dois moços, principiaram a fazer as suas queixas á Lucuoquexe, a qual pediu a Noéji que os advertisse, para não continuarem a dar motivo de descontentamento aos velhos da côrte, mesmo porque estes reconheciam que Muteba podia vir a ser um bom Suana Mulopo e mais tarde Muatiânvua, e que era preciso aconselhá-lo bem.

Noéji depois de ouvir sua mãe, quiz que esta lhe dissesse de que se lhe tinham queixado os velhos. Camina, que tambem não queria irritar o Muatiânvua, de muitas cousas que se lembrou apenas lhe contou a mais ligeira que sabia: — «Para as suas patuscadas não se contentam com o que lhes dão os velhos, contou ella, exigem-lhes para comer de uma assentada uma cabra grande, e em cima cada um quer para beber uma cabaça de garapa». Noéji riu-se e mostrou-se muito surprehendido, fez grandes exclamações, e depois de um curto silencio disse: — «Está bem, minha mãe vae ser attendida».

A Lucuoquexe receosa que elle os mandasse matar, disse:
—«Basta que os chame para os reprehender, não vá agora matá-los»; a que Noéji responde: *cuíji cuau* («é com elles»).

Nesse mesmo dia, mandou o Muatiânvua chamar os dois á sua anganda, e fallou-lhes assim:—«Tenho tido muitas queixas contra as suas rapaziadas; os nossos velhos estão muito descontentes porque um e outro se não contentam em roubar pouco; d'aqui sae a nossa mãe, a Lucuoquexe, a qual me conta que comeram ambos uma cabra de uma vez e beberam em cima uma binda de garapa cada um. Não sei se isto é verdade, mas já que todos o affirmam eu quero ver. Digam como querem a cabra cozinhada, que o meu Muári Muíxi a arranjará a seu gosto, e ámanhã hão de comê-la aqui deante de todos e beber em seguida a sua cabaça de malufo; e se ficar resto, por pequeno que seja, entregá-los-hei ao nosso cambúia (carrasco) para lhes cortar as cabeças. É preciso dar uma satisfação aos meus velhos».

Os rapazes ainda quizeram negar ao Muatiânvua as suas façanhas, e que eram exagerados nas suas queixas os quilolos, mas terminaram por dizer que estavam promptos a obedecer ao Muatiânvua, e que lhes mandasse guisar metade da cabra, e a outra metade que fosse assada mesmo ao pé d'elles, emquanto comiam a primeira, mas por muito favor o Muatiânvua devia mandar tambem arranjar um balaio de infunde para cada um comer com o guisado, pois a carne só custava a tragar e a ruca (infunde) feita pelas raparigas do Muatiânvua, era a melhor porque não havia receio de serem enfeitiçados nella.

Um balaio de infunde não é menos do que uma bola de $0^m,2$ de diametro, e por isso mais se espantou Noéji, e disse-lhes:

—Bem, podem ir. Mando prevenir os quilolos para estarem aqui ámanhã de tarde; todos hão de ser testemunhas do castigo que lhes mando applicar, se não comerem o que dizem.

—E se comermos tudo, obtemperou Muteba?

—Os velhos hão de dar cinco raparigas a cada um, mas não podem exigir-lhes nunca mais nem cabras nem malufo, respondeu o Muatiânvua.

No dia seguinte, á hora aprazada, estava tudo reunido na ambula. Em logar separado á vista de todos, o Muári Muíxi e o seu ajudante acabavam de guisar meia cabra, tendo a outra meia a seu lado, esperando os delinquentes as ordens do Muatiânvua, para irem occupar os logares que lhes estavam destinados ao lado do cosinheiro mór.

Ao pé do panellão do guisado estavam dois grandes cestos com o infunde, e as duas cabaças de malufo.

O Muatiânvua á medida que iam apparecendo os senhores da côrte com o seu povo, fazia-lhes saber que os convidára áquella reunião, porque além das suas queixas contra Muteba e Cabeia, tambem a Lucuoquexe lhe dera parte que tudo era pouco para aquelles rapazes comerem, e queria certificar-se se era verdade o que se dizia.

—«Encarreguei o meu cozinheiro de lhes preparar o castigo, disse elle, e se acaso elles não comerem e beberem tudo que ali está deante de nós, mando-os matar porque não quero que nos enganem».

Em principio riram-se todos, porém a pouco e pouco pensando melhor, já pediam para ser commutada a pena, ao que o Muatiânvua não annuiu. Em seguida voltou-se para os rapazes que estavam na sua frente, e apontando-lhes para o logar disse-lhes:

—«Comam á sua vontade e não olhem para cá».

O Muári Muíxi queria dar-lhes pratos de pau, dispensaram-nos, pedindo o panellão para o pé d'elles. Cada um tomou o seu balaio de infunde, e ás bolinhas foram-no ensopando no molho. Assim o comeram todo, intermediando com pedaços da cabra que a dente separavam dos ossos, e estes depois de bem limpos eram lançados aos cães que os rodeavam. Acabaram o guisado pela cabeça, que tambem ficou muito bem limpa.

Quando principiaram com esta, é que mandaram assar aos pedaços, a outra metade da cabra, pedindo que viesse um pouco sobre o cru; e á medida que a carne ia vindo do fogo humedecida pelo sangue premiam-na de um e de outro lado sobre o sal, e assim a fizeram tambem desapparecer.

A todos presentes cada vez mais crescia o espanto, olhando uns para os outros, meneavam as cabeças, como quem diz: isto só visto!

Terminaram os rapazes por perguntar ao Muári Muíxi se já se tinha acabado tudo? O que motivou a gargalhada geral.

—«Ainda ia uma gallinha para cada um? Perguntou o Muatiânvua. E como Muteba respondesse ainda ter logar para ella, sorriu-se, e disse:—«Dêem-lhe o malufo, quanto antes, para retirarem, se não comerão tudo quanto tenho em casa».

Elles puzeram as cabaças á bocca, sorvendo o liquido de uma assentada.

Logo que acabaram vieram ao centro do tetame, tendo primeiro besuntado peito, cara e braços com pembe, e prostrados no chão, rebolando-se de um para outro lado, agradeceram a Noéji, pedindo para que continuasse a ser pae d'elles, dando-lhes assim de comer mais vezes. Noéji com gesto risonho, deu-lhes ordem para se retirarem, porque vejo, disse elle, que são capazes de repetir a dóse! Sairam, e o Muatiânvua voltando-se para a assemblea perguntou satisfeito:—«Dois rapazes como estes não devem ser estimados?» Todos o applaudiram. «Bem, então tratem de arranjar as dez raparigas, para elles não voltarem a pedir-lhes mais cabras».

Appareceram logo as raparigas e foram chamados os rapazes para as receberem, terminando o tetame com a grande festa do cufuínha.

Não era o Muatiânvua homem que pensasse em mandar matar os seus quilolos por ninharias; estimava muito os velhos e tambem estes lhe eram leaes e dedicados. Comtudo, apesar de já contar mais dos seus sessenta annos, por causa de ciume de mulheres, provou quanto era desapiedado. Ainda hoje se falla de um castigo que elle mandou applicar ao seu maior quilolo, o Muitía, por nome Calau, o que succedêra a seu pae Mucuachimo.

Calau tinha bastante idade quando entrou no Estado, mas era muito entendido e conhecia a fundo a tradição de todos estes povos. Tinha uma memoria feliz, aproveitava os ensejos

para narrações, e é devido a elle que obtive muitos esclarecimentos sobre o passado. Quando se interroga um velho da Lunda sobre cousas antigas, para nos mostrar ser boa a fonte dos seus conhecimentos principia a sua narração por dizer:— «O velho Muitía Calau contava, etc.

O caso que se deu com o velho Muitía foi o seguinte. Uma noite depois de Noéji ter bebido a sua garapa, entrou um vigia que fazia a ronda, e Noéji perguntou-lhe as novidades que havia?

SOBRINHO DE ANDUMBA TÊMBUE

O rapaz respondeu-lhe:

—Nada ha.

—As raparigas estão recolhidas?

—A Muari está bebendo garapa com uma visita.

Que tal dissestes!

—Quem é essa visita? Perguntou o Muatiânvua.

Quiz logo que o rapaz dissesse.

—É o Muitía, respondeu este.

—O Muitía, ora essa! pois então aquelle velho não quiz beber mais garapa commigo, e vae d'aqui já de caso pensado beber com a minha Muári! que o vão amarrar e tragam-no aqui immediatamente.

Dito e feito.

—«Aquelle homem—continuou elle para os que o acompanhavam—queria infeitiçar-me e saber dos meus negocios particulares com a Muári. Não o mato porque a Lucuoquexe não quer que eu mande matar ninguem, e porque é um grande quilolo; mas ha de ter um bom castigo».

No outro dia na presença dos quilolos mandou-lhe cortar o cabello, e como elle quizesse beber juramento, para provar a sua innocencia, mandou que se lhe lançasse sobre a cabeça resina de ambafo que antes tinha feito derreter, e que vinha a escaldar do fogo.

Os quilolos que tinham visto os preparativos, mandaram prevenir a Lucuoquexe para que viesse á anganda, porque seu filho Muatiânvua ia matar o Muitía. Ella veiu logo, mas a resina tinha já sido lançada sobre a cabeça do velho que estava desmaiado. Mandou-o ella transportar para a sua mussumba, e censurou asperamente o Muatiânvua por fazer taes desatinos, e que, se assim continuasse não queria mais o estado de Lucuoquexe.

Desesperada continuou dizendo:—Ha muitos annos que o Muatiânvua tem sabido comer bem com os seus quilolos, agora se por fim da vida os quer matar, não se queixe depois. O velho Muitía tem as suas mulheres, e não precisa ir procurar as do Muatiânvua. E acrescentou:—que era uma cousa natural, passando um velho quilolo pela porta da Muári do Muatiânvua, e estando ella com a sua caneca de garapa na mão, offerecê-la ao velho, sendo elle de mais a mais tão estimado como era pelo seu Muatiânvua.

Noéji que estava calado a ouvir a reprehensão, disse-lhe:

—Porque não veiu minha mãe mais cedo. Eu não o queria matar; entrego-lh'o e veja se o pode curar.

De facto a Lucuoquexe começou a tratar d'elle com muito cuidado. Restabeleceu-se o velho, mas já não com a saude que se lhe conhecêra, ficando com grandes malhas vermelhas na cabeça, cara, peito, costas, braços, etc.

Quando Rodrigues Graça, regressou da mussumba em principios de 1849, Lourenço Bezerra já estava negociando em terras de Xa Cumbunje, e fazendo bom negocio.

Soube-o Noéji, e mandou-o convidar para vir com a sua expedição até Cabebe, para onde foi, e lá se manteve nos ultimos dois annos de vida d'este Muatiânvua, sendo com elle muito feliz, porque este nada lhe ficou devendo.

Lourenço Bezerra assistiu poucos mezes antes de retirar, ás ceremonias funebres por morte da Lucuoquexe, e já em viagem de regresso é que soube da morte do Muatiânvua, isto em 1851 para 1852, e pelos dados que pude colher, Noéji falleceu com mais de sessenta annos, e a Lucuoquexe com perto de oitenta.

Como de costume, a morte de Lucuoquexe deu logar a grande mortandade, principalmente de mulheres. As servas e servos que estavam ao seu serviço já contavam com isso como preceito do Estado, e por isso quem poude, tratou de fugir quando se reconheceu que a doente não podia escapar; porém a maioria das mulheres do seu serviço particular e que viviam do sustento que ella lhes dava, não quizeram abandonar o seu posto ao lado da moribunda, e ali aguardaram resignadas o sacrificio, porque a velha Camina soubera grangear grande estima das pessoas que a rodeavam.

A descripção que li, feita por Lourenço Bezerra, não differe do que a tal respeito já escrevi, e acrescenta elle, ter ainda salvo bastantes pessoas que, passados dias, quando tudo já estava tranquillo, foi apresentar ao Muatiânvua, o qual lhe agradeceu, bem como os velhos, o ter conseguido occultar aquella gente na sua residencia e poupar aquellas vidas ás furias do populacho, mas do que se não penitenciaram, dizendo ser o uso dos seus avós para mostrarem a estima pela Lucuoquexe.

Noéji quando despachou Lourenço Bezerra, pediu-lhe que na sua volta trouxesse gado das terras de Muene Puto, cães e boas gallinhas, e fizesse saber a Muene Puto os desejos que elle tinha de ver os seus filhos brancos na mussumba, e que tinha uma filha bonita para dar a um branco que quizesse aparentar-se com elle dando-lhe netos para o Estado.

Como memoria de si, Noéji apenas deixára a sua mussumba de Cabebe, que vinte annos depois desappareceu, não havendo d'ella hoje o mais pequeno vestigio.

Deixou muitos filhos e filhas, o que não admira, porque todas as mulheres eram poucas para si, e de todas tinha filhos.

Á sua sensualidade e poder, dizem, não poupou irmãs, tias, primas e mesmo filhas. De duas d'estas, conheci as descen-

dencias, filhos de irmãs e netos do proprio pae, e diziam ter honra nisso, porque elles é que eram verdadeiros filhos de Muatiânvua [1].

Foi grande a confusão que Noéji estabeleceu na familia, fazendo augmentar o numero de ambiciosos, porque todos queriam ainda novos que se lhe desse um Estado, e passado um certo numero de annos tornaram-se pretendentes ao de Muatiânvua.

Entre muitos filhos que se lhe contam, são do meu conhecimento os seguintes: Mucanza, Umbala, Lubanda, Muteba, Ianvo (Xa Madiamba, pag. 401), Chipuepo Mucanza, Muata Quinana, Umbala, Muteba (filho de uma filha), Lubembe, Cabeia, Capopo Mutendo, Mussongo, Mucanza, Muláji-á-Pembe, Cucunda, Umbala, etc.

Filhas tambem teve muitas.

Muláji-á-Pembe morreu numa guerra, deixando ficar de Cata, sua muári, um filho, Muteba, o famigerado Ambumba, que como veremos, foi quem mais contribuiu para a derrocada em que encontrei o Estado.

Noéji mandou este seu neto para o poder da Lucuoquexe Camina, a fim de ella o educar; porém era já tão malvado que ainda mesmo menor se entretinha, com seu mucuáli muito afiado, a dar cutiladas pelo corpo e braços dos rapazes tuxalapólis de sua avó.

Esta não podendo já supportá-lo, e tendo-se-lhe demais feito constar que elle já havia morto dois rapazes, mandou chamar sua mãe Cata (então Anguina Ambanza) e disse-lhe: — Como vae juntar-se com Muteba (filho de Quicomba) podem ambos vigiar melhor o seu filho; eu já estou muito velha e elle tudo que lhe vem á cabeça faz fora das minhas vistas, e se continua assim, será muito desgraçado.

Foi o rapaz para o poder da mãe, mas nunca foi do seu agrado o padrasto.

---

[1] Um é Muteba (vide pag. 357).

Adoeceu gravemente Noéji, diz-se que poucos dias durou, porque seu irmão Muláji lhe pôz termo á vida mais depressa, tapando-lhe o nariz e a bocca para lhe roubar o lucano do braço, antes que apparecesse a Suana Murunda e os velhos que são obrigados a ir assistir aos ultimos momentos do Muatiânvua.

Sabia-se que Noéji estava muito mal, e numa madrugada o o cabila (porteiro) da sua residencia, correu a dar parte ao chiota (mestre de ceremonias) que vira sair uma pessoa a correr do quarto do enfermo, e que indo proximo d'este lhe pareceu estar já morto.

O chiota mandou logo chamar a Suana Murunda, a Lucuoquexe, o Muitía, o Suana Mulopo e Canapumba e dirigiu-se aos aposentos da Muári para irem ver o Muatiânvua, pois o cabila dera-lhe más noticia.

Approximando-se do defunto, viram que já não tinha o lucano no braço, e quando chegou a Suana Murunda deram-lhe parte da occorrencia.

Entraram os outros menos o Suana Mulopo, ficando todos ao facto do desapparecimento do lucano. Estabeleceu-se logo a confusão e o borburinho, e como ninguem quizesse para si a responsabilidade do facto, trataram logo de pôr em alarme toda a mussumba, mandando tocar o mondo, annunciando a morte do Muatiânvua e a desgraça succedida.

Um dos primeiros que appareceu foi o Suana Mulopo, Muláji Umbala, que se abeirou do defunto, e disse para os que o rodeavam:

— O lucano está aqui (e mostrou-o á cintura). Vim eu mesmo buscá-lo de noute, porque sei muito bem que os quilolos, já tinham as suas reuniões para o entregarem a meu sobrinho Muteba. Não cedo dos meus direitos, elle que venha buscá-lo ao meu corpo. E retirou-se para a sua chipanga onde se fechou com as suas raparigas.

Os quilolos resolveram ser melhor investí-lo no logar, porque era doente e pouco tempo podia gosar do poder, e assim evitavam-se guerras entre parentes e filhos de Muatiânvua.

Muatiânvua Muláji Umbala

Muláji começa a queixar-se de dores na cintura, mas ainda assim fez o enterro do irmão, e sujeitou-se ás ceremonias da posse; e no primeiro dia que saiu para a ambula veio encostado aos seus tuxalapólis, que o foram sentar entre molhos de capim.

Fez logo as seguintes nomeações: a Muteba deu o cargo de seu Suana Mulopo, o que todos calcularam ser para o enganar, pois sabia-se já que elle attribuia a sua doença a feitiço d'este; a Cata, mulher de Muteba, nomeou-a sua Lucuoquexe, pois convinha-lhe dar a esta um poder superior e independente d'aquelle; e ao filho d'ella tambem Muteba, fê-lo Xanama para governar o Tengue com honras de Muatiânvua, para o ter independente da mãe e do padrasto e dedicado a si.

Ao Xanama deu muito povo, homens e raparigas, recommendando-lhe que se desse bem com o Quissengue e os Quiôcos vizinhos que eram parentes do Muatiânvua, para os animar a continuarem as suas caçadas no paiz, o que era de interesse para o Estado; que tratasse bem os negociantes e fizesse cobrar tributos dos quilolos que estavam para lá do Cassai.

Havia Noéji supprimido aquelle logar, e assim abríra o caminho aos negociantes Bângalas e Quimbares; porem este Muatiânvua com tal medida tornou a fechá-lo por muito tempo, como veremos.

Achando-se mais doente Muláji, mandou adivinhar a causa de sua doença, e os adivinhos, que certamente queriam estar nas boas graças do Muatiânvua, passados uns dias deram-lhe parte, que se tinha adivinhado ser a sua doença de feitiços de pessoa grande e muito chegada ao Muatiânvua.

Numa occasião estando elle e os quilolos reunidos na anganda e todos conversando muito socegadamente, o Muatiânvua sem que ninguem o esperasse, ordenou que agarrassem o seu Suana Mulopo e o matassem ali mesmo.

O Suana Mulopo que neste dia tinha vindo sem a sua guarda, assim que tal ouviu, deu um salto para fora da anganda, por cima da cêrca, e foi direito á sua chipanga, onde mandou logo armar todos os seus rapazes, mantendo todo o dia vigias fora para o prevenirem de qualquer movimento de forças que se encaminhassem para lá. No emtanto ordenou ás mulheres que arranjassem as suas cargas porque haviam de retirar de noite, o que se effectuou.

Escusado será dizer que durante o dia não lhes appareceu ninguem, já porque Muteba era temido, ja porque os quilolos ha muito pensavam nelle para seu Muatiânvua.

Muteba com toda a sua gente marchou de noite e passando o Lulúa, mandou um dos seus rapazes ao Tengue, prevenir seu sobrinho e enteado Xanama, dos motivos porque fugira da côrte, e que esperava elle o recebesse bem nas suas terras.

Xanama respondeu sentir muitissimo o que se estava passando na mussumba e os trabalhos e perseguições que elle estava soffrendo. Que de muito bom grado receberia seu tio, e mandou-lhe logo de presente uma missassa (carga de caça composta de diversos animaes) sendo um quarto completo de veado com o pé.

Muteba recebendo-a, disse logo:—«Já vejo que meu sobrinho me quer mal, pois bem sabe que nós não comemos veado; isto decerto é feitiço que me manda». Não comeu nenhuma d'aquella carne e receoso de feitiçarias seguiu para o Quicambo no Lussanzéji, onde estabeleceu a sua residencia.

Muláji começou a peorar dos seus soffrimentos, e assim durou uns dois annos; e os quilolos procuraram a Lucuoquexe Cata para que mandasse chamar seu filho Xanama a fim de tomar conta do Estado, visto Muteba andar homiziado.

A Lucuoquexe que sabia bem que tal lembrança era apenas uma deferencia para com ella, pois o interesse de todos por varias vezes se lhes havia manifestado de ser Muteba o Muatiânvua, respondeu ser seu filho muito novo, e que se devia chamar Muteba que tinha sido creado por Noéji para Muatiânvua, e que dera sempre provas de valentia.

No emtanto peorava Muláji, e mandou-se participar a Muteba que se approximasse depressa da mussumba, porquanto o Muatiânvua estava para morrer e que o Estado lhe pertencia.

Em principios de 1857 morreu Muláji, e seu filho Cassequene apoderou-se do lucano, como o pae fizera com Noéji, julgando poder tirar bom partido d'isso, e escondeu-o tambem, mas já a este tempo Muteba havia deixado o exilio, e por isso não se fez questão nem se tratou da posse.

Muteba ao chegar proximo da mussumba mandou participar á Lucuoquexe que estava prompto a entrar no Estado, logo que os quilolos quizessem. Isto chegou aos ouvidos de Cassequene que era tresloucado e que tratou logo de passar o Cajidíxi no porto de Muári Ianvo, levando o lucano, e de lhe pedir hospedagem, allegando que Muteba o queria matar.

Este potentado recebeu-o bem, deu-lhe de comer, e convenceu-o de que devia partir de madrugada para mais longe.

De facto passou o rio Mulungo, e tomou agasalho no sitio de Muene Quinhinga, a quem contou a mesma historia.

Animou-o este a ficar ali, e não ir mais adeante, porque Muteba não se atreveria a procurá-lo na sua chipanga, e se lá fosse, tinha elle muita gente armada para o repellir.

Deu-lhe hospedagem e mandou-lhe de presente umas sete cabras, muitas cabaças de malufo e balaios de infunde. Houve portanto para elle e sua comitiva grande ceia e grande bebedeira nessa noite.

No outro dia já Muteba despachava da mussumba os seus tumbajes para procurarem Cassequene e lh'o trazerem com o lucano, pois sabia estar elle na chipanga de Muene Quinhinga.

Ouviu Quinhinga o recado dos portadores, deu-lhes comer e de beber, e de madrugada entregou-lhes Cassequene que elles mataram.

Muteba ao receber a noticia do occorrido, disse para os quilolos que não mandára matar aquelle seu parente, mandára buscar o lucano, se elle viesse entregá-lo de certo que não lhe succederia mal algum. Não quiz esperar quando fosse occasião de recebê-lo, morreu porque quiz.

Muatiânvua Muteba

Começou em 1857 o reinado de Muteba. Depois de passar pelos preceitos do estylo, foi elle estabelecer-se na mussumba do seu tio e antigo mestre Noéji, em Cabebe.

Adoptou esta diviza — *capata camaiala casuéji caenda* («resistente como uma pedreira de pedra rija»).

Logo em seguida ás ceremonias da posse, todos os quilolos, ainda os mais distantes, não podendo vir pessoalmente, mandaram bons presentes ao Muatiânvua, e felicitá-lo por ter entrado no logar que lhe pertencia. Succedeu porém não ter apparecido Chizongo, quilolo entre os Uandas, e como, decorridos alguns mezes Muteba tivesse determinado estabelecer a sua nova mussumba em Cauenda ao norte, a que deu o nome de *capata camaiala* (pedreira), aproveitou a occasião de despachar uma guerra contra Chizongo. O Suana Mulopo que era o chefe d'esta guerra, mandou preveni-lo que o Muatiânvua o chamava. Os seus quilolos não queriam que elle fosse, por lhes constar que o Muatiânvua vinha já a caminho com as suas forças para lhe fazer mal. Chizongo respondeu: — Resistir para quê? Chamou-me, irei. Como não lhe tenho levado o milambo certamente quer largar a *mola* no nosso sitio; assim, melhor será obedecer ao seu chamamento.

As forças tinham já ido para o sitio d'elle e lá guerrearam todos os seus quilolos, porque Chizongo desculpára-se declarando que não tinha ainda mandado o seu milambo por lhe estarem faltando os seus subordinados. O Suana Mulopo era Ianvo, vulgo Xa Madiamba (o mestre em fumar liamba), filho de Noéji que já é conhecido.

Quando Chizongo entrou em Cauenda, já ahi estava Muteba fazendo a sua mussumba. Lourenço Bezerra e a Lucuoquexe pediram ao Muatiânvua que lhe não fizesse mal e Muteba disse estar de accordo com o pedido, visto que as suas forças já se occupavam em castigar os culpados.

Ouviu Muteba as desculpas d'este seu subordinado, ordenando-lhe que ficasse provisoriamente na mussumba, e passado um anno levantou-lhe o castigo, e enviou-o de novo para o seu sitio. Na supposição de ter alguem tomado conta do que lhe pertencia, mandou-o acompanhar por forças suas, para derrubarem o intruso que lá encontrassem.

Chizongo agradecendo ao Muatiânvua, faz-lhe os seus presentes; bem como á Lucuoquexe, ao Suana Mulopo e a Lourenço Bezerra, que haviam contribuido para que o Muatiânvua o não mandasse matar.

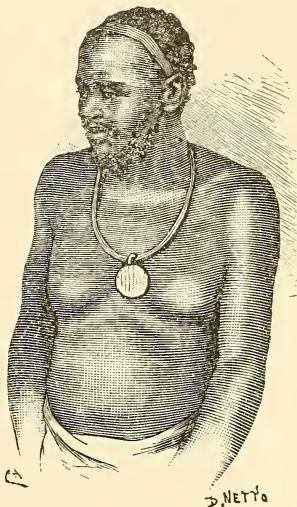
MONA QUIESSA

Tambem Muteba quiz levar a guerra aos Tubinjes por causa da cabeça de Mucanza, porém todos os quilolos assim como seu Suana Mulopo lhe tiraram isso da idea.

Como estivesse em muito boas relações com Lourenço Bezerra, conseguiu em pouco tempo que este mandasse vir gado vaccum, porcos, gallinhas de boas castas, patos, pombos, sementes de hortaliças, etc.

Mais de mil cabeças de gado chegou a haver no seu tempo, e tal era o receio dos Lundas que Muteba fez dividir esse gado em manadas pelas tres mussumbas que sempre manteve.

Foi no seu tempo pelo bom modo porque tratava os negociantes, que estes affluiram á mussumba, chegando a reunir-se muitas comitivas de Bângalas e Quimbares, na epoca das grandes chuvas. Muteba contemplava-os de quando em quando com uma rez grande e com cabaças de malufo, e mais a miudo com uma cabra, um porco, bombós, etc.

Os negociantes não faziam despeza com sustento; e quando Muteba os despachava, dava-lhes sempre comida para o caminho e esteiras e azeite para pagarem as passagens dos rios.

Em epocha propria, depois da queima dos altos capins, Muteba dava as suas ordens de marcha para se estabelecer acampamento de caça ao norte na margem direita do Luíza.

O seu Suana Mulopo, Ianvo, pediu numa occasião para se ausentar por alguns dias da côrte, pois desejava ir ao norte a casa de sua mãe, tratar de questões domesticas e proceder ahi tambem á festa dos seus idolos e vestir uma lucanga nova, em substituição da que usava já deteriorada. Muteba deu-lhe licença, recommendando que se não demorasse, pois bem sabia que elle estava muito velho e pelo caminho o apoquentavam muito com resolução de milongas, e isto eram negocios bons para Ianvo que tinha paciencia. Queria ir passar alguns dias descançado divertindo-se na caça, e para tratar de milongas bastava as que forçosamente tinha de resolver todos os dias na mussumba.

Levantou Muteba e os seus, e ficou Xa Madiamba (assim o trato por ser o seu nome mais vulgar), que já por antigos habitos de criança, já por presumpção no vestuario, ainda para os negocios mais graves, embora recebesse recados successivos de Muatiânvua, fazia demorar as audiencias, ás vezes até ao sol posto.

Não se apressára Xa Madiamba, e ainda na mussumba recebeu um recado do Muatiânvua chamando-o, pois já ha muitos dias o havia esperado.

Este portador era o caxalapóli Capenda que, ou induzido por alguem, ou por maldade, exagerou logo este recado; acrescentando que o Muatiânvua não precisava do Suana Mulopo, queria-o lá para o mandar matar, porque lhe disseram que o Suana Mulopo o não quizera acompanhar nesta caçada, para se preparar com forças que o impedissem de regressar á mussumba e fazer-se senhor do Estado.

Xa Madiamba era muito desconfiado, e conhecendo bem as intrigas da mussumba, sabendo que tinha inimigos, acreditou, ficando logo desassocegado.

Foi procurar a Lucuoquexe e deu-lhe parte do aviso que recebêra, e esta aproveitou a occasião, para lhe dizer que tam-

bem já a haviam prevenido que o Muatiânvua estava contra elle. Julgava que seria prudente fugir, e se quizesse fosse para o Tengue, onde estava seu filho, a quem o recommendava, e ella o desculparia para com o Muatiânvua.

—«Que fosse para o Tengue, lhe repetiu Cata, que estava seguro, porque Muteba não iria lá». Ianvo, desde o momento que ficou proplexo sobre o que devia fazer, caíra num laço que se lhe preparára sem elle o presentir, e de tal modo denunciou a sua fraqueza, que bastou alguns dias para se perder.

Era então a Lucuoquexe e o Muitía quem tratavam de o desinquietar para fugir, porque já estavam combinados com Xanama para este succeder a Muteba no Estado de Muatiânvua, e era preciso que o Suana Mulopo Ianvo desapparecesse de algum modo.

Xa Madiamba fugiu, e de accordo com a recommendação da Lucuoquexe foi para o Tengue, onde Xanama já o esperava e o recebeu bem.

Querendo mostrar-se agradavel a seu tio, e que podia contar com a protecção d'elle, offereceu-lhe o logar de seu immediato, e foi logo tirando-lhe a gente que elle tinha por ser muito grande o seu sequito.

Com Ianvo tinham fugido algumas irmãs, entre outras Palanga, um irmão e o sobrinho Muteba, que conheci.

Xanama tinha aversão a este seu tio-primo [1], e elle pelo seu comportamento tornava-se antipathico a toda a gente. Xa Madiamba teve por causa d'elle, a quem sempre estimou e educou de criança como filho, muitos desgostos com o Xanama, e pode dizer-se que foi a causa principal das perseguições que mais tarde lhe fizeram por ordem d'este.

Sabia já Muteba da fuga de seu Suana Mulopo para o Tengue, e reconheceu ter havido grandes intrigas na sua ausencia com o seu amigo e herdeiro. Principiou logo em investigações sobre o que se passára, e constantemente fazia sair portadores

---

[1] Era filho do Muatiânvua Noéji e de uma filha d'elle.

para convencerem Ianvo a voltar para o seu logar. Os portadores que logravam fallar-lhe, diziam-lhe da parte de Muteba que elle não sabia o que fizera, pois o haviam compromettido, e que se fôra lançar nas mãos de um mau inimigo. Mas Xa Madiamba sempre desconfiado, não attendia aos portadores.

Descobriu Muteba a meada, e que Cata era a auctora da conspiração para o matarem a elle, e chamar-se o filho d'ella para o substituir. Foi o proprio Muitía quem denunciou tudo.

Então Muteba mandou logo matar Cata, e como era por castigo, atiraram com o seu corpo ao rio.

A este tempo morria no Tengue um filho de Xanama ainda criança, e a mãe mandou adivinhar se fôra por feitiçaria, o que foi confirmado.

Esta, que sabia da indisposição que já havia de Xanama para com o tio, porque desconfiava que a morte de sua mãe fôra uma vingança por causa d'elle ter fugido; tratou logo de participar a Xanama que mandára adivinhar a causa da morte de seu filho, que se attribuia a um feiticeiro. Xanama ficou desesperado, quiz ouvir os adivinhos e soube que já por duas vezes a sorte attribuíra a morte da criança a um parente chegado de novo ao sitio.

A Lucuoquexe de Xanama sabendo d'este facto, e como este quizesse que se tornasse a adivinhar por terceira vez, lembrou-se que havia tempo de salvar ainda Xa Madiamba, e foi por isso avisá-lo, que tratasse nessa noite mesmo de passar o Cassai, e de ir para companhia do Muatiânvua que estava constantemente a chamá-lo.

Xa Madiamba de noite saiu com o sobrinho, com a sua Muári e as suas raparigas, e com suas irmãs e mais sequito.

A primeira canoa deu passagem ás irmãs e a outras pessoas, porém a segunda virou-se com a Muári e outra rapariga, que foram levadas pela corrente.

Então Xa Madiamba viu nisto um mau agouro, e disse para a outra margem ás irmãs, que seguissem ellas para a mussumba, porquanto elle já não passava o rio e ia marginá-lo até ás terras do Anguvo seu amigo; e de lá passaria,

logo que tivesse occasião. Xa Madiamba seguiu de facto para o Anguvo.

Decorridos dias appareceu ali um portador de Muteba, dizendo-lhe que sabia de toda a intriga de que elle fôra victima, e por isso havia mandado matar a Lucuoquexe; que regressasse elle a tomar o seu logar, e que tivesse muito cuidado com seu sobrinho Xanama, que nutria ambições de tomar conta do Estado e de o supplantar.

Ainda d'esta vez Xa Madiamba teve receio de que o Muatiânvua o enganasse, e não foi.

Muteba nomeou para sua Lucuoquexe, Camina, sobrinha de Xanama.

Soube este mais tarde que o Muitía fora um dos que contribuíra para a morte de sua mãe, e por isso jurou vingar-se, e é da tradição que elle dizia muitas vezes:—«Eu não entrarei na mussumba como Muatiânvua, mas se um dia tal acontecer todos os quilolos que consentiram na morte de minha mãe ou hão de pescar todos os seus ossos no rio Calânhi, ou eu hei de fazer arrazar toda a Lunda! Depois de mim aquellas terras ficarão cheias de capim! Tudo hei de fazer desapparecer, e se não fôr bastante a minha vida, ainda depois de morto hei de dar que fallar. Tenho muitos filhos e ainda tenho os meus amigos e parentes Quiôcos».

Lembrou-se logo de fechar os seus portos do Cassai aos negociantes, que quizessem passá-lo para a mussumba com fazendas, polvora e armas, e para ter marfim que os convidasse a negociarem com elle aquelles artigos, assalariou entre os Quiôcos alguns caçadores de elephantes.

Tratou de cobrar milambos dos quilolos do Muatiânvua que estavam para áquem do Cassai na sua fronteira. Todos se sujeitaram menos Muansansa, o qual respondeu, que o conhecia a elle como Xanama no Tengue, mas acima d'elle reconhecia apenas como seu amo, o Muatiânvua que estava no Estado, e não contasse com elle contra o poder do Muatiânvua.

Precisando Xanama dos quilolos de todo o Cassai, satisfez ao pedido de Calamba Quiala de fazer guerra contra o avô,

para elle tomar conta do Estado. Elle compromettia-se a não pagar tributos ao Muatiânvua e sim a Xanama. Tendo Calamba Quiala obtido o que desejava, tambem o neto de Calenga de Mataba pediu o mesmo contra o avô, e nas mesmas condições foi servido com os auxilios de Xanama.

Em principio o novo Calenga pagava os seus tributos, mas depois deixou-se d'isso, nem a elle nem ao Muatiânvua o fazia. Na retirada da guerra com Calenga, veiu Xanama pelo Anguvo, na esperança de ahi encontrar Xa Madiamba, mas este já havia fugido para o Bungulo.

Convidou Anguvo a fechar os seus portos aos negociantes que se destinavam á mussumba, e como este não quizesse, levou-o preso para o Tengue, e assim se tornou senhor de todo o Cassai.

Muteba quiz aproveitar a occasião de uma remessa grande que Lourenço Bezerra ia fazer para Quimbundo, para mandar uma embaixada grande a Muene Puto em Loanda, devendo entregar-lhe duzentas pontas de marfim e os portadores que as carregavam, e em nome de Muatiânvua escrevia Lourenço Bezerra, pedindo algumas cousas de estima e boas fazendas, e tambem um chefe e negociantes brancos para engrandecer as suas terras.

Partiram as expedições, mas Xanama no Tengue, a pretexto de que o Muitía o mandára prevenir que estivesse álerta, porquanto Muteba ia fazer sair uma grande expedição com marfim para Muene Puto lhe enviar um bom feitiço para o matar a elle Xanama, mandou logo forças para o Cassai a sequestrar completamente as expedições, e até o irmão de Lourenço Bezerra (Caxavala) e sua familia.

Muteba, ou porque receava dos feitiços do sobrinho, ou porque lhe custasse a acreditar que elle tivesse o atrevimento de ir tão longe com o seu arrojo, estava esperando occasião propria para tomar uma decisão sobre o que devia fazer.

Caxavala, que era o director da expedição de seu irmão, soffreu alguns dias ameaças de morte do Xanama, que lhe fez cheirar o seu mucuáli, e chegou a obrigá-lo a despir o casaco

para lhe cortar elle mesmo a cabeça, ao que se oppuzeram a Lucuoquexe e os quilolos, dizendo-lhe:—«Que nenhum Muatiânvua se atrevêra a matar um filho de Muene Puto, e demais aquelle era irmão de Bezerra e enviado d'este, e da casa de Saturnino Machado, no Quimbundo; e que se tal fizesse, desgraçava as terras da Lunda fechando Muene Puto os caminhos; e a si, porque o Muatiânvua de certo viria matar todos que estivessem no Tengue».

Este Caxavala era uma victima sempre que se encontrava com Xanama, porque este imaginava que elle fosse feiticeiro; e d'esta vez o irmão de Bezerra protestou, que se chegasse a Malanje, ainda que estivesse a morrer de fome, por preço algum voltaria ao Cassai.

Xanama exigiu de Caxavala que lhe mandasse entregar até a sua creada e pombeiros antigos, e limitou-se a dar-lhe um pouco de azeite e esteiras para poder retirar.

Havia Caxavala mandado prevenir Saturnino Machado do occorrido, porém o pombeiro que levára a carta entendeu tambem demorar-se no caminho, e Caxavala, que havia adoecido em viajem, quando passou o Quimbundo mandou um rapazito já ha tempo ao seu serviço, prevenir Machado que ali ficára doente, e foi depois d'esta carta que recebeu a anterior. Saturnino Machado partiu immediatamente para o Cassai, e soube impor-se e levantar em parte o sequestro.

Informado Muteba do occorrido, mandou convocar todos os grandes senhores de Estado das margens do Lulúa até aos affluentes do Lubiláxi para uma guerra contra Xanama, e quando se reuniram disse-lhes:—«Eu sei que já se lembraram de chamar Xanama para ser Muatiânvua, mas eu servi-lhe de pae e até lhe dei o nome quando immigrei. Como mau filho já mostrava a inimizade que me tinha, e agora fecha os caminhos. Já por duas vezes o admoestei para que os caminhos continuassem abertos, e nada de novo. Se algum negociante cá chega, vem sem polvora, porque elle fica com toda, e empurra-nos a missanga, dizendo que temos mabelas e não precisámos mais nada, e ha tempos que não vem aqui um nego-

ciante. O nosso amigo Lourenço Bezerra ha muito que espera os seus aviados, e agora recebe uma carta em que se lhe diz não poderem voltar aqui mais cargas, porque tudo fica sequestrado por Xanama. Eu não quero que os quilolos vão guerrear com elle; sou eu, eu só, á faca e á flecha que desejo combater com elle, quero que elle venha ao meu encontro com toda a sua polvora; e se eu morrer podem então os quilolos trazê-lo para o Estado».

Os quilolos que tambem estavam desesperados com a falta dos negociantes, e mesmo a propria Camina adheriram immediatamente a que se fizesse a guerra, e em tres dias as forças todas reunidas na mussumba recebiam ordem de partida para o Tengue, e foram acampar na margem direita do Cassai depois de boas marchas, ficando na mussumba só o Xacala com a gente invalida e as crianças.

UM ADIVINHADOR

Uma vez acampado, Muteba fez logo sair tres portadores para Xanama com o seguinte recado: — «O Muatiânvua chegou, está acampado do outro lado do Cassai, quer saber onde está o Muatiânvua d'este Estado; quer ver a sua mussumba e por isso envia a seu filho Xanama, que tem muitas armas de Muene Puto roubadas aos negociantes que procuram o Muatiânvua, a sua antiga arma, a flecha, e se Xanama é o Muatiânvua, que a quebre e lh'a devolva, mas depressa, porque não está disposto a demorar-se muito tempo no Cassai.»

Xanama ouviu os enviados de Muteba deante dos seus quilolos, da sua Lucuoquexe, da Muári, dos seus amigos Quiôcos e de todo o seu povo, e todos lhe lembraram que Muteba não era para brincadeiras, conheciam o que elle valia com a sua faca na mão, e aconselharam-no a dar-lhe uma boa resposta.

Depois de os ouvir exclamou:—«Mas qual será o filho que quererá fazer guerra contra seu pae? Nunca pensei nisso; vão dizer a meu pae que lhe devolvo a sua arma, e que só ámanhã poderei despachar os seus portadores. Quero que todos comam, bebam e durmam bem para lhes dar um bom despacho».

Em seguida ordenou que partisse gente para o Muatiânvua com cargas de carne de caça, bombós, mandiocas e outros alimentos, e tambem cabaças e sabas de malufo, e por um expresso mandou quatro lazarinas e quatro barris de polvora, signal de muito respeito por seu pae, encarregado de dizer-lhe, que se o crime não tinha perdão iria elle mesmo entregar-se para receber o castigo que o Muatiânvua lhe quizesse dar.

Na manhã seguinte, appareceram mais portadores com cargas de mantimentos no acampamento de Muteba, e todos se prostraram no chão em nome de Xanama, pedindo que lhe perdoasse e que levantasse a guerra, porquanto elle ia abrir os caminhos aos negociantes, e que estava prompto a pagar as despesas de guerra e o incommodo que o Muatiânvua tivera saindo da mussumba por sua causa. Á vista d'isto, Muteba disse aos seus que nada tinham que fazer aqui.

Mandou dizer a Xanama que pagasse as despesas da guerra, e facilitasse a passagem aos negociantes que estavam retidos na sua chipanga, e que queria ver o seu quilolo Anguvo.

Pagou Xanama as despesas de modo a contentar todos, e entre os negociantes veiu Rocha e os que o acompanhavam por conta da casa do fallecido Carneiro, que seguiram na companhia de Muteba. Rocha estabeleceu-se no Luambata, onde o conheci. Tambem se apresentou o Anguvo que Muteba foi collocar no seu Estado, com ordem de obrigar o novo Calenga a pagar-lhe os tributos do estylo, o que se cumpriu.

Conta-se que quando Muteba recebeu os negociantes, nessa mesma noite, sentiu-se incommodado e disse logo para os seus. Ámanhã levantâmos, pois não me sinto bom, e certamente isto é devido a meu sobrinho que me mandou visitar pelos seus feitiços. E de facto no dia immediato começou a viagem de regresso.

Muteba não abandonando a mussumba de Cabebe de Noéji, ainda assim creou outras, uma em Cauenda, porém as suas mais predilectas foram as de Luambata e de Chimane. Nesta principalmente fazia muito gosto, pela frondosa matta que a rodeava, e de que vi ainda vestigios. Por todas tinha espalhado o seu gado em manadas e muitas creações de porcos, carneiros, cabras, gallinhas, patos, etc.

Muteba mandava de quando em quando as suas comitivas com marfim e escravos aos Bângalas, seus amigos no Cuango, para trocar por fazendas, missangas, polvora, armas e sal, e depois do seu regresso do Tengue tornaram a affluir os Bângalas com negocio á mussumba. Não era homem que ficasse a dever aos negociantes, tratava-os muito bem, não consentia que fizessem despezas com a alimentação, e tinha o cuidado de lhes enviar carne, ora de vacca, ora de carneiro ou de porco, etc., fuba de boa qualidade, farinhas e malufo.

Os antigos partidarios da Lucuoquexe Cata, não haviam desistido do trama urdido por ella para a entrada de Xanama, e este, pela sua parte, não esquecia os juramentos de vingar a morte da mãe; e lembrava as suas pretenções, exactamente áquelles, que seriam (como foram) os primeiros, em que fez sentir a sua vingança.

Em fins de 1874 renovou-se o trama e aproveitou-se a occasião de Muteba ir para a mussumba de Chimane, onde fôra escolher uma boa arvore para se construir uma canôa para o rio Calânhi.

Antes de partir para aquella mussumba, ainda elle mandou portadores procurar o seu Suana Mulopo Ianvo (Xa Madiamba), a dizer-lhe que estava muito cançado e velho, e que não podia durar muito tempo; que a elle pertencia succeder-lhe no Estado, e sentiria muito se não viesse, pois que de certo Xanama lhe roubaria o logar.

Xa Madiamba não acreditou ainda na sinceridade dos portadores, e receou abandonar o esconderijo em que estava.

A este tempo Xanama sempre apoquentado por Macanda, sua Muári, que não desistia do proposito de perseguir Xa

Madiamba, mandava uma guerra a Bungulo para este lh'o entregar, visto estar nas suas terras.

Bungulo conseguiu proteger a evasão de Xa Madiamba, que foi para o Caungula de Mucundo, e aos chefes da guerra fê-los entrar na madrugada seguinte para que verificassem que Xa Madiamba não estava com elle; passára por ali, mas já havia tempos que seguíra apenas com seu sobrinho, e uma rapariga que o acompanhára desde a primitiva, e que fôra sempre a sua companheira no exilio.

Partira Muteba para Chimane, e ahi dizem que a sua Muári, e um caxalapóli, lhe ministraram na comida um veneno extrahido de uma cobra, cujos effeitos eram demorados.

Muteba chegou a fazer cortar a arvore, e principiava-se a canôa sob sua direcção, mas um dia, estando nesse trabalho, principiou a sentir-se agoniado, e a pouco e pouco foi reconhecendo que se achava envenenado, e disse-o mais de uma vez ao seu amigo Lourenço Bezerra, que era o seu confidente. Soube-se depois que a toda a pressa Muteba fizera sair um dos parentes do Muitía com a sala e o lubembe do Estado, para apresentar da sua parte a Xa Madiamba, a fim de que viesse immediatamente tomar conta do Estado, pois elle estava para morrer; que o haviam envenenado, certamente por suggestões de seu sobrinho Xanama. Sobreviveu definhando-se ainda cêrca de dois mezes, chegando a ver prompta a sua ultima obra, a canoa que ainda mandou lançar ao rio Calânhi, sendo a mesma que eu ainda lá vi.

Estando moribundo mandou chamar Suana Murunda, e na presença dos grandes expressou-se do seguinte modo:

—«Esperei que Ianvo se arrependesse e viesse receber de mim o Estado, pois já chegou a minha hora e não posso esperar mais. Quem apressou os meus dias terá o seu castigo em pouco tempo. E fiquem certos que desgraçada será a Lunda, se Xanama fôr Muatiânvua.»

Governou dezeseis annos, e todos dizem que foi um bom Muatiânvua. Como Noéji, deixou muitos filhos, alguns dos quaes conheci.

Muatiânvua Umbala

Logo que Muteba expirou, aquelles que eram estranhos ás intrigas da côrte, não sabendo qual o destino do Suana Mulopo, e tendo em muita attenção as ultimas palavras do fallecido, com respeito ao Estado, lembraram que seria acertado chamar-se Umbala, filho tambem de Noéji e immediato a Xa Madiamba, que residia na margem direita do Cajidíxi.

Chegando elle, deram-lhe logo posse, como era o voto da maioria dos senhores da côrte, mas contra a vontade da Lucuoquexe e do Muitía, que nada porém podiam fazer por não terem prevenido as cousas com tempo. O facto ainda assim não os fez mudar de proposito.

Umbala antes da posse, tinha de dar as suas ordens para as ceremonias do enterro de Muteba, e na noite em que elle acompanhava o defunto no anzai, foi prevenido que iam partir de madrugada portadores da Lucuoquexe e do Muitía, a darem parte ao Xanama que Muteba já estava enterrado, e que por falta de quem tomasse conta do Estado, fôra chamado Umbala, que era uma criança. Que viesse elle, que era mais velho, deitá-lo fora, e se tinha receio, mandasse então seu irmão; que Umbala não prestava e que o Muitía se encarregava de o entregar a um dos dois que viesse.

Umbala ou por timorato, ou porque não tivesse mau coração e lhe faltassem bons conselhos, não fez bulha e entendeu melhor aguardar os acontecimentos.

Adoptou como divisa: *ampala zavo casengana ni muana* («com a tromba do elephante não se brinca»).

Receou Xanama uma traição, pois não comprehendia que o convidassem a elle, e tivessem dado posse do logar a Umbala, mas como os portadores se succediam a chamá-lo, e como por ultimo o recado fosse:—que se tinha medo, a côrte estava resolvida a convidar seu irmão—resolveu-se Xanama, e disse:

—«Isso não, ir o meu irmão menor não pode ser, irei eu».

Mandou participar ao seu vizinho Quissengue, que os grandes quilolos da côrte o chamavam para tomar conta do Estado, mas que receava muito alguma traição dos Lundas, e por isso lhe pedia auxilio de gente armada para o acompanhar á mussumba.

Quissengue cedeu ao pedido de seu amigo, e este não contente com isso, pediu aos Quiôcos seus vizinhos e amigos com quem convivia já ha annos para o acompanharem, e convidou tambem os mestres na confecção de remedios e feitiços, para irem com elle.

Os Quiôcos que são interesseiros, e estão sempre promptos a prestarem serviços, com tanto que d'isso obtenham lucros, immediatamente annuiram e trataram de se preparar para a marcha.

O tempo ia correndo, e entretanto chegaram novos portadores da mussumba, com recados reclamando Xanama, porquanto já a intriga na côrte se tinha desenvolvido muito contra o novo Muatiânvua.

Xanama respondeu que se estava preparando para a jornada, mas logo preveniu que não levantaria de seu sitio sem apparecer o Muitía com a sua gente; que quanto a Umbala elle mesmo se encarregaria de expulsá-lo, e que não entrava na mussumba, sem que sua sobrinha Lucuoquexe e mais quilolos que estivessem ahi o viessem receber no Luíza, pois não queria que os Lundas dissessem, que elle fôra assenhorear-se do Estado sem este lhe pertencer.

Acceitaram todos estas condições, e aguardaram a chegada do novo Muatiânvua.

Xanama antes de deixar o Tengue, não esquecêra Muansansa e mandou dizer-lhe, que chamado pela côrte para ir tomar conta do Estado, lhe ordenava que se preparasse com a sua gente para o acompanhar; o mesmo mandou dizer a Suana Calenga que elle havia collocado no Estado.

Muansansa respondeu que por emquanto só reconhecia como seu Muatiânvua, o que estava na posse do Estado; queria acreditar que houvessem quilolos traiçoeiros que apesar de te-

rem eleito um Muatiânvua já o chamassem a elle para o ir guerrear e substituir; mas como quilolo obediente não apoiava as suas pretenções. Que fosse elle tomar posse, e depois de lá estar o encontraria como um quilolo submisso, inclusive, para ir a seu chamado á mussumba receber a morte se lh'a quizesse dar.

Ficou Xanama desesperado com semelhante resposta, e mandou a sua faca a Quissengue, encarregando-o de matar Muansansa se elle não quizesse pagar-lhe milambo.

Recebeu Quissengue a faca, mas não fez caso do recado, attribuindo-o a alguma zanga de momento. Se o fizesse seria cousa de que mais tarde Xanama se arrependeria, sendo um mau principio para o seu governo.

Calenga tambem lhe respondeu como Xanama não esperava:—que nunca os seus antepassados foram contra o Muatiânvua; que no Estado havia um Muatiânvua escolhido pela côrte, por isso não podia sair com a sua gente para o acompanhar a derrubar o que lá estava.

Xanama desesperou-se e antes de ir para a mussumba quiz ir primeiro a Mataba, fazer guerra a Calenga.

Chegou então o Muitía com a sua gente e disse-lhe estar tudo sobresaltado na mussumba á sua espera, pois se receava que Umbala começasse a exercer vinganças, e aconselhou-o a que não fizesse caso por agora da resposta de Calenga; que não marchasse com os Quiôcos a fazer-lhe guerra, que tomasse primeiro conta do Estado, e depois com os Lundas iria castigar Calenga e os seus.

Os quilolos de Xanama e que faziam parte do seu antigo Estado, apoiaram o Muitía, e elle acabou por annuir ao que lhe aconselhavam.

Logo que Umbala fôra chamado, os que desconfiavam que mais tarde seria convidado Xanama para o substituir, tornaram-se uns devastadores; todos os dias a pretexto de que o gado vaccum de Muteba se tornava bravio, iam matando as rezes por sua conta e risco, e a troco de qualquer cousa vendiam porções de carne.

A Lucuoquexe quiz obstar a isso, mas ainda foi peor; chegavam a insultá-la e a dizer-lhe, que o que ella queria era ver seu tio aproveitar-se dos bens de Muteba, mas isso não podia ser. E não só mataram o gado vaccum como tambem o suino, cabrum, etc.

De mil e tantas cabeças que havia, Xanama apenas achou umas seis. Os Ambaquistas que eu encontrei no Luambata diziam, que era uma lastima ver como se destruiam boas manadas de gado e o preço por que se vendia a carne. Os matadores do gado dando-se-lhe alguns fios de missanga e uma cabaça de malufo, ficavam satisfeitos com a sua venda.

Xanama resolveu-se a partir, e chegando ao Luíza preveniu sua sobrinha de que estava ali. Trazia comsigo um grande acompanhamento de Quiôcos bem armados, e a Lucuoquexe que já estava combinada com alguns quilolos, chamou-os a uma reunião e disse-lhes: — «Que seu tio os esperava no Luíza, portanto mandára prevenir o Muatiânvua de que todos iam buscar Xanama e que tratasse elle de fugir quanto antes».

Os quilolos, que já esperavam havia dias que chegasse Xanama, disseram logo, que quando ella quizesse partir estavam promptos a acompanhá-la.

Todos mais ou menos tinham já reunido muitos presentes de comida e bebida, e por isso foi logo a primeira cousa que se enviou para o Luíza a fim do Muatiânvua e a sua comitiva passaram bem.

Prevenido Umbala, fugiu para Caiembe Muculo, e a Lucuoquexe partiu logo com toda a gente a buscar Xanama, o novo Muatiânvua.

Depois dos cumprimentos do estylo, e das demonstrações de submissão e respeito, foi a Lucuoquexe quem tomando a palavra se expressou assim:

— «Que era elle Xanama, o Muatiânvua que a Lunda ha muito tempo queria; que já estavam cançados do velho Muteba e que se chamaram Umbala, foi por elle não apparecer, e porque o Estado não podia estar sem chefe; que este era uma criança, nem para decidir uma milonga servia; que não

tinha força e que o Estado tinha tido sempre um Muatiânvua valente, e por isso todos o queriam a elle».

Xanama agradeceu aquellas demonstrações, e começou logo dizendo mal de seu tio e padrasto Muteba:

— Que era um feiticeiro; que tinha mandado matar sua mãe; que havia de arrazar tudo quanto fizesse lembrar o governo de Muteba; que logo que se lembraram de o chamar para o Estado deitára fora o seu nome de Muteba e escolhêra o de seu avô Noéji. Era este agora o seu nome, e entrava na mussumba com o cognome de Ambumba, e por Muatiânvua Ambumba queria que o ficassem conhecendo; que Umbala tendo posto o lucano não podia viver, e por isso tinha de o mandar matar; que depois de pôr o lucano, tinha já de preparar uma guerra para irem a Mataba castigar o Ambínji, e que queria mostrar-lhe logo de principio e a seus dois irmãos, que com elle se não zombava.

Todos ouviram em silencio esta especie de resumo de programma de entrada, terminando por apoiá-lo; e alguns mais influentes com a sua vinda, e por isso mesmo mais servis, enthusiasmados diziam:

—Já temos um Muatiânvua como queriamos.

Puzeram-se em marcha para o Calânhi, e antes de tudo, tratou-se de perseguir Umbala. Mataram-no e trouxeram o lucano ao Muatiânvua, que o mandou entregar á Suana Murunda.

Muatiânvua Noéji Ambumba, vulgo Xanama

Fizeram-se as ceremonias da posse, e dias depois a força de Quiôcos que acompanhára o novo Muatiânvua pediu para ser despachada, e a côrte aconselhou o Muatiânvua a que a despachasse porque não lhe agradava a sua presença.

Nos dias de festa da posse tinha Xanama dado ordem para que se matassem as seis cabeças de gado de Muteba, que apenas restavam, e tanto estas, como o malufo, e balaios de infunde que havia, mandou-os distribuir só pelos Quiôcos de

quem estava sempre rodeado, dizendo deante dos da côrte que o chamaram, que os Quiôcos eram os seus verdadeiros parentes e amigos, que esperava vê-los muitas vezes na mussumba dispostos a caçar, e que os ajudaria com polvora. Constantemente fallava na morte da mãe, dizendo aos quilolos que não perdoava áquelles que podendo aconselhar Muteba para a não matar, nisso consentiram.

Adoptou a divisa de *quitári quiatema* («pedra que queima»), e, para se tornar temido pelo terror, na primeira audiencia na ambula deante de todos e dos Quiôcos, vendo a Muári de Muteba, que segundo os boatos o envenenára, exclamou: — «Não quero que viva no meu Estado uma mulher que mata o seu consorte. É um mau exemplo e podem ámanhã fazer-me o mesmo. Que se mate aquella mulher, e apontou para a Muári, e tambem aquelle, apontando para Ditenda, filho de Muteba e d'ella, pois se parece muito com o feiticeiro seu pae; e tambem a mãe d'aquella e o seu companheiro Xa Ambanza. Não quero que viva um parente d'essa mulher.

SERVA NA LUNDA — MUÁRI NO QUIOCO

Tratou-se de executar immediatamente aquellas ordens, tal era o imperio com que foram dadas!

Logo nesse dia a Lucuoquexe e o Muitía se arrependeram de ter mandado chamar semelhante homem para o Estado!

Ordenou Xanama que se estabelecesse a sua mussumba proximo á nascente do Calânhi, a sul do Luambata, o que se fez, e para ahi foi com os Quiôcos e toda a côrte, denominando esta mussumba: *cápue camáxi* («acabou-se o sangue»).

Vendo-se d'ali a mussumba do Luambata, construcção de Muteba, mandou-a arrazar e lançar-lhe fogo; não quiz nem que se aproveitasse um pau para lenha, e ordenou em seguida que se fizesse o mesmo á de Chimane e de Cauenda, tambem construidas por ordem de Muteba.

Estabelecido na nova mussumba tratou de organisar a guerra para ir a Mataba, participando aos Quiôcos que ainda aguardavam as suas ordens, que os despachava para as suas terras, dando-lhe apenas na occasião quatro pontas de marfim e alguns escravos, mas que não era este o pagamento que queria dar-lhes. Ia fazer a guerra a Mataba, e no regresso então lhes pagaria devidamente. Para Quissengue mandou como signal de amizade e reconhecimento, dois dentes de marfim.

Ao seu amigo Caiembe, o anganga (cirurgião e adivinho) que com elle vivia no Tengue, não o despachou por precisar ainda dos seus serviços, e este como estava vivendo em bons aposentos, com boa alimentação e bastantes escravos para o servirem, ficou do melhor grado.

Organisada a guerra partiu Xanama á frente d'ella. Os de Mataba apanhados de surpreza, nem tempo tiveram para fugir, entregavam-se á furia dos devastadores que nada respeitaram. Foi um grande flagello para as lavras, creações e para a gente. Ambínji e os irmãos Anzambo e o velho tio Mundo-uá-Mitondo-Calenga, tinham fugido para o mato.

O Muatiânvua mandou adverti-los que nada alcançavam com a fuga, que o melhor era entregarem-se. Que pensassem bem no que faziam, pois elle viera disposto a levá-los para a mussumba; e se não queriam entregar-se, então não levantaria d'ali sem que os Lundas lhe trouxessem as suas cabeças.

Submetteram-se e vieram presos para a mussumba, e grande foi o numero de escravos que tambem vieram, com os quaes Xanama pagou aos Quiôcos e com que contemplou os amigos.

Orgulhoso com a sua victoria, no dia das felicitações, estando na mussumba por occasião da cufuínha final, mandou matar o Muitía, dizendo ser elle parente de sua mãe, e ter consentido que Muteba de quem era conselheiro, ordenasse a morte d'ella;

que era um traidor porque depois concorreu para a morte do mesmo Muteba, chamando-o a elle Ambumba para o Estado.

Ficaram todos os quilolos muito descontentes com semelhante procedimento, e já nesse dia foram ter com a Lucuoquexe e disseram-lhe:

—Não foi para nos matar e dar cabo das terras da Lunda, que nós a seu pedido mandámos chamar seu tio ao Tengue. Isto assim não vae bem Lucuoquexe, continuaram elles, pois então nós vamos para a guerra de Mataba com elle, fizemos o que elle queria, trouxemos prisioneiros Calenga, Ambínji, o irmão e grande numero de escravos para pagar aos seus amigos Quiôcos, e hoje logo que chegámos manda matar o Muitía, um quilolo grande, que o fôra buscar? É preciso pormos cobro a estas mortes.

A Lucuoquexe apesar de sentir como elles, ainda o desculpou, allegando que isto era no principio e tudo por causa da morte da mãe, mas que fallaria particularmente com elle e adverti-lo-ia que estava descontentando os velhos do Estado e o povo, o que não era bom; e que não continuasse com as suas vinganças, pois lhe podiam ser fataes, porque demais nem sempre os Quiôcos estariam ao pé d'elle.

O anganga Caiembe, pediu ao Muatiânvua para se retirar, dizendo que lhe deixava o seu rapaz, que já estava mestre nos remedios que elle sabia fazer; e que podia ficar sendo o seu anganga d'ahi em deante; que estava velho e desejava ir viver descançado no seu sitio, gosando dos interesses que o Muatiânvua lhe creára.

Ambumba acceitou a proposta do rapaz, que adoptou o nome de Muxanena Pombo, e o qual mais tarde figurou na historia dos successores do Muatiânvua.

Ambumba havia trazido comsigo do Tengue uma figura tosca de pau, a que chamam idolo dos Uandas, *ambango uá fundo* («que come carne humana») com o que os Lundas não ficaram satisfeitos, dizendo, que não era bom o Muatiânvua introduzir no Estado semelhantes idolos, pois já lá havia muitos, e que aquelle era só proprio para os Uandas que comiam gente.

—Eu quero, disse Ambumba, que qualquer quilolo que eu mando matar seja comido para exemplo de todos!

—Tal costume entre os Lundas nunca existiu, lhe disseram; faça o Muatiânvua como os seus antecessores, que mandavam entregar os criminosos a Mona Bessa, seu quilolo Uanda, que elle lhes dará o destino que o Muatiânvua determinar, e todos ficarão sabendo o exemplo que lhes quer dar.

—Não senhor, retorquiu elle, quero que se comam os que eu mandar entregar ao *ambango uá fundo,* e hão de ser os Lundas que os hão de tragar.

Isto mais indignava os quilolos, e perceberam logo que alguma cousa tramava elle contra algum d'elles.

Um dia mandou chamar Cabeia, quilolo grande, e disse-lhe:

—Tendes de marchar com uma força para a Angala, na margem direita do Mulungo.

Aquelle achou a ordem disparatada e fez tenção logo de recolher ao seu sitio. Como no dia seguinte não apparecesse foi um portador chamá-lo, mas elle não obedeceu.

Então o Ambumba disse na ambula: — Aquelle senhor meu tio não se lembra que sendo eu criança me bateu na cabeça por eu teimar em não fazer o que elle queria; não imaginava que eu havia de pôr o lucano, mas agora que eu o tenho no braço, recusa-se vir á minha chamada, pois vae ver como os tempos são differentes. Que o entreguem já ao *ambango uá fundo.*

Todos os velhos quilolos pediram que não se fizesse tal; que seu tio era um grande quilolo, e se lhe batêra quando era criança, fê-lo por ser seu parente e não por lhe querer mal; que d'este modo desappareciam os velhos do Estado, além de que não era costume entregarem-se os senhores da côrte aos idolos, era um castigo novo e repugnante.

—Não me importa com isso, respondeu o Muatiânvua; assim o quero, e ai d'aquelles que já estão nomeados para comerem de sua carne; e se o não fizerem, serão logo mortos e entregues tambem ao ambango; por emquanto sou eu o Muatiânvua!

Lá foram amarrar Cabeia e levaram-no com uma forquilha ao pescoço para o norte de Chimane, até proximo do rio Capala Ussanga.

A ordem era de esquartejá-lo, porém os algozes attendendo a que elle era um grande quilolo e bom homem, limitaram-se á praxe para taes pessoas — torcer-lhe o pescoço. Depois cozinharam-lhe as pernas que se comeram, deitando-se o resto do corpo ao rio! Estava introduzido este costume na Lunda!

A Lucuoquexe veiu então desesperada fallar ao tio e exigiu-lhe que puzesse um termo ás suas vinganças e á ruina do Estado, pois que o não mandára chamar para taes fins. Não estava contente em matar os velhos quilolos, queria agora obrigar a gente da Lunda a comê-los?

— Não continue a dar taes ordens, olhe que o povo pode desesperar-se; até agora nada de proveitoso fez, só tem estado a matar gente, velhos, rapazes e mulheres.

Era Xanama muito ciumento das suas raparigas, e constando-lhe que qualquer rapaz as requestava, fazia-o perseguir, e se visse algum fallar com qualquer d'ellas, era morte certa para ambos. Por isso no seu tempo era frequente de madrugada encontrarem-se nas ruas da mussumba ou em pontos distantes, cadaveres de rapazes e de raparigas.

A tal respeito conta-se um caso, que se tornou muito publico, em que foram victimas um rapaz e uma rapariga innocentemente, pela pouca circumspecção de um caxalapóli.

Eis o caso. Uma das suas raparigas filha de Suimba Mácu, pediu licença para ir ao sitio de seus paes arranjar algum bombó, isto é, colher mandioca e pô-la de molho no rio, questão de tres dias, por isso que apparecia pouca na mussumba, e para ella por alto preço. O Muatiânvua deu-lhe licença.

Foi, e a mãe que conhecia o genio do Muatiânvua disse-lhe:

— Fizeste mal em vir, pois bem sabes quanto o teu senhor é ciumento, e aqui estão sempre passando rapazes; já agora melhor é ires com a tua serva para aquella cubata isolada na lavra. Deixa-te lá estar com ella que ninguem te veja, que eu arranjarei o bombó.

Deu-se a circumstancia de chover ao terceiro dia de ella lá estar, e por isso mandou arranjar fogo e deitou-se. Havia um repartimento interior na cubata e o fogo estava no de fora. Passou um rapaz que vinha do mercado, e chovendo muito reparou naquella cubata d'onde saia fumo; olhou para dentro e não vendo ninguem foi aquecer-se ao fogo.

Tinha o Muatiânvua naquella manhã despachado um dos seus tuxalapólis de confiança, e ordenara-lhe que fosse ver se effectivamente a sua rapariga estava no sitio da mãe, e lhe dissesse, que bem sabia que elle não gostava que as suas raparigas estivessem muitos dias fora da mussumba; que já havia tres dias estava ella ausente por causa do bombó, e que mandasse dizer quando voltava.

Foi na occasião da chuva que chegou ao sitio o caxalapóli, e fallou com os paes que lhe disseram não estar o bombó ainda prompto, mas o melhor era dar-lhe o recado a ella que estava na tal cubata, onde podia ir fallar-lhe se quizesse.

O caxalapóli dirigiu-se á cubata e ao entrar deparou com o rapaz junto do fogo, e perguntou-lhe logo o que estava fazendo ali. A rapariga que dormia no quarto acordou e veiu fora, e tambem espantada perguntou:—Quem é? Que faz aqui?

Chamou pela serva e esta não estava. O rapaz atrapalhado não respondeu. O caxalapóli vociferou logo que elle era o amante d'ella, e lá o levou amarrado para o Muatiânvua.

O pae, a mãe e a rapariga fugiram logo para a residencia da Lucuoquexe, que os ouviu, e os escondeu. O caxalapóli apresentou o rapaz amarrado ao Muatiânvua, dizendo-lhe que indo tratar da diligencia que lhe mandára, encontrára aquelle rapaz só na cubata com a sua rapariga.

O Muatiânvua deixou ficar o rapaz preso com as cordas, e mandou buscar a rapariga, porém a este tempo appareceu a Lucuoquexe que contou ao Muatiânvua como as cousas se passaram e a innocencia da sua rapariga.

O Muatiânvua disse:—«Bem, a rapariga que vá para a sua chipanga, e que pague dez escravos; emquanto ao rapaz, este como entrou na cubata onde ella estava sabendo que era minha

rapariga, mando matá-lo». E mandou. Os tios da rapariga arranjaram os dez escravos e pagaram o resgate da sobrinha.

Quatro dias depois, mandou elle declarar á rapariga, que tendo já resgatado a sua vida podia ir para a sua residencia, mas decorridos dois dias, ás cinco horas da manhã, mandou-a tambem matar.

Quando a Lucuoquexe appareceu a censurar o Muatiânvua pelo que acabava de fazer, responde-lhe:—«Minha sobrinha, custava-me a convencer que ella não tivesse amores ou principio de conversas com o rapaz, e por isso a matei para exemplo das outras».

Ambumba não era homem que esquecesse um aggravo. Muansansa estava sempre na sua lembrança; e como o seu amigo Quissengue havia morrido sem ter desempenhado a commissão do que o encarregára, mandou ao seu successor Cuximuca um dente de marfim e dez escravos, felicitando-o por ter tomado conta do Estado, e participando-lhe, que ao seu antecessor entregára uma faca para matar Muansansa e cobrar milambo dos seus quilolos de baixo, que por distantes tinham deixado de os pagar a elle, e que recommendava de novo ao Quissengue que levasse a guerra a Muansansa, que o matasse e que ficasse com uma parte das suas terras. Quissengue responde-lhe agradecendo o seu presente, ficando sciente das suas recommendações, e que cumpriria as ordens quando houvesse opportunidade.

Um dia apresentou-se na mussumba Diulo seu primo, trazendo-lhe de presente um dente de marfim. Prostrou-se deante do Muatiânvua, pedindo-lhe desculpa de não ter vindo antes, porque estivera arranjando aquelle milambo.

Ambumba agradeceu, e no dia seguinte de madrugada mandou matá-lo a tiros de espingarda, dando como razão ser elle irmão de Ditenda, filho de Muteba e da Muári Camina. Podia ser bom rapaz, mas era filho de feiticeiros.

Não esquecia Ambumba o seu anganga Muxanena Pombo, que de servo que era, elevára á altura de Muata e seu quilolo, dando-lhe constantemente de presente raparigas e rapazes para

elle ir formando o seu Estado, e tambem de quando em quando dentes de marfim.

Muxanena occupava uma chipanga muito bem arranjada dentro da mussumba, e isto desgostava muito os quilolos e os parentes do Muatiânvua. Tambem Muxanena não se poupava a preparar remedios para o seu amigo e a fazer tudo que elle queria, tornando-se por assim dizer, indispensavel ao Muatiânvua, que o chamava quatro e cinco vezes por dia, sendo seu companheiro todas as noites a beber o malufo.

QUIGAMBO

Com respeito aos negociantes, tambem Ambumba não procedia bem, e por isso elles deixaram de voltar á sua mussumba.

Quando havia noticia de que uma comitiva estava para chegar, mandava logo gente de sua confiança até ao Luíza, para contar disfarçadamente as cargas e a quantidade de fázenda de cada uma.

Os negociantes quando chegavam proximo da mussumba, mandavam-lhe o *mussapo* («presente de entrada»); e o encarregado das visitas ia ao encontro marcar-lhe o logar onde deviam estabelecer o seu *quibango* («casa de negocio»).

Xanama nem esperava que lhe enviassem o presente para principiar a negociar; mandava-lhes dizer logo que em tal dia iria buscar os banzos de fazenda que lhe pertenciam, e de facto nesse dia apresentava-se.

O chefe da comitiva fazia o rateio por cada um, proporcionalmente ao que traziam, mas que era excessivo para as posses d'elles, regulando, se pode dizer, por um decimo da carga que traziam, com que o Muatiânvua ainda assim se não mostrava muito satisfeito, dizendo sempre que faltavam ainda muitos banzos para a sua conta.

O chefe lamentava-se, allegava que todos eram pequenos negociantes, que não podiam dar mais porque ficavam com pouca cousa para fazer algum negocio á vista; que precisavam de comer emquanto estivessem á espera que o Muatiânvua lhes pagasse o que levava.

O Muatiânvua respondia-lhe:

—Bem sabem que estou sciente de que trazem mais fazenda; tratem pois de me entregar a que me pertence, que eu pago. Se o não fazem mando então ás cubatas os meus tuxalapólis, que põem cá fora toda a fazenda que lá está, e nesse caso é apprehensão, e já não é fiado.

Tornava o chefe a fazer um novo rateio por peças a completar um certo numero de banzos, que augmentava a conta.

O Muatiânvua marcava os banzos que recebia por pausinhos, amarrava-os num feixe e entregava-os aos chefes, que ficavam com as comitivas mezes e mezes á espera de pagamento, tendo de mendigar do Muatiânvua que lhes fornecesse de comer, visto terem-se-lhes esgotado todos os meios com que o pudessem comprar.

O Muatiânvua se era em occasião de receber alguns presentes de carne, bombós e malufo, lá repartia com elles, mas proporcionalmente pouco; e outras vezes continuava em conversa com os quilolos fazendo pouco caso do pedido, e quando muito apoquentado dizia:

—Meus amigos alguma cousa se arranjará, se não fôr hoje, ámanhã.

Se lhe pediam que os despachasse para retirarem, que era o mesmo que pedir-lhe o pagamento, respondia-lhes que ia tratar d'isso; no que decorriam mezes, e nunca lhes pagava tudo, sem fallar nos taes banzos que sempre arranjava a mais,

allegando que isso não era divida, fôra elle que os adquirira pelo seu trabalho.

Não faziam os negociantes caso d'estes, e pediam-lhe o pagamento do restante; elle então dizia:

—Não pode ser tudo agora, e se o fizesse, os meus amigos não voltavam mais aqui, e eu quero cá os meus amigos. Vão e voltem para receberem o resto.

— Como voltar, diziam elles, se o Muatiânvua não nos paga o que trouxemos, para comprarmos mais negocio?

Elle sorria-se e retorquia:

— Os meus amigos bem sabem que precisâmos muito de sal, tragam-nos vinte ou trinta muxas de sal cada um, que não perdem o seu tempo e levamos creditos que agora deixam.

Para que não fossem descontentes e para mostrar que era amigo d'elles, dava-lhes de comer para dois ou tres dias, bombós, carne se tinha, algumas esteiras, mabelas e tambem umas pequenas sabas (bilhas) de azeite de palma.

O negocio, escusado era dizer, consistia em escravos, e com raridade num ou dois dentes de marfim.

Em principio appareceram-lhe muitas comitivas, sempre de Bângalas, fazendo parte de algumas Quimbáres tambem, mas em pequeno numero. Desgostavam-se porém com os prejuizos e demoras, e foram deixando de apparecer, até que já nos ultimos dois annos do seu governo não appareceu nenhuma.

Uma manhã faz-se annunciar seu tio Ditenda, filho do fallecido Muatiânvua Muteba, mais novo em idade do que elle, e apresentou-se a cumprimentá-lo, levando-lhe dois dentes de marfim de lei de presente, producto das suas caçadas.

Ditenda a que o vulgo ainda hoje chama Quibinda ou Chibinda, por ser um grande caçador de elephantes, era alto, bem feito do corpo, possante, de rosto agradavel e alegre, trajava bem os seus pannos, e usava grande cabelleira frisada.

Xanama agradeceu muito o presente e sobretudo o ter seu tio (primo) vindo pessoalmente cumprimentá-lo, mas todos conheceram logo na cara d'elle que não ficára muito satisfeito ao vê-lo na mussumba.

Perguntou-lhe onde se fôra hospedar, e sabendo que elle estava com a Lucuoquexe, disse-lhe que estava muito bem e levantou-se acrescentando: — «Desejo vê-lo mais vezes aqui para conversarmos ácerca do seu sitio e das suas caçadas, pois estou informado que é bom caçador».

Quibinda via seu sobrinho pela primeira vez, e não estava costumado aos seus modos, por isso não conheceu, como os quilolos, que lhe havia causado má impressão a sua presença, do que elles logo esperaram maus resultados.

Foram os quilolos cumprimentar o hospede á residencia da Lucuoquexe, e preveniram esta do succedido, e que seria bom que Quibinda se acautellasse, pois parecia que Xanama tivera inveja da sua figura.

No dia seguinte de manhã quando todos estavam reunidos na ambula, entrou Quibinda a cumprimentar o Muatiânvua, o que este já esperava, e por isso o chamou para junto de si. Ditenda suppondo que era para conversarem, immediatamente foi para o logar que elle lhe indicou.

Depois de Ditenda se ter sentado disse-lhe Xanama:

— Saiba o meu tio que perante mim ainda ninguem se atreveu a apresentar-se com uma cabelleira d'essas, e que não posso consentir que continue a estar aqui deante dos meus quilolos dando maus exemplos?

—Mas Muatiânvua, observou elle, eu não sabia d'essa circumstancia, e tanto não é prova de falta de consideração que não tenho duvida alguma em cortá-la logo que d'aqui saia.

— Não terá esse trabalho, respondeu Xanama, porque tudo preveni. E logo dois homens o seguraram, e um outro com as navalinhas principiou a rapar-lhe o cabello deante de todos. Em seguida Xanama mandou-o retirar, levantando-se tambem sem ter dado sequer uma palavra aos circumstantes.

A Lucuoquexe sabendo do que se passava, preveniu o seu hospede e parente, que tratasse de fugir para o seu tio Caiembe, promptificando-se a dar-lhe guias para o acompanharem.

—Se está aqui mais tempo, lhe disse, já vejo que o mata; o que elle fez hoje foi uma grande provocação que ninguem

ousaria fazer a um filho de Muatiânvua, e de mais sendo com um tio d'elle; esconda-se bem e espere, que nós em breve o chamaremos para o vir substituir no Estado, e no emtanto tenha cuidado comsigo, que elle sabendo onde está ha de persegui-lo, e não desistirá de o matar.

A maior parte dos velhos foram discutir sobre o occorrido de manhã para a chipanga da Lucuoquexe, e todos se empenhavam mais ou menos em que Quibinda fugisse, e se furtasse ás perseguições de Xanama, porque todos já viam em Ditenda um homem capaz de o substituir como Muatiânvua.

Bem pensava Xanama quando dizia de tarde ao seu Muitía:

—Fiz hoje o que viu a Quibinda, porque se me apresentou ao chegar, assim com ares de quem pretende ser Muatiânvua em meu logar. Aquelle senhor meu tio confia na figura para induzir os quilolos a matarem-me. É preciso mostrar-lhe que ainda me acho com forças para affrontar todos os pretendentes.

Muitía desculpou Ditenda como poude, dizendo que elle certamente nem cuidava em tal cousa e tão pouco pensavam os quilolos em desfazer-se do Muatiânvua.

—Não conhece a gente da Lunda, respondeu Xanama, mas eu quando vim para cá, já os tinha na conta de traidores, e hei de mostrar que os conheço a todos.

Naquella noite instado Quibinda para que retirasse, pois Xanama premeditava alguma cousa contra elle, seguiu viagem para o sitio de Caiembe Muculo, a quem foi pedir o escondesse, contando-lhe o que se passára com o Muatiânvua.

Caiembe conhecendo que elle ali não estava em segurança, fê-lo acompanhar para terras de seus parentes, muito mais ao sul.

Xanama na manhã seguinte estranhando que Quibinda não apparecesse, mandou á chipanga da Lucuoquexe perguntar por elle. Veiu esta dizer-lhe, que na vespera depois da saida da ambula elle envergonhado com a desfeita de lhe terem cortado o cabello, se despedíra d'ella e regressára ao seu sitio.

—Então foi assim, sem se despedir de mim, disse o Muatiânvua. E immediatamente deu ordem a todos os quilolos para se

prepararem para uma guerra, e nomeou logo a diligencia que devia sair naquella tarde, á qual distribuiu polvora, para ir em perseguição de Quibinda, e trazê-lo ali vivo ou morto.

Desconfiado que já havia traição dos grandes do Estado, mandou chamar Muxanena para fazer sortilegios, de modo que, se não pudesse haver ás mãos Quibinda, involvesse os seus quilolos numa guerra em que fossem mortos pelo menos os mais valentes.

A diligencia voltou no dia seguinte, dizendo que fôra até ao Caiembe Muculo, para onde soubera que se dirigíra Quibinda, porém lá mesmo entre o povo ninguem dava noticia de o ter visto.

O Muatiânvua ficou furioso e disse:

—Irei eu mesmo. Caiembe está brincando commigo; ou me ha de apresentar Quibinda ou eu mesmo lhe tiro a vida.

Chamou a Muári para que lhe desse polvora, e elle mesmo a distribuiu aos homens de mais confiança, e mandou que o mondo tocasse a rebate, chamando todos os outros quilolos que faltavam na ambula. Vieram elles muito apressados, conhecendo que havia novidade, e o Muatiânvua distribuiu-lhes polvora ordenando-lhes que em duas horas todos partissem com elle para uma guerra.

De facto partiram, e proximo do sitio de Caiembe, encarregou tres quilolos de lhe exigirem que apresentasse Quibinda.

Respondeu Caiembe que tal pessoa não estava no seu sitio, passára d'ali para a mussumba e não o vira mais. Xanama desesperado, partiu immediatamente para a chipanga de Caiembe, e vendo-o, deitou-lhe a mão, arrastou-o e disse-lhe:

—Apresenta-me já Quibinda, quando não mato-te; e como aquelle insistisse que não tinha noticia d'elle, enterrou-lhe o mucuáli no peito. Ordenou ao Suana Mulopo que puzesse o lucano do irmão, e que tivesse em muita conta dar cumprimento ás ordens d'elle Muatiânvua, aliás fazia-lhe o mesmo.

Voltou ao seu acampamento e os velhos depois de o verem mais brando, aconselharam-no a que regressasse á mussumba, pois já não havia guerras a fazer, e elle estava passando mal.

No dia seguinte deu ordem para marginarem o rio Mulundo pelo sul, e chegando ao sitio do quilolo Chitanzo, mandou que acampassem ali.

Quando a sua cubata estava quasi concluida abateu, ficando feridos alguns dos que trabalhavam na sua construcção.

—Voltemos para a mussumba, diziam-lhe os quilolos de mais confiança, pois é mau signal o desabamento que vimos.

—Não quero, havemos de marchar para onde eu entender.

E marcharam todo o dia para irem acampar no sitio de outro quilolo, Muquelengue Lumbo. D'ahi via-se a chipanga de Muene Tondo, potentado independente, o que lhe causou inveja pela sua grandeza e muito povo que tinha.

Disseram-lhe os velhos durante o dia que não havendo guerra a fazer, era de conveniencia recolherem todos á mussumba, porque haviam saido precipitadamente, deixando as mulheres e crianças alvoroçadas, e todos deviam de estar com cuidado pela demora.

— A guerra já eu encontrei, disse Ambumba, ámanhã de manhã já temos muito que fazer, e apontou para a chipanga de Muene Tondo que elle contemplava.

Combinou nessa noite com a Muári que se fingisse doente, o que ella fez, e de madrugada mandando chamar os mais velhos titulares disse-lhes:

—A Muári adoeceu, por isso Xa Muana irá em meu logar.

Era a victima que elle queria sacrificar, mas sem o dar a perceber, por ser o companheiro de sua sobrinha Lucuoquexe, de quem queria vingar-se por ter desconfiança que ella protegêra a fuga de Quibinda. Em seguida disse a este:

— És o Muatiânvua da guerra, vae com os quilolos todos matar Muene Tondo, é preciso augmentar o nosso Estado com as suas riquezas, quero ali um quilolo nosso. Eu irei depois quando a Muári esteja melhor.

Apromptou-se Xa Muana, e Ambumba fez um discurso aos expedicionarios, lembrando a valentia dos antepassados, e a fama e despojos que adquiririam se vencessem aquelle vizinho, que nunca reconhecêra a auctoridade do Muatiânvua.

—Que levantem, disse elle por ultimo, cá espero as cabeças d'aquelles amigos.

Lá foi tudo, ficando apenas no acampamento elle, a Muári e as suas raparigas. Tinha aconselhado alguma gente, que, quando as cousas se mostrassem mal paradas, fugissem, abandonando Xa Muana e os quilolos que estivessem combatendo com a gente de Muene Tondo.

Investiram os primeiros com animo contra a chipanga, e trouxeram logo cinco cabeças ao Muatiânvua, mas depois foi uma desgraça!

Os moradores surprehendidos ao principio tomaram depois animo, foram buscar as suas flechas e facas, reuniram-se em grupos, e conseguiram prender e matar Muene Dinhinga, Muene Chitanzo, Muquelengue Lumbo e Muene Cambundo.

Os Lundas atemorisados correram em debandada e deixaram só no campo Xa Muana, que pelejou desesperadamente, primeiro fazendo fogo com a espingarda, bebendo de quando em quando o seu malufo, e quasi ao sol posto atirou fora a arma e bateu-se tendo duas grandes facas uma em cada mão.

Por tres vezes tentaram os contrarios atacá-lo aos grupos, mas sempre debalde. Veiu a final um grupo maior que os outros, e elle já muito cançado exclamou:—Suspendam! que lhes quero fallar antes de me atacarem! E bebeu mais malufo.

— Quem se bate comnosco, lhe perguntaram?

— Sou o Xa Muana.

— Ora esta! e nós que julgavamos que era o proprio Muatiânvua e é só o Xa Muana.

—Venham, lhes disse elle, tragam as suas facas e esquartejem á sua vontade que não posso combater mais. Quero morrer visto que fui atraiçoado pelo malvado Ambumba.

— O Xa Muana é valente e não devia morrer, disseram os inimigos, mas matou-nos muita gente, e precisa castigo.

— Se não acabam commigo, matá-los-hei logo que possa.

E mataram-no.

Os da Lunda que estavam distantes, vendo o desfecho deitaram logo a correr para o acampamento do Muatiânvua, e o

primeiro a dar noticia do occorrido, foi um dos filhos d'elle, Muene Cahunza.

Nesta guerra foram mortos, além de cinco grandes dignitarios de nomeada pela sua coragem e valentia no tempo de Muteba, ainda outros moços valentes.

Logo que Xanama recebeu a noticia desastrosa do combate, o que pouco lhe importava, deu ordem para levantarem na manhã seguinte.

Passou o rio Cajidíxi no sitio de Muene Chilande, indo acampar no Muene Católi; e ordenou que se construisse no Calânhi um anzai para a sua Muári ahi receber visitas, e onde elle queria presenteá-la com escravos, antes de entrar na mussumba.

BIENO
(Phot. de Moraes)

Passados dois dias deram-lhe parte de estar prompta a tal casa. Mandou marchar tudo para o anzai do Calânhi, onde fez preparar o cufuínha, e ordenou se cortassem as cabeças a dez individuos para as ver rolar no solo. Ali mesmo faz cobrar aos senhores de Estado presentes de vinte escravos, com que presenteou a Muári, e deu ordem em seguida para se ir dormir na chipanga do Calânhi.

Não havendo ordem no dia seguinte para levantar, a sua sobrinha Lucuoquexe entrou muito desesperada na mussumba e disse-lhe:

—Tu Muatiânvua tens vindo matando pelo caminho os melhores dos antigos quilolos, os mais importantes e mais valentes, e não contente ainda, matas os rapazes novos sem crime! Pretendes dar cabo de tudo e estragares o Estado de nossos avós? Pois bem, escolhe outra Lucuoquexe que eu não quero assistir a mais mortes, eu passo hoje o rio para ir para

a minha chipanga, chorar a perda do meu Xa Muana, a quem os traidores da Lunda, teus amigos, abandonaram na guerra. Aquelle valente tambem morreu por tua causa, e não estás satisfeito com o mal que tens feito, mas eu é que não posso continuar a acompanhar-te nas tuas loucuras. Deixa-me chorar descançada a morte do meu companheiro, podes mandar matar-me quando queiras, já estou disposta para receber o golpe.

Xanama ouviu, parecendo dar-lhe attenção e respondeu-lhe:

—Não, minha mãe, eu não tomo outra Lucuoquexe, se não fosses tu não conseguia vingar a morte de tua avó. Passaremos ámanhã o rio e iremos descançar para a mussumba.

Naquella mesma tarde chamou os seus tumbajes e ordenou-lhes que tendo de madrugada de passar o rio, queria ver na canoa as cabeças de Muene Panda, do Muadiata e de Maíque, mais tres grandes dignitarios de quem elle tambem se queria vingar por terem assistido á morte de sua mãe Camina.

De facto lá estavam as cabeças na canoa quando elle embarcou com a sua Muári, e com esta sinistra carga passaram o rio e foram para a mussumba de Capue-cá-Máxi, indo elle muito satisfeito por ter feito perder a Lunda uma grande parte da côrte que lá encontrára.

Havia Xanama em tempo mandado uma faca especial[1] a Quissengue, para com ella mandar matar seu tio Xa Madiamba, por ser feiticeiro, caso elle fosse visto em terras de Quiôcos.

Os Quiôcos eram amigos de Xa Madiamba, e não só o recebiam bem nas suas terras, como lhe protegeram a fuga quando foi perseguido, levando-o em sua companhia para terras mais a oeste.

---

[1] É um presente que se dá como penhor, para se obter um serviço que depois ha de ser pago religiosamente. Para o caso de auxilio numa guerra chama-se-lhe *múvi*, e para o caso de ser preciso matar um certo individuo *ampaca* (faca), mas actualmente já confundem um vocabulo com outro, e emprega-se indistinctamente *múvi*, cuja interpretação para o caso sujeito, é faca. No vol. II da Descripção de Viagem, um grande numero de factos que se apontam, mostram bem as differenças que ha.

O grande quilolo Anguvo, que tinha honras de Muatiânvua, governador de Mataba, havia morrido, e Xanama nomeára Mucanza, irmão do fallecido para lhe succeder, com a condição de perseguir Xa Madiamba; mas sabendo que elle era amigo do fugitivo, nomeou ao mesmo tempo a Cacunco, sobrinho de Calenga, que elle fizera matar, para interinamente tomar conta do Estado d'este ultimo, devendo fixar a sua residencia na margem direita do Luembe e exigindo-lhe tambem que perseguisse Xa Madiamba.

Cacunco elevado a Ifana Mujinga era senhor de Estado em Mataba; porém o governador de Mataba, de Tucongo e de Tubínji, era Mucanza, e portanto Cacunco ficou-lhe subordinado. Porém para perseguir Xa Madiamba obrava por conta do Muatiânvua.

Não confiando, ainda assim, que estes cumprissem as suas ordens nesta parte, faz sair o Muata Mussenvo com toda a sua gente para ir ao sitio de Bungulo aguardar as suas determinações, e ao mesmo tempo inspeccionar como corriam os negocios d'este Estado. Tinha tambem Mussenvo o encargo especial de prender Xa Madiamba, ou de apresentar a sua cabeça.

Xa Madiamba sempre ao facto d'estas providencias, ia atravessando as terras dos Quiôcos, até que foi estabelecer-se nos dominios do Caungula no Lôvua, a que chamam do Mucundo («falto de arvoredo»).

Deram parte ao Muatiânvua, muito em segredo, que Xa Madiamba fôra visto no Caungula, e suppondo que só elle sabia do seu paradeiro, tratou de chamar tres tumbajes, de mais confiança, e entregou-lhes uma faca para levarem a Caungula, ordenando-lhe que lhe mandasse a cabeça do foragido, e a elles mesmo ordenou que se vissem Xa Madiamba o matassem como feiticeiro, e lhe trouxessem a cabeça. E para ninguem desconfiar d'aquella commissão, fê-los acompanhar ainda por dois tucuatas com algum negocio para o Caungula, a fim d'este lhe mandar polvora e armas.

O portador que lhe dera a noticia, indo em seguida cumprimentar a Lucuoquexe tambem lh'a communicou. Esta per-

guntou ao portador se contára a mais alguem que tinha visto Xa Madiamba, e como elle dissesse que o fizera saber ao Muatiânvua, recommendou-lhe ella que a não transmittisse a mais ninguem porque o Muatiânvua podia irritar-se, nem a este devia dizer que a Lucuoquexe era sabedora d'isso, porque o mandaria matar immediatamente.

Calculou a Lucuoquexe que Xanama faria perseguir Ianvo, e por isso despachou logo dois rapazes de sua confiança para o Caungula, levando-lhe uma porção de baeta encarnada e um sacco de missangas, e outro tanto para Xa Madiamba, e dizer-lhe:— que o Muatiânvua sabia estar Ianvo vivendo em suas terras; que era natural dentro em poucos dias receber algum portador recommendando-lhe que o matasse e que portanto o mandasse logo retirar para longe.

Ordenou aos seus rapazes que fizessem esta diligencia com toda a brevidade, pois seriam bem gratificados, e elles conseguiram chegar ao seu destino dois dias antes dos portadores do Muatiânvua. O Caungula immediatamente fez sair Xa Madiamba acompanhando-o até ao Cuílo, e este seguiu depois com guias para as terras do Anzavo, já no limite das terras do Xinje em Mona Quimica, onde esteve até 1884.

Quando chegaram os portadores do Muatiânvua não encontraram o Caungula, mas disseram-lhes ter elle ido ao Cuílo e que voltava breve, portanto que esperassem. Deram-lhes boa hospedagem e elles procuraram informar-se do paradeiro de Xa Madiamba. Todos lhe disseram que passára ali havia tempo, mas que o Caungula o fizera sair das terras por não querer desagradar ao Muatiânvua, e a que elle seguíra para as terras de Muene Puto.

Chegou Caungula que já tinha sido prevenido da presença dos emissarios, e estes disseram-lhe quaes eram os desejos do Muatiânvua ao que elle respondeu, corroborando o que a sua gente já havia dito.

Tratou muito bem os emissarios emquanto se demoraram no sitio, arranjou um bom presente para o Muatiânvua, fez o negocio que este queria, e assim sairam elles muito satisfeitos

e convictos de que Xa Madiamba ha muito tempo que estava em terras de Muene Puto.

Quando elles transmittiram ao Muatiânvua as noticias que traziam, disse elle por ultimo:

— Tambem eu não tinha razão para perseguir aquelle homem. Elle a final nunca me fez mal, antes eu, é que lh'o tenho feito por culpa da Macanda sua irmã; elle em nada contribuiu para a morte de minha mãe. Não teve coragem de se oppôr á minha entrada no Estado que a elle pertence, mas isso não é razão para obstar a que elle viva agora socegado.

Morrendo Quissengue (o Cuximica), entrou em seu logar o Madía que em rapaz se associára em patuscadas com Xanama no Tengue, por isso este mandou-lhe logo um portador com um presente, felicitando-o, e lembrando-lhe que havia enviado uma faca a Buambua para elle matar o seu quilolo Muansansa de que não fizera caso; que repetira o pedido com múvi a Cuximica e que este tambem nada fizera. Parecia-lhe que os Quissengues agora até já tinham medo de Muansansa, e se assim não era, esperava que o seu amigo, agora que herdára o Estado fizesse matar Muansansa, para se resgatar a faca.

Poucos dias depois Quissengue despachava portadores para o Muatiânvua, dizendo-lhe que podia mandar resgatar a faca quando quizesse, porque Muansansa já estava morto em observancia da sua ordem, e emquanto não viesse o resgate, elle iria cobrando tributo dos quilolos de Maianda.

Ficou satisfeito Ambumba por já não existir Muansansa, e Muxanena Pombo cujos ultimos trabalhos consistiram em fazer sortilegios para aquelle quilolo ser assassinado, logo que chegou a noticia da sua morte, pediu ao Muatiânvua para lhe dar um sitio no Tengue, a fim de ahi ir estabelecer o seu Estado com a gente que lhe tinha dado, promptificando se a vir á mussumba sempre que o Muatiânvua precisasse dos seus serviços. Que elle, o seu bom amigo lhe tinha dado bastante gente, e desejava aproveitá-la estabelecendo-se num sitio onde fizesse as suas lavras, mas em terras do seu Muatiânvua, por isso lh'as pedia no Tengue.

O Xanama annuiu ao pedido d'este bom amigo, e ainda por despedida o presenteou com mais escravos, e deu-lhe honras de Muatiânvua.

Em fins de 1875 foi á mussumba o Dr. Paulo Pogge, illustrado explorador allemão, hoje fallecido, cujo intento era passar para a outra costa. Isto chegou aos ouvidos do Muatiânvua, o qual fazendo-se muito amigo d'elle, emquanto lhe via fazendas em casa, de tal forma se houve, ora mentindo-lhe, ora apresentando-lhe difficuldades sobre quaesquer pretextos futeis, que nem o deixou passar o rio Calânhi para ir visitar o anzai, a duas horas e meia de marcha da sua residencia em Cápue-cá-Máxi.

Perdidas as esperanças de realisar o seu proposito o Dr. Pogge entendeu por melhor permutar a fazenda, polvora, missangas, etc., que ainda tinha por marfim, e por isso sempre estava dando creditos ao Muatiânvua e á Lucuoquexe.

O Muatiânvua como elle tivesse cognac e alguns licores, quasi todas as noites saía a visitar o seu amigo.

Approximando-se o tempo do cacimbo, annunciou o Dr. Pogge a sua retirada, e pediu o pagamento dos creditos que Xanama foi pagando a pouco e pouco.

Decorrido um mez o Dr. Pogge teve necessidade de deixar o seu interprete, para lhe receber o restante. Este não recebeu tudo, e foi depois encontrar-se com o doutor em casa de Saturnino Machado, no Quimbundo.

Não me alargo em narrações do que se passou com o explorador allemão, porque é natural que um dia appareçam a publico os seus trabalhos, e estes de certo dirão mais do que as informações que eu colhi a tal respeito.

Ambumba recebia muitas vezes comitivas de Quiôcos, e sempre que os tinha ao pé de si, tratava-os como seus parentes e amigos, e pouco caso fazia dos seus fidalgos nesses dias. Aos Quiôcos que o visitavam, mandava distribuir a maior parte dos tributos e presentes que recebia, e quando não tinha que dar-lhes, ordenava a todos da côrte, que mandassem cozinhar pelo menos cada um, um balaio de infunde e carne ou

peixe, emfim o que tivessem, porque recebêra visitas a quem tinha de dar de comer, e os malufeiros nesses dias andavam em grande faina.

Os velhos da côrte desesperavam-se e já o descontentamento era grande, não só pelas mortes dos melhores e mais antigos quilolos, mas tambem pelas que diariamente se faziam ás occultas, de rapazes por ciumes, e ainda por ultimo, devido a estas preferencias de Quiôcos. Isto não só era em prejuizos dos Lundas, pois que nada se lhes dava; como ainda de quando em quando exigia-se-lhes que dessem o que tinham em suas casas. As consequencias foram originar-se um numeroso partido de inimigos, o que Ambumba não ignorava.

Tendo chegado uma embaixada de Quissengue com a sua bandeira, foi muito bem recebida e hospedada pelo Muatiânvua, porque vinha pedir-lhe o resgate da faca, que elle não queria por emquanto dar. Fez elle porém um rateio entre os quilolos, para lhe mandar dez raparigas, dizendo aos portadores, na presença de todos, que não era aquillo o resgate, e sim um presente de amizade. Por emquanto não lhe convinha resgatar a faca de suas mãos, pois a gente da Lunda era muito falsa e traiçoeira, e elle esperava que aquella faca ainda teria de servir ao Quissengue para vingar a sua morte. Que bem sabia que os seus quilolos já pensavam em arranjar um outro Muatiânvua, mas se assim fosse, esperava antes d'isso ter tempo de o prevenir da vingança que devia tomar.

Constando a Ambumba que ao sul da mussumba estava passando uma grande caravana de commercio dirigida por um branco, e que seguia para leste, mandou chamar a Chimane Lourenço Bezerra, e perguntou-lhe se não tinha noticia d'essa caravana. Responde-lhe Bezerra negativamente, mas que se não admirava que algum negociante de Benguella andasse nessa região pelo sul, fazendo o seu negocio, visto elle Muatiânvua ser tão exigente com as comitivas que vinham para a mussumba.

— Seja como fôr, disse elle, vou lá mandar uma guerra, e se o branco não quizer vir por bem, vou dar ordem para lhe roubarem tudo.

Lourenço Bezerra aconselhou-o a que não fizesse tal; que para a mussumba só estavam costumados a vir os Bân galas e Quimbares com negocios de Loanda e dos concelhos proximos do Cuango, e que os sertanejos de Benguella andavam nas regiões ao sul, como os do Ambriz andavam pelo norte, lá por Muene Puto Cassongo e pelo Peínde.

— Mas aquelle passa perto das minhas terras, retorquiu Ambumba, e nem sequer me mandou mussapo, a mim que sou dono de todas ellas.

Deu ordem ao Canapumba para se apromptar com todas as armas de guerra, visto que de madrugada tinha de sair para uma diligencia importante.

Um colono ambaquista que ainda ali encontrei, aproveitou a occasião de ir ao sul para fazer a cobrança de umas dividas pequenas que por lá tinha, e disse-me elle que a força não chegou ao encontro do branco, mas constou-lhe ser este João Baptista, de Benguella, que levava uma grande expedição por conta de Silva Porto. Trazia elle muitos Tungombes armados e Quiôcos caçadores, contratados para matarem elephantes, sendo um dente para elle, e outro para o caçador, que lh'o vendia, segundo o peso por ajuste previo. Os Quiôcos tendo chegado até ao ponto onde se tinham ajustado, fizeram as suas contas com o branco, e este seguiu para leste, voltando os caçadores muito satisfeitos, subindo o Lulúa, com os productos de seus contractos nas missassas (canastras).

A força vendo-os, e informada que o branco já tinha ido para leste, e que andava fora das terras de Muatiânvua, deu um ataque inesperado aos Quiôcos matando muita gente, sequestrando-lhes tudo, polvora, fazendas, armas, missangas, que vieram trazer ao Muatiânvua, o qual ficou satisfeito com o seu Canapumba, gratificando-o muito bem, assim como aos seus rapazes.

Este acto brutal ia custando mais tarde a vida a Lourenço Bezerra, quando este regressou passando pela povoação de um Quiôco que teve perdas de gente e de negocio por occasião do roubo. Valeu-lhe um velho chefe, o qual lembrou ao povo que

Lufuma (como o vulgo o conhecia), era um antigo amigo e negociante de Malanje de Muene Puto, que andava por estas terras ha muitos annos, nunca tratando mal ninguem; e que não se esquecia, quando passava pela porta dos amigos de lhe deixar uma lembrança.

Os Quiôcos allegaram que era Lufuma quem trazia polvora e armas para o Muatiânvua, e se este não estivesse tão fornecido não os mandava atacar ao caminho. Respondeu ainda o velho que Lufuma era negociante, e não era só ao Muatiânvua a quem fornecia polvora e armas, tambem as vendia aos Quiôcos, que lh'as procuravam. Não tinha culpa do uso que cada um fazia do negocio que lhe comprava.

Ainda assim esta discussão demorou Lufuma dois dias naquella povoação, mas finalmente lá se convenceram, deixando-o sair.

Não ficaram os Quiôcos aquem do Cassai muito satisfeitos com o Muatiânvua, e prometteram vingar-se quando pudessem.

Farto Ambumba de estar residindo em Capue-cá-Máxi, deu ordem de levantar, e foi estabelecer a sua nova mussumba (pouco mais ou menos por 1878) em Cauenda, num sitio mais a norte da mussumba de Muteba, a qual mandou arrazar.

Foi nesta mussumba que Ambumba recebeu em 1880 o explorador allemão Dr. Büchner. Este illustrado viajante era dotado de um genio especial; não se parecia com o Dr. Pogge. Mui concentrado e mettido comsigo, não se prestava a aturar o Muatiânvua nem os seus, e fechava-se na sua residencia para trabalhar tranquillo; não deixára ainda assim no principio de enviar ao Muatiânvua os seus presentes, e nos dias de maior paciencia, como fosse seu intento fazer a travessia por Cassongo de Cameron, e de passar por Canhíuca, de fazer diligencias para obter as boas graças de Ambumba; fez-lhe alguns abonos, deu-lhe emolumentos a elle e a pessoas de sua casa, e conseguiu photographá-lo, bem como a alguns quilolos de mais consideração.

Quando o Dr. Büchner desanimou de todo, quando conheceu que todos lhe mentiam, e que não conseguia realisar o seu

intento, e que uns e outros o visitavam só para lhe pedir fazendas, missangas, polvora e tudo a credito, foi quando se isolou mais.

Tinha dado photographias da familia imperial allemã ao Muatiânvua, e um bello dia viu as suas raparigas com as cabeças azeitadas, ornadas com aquellas photographias, que traziam entaladas ao alto numas cannas estreitas. Isto muito o desesperou.

Sabendo como se fazia o negocio, e não lhe convindo demorar-se á espera do pagamento, e esperando ainda poder em um ou outro qualquer ponto, tomar a derrota para Cassongo, procurava poupar os seus artigos de commercio, recusando-se a dar mais fiados mesmo ao Muatiânvua.

FILHA DE MUATIANVUA XUTEBA

Quiz o doutor quando em principio fallava com Xanama e com os seus quilolos, tornar bem conhecida a sua nação e distinguir-se dos Portuguezes, filhos de Muene Puto, e é certo que isto não agradou nem ao Muatiânvua nem á côrte, que observavam: — Poderá ser isso muito verdade, mas tu branco para cá vires, passaste pelas terras de Muene Puto e com sua licença, e nós, e os nossos velhos que já morreram, conhecemos só Muene Puto como o mais poderoso de todos os senhores de Estado que ha no mundo.

Á despedida, Ambumba encarregou o interprete particularmente de dizer a Quissesso (Saturnino Machado), que lhe não

tornasse a mandar *inguerêses*, que vinham dizer-lhe que Muene Puto era um Muata pequeno, e que entravam para as suas terras para voltarem com a fazenda que traziam; que se não fosse ter sido aquelle homem recommendado por Saturnino, não voltaria com a fazenda, pois bem sabia ser ella das terras de S. Machado, e não das suas terras como dizia.

Ainda assim quando o Dr. Büchner retirou, Ambumba obrigou-o a passar o Cassai no territorio de Mucanza, e ordenou a este que lhe fizesse um sequestro, se o viajante não quizesse negociar nas suas terras, e que o obrigasse pelos tucuatas e guias a metter-se ao caminho para Malanje.

Logo em Malanje o doutor previu que com carregadores d'aquellas immediações lhe não era possivel fazer a travessia, nem mesmo passar além da mussumba. É certo que estes e os tucuatas do Muatiânvua lhe estorvaram sempre as tres tentativas que fez para realisar o seu projecto, e mesmo o desviar-se do caminho de Malanje.

Que a expedição soffreu roubos no Mucanza e pelo caminho, conheceu-se mais tarde, porque cousas que lhe pertenciam appareceram na mussumba do Muatiânvua, já na mão dos tucuatas, já á venda.

Rocha, chefe da colonia, que encontrei, possuia uns sapatos novos que pertenceram ao Dr. Büchner, e que comprára por uma insignificancia.

O doutor esteve em Cauenda desde dezembro de 1880 a maio de 1881, todo o tempo das maiores chuvas. Nunca poude sair de onde se installára, trouxe pouco marfim e fugiram-lhe alguns carregadores com cargas, e outros abandonaram-no, e até nos seus trabalhos scientificos foi infeliz, porque todas as suas collecções e photographias feitas durante a viagem, se perderam no naufragio de um paquete inglez que as transportava de Loanda para o seu paiz.

Os Quiôcos além do Cassai a pretexto que a faca de Ambumba continuava na mão de Quissengue, e que aquelle a não queria resgatar, começaram a abusar da sua força e a atacar os vizinhos Lundas a pretexto de milongas, que elles

facilmente levantavam, e nas suas hostilidades iam matando os chefes das povoações que atacavam e levando todas as pessoas que lhes convinha, como presas de guerra.

Estes abusos iam tomando vulto, e grandes eram os queixumes que todos os dias se faziam na mussumba. Os quilolos aconselhavam o Muatiânvua a que resgatasse a faca da mão de Quissengue, pois que se ella continuasse em seu poder estavam perdidos os velhos do Estado, e todas as terras até ao Cassai. Xanama respondia invariavelmente que ia tratar d'isso, mas não o fazia, não obstante os quilolos se promptificaram a contribuir para o resgate.

Tendo morrido sua prima Macanda, a Lucuoquexe que tivera no Tengue, e que era irmã de seu Suana Mulopo, o Muata Quinana, mandou Xanama chamar este, e disse-lhe que devia ir acompanhar sua irmã, mandando-o logo matar!

Passado poucos dias como houvessem apparecido umas cousas quaesquer á porta da sua cubata de dormir, ordenou se matasse a sua Temeínhe, que tambem fôra segunda mulher de Muteba, porque pertencêra a um feiticeiro, e já andava fazendo feitiços contra elle.

Assim continuava fazendo engrossar e já muito, o grande partido de seus inimigos, á frente do qual estava a Lucuoquexe. Esta resolvêra depois de grande discussão com os quilolos mandar dizer ao Quibinda que tratasse de organisar no sul uma guerra, e avançasse sem receio, que todos estavam dispostos a abandonar o Muatiânvua, e a ir buscá-lo quando estivesse proximo; que estavam fartos de aturar Ambumba, que arruinava o Estado e ia matando todos os seus conselheiros.

Pela forma porque se lhe apresentaram um dia os quilolos na mussumba, e por alguma cousa que lhe disseram, começou o Muatiânvua a desconfiar que algum trama se estava preparando contra elle, e por isso chamou os filhos e despachou-os com gente armada para longe da mussumba, fazendo-os ir residir nas proximidades dos Quiôcos seus amigos.

Eram oito os filhos em idade de se estabelecerem. Enviou Noéji Mona Uta para Chibaraca, e ao segundo filho de nome

Ianvo, mais esperto do que o primeiro, e de genio turbulento, encarregou-o de fallar a Quissengue, participando-lhe que era chegada a hora de se prevenir contra a Lunda. Estava desconfiado que a côrte mandára chamar outro filho de Muatiânvua para lhe trazer uma guerra, e portanto se o matassem á traição e aos seus amigos, matasse elle todos os que tivessem contribuido para a sua morte, sequestrasse tudo, não deixando ficar cousa alguma nas terras da Lunda, finalmente, que fizesse do Estado de Muatiânvua um montão de capim.

Mais recommendou a este filho, que fosse para o sul e que dissesse aos seus amigos que o vingassem, não deixando entrar no Estado um filho de Muatiânvua que fosse contra elle.

A saida de seus oito filhos assim de repente, não deixou de causar uma certa estranhesa entre os velhos; no emtanto ninguem perguntou cousa alguma, e trataram com a Lucuoquexe de enviar novo portador a Quibinda para que apressasse a marcha.

Poucos dias depois d'isto mandou o Muatiânvua, então em Cauenda, chamar Rocha ao Luambata, a fim de vir, com papel e tinta, escrever-lhe uma carta. Rocha partiu de tarde e foi dormir lá, apresentando-se-lhe na manhã seguinte á hora das audiencias.

Pedíra a presença de Rocha para ditar uma carta a Saturnino Machado, pois queria despachar o cacuata Toca Muvumo e mais os companheiros, Caluamba, Rudungo e o calala Quilanda, com cincoenta dentes de marfim, uma onça (viva), uma anã e duzentos serviçaes tudo para Muene Puto, a quem pedia lhe mandasse em troca uma boa cadeira, uma umbella, uma cama, um cãosinho de oiro, boa fazenda, boa polvora, e um chefe, soldados e negociantes que estabelecessem na mussumba uma feira como havia em Malanje.

Escreveu-se a carta que elle entregou ao Toca Muvumo, recommendando-lhe que tivesse muita cautella com os Quiôcos.

O cacuata nomeado para dirigir aquella expedição, era muito pratico nos caminhos, mas Xanama ordenou-lhe ainda assim, que fosse a Mucanza, a fim de este lhe dar bons guias para

Quimbundo, e que d'ahi seguisse pelo caminho que lhe indicasse Saturnino Machado. Recommendou-lhe se lembrasse que elle fazia muito empenho em que tudo chegasse muito bem ás mãos de Muene Puto, e que no Cuango fallasse aos seus amigos e parentes ambanzas, para se prepararem com negocio de modo a acompanharem os soldados que elle mandava pedir a Muene Puto.

Toca Muvumo assegurou ao Muatiânvua que tudo seria feito como desejava, e que emquanto aos Quiôcos elles bem o conheciam a elle Toca. Sabia como devia de tratá-los, pois eram elles que estavam nas terras do Muatiânvua. Recommendou-lhe por ultimo Xanama, que se nesta diligencia tivesse noticias que elle fôra morto pelos mafefes dos Lundas, escusava de voltar, que ficasse com todo o negocio para si — não quero que quem vier depois de mim, disse elle, gose do que é meu, ou do que eu mandei comprar. Toca e os companheiros partiram.

Os quilolos começaram a desconfiar que Ambumba já sabia alguma cousa, e por isso combinaram mandar um novo portador a Ditenda, assegurando sempre ao Muatiânvua que estavam promptos a defendê-lo.

Houve noticia de ter Muvumo e a comitiva saido do sitio de Mucanza, acompanhados de um cacuata d'este, porém não querendo seguir o caminho indicado pelo Muatiânvua, o cacuata retirou, e a comitiva passou entre as povoações dos Quiôcos, dizendo Muvumo que ahi haviam de encontrar milambos para comerem, pois se os Quiôcos lh'os não dessem por vontade, haviam de dá-los á força, porque elle era agora o Muatiânvua do caminho.

Até ao Mona Muxico, ou por vontade ou por exigencias, foram os Quiôcos dando de comer á comitiva. Neste ponto aquelle chefe recebeu-os bem, e estranhou que Ambumba os mandasse passar pelo seu sitio, e lhes não enviasse algum presente, como era costume d'elle; comtudo mandou-lhes dar de comer.

Muvumo não poude conter-se, e participou que iam ás terras de Muene Puto de mandado do Muatiânvua, para chamar

negociantes para as suas terras; e saindo d'ali em vez de tomar logo o caminho para Quimbundo, quiz ainda seguir directamente para o Cuango onde habitavam os ambanzas seus conhecidos, e á má cara ia exigindo tributos nas povoações que encontrava. Deu isto logar a conflictos, e a ameaças de Muvumo, que ia buscar soldados de Muene Puto e Bângalas, para correrem com todos os Quiôcos outra vez para os seus sitios no sul.

Veiu logo um portador dar parte a Mona Muxico d'aquella ameaça, e elle que já estava desconfiado com a comitiva, immediatamente despachou portadores para Ambanza Ambumba e outros amigos no Cuango, prevenindo-os de que seguia uma grande expedição de Xanama para Muene Puto, que se dizia, ia buscar soldados para o ajudarem numa guerra contra Bângalas e Quiôcos, visto não apparecerem já negociantes na mussumba. Estes portadores conseguiram chegar rapidamente ao Cuango, e já todos os chefes dos portos estavam prevenidos para suspenderem a marcha da comitiva.

No emtanto foi avisado Xanama dos movimentos de Quibinda, ao sul, com grandes forças, e que elle se dirigia para a mussumba. Calculou logo que era uma guerra, e por isso chamou todos os quilolos e participou-lhes o que sabia; e como aquelles se mostrassem muito admirados, distribuiu polvora por todos, ordenando que estivessem promptos de madrugada e fossem esperá-lo ao caminho com a sua guerra.

— Eu queria matá-lo, dizia elle depois ao Muitía, porque bem previ que aquelle homem me havia de ser fatal, e que os quilolos haviam de pensar nelle para me substituir.

Ambumba estava enganado sobre o caminho que Ditenda seguia. Desesperado, depois de ter feito chamar Camaluína, irmã de Ditenda, e de a mandar matar, deu ordem para todos que estavam em Cauenda retirarem para o Calânhi, devendo passar no dia immediato o Cajidíxi e irem acampar em Chibaraca á espera do seu inimigo.

Logo no primeiro acampamento, zangando-se com um quilolo fê-lo morrer; com o que todos mais se exasperaram, e o

Muitía chegando primeiro a Chibaraca com a sua gente, avançou e foi apresentar-se a Quibinda proximo ao Lulúa, e atrás d'elles foram outros chefes.

Ambumba vendo isto deu ordem aos que ainda restavam fieis, para voltarem a Cauenda, mas pelo caminho a pouco e pouco foram todos debandando e fugindo para o Muatiânvua que já tinham escolhido, ficando elle apenas com um pequeno caxalapóli e com a Muári.

Nem já tinha sequer um chimangata, e só alta noite a pé e já muito fatigado chegou á mussumba de Cauenda. Não quiz ir procurar a sobrinha Lucuoquexe que tinha ficado, e entrou numa cubata da sua chipanga onde encontrou um velho.

Este admirado de ver ali o Muatiânvua cheio de fadiga e com os pés ensanguentados, perguntou-lhe o que succedêra, ao que este respondeu, que todos o abandonavam e iam em busca de Ditenda.

O velho disse-lhe: — «Ahi tem o seu castigo; só se lembrava de matar gente e estragar o Estado, agora vê-se na necessidade de fugir para que o não matem. De madrugada chega ahi o novo Muatiânvua, pois a nossa Lucuoquexe já partiu a esperá-lo, só lhe resta fugir».

Recebendo a noticia da partida da Lucuoquexe, julgou mais conveniente sair a toda a pressa para fora de Cauenda, e chegando ao riacho Séji matou a sua Muári, para que ella não soffresse mais. Continuou na sua marcha, e vendo a cubata de um malufeiro, entrou nella e pediu malufo. Este reparando que era o Muatiânvua teve dó d'elle, mandou-o entrar e deu-lhe de beber. Emquanto se cozinhava uma porção de infunde e um pedaço de peixe para lhe offerecer, foi Xanama sentar-se com a cabaça de malufo na margem do riacho proximo, onde um rapazito filho do malufeiro que o seguia, viu que depois de algum tempo depositára uma cousa no riacho, mas com muita cautella. O pequeno disse-o ao velho malufeiro, e este recommendou-lhe que não perdesse o tino ao logar.

Depois de ter comido e bebido, aconselhou o velho ser melhor ir elle esconder-se no sitio do seu Canapumba.

O velho tomando a arma e a faca de Ambumba, seguiu com elle, encontrando o Canapumba já de madrugada nas lavras e com elle atravessaram o rio Luíza para outra lavra. D'ahi o Canapumba conduziu o Muatiânvua para uma mata, e a pretexto de que ia arranjar-lhe de comer, não mais lhe appareceu.

Durante o dia o Muatiânvua andou por aquelles sitios, e logo que escureceu, descobriu pelo fumo uma cubata proxima, onde estavam duas raparigas. Estas vendo um homem áquella hora, quizeram fugir, porém elle fallou-lhes, pediu que não fugissem, que elle era o Muatiânvua que os traidores da Lunda queriam matar.

Tiveram dó d'elle e repartiram com o fugitivo a comida que estavam fazendo, mandiocas cozidas e jinguba assada.

Depois de comer, perguntou-lhes onde poderia ir dormir. Ellas indicaram um sitio proximo onde havia algumas cubatas sem gente, e que lá podia dormir á sua vontade. Saiu e foi para uma d'ellas, tendo antes arranjado um feixe de lenha para se aquecer.

O malufeiro voltando a casa foi ao rio com o rapaz, e encontrando o lucano foi levá-lo a Cauenda, á Suana Murunda, e na presença dos quilolos participou como o obtivera.

O Canapumba separando-se de Xanama a toda a pressa, dirigira-se a Cauenda, e já lá encontrou Ditenda que momentos antes chegára. Deu-lhe parte que Xanama estava no seu sitio só, com a sua arma e faca, e que por lá dormíra. Ditenda mandou sair uma diligencia para que fossem matar Ambumba e lhe apresentassem a cabeça d'elle.

Esta força chegou proximo da madrugada ao sitio onde o fugitivo se acolhêra, e perguntando na cubata das raparigas, soube onde elle estava, e para lá se dirigiu, espalhando-se. Como havia mais de uma cubata começaram os da força perguntando de cubata em cubata, quem estava dentro, e de uma d'ellas partiu um tiro que matou logo um dos homens, e em seguida saiu o Xanama, que com a faca atirou outro em terra fugindo rapidamente direito á mata. Os outros attonitos deixam-no adeantar-se.

Perseguido na matta conseguiu ainda fazer alguns tiros, todos certeiros, e quando a polvora se lhe acabou atirou fora a espingarda, e puxando da faca conseguiu matar e ferir os que d'elle se approximaram.

Os que estavam mais distantes, lembraram-se de procurarem bons logares para d'ahi fazerem uso das flechas e assim conseguiram feri-lo e por fim matá-lo. Dizem que no seu furor de matar gente pedia nos seus ultimos momentos, em altos gritos á mãe que lhe acudisse, pois que estava só.

Depois de morto, cortaram-lhe a cabeça, esquartejaram-no e transportaram-no assim para Cauenda onde foi queimado com grande alegria de todos. Era tal a sede de vingança, que se exigiu a morte de sua sobrinha a Lucuoquexe, por ser ella que se lembrára de o mandar chamar ao Tengue para tomar conta do Estado.

Isto custou ao Quibinda, mas elle ainda não tinha lucano, e os quilolos e povo estavam no auge de seu furor. Queriam agora exercer as suas vinganças pelo mal que Xanama lhes fizera, e não podendo Ditenda reagir, deixou obrar o povo á sua vontade. Foi morta a Lucuoquexe e por conseguinte muitas das suas amilombes para a acompanharem.

Estes acontecimentos deram-se em fins de 1883!

Xanama além dos oito filhos já indicados, deixou muitos ainda hoje de menor idade, e tanto rapazes como raparigas são como eu vi crianças mais ou menos defeituosas, e de grandes cabeças. Teem estado a cargo da Lucuoquexe, como é da praxe, até que haja um Muatiânvua que lhe dê destino.

Contaram-me na mussumba um episodio que se deu com Xanama e com pessoas que conheci, e que por ser curioso registei, e d'elle dou agora conhecimento.

Xanama era muito ciumento como já se disse e deu d'isso exuberantes provas. Um dia apresentando-se-lhe Umbala, filho do Muatiânvua Noéji — o Suana Mulopo interino que encontrei na mussumba do Calânhi, e que na minha retirada estava servindo de Muatiânvua — e a sua Muári — rapariga nova e bonita, que era filha de Xa Madiamba, e que tambem encontrei no

cargo de Lucuoquexe — depois de terem feito os cumprimentos do estylo, Xanama reparando na Muári, disse-lhe:

— Não é ella filha de Xa Madiamba?

— É, lhe responde Umbala.

— É bem bonita. Haveis de dar-m'a para minha rapariga, que eu vos darei outra para Muári.

— Ella aqui está, disse-lhe Umbala. E immediatamente lh'a entregou.

— Gosto do genio d'aquelle rapaz, dizia mais tarde Xanama aos seus quilolos, porque não tem nada de ciumento.

Consta que isto lhe valeu para ter as boas graças de Xanama, o qual nunca se lembrou de o molestar, e deu-lhe um Estado, onde Umbala se conservou afastado da côrte.

Muatiânvua Ditenda, vulgo Chibinda

Depois das ceremonias do estylo, adoptou Ditenda o cognome de *munvala má uíto* («onde nascem os rios»). Nomeou seu irmão Cangápua, Suana Mulopo, e Macanda, que fôra Muári de Xanama no Tengue, Lucuoquexe.

Não quiz sair da mussumba do Calânhi, e confiando a resolução das demandas a seu irmão, passava os dias encerrado na anganda, com as suas mulheres e com estas repartia os presentes que recebia.

Tinha pouca confiança na côrte. Afastado d'ella desde a infancia, não encontrou quem lhe fosse affeiçoado, e por conseguinte não podia escolher para ao pé de si gente com quem pudesse contar.

O proprio Muitfa, que fôra dos mais influentes a chamá-lo, e que fôra ao caminho buscá-lo, não o julgava dedicado; parecia-lhe que elle se inclinava mais para seu irmão, e deixou mesmo de apparecer na ambula para decidir milongas.

Acostumado desde a infancia á vida livre do caçador, aborrecia-o tanta ceremonia humilhante e tanto engano e embuste que tinha de ver na côrte.

Affeiçoára-se Muitía a Cangápua e passava o dia na sua residencia comendo e bebendo com elle, e procurando catechisá-lo para o dominar se tivesse de substituir o irmão.

É da tradição que os descendentes do Muitía teem sido os promotores das rebelliões, e das mortes dos Muatiânvuas, e apesar de alguns d'estes terem mandado matar aquelles dignitarios, não tem isso servido de exemplo, porquanto os que succedem no Estado de Muitía, julgam-se sempre superiores, e continuam imitando a má politica dos que os precederam. Provém isso de preponderancia que o Muitía quer ter sempre, sobre os grandes da côrte. E na verdade como o seu Estado é consideravel, composto de Uandas, e geographicamente está bem situado, de ha muito que podia ser independente, e não era a côrte do Muatiânvua que lhe podia fazer mal.

Se algum Muatiânvua tivesse feito retalhar este Estado por diversos potentados, certamente a sua preponderancia deixaria de existir.

O Muitía havia preparado um partido na côrte a favor do Suana Mulopo, e por isso poucos mezes depois de Ditenda governar já elle dizia:

—«Fomos buscar Chibinda ao sul para succeder a Xanama e enganámo-nos, era um bom caçador mas não presta para Muatiânvua. Passa a vida junto das raparigas e entrega o governo ao irmão. Não sabe comer comnosco o que recebe, mas sabe comer com as raparigas. Sendo assim, o melhor era dar o lucano a seu irmão, que está provando saber desempenhar o cargo que lhe confiámos.»

Estava decretada a morte do Muatiânvua, e poucos dias haveriam decorrido, depois d'estes reparos feitos á côrte, quando se encontrou Chibinda morto na cubata.

Sabendo-se da morte do Muatiânvua, que apenas governára durante cinco mezes e alguns dias, sem que houvesse motivo serio de queixa contra elle, estabeleceu-se grande confusão na mussumba, dizendo os mais velhos estranhos a qualquer conjuração, que o melhor seria chamar o velho Ianvo (Xa Madiamba), a quem de direito pertencia a governação, porque os filhos

de Muatiânvua por onde se podia fazer escolha, dariam sempre motivo a desordem no Estado, pois todos eram muito crianças, e os potentados, mesmo os que tinham voto na côrte eram novos, e nunca podiam dar bons conselhos.

O Muitía e os seus diziam que não se sabia onde parava Ianvo, e o Estado não podia estar sem Muatiânvua, esperando que elle apparecesse, e por isso entendiam que se desse o lucano a Cangápua.

AMBANZA QUITECA

Houve ainda grande discussão porque Cangápua tinha muitos oppositores, e o Muitía desesperado desembainhou a sua faca e exclamou:

—«Quero que Cangápua seja Muatiânvua, e se alguem se oppõe que o declare francamente, e disponha-se a sustentar uma guerra contra mim; nada receio de todos os quilolos juntos. Ha de ser Cangápua, o Muatiânvua que nesta occasião succederá a seu irmão, e se elle não for capaz, escolham então outro, que eu me sujeitarei á sua auctoridade seja elle quem for».

Em vista d'isto Macanda, que tremêra ao ouvir fallar em Ianvo, propoz se nomeasse já Cangápua e que houvesse harmonia entre todos, pois não podia esperar-se para quando viesse Ianvo, de que ninguem ha muito tinha noticias. Era prudente votarem todos nesta occasião com o Muitía, porque havia necessidade de mandar adivinhar a morte de Chibinda.

Suana Murunda apoiou a Lucuoquexe e lembrou que Cangápua era mais Muatiânvua do que o Muatiânvua que fôra morto, pois que logo de principio Chibinda lhe entregára a gerencia do Estado, e era justo que agora recebesse o lucano.

A pouco e pouco os quilolos iam-se mostrando conformados com o voto do Muitía, e deliberaram que se procedesse á ceremonia do enterro de Ditenda, e se desse posse do Estado a Cangápua. Communicada a este a resolução da côrte, não queria Cangápua acceitar, allegando que a morte de seu irmão não fôra natural e não desejava que os quilolos se persuadissem alguma vez, que elle concorrêra de alguma forma para aquella morte, com a ambição de pôr o lucano no braço.

Macanda e todos da côrte lhe declararam que ninguem se persuadia de tal cousa, pois bem sabiam que seu irmão lhe confiava o governo, e elle não tinha necessidade de pôr o lucano, porque de facto o Muatiânvua era elle.

Cangápua exigiu que se adivinhasse qual a causa da morte do irmão, e a côrte, que não queria tomar a responsabilidade das consequencias, deliberou que era bom que se fizesse isso, mas depois d'elle ser Muatiânvua, ao que Cangápua annuiu.

Muatiânvua Noéji Cangápua

Tomou elle posse do Estado em maio de 1884, e poucos dias depois teve noticia por uma comitiva do Congo, que Toca Muvumo com a sua expedição estava na margem do Cuango dispondo do marfim e escravos a favor dos Bângalas, porque não tencionava voltar á mussumba, dizendo que Xanama lhe havia recommendado, que se tivesse noticia da sua morte ficasse com tudo para si.

Eu soube em Malanje, quando ali estive organisando a Expedição, que os Bângalas não deixaram que aquella comitiva passasse o Cuango em direcção a Loanda, porque entendiam que só ao Jaga de Cassanje era dado enviar presentes d'aquella ordem a Muene Puto.

O marfim que então extorquiram á comitiva, foi o que se tem vendido depois de 1884 ao commercio de Loanda.

Cangápua foi estabelecer a sua mussumba em Chimane, e nesta occasião o Muitía pediu-lhe licença para ir visitar os seus quilolos, sendo na ausencia d'este que um caxalapóli lhe declarou que fôra o Muitía que entrára na cubata em que dormia seu irmão e o matára, estrangulando-o.

Quando o Muitía voltou, reuniu Cangápua em tetame a côrte, e disse-lhe:

—«Muitía é um traidor, foi buscar meu irmão de quem se fez muito amigo, e pouco depois sem que elle tivesse ordenado execução alguma, sem que tivesse ao menos conhecido bem os seus quilolos, matou-o por suas mãos para me dar o lucano a mim, de quem agora queria ser amigo. Eu não posso deixá-lo viver, porque ámanhã faz-me o mesmo, e portanto levem-no d'aqui e matem-no.»

Esta ordem foi cumprida immediatamente, pois todos andavam desconfiados que o Muitía perpetrára aquelle crime.

O Muitía que eu encontrei no Calânhi, foi quem lhe succedeu, e informaram-me que logo de principio trabalhou para que Quimbamba, filho de Noéji, e um dos irmãos mais novos de Xa Madiamba que estava no Cassai, viesse com uma guerra derrubar Cangápua compromettendo-se elle a auxiliá-lo.

Cangápua procurava imitar Muteba seu pae, e tratava de pagar as dividas do Estado creadas por Xanama; de fazer cuidar das lavras e de abrir os caminhos ao commercio; ao mesmo tempo que, para contentar os filhos de Muatiânvua lhes concedia Estados de que pudessem disfructar alguns rendimentos.

Mandou a Quissengue dois dentes de marfim e dez escravos, para resgatar a faca de Xanama, e acabarem os pretextos dos Quiôcos para guerrearem e roubarem as povoações Lundas; conseguiu que alguns quilolos e seus povos que se haviam afastado da mussumba regressassem a pouco e pouco, e ia adquirindo fama de bom Muatiânvua.

A teia porém estava já urdida pelo novo Muitía, e a intriga principiou outra vez a reinar, porque espalhando-se o boato

de que Xa Madiamba fôra visto, aquelle aproveitou esse ensejo para mandar portadores a Quimbamba, dizendo-lhe que havia noticia de que seu irmão Ianvo estava vivo, e que alguns quilolos pensavam em chamá-lo, e elle não devia perder a occasião de se antecipar, e podia fazê-lo muito bem com o apoio dos Quiôcos amigos de Xanama.

Fôra Mucanza, governador de Mataba, que tivera conhecimento do paradeiro de seu velho amigo Ianvo, por um Quiôco, Quigambo, tambem seu amigo, filho de uma mulher Lunda, e com quem elle mantinha relações de commercio[1].

Mucanza deu esta noticia a Suana Murunda e ao Canapumba que eram seus afeiçoados, e estes foram em verdade os primeiros que mandaram os seus presentes a Mucanza, agradecendo a boa nova e pedindo-lhe enviasse a Ianvo os signaes de suas pessoas que lhe remettiam, e lhe communicasse que a côrte o desejáva para seu Muatiânvua. Que devia apresentar-se, pois só a elle pertencia o logar; que já havia penado muito no exilio, emquanto que as crianças intrusas, seus netos (sobrinhos) iam comendo o que lhe pertencia, estragando as terras e matando os velhos.

Foi o mesmo Quigambo, quando voltou com negocios para o Cuango, o encarregado de fazer esta communicação a Xa Madiamba que estava então em terras do Anzavo na margem esquerda do Uhamba.

Constou a Cangápua que Suana Murunda e o Canapumba tinham fallado a alguns quilolos na conveniencia de se chamar o velho Ianvo para regressar á mussumba, visto saber-se onde elle estava, e o Muitía a quem elle perguntou se tinha conhecimento d'aquelle aviso, para inutilisar os esforços dos dois, que por certo se opporiam á entrada de Quimbamba, aproveitou a occasião de dispôr Cangápua contra elles, affirmando-lhe tambem ter sido avisado, mas que o Muatiânvua não devia

[1] Entretive relações com este homem, e d'elle tenho occasião de fallar na Descripção da Viagem, vol. ii.

fazer caso dos traidores, pois bem sabia que todos os quilolos o estimavam.

Não ficou satisfeito o Muatiânvua com a certeza do que até ali só suppunha ser um boato, e por isso na audiencia do dia seguinte vendo Suana Murunda conversar com Canapumba, imaginou ser de Xa Madiamba que tratavam e disse:

—Já sei que conhecem onde está meu tio Ianvo, e querem mandá-lo chamar para me matar. Elle poderá vir, mas não tereis o prazer de o ver.

Logo em seguida ordenou aos tumbajes que os levassem e lhes torcessem o pescoço.

Todos se levantaram, e o Muitía foi o primeiro a dizer aos quilolos que já eram tres as mortes que Cangápua mandava executar em tão pouco tempo, e que elle retirava para o seu sitio, e não voltaria á mussumba, emquanto aquelle Muatiânvua estivesse no Estado.

Principiára o descontentamento, e Macanda recebeu um portador de Quimbamba, participando-lhe que alguns quilolos o mandaram chamar para tomar conta do Estado, que elle estava prompto, mas não ia sem que a Lucuoquexe lhe mandasse dizer se devia ou não partir.

Macanda que ficára surprehendida com semelhante recado, mandou dizer a Muitía que precisava muito fallar-lhe, e vindo elle perguntou-lhe o que sabia a tal respeito.

Contou-lhe então este como havia preparado tudo para aquella solução, e que se fosse do seu voto respondesse que marchasse Quimbamba para as terras de Muene Panda no Lulúa, onde encontraria já Muene Capanga, parente de Muitía, e onde devia estar escondido até á occasião opportuna.

A este recado, accrescentou ainda Macanda, que ficára muito satisfeita com a sua resolução, pois Cangápua já havia mandado matar tres quilolos grandes, e todos estavam descontentes, mas que marchasse com muita cautella porque constava que Xa Madiamba estava a caminho, e era feiticeiro.

Quibamba partiu do seu sitio com os Quiôcos, e marginando o Cassai foi ao Mucanza; participou-lhe que da mussumba o

mandavam chamar para tomar conta do Estado, e por isso lhe vinha pedir auxilio.

Mucanza que estava encarregado pelos da côrte de chamar Ianvo, estranhou semelhante deliberação e respondeu-lhe: — «Que para elle era isso uma novidade, porquanto lhe constava estarem todos muito satisfeitos com o Muatiânvua Cangápua, e que não queria involver-se nesses negocios, porque depois diziam os da mussumba que elle era traidor, e levára a guerra ao Muatiânvua, para ir collocar um outro, por seu interesse».

Quiz convencê-lo Quimbamba que era por vontade da côrte que saíra do seu sitio, porém Mucanza desculpou-se de não intervir, compromettendo-se apenas a fazê-lo acompanhar por dois tucuatas a Muene Panda, porque demais a mais marchava com os Quiôcos, e a côrte ficára muito descontente com Xanama precisamente por causa d'elles, a quem ainda se não pagára o resgate da faca que Quibeu seu vizinho recusára levar a Quissengue, por ser pouco o que Cangápua lhe mandára, conservando ainda esse resgate em seu poder.

Quimbamba dizia que já se havia entendido com Quissengue e outros Quiôcos a este respeito, e que não tivesse duvidas em o acompanhar.

—Embora seja assim, objectou Mucanza, eu sou velho e nada tenho com os negocios da mussumba; faça-se Muatiânvua se pode, e ter-me-ha depois a seu lado, serei seu obediente servo.

Quimbamba não teimou e disse:

—Veremos isso; eu vou para Muene Panda e se quizer mande os guias.

Como de antemão estava combinado, logo que Quimbamba chegou ao sitio de Muene Panda, partiram portadores para a mussumba, a darem parte ao Muatiânvua que uma guerra de Quiôcos descia marginando o Lulúa, e vinha dando assalto ás povoações dos quilolos do Muatiânvua. Cangápua mandou logo chamar o Muitía, fez-se o toque de rebate, distribuiu-se polvora, e deliberou-se que fossem acampar na margem do Luíza e ali esperar que se reunissem os quilolos do Lulúa com as suas forças para irem esperar os Quiôcos ao caminho.

Assim se procedeu, e lá appareceram Mona Rinhinga, Muene Capanga, Massaca e outros com a sua gente, e assentou-se na madrugada seguinte avançar para as margens do Lulúa.

Antes da hora marcada já a gente de Muene Capanga se espalhára na anganda, esperando que o Muatiânvua saisse dos seus aposentos.

Quando este saiu, viu apontar as espingardas para elle, e diz-se que ainda teve tempo para exclamar: — «Que traição! é a minha gente!» Em seguida dispararam-se as espingardas e elle caiu redondamente no chão.

Quimbamba que estava com Muene Panda e os Quiôcos na outra margem do rio, ouvindo a descarga, que era ao mesmo tempo o signal de prevenção, passou o rio e esperou que o Muitía, a Lucuoquexe e Mona Rinhinga, Muene Capanga e outros grandes da côrte o fossem buscar.

Foram todos seguidos de muito povo, e transportaram-no para Cauenda, onde pernoitaram, e no dia immediato seguiram para o Calânhi, ficando o Quimbamba na margem esquerda, para entrar no dia seguinte na conformidade do estylo, passando o rio no porto do Cassaco.

Muatiânvua Quimbamba, vulgo Muriba

Quimbamba, que fôra Suana Mulopo de Ambumba no Tengue, viera com elle para a mussumba, porém quando este mandou retirar os filhos, tambem o aconselhou que voltasse para o Tengue na qualidade de Xanama, onde adquiriu o nome de Quimalanga, por ser um bom caçador.

Entrando em Cauenda intitulou-se logo Muriba [1], allusão a *cariba,* grande panella onde fermenta a garapa, e que estando cheia com difficuldade é arrastada por dois homens de um para outro logar.

---

[1] Outros chamavâm-lhe Cariba.

A maior parte do povo e mesmo alguns quilolos que nada sabiam das intrigas contra Cangápua, ficaram admirados com o que se passou, e diziam ser Muriba um intruso em quem ninguem pensára, por haverem muitos filhos de Muatiânvua antes d'elle com direito á successão no Estado.

Entrou Muriba na posse do Estado em fins de 1884, de modo que Cangápua esteve apenas uns seis ou sete mezes no poder.

Muriba pagou logo aos Quiôcos que o acompanharam, e despachou-os agradecendo-lhes o seu serviço, encarregando-os de fazerem sciente o Quissengue que em breves dias despacharia uma diligencia para Mucanza lhe mandar entregar o resgate da faca de Xanama que tinha recebido de Cangápua.

Escolheu para sua residencia a mussumba de Cauenda que fôra feita por Xanama, e principiou o seu governo seguindo os costumes d'este: — matar os velhos para dar bons logares aos rapazes de que queria rodear-se. Concedia o uso de miluína e da môuha ou palanquim a quem lhe parecia, sem attenção ao quesito essencial de ser descendente de Muatiânvua.

Alguns velhos a quem não agradava este procedimento, já cançados da successão de crianças, afastaram-se para longe da mussumba, e alguns até foram viver para os matos e outros para territorios de potentados independentes.

Muitos foram procurar Mucanza no Cassai, por ser mais graduado e antigo no Estado; lamentavam-se da desgraça a que chegaram as terras de Lunda por causa das ambições dos filhos de Muatiânvua. Procuraram convencê-lo da necessidade de se chamar Ianvo, homem já de idade a quem de direito o Estado pertencia, e que poderia salvá-lo de cair em poder dos Quiôcos. E se isto se não fizesse, acrescentavam elles, então cada um trate de se entregar aos Quiôcos, porque ao menos poupa a vida.

Mandou Mucanza consultar Xacambunje e Muene Luhanda, velhos potentados de seu tempo, sobre o que entendiam com respeito a Ianvo, e elles responderam que muito estimariam que Ianvo fosse Muatiânvua, porém conheciam bem o caracter dos Lundas da côrte (ampuédis), que eram falsos e traiçoeiros

e não queriam concorrer para a desgraça de Ianvo que mal ou bem ia vivendo descançado e livre da intriga. Que Mucanza era um quilolo velho que todos respeitavam e podia fazer o que entendesse, mas elles não o podiam auxiliar porque demais estavam rodeados de maus vizinhos, e sempre com receio de conflictos com elles.

Decorreram alguns mezes, e por mais de uma vez os da côrte mandaram pedir definitivamente a Mucanza que mandasse chamar Ianvo, e elle aproveitou então os seus tucuatas [1] que levavam negocio para o Cuango, para o inteirarem do descontentamento da côrte, e de lhe pedir que declarasse positivamente se annuia ao convite que lhe faziam de tomar conta do Estado de seus avós, que a elle de direito pertencia.

Resolveu-se Ianvo a sair do seu exilio, e ir esperar novas noticias de Mucanza nas margens do Cuílo em terras do Cassassa, onde a nossa Expedição o foi encontrar.

Muriba fôra prevenido que Mucanza tinha noticias de Ianvo, seu irmão mais velho, e receando que o mandasse chamar para vir derrubá-lo, nomeou Cahunza, filho de Xanama, para ir para o sitio de Mucanza com força armada, e quando lhe ordenasse lhe fizesse guerra, o matasse e tomasse posse do seu cargo.

Para que Mucanza o respeitasse devidamente, concedeu-lhe miluína e môhua, e como seu auxiliar nomeou Ambínji para o logar de seu tio Calenga, em Mataba, aquelle que Xanama havia demittido e prendido na mussumba com os sobrinhos.

A Ambínji tambem Muriba concedeu as mesmas honras de Muatiânvua.

Ambínji era novo e ambicioso, e Muriba para mais o attrahir a si obrigou-o a beber-lhe o seu sangue, como testemunho de que seria leal e daria a vida para salvar a do Muatiânvua.

Cahunza pela sua parte, que não tinha Estado e fôra desprezado sempre pelos successores de seu pae, por o conside-

---

[1] Ruvumo, Mema Tundo, Noéji e Muluanda. Vide as respectivas gravuras a pag. 121, 185, 193 e 196.

rarem ainda novo, satisfeito por ser contemplado por Muriba, tambem quiz beber o sangue do Muatiânvua para lhe provar que estava disposto a matar Mucanza quando lh'o ordenasse.

Como Cahunza e Ambínji tinham ambos bebido sangue de Muriba, assentaram depois em beberem o sangue um do outro, para trabalharem como bons alliados na causa que era commum a ambos, de seu amo que nelles confiava.

Eis um juramento de sangue em que pela primeira vez ouvi fallar, e que só teve consequencias favoraveis para Ambínji, porque novas ambições obrigaram Cahunza a exilar-se.

Cahunza partiu com sua gente e foi estabelecer-se proximo da mussumba de Mucanza, na margem esquerda do Cassai ao sul da confluencia do Lussanzéji, e Ambínji seguiu depois ao seu destino; mas como no caminho fosse avisado de que Mucanza, sabendo que Muriba lhe concedêra miluína, dissera: — que se elle se apresentasse na sua presença com aquelle distinctivo sem lhe pedir permissão, lh'as quebraria na cara — entendeu dever passar pelo seu sitio, e para que Mucanza não desconfiasse da missão de que estava encarregado, mandou-lhe dizer que estando de passagem para ir tomar posse do Estado de seus avós por ordem do Muatiânvua, o desejava cumprimentar como o mais velho nas terras de Mataba.

Mucanza satisfeito com esta attenção que não esperava, mandou logo portadores cumprimentá-lo ao caminho e convidá-lo para ir beber com elle. Saudaram-se reciprocamente, e Mucanza apesar de muito pratico nas intrigas da côrte não conseguiu saber qual o fim da missão nem de Ambínji, nem de Cahunza, que dias antes se havia estabelecido na sua vizinhança e com quem quasi todos os dias se avistava.

A muári de Mucanza tambem bebeu, e mais depressa que elles sentiu os effeitos inebriantes do malufo, de sorte que quando Ambínji retirava sem ter agradecido a bebida, e procedesse apenas como de igual para igual, dirigiu-se a elle e arrancou-lhe uma miluína que pizou aos pés, exclamando: — Então Ambínji, uma criança, não agradece ao Muatiânvua a bebida que este lhe deu.

Esta acção provocou grande algazarra, e Ambínji disse a Mucanza que nunca esperára elle o convidasse para ser desfeiteado por uma serva.

Mucanza reconhecendo que a sua muári fizera mal, respondeu, que não devia elle fazer caso d'aquella criancice, porquanto não fôra a Muári e sim o malufo que a fizera.

É da tradição que este facto precipitou os acontecimentos que tiveram logar em seguida, e em que por muitos annos se ha de fallar como successos extraordinarios.

Muriba procurou empregar os filhos de Muatiânvua, rapazes novos, afastando-os da mussumba, onde, dizia elle, a ociosidade os tornava irrequietos, e era o que os incitava a organisação de partidos. Mas se nisto elle pensava com acerto, é innegavel que para obter logares para elles descontentava os velhos e antigos quilolos, com exigencias de tributos e contingentes de forças para guerrear outros quilolos sob o mais pequeno pretexto.

O Muitía que era um dos mais contemplados por Muriba, e a quem este encarregava de diligencias em que sempre aproveitava — ou porque reconhecesse como os velhos que Muriba procedia mal, ou porque era de mau caracter — mandou a Noéji, filho mais velho de Xanama, que estava no sul em terras de Xacambunje, um presente de dois dentes de marfim e convidá-lo a que organisasse uma guerra de Quiôcos contra Muriba, pois se não aproveitasse a occasião, era de suppôr que Xa Madiamba viesse tomar conta do Estado, não obstante Muriba já ter providenciado para lhe cortarem a marcha pelas terras de Mataba.

Noéji recambiou o presente, e respondeu que lhe não convinha intrometter-se nos negocios do Estado; que estava bem e muito socegado nas terras em que seu pae o deixára e era-lhe indifferente este ou aquelle Muatiânvua, comtanto que o tratassem bem, porque elle pela sua parte respeitaria sempre o que estivesse no Estado. Que não contasse a côrte com elle para fazer guerras ao Muatiânvua, e que desistia mesmo de todos os seus direitos em favor de seu irmão Ianvo (Quicubo).

Nova diligencia fez o Muitía com este, que estava então no Cassai ao sul, fazendo-o sciente do descontentamento da côrte com Muriba, que estava vendendo não só as melhores raparigas do harem dos Muatiânvuas, mas até as filhas d'estes, e da resolução irrevogavel de seu irmão mais velho Noéji de não querer o Estado para si.

Quicubo, que dizem era muito ambicioso, ou por conveniencia ou porque essa fosse na verdade a sua opinião, respondeu-lhe:

—«Que depois de terem assassinado seu pae, não deviam ter chamado outro filho de Muatiânvua para lhe succeder de preferencia a seu avô (tio 2.º) Xa Madiamba, a quem pertencia o Estado, mesmo antes de seu pae; mas já que tinham chamado Cangápua que era um bom rapaz, elle nunca perdoaria a Muriba o fazer-lhe guerra e ser causa da sua morte. Finalmente que não contassem com elle para Muatiânvua, mas que para guerrear Muriba não precisava do auxilio da gente da mussumba, e que mais tarde ou mais cedo o faria.»

Não desistia o Muitía de incitar Quicubo com a sua correspondencia, e á mais pequena manifestação de desagrado que havia na côrte com respeito a Muriba, fazia-lh'o constar immediatamente.

Quicubo que era ainda rapaz, matou, uns dizem accidentalmente, outros por valentia ou por loucura, dois de seus companheiros, o que obrigou o pae a desviá-lo da mussumba e entregá-lo a um potentado Quiôco seu amigo, para tomar conta d'elle e reprimir-lhe os desvarios.

O Muitía procedia pois de modo a estimular-lhe o genio irrequieto a fim de elle vir com forças atacar Muriba, contando que depois não deixaria de acceitar o lucano, sendo-lhe offerecido pelos quilolos maiores do Estado; porém Quicubo desejando estar ao facto dos acontecimentos, dizia ser ainda criança e ser seu voto que primeiro devia entrar seu velho tio por quem estava prompto a trabalhar.

Tentou então o Muitía desinquietar Noéji, outro filho de Muatiânvua, irmão mais novo de Xa Madiamba, que estava em

terras de Caiembe Muculo na margem direita do Mulungo já proximo do Lubiláxi, a quem mandou participar o descontentamento que havia com o Muatiânvua, e que viesse elle com forças de Caiembe que seria auxiliado pelos da mussumba, em expulsar Muriba e tomar o seu logar. Tambem este recusou, preferindo o seu socego e liberdade para caçar, e aconselhou-o a que chamasse seu irmão Xa Madiamba, a quem de direito o Estado pertencia.

IANVO (XA MADIAMBA)

O Muitía, desesperado por todos lhe aconselharem a entrada de Xa Madiamba, principiou então outra campanha, e vinha a ser, incitar Muriba contra Xa Madiamba, indispondo-o primeiro contra Mucanza, que elle suppunha e bem, pelo facto de este estar no Cassai e ser um quilolo que tinha muitas armas, seria o intermediario entre os quilolos da mussumba e o Xa Madiamba. Neste proposito favoreciam-no de certo Cahunza e Ambínji, bons alliados de Muriba, que lá estavam já espionando todos os movimentos de Mucanza.

O Caungula do Mucundo (V. pag. 388)—que tambem era um grande potentado, cujas terras chegam até ao Cuílo, e vizinho de outro não inferior demorando ao norte, com honras de Muatiânvua, o Muquelengue Cumbana—de accordo com este, deliberou, em vista das solicitações de Mucanza em nome da côrte, proteger a marcha de Xa Madiamba para a mussumba,

e por isso fê-lo chamar para o seu sitio, mandando-lhe forças para o acompanharem.

Estavam no Caungula cinco tucuatas demorados, de regresso para a mussumba, que por ordem ainda de Xanama tinham ido ao Cuango fazer negocios; um d'elles pertencia á familia de Canapumba (V. pag. 184) e era chefe da maior comitiva de cargas de fazendas, polvora, etc.

Havendo chegado portadores de Mucanza para Caungula mandar pedir a Xa Madiamba uma resposta, sobre se queria ou não acceitar definitivamente o Estado que lhe offereciam os da côrte, e caso este acceitasse para que ordenasse os seus tucuatas na volta do Cuango que ficassem já ao serviço de Xa Madiamba; chamou Caungula os referidos tucuatas para que ouvissem aquelle recado e que, como eram da côrte, deliberassem se queriam já seguir, ou se tambem queriam acompanhar Xa Madiamba. Deliberaram estes aguardar a resposta de Xa Madiamba e se este acceitasse irem logo ter com elle onde estivesse.

O que pertencia á familia de Canapumba, apesar de votar com os seus companheiros, ficou contrariado, e de noite despachou um dos seus rapazes para dizer a Muriba que estava demorado por Caungula, e dando todas as noticias com respeito ás diligencias de Mucanza para todos acompanharem Xa Madiamba. Que este estava a caminho com a protecção dos quilolos áquem do Cassai, etc., e que Muriba devia já mandar matar Mucanza. Que elle cacuata levava muito negocio que era do Muatiânvua, e que lhe mandasse rapazes fortes e de confiança para o transporte das cargas, porque Xa Madiamba em sabendo que elle levava estas cargas, havia de querer assenhorear-se d'ellas, pois tinha boa gente a seu lado; e finalmente que elle em tendo occasião avançaria, etc., etc.

Era isto uma traição, que deu em resultado descobrir-se o que estava preparado pelos mais velhos da côrte, e de que o Muitía tirou partido, incitando Muriba contra os quilolos com quem não contava para os seus intentos, fazendo precipitar acontecimentos que de outro modo se não dariam.

O Muatiânvua tendo noticias tão minuciosas sobre as diligencias que se faziam para o derrubar, e que era Xa Madiamba quem pretendiam o substituisse, tratou logo de tomar as providencias necessarias e de prevenir Cahunza e Ambínji que era chegado o momento de cumprirem os seus juramentos, e que estivessem promptos e vigilantes, porquanto Xa Madiamba vinha a caminho com uma guerra, e ao menor movimento que conhecessem na chipanga de Mucanza fossem ao encontro d'elle mas matassem primeiro Mucanza.

Tambem não foram estas ordens dadas com tanto sigilo que Mucanza não fosse prevenido d'ellas pelos seus amigos, antes da chegada dos portadores a Cahunza, que por disfarce Muriba encarregára de transportar dois dentes de marfim e vinte servos, dizendo-se uma diligencia que o Muatiânvua mandava a Mucanza para elle resgatar a faca de Xanama do poder de Quissengue. O chefe da diligencia, encarregado do recado para Cahunza, tinha ordem de ficar na chipanga d'elle como auxiliar, se fosse preciso, contra as forças de Mucanza.

Mucanza mandou chamar o seu vizinho Quibeu (V. pag. 342), potentado Quiôco com quem vivia ha muitos annos em boas relações, communicou-lhe a noticia que tinha de que Cahunza e Ambínji recebiam ordem de Muriba para o matar, deu-lhe o múvi que elle acceitou, para se tornar seu alliado, se tivesse de sustentar alguma guerra, e para não se prestar a auxiliar as traições dos Lundas.

Poucos dias depois de sair aquella diligencia da mussumba foi avisado o Muatiânvua de que os Quiôcos do Cassai e do Luembe ao sul, se estavam preparando para irem fazer as costumadas gazivas aos Tubínjis, no que se dizia eram auxiliados pela gente de Mucanza, mas que d'esta vez vinham dispostos a darem assaltos ás povoações lundas do Lulúa e seus affluentes.

Muriba queria acreditar-se na guerra, contava com os rapazes a quem tinha feito senhores de Estado, e ao mesmo tempo queria elle mesmo guerrear Mucanza; por isso aproveitou o ensejo e em audiencia depois de ouvir estas noticias disse:

—«Iremos ao seu encontro, nada devo aos Quiôcos, e se quizerem experimentar forças commigo ficarão sabendo com quem se mettem».

Preparou a guerra e mandou dizer a Mucanza que ia com as suas forças acampar em um determinado ponto no Lussanzéji, que o Muitía ia mais para o sul no Cassai, que Mona Rinhinga ficaria no sitio, e que Mucanza fosse acampar com a sua gente defronte d'elle Muatiânvua no Cassai.

Este desconfiando de traição mandou-lhe dizer:—Que bem sabia que lhe confiára Cahunza filho de Muatiânvua, e que elle não o devia deixar só; que se o Muatiânvua vinha acampar no Lussanzéji, precisando dos seus soccorros elle lá iria. Acrescentava, que o Muatiânvua não fazia bem em abandonar a sua mussumba para fazer guerra aos Quiôcos, que iam como de costume ao norte e não atacavam gente da Lunda.

Muriba contrariado, mandou novos portadores a Mucanza, dizendo-lhe que já tinha partido e ia acampar no Lussanzéji, e que se o não visse a seu lado depois de guerrear os Quiôcos, iria arrazar o seu sitio. Havia de o castigar exemplarmente pela sua desobediencia.

Mucanza não deu resposta e fez sair portadores para Xa Madiamba, prevenindo-o d'estas occorrencias, e incitando-o a apressar a sua viagem, pois já estava sentenciado, e se morresse de certo elle Xa Madiamba teria a luctar com novas difficuldades para tomar posse do seu logar.

Tiveram conhecimento os Quiôcos das disposições do Muatiânvua, e os que, como amigos, o tinham acompanhado para tomar conta do Estado, ficaram admirados que elle saisse da mussumba para se oppôr á marcha das suas forças sobre os Tubínjis, mas não desistiram do seu intento.

O Muatiânvua ordenou ao Muitía que avançasse para o sul e fosse ao encontro dos Quiôcos para os fazer recuar, que elle se sustentaria com as forças do Mazembe no acampamento em que ficava.

De facto vieram os Quiôcos e declarou-se a guerra, sendo derrotadas as primeiras forças que investiram com os acampa-

mentos do Muitía e de Muriba. Mas como os ataques se dão de tempos a tempos e os inimigos se escondem pelos matos para entrarem em novas combinações, estas victorias singulares não põem termo ás guerras, e os acampamentos conservam-se por muito tempo de prevenção esperando novos ataques.

Foi nesta occasião que chegou ao sitio de Mucanza uma grande comitiva de Bângalas, de que era chefe o conhecido Ambanza Ambumba, de Cassanje, acompanhada de portadores de Xa Madiamba, que recommendavam a Mucanza o seu amigo Ambanza que queria fazer negocio, mas que era de conveniencia que Mucanza permutasse todo o negocio que elle levava, para que as armas e polvora não fossem para a mussumba. Que Xa Madiamba recebêra os seus ultimos portadores já no Caungula, e ali esperava novas noticias d'elle, sobre as occorrencias da mussumba, e que viessem forças de Muata Cumbana, do Maí, e do Bungulo e de outros para o acompanharem, porque visto a traição que houvera, era possivel que Muriba se lembrasse de mandar emboscadas para o caminho.

Cahunza tomou muitas espingardas e polvora a credito, e mandou alguma cousa para Muriba, dizendo-lhe que Mucanza suspendêra a marcha de uma comitiva de Bângalas que tencionava ir á mussumba, e a esta resolução de certo não era estranho Xa Madiamba, porque tinham vindo com os Bângalas tres tucuatas que se suppunha serem portadores d'elle.

Muriba mandou a Ambumba de presente uma mulher e dois rapazes, aconselhando-o a que fosse ter com elle com o seu negocio porque o tomava todo, pagando-o de prompto; porém Mucanza informado do recado, preveniu Ambumba que tivera noticias, que lhe mereciam confiança, de que estava em marcha Quicubo com forças de Luenas, Cossas e Lassas para reforço dos Quiôcos que se batiam com as forças do Muatiânvua, e que elle iria arriscar o seu negocio e a sua gente, e devia pensar primeiro se lhe convinha ir passar o Cassai nesta conjunctura.

Os rapazes da comitiva a que o Ambumba consultára sobre o conselho de Mucanza principiaram a disparatar, dizendo

que este o que queria era ficar com o negocio d'elle a troco de gente velha e feia, e por isso dava estes conselhos. Que ficasse elle Ambanza, mas elles seguiam.

Não sendo possivel conter os rapazes que estavam muito esperançados, exactamente por ser occasião de guerra, em venderem bem a sua polvora e armas, tanto gritaram e tanto fizeram que o velho chefe entendeu dever entregar o negocio já realizado á guarda de Mucanza, despedir-se d'elle e seguir com os da comitiva, não obstante haver alguns que iam contra vontade.

No segundo dia de marcha Ambumba, que tinha ficado atrás a beber malufo com os velhos companheiros, ao chegar proximo do Caunguéji, viu os seus rapazes já em conflictos com os Quiôcos e tratou de apressar a marcha.

Os Quiôcos exigiram aos que iam na frente tributo de guerra, e estes que se viram rodeados, pararam e disseram que atrás vinham os velhos com quem se deviam entender. Resolvido que assim seria, entenderam os Bângalas ir descançar á sombra, esperando que chegasse o Ambanza e os seus companheiros, e dirigiram-se para umas arvores.

Os Quiôcos pensando que elles iam proseguir na marcha, dispararam as armas contra os Bângalas, uns foram feridos, e alguns mortos, outros fugiram largando as cargas, e o proprio Ambumba, que corria para apaziguar os contendores, caiu ferido numa perna.

Os Quiôcos trataram logo de dar um assalto ás cargas abandonadas, e os Bângalas que escaparam trataram de levar os feridos, indo alguns na frente prevenir o resto da comitiva que vinha atrás para voltarem todos ao acampamento onde tinham pernoitado.

Como fosse de menos cuidado o ferimento de Ambumba, era então elle que estava teimoso em ir ao encontro do Muatiânvua, caminhando agora para o norte para atravessar depois no Lussanzéji. Ordenou que os feridos e áquelles que não quizessem acompanhá-lo que regressassem ao Mucanza, e ahi esperassem por elle.

Os mais destemidos que tinham ainda algum negocio e que quizeram acompanhar o velho, foram, não obstante a opinião contraria e os conselhos dos que ficaram.

Quando esta gente chegou ao acampamento de guerra do Muatiânvua, já lá se sabia da derrota que soffrêra a comitiva, e o Muatiânvua recebeu-os muito bem, e pagou-lhes de prompto todo o negocio que lhe levavam, mas a fatalidade perseguia-os, porque na tarde d'esse dia chegou o Muitía com as suas forças, dando parte de ter destruido dois *ibengues* (acampamentos quiôcos), porém que vinha para junto do Muatiânvua porque Mona Rinhinga fôra desalojado e tivera de fugir só com a sua arma para a chipanga do Mucanza.

Conta-se que a derrota de Rinhinga, que se tinha sustentado antes, matando muita gente de duas expedições de Quiôcos, fôra devida a uma traição.

Uma nova expedição que lá fôra, por conselhos de Quicubo, convenceu a gente de Rinhinga que elles faziam parte da guarda avançada de Xa Madiamba e que este mudára de rumo e queria por ali passar para a Mussumba, emquanto Muriba estava guerreando com os Quiôcos. Aquella gente receberamnos de braços abertos, offereceram-lhes de comer, mas antes da madrugada, quando tudo dormia descançadamente, os hospedes deram um assalto ás casas da povoação, fazendo grande mortandade e destroço escapando-se Rinhinga pelos matos, abandonando tudo quanto tinha.

Em seguida ao Muitía chegaram Lundas fugidos de povoações ao sul, dando parte que vinham grandes forças por ali commandadas por Cássue-cá-Mutena de ordem de Muxídi, para vingar as mortes dos Quiôcos feitas pelo Muatiânvua. Ninguem podia conjecturar o que seriam esses dois personagens; pois só se conhecia um potentado Muxídi, muito ao sul, e um Quiôco que tinha o cognome de Cássue-cá-Mutena, mas esse pertencia a Catende e nunca viera á Lunda.

Por um signal que o portador da noticia fez ao Muitía, percebeu este que alguma cousa tinha elle a communicar-lhe, provavelmente de Quicubo, por isso tratou logo de dizer ao Mua-

tiânvua que não havia tempo a perder e tratasse de regressar á Mussumba com a gente que lhe fosse indispensavel, que elle com as suas forças protegeria a retirada.

Muriba não acceitou o conselho, e ordenou ao Muitía que fosse para uma matta distante com a sua gente esperar a guerra, que elle ali ficava com o Canapumba.

Conseguiu o Muitía saber que Muxídi era Quicubo, e que quem commandava as forças era o irmão immediato; por isso tratou de prevenir o Canapumba e Suana Murunda de que era occasião de abandonarem o Muatiânvua, se queriam salvar a cabeça de Mucanza e depois se pensaria em quem devia succeder-lhe, e que elle dava o exemplo retirando já de vez para o seu sitio.

Partiu o Muitía para a matta e todos o suppunham ahi escondido. O Canapumba, avistando ao longe as forças do inimigo tratou de dar o signal de fugir á sua gente, e o Muatiânvua viu-se de repente rodeado de Quiôcos e com muito pouca força a seu lado.

Os que sobreviveram a este combate, que chegou a ser de corpo a corpo, dizem que Muriba matou muita gente e só desanimou quando o seu valente Suana Mulopo cahiu por terra e elle se viu só com as mulheres.

Nesta refrega morreram tambem muitos Bângalas, e os que escaparam correram em debandada para differentes pontos, sendo alguns presos com os Lundas pelos Quiôcos.

Em poder do inimigo ficaram as insignias do Estado, a Suana Murunda com o deposito dos braceletes e muitas raparigas do harem de Muatiânvua que Muxídi havia recommendado não fossem maltratadas, porque o seu empenho era só que matassem Muriba e lhe trouxessem todas as insignias que elle depois resgataria.

Este combate deu-se em outubro de 1885, e Cássue-cá-Mutena mandou participar a Muxídi o seu bom exito, e que não retirava já com as forças porque os Quiôcos não estavam satisfeitos, pois tinham tido muitas mortes, e queriam vingar-se dos Lundas roubando agora toda a gente que pudessem.

Perseguiram os Lundas até Cauenda, fizeram grandes aprehensões de gente em todas as povoações d'ahi até ao Calânhi, e quando regressaram arrazaram toda a mussumba de Cauenda, e largaram fogos aos destroços, de modo que quando ahi passei um anno depois, apenas se viam extensas campinas sobrepujadas de alto capim.

Calcula-se que d'esta vez foram presas dos Quiôcos mais de seis mil pessoas de ambos os sexos, entre adultos e crianças, sendo porém a maior parte mulheres.

Como no Calânhi onde queriam acolher-se os Lundas que conseguiram escapar, não havia espaço para todos, e mesmo se carecia de recursos para a sua manutenção, os que mais se affoutaram e passaram o Cajidíxi para Canoquene, não voltaram, e suppunha-se que haviam sido mortos e comidos pelos Uandas.

Muxídi tendo conhecimento da pilhagem feita pelos Quiôcos, e do deploravel estado a que ficaram reduzidas as povoações, despachou logo portadores para a Mussumba a dar parte: que fôra elle effectivamente quem organisára a guerra contra Muriba, por este ter sido causa da morte de Cangápua, o qual era um bom Muatiânvua e fôra assassinado traiçoeiramente, e que não procedêra assim por ambição, porque primeiro estavam seus tios, e antes de todos, devia ser escolhido Xa Madiamba, completamente extranho á morte de seu pae e que muito tinha soffrido no exilio por caûsa das perseguições d'elle. Finalmente, que não mandára os Quiôcos atacar a mussumba, que isso era da conta d'elles, e o que roubaram fôra em proveito proprio.

O Ambanza Ambumba chegára num estado lastimoso ao Mucanza, com a sua comitiva dizimada, tendo morrido muitos Bângalas e muitas das suas mulheres e filhas que os haviam acompanhado. Com respeito ao negocio que lhe dera Muriba tudo estava perdido. Dos individuos que não appareciam, e que se suppunha estarem mortos, contavam-se cento e quarenta e seis pessoas que tinham partido do Cuango, além de cento e vinte que lhe entregára o Muatiânvua.

Cahunza, que se compromettêra no dia seguinte a pagar ao Ambunza os seus creditos, fugiu com toda a sua gente para a Chipanga do Ambínji, a 26 kilometros do Luembe.

Mucanza entregou a Ambumba o que tinha em seu poder, pagou-lhe todos os creditos e fê-lo acompanhar e ao resto da comitiva até ao Cacunco que protegeu a passagem no Luembe.

Esta comitiva encontrou-me no sitio do Caungula em dezembro de 1885, e consegui livrá-la de novas extorsões a que

MUENE MASSACA UMBALA

aquelle potentado pretendia sujeitá-la, por haver teimado em passar o Cassai e ir vender polvora a Cahunza e a Muriba.

Cahunza tendo noticia pelos Bângalas da derrota de Muriba, julgou-se pouco seguro na chipanga de Mucanza e por isso veio para junto do seu alliado, para assentarem no que tinham a fazer.

Não ignorava Mucanza que elles tramariam juntos para o matar, e que Cahunza, que era muito ambicioso, procuraria alliciar gente sua, mesmo parentes, para se fazer Muatiânvua;

mas por outro lado confiava em Quibeu seu vizinho, e que Muxídi não consentiria que seu irmão mais novo fosse Muatiânvua antes d'elle. Todavia eram frequentes os seus recados a Xa Madiamba para apressar a viagem, e ao Caungula para proporcionar-lhe todos os meios de elle seguir.

Muxídi pela sua parte tambem se correspondia com o velho Mucanza, e incitava-o pára que chamasse Xa Madiamba a quem sómente entregaria as insignias do Estado, devendo este comprometter-se a pagar aos Quiôcos, pois que elle nada tinha e só queria para si o Estado de Suana Mulopo ou do Muitía. Prevenia Mucanza que se acautelasse com Cahunza e Ambínji porque haviam de oppôr-se á marcha do Xa Madiamba, e quando encontrassem quem os auxiliasse o matariam a elle.

Cahunza por conselhos de Ambínji foi residir numa ilha que ha no Cassai em frente das terras de Mataba, e ahi aguardava os acontecimentos, ao mesmo tempo que vigiava mais facilmente os movimentos que houvessem na margem direita do rio neste ponto, podendo por conseguinte suspender por ahi toda a correspondencia da Mussumba com Mucanza.

Um dos parentes de Mucanza que ambicionava tomar o seu logar, entrou em combinações com Cahunza, na supposição de que este organizava partido para se fazer Muatiânvua. Principiaram pois os manejos contra Mucanza, entre os tulambas (auctoridades de Mataba) seus subordinados.

Prevenido este potentado do que se estava preparando, despachou seu filho Muzequele para Xa Madiamba, participando não lhe ser possivel mandar mais portadores; que estavam cortadas as communicações com a Mussumba; que a sua posição se tornára insustentavel agora, porque a maior parte dos seus parentes estavam de accordo com Ambínji e Cahunza; que confiava em Quibeu, porém este recebêra ordens de Quissengue para lhe exigir o resgate da faca de Xanama que em tempo lhe fôra enviado da Mussumba, o que na occasião não poude remetter; e finalmente que ia tentar, com a pouca gente que lhe era dedicada passar ao Luembe e esperar ahi que elle chegasse.

De facto partiu Mucanza e dirigiu-se a Cacunco Ifana Mujinga, a quem deu parte dos motivos da sua retirada; este que receava conflictos nas suas terras, apoiou a sua retirada e pela sua parte proporcionou-lhe os meios indispensaveis para seguir o mais depressa possivel ao seu destino.

Determinára Mucanza passar o rio no porto do Xa Ianvo, e de madrugada, quando para ahi seguia, appareceu-lhe o seu parente Xa Muhongo com a sua gente declarando-lhe que viera ao seu encontro para proteger a sua marcha, mas que lhe entregasse toda a polvora que trazia para elle o defender.

Estavam em discussão quando Mucanza reparou que já muito pouca gente sua o rodeava e calculou que estava atraiçoado. Pouco depois ouviu gritos de alarme:—Lá vem Cahunza com os Lundas! A Muári Massango (primeira mulher de Mucanza) e todas as suas raparigas já foram amarradas! etc.

Mucanza desanimou, e sentando-se disse:—Podem vir matar-me que eu já não saio d'aqui, salve-se quem puder e se virem Xa Madiamba, digam-lhe que morro por causa d'elle».

Dois tiros de espingarda prostraram-no, e em seguida cortaram-lhe a cabeça que levaram a Cahunza, o qual a não quiz receber, mandando-a entregar ao parente que ambicionava o logar d'elle.

Em seguida á morte de Mucanza todos que lhe pertenciam trataram de fugir, mas os contrarios conseguiram aprisionar muita gente que levaram para a ilha no rio Cassai, e foram depois dar o saque á sua chipanga que arrazaram.

Quando retiravam appareceu Quibeu com a sua gente, por ter sabido que haviam assassinado Mucanza, e dirigindo-se a Cahunza quiz que este lhe dissesse logo onde estava o seu antigo amigo?

— Ordenei que o trouxessem á minha presença amarrado que fosse, e em vez d'isso mataram-no.

— Pois fizeram muito mal, e contem com uma guerra do Quissengue. Quem é que paga o resgate da faca que Mucanza recebeu para entregar a Quissengue?

— Descance que se ha de pagar, lhe respondeu Cahunza.

—Vamos para o Ambínji, que é agora o senhor de Mataba, tratar já d'este negocio, disse Cahunza, e Quibeu acompanhou-o com sua gente.

Foi uma questão que durou tres dias, ficando adiado ainda o pagamento do resgate para quando se reunissem todas as presas; e para que Quibeu retirasse para o seu sitio, deram-lhe vinte pessoas entre mulheres e rapazes que faziam parte da chipanga de Mucanza. Elle porém fez questão ainda, dizendo que por si nada tinha a reclamar, mas que era preciso na occasião contentar o Quissengue, pois se lhe mandassem portadores sem lhe enviar alguma cousa, elle viria immediatamente com uma guerra e então teriam de entregar toda a gente que pertencêra a Mucanza. Entregaram mais vinte pessoas para o Quissengue, não em pagamento do resgate, mas para que esperasse mais algum tempo por elle.

Mais tarde Ambínji, sob pretexto de que Xa Madiamba estava proximo, e queria passar pelas suas terras para a mussumba, aconselhou Cahunza a que fugisse, para que este o não mandasse matar, visto todos allegarem que fôra elle quem ordenára a morte de Mucanza, e Cahunza, como não pudesse pagar a sua divida a Quibeu, foi pedir-lhe que o recolhesse até se poder resgatar.

No emtanto saíam portadores da mussumba por diversos caminhos — alguns lograram chegar ao acampamento de Xa Madiamba — para conhecerem do que se passava com Mucanza, e se Xa Madiamba vinha ou não. Os portadores saíam e não voltavam.

Numa situação desesperada, receando o futuro, ninguem trabalhava, iam vendendo os miseraveis restos que possuiam dos seus melhores tempos em troca de alimentos, e foi preciso o Muitía tomar o expediente de mandar portadores a Angala, no Caiembe Muculo, dizer a Mucanza irmão de Xa Madiamba: — que depois da guerra de Muriba a maior parte dos grandes quilolos se haviam espalhado pelos matos e outros sitios, e ninguem queria regressar sem haver Muatiânvua; que não havia noticias dos portadores que por vezes tinham partido em

procura de Xa Madiamba; que viesse elle, como filho mais velho de Muatiânvua, ver se conseguia reunir, proximo do Calânhi, os principaes velhos, para se tomar uma resolução. Se não acceitasse este alvitre, as cousas de tal modo estavam correndo, que elle previa que cada um trataria de si e que o Estado de seus avós teria acabado. Que esperava a sua resposta; caso se negasse a acceitar esse encargo, elle então retirava de vez para as suas terras e procuraria ahi manter-se com os seus recursos, não sendo de extranhar que para bem do seu povo fizesse alliança com os Quiôcos.

Mucanza depois de muitos recados analogos, e de diversos, respondeu:

— Que tomaria conta do Estado, porém não acceitava o lucano sem ter a certeza de que seu irmão Xa Madiamba, a quem os quilolos mandaram chamar, não queria vir; que logo que entrasse na Mussumba procuraria desempenhar-se das suas obrigações o melhor que pudesse; todas as nomeações que fizesse seriam interinas, e a primeira cousa que faria era despachar gente de sua confiança para participar a seu irmão os compromissos que havia tomado e que quando quizesse ser investido no Estado que viesse, porque seria elle o primeiro a entregar-lh'o de bom grado.

Em janeiro de 1876 partiu da mussumba do Calânhi o Muitía, o Canapumba e outros quilolos e tambem a môuha com carregadores para a margem esquerda do Mulungo, onde aguardaram a chegada de Mucanza que se resolveu a deixar a sua residencia para governar o Estado dos seus avós em nome de Muatiânvua, visto a côrte acceitar as suas condicções.

Muatiânvua Mucanza (interino)

Mucanza nomeou Umbala, seu irmão immediato, Suana Mulopo; a sua sobrinha Palanga, filha de Xa Madiamba, deu o cargo de Lucuoquexe, e a sua prima confiou-lhe o logar de Suana Murunda emquanto não fosse possivel resgatar a Suana Murunda

do poder dos Quiôcos, negocio que a côrte considerava instante e de que tratou, mas que não chegou a ter solução no meu tempo.

Era homem muito brando, não queria fazer mal a ninguem; os presentes e tributos que recebia, mandava-os guardar como pertença do Estado. Na resolução de milongas, precisava ser auxiliado pela Muári, porque lhe custava muito ouvir as lamentações dos que eram condemnados a pagá-las.

Umbala era de um genio mais irrequieto e reconhecia-se que tinha pertenções a fazer-se Muatiânvua a valer, e por isso tendo um dia marchado com as suas forças para Cauenda, onde foi acampar, sem auctorisação de Mucanza, espalhou-se o boato que elle queria fazer guerra a seu irmão para ver se lhe tomava o logar.

O Muitía foi ao seu encontro, e convenceu-o a que voltasse para o Calânhi, que seu irmão era Muatiânvua interinamente e contra a propria vontade, e que se tinha empenho em ser Muatiânvua procurasse convencer os velhos, e não estragasse mais as terras com guerras.

Reconheceu Umbala a sua leviandade; regressou e disse ao irmão em audiencia, que não acreditasse que lhe queria mal. Que fôra a Cauenda, com o fim de colher noticias ácerca de Xa Madiamba para ir ao seu encontro e animá-lo a apressar a viagem, visto Mucanza não querer pôr o lucano, e ser indispensavel resolverem-se as pendencias que havia com os Quiôcos para cada um tratar de trabalhar e de reconstituir devidamente o Estado do Muatiânvua.

Foi depois d'isto que chegaram á mussumba portadores da minha Expedição com a bandeira portugueza, e com uma carta que eu dirigia a Rocha em que lhe perguntava e á côrte se era verdade ter-se mandado chamar Xa Madiamba para pôr o lucano, e se ainda o queriam, ou se já tinham outro Muatiânvua.

O que então se passou, as festas com que receberam os meus portadores, as noticias que de lá vieram e a resposta de Rocha em nome do Muatiânvua interino e côrte consta da Descripção da Viagem da Expedição, e por isso limito-me aqui a dizer que voltaram os portadores com presentes para

Muene Puto e para Xa Madiamba, e que vieram sessenta homens armados e suas familias ao encontro de Xa Madiamba para o acompanharem á mussumba.

Mucanza, que esperava o irmão, mandou sair uma diligencia com uma ponta de marfim para Muxanena Pombo no Cassai em terras de Xacambunje, pedindo-lhe que interviesse como medianeiro com os potentados Quiôcos vizinhos, que tinham feito parte da guerra do anno anterior á mussumba, para que não voltassem agora e aguardassem a entrada de Xa Madiamba, que todos estavam esperando, para se entabolarem negociações com elles sobre as condições de uma boa paz entre Quiôcos e Lundas.

O Muitía, (sempre esta entidade funesta!) conseguiu que rapazes de sua confiança fizessem parte d'esta diligencia, e o fim vae conhecer-se.

De facto, chegaram os portadores a Muxanena, deram-lhe o dente de marfim como signal de seu amigo Mucanza, e o recado de que estavam encarregados, ao que elle respondeu que acceitava a missão, sendo preciso porém que o Muatiânvua, logo que elles lhe transmittissem o seu recado, contemplasse com presentes os quatro potentados principaes que tinha de mandar chamar para o accordo.

Os da diligencia disseram precisar ainda ir fallar com Xacambunje, porem era isso uma questão de dias porque seguiam depois pela margem direita do Lulúa.

Foram a Xacambunje, e os rapazes do Muitía narraram-lhe da parte d'este as occorrencias que se tinham dado na côrte, as difficuldades em que viviam, e a necessidade que tinham de que Noéji, filho de Xanama, que todos reconheciam ser um homem socegado acceitasse o tomar conta do Estado, pois que Xa Madiamba a quem mandaram chamar, havia já dois annos, parecia ter-se arrependido e não queria seguir para a mussumba.

Xacambuje respondeu-lhes que não se envolvia em negocios da côrte, porque os quilolos nem mesmo sabiam o que queriam, agora diziam uma cousa, pouco depois outra. Fossem

elles procurar Noéji, o que era negocio de algumas horas de marcha e este diria o que entendesse.

Disseram então os portadores que não tinham duvida em ir fallar-lhe, porém, que haviam trazido um dente de marfim para lhe entregar, mas que Muxanena, passando elles no seu sitio, ficára com o dente para si. Lá por isso esperem, que eu mande portadores a Muxanena para entregar o dente de marfim, visto que o trouxeram para Noéji, pois não quero conflictos no futuro, nem com o Muatiânvua nem com os meus vizinhos.

Muxanena admirado com o que ouviu aos portadores de Xacambunje, mandou-lhes entregar o dente, mas fazendo constar a Xacambunje que o mandava por ser a um homem velho que muito respeitava e com quem se tinha dado sempre bem, todavia prevenia-o de que fôra enganado pelos portadores da mussumba e que desconfiava houvesse alguma traição da parte d'aquelles Lundas.

Foram os portadores depois d'isto ter com Noéji que agradeceu a lembrança do Muitía, mas declarou terminantemente que não queria ser Muatiânvua e por isso que podiam dirigir-se a Quicubo.

Em janeiro de 1887 os Quiôcos de novo sairam dos seus sitios, para fazer incursões, principiando por atacar as povoações dos Lundas nas margens do Lulúa, e entre este rio e o Calânhi os perseguiram e cercaram na mussumba d'este nome, para onde muitos tinham fugido.

Havendo noticia de que outras forças marchavam pelo sul direitas á Mussumba, tudo fugiu para o outro lado de Cajidíxi e para o norte.

Foi este cêrco de quatro mezes, em que as presas montaram a tres mil pessoas, sendo a maior parte mulheres e crianças. Pereceram muitas pessoas afogadas nos rios pela precipitação com que quizeram passá-los em canoas; muitos homens, ou por quererem resistir ou por serem velhos ou doentes foram mortos; e tambem muitas pessoas foram mortas e comidas pelo povo de Canoquene. Finalmente foram arrazadas e queimadas muitas lavras! Uma verdadeira ruina!

Muatiânvua Umbala

Em principios de maio de 1887 os fugidos, que puderam escapar a tantos perigos, principiaram a regressar ao Calânhi, trazendo por Muatiânvua interino a Umbala, que tinha sido Suana Mulopo, e por Suana Mulopo Mucanza, que fôra antes o Muatiânvua.

Como este fugíra, dera provas de que não podia defender as terras do Estado que lhe foram confiadas, e por isso no exilio, em terras de Canoquene, principiou Umbala já a tratar com este, para os Lundas poderem sair do seu dominio pelo que teve de pagar de hospedagem vinte servos, e fora d'ali, reuniram-se os Lundas com os outros quilolos fugidos para leste. Por voto da maioria fora elle considerado Muatiânvua, com o que, me dizia elle, o Muitía se não conformava, concordando os maiores quilolos em retirarem para as suas terras esperando melhor opportunidade para se tratar da escolha d'um destemido filho de Muantiânvua para substituir Xa Madiamba, caso este não viesse.

Xacambunje havia mandado prevenir Xa Madiamba das diligencias que a côrte fazia para Noéji acceitar o lucano, e por isso Xa Madiamba mandou participar para a mussumba que não continuava a viagem; ia esperar no Caungula, pois só acceitaria ser Muatiânvua se Muene Puto quizesse tomar sob a sua protecção as terras do Estado, fazendo as pazes entre Quiôcos e Lundas.

Em 13 de junho de 1887 não obstante os pedidos e promessas de Umbala para me demorar mais algum tempo junto d'elle, e ser medianeiro das pazes que elle desejava fazer com os potentados Quiôcos até ao Cassai, retirei, ficando elle ainda com o cargo de Muatiânvua interino.

De tudo o que se passou com respeito a Xa Madiamba trato com mais desenvolvimento nos Vols. II e III da DESCRIPÇÃO DA VIAGEM.

CAPITULO X

CONSIDERAÇÕES FINAES

Algumas palavras ácerca do estado social do negro — Exemplos de affeição na familia — Sentimento de caridade — Hospitalidade — Ausencia de sinceridade nas promessas; indifferença pela verdade — Noção de pudor — Respeito pelo branco — Testemunhos de amizade e de boa indole — Castigo imposto ao ladrão na tribu; sobre o modo de fazer justiça em geral — A pena de talião — Falta de habitos de trabalho regular — Preceitos sobre a maneira de commerciar no sertão — O negocio do marfim — Probidade dos devedores — Fraude de um potentado — O trafico do sal e dos escravos — Estado mental do negro — Distincções que fazem das côres, e dos sons na musica — Astrologia natural — Uso de similes e comparações — Ditos conceituosos; adagios e proverbios — Jogos de palavras e adivinhações — Influencia civilisadora dos Portuguezes — Differença de dialectos e má interpretação de vocabulos — Ideas religiosas — Unidade do grupo ethnico constituido pelos povos Tus — Conveniencia em vulgarisar pela imprensa os conhecimentos adquiridos pelos Portuguezes ácerca dos povos africanos desde a sua descoberta — Obrigação que temos de levantar o nivel moral das tribus sujeitas á nossa influencia — Facilidade de adaptação do negro aos nossos usos e costumes — Exemplos de vivacidade e de intelligencia em dois adolescentes trazidos do interior pelo chefe da Expedição — Necessidade de se enviarem bons missionarios para Africa como agentes de civilisação.

endo feito a resenha dos principaes caracteres ethnicos e sociologicos das tribus que povoam a região que visitei, julgo que o registo de um grande numero de factos observados contribuirá para esclarecer o leitor sobre alguns topicos interessantes, que mais respeitam á sua existencia no ponto de vista intellectual e moral e sobre as suas relações com os povos que as rodeiam.

A base da educação d'estes povos, e que constitue a melhor garantia da auctoridade dos seus potentados, consiste no respeito e submissão tradicional de uns para com outros pela ordem de hierarchia na familia, na tribu e no estado, porque os actuaes individuos se consideram os representantes de seus antepassados, de quem tomam os titulos ou os nomes que teem passado de geração em geração.

Assim, entre parentes, muitas vezes o mais novo é considerado como sendo o mais velho, e como tal respeitado, se se deu o caso de ter sido o seu mais antigo ascendente assim

reputado pela sua idade, valor ou pela posição que occupava na tribu.

Em sociedade os individuos estão grupados em duas classes, a mais favorecida que se chama a dos fidalgos, e a inferior que mal se interpreta por escravos e que eu traduzirei por servos ou familiares.

A submissão entre os d'esta classe chegou a um ponto tal de rebaixamento moral, e os individuos nestas circumstancias existem de tal modo dominados pelo temor dos que sobre elles exercem senhorio, que nem teem consciencia da sua individualidade, e acceitam a existencia como dependente d'esse senhorio, o qual pode dispôr d'ella como de cousa propria.

Na conquista dos povos, os mais fortes apoderando-se dos mais fracos que sobreviveram ás luctas, sujeitaram-nos á servidão, e d'ahi as distincções que ainda hoje se conservam.

Mas esta servidão está longe, ainda assim, de se apresentar com os horrores da escravidão, como nós a comprehendemos, e se não fosse o commercio, de certo que essa condição servil seria tomada na verdadeira accepção da palavra.

É depois do commercio estranho ter entrado no continente africano, que apparece a venda de individuos, e foi ainda do poder do mais forte que derivou o direito do senhor vender a existencia dos que por nascimento ou por conquista nunca a consideraram como sua propria.

Actualmente querendo estudar numa tribu ou na familia o que respeita ás duas classes sociaes em que a vemos dividida, temos de considerar separadamente o facto do pagamento em gente pela perda de demandas entre elles, porque esse facto é consequencia da ambição de possuir esse meio circulante para transacções futuras do commercio estranho, que já conhecem, e da falta de productos para troca, que se extinguiram.

Feita esta reserva, não se reconhece a existencia das duas classes senão pelo profundo respeito de uma pela outra, e é notavel que muitos individuos que pertenceram á segunda classe, com o tempo se teem encorporado na primeira, e chegam a ter abastança e poder.

Conheci individuos que foram vendidos na mocidade, alguns até a comitivas de commercio, e que chegaram a viver nos concelhos a leste de Loanda, na qualidade de escravos, como interpreta o ambaquista, sendo depois já senhores de povoação e tendo titulos e dignidades no Estado do Muatiânvua.

Se um individuo da segunda classe tem algum prestimo na familia ou na tribu, principalmente se conhece algum officio, esse individuo é considerado da familia e da tribu, e não se pensa em dispôr da sua existencia, chegando mesmo a constituir familia independente.

É verdade que entre parentes mesmo, o mais velho, irmão, primo ou tio, se julga com direito a dispôr da existencia principalmente dos menores; porém casos d'esses citam-se de tempos a tempos, e tanto não são considerados communs que se apontam como censuraveis e repugnantes.

O chefe da tribu é que, á imitação dos poderes que se deram ao Muatiânvua para o Estado, dispunha da existencia dos filhos da segunda classe da sua tribu. Ainda assim devemos dizer que a venda d'estes para fora d'ella se faz em casos extremos e precedendo escolha. Da tribu, e mesmo da familia, apenas se dá saida sem repugnancia aos criminosos, sobretudo quando elles são considerados feiticeiros ou ladrões.

A todos, mas ás mães principalmente, repugna sempre a separação de um ente, que ainda precise da sua vigilancia e cuidados. Commigo deu-se um caso que não devo omittir.

Bungulo Quiluata, uma auctoridade de categoria elevada, querendo mostrar o seu reconhecimento por alguns obsequios que eu lhe dispensára, um dia veiu procurar-me com o seu sequito, e entre as mulheres vi uma soluçando com um rapazito ao collo. Travou-se entre Bungulo e ella um dialogo, em que Bungulo se mostrava um pouco irritado. Isto passava-se á entrada dos meus aposentos, e indagando pelo interprete do que se tratava antes de avistar-me com elles, soube que Bungulo vinha fazer-me presente d'aquella criança por não ter na occasião cousa de valor para me dar, e á mãe, de quem elle queria o filho, custava-lhe o separar-se d'elle.

Mandei-os entrar a todos, e ouvi o discurso do Bungulo que terminou pela mencionada offerta. É costume logo em seguida apresentar-se o presente á pessoa a quem se destina, e antes que o interprete d'elle tomasse a criança do collo da mãe, levantei-me eu para a acariciar, tomei-a nos meus braços agradecendo a Bungulo e disse-lhe:—«Que elle sabia muito bem que no reino de Muene Puto não havia escravos, ali todos eram iguaes, e portanto o rapazito ficava sendo meu filho adoptivo de quem elle já não podia dispôr, e como era muito novinho encarregava eu a mãe de tratar d'elle, devendo vir ao meu acampamento uns dias por outros. Quero, acrescentei, vê-lo e que ande bem vestido e tratado. Um dia quando me retirar então a levarei.

Vesti a criança, dei-lhe uma porção de missanga para se lhe comprar comida e entreguei-a á mãe que ficou muito satisfeita.

Bungulo agradeceu tambem a lembrança que lhe dei nessa occasião, signal de que não rejeitára a sua offerta, o que entre elles se toma como desconsideração, e prometteu não dar outro destino á criança, pois que ella pertencia ao seu amigo Muene Puto.

De facto Bungulo cumpriu a promessa, porque quando eu regressei, tendo elle já morrido, appareceu-me a mãe com o filho para saber quaes as minhas intenções.

—Continue a tomar conta do seu filho, lhe disse, e não deixe vendê-lo porque é filho de Muene Puto, e só assim o entregará, se eu cá voltar.

Então já eu tinha recebido recursos de Malanje; vesti mãe e filho e ambos se prostraram agradecendo-me.

Ainda outros casos devo citar, em que se prova quanto lhes custa a apartarem-se dos entes que lhes são queridos, e os esforços que empregam para evitar a separação, ou então para os resgatarem, sem que o tempo ou outras contrariedades os demovam d'esse intento.

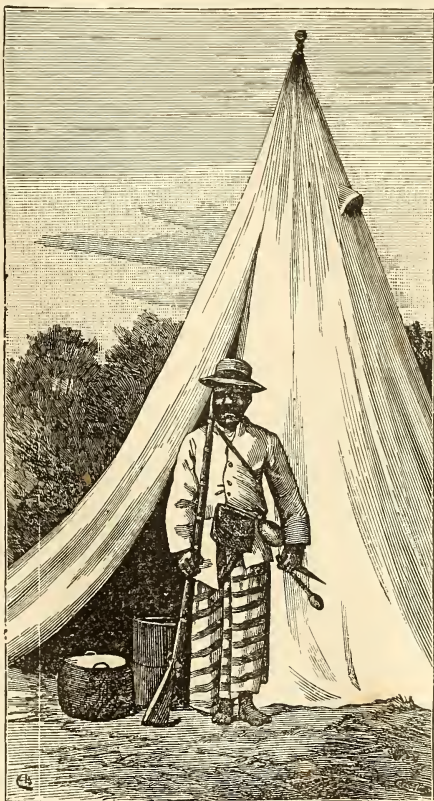
Fernando, contractado em Malanje e cozinheiro da Expedição, encontrou no sitio do Caungula uma mulher já de idade que fôra sua companheira por muitos annos, e a qual perdêra de

vista quando os rebeldes de Cassanje perseguiam as nossas forças de que elle fazia parte.

Foi esta mulher presa pelos rebeldes e vendida como escrava. Com o tempo, veiu para o poder do Caungula. O actual Muteba, quando tomou posse d'este Estado de seu tio, encontrou esta mulher com duas filhas e um filho de pae lunda fazendo parte do seu sequito.

O COZINHEIRO FERNANDO

Pediu-me Fernando para eu intervir pelo resgate da sua antiga companheira, porque demais a mais era filha de Malanje. Apresentei a questão de modo que Caungula conheceu ser justo o que Fernando pretendia, e declarou logo que não tinha duvida em consentir que a mulher seguisse aquelle homem sem resgate, porque ella não era escrava; porém disse que os filhos eram do Estado que elle herdára, e não podia acceitar o resgate por elles sem ouvir os macotas. Reuniram estes e deliberaram não ser possivel Caungula dispôr do que lhe não pertencia, pois que os menores eram filhos de um grande do Estado.

Emquanto á mãe diziam não haver duvidas, e os filhos quando maiores podiam preferir, ou ficar na terra occupando o logar que lhes pertencia, ou irem para a mãe.

Sendo certo que a venda de gente se faz com facilidade, podendo elles neste caso fazer grandes exigencias, porque demais a mais os filhos eram tres, não houve meio algum de os convencer a entregar os menores para acompanharem sua mãe, para quem não havia impedimentos de se juntar outra vez com Fernando. Ainda no regresso voltei a tratar d'esta questão, mas nada consegui.

A mãe, emquanto a Expedição se demorou no sitio do Caungula e mesmo quando Fernando ahi regressou, viveu com este; mas abandonar seus filhos não quiz, e lá ficou com elles.

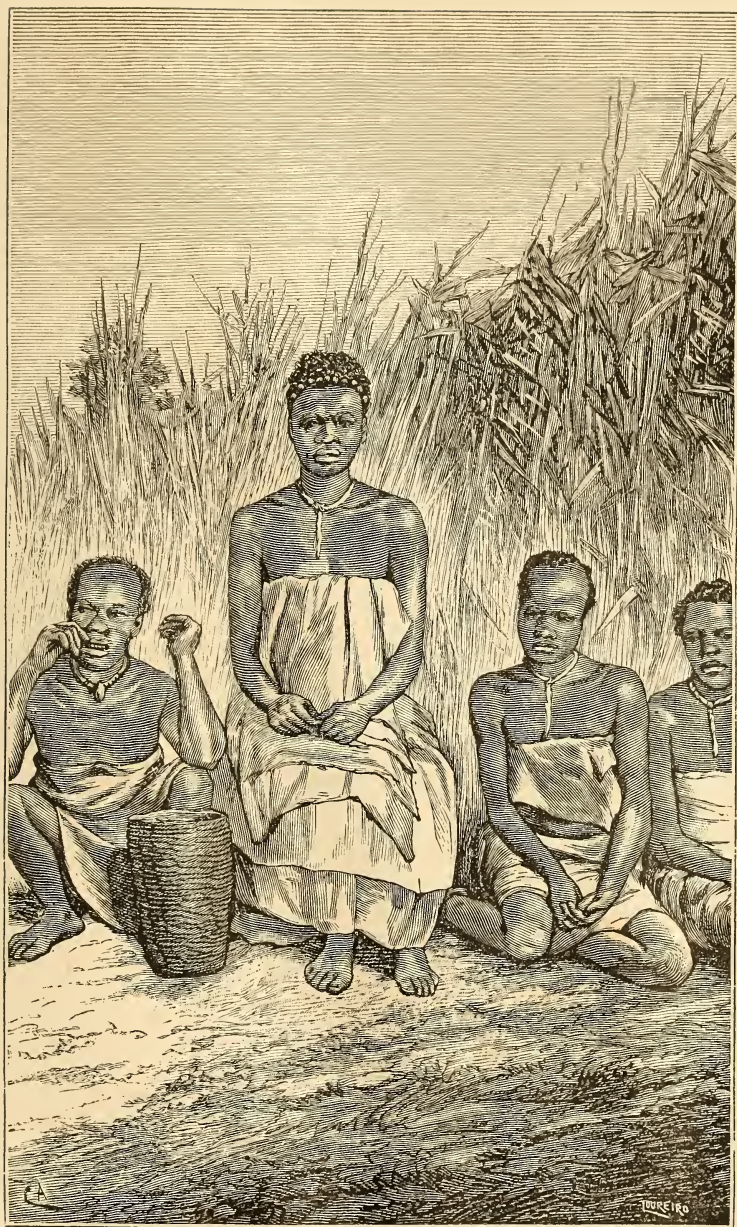
No Luambata um dos carregadores de Malanje encontrou mãe e irmãos lundas, que reconhecendo-o vieram para a sua companhia.

Os Quiôcos tinham cercado as povoações mais importantes da côrte, e aprisionavam a gente da Lunda que apparecia. Numa das levas ia uma irmã do carregador; pois a mãe não me deixou emquanto eu não consegui que o chefe dos Quiôcos me entregasse aquella rapariga, e todos vieram com seu irmão para Malanje.

Na companhia da Expedição seguiu do Luambata com destino a Ambaca um rapazito dos seus quatorze annos e uma irmã um pouco mais velha, orphãos de pae e mãe. O pae tinha sido um ferreiro ambaquista, que para ali fôra estabelecer-se, e chegára a ensinar ao filho o officio, e tambem a fallar e a escrever portuguez.

Chegados a Mataba, o Ambínji, governador d'este territorio, homem ainda novo, vendo a rapariga com quem mantivera relações amorosas na mussumba do Muatiânvua, exigiu que ella ficasse na sua companhia.

Tal foi a questão que o rapazito levantou com elle em audiencia, na presença de todos, que me disse o proprio Ambínji depois, chegára a ter medo d'elle, e que se víra na necessidade de lhe dar o logar de ferreiro na sua residencia, boa casa e consentir que elle comesse com elle.

Ambínji tinha andado com o rapaz ao collo e dizia-se muito amigo do pae, e este então respondia-lhe:—«Bem sabe que

FILHA DE CANAPUMBA ANDUNDO

o seu amigo não era escravo e que portanto não pode escravisar minha irmã. Se esta quer ficar na sua companhia fico eu tambem para a defender, e para que alguem a não maltrate ou queira vender.»

E lá ficaram ambos.

Devo notar que este potentado era muito temido em Mataba; pois o rapaz de tal modo se houve com elle, que pouco tempo depois me appareceu com a irmã.

A um dos homens de uma comitiva do Congo (V. pag. 225), que se me apresentou pedindo protecção por motivo de uma restituição de roubo, foi entregue pelo Caungula do Mansai uma mulher com uma criança de poucos mezes. Dias depois um homem, que se dizia pae da criança, entrou na barraca do novo senhor d'ella, e partiu-lhe uma arma lazarina, por este o não querer resgatar para ficar com a sua companheira. Houve por este facto uma demanda e deliberou-se que, pagando o do Congo quatorze jardas de fazenda, aquelle homem era seu escravo, exactamente o que este queria, e lá foram todos para Malanje, e d'ahi para terras do Congo.

Nas margens do Luembe uma rapariga da Lunda, filha de um Canapumba, travou relações amorosas com um Quiôco, filho de uma povoação da qual o potentado tinha questões pendentes com o chefe d'aquella familia; pois esta, não querendo separar-se da rapariga, seguiu-a e foi entregar-se como refens ao chefe Quiôco, até que chegasse um bom resgate da mussumba, para onde participaram a occorrencia.

Conheci uma mulher que deixára uma de suas filhas entregue a Cacunco, Calamba em Mataba, por não ter podido pagar uma transgressão de praxes ahi estabelecidas, ter pescado num rio em cujo leito se sepultam as auctoridades, o que ella ignorava pois fazia parte de uma comitiva de Quimbares, que havia annos tinha ido para a mussumba. Trabalhára esta mulher sete annos em plantação e fabrico de tabaco, e conseguíra comprar dez rapazes e raparigas na côrte.

Esta mulher, com os seus filhos e escravos, fazia parte da colonia de Ambaquistas que retiraram da mussumba com a

Expedição. Logo que passámos o Cassai, não seguindo eu o caminho para o Cacunco, entregou-me os filhos e foi lá com sua fortuna, que era a gente comprada. Preferiu entregar o fructo do seu trabalho aturado de sete annos e resgatar a filha, a conservá-lo, vindo encontrar-nos muito satisfeita na margem do Luembe!

Ainda muitos mais exemplos eu poderia citar de que a venda de gente é uma necessidade social d'estes povos, que não tem o odioso que se encontra nas primeiras epochas da historia de todos os povos, nem mesmo os resaibos da servidão da gleba, e que se os mais fracos não podem reagir contra tal instituição, procuram reagir pelo sentimento natural, que se lhes não pode negar, manifestando quanto lhes é penosa a separação dos entes que lhes são mais caros.

Como dotes de coração, a caridade, revela-se não só no viver intimo da familia como na tribu. Não existe entre elles o desvalido, não só porque o abandonado, mesmo aquelle que se encontra no mato é recolhido por quem o encontra, e passa logo a fazer parte da segunda classe da familia, mas ainda porque o mais desfavorecido da sorte, tem quem reparta com elle do que possue, embora o bemfeitor fique em seguida desprovido de todo.

A refeição que está preparada na residencia de qualquer, se alguem apparece, é com esse repartida como se elle fôra da familia. Nota-se que a caridade se exerce como cousa muito natural, sem ostentação, não se faz alarde d'essa virtude, como succede por vezes entre nós, e aggregada á pratica d'ella anda sempre a esperança num melhor porvir, que se ignora quando e porque meio se attingirá.

O caçador reparte toda a sua caça com o necessitado; sabe que passará dias sem esse recurso, mas espera que quando sair de novo lhe apparecerá outro animal que ha de matar para se supprir.

Um dia, perguntando aos carregadores de Malanje, que se lamentavam, por não terem carne para comer havia já muitos

mezes, o que faziam nas suas senzalas quando a não tinham, responderam-me, que se deitavam de barriga para baixo, até que alguem se lembrasse de lhes trazer um pedaço.

A hospitalidade por caridade, e o desejo de bem fazer, não são predicados de um individuo ou de uma tribu, observam-se em todas as tribus. Vem uma visita de longe, os seus amigos e mesmo conhecidos quotisam-se para lhe darem o melhor agasalho possivel. Se a visita é para o potentado, é considerada como para a tribu, e poucos momentos depois de ella entrar na cubata que lhe preparam, á sua porta se accumulam cargas de mantimentos das lavras e tambem carne e cabaças com bebida.

Com respeito a tabaco ou sal, que todos muito apreciam, é de notar que havendo grande numero de povoações em que esses productos se obteem com sacrificios, levados de muito longe e de tempos a tempos, o que existir d'elles nessas povoações não tem dono, pertence a todos; quem possa ter feito algumas reservas não precisa ser rogado, é elle mesmo que espontaneamente as reparte com quem tenha necessidade.

O cachimbo ou a mutopa, logo que o dono d'elle toma a primeira fumaça, corre de bocca em bocca sem distincção de classes, e quando lhe volta á mão, se elle ainda tiver algum pedaço de tabaco, tem de o reforçar se quizer tomar nova fumaça e lá corre a roda novamente. Quem não tem tabaco ou sal dirige-se com a maior naturalidade a quem os tem e diz: *macanha* ou *ruanda* e *mongoa,* e este reparte aos poucos pelos que se approximam até onde possa chegar, e muitas vezes fica apenas com o sufficiente para a occasião.

Prestam elles homenagem ás acções boas e ás qualidades que conceituam qualquer individuo entre a tribu, e por isso o brio não é para elles uma palavra vã, e consideram-no como synonimo de grandeza, *uaquene;* porém desconhecem-no no caso de cumprimento de palavra, e não se deve contar mesmo que haja entre elles seriedade nas promessas.

E isto não o encobrem, porque dizem: — «A bocca falla uma cousa e o coração diz outra. Ouvimos as palavras não vemos

o coração, prometter não custa, mas para cumprir é preciso coração e boa cabeça. Ouvir ouço eu, que tenho dois ouvidos; mas o que o seu coração diz, não vêem os meus olhos».

Com taes aphorismos se prova quanto são desconfiados uns dos outros, e d'ahi a convicção de que todos teem *macássu* («mentiras»).

Mas a mentira para elles é innocente, empregam-na sem intenção de causar damno; é considerada como um engano dos sentidos da parte de quem a diz. Julgam que esse individuo se illudiu, e que numa falsa persuasão illude quem o escuta, e d'ahi provém a indifferença e pouco caso que fazem do que não é real, do que os seus olhos não podem ver e as suas mãos apalpar; mas por outro lado, lá encontrâmos o credito nas suas transacções commerciaes, como veremos.

É ainda na superstição, no receio dos idolos e feitiços, que na maioria dos casos todos estes povos encontram desculpa para a mentira.

Apraz-lhes serem sempre agradaveis aos seus superiores, e esse é o modo de obterem d'elles consideração e recompensas. É mesmo o superior quem, insconscientemente, contribue para essa existencia de illusões. Por conveniencia são elles que instruem um portador de noticias, quando tenha de ser ouvido em publico, sobre o que ha de dizer, o que ha de occultar, e o que ha de emfim alterar para bem da terra e dos povos.

Mas esse portador, das noticias que trazia só poderia assegurar como verdadeiro o que viu, porque com respeito ao que lhe disseram já vem revestido das mesmas circumstancias de opportunidade, e não merece credito algum. A narração, mesmo do que viu, é por elle feita depois, de accordo com o que lhe foi ordenado, mas de modo a agradar á parte interessada.

Os potentados que julgam ser conveniente illudir o seu povo, ainda nos negocios de maior importancia, illudem-se tambem a si e são sempre illudidos pelos que os rodeiam.

Nos apontamentos que dou sobre o governo dos potentados que succederam no Estado do Muatiânvua se vê que todos morreram victimas da sua credulidade.

Pelo que observei nem os potentados, nem os seus conselheiros, nem o povo ignoram os perigos que correm nesta existencia de illusões e de engano mutuo em que vegetam; porém o que pretendesse reagir, o que pudesse provar o engano premeditado numa combinação, podia mesmo ser causa da morte dos que fizeram parte d'ella, porém elle não lhe sobreviveria por muitos dias, porque ou era considerado feiticeiro ou seria victimado, e pela sua ousadia na descoberta, arrastaria comsigo a desgraça de todos os seus parentes. Seria uma questão de tempo.

Os actos de coragem e de valentia são honrados e recompensados com dadivas, e vulgarisados com louvores enthusiasticos, e commemoram-se na posteridade pelas tradições e pelo resguardo das sepulturas dos heroes entre algumas tribus, e pela conservação em outras, de objectos que lhe houvessem pertencido como reliquias, e em todas as tribus por tropheus de caveiras e ossadas como despojos das victorias, quer em guerras, quer em caçadas.

A honestidade entre elles, consiste apenas num vago sentimento de pudor, e o que a nós se nos affigura como contrario a ella, deve attribuir-se a ignorancia ou a innocencia.

E assim, se attentarmos para os vestuarios do sexo feminino, entre nós sujeitos ás modas, encontraremos mais motivo para condemnarmos estas em certos casos por contrarias ao decoro e aos bons costumes, do que o simples farrapo ou as folhas com que os negros cobrem apenas as partes pudendas. Entre elles, o individuo, apresenta-se tal como é, producto da natureza; emquanto que entre nós, com o vestuario da mulher procura-se dar-lhe formas artificiaes e tentadoras a fim de agradar na sociedade em que vive, e esses artificios não podem ser em abono da modestia e da honestidade.

Creados os indigenas de sexos differentes uns ao lado dos outros, vendo-se todos os dias, olham-se naturalmente, chegando pelo menos apparentemente a mostrar aversão por tudo que seja contrario á decencia.

O sentimento de vergonha neste caso, conheci-o entre as mulheres de uma povoação nas margens do rio Luele, que vieram ver-me pouco depois de eu ahi ter acampado.

Apresentaram-se as mulheres a querer ver o branco, apenas tapadas com pedaços de fazenda, e no numero das primeiras que de mim se approximaram, destacava-se uma pela sua gravidez muito pronunciada. Como me chamasse a attenção o volume do seu ventre, não lhe passou isso despercebido, e foi recuando a pouco e pouco até se encobrir com as outras, e como eu insistisse em procurá-la com a vista, desappareceu, e não a tornei a ver mais durante os tres dias que ali estive.

Vinham as suas companheiras com crianças visitar-me muitas vezes, e indagando porque ella não apparecia, disseram-me:—«Por ter vergonha de que Muene Puto lhe olhe para a barriga».

Nunca vae uma mulher só ao rio, quer a buscar agua, quer para se lavar; e isto com receio de encontrar algum homem e que se possa murmurar contra a sua honestidade. Se se estão lavando e passa algum, ou fogem procurando esconder-se nas margens entre o arvoredo, ou abaixam-se na agua até ao pescoço.

Não quer isto dizer que a sua honestidade seja irreprehensivel, e mesmo que não mantenham relações amorosas com quem lhes agrade; porém se o fazem é muito recatadamente, e procuram encobri-lo o mais que podem.

A gratidão, o reconhecimento pelos beneficios que recebem, tambem são caracteristicos nestes povos.

A gravura que apresento (pag. 217) é copia da photographia de uma rapariga chamada Cabuíza, da côrte do Muatiânvua, e que tem uma historia que descrevo em outro logar [1].

Tendo noticia de que fôra considerada feiticeira, sentenciada morte, e de que era perseguida, buscou a protecção da ban-

[1] Veja-se Descripção da Viagem, vol. II.

deira portugueza. Por duas vezes no espaço de seis mezes, conseguiu-se intervir em seu favor, e por ultimo que fosse depositada na povoação de um filho do Muatiânvua, que tinha a necessaria força para lhe dar protecção, e onde vivia com o homem que elle lhe destinára.

Quando regressei, vinte mezes depois, á Estação Luciano Cordeiro, onde ella estava, veiu ao meu encontro á distancia de 3 kilometros, e trazia-me uma cabaça de vinho de palmeira e alguns ovos.

Vendo-me, pousou no chão o que trazia e agarrou-se a mim aos abraços, chorando como uma criança, prorompendo em louvores ao Zâmbi e exclamando a miudo: — «Está meu pae salvo! vivo! Tinham-me dito que havia morrido, não esperava já ter o gosto de o ver!»

Prostrou-se, esfregou o corpo com terra, tornou a abraçar-me, continuou nas suas exclamações e por vezes dizia para os da Expedição, que nos rodearam:—que a vida d'ella era minha, que era minha escrava, que toda a vida tinha de apanhar mandioca para mim e que não mais me deixaria.

Não exaggero: mais de um quarto de hora duraram estas ruidosas demonstrações, que confesso me commoveram bastante, e mais de uma vez as lagrimas indicavam quanto estava reconhecido por estas provas de gratidão, da parte de uma creatura filha de uma raça que se tem pretendido seja destituida d'este sentimento.

Seguimos para a Estação, e todos os dias emquanto ahi me demorei, ella vinha sempre trazer-me como lembrança alguma cousa para eu comer!

Interessei-me muito para a resgatar; porém pertencia a uma familia importante da côrte, e não me foi possivel consegui-lo; aconselhar-lhe a fuga não quiz.

Oxalá que aquelles que me prometteram protegê-la, assim o tenham cumprido.

Darei um outro exemplo.

Quinzaje, Ambanza importante do jagado de Cassanje, tinha ido com uma consideravel comitiva de negocio para o sitio do

Anguvo (Mucanza com honras de Muatiânvua) na margem esquerda do Cassai, terras de Mataba.

Veiu a guerra, mataram este, e querendo Quinzaje fugir com os seus, foi roubado.

Chegou ás margens do Luembe com muito poucos dos seus haveres. A gente da Lunda, que estava acampada proximo da nossa Expedição, foi dar assalto a esse pouco que lhe restava, e elle veiu pedir-me protecção. Consegui felizmente que tudo lhe fosse entregue nesse mesmo dia.

O Ambanza e os seus companheiros de maior graduação, antes de seguirem viagem, vieram agradecer-me o favor que lhes havia feito, e como já não tinham artigos do nosso commercio, pediram-me que lhes acceitasse como uma lembrança parte das esteiras e cestas novas de que se haviam fornecido, para comprarem alimentos no caminho.

Não acceitei, e disse-lhes que só queria que elles dissessem a verdade nas suas terras com respeito á protecção que encontravam sempre no interior quando recorriam á bandeira de Muene Puto. Era esta a recommendação que fazia constantemente ás comitivas de Bângalas, a quem se prestava algum serviço.

Casos d'estes registei bastantes [1], e os Bângalas provaram o seu reconhecimento, muito mais do que eu podia esperar, pois foram communicar aos seus parentes e fizeram propalar em toda a região do Cuango de um e outro lado, que o pouco negocio que traziam e as vidas, tudo deviam a Muene Puto.

Quando regressei, passando o Cuango, a maior parte dos homens das povoações tinham ido com negocio para o Lubuco, mas os seus parentes, mulheres e homens velhos e os potentados, fizeram-me recepção cordialissima e deram-me hospitalidade esplendida, e não contentes com isto, todos os potentados mandaram os seus representantes acompanhar-me até Malanje, e alguns até mandaram os seus musicos.

---

[1] Descripção da Viagem, vol. II.

E convem lembrar que então eu nada tinha para lhes dar, e elles bem o sabiam.

Que elles teem ditos conceituosos, nota-se até nas suas allusões e na resolução das suas demandas, e mesmo nas questões diarias mais triviaes.

Assim, tratando-se do rapto de uma rapariga, ouvi eu ao potentado que resolvia a pendencia:—«Encontra-se a pedra de amolar no caminho, amola-se a faca e deixa-se a pedra».

Fallando-se do destroço numa lavra:—«Podem levar as raizes mas no seu logar devem collocar tres troncos do arbusto».

Tratando-se de fazer guerra de exterminio a Mataba, aconselhou Quissengue ao Muatiânvua:—«Ser melhor comprar o rio, do que todo o peixe que elle apresente num dia, porque este acaba emquanto que o rio fica».

Questionando-se sobre a venda de rapazitos de preferencia a raparigas, disse um velho:—«Cada uma d'estas nos pode dar até dez ou mais d'estes».

Finalmente com respeito a um homem que tinha querido fugir do serviço do Muatiânvua, que era considerado seu parente e que todos repelliam, mas de que eu tive dó, e a quem dava de comer ás horas da minha refeição — visto o estado de magreza a que o vi reduzido, tendo-o conhecido forte e robusto — disse-me o quiôco Mona Congolo (V. pag. 405):—«O sr. major é como nós: faz o bem não olhes a quem.

Xa Madiamba, ouvindo um homem que se queixava de um outro, gesticulando e gritando muito, voltou-se para mim e meneando a cabeça, disse:—«Falla muito, não tem razão».

Um quilolo, aconselhando o Muatiânvua para continuar a viagem dizia-lhe:—«Olhe para as nossas barrigas cheias de pregas, nesta terra estamos padecendo fome».

O Muatiânvua, apontando para a sua, disse:—«A minha não está melhor que as suas, patrão pobre, todos padecem».

É muito usado entre elles dizer-se:—«Todos são muito espertos, os velhos não são tolos; ouvir os velhos é caminho da razão.

Quando eu estive gravemente doente, trataram os Lundas de adivinhar se alguem seria causa de eu estar para morrer, e perguntando-lhes mais tarde porque assim tinham procedido, responderam:—«Nós somos pretos, mas o coração é branco».

Tendo sido aprisionada uma mulher por um homem a quem faltavam umas cargas de polvora, mandei entregar um barril de polvora ao Muatiânvua, e elle disse para os que o escutavam:—«Elle é pequeno, mas o coração sae-lhe pela bocca».

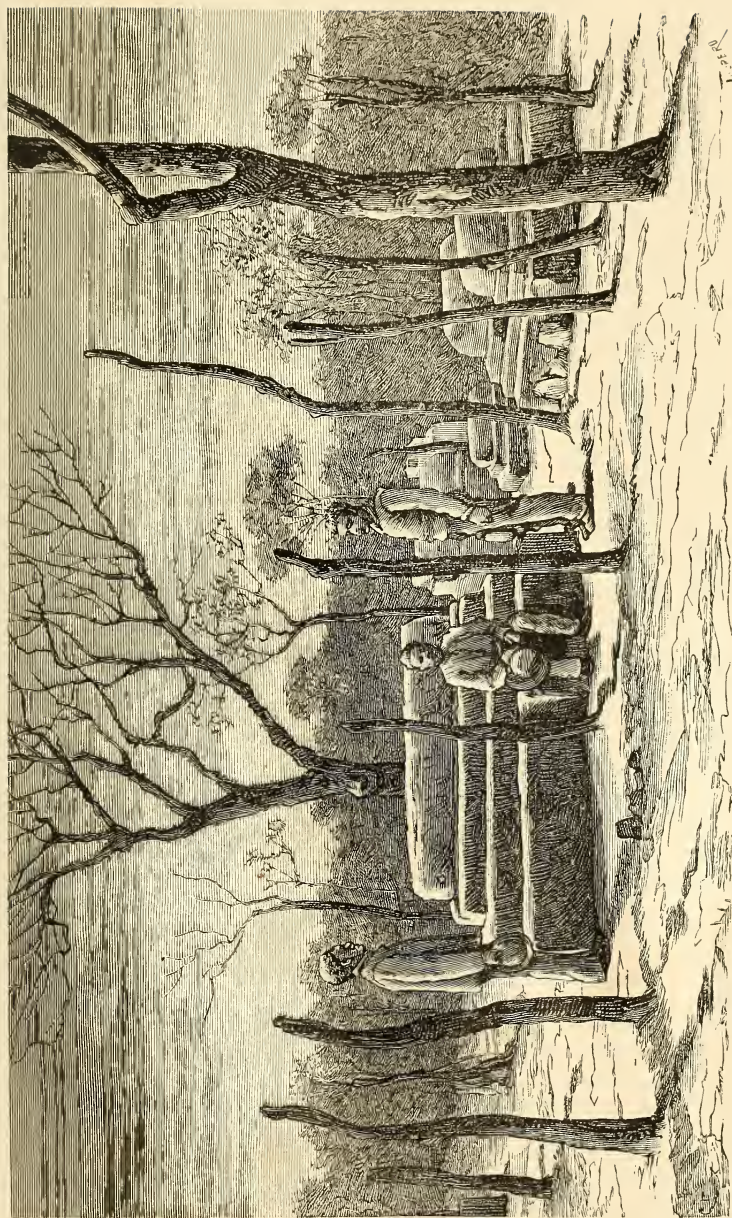
Se alguma vez me pediam um conselho, sobre questões do Estado e que era por todos bem acceito, dizia sempre um ou outro:—«É bem certo que o sol nos dá muita cousa, mas a esperteza, leva-a todos os dias para as terras de Muene Puto».

São raros os casos de assassinios, e na familia muito menos os crimes d'esta ordem.

O poder de tirar a vida a qualquer ente humano na Lunda só foi concedido ao Muatiânvua, e é contra esse poder que se vão voltando os que se conhecem num estado relativamente mais adeantado.

Durante os tres annos que vivi entre estes povos apontei os casos d'esta ordem que se deram, e os motivos que os podiam justificar, e para elles chamo a attenção de todos os que se interessam por conhecer estas gentes, quer no presente livro, quer nos da Descripção da Viagem; pois se me affigura que, de casos isolados e com que se depara em grandes intervallos de tempo, as illações que se tem deduzido desfavoraveis estão muito longe da expressão da verdade, e muito principalmente quando os comparâmos com o que se passa entre os povos civilisados.

Andam elles sempre armados de espingarda e quando a não teem com o mucuáli ou com machadinha e todos em geral com uma faca ordinaria; mas é raro que passem de ameaças nas suas contendas, e rarissimo é servirem-se de uma arma para ferir o contendor.

Contra os brancos, e sobretudo contra os Portuguezes não consta em toda esta região que o indigena se atreva a apontar

SEPULTURAS DE JOSÉ DO TELHADO E FILHOS

uma arma ou a desembainhar uma faca, a não ser que seja a isso provocado, terminando sempre por se humilhar deante d'elles.

De José do Telhado se contam muito das suas costumadas façanhas, e todos o respeitaram sempre como filho de Muene Puto.

Numa occasião um potentado Quiôco entre o Cuílo e Quicapa, uns 20 kilometros a norte de Quimbundo, onde residia José do Telhado, apprehendeu duas cabeças de gado que lhe pertenciam e que andavam fazendo destroços nas suas lavras. José do Telhado mandou dizer-lhe que entregasse o gado ao portador, e como o potentado exigisse resgate, montou num boi e para lá seguiu com uma arma de dois canos. Tiveram os da povoação conhecimento de tal ousadia, e foram todos para junto do seu chefe para o defender. José do Telhado entrou no recinto em que todos estavam, e sem tirte nem guarte, desfechou logo dois tiros sobre o potentado, que caiu redondamente no chão. Todos fugiram, e elle com os dois homens que o acompanhavam levou o gado para a sua residencia, e continuou atravessando impunemente aquella povoação.

Os roubos não se apresentam como entre nós revestidos de apparencias enganadoras, com as aggravantes que são outros tantos crimes e alguns bem mais condemnaveis.

Ou são simples furtos ou espertezas; mas o furto de mandiocas nas lavras é o que para elles não tem attenuantes, e o que fôr apanhado em flagrante está sujeito a perder a vida.

E é certo que são muito poucos os que se apanham no acto. Estes, a que chamam ladrões, se os agarram, soffrem logo as consequencias do seu mau proceder: são amarrados com os braços atrás das costas e apontados á execração publica durante tres dias. Á voz de alarme de que foi agarrado um ladrão, toda a população corre a vê-lo, e ouvem-se então os ditos mais affrontosos.

E este castigo para alguns tem sido de tanto effeito, que fogem da povoação, e expatriam-se para muito longe.

Outros costumes são indicativos da sua indole, que é na verdade boa como tenho já feito sentir, e por isso limito-me agora a copiar um trecho do meu diario de 11 de abril de 1887, consignando assim o meu reconhecimento para com todos os individuos que então me rodeavam.

....

«Do que se passou desde 25 de março até hoje, tenho apenas umas ideas desconnexas!... Lembra-me que Mario, que apenas conta dez annos, nunca me deixou. Sempre sentado ao lado da minha tarimba, não sabia esconder as lagrimas que a miudo caiam sobre os meus braços que elle procurava cobrir com a roupa. Os contractados de Loanda teem velado por mim ficando dois de noite ao meu lado sem se deitarem. Por mais de uma vez me teem forçado a fallar, e me teem lembrado a esposa e filhos, e insistido para que eu tome algum alimento e me não deixe morrer.

— Mas o que hei de comer, lhes disse uma vez? Mandioca não posso. Vejam se a esmagam, se a ralam de modo que a possa beber, para assim lhes fazer a vontade.

Conseguiram arranjar-me uns caldos, e tomei-os com muita satisfação de todos.

Reanimavam-me, despertavam-me da somnolencia com agua fria, e mostravam-me a necessidade de reagir contra o mal, de viver, a fim de que elles me pudessem entregar em Loanda ao governador geral, e este me mandar para Lisboa.

Tanto elles como os Lundas que para aqui fugiram teem sido incansaveis em procura de caça para mim; e Marcolino que conseguiu matar tres passarinhos depois de tantos dias de buscas infructiferas ferveu-os em agua, e muito satisfeito pediu-me para que a bebesse, obrigando-me pelas suas instancias a comer os passarinhos.

O meu creado Antonio, que chora como uma criança, já vendeu todos os pannos que tinha para me comprar bananas e batatas doces, e anda agora com uma pequena toalha da cara a cobrir-se. O pequeno Filippe não descança a esgravatar a terra em procura de batatas para o *Muata Majolo*.

As mulheres não deixam de visitar-me todos os dias e tambem procuram o que possa servir-me de alimento. Recordo-me que uma achou tres ovos de gallinha do mato, que apesar de sediços me souberam bem, e outra apanhou alguns peixinhos.

Os interpretes e Loandas chamaram adivinhos, e convencidos que Nossa Senhora da Muxima se zangou commigo por os Loandas não terem ido visitá-la como queriam, fizeram-lhe promessas para ella me dar forças e saude, do que tomarei conhecimento quando a minha cabeça não esteja tão fraca.

Conseguiram arrancar-me da cama para esta cadeira, porque se illudem julgando-me assim já no caso de os attender, e hontem a visita do Fuma, participando-me o regresso dos Lundas ao Calânhi fatigou-me, e mal lhe pude agradecer o carneiro que me trouxe da parte do novo Muatiânvua interino.»

....

O que fica exposto é sufficiente para se avaliar a boa indole d'esta gente, e quando se queira conhecer melhor, chamo a attenção de todos que lerem estes meus trabalhos, muito especialmente, para a narração do regresso da Expedição, que se effectuou em duas secções e em differentes periodos, sem que os povos por onde transitámos pudessem esperar remuneração pelos beneficios que nos dispensaram.

Sendo porém boa a sua indole, o modo de fazer justiça não lhes corresponde. Ainda entre elles se usa a pena de talião, mas recaindo em pessoas estranhas ao delicto, o que tem dado logar a complicações e desharmonia entre as tribus, a guerras mesmo, e a grandes difficuldades para o commercio.

Se qualquer individuo commetteu uma falta ou um delicto, o offendido não chama este á responsabilidade da acção, não o persegue, deixa-o mesmo retirar em boa paz. O aggravo seja qual fôr, é sempre considerado como damno ou prejuizos, que elles apreciam a seu modo; ha de pois indemnisar-se e com usura, quando a occasião se proporcionar.

O aggravo pode ter logar mesmo por cousas inverosimeis, como por exemplo: um individuo de passagem, ter conversado

com uma mulher, de modo a ser notado, e por acaso ter esta adoecido no dia immediato ou mesmo dois dias depois d'elle se haver ausentado; ter desapparecido ou ter morrido uma cabeça de gado cabrum ou ovelhum que seja, depois de uma pendencia com um estranho á tribu em que este tenha sido condemnado; ter um individuo que foi hospede retirado da residencia ou da tribu sem se despedir de quem o hospedára ou do dono da terra; haver um estranho raptado uma rapariga que tambem podia ser hospeda e que com elle quiz ir viver; etc.

MARCOLINO E SUA MULHER

Tudo isto para elles tem um certo valor, de que se hão de compensar, e sob qualquer pretexto um estranho, ás vezes annos depois, vem a pagá-lo, e esse que se vá entender depois com o verdadeiro delinquente.

Mencionarei um caso de que tive conhecimento.

Uma filha de Muatiânvua, tendo sido prevenida de que o Muatiânvua Muriba, tencionava vendê-la como escrava, entendeu deixar-se requestar por um Bângala de uma comitiva que estava na mussumba, e fugir com elle quando a comitiva retirou.

Não ficando contente em viagem pelo tratamento que recebeu do seu companheiro, e receando que elle na sua terra a tratasse ainda peor, passado o rio Luembe fugiu do acampamento, e foi pedir protecção a Xa Suana, potentado Quiôco da vizinhança, dizendo-lhe quem era, e lastimando-se da sua

infelicidade. Xa Suana viu que da protecção que lhe concedesse teria um bom lucro, mandando pedir resgate ao Muatiânvua pela sua parenta, e tratou de a esconder.

A comitiva retirou, e a rapariga passou a andar em liberdade, mas succedeu que nessa povoação estava em tratamento um rapaz novo tambem Bângala (V. pag. 129), que pertencia a uma comitiva que fôra em negocio para o Cassai. A rapariga agradou-se d'elle, e poucos dias depois era na cubata do rapaz que a occultas ella ia pernoitar.

ANTONIO

As relações estreitaram-se cada vez mais, e numa bella noite, quando tudo estava em silencio, lembraram-se de fugir para o Caungula, e esperarem ahi que apparecesse a comitiva a que o rapaz pertencia para regressarem ao Cuango.

Como durante a noite os indigenas, principalmente os Quiôcos, depois de recolherem ás duas cubatas, só d'ahi saem por causa de algum incendio ou outro caso extraordinario, tiveram os fugitivos tempo de se afastar. Foi portanto só no dia seguinte que se deu pela fuga dos dois, com o que Xa Muana pouco se importou, porque se não considerou prejudicado.

Appareceu a comitiva, e o chefe foi chamado á demanda, e teve de pagar além do tratamento do rapaz, o crime por elle

praticado de retirar sem licença roubando uma mulher, pagamento que depois de muita discussão não poude reduzir-se a menos de trinta escravos!

A comitiva teve de fazer um rateio para esse pagamento, e chegando ao Caungula exigiu ao par amoroso que lhes pagasse. A rapariga compromette-se a não deixar o seu amante sem que o Muatiânvua a resgatasse pelo que elles haviam pago, e como Xa Madiamba, que tinha sido chamado para o Estado, era esperado naquelle sitio, ella prometteu que se apresentaria a este e entregaria ao seu amante o resgate para lhes levar ao Cuango.

Partiu a comitiva que nunca recebeu semelhante resgate, e o casal voltou á mussumba commigo na esperança de o haver. Depois de me dar algum trabalho, por lá ficou quando eu regressei, sempre na esperança de tempos mais felizes.

Ainda cito outro caso succedido nas margens do Cuango. O potentado que ahi vivia, querendo persuadir um Quimbare a demorar-se com o seu *quibango* («estabelecimento de negocio») no sitio, apresentou-lhe uma rapariga para sua companheira. Um vizinho tambem potentado de menor graduação, que se julgou com direitos sobre ella, deixou passar alguns dias e apresentou-se depois ao Quimbare para o demandar pelo crime de upanda. O Quimbare respondeu que um branco (todos elles se dizem brancos), não pratica taes crimes, e que a rapariga viera para a sua companhia por lhe ter sido apresentada pelo potentado do sitio. Não podia o queixoso demandar este, e por isso reputou o crime em duas mil bolas de borracha, e foi para o seu sitio.

A todas as comitivas de Quimbares que d'ahi em deante regressavam do interior, dava elle um assalto em regra, e ao tempo em que eu passei já as suas extorsões se calculavam em oito mil bolas, e elle ia sempre dizendo que não estava pago.

Estas comitivas assim expoliadas, mais ousadas em terras dos Bondos, nas proximidades dos limites do concelho de Malanje, sempre que podiam, tratavam de se indemnisar, assaltando e saqueando as dos Bângalas que passavam por ali.

É no commercio que mais se sente este modo de fazer justiça, em que são prejudicados os innocentes, mas de que tem resultado um d'elles unir-se ao primeiro que foi lesado e arrastar as tribus a levarem a guerra á povoação onde se encontra o individuo que deu causa a taes conflictos.

E parece que a retaliação por este modo teve por norma a união dos fracos para obterem reparação dos damnos causados pelos mais fortes.

A permutação dos diversos productos naturaes e dos fabricados pela mão do homem, existiu sempre entre estes povos, desde que se agruparam para reciprocamente occorrerem ás suas necessidades mais imperiosas, mas não se pode dizer que as industrias fossem um modo de vida entre elles, porque ainda se vê, nos pontos onde existem os menos favorecidos, a esteira substituida pelo capim e folhas de arvores, os fundos das cabaças a supprirem os pratos, os cranios humanos devidamente preparados ou ornados servindo de copos (V. pag. 697), os ramos de arbustos utilisados como vestuario ou melhor para cobertura da parte do corpo que desejam proteger, os gafanhotos, as lagartas e ervas a servirem de alimentos, etc.

O que fabricam a mais do que lhes é indispensavel, tem servido para a permutação do que careçam, e que encontrem a mais em casa dos vizinhos. Mas fabricar na esperança de immediata collocação, isto é, trabalhar diariamente para viver do fructo d'esse trabalho, pode dizer-se que só pensam nisso os que se dedicam á agricultura e á caça.

Já se não pode dizer porém outro tanto com respeito á pesca, porque logo que um peixe lhes cae na armadilha, contentam-se com levá-lo para a refeição d'esse dia, e só quando lhes appetece outro é que voltam a dispôr o apparelho no rio.

Pertence a todos os individuos na tribu a liberdade de permutarem entre si o que lhes pertence, sem que nisso tenha de intervir a auctoridade do potentado; porém de tribu para tribu sem essa intervenção, ou antes sem a sua licença, a permutação, principalmente sendo a credito, mesmo só por uma parte

que seja do negocio de cada um, sempre correu o risco de falta de garantia.

Outr'ora o commercio entre estrangeiros e a tribu era só feito pelos potentados, porque estes se consideravam senhores dos bens e vidas dos seus povos. Hoje pode dizer-se que isto acabou. Depois do potentado ter feito o seu negocio com qualquer comitiva de commercio, podem com ella negociar os individuos de mais consideração na terra, e pouco depois os que queiram, porém o potentado só garante os compromissos feitos com sua auctorisação, do que tira uma percentagem.

As restricções que ainda existem, dão-se nos povos do Muatiânvua e só relativamente á gente que se offerece em trocas, porque tanto este, como os chefes dos pequenos Estados querem ainda para si, unicamente, o direito de dispôr dos seus subditos como propriedade sua.

Mas devo dizer que isto, mesmo hoje, só se faz sentir quando o potentado ambiciona a posse de algum individuo, principalmente de uma mulher que por transacção vae sair da tribu.

Ha potentados ainda assim que resgatam, porém outros, cuja ambição é correspondente ao despotismo com que se teem sabido impor aos seus povos e vizinhos, mandam ou vão elles proprios tirar ao negociante o individuo que lhes apraz, por não ter sido vendido por elles.

Como este, ha tambem outros casos que elles consideram de commercio illicito, e o negociante inexperiente pode ter prejuizos se acceitou na permutação algum objecto roubado, e quando a permutação não tenha a garantia da auctorisação do potentado.

Não se conformam muitos negociantes, que vão ao centro de Africa, com estes preceitos estabelecidos, e d'ahi as falsas informações que nos trazem como respeito ao modo de negociar entre os povos que visitam.

O Muatiânvua Noéji, e depois os que se lhe seguiram, logo que chegava uma comitiva de commercio á Mussumba, destinava-lhe o logar em que deviam acampar, e depois de esta-

belecido o acampamento ia visitar os negociantes levando-lhe cargas de mantimentos de bocca, e marcava o dia em que iria ver o negocio que traziam.

Mandava apartar para si o que queria, e fixava-se o que devia dar em troca, e só depois podia a comitiva fazer negocio com quem quizesse. Esta porém não retirava, sem que elle fosse ver a gente que levava comprada, e saber quem a tinha dado em negocio, e era certo que a maior parte da que não fosse offerecida por elle, não seguia, ficava em seu poder.

Nem o Muatiânvua, nem em geral os potentados completam o pagamento das transacções que fazem, porém isto, dizem elles, é com o fim dos chefes das comitivas com quem negoceiam lá voltarem com mais negocio.

Receiam que estes satisfeitos não voltem mais, e por consequencia fiquem privados elles de mais negocio de fazendas, missangas, polvora, armas e sal de que carecem, sempre na supposição que quem vem de longe negociar é porque ganha muito em cada objecto que vende.

E de facto se este systema de commerciar não convem ao homem civilisado, devemos lembrar-nos que se observa entre povos da mesma familia e com cujos habitos se coaduna bem, pois nelle encontram vantagens reciprocas.

Se o Quiôco e o Bângala soffrem prejuizos neste modo de negociar com os Lundas, são estes as consequencias do que fazem soffrer a estes ultimos quando elles veem com negocio ás suas terras, e o mesmo se dá entre Quiôcos e Bângalas.

Salvam-se assim os creditos segundo elles, nesta phrase muito frequente:— «Então vossê é o esperto e eu sou o tolo?»

O peor foi a nossa intervenção indirecta pelos Ambaquistas, que querendo abusar da supermacia adquirida pelo nosso convivio, lhes foram lembrar pretextos para as fraudes e a applicação da sua maneira de fazer justiça, rehavendo de futuros negociantes os prejuizos, debitos e expoliações, soffridos em qualquer transacção.

O nosso antigo commercio rehavia prejuizos de um credor, caindo sobre outro a pretexto de que era parente d'este ou da

mesma terra; os Bângalas semelhantemente levaram esse costume para o interior onde facilmente se generalisou, e d'ahi os sequestros ás comitivas e a falta de segurança nos caminhos.

Sollicitou o Jaga Calandula do governador geral de Angola, que eu obtivesse do Quissengue uma reparação de damnos feito a uma sua comitiva de commercio, e de que resultou a morte de dois rapazes por gente d'esse Quissengue, em uma povoação proximo do Chicapa.

Encarregado d'esta missão, fui informado, que tendo vindo anteriormente ás terras de Calandula, nos limites do concelho de Malanje, uma comitiva de commercio da referida povoação, e tendo nella fallecido um rapaz d'essa comitiva, não só expoliaram os individuos que puderam agarrar por terem dado sepultura ao corpo sem auctorisação do dono da terra, mas ainda repelliram a comitiva a fogo, ferindo tres rapazes, dos quaes um morreu passados dois dias, desenterrando e queimando antes o cadaver que dera origem a contenda, ainda na presença dos que retiravam.

Actualmente, como disse, o commercio é facultativo a todos, porém não offerece garantias aos credores, se na transacção não tiver intervindo o potentado.

Tive conhecimento de factos que assim o provam.

Responsabilizou-se um potentado pelo pagamento do credito dado a um dos seus subalternos; este morreu sem que tivesse pago, e passados dias pagava o potentado a divida.

Se um potentado morre tendo dividas de que são sabedores os da sua côrte, o que entra no seu logar paga aquellas dividas como se fossem suas, e se não pode fazê-lo de prompto quando apparece o credor a reclamar o pagamento, todos os seus subordinados se quotisam segundo as suas posses para auxiliar esse pagamento, o que para elles é um dever.

Isto faz-se muito naturalmente e de bom grado, porque tambem o potentado quando recebe tributos ou presentes, os reparte com todos que lhe estão sujeitos.

Se as transacções se fazem sem o conhecimento do potentado, perde o seu tempo o credor indo pedir-lhe o pagamento.

Tendo fugido um rapaz que era considerado escravo de Caungula, appareceu um Quiôco queixando-se-lhe que esse rapaz lhe ficára a dever uma porção de carne de caça que elle lhe vendêra e pediu ao Caungula que lh'a pagasse. O potentado responde-lhe:

—«Fui eu que a comi? ou fallei-lhe para lh'a dar? Se o agarrar traga-o logo á minha presença que então pagarei o seu trabalho».

Negoceia esta gente entre si os productos naturaes e mesmo os que fabricam, segundo certas convenções, depois de alguma discussão, pelos valores estimativos ou por serviços, até tabaco e sal por achas de lenha, pelo transporte de agua, etc., preferindo sempre artigos do nosso commercio, as mulheres fazendas e missangas principalmente, e polvora os homens.

As unidades de medida são mui variaveis de tribu para tribu, augmentando a unidade entre os Quiôcos e tanto mais, quanto mais se caminhar para o interior do Continente.

Os chamados grandes negocios de borracha e marfim, levam tempo a concluir por causa das discussões, cada um puchando pelos seus interesses. E é notavel que nisto ninguem excede em paciencia e brandura os Quiôcos, que de todos os povos que conheci considerei como mais irasciveis.

Os Quiôcos animados pelo commercio do sul dedicaram-se á caça do elephante, mas terminando esta na região pelas perseguições d'este animal até ao 6° ao S. do Equador entre o Cuílo e o Lulúa, passaram a ser os medianeiros de transacções do commercio que lhes offerecem do sul pelo marfim e borracha que obteem no Lubuco.

É trabalhoso, e mesmo fatigante para o negociante europeu, fazer negocio no sertão; tem de se revestir de muita paciencia, de sujeitar-se a muitas exigencias e mesmo caprichos, e dispôr-se a perder um, dois e mais dias para fazer ás vezes uma transacção insignificante, mormente se for com Quiôcos.

Principia isto logo nos preliminares, em que ha grande discussão, d'ahi passa-se á escolha da fazenda e avaliação d'ella

em peças de lei; valor em que se faz o ajuste que corresponde a oito medidas da unidade — a qual é só a *jarda* nos estabelecimentos commerciaes dentro da provincia[1] —, escolha das missangas, contagem dos fios, selecção de armas, abertura de barris de polvora para verificar o seu estado e se estão ou não cheios, exigencias para que se encham completamente sem se importarem que da sua proveniencia viessem a peso.

Depois de tudo remechido, rejeitam parte do que escolheram e principiam depois as trocas e nova escolha de artigos para sua substituição.

É muito differente o mesmo individuo, a fazer negocio em terras portuguezas ou na sua. Aqui dá elle a lei, vae estipulando as condições á medida que vae vendo os artigos; não tem pressa de concluir o negocio, porque ganha em demorar o negociante a fazer despesas no seu sitio. Comprehende que é mais vantajoso para o negociante dar mais alguma cousa do que desejava, a retirar com as fazendas e outros artigos sujeitos a deteriorarem-se, e a ter de sustentar o seu pessoal por mais tempo em marchas para transaccionar a sua factura.

O negocio não fica encerrado sem o *malufo de quitanda,* costume pessimo que tambem existe na nossa provincia, mesmo em Loanda, e que muitas vezes importa em cinco, seis e sete mil réis a mais do ajuste — um casaco se ha, alguns Quiôcos até calças e sapatos pedem, bacias de folha, pratos e canecas de louça, espelhos, pentes, agulhas, linhas, facas, botões, camizas, camizolas, chapeus ou barretes, etc.

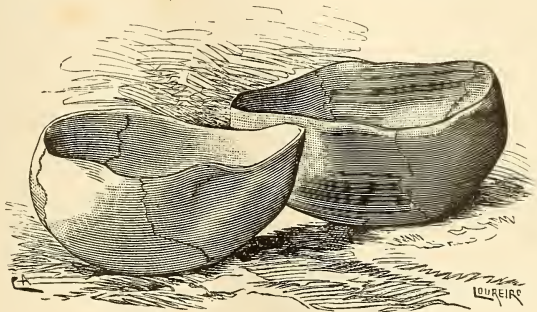
Para negociar uma ponta de marfim por 60 peças de lei, dá na verdade um grandissimo trabalho; o negociante tem de demorar a sua viagem por alguns dias o que lhe acarreta despesas com que não contava.

Em negocios pequenos por exemplo: de carne, de peixe ou bombós, emfim de comestiveis, é ainda o mesmo, quer com

---

[1] Refiro-me aos concelhos a leste de Loanda. Veja-se DESCRIPÇÃO DA VIAGEM, vol. I e II.

Quiôcos quer com Lundas. Ajusta-se, traz-se a fazenda, não querem essa querem outra; mede-se e logo surge a discussão porque exigem se lhes pague na conformidade do seu bando, que elles substituiram á jarda, e o qual vae de um lado da cintura á mão do lado opposto, tendo o braço estendido para cima e passando a fazenda a medir pelo peito curvado para a frente. Noutras tribus o bando é menor.

Faz-se-lhe a vontade dando-se-lhes ás vezes para unidade a medida, que nos homens altos corresponde de $1^{m},30$ a $1^{m},40$, mais meio metro do que a verdadeira jarda. Rasga-se a fazenda e depois regeitam-na, pedem outra cousa, e se o negociante não está por isso, largam a fazenda no chão e levam o seu negocio.

Para as transacções de marfim e mesmo de gente, segue-se na Lunda um outro systema, que ainda é peor. Cada potentado na sua terra é um Muatiânvua, e como este, entende que pode tomar para si o que pretende da pacotilha do negociante. Para escolher com mais franqueza, principia por darlhe um presente de amizade e por mostrar-lhe o marfim que tem guardado para elle, um dos melhores dentes que possue e diz: — «Tenho tantos iguaes a este».

O preço entre elles está já estipulado, tanto para o marfim segundo a sua classificação e peso, tanto para a gente segundo o sexo e edade, e nisso não ha grande discussão.

Os potentados logo na primeira escolha pagam só parte, e —visto o negociante ter de se demorar para transaccionar, se

não toda, uma grande parte da sua pacotilha — dizem-lhe que irão pagando a pouco e pouco o resto, de modo que quando queira retirar nas vesperas estará embolsado.

Não pode o negociante reagir, porque se o fizer tem a certeza de se lhe levantarem demandas todos os dias, as quaes se vê forçado a pagar, e por ultimo no proprio acampamento ou já em retirada, e mesmo antes do Cassai, tem de resistir a forças que no trajecto procuram assaltá-lo para o roubarem. E na maioria d'estes casos, as maiores difficuldades são levantadas pelos proprios carregadores, o que se conhece, ou pelo receio que teem dos indigenas ou porque nisso vão interessados, estando com elles combinados, não podendo contar-se com o seu auxilio. Muitas vezes fogem abandonando as cargas, havendo-as já roubado em parte, ou deixam-se aprisionar sobre qualquer pretexto para depois serem resgatados, ou finalmente, o que é ainda peor, procuram convencer o negociante sobre a conveniencia que ha em contentar os indigenas, satisfazendo as suas exigencias para não perderem as vidas. E á custa de grandes sacrificios o negociante cede, para não ser expoliado de todo.

O marfim pode dizer-se, que nesta região foi sempre um negocio de luxo, nunca em tempo algum foi producto em quantidade tal que servisse de movel unico ás transacções. Outr'ora, até 1840, exploravam o commercio na Lunda os indigenas de Angola, que se uniam para formar pequenas caravanas com artigos de commercio fiados pelas casas portuguezas espalhadas no sertão da provincia, e a estas caravanas incorporavam-se pombeiros das mesmas casas e muitas vezes seguiam com os Bângalas freguezes d'esses estabelecimentos.

Devemos dizer já que os Bângalas que marginam o Cuango, eram senhores da barreira natural que separa a provincia portugueza das terras da Lunda, e que tendo ciumes do commercio d'essas terras, se tornaram naturalmente os intermediarios d'elle para os estabelecimentos europeus, e estes só de accordo com elles puderam conseguir que os seus pombeiros

ou caravanas com os seus creditos passassem o Cuango, nos portos de que estes gentios eram senhores.

Tanto os Bângalas como estas caravanas o que procuravam então era gente, e só uma ou outra, que dispunha de mais artigos do commercio portuguez trazia dois ou tres dentes de marfim chamado de lei, e meia duzia do inferior.

Muitas vezes para isso mesmo, tinham essas comitivas de adeantar aos caçadores indigenas das localidades em que acampavam, fazendas, ou polvora e armas para elles irem matar o elephante, e então recebiam um dente pagando a differença para o completo do que fosse ajustado, pertencendo o outro dente ao senhor da terra.

O marfim que ficava ao senhor da terra como tributo de senhorio é que illudia, ou que por muito tempo fez suppor a muita gente a existencia de grande quantidade d'esta substancia nas terras da Lunda. O marfim que se recebia como tributo era enterrado, e de quando em quando d'esse deposito saía um ou outro dente para ser negociado, e como estes povos exageram sempre os depositos, corria a voz de que:—tal potentado tinha muito marfim.

As armas de fogo afastaram o elephante para o norte, mas ainda assim continuára a apparecer um ou outro dente.

Os Bângalas da mesma sorte reconhecendo já o valor do marfim, o que traziam enterravam nas suas terras, e houve epoca em que se pensou haver grande quantidade de marfim nas terras de Cassanje e nas immediações.

Á semelhança dos Bângalas, alguns potentados seus vizinhos já dentro da provincia, tambem o enterravam.

As pequenas caravanas de naturaes da provincia e de pombeiros que se demoravam no interior para as suas transacções, e que sempre traziam um ou mais dentes, como disse, vinham exagerar aos estabelecimentos portuguezes a noticia de grandes quantidades de marfim no sertão, e diziam não terem trazido mais por lhes faltarem artigos de commercio.

Taes informações fizeram crer na necessidade de grandes comitivas para a procura do marfim, sem que se tivesse em

attenção as difficuldades d'um grande pessoal para o negociante, e as demoras indispensaveis para transaccionar as grandes facturas.

Ha epocas no anno proprias para jornadas no interior, em outras porém as chuvas e as grandes alturas do capim obrigam a acampar. Os capins tendo grande crescimento e vergados pelas chuvas, de tal modo tapam os caminhos que ainda os mais praticos perdem o tino d'elles.

As comitivas que se internam saindo em occasião que aproveitem o melhor tempo para as jornadas, já calculam ir invernar no ultimo ponto a que se destinam, e ahi fazem o seu quibango que, como já dissemos corresponde a — estabelecimento de commercio.

Com respeito á Mussumba, um dos pontos mais distantes a que se dirige uma comitiva, ou esta é chamada pelo Muatiânvua para lá ir, e está calculado que ahi se deve chegar de fins de outubro a principios de dezembro ou que de lá só pode sair em maio, quando cessam as chuvas e os capins se queimam.

Com isso conta o Muatiânvua e todos os da côrte, e portanto o negociante vê-se forçado a dar creditos, e isto é indispensavel a quem se arrisca a commerciar em tal região, se quizer fazê-lo com algum proveito.

Entra-se em ajustes, paga o negociante nessa conformidade, de parte a parte se registou a divida, e é só depois d'isso que saem portadores da côrte com uma pequena parte do que receberam mais para leste, para Canhíuca, Caiembe, Muculo, Samba, Xinde e pontos intermedios, onde vão procurar marfim.

Dá-se pois aqui o mesmo que com os Bângalas no Cuango. O Muatiânvua não consente que os negociantes passem o rio Cajidíxi para o Canhíuca e Muculo, porque perderia o interesse no negocio. Elle manda por exemplo um cobertor encarnado e uma caneca de louça a Canhíuca, e recebe em troca um dente de marfim pezando de 70 a 80 libras.

Pelo caminho do sul, isto é seguindo de Quimbundo, abaixo do 10° S. do Equador para as terras de Xacambuje costeando o Liba de Livingstone pelas nascentes dos affluentes do

Lulúa, os Bângalas e mesmo alguns indigenas dos arredores de Malanje teem ido ao Samba negociar; porém quando consta na côrte do Muatiânvua a passagem de alguma comitiva por aquellas regiões, teem saido diligencias com ordem d'este potentado para a trazerem á sua presença.

Que tenham de facto alterado o seu destino, só me consta de Lourenço Bezerra que estivera nas terras de Xacambunje em 1849, e já depois soube da viagem de Antonio Lopes de Carvalho, que soffreu bastante, valendo-lhe ser portuguez para poder regressar á provincia.

A demora a que tem de sujeitar-se uma caravana é tanto maior quanto maior a caravana for, e hoje conhece-se ser necessario para evitar acrescimo de despesa com o seu costeio, estabelecer-se ella temporariamente na localidade a que se destina, empregando-se o pessoal na lavoura logo que ahi chega.

No Calânhi deram-me noticia de que um pouco a S-E., estava já havia mezes um commerciante de Benguella negociando marfim, e que tinha mandado lavrar as terras para a sua gente se poder alimentar. Calculei que fosse João Baptista Lopes ou alguma comitiva de mandado de Silva Porto.

Vieira Carneiro, antes das guerras de Cassanje, comprehendeu bem as difficuldades das grandes explorações no centro do continente com grandes comitivas, e já tinha o exemplo da de Rodrigues Graça, a maior e mais rica que até então se havia afoutado a ir á côrte do Muatiânvua. Preferiu pois ir estabelecer-se definitivamente em Quimbundo, ponto onde então affluia o commercio grande dos Quiôcos e Lundas.

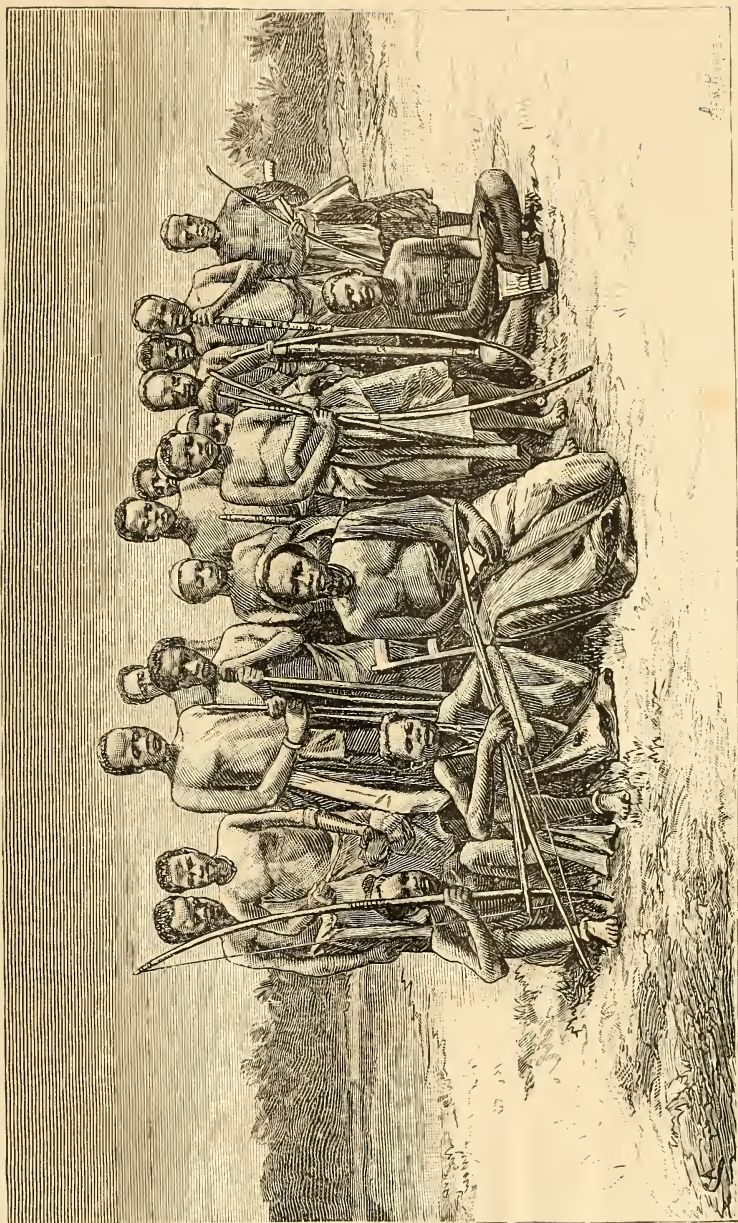
Mais tarde associou-se-lhe Saturnino Machado, que depois ficou só. Sendo aquella a melhor epoca, e tendo elles bons pombeiros e aviados que andavam a grandes distancias — além de um homem de bons creditos, Lourenço Bezerra, estabelecido por conta da casa na côrte, que foi quem maior numero de dentes de marfim conseguiu obter dos Lundas, em vinte cinco annos, um total de quatro contos pouco mais — nem assim, a sociedade ou cada um dos socios de per si, conseguiu fazer fortuna.

Carneiro morreu sem deixar bens aos herdeiros, e Saturnino Machado em 1883 partiu para Cabau (Lubuco) com uma grande caravana de commercio, de sociedade com seu irmão, e ainda por lá está soffrendo muitas privações e esperando opportunidade de liquidar a sua factura.

Entre os Lundas e Quiôcos, a maior parte das transacções, e as mais importantes, fazem-se, como já disse, com os potentados, e estes nunca completam o pagamento das dividas que contraem com os negociantes. Mas os potentados que devem, nunca occultam a sua divida seja grande seja pequena. Ufanam-se mesmo em terem sido acreditados pelos seus amigos negociantes e d'isso fazem alarde. As dividas dos potentados são reputadas dividas do Estado e consideram-se sagradas.

Quando partiu a nossa expedição, Lourenço Bezerra encarregou o seu irmão Antonio, que era o interprete, de cobrar umas dividas que tinha do Muatiânvua, e de alguns potentados já fallecidos, e da relação que lhe deu constavam os creditos e os compromissos, sendo de desenove o numero de dentes de marfim de lei a haver.

Antonio Bezerra dirigiu-se durante a viagem aos potentados que encontrava no logar dos devedores; nenhum mostrou ignorar a procedencia da divida e as circumstancias que a motivára, todos promettiam pagar e alguns pagaram, notando-se que Antonio não negociava, e não se pode dizer que o devedor com a ambição de obter agora artigos de commercio satisfizesse aquella divida para contrair uma nova.

Estando eu no Calânhi, Muxanena Pombo (Quiôco), mandou uma embaixada ao Muatiânvua Mucanza, lembrando-lhe que o Muatiânvua Xanama lhe ficára devendo dois dentes de marfim pelos remedios que lhe fizera para elle não morrer na guerra. Que foram os proprios Lundas que o perseguiram e o foram matar no mato, portanto desejava saber se a côrte tinha conhecimento d'aquella divida por saldar, porque depois de Xanama os que lhe succederam duraram pouco tempo no poder e só podiam pensar em salvar as vidas.

CHIBANGO E COMITIVA (LUBAS)

Não só os velhos foram unanimes em manifestar o conhecimento que tinham d'essa divida, mas ainda em votar que ella fosse paga do deposito do Estado, e tres dias depois partiram os portadores com dois dentes de marfim, tendo antes o representante de Muxanena Pombo declarado publicamente aquelle negocio terminado, dando a pembe e batendo com o machadinho numa arvore.

O Caungula de Mataba (V. pag. 360) era quilolo do Caungula anterior, e muito pratico em explorações commerciaes. Diversas vezes foi com caravanas do Estado até ás margens do Cuango fazer transacções com os Bângalas, e era muito conceituado por estes e pelos seus.

Quando morreu o potentado, o seu herdeiro era um menor e o Estado tinha muitas dividas. Os velhos votaram para que aquelle quilolo tomasse conta do governo na menoridade do herdeiro, e de tal modo se houve nos primeiros annos, que pagou todas as dividas que existiam, e os velhos foram á mussumba pedir ao Muatiânvua que lhe desse o lucano de Muata e permittisse que elle continuasse no Estado e que só por sua morte entrasse o herdeiro.

Annuiu a isso o Muatiânvua e elle tem sabido fazer-se estimar dos seus, da gente de Mataba que tem vindo estabelecer-se nas terras do estado e dos Quiôcos vizinhos, e por isso Angunza, o herdeiro, que já hoje conta os seus trinta annos, não tem logrado derrubá-lo do poder como tem pretendido.

Nas terras do Chibango apresentou-se a fazer parte da comitiva do Muatiânvua, o Bungulo Quiluata que havia abdicado o dominio das suas terras num sobrinho, e appareceu nessa occasião numa comitiva de Bângalas um indigena de Angola residente em Cassanje, mestre carpinteiro, que em tempos estivera ao serviço do celebre José do Telhado, e que se encarregára de obter para a mãe dos filhos d'este a cobrança de alguns creditos que tinha a haver no interior.

Avistando-se com Bungulo fallou-lhe na divida que elle tinha a José do Telhado. Este confessou-a logo, ficando de lh'a pagar quando retirasse, e como estivesse distante da sua residencia

nessa occasião, mandou acompanhar o carpinteiro para que lhe pagassem, e este seguiu para Cassanje com essa divida paga.

Mona Congolo (Quiôco) disse-me mais d'uma vez que não voltava a Malanje sem arranjar mais algum marfim além do que tinha, para poder pagar os seus debitos aos herdeiros de Vieira Carneiro.

Nos Xinjes encontrei menos difficuldade nas transacções de mantimentos, mas nem por isso deixa de haver impertinencias com a medição da fazenda e com a sua qualidade.

ANTONIO BEZERRA

Os Bângalas, mesmo nos estabelecimentos commerciaes dos concelhos a leste de Loanda, são em demasia enfadonhos com a escolha de artigos para seu pagamento e com as pezagens dos productos que trazem.

Em desconfiança persuado-me que são muito peores do que os Quiôcos, e levam muito tempo para concluirem as suas transacções. Chegam mesmo a dizer:—Nós somos chumbados aqui nos pezos e nos Quiôcos nos bandos.

Na verdade por muito tempo que elles ponham a borracha de molho, não sabem que a grandeza do volume e o pezo já o Quiôco lh'os havia preparado, e pouco lucro d'isso tiram nas balanças dos commerciantes; e com respeito ás medidas de fazenda encontram as unidades fixas nos estabelecimentos, emquanto os Quiôcos as vão augmentando successivamente, o que corresponde a elevar o preço ao producto com que negoceiam.

No Cambongo, a leste dos Xinjes, dá-se um caso singular com o potentado d'aquella terra, mas que apezar de muito

conhecido porque se repete com diversos, ainda é novidade para muitos que na boa fé vão caindo no laço.

Chegando uma comitiva de commercio ao seu sitio, manda-lhe designar o logar para acampar, e depois d'isso vae elle vêr o negocio que traz. No dia seguinte manda aos hospedes um grande dente de marfim para amostra, e que digam quanto offerecem por elle.

O dente depois de visto volta,e começam os ajustes sobre um certo numero de dentes d'aquella qualidade ou mais inferior.

Faz Cambongo o primeiro pedido de artigos sobre aquelle ou um certo numero de dentes semelhantes, que, segundo diz, estão para chegar. Leva os artigos e depois fartam-se os negociantes de esperar pelo marfim. Se algum para não perder tudo, pede a amostra que viu, é isso um crime, porque um dente como aquelle, ninguem pode ter senão o seu Estado. É uma herança de seus avós os reis do Congo que o mandaram conservar naquelle logar, e por muito favor lhe perdoa o pagamento do crime, pelo credito que o negociante lhe deu.

Aquelle dente de marfim é a isca com que Cambongo apanha dos negociantes o melhor da fazenda que lá lhe levam, e aquelles que lograram vê-lo tem pago com uzura, só a supposição de que dias depois lhe hão de chamar seu, caso que nunca se realiza.

Se alguem falla a Cambongo no muito que tem ganho com aquelle dente, elle ri-se e diz:—«Que lhe dá muito trabalho enterrá-lo e desenterrá-lo, para mostrar ás visitas que vão ao seu sitio, só para irem dar noticia das riquezas que elle possue, sendo por isso que as obriga a pagar o que viram».

No Lubuco, nos pontos de reconhecida importancia commercial como Cabau, Muansagoma, no Muquengue, antes dos Allemães lá entrarem, corriam as cousas muito melhor. Os possuidores de marfim vinham procurar os negociantes e desde pela manhã até á noite se fazia muito negocio.

As comitivas que para lá se dirigiam eram de Quiôcos, de Bângalas ou de gente de Angola, muito principalmente Ambaquistas, e iam pelo transito trocando as fazendas por

gente, sem a qual não podiam negociar no Lubuco um dente de marfim. Geralmente estas primeiras transacções faziam-se nos Peíndes, terras de Maí e Caungula e nos Tuchilangues [1].

O principal negocio que se faz nestes pontos consiste em sal, e as maiores comitivas de commercio que o levam apenas trazem gente, porque seria preciso que tivessem um grande pessoal para carregarem o sal necessario que pagasse um dente de marfim de lei.

O ponto mais internado a que se dirigem essas comitivas nos Peíndes de Muata Cumbana, e que se tornou mercado de affluencia é o Cassele, que tomou este nome de um riacho, affluente do Cuílo, e que calculo entre o 7° e 8° ao S. do Equador. É governado por uma auctoridade de confiança de Muata Cumbana, e que se muda segundo as conveniencias. Chamava-se Canhima o individuo que occupava esse logar em 1885.

Esta auctoridade não deixa passar os negociantes para o norte, e se conseguem chegar por outro caminho ao Muata Cumbana, este não deixa sair nenhum sem que tenha negociado a totalidade do commercio que traz.

A ambição de comprarem todo o sal que leva o negociante é que justifica estas restricções.

Em Cassele encontram-se cubatas em bom estado levantadas aos grupos numa grande área, para receberem comitivas de negociantes, e é nesses acampamentos que se fazem as transacções, depois das comitivas terem satisfeito a auctoridade os respectivos emolumentos.

Esta auctoridade tem individuos de ronda aos acampamentos, e logo que as permutações do sal estejam terminadas, um bando avisa nessa noite a respectiva comitiva para que retire a fim de deixar o acampamento para outra que está a chegar ao sitio, e caso o não faça, se lhe faltar de madrugada qualquer cousa se fugir gente ou lh'a roubarem, não se queixe, porque se não dão providencias.

---

[1] Bachilangue, dizem os naturaes.

Se por qualquer circumstancia a comitiva não pode sair, antes de fazer a ultima transacção, vae procurar a auctoridade, a quem paga novos emolumentos para que lhe permitta demorar-se alguns dias, ao que se attende sempre e principalmente se for por causa de doença.

O sal que para lá vae é das salinas exploradas entre o Luí e o Cuango, e leva-se empacotado em folhas de arvores, a formar um rolo que tenha 0^{m},70 de comprimento e 0^{m},06 de diametro, a que chamam *muxa,* e tres d'estas equivalem a uma jarda de fazenda, ou cada uma na localidade a 30 réis. As cargas de sal regulam de vinte cinco a trinta muxas.

Além do sal estipulado para pagamento nas transacções, o negociante tem de dar ainda a *quizeza,* a que os Ambaquistas chamam *traquinada,* e que consiste numa porção de missanga, guizos, polvora, tachas amarellas, etc., e em duas jardas de qualquer fazenda menos algodão, porque os naturaes fabricam de fibras das cascas de bananeiras e de outras substancias uns tecidos muito tapados de que vi os Ambaquistas usarem casacos, calças, camizolas e até bonés.

As armas não as apreciam, e quem as tem vende-as até por duas ou tres jardas de fazenda, ao passo que se não podem vender em Malanje e Pungo Andongo por menos de tres mil réis. Os espelhos não os querem, porque seria feitiço veremse nelles.

Offerecem em troca do sal, borracha, marfim, e gente de ambos os sexos e de differentes edades.

Em 1885 já havia pouca borracha para satisfazer a procura, e estava computado que os dentes de marfim meão valiam de cem a duzentas muxas de sal, para o que são precisos de qua tro a oito carregadores, recebendo-se em troca de 20 a 36 libras de marfim em pezo.

O que nos convém mais, me disseram alguns negociantes que vinham de Cassele, para não perdermos o nosso carreto, é alguma borracha e gente.

Um d'esses negociantes que fallava melhor portuguez deume as seguintes informações:

— O pequeno negociante, como nós, não lhe convem adquirir marfim, porque não podemos transportar o sal preciso para o comprar, portanto como ha pouca borracha, e para não perdermos tudo, comprâmos gente que na verdade não está barata, pois uma pessoa custa de 26 a 30 muxas de sal, fora a quizeza para o Cahima. Regula pois a compra de uma pessoa por 780 ou 900 réis!

— Uma criança, dizia ainda o informador, vale tanto como um adulto, porque o gentio entende ter esta mais valor porque se vae acostumando aos usos do seu novo senhor, e offerece garantias de não fugir; em quanto que o adulto foge mais facilmente, sobretudo se o novo senhor o não vigiar bem até se afastar do logar da compra.

Estranhando que por tal preço se pudesse comprar uma pessoa, respondeu-me este pratico sertanejo:—«Se nós pudessemos passar para a região entre o Muata Cumbana e o Cassai, então é que alcançavamos gente barata. Ali só podem ir os individuos que o Cumbana consente, algum quilolo ou outro subdito que lhe dê bom presente (*mussapo*)».

Tem esta gente bons haveres, e da mulher de quem tenham já dois filhos, destinam o terceiro para o Muata, e os que se seguirem para o sal. As crianças do sal vendem-se já depois de andarem, por um preço que regula a duas muxas por anno de edade; assim um rapaz ou rapariga de sete annos pouco mais ou menos vende-se por 14 muxas á gente de Cassele.

O pae que recebeu as 14 muxas, dá duas de presente ao Muata, guarda algumas para gastos de familia e com o resto vae mais para o norte, e ahi compra homens e mulheres por 3 e 4 muxas, que depois vem vender aos de Cassele por 20 até 26 muxas, á parte as traquinadas. Elles fazem bons negocios, e por isso não nos deixam a nós negociantes ir onde elles vão, para não estragarmos o seu negocio.

Se assim é, na tal região vende-se uma pessoa pelo equivalente de 90 até 120 réis!

Em Malanje disse-me o explorador allemão Wissmann que no Muquengue se vendia uma mulher bem feita e bonita por

uma espingarda lazarina; admirei-me, mas depois das informações que tive em viagem, vejo que ainda por menos preço se obtem gente, antes de chegar ao Muquengue.

Estas transacções, que se fazem tão naturalmente, vê-se que são devidas á falta do sal, e ao muito em que o apreciam, notando-se que não querem outro sal que não seja o já mencionado, porque receiam que outro, por melhor que seja, lhes faça mal. Parece pois que com uma exploração feita nas salinas do Luí e Cuango na devida ordem, e com meios de transporte adequados e economicos, como os das viaturas dos Boers, ou mais aperfeiçoados ainda, se poderia introduzir este artigo tão procurado naquella região, e evitar-se a venda de gente.

Como não dão valor á fazenda, difficilmente encontram quem procure entre elles o marfim. O negociante que tenha fazendas permuta-as por gente em terras da Lunda, e vae trocar esta por marfim ao Cumbana e tambem a Cassele; depois em qualquer d'estes mercados a gente é trocada por sal.

Este é tambem o systema que se segue no Lubuco, a gente comprada por fazendas antes de lá se chegar, é o verdadeiro incentivo para a offerta de marfim. É ali que tem prestimo, sendo os homens empregados nas lavras, e as mulheres nos afazeres domesticos para pouparem ás amas taes serviços; e a gente que por qualquer circumstancia lhes não serve, ou vende-se novamente mais para o norte, ou ás comitivas de sal que regressam com a mercadoria humana.

Tratando d'este assumpto, dizia eu a S. Ex.ª o Ministro da Marinha e Ultramar em 2 de julho de 1885:

—«E para onde vae toda esta gente que segue o caminho de oeste?

Justiça se deve fazer, a quem a ella tem direito.

Não passa das margens do Cuango, aquem dos limites das povoações europeas dos concelhos mais a leste de Loanda. Vão engrossar as populações dos sobas, sobetas, jagas e ambanzas de toda essa vasta região, uns já avassallados outros não. Sujeita-se a servi-los e a fazer parte de suas comitivas de commercio no transporte de cargas, e eis a razão porque os Bân-

galas principalmente se tornaram medianeiros do nosso commercio da borracha e de algum marfim que chega até Loanda.

Actualmente, nem já as casas de commercio no sertão da provincia podem sustentar as comitivas de aviados no interior em explorações commerciaes, porque não só lhes faltam carregadores proprios, mas aquelle que os pudesse arranjar corria o risco de ser expoliado pelas comitivas de Bângalas, que de anno para anno augmentam em pessoal, com a ambição de maiores transportes fazendo guerra á concorrencia de extranhos.

Em resumo, para termo das minhas considerações sobre o commercio entre estes povos direi:—Que poderá ser que o Lubuco ainda possa offerecer ao negociante europeu algum marfim, que o convide a expor-se aos riscos, doenças, sacrificios e privações que sempre terá de soffrer, quem, como elle, viaja por estes sertões com expedições de cargas de commercio sem confiança no terreno que piza, no clima, nos carregadores etc., mas é indispensavel que o Estado Independente do Congo, já que se apossou de todos os territorios ao norte do Cassai até aos limites do Lubuco com as terras do Estado de Muatiânvua, por meio do seu delegado naquella região, attenda ás justas reclamações que lhe teem sido feitas pelos negociantes portuguezes, para se evitar que as hordas do sul, Bienos, Luenas e Tungombes, vão lá negociar escravos nas margens do Lulúa, proximo das suas estações ás centenas, escravos que roubam ás povoações a leste do Muatiânvua, e nas do proprio Muatiânvua em terras do Samba e de Canhíuca.

Até 1884, pode dizer-se desde 1868, ali negociavam os nossos angolenses e nunca succedeu chegarem lá comitivas apenas de escravos para a permutação de marfim. E porque?

Porque as comitivas com artigos de commercio europeu não encontravam na concorrencia artigos similares, em preços 50 por cento mais baixos como succede hoje; e aquellas tribus, que eram os medianeiros do commercio licito do sul, não podendo competir com tal concorrencia, recorreram ao expediente de roubos de gente e de gazivas nas tribus mais fracas que encontram no seu transito e que levam para os mercados, em que

Tippu-Tib e seus sequazes, protegidos pelo novo Estado, a compram para exportar para fora do continente pela costa oriental.

O marfim, que até então vinha para Cabau e outros pontos onde dominava o Muquengue, encontrando agora permutação por gente que os Arabes pagam bem, segue novo rumo, e assim temos agora uma nova prova que nos fornece o proprio Estado do Congo de que as levas de escravos da região central affluem ás terras d'esse Estado em quantidade, para serem levadas depois para a costa oriental.

Em toda a região central, mais ou menos conhecida pela Expedição, não ha nem marfim nem borracha nem cera. Um ou outro Quiôco lá tem um ou dois dentes de marfim, producto de alguma caçada já distante, ou de transacções que em tempo fizera no Lubuco, e quando se lhe offerece occasião junta-lhe mais alguns para depois ir a Benguella ou aos concelhos a leste de Loanda negociá-los.

Os Lundas o que podem offerecer aos negociantes é gente, e essa são os Bângalas que a procuram para augmentar as suas comitivas de cargas como já disse, e um ou outro dente, geralmente meão; tambem os Ambaquistas e Malanjes vão ahi procurar raparigas para suas mulheres e rapazitos para seus *bessas* (ajudantes no transporte de cargas) e para os auxiliarem na construcção de cubatas, conducção de agua, lenha, etc., quando em viagem. Mas tanto uns como outros quando lá vão é de tempos a tempos, e não são elles por certo que despovoam as terras. Obedecem aos antigos habitos de constituirem familia com gente da Lunda, d'onde pela maior parte elles são oriundos ou descendentes.

De Canhíuca ao Caiembe Muculo e no Samba, não vi um unico dente de marfim. Talvez João Baptista, de Benguella, que se diz esteve proximo do Caiembe, possa informar bem o commercio a tal respeito, porque me disseram havê-lo nesses pontos em abundancia.

Com o desapparecimento do marfim e borracha nas terras da Lunda, o commercio afastou-se do Cassai e seguiu para o

norte, e é depois d'isso que enfraqueceram os povos do Muatiânvua, pela falta de recursos para luctarem com os Quiôcos do sul, e d'ahi as gazivas, que até então só se faziam de tempos a tempos, aos Tucongos e Tubínjis.

Ora nós Portuguezes, que creámos necessidades a estes povos e os tornámos negociantes; que contribuimos por esse meio para elles sairem da inercia em que os fomos encontrar, abandoná-los agora, na conjunctura em que os deixei, equivaleria isso a tornarmo-nos responsaveis pelo seu retrocesso.

Que o negro se não aperfeiçoa, que estacionou; ou que não pode chegar a nivelar-se com o branco, são theorias que tem encontrado proselytos. Mas os seus artefactos, os seus usos e costumes revelam já, a quem attente devidamente nestes povos, esquecendo o progresso dos da raça branca, ou que tenha em vista as transições por que estes teem passado desde os primitivos tempos, que ha na raça de que me occupo um aperfeiçoamento devido ás modificações que teem experimentado com o tempo e pelo contacto que vão tendo com os povos civilisados. E ainda mais se compararmos esses artefactos, usos e costumes entre tribus, vizinhas mesmo, e virmos que se dão differenças, aperfeiçoamentos relativos devido a melhor comprehensão de suas necessidades.

Encaminhe-se essa comprehensão e desenvolver-se-ha.

O systema de numeração, por exemplo, que se encontra na região de que trato é uniforme, e conta-se lá até mil. Talvez que fora dos limites d'esta região para norte e sul se não tenha conhecido systema que vá tão longe. Se porém não se encontram ainda os vocabulos correspondentes, quem pode affiançar que não seja por falta de investigações?

Entre as tribus que conheço de perto, dá-se o seguinte caso: Uma peça de fazenda é considerada equivalente a mil e duzentos bagos de missanga grossa Maria-segunda, e a dois mil da fina. Os massos vão dispostos das fabricas europeas aos fios, contendo cada um de quarenta e seis a sessenta bagos, e os negociantes que os trazem para estas tribus, já os dispõem no caminho

como ellas os acceitam para negocio, em fios de seis ou dez bagos conforme a missanga é grossa ou fina, e reunem cem d'estes fios, unidade equivalente a uma divunga (um panno) ou quatro bandos de fazenda (3^m,52 a 4^m,80).

Se teem de pagar vinte pannos com aquella missanga entregam vinte d'estes massetes, — doze mil bagos da grossa ou vinte mil da fina — e tudo é verificado pelo negro com a maior minuciosidade, havendo ás vezes reclamações por falta do numero.

CHEFE CAPATA

Os negociantes, sendo tambem negros africanos de outras proveniencias, é de crer que tendo o vocabulo para dez dezenas, possam contar além d'este numero.

Ha quem affiance que entre certos povos africanos não existem vocabulos que designem as notas musicaes, e que os que designam as côres se limitam á indicação de escuro e claro; mas eu julgo que ainda se não fizeram as indispensaveis investigações. As teclas das marimbas, tanto de cabaças como de ferrinhos, de que fallei em outro capitulo, figurei-as com os seus nomes e por ahi se vê que distinguem as notas e as nomeiam.

Tratando-se das côres de missangas elles dizem clara como ceu, escura como agua do Luembe, teem portanto a idea do azul claro e do azuloio; e da mesma sorte do verde, quando dizem: claro como *chiquenguele* («folha da abobora») e escuro como *ditamba* («folha de mandioca»); do amarello: claro como *mutenganhe* («abobora»), escuro como *chissumpe* («cabaça para agua»), etc., e para o vermelho já teem a palavra *sunza*.

Para o desenho encontrâmos nestes povos as mesmas aptidões, mas em graus relativos de adeantamento de uns para outros, o que se demonstra pelos seus artefactos, já riscando, já gravando com estiletes ou pontas de ferro, já dispondo os fios a que dão variadas côres nos seus tecidos, já distribuindo as missangas segundo as côres e quantidades de que dispoem em objectos de ornamentação, etc.

E é notavel que fazem esses variados debuxos segundo o que imaginaram, e sem ter um desenho á vista, havendo muita certeza no que respeita á symetria.

Os desenhos na verdade são ainda muito rudimentares, porque elles só tratam de imitar as formas do que lhes é dado ver, e subordinam-nas aos traços que á sua imaginação occorrem. É ainda na natureza que buscam os modelos do que lhes é mais indispensavel aos usos da vida, o que se nota mais e muito principalmente nos objectos que fazem de barro, para o que lhes servem de modelo os fundos de cabaças de maiores ou menores dimensões.

Não diremos que teem conhecimentos ou mesmo noções de astronomia, porém é certo que distinguem alguns astros por nomes especiaes e deduzem consequencias, pode mesmo dizer-se leis, pelo exame do aspecto com que se lhes apresentam e da sua situação relativa segundo as epochas em que os podem ver.

Assim no Luambata diziam em março os Lundas: «Só quando *o caçador* no principio da noite tiver passado o rio Luíza é que se devem queimar os matos». Queriam dizer que terminava a estação das chuvas.

Das tres estrellas que constituem o grupo denominado *Orion*, a mais septentrional, que segundo elles vae na descida, fugindo, é *nama* («caça»), a que lhe fica atrás, mas um pouco para lado, *cábua* («cão») e a que as segue *muata chibinda* («o senhor caçador»).

Ás estrellas mais distantes de minima grandeza e muito unidas, que se lhes apresentam á vista como poeira luminosa, chamam *tutúa missele* («rapazes e raparigas que pisam os grãos de milho).

Uma estrella para elles é *catumbo*, e o seu plural *tutumbo;* porém para os planetas teem vocabulo proprio a cada um, de significação especial, e os que pude apurar são : *banguebangue* [1], é Marte, e gostam d'elle porque lhes annuncia que se approxima abundancia de peixe e de caça, quando lhes apparece logo no começo da noite; *muíza muianda* ou *muíza cuchia* é Venus, que sempre caminha para o norte ou apparece de madrugada, anda sempre de cima para baixo vendo a colheita das lavras, e ausenta-se para se fazerem novas plantações; *catumbo cá lucano* é Saturno, estrella com annel.

Á Estrella errante chamam *chissongo*, ao Cruzeiro do sul, *muambo mu tutumbo;* ao Escorpião, *nhaca uá tutumbo*, («cobra de estrellas»); á via lactea, *mucombele diá anzâmbi*, («caminho de Deus»); a quatro estrellas dispostas em quadro, embora irregular, *chipanga chiá tutumbo*, («cêrco de estrellas»); se a lua está circumdada de um halo *angonde uá tetame* («a lua está na audiencia»); e se um planeta está dentro do halo, esse é a *muári*, que veiu neste dia acompanhar o Muatiânvua, designação que neste caso tem a lua.

Sempre que apparece a lua nova, visivel antes do pôr do sol ou logo em seguida ao seu occaso, o primeiro que a vê dá logo signal nos instrumentos de pancada, e todos começam gritando e tocando nos seus instrumentos para que o sol não enfeitice aquella lua. Se a sua face illuminada se lhes apresenta pouco levantada, é signal para elles de que traz pouca chuva, o que umas vezes lhes agrada outras não; se ella se apresenta deitada de todo, traz muita chuva, mas pode vir acompanhada de frequentes descargas electricas, o que tambem, segundo a epocha, lhes pode ser vantajoso ou não.

Dividem o anno em duas epochas distinctas:— a das chuvas, de setembro a abril, e a das seccas de abril a setembro, *ua lunvala muva* e *chipo muva;* porém a primeira subdivide-se de

---

[1] A maior parte nasalam o *b* assim como tambem dizem *chutumbo* em vez de *tutumbo*.

setembro a janeiro *musanje uá anvula,* de janeiro a fevereiro *quianga uá chiangala,* de fevereiro a abril *anvula asuéji.*

As luas teem differentes denominações, por exemplo: de boas para lavouras, ou más, de infelicidade, de abundancia de caça, da qualidade de sementeira a fazer, etc.

É certo para elles, que havendo grande movimento de estrellas cadentes, novidade má está para vir, como guerras, morte de pessoa de importancia ou fome.

A morte do governador de Mataba em seguida á morte do Muatiânvua Muriba, em guerra contra os Quiôcos, fôra predita por alguns em uma noite em que era grande o movimento d'essas estrellas.

Tambem notámos que fazem distincção entre amuletos e idolos. O idolo é um ente imaginario e fazendo tudo que lhes lembra e que podem para contentá-lo, não conhecem o que mais possa agradar-lhe para satisfação dos seus desejos; emquanto que o amuleto representa para elles uma cousa real, e usam d'aquelles que reconhecem de effeito para determinados fins, isto é, com a virtude para afastar maleficios, doenças, accidentes, etc., que receiam. Admittem a possibilidade de um idolo feiticeiro, porém negam a sua existencia, e se alguem o quizesse representar é porque era o proprio, ou tinha contacto com elle devendo logo ser morto.

Na sua maneira de fallar tambem se revela intelligencia. Os seus argumentos baseiam-se sempre em imagens com que estabelecem as suas comparações para tirarem as conclusões, que na realidade, são por vezes verdadeiros enigmas.

Para me justificarem, por exemplo, o motivo porque a gente da Lunda fôra esconder-se nos matos e no capim, abandonando as casas e as terras, quando vinham os Quiôcos, e não tratava de se defender, diziam: *ancala batame, mema masuta* «o caranguejo esconde-se, a agua passa», o que eu interpretei: — «contra a força não ha resistencia».

Queixando-me uma occasião ao Muatiânvua, de que a sua gente era muito impertinente, pois todos os dias me cercava a barraca, e me tapava a porta, não me deixando trabalhar,

tirando-me o ar e a luz, respondeu-me:— *murundanámi, eié muana mueínhe mulambúdi, chicumbo chiá cutunguila muanjila ambanda cussota acúmi* «o meu amigo é a visita do Mulambúdi (passarinho que canta muito) que faz a sua residencia no caminho, porque quer dez mulheres».

Queria elle dizer que dependendo de mim a saida de fazenda e outros artigos de commercio para o mercado, todos me rodeavam.

Os artigos do commercio neste caso eram o canto do tal passaro, e por conseguinte eu devia estar muito satisfeito, como elle, quando era cercado pelas femeas, a quem elle attrahia com os seus gorgeios.

Xacumba, potentado Quiôco, que muitas vezes me vinha procurar de dois dias de distancia para conversar, e a quem devo a rectificação do meu vocabulario quiôco, para me provar a sua sympathia e amizade, dizia-me muitas vezes á retirada:— «Se eu fosse mulher nunca mais o deixava».

Um outro, Mona Congolo, vendo-me levantar para empurrar um vendilhão que me importunava á porta da minha cubata, chegando mesmo a dizer insolencias para um dos carregadores que fizera com elle uma transacção, segurou-me por um braço e disse-me:—«Muene Puto, o Muatiânvua não bate em ninguem, manda castigar pelos seus servos».

Cazáli, irmão d'este, que já tinha muita confiança commigo, depois de uma ausencia grande, querendo mostrar-lhe a satisfação que eu tinha em vê-lo, logo que se sentou ao meu lado naturalmente dei-lhe uma palmada sobre o hombro; pois elle entendeu-se auctorisado a retribuir-me a fineza, dando-me uma palmada não menos forte na perna que lhe ficava a geito.

Uma occasião o Muatiânvua mandou-me pedir que não desse polvora de rações aos carregadores, porque passava toda para o poder dos Quiôcos. Fiz-lhe a vontade. Dois dias depois appareceram vendilhões quiôcos em grande numero, e contra o costume todos seguiram para o acampamento dos Lundas, e não fizeram negocio no nosso. Indagando da causa, soube que os Lundas pagavam em polvora, a mercadoria que elles queriam.

Fui logo procurar o Muatiânvua e disse-lhe:—«Então o meu amigo pede-me para não dar polvora aos meus rapazes, porque estes a passavam para os Quiôcos em troca de comida, e os seus vão offerecer-lh'a, de modo que a minha gente hoje nada comprou, e os seus vão comprando tudo que apparece?»

Antes de me responder voltou-se para os cortezãos e disse-lhes:— *Ouvilé, tátuc' uámi Muatiânvua Noéji, uangutalaquexe pa chitata* («ouvistes, meu pae Muatiânvua Noéji[1], que me fez olhar para a ferida»).

Como de costume os quilolos riram-se e bateram as palmas, apoiando-o, e elle voltou-se para mim, apontando para os seus quilolos, e disse:—*Murundanámi ua inga, amubula quima, muienyue usepa* («O meu amigo tem razão, batam num macaco, e o companheiro ri-se»). Queria dizer que a sua gente tinha andado mal e como lh'o fazia sentir, não sabia como desculpar-se e por isso ria-se.

Os Luenas foram os ultimos que chegaram para fazer gazivas á mussumba do Calânhi, já depois dos Cossas e outros Quiôcos do Cassai terem levado muita gente da Lunda, refugiando-se a que poude escapar em terras situadas além do rio Munvulo.

Vindo os chefes (V. pags. 393, 416 e 713) visitar-me dois dias depois de terem acampado, disse-lhes:—Chegaram tarde meus amigos, já não encontram ninguem; e como respondessem:—É sempre boa a occasião quando se encontra Muene Puto—retorqui-lhes:—Vejam lá, se é a mim que procuravam escusam de amarrar-me, eu os acompanho.

A resposta foi o mais amavel que é possivel:—Levá-lo queriamos nós se Xa Majolo acceitasse, mas era sobre as nossas costas para governar as nossas terras e os filhos de Quissengue. Um Muene Puto, Quissengue! que mais queriamos nós!

Nas suas comparações teem alguns ditos conceituosos. Por exemplo: *muntu caijipe chiá ucueza cunhima* («ninguem conhece

---

[1] A gente da Lunda dava-me o tratamento de Muatiânvua Noéji.

o futuro»); *mázui macúia ni ruquindo* («as palavras vão com o vento»); *anchi mudile uá múdia* («se comeu está comido»); *tunzo cacuetepe mapane maadi, catataca mudi mucuata* («rato que não tem, que não conhece dois buracos, é logo agarrado»); *ucusala uaquene dijina diei, cuia muturo* («faz grande o teu nome, vae dormir).

Sendo o mulembo uma planta que dá uma flôr que faz lembrar um dos seus apitos, elles perguntam: *uápacata sêngu, uacádipe pé pé pé?* («quem anda com o apito e não pode tocar? — É o mulembo.

Entreteem-se muito em jogos de palavras e adivinhações, o que denota terem imaginativa. Registei algumas perguntas que se fizeram a diversos, e que não tiveram prompta resposta, sendo um dos interrogados homem versado no jogo. — *Muata ulele paxi, icanga ubambele cuuro nánhi?* («Quem é o senhor que dorme sobre a terra coberto por cima com esteiras?») É preciso saber que o muata (senhor) dorme sobre esteiras e considerando as folhas esteiras, o muata neste caso é a *quinhangua* («abobora»).

Chiá cussenda uacadicutula? («Quem carrega sem arrear?») *cussenda* («carregar») refere-se ás cargas. E a resposta é: *lutala* («tarimba»), que fazem para ter as cargas afastadas do solo por causa do salalé.

Chiá uassuta ni uchuco uacádi cussula? («O que é que está passando de noite sem parar?) Durante a noite não se anda por fora, todos recolhem a uma determinada hora ás suas povoações, e por isso a resposta refere-se á noite inteira: *mema ma uíto* (a agua do rio).

Nama uacuassa anganda, uacauíla anganda ingue? («Qual a caça que levantada de um sitio vae cair em outro sitio?») *mixita* («o pó»).

Não tinham elles um certo numero de vocabulos para designar os objectos que viam pela primeira vez á passagem da nossa Expedição, como por exemplo: luneta, retrato, lente, pennacho, etc. Pois por analogia apropriaram os que tinham para denominar estes objectos, com mais ou menos redundan-

cia, e assim diziam: — luneta, *chitadile chiá méssu* ou *méssu macolumebe* («espelho dos olhos ou olhos finjidos»), *chitadilo* foi o vocabulo que adoptaram para os espelhos, de *cutala* («ver») que no passado é *talile* ou *tadile* («vi») e ficou adoptado para qualquer vidro; retrato, *mucanda uá múntu* («o que está escripto ou desenhado de uma pessoa»), *mucanda* que é vocabulo já acceito para o papel escripto, adoptaram-no para o desenho e para a photographia quer na chapa quer em papel. Emquanto não conheceram que a lente, exposta ao sol queimava, chamavam-na *chitadile* como a qualquer vidro, mas depois *cassueca mutena* («fogo do sol»); e ao pennacho, por ser feito de pennas e porque se põe na cabeça, chamaram-lhe *sala uá Muene Puto,* da *sala,* que usam feita de pennas de papagaio e de outras aves.

Os nossos benemeritos exploradores Capello e Ivens, e tambem o distincto escriptor A. F. Nogueira na sua, por mais de uma vèz citada obra *A Raça Negra,* esclarecem-nos acerca das suas supposições de que os povos da Lunda deram immigrantes até ao Bié e Ganguelas. Pela minha parte pelas linguas, tradicções e caracteres de maior importancia, creio ter provado que ha razão para assim o acreditar.

Consideram-se os povos do Maí, os Balubas, destacados dos do Muatiânvua quando não é assim; e os exploradores allemães devem ter d'isso conhecimento, pelo menos Otto Schütt, que pretendeu passar além do Maí para o norte, com uma expedição composta de portuguezes de Malanje sabe muito bem que tal predominio tem ainda o Muatiânvua sobre o Maí, que é seu quilolo tributario, que bastou lá apparecer Muata Mussenvo, delegado do mesmo Muatiânvua, para Schütt não levar por deante o seu intento.

Mussenvo exigiu-lhe que em vez de seguir para o norte com a sua Expedição, seguisse para a Mussumba, e o explorador allemão preferiu então retirar para Malanje, encarregando o seu interprete de liquidar algumas transacções que ahi chegára a fazer.

O systema de transmissão de noticas a grandes distancias, por meio dos instrumentos de pancada, attribue-se exclusivamente aos Dualas e seus vizinhos no territorio de Camerum no littoral, quando elle é usual em todos os povos da região central e certamente aquelles povos que de lá provém comsigo o levaram.

O *Pulex penetrans*, que se diz ter entrado no Gabão importado do Brasil, appareceu primeiro em Angola vindo d'aquella proveniencia, e é de crer que tendo ido d'ahi para a ilha de S. Thomé, tambem fosse d'esta para o Gabão nas embarcações que para lá teem conduzido gado vaccum.

É da tradição entre os povos de que trato que Quingúri, primeiro jaga dos Bângalas de Cassanje, em dias de grande audiencia se sentava sobre um escravo e que ao levantar-se, para mostrar a sua omnipotencia espetava a zagaia, distinctivo da auctoridade, nas costas d'esse desventurado que lhe servira de tamborete.

Pois este facto narrado de um modo diverso, isto é de que houvera um rei que só se levantava apoiado em duas lanças que furavam as barrigas dos sentenciados á morte, já se attribue aos Bacambas ao norte do Zaire.

Tambem sobre a organisação do novo Estado do Lubuco, divergem as versões que apresento das que obtiveram os ultimos exploradores allemães. Os seus interpretes foram indigenas da provincia de Angola residentes em Malanje, que com elles lá foram pela primeira vez, emquanto que as obtidas por mim são de individuos que os precederam de annos, e estão de accordo com os primeiros Quiôcos que abriram ao commercio portuguez o caminho para aquella região. Isto mostra a necessidade que ha da parte dos observadores de serem escrupulosos nas suas narrações, e de diligenciarem bem comprehender a lingua dos povos que procuram estudar.

O facto de serem de Malanje os interpretes e carregadores que compunhàm o pessoal das expedições allemãs que foram ao Lubuco, os quaes encontraram parentes e patricios já estabelecidos ao lado de Muquengue, fez suppor a este potentado

e ao seu povo, que os brancos que commandavam a expedição eram portuguezes filhos de Muene Puto, e facil foi aos illustrados exploradores, que se entendiam em portuguez com os filhos de Angola grangearem o favor do Muquengue, a ponto de este potentado acompanhando-os pela primeira vez, lhes facilitar o fazerem a travessia por Niangoé, considerando-se elles depois senhores das suas terras e entregando-as ao Estado Independente do Congo.

Porém o certo é, que annos antes, já lá tinha estado negociando o nosso sertanejo Silva Porto, que encontrou filhos de Angola de ha muito ahi estabelecidos, e eram estes os deanteiros na transformação d'aquelles povos para o estado relativamente civilisado em que os primeiros exploradores allemães os foram encontrar em 1882.

A rede em que era transportado o Muquengue, as espingardas lazarinas, os casacos, calças e camisas de mabela, e de fazendas, o calçado etc., que usavam estes povos ahi feitos pelos Ambaquistas, os vocabulos portuguezes envolvidos no seu dialecto, as visitas do Muquengue ao Quilunga (filho do mar) que era Saturnino Machado no seu estabelecimento em Quimbundo, são factos que aos exploradores allemães não devem ter escapado, e demonstram as boas relações que já existiam, quando lá entraram, entre aquelles povos e os Portuguezes, e quem tem de narrar fielmente o que observou em povos que se suppõem desconhecidos, não deve ser esquecido.

Se os Portuguezes, muitos dos quaes ainda vivem, que foram os iniciadores da transformação d'estes povos, tivessem noticias e a comprehensão do que na Europa se tem escripto sobre elles, de ha muito que teriam apparecido reclamações reivindicando a parte que lhe é devida, e corrigindo informações, filhas, quero continuar a suppor, da falta da verdadeira interpretação do dialecto d'esses povos que de todos, da familia que se tem denominado impropriamente Bântu, é o mais difficil, e que mais diverge dos outros.

Eu creio não errar dizendo que os povos que primeiro immigraram correndo de leste para oeste, affastaram para norte

e sul os que existiam nesta região de precedentes migrações, embora da mesma origem, e que a norte do Cassai, mesmo marginando-o, se encontram povos cujas linguas se conservam na primitiva agglutinação, e entre estes devem-se apontar os Chilangues que fazem parte do Lubuco, e d'ahi as maiores differenças dos seus dialectos.

Sem o conhecimento das linguas, só pelo fallar do interprete, que não transmitte mais de que um resumo do que poude apurar do que ouve numa dialecto especial, e muitas vezes sem a preparação necessaria para isso, sómente para satisfazer a quem o emprega, não se pode perceber o que ha de sentimento na expressão do indigena, que pretende communicar com quem o observa, e na maioria dos casos as illações que se tiram da interpretação, contrariam o pensamento do individuo que falla.

Numa occasião o Muitía, o conselheiro de mais consideração do Muatiânvua, conversava no acampamento com diversos carregadores da Expedição. Eram estes individuos de Malanje, homens já de uma certa edade, e que tinham vindo á Lunda por vezes. De repente levanta-se um conflicto entre todos, e já alguns se haviam munido de paus e queriam bater no Muitía, e em dois ou tres companheiros que estavam com elle.

Fui separá-los, admirado de que a contenda tivesse logar com o Muitía, que todos respeitavam. Censurei os carregadores que justificaram o seu procedimento dizendo que o Muitía lhes chamára escravos de Muene Puto; mas o Muitía, que conhecia perfeitamente a lingua ambunda em que elles se me dirigiam, explicou que não era assim. Elle dizia:—«Como nós os Lundas somos *ântu* (povo) do Muatiânvua, vós sois *ântu* (povo) de Muene Puto. Os carregadores, que estavam costumados a não ver distincções de classes entre os Lundas fallando com o Muatiânvua, o qual sendo considerado pae de todos pode dispor d'elles como quizer, fazendo assim a distincção de Muatiânvua e ântu, entenderam interpretar *ântu* como «escravos». Discutiu-se então o vocabulo com exemplificações, e reconheceram o seu erro, devido á sua má interpretação, pois que se algum se podia interpretar como «escravo» seria *mururo*.

Dão-se factos no viver d'estes povos, que nos revellam caracteres que podem passar despercebidos a quem se limitar a registá-los só pelo que ouve aos seus interpretes.

Speke disse ter encontrado em Africa o desprezo louco pela propria vida. E com tal prevenção, se eu julgasse pelas apparencias, diria hoje que assim era.

O Lunda quando se lhe diz que o Muatiânvua tenciona mandar-lhe cortar a cabeça; responde immediatamente: *cuíji cuéndi* («que me importa, é com elle»), quer dizer, pode fazê-lo e eu submetto-me. Mas é certo que sempre que lhe é possivel foge, expatria-se, vive annos num paiz differente, com muitos sacrificios e muita vezes constituindo nova familia.

Os que se sujeitam, os que se entregam ao cutello do algoz, é porque não vêem um meio seguro de a elle escaparem, e nesse numero dos resignados só se encontram os da classe mais humilde. Quem pode reage, e os assassinios do Muatiânvua Ambumba (Xanama) e dos que lhe succederam até 1885, foram as consequencias da reacção contra esse poder discrecionario de tirar a vida a cada um sob qualquer pretexto.

Nem os Quiôcos nem os Bângalas, nem os Xinjes, nem a gente do Lubuco dão ás auctoridades o poder de matar gente, e se alguem nisso lhes falla, dizem logo:—«Esse poder só tem o Muatiânvua».

Assim como a authropophagia em toda esta região só se conhece nos Uandas entre o Lulúa e seu affluente Calânhi, que não teem contacto com os povos vizinhos e estão sujeitos aos escassos recursos das suas terras; assim tambem se pode garantir, que hoje em toda esta região, só arrasta comsigo victimas para a sepultura a Lucuoquexe, quando morre, e que o ultimo anno em que teve logar esse morticinio foi em 1870, por morte de Cata, tendo-lhe succedido já cinco Lucuoquexes até 1887 sem se ter observado esse costume cruel.

O amor do proximo, o respeito pelos velhos, a veneração pela memoria dos bemfeitores, o culto dos mortos, os deveres na familia, as superstições, o terror dos idolos, as festas

ao apparecimento da lua nova, o reconhecimento de um ente supremo, que é invisivel, a quem devem tudo que vêem, e que na Lunda designam como já disse, pelo *catanga uatanga macassa ni miêndu* («constructor que deu o movimento aos braços e pernas»), imagem que se pode interpretar como «creador universal», demonstram a existencia de um conjuncto de crenças, que se não constituem uma religião definida, tal como nós a concebemos, comtudo é já uma forma religiosa, ainda que grosseira, que tende a aperfeiçoar-se.

Livingstone que era um sacerdote de reconhecida circumspecção, declarou ter encontrado religião entre os povos africanos e em vez de crueldade, achou mansidão.

Todos os povos que conheci, entendem que o homem pode imitar tudo o que vê; mas dar vida, só ha um ente que o pode fazer, é aquelle que fez a terra, os rios, as arvores, os peixes, todos os animaes emfim; é o Zâmbi, que o sr. F. Nogueira no interior de Mossamedes diz que se denomina Suco ou Huco, cuja significação é a mesma.

Com respeito ao Zâmbi já tive occasião de dizer como elle é considerado entre estes povos e o modo por que lhe prestam adoração.

Nas suas maiores alegrias, nas suas maiores afflicções a exclamação immediata e expontanea é — *Zâmbi!*

Nas saudações entre amigos e conhecidos, de superior para inferior, de pae para o filho ou inversamente, e tambem para quem espirra, teem differentes formulas, mas o que nunca olvidam de invocar, e que é dito com enthusiasmo é o nome do Zâmbi!

O respeito pelos mortos não consiste só na conservação das suas sepulturas; acreditam que o corpo desappareceu mas o espirito pode voltar em algum a pessoa ou animal, a persegui-los em qualquer circumstancia, do que teem tirado partido os mais astutos, com o titulo de adivinhos, em proveito dos seus interesses, e na maior parte dos casos attribuem essa transmigração a não ter sido devidamente chorada a perda da pessoa fallecida.

Invocam como já disse, os espiritos de afamados guerreiros e caçadores que conheceram, para os imitarem nas guerras e caçadas em que tenham de entrar.

Podem dizer-nos, e é certo, que esses principios religiosos que destaquei do feiticismo, estão ainda mal definidos e se devem em parte á influencia do christianismo, que desde os primitivos tempos da conquista portugueza se introduziu nos sertões de Angola e se espalhou por toda a região central. Isto só prova que a transição foi bem acceita, e se coaduna perfeitamente com o estado mental d'esses povos.

Os caracteres regressivos que notei existem tambem nos Ambaquistas, e são a causa primordial d'essa transição se manifestar com tanta morosidade.

Os bons principios que os nossos primitivos missionarios na sua propaganda haviam diffundido, não sendo depois secundados por novos esforços, foram-se confundindo com as naturaes superstições, e assim se explica a mistura d'esses principios da nossa religião com o feiticismo.

Se compararmos a potencia de cada faculdade, sentimento ou instincto, ver-se-ha reproduzido em todas as tribus que estudei o mesmo, com respeito ao espirito de superstição, de religião, de familia, de individualismo, de sociabilidade, de aptidão, e de preferencia para o mesmo genero de vida, de costumes e de usos.

Dando mais amplitude a este trabalho de comparação, se seguirmos, como o fizemos para os dialectos, ora para NE. e NNE. até aos mesmos pontos, ora para E. contornando os lagos, a descairmos a S. para seguirmos depois a SE; e por ultimo voltando-nos para o Occidente e para a costa de NW. ao SW., a partir do vasto campo a que se referem os meus estudos, e attentarmos depois nos que teem sido feitos em diversas regiões d'esta grande área pelos investigadores portuguezes antigos e modernos e pelos investigadores estrangeiros; com pequenas differenças tudo que deixo escripto sobre os povos de que me occupei se pode tambem applicar aos outros; e é por isso que tambem os considero conforme a doutrina corrente,

formando um grupo ethnico distincto das outras gentes que povoam o continente africano.

Na verdade tem havido uma grande falta da nossa parte, em não dar a devida publicidade a trabalhos interessantes d'esta ordem que se encontram espalhados em diversas descripções de viagens, relatorios e outros documentos, que desde remotos tempos teem existido nos nossos dominios africanos, e muitos dos quaes de lá se teem enviado para as respectivas estações na metropole.

Cumpre confessar que entre nós o meio é pequeno, e que não ha o movimento indispensavel, como se dá nas nações estrangeiras, para animar os homens da sciencia a chamarem a si esses trabalhos para os compulsarem, fazendo d'elles propaganda, o que tem feito suppor na Europa que Portugal até desconhece as suas possessões e nada tem dado á publicidade em prol da sciencia, chegando mesmo a asseverar-se que nada fazemos porque o não sabemos.

E é certo que se dá um caso singular. Quando se apresenta entre nós, como novidade, um livro estrangeiro sobre a Africa, muitos que o lêem dizem logo:— O que nelle li já é sabido em Portugal!

Corrobora esse livro trabalhos dos nossos deanteiros no Continente africano? Legaram-nos os nossos antepassados escriptos que orientem os homens da sciencia e os encaminhem ás conclusões a que vão chegando pelos trabalhos da actualidade?

Não nos contentemos só com os conhecimentos que d'elles temos, divulguemo-los e mostremos a nossa prioridade, para que não corra como novo, o que para nós é antigo.

Causou-me estas impressões um livro moderno de Élisée Réclus, que já citei, sobre a Africa Meridional e que me foi enviado já depois de escripto este meu trabalho.

Esse livro é baseado sobre os modernos estudos de observação dos exploradores africanos de varias nacionalidades; e lendo-o com toda a attenção no que respeita a todos os povos de que se occupa, vejo quando se refere aos que estudei, que ha deficiencias e má interpretação dos informadores; e relati-

vamente aos povos vizinhos que confrontam com aquelles, vejo tambem que se repetem factos semelhantes aos por mim notados, o que abonam a minha asserção — que constituem os povos a que me tenho referido um grande grupo anthropologico, que se destaca de outros, e que se subdividiu com os tempos pelos differentes pontos em que se encontra, sendo as divergencias mais sensiveis que se notam nessas subdivisões, devidas ao seu cruzamento com povos que pertenciam a outros grupos distinctos.

Manifestam-se relativamente, é verdade, grandes differenças entre os Lundas em geral, comparados com Nhíucas, Uandas, Bínjis e Congos vizinhos; entre os Lubas e Chilangues; entre Quiôcos e Lundas; entre Lundas e Peíndes; entre os Quiôcos do sul e os do norte; entre os Lundas a oeste do Cassai e os de leste; entre os Bângalas e Xinjes; sendo insensiveis entre Bângalas e Quiôcos.

E se entrarmos na nossa provincia o mesmo se dá entre Songas, Bondos, Bambos, Jingas, Háris, Holos, etc.

Na mesma tribu tambem se notam essas differenças de povoação para povoação e tambem na familia, o que mostra haver individuos que reagem mais facilmente contra o estado de inferioridade do que outros; e estou convencido de que os que actualmente se encontrem nesse estado, por não poderem reagir hão de desapparecer deante d'aquelles que progridem.

Mas insisto em não acreditar que os menos favorecidos são absolutamente avessos á cultura, e quando devidamente orientarmos a educação d'esses infelizes arrancá-los-hemos ao atrazo relativo em que existem, tornando-os uteis a si, á familia e á terra que os viu nascer.

No pessoal de carregadores da nossa Expedição havia individuos provenientes de differentes regiões, e que eram acompanhados por mulheres, e por crianças de ambos os sexos; e apesar de se reconhecerem entre elles differenças sensiveis de intellecto, é certo que mais ou menos todos se iam accommodando aos nossos costumes, e que, tendo-se estabelecidas escolas de principios rudimentares da instrucção primaria nas

Estações e nos acampamentos de mais permanencia, quer os adultos quer crianças que as frequentaram, fizeram-no com aproveitamento.

Nos cinco mezes que estive no Luambata, em quanto logrei saude, dediquei-me por uma imitação do methodo de João de Deus, a instruir um rapazito de Mataba, que me haviam entregado em viagem; e quando de lá regressei, já elle lia e

FILIPPE — MARIO

escrevia muito razoalmente, fazia as quatro operações arithmeticas em contas singelas e revelava uma certa habilidade para o desenho.

Era elle no regresso o meu interprete para os seus companheiros, seis de differentes proveniencias, que não procurei instruir na lingua portugueza como fiz áquelle, para que continuassem a fallar a sua lingua, mas que por via d'elle iam aprendendo o que eu lhe ensinava.

Em Malanje foram baptisados sendo eu o padrinho, e tanto o pequeno interprete Mario como um outro a que chamei Filippe e que não tinham parente algum nem quem d'elles tomasse conta, vieram commigo para Lisboa.

Filippe entrou em minha casa sem saber uma unica palavra portugueza e com todos os habitos gentilicos. Passado um mez resolveu-se a fallar, e tres mezes depois empregava adverbios tanto a proposito e usava de phrases tão claras e expressivas, que o todos causava admiração.

Ambos estão sendo educados numa escola, e Mario, apesar de muito mais adeantado, não é tão correcto nem pronuncía tão claramente a lingua portugueza como Filippe.

Este, não obstante ter nascido entre um povo considerado mais selvagem, é muito prespicaz; ás cousas mais insignificantes presta a maxima attenção, tudo procura conhecer por meio de explicações e comparações, e tratando-se de effeitos não fica satisfeito sem o conhecimento da causa.

Quando entraram em Lisboa, ainda muito crianças, um com oito e o outro com dez annos, num meio inteiramente diverso d'aquelle em que viviam, a impressão que sentiram foi demasiado grande, e conhece-se que estes dois adolescentes luctaram já e muito para hombrearem, como estão fazendo, com os da sua idade filhos de Lisboa.

De dia para dia, deparando-se-lhe cousas estranhas elles vão-se familiarisando com ellas, e já reconhecem em si uma differenca tão sensivel entre o que eram e o que são, que não podem conceber que estejam sendo educados para regressarem ás terras d'onde sairam.

Apresento os seus retratos na pagina precedente para que se possa apreciar, pelos typos já figurados das suas terras e vizinhanças, as modificações que se devem ao seu novo genero de vida a uma educação bem orientada.

É este mais um facto em abono de que não está o indigena africano votado a uma inferioridade absoluta, e que devemos educá-lo, ensiná-lo a aproveitar-se das suas faculdades, das forças de actividade de que dispõe, para podermos modificar

nelle as circumstancias nocivas do continente africano; e como não seja possivel no mesmo continente arrancá lo de todo ás influencias reconhecidamente más para uma educação proficua e de mais rapidos resultados, então empenhemos todos os nossos esforços para espalhar em todo esse centro, entre as nossas provincias de Angola e Moçambique, bons missionarios, sendo a cruz o symbolo da conquista d'aquelles povos para a sua regeneração.